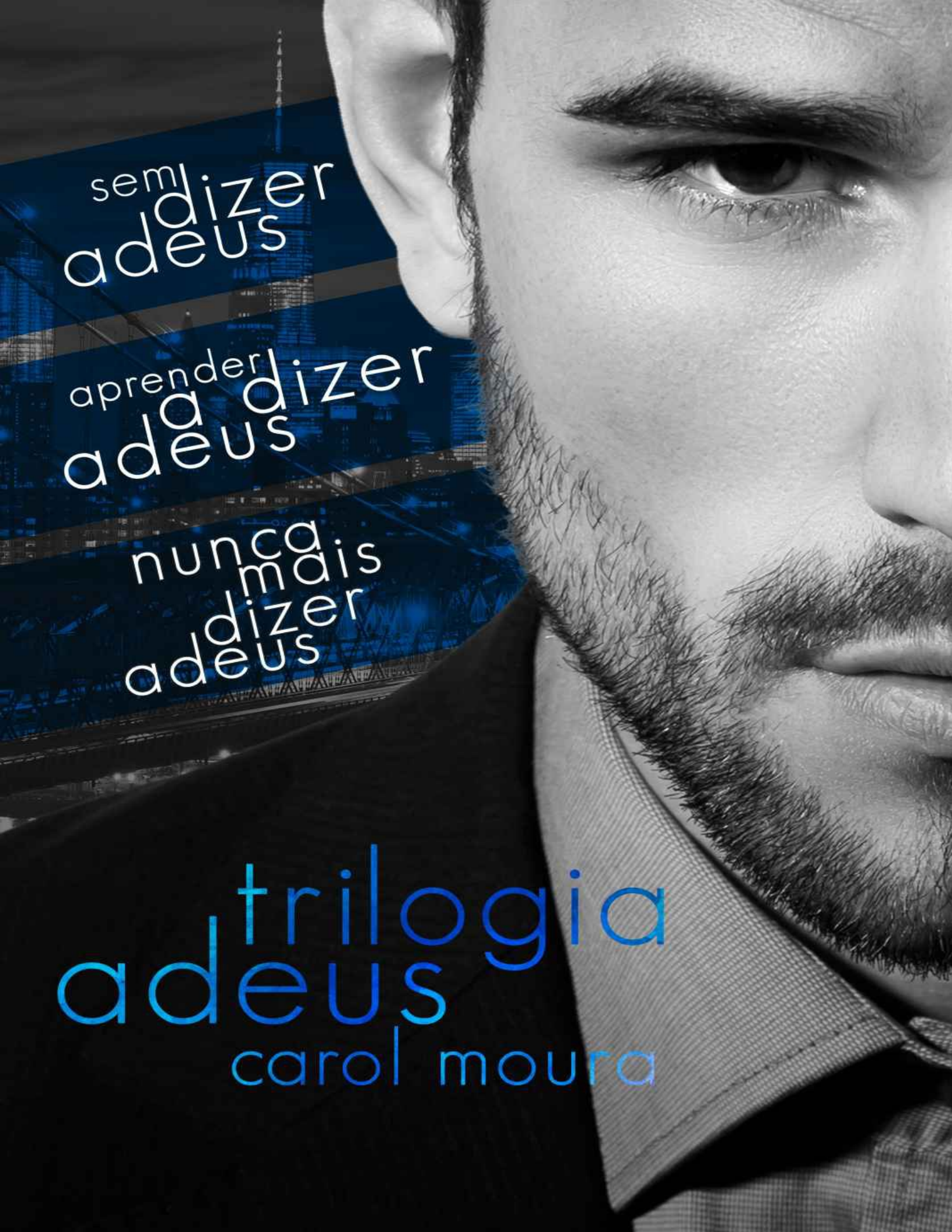

sem dizer adeus
aprender a dizer adeus
nunca mais dizer adeus
trilogia
adeus
carol moura

PERIGOSAS NACIONAIS

TRILOGIA ADEUS
BOX COMPLETA
CAROL MOURA

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

SEM DIZER ADEUS

APRENDER A DIZER ADEUS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

NUNCA MAIS DIZER ADEUS

PERIGOSAS ACHERON

Copyright © 2018 Carol Moura
Todos os direitos reservados.

Título: Trilogia Adeus
Autora: Carol Moura
Revisão: Lucy Santos
Capa: Will Nascimento

PERIGOSAS NACIONAIS

SUMÁRIO

SEM DIZER ADEUS
SINOPSE
PRÓLOGO
CAPÍTULO 1
CAPÍTULO 2
CAPÍTULO 3
CAPÍTULO 4
CAPÍTULO 5
CAPÍTULO 6
CAPÍTULO 7
CAPÍTULO 8
CAPÍTULO 9
CAPÍTULO 10
CAPÍTULO 11
CAPÍTULO 12
CAPÍTULO 13
CAPÍTULO 14
CAPÍTULO 15
CAPÍTULO 16
CAPÍTULO 17

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

CAPÍTULO 18
CAPÍTULO 19
CAPÍTULO 20
EPÍLOGO
APRENDER A DIZER ADEUS
SINOPSE
PRÓLOGO
CAPÍTULO 1
CAPÍTULO 2
CAPÍTULO 3
CAPÍTULO 4
CAPÍTULO 5
CAPÍTULO 6
CAPÍTULO 7
CAPÍTULO 8
CAPÍTULO 9
CAPÍTULO 10
CAPÍTULO 11
CAPÍTULO 12
CAPÍTULO 13
CAPÍTULO 14
CAPÍTULO 15
CAPÍTULO 16
CAPÍTULO 17
CAPÍTULO 18

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

CAPÍTULO 19
CAPÍTULO 20
EPÍLOGO
NUNCA MAIS DIZER ADEUS
SINOPSE
PRÓLOGO
CAPÍTULO 1
CAPÍTULO 2
CAPÍTULO 3
CAPÍTULO 4
CAPÍTULO 5
CAPÍTULO 6
CAPÍTULO 7
CAPÍTULO 8
CAPÍTULO 9
CAPÍTULO 10
CAPÍTULO 11
CAPÍTULO 12
CAPÍTULO 13
CAPÍTULO 14
CAPÍTULO 15
CAPÍTULO 16
CAPÍTULO 17
CAPÍTULO 18
CAPÍTULO 19
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

CAPÍTULO 20
EPÍLOGO
AGRADECIMENTOS
OUTRAS OBRAS DA AUTORA

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

SEM DIZER ADEUS

PERIGOSAS ACHERON

SINOPSE

Dia de neve costuma ser o favorito de muitos nova-iorquinos. Dias de nevasca, nem tanto. Especialmente quando você acorda pela manhã ao lado de uma completa estranha e não lembra do que aconteceu entre os dois.

Foi assim para Alexander Hartnett, um auxiliar de promotoria em ascensão e certinho demais. Ele não lembra de como a garota doida foi parar em sua cama, apenas que a conheceu em um bar e que bebeu algumas doses com ela.

Tudo bem, não apenas algumas doses.

PERIGOSAS NACIONAIS

Agora é dizer adeus e nunca mais passar por um momento constrangedor, certo?

Mas e se a maior nevasca de todos os tempos assola Nova Iorque e ninguém entra ou sai por uma semana?

Alex não só terá que conviver com uma hóspede inesperada, como também precisará lidar com os sentimentos que aquela linda mulher começa a despertar nele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Para todos que procuram a sua janela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu nunca escrevi uma canção romântica

Que não terminasse em lágrimas

Talvez você reescreva minha canção romântica

Caso possa substituir meus medos

Preciso de sua paciência e direção

E todo seu amor e mais

Quando trovões circulam através de minha vida

Será que você está disposto a vencer essa tempestade?

Há muito que eu gostaria de lhe dar, baby

Se ao menos eu conseguisse

Há um inchaço de emoções

Que sinto, que devo proteger

Mas qual é o ponto dessa proteção?

Se mantém o amor longe também

Eu prefiro sangrar com cortes de amor

Ao invés de viver sem cicatrizes

PERIGOSAS ACHERON

Eu posso confiar?

Ou será que todas as coisas terminam?

Eu preciso ouvir que você morrerá por mim

De novo, e de novo e de novo

Então diga-me quando você olha em meus olhos

Você consegue compartilhar todas as dores e os momentos felizes?

Pois amarei você para o resto de minha vida

Essa é minha primeira canção romântica

Que não terminou em lágrimas

Acho que você rescreveu minha canção romântica

Para o resto de meus anos

Amarei você para o resto de minha vida

Love Song — Pink

PRÓLOGO

— Tudo bem, Mary, eu vou. Satisfeita? — Bufei, brindando à minha derrota mais uma vez. Discutir com Mary Anne era praticamente como perder uma luta por W.O, era como se você não comparecesse para a discussão. Ela falava, você ouvia e, por fim, acatava. — Pode chamar meu irmão agora, querida?

— Obrigada! Amo você — exclamou minha cunhada do outro lado da linha.

Era como se eu tivesse nascido para ser pau mandado das mulheres da minha família. Eu não

conseguia dizer *não* a nenhuma delas.

— *Hey, pequeno Alex!* — Joshua, meu irmão mais velho apenas no sentido temporal, deixemos claro, pois seu intelectual rivalizava com o de um *Basset Hound*, praticamente gritou do outro lado da linha.

— Joshua! — Apertei meus dentes, pelo meu tom de voz ele sabia que eu não estava satisfeito com a forma como havia manipulado tudo comigo, aliás, ele sempre fazia isso. Era um jogo velho e batido, mas ele nunca desistia. — Colocar Mary Anne na história é golpe baixo, já pedi milhões de vezes para você resolver suas coisas comigo, não colocar sua mulher tirana para me

caçar e abater onde eu estiver.

Ele gargalhou... Como sempre! Ele poderia ser o irmão mais velho, mas eu certamente era o adulto aqui.

— *Eu sei* — suspirou. — *Só queremos que você venha, Alexander. Divirta-se um pouco. É nossa primeira noite realmente sem Joselie em anos, Mary está radiante que finalmente vai sair para dançar e é seu aniversário, você deve fazer um esforço pela sua cunhada.*

— Como a pequena está? — perguntei derrotado e mudando o assunto, não adiantaria discutir agora, eu disse que iria para Mary, e eu

teria que ir.

— *Linda e esperta. Perguntou se o tio Alex vai na festa com a mamãe e o papai e mandou muitos beijos.*

Ainda não estava acreditando que ele me faria ir do Brooklyn até Manhattan para ver gente aglomerada, suada e bêbada dançando em um bar. Eram quarenta minutos de distância, vinte quilômetros, pelo amor de Cristo!

— Você não joga limpo, mas já aceitei ir, então pare de usar a sua família para me chantagear. — Ele sabia das minhas fraquezas. Joselie era a minha princesinha, eu era massa de

modelar em suas pequenas mãozinhas. E Mary... melhor eu nem começar a explicar. Ela estava mais em meu coração do que meu próprio sangue. O fato de Josh ser um babaca também ajudava na disputa.

— *Eu sei, me processe*. — Sua voz estrondosa rompeu pelo fone de ouvido fazendo com que eu o arrancasse rapidamente. Esperei até que ele se acalmasse e voltei ao dispositivo.

— Hey, Mary convidou mais alguém? — a pergunta saiu um pouco estrangulada.

Eu estava com um pouco de medo. Quem não teria depois de se envolver com aquela perseguidora? Mary tinha que estar me odiando por

algum motivo quando apresentou Phoebe para mim. Tenho certeza.

— *Relaxe, Bro! Phoebe não vai! Ligou aqui em casa perguntando quando seria a comemoração e Mary apenas disse que não faria nada no seu aniversário além de um jantar em família.*

— Hum... — minha desconfiança não foi disfarçada. *A mulher era louca, porra!* A última coisa que eu queria era encontrar a maluca naquele bar.

— *Alexander, eu sei que Phoebe é meio psyco, mas você já pode relaxar, irmão. Parece que ela está saindo com outra pessoa, foi ela quem*

contou para Mary, disse que está totalmente em outra.

— Mesmo? Então por que ela me ligou dezoito vezes ontem à noite? — Minha voz aumentou algumas oitavas com a pergunta. Josh só achava que sabia da perseguidora.

Ele gargalhou na linha fazendo com que eu afastasse novamente o fone. Simplesmente amava fazer isso. Rir da minha cara, da minha desgraça. Quem não riria, afinal de contas? Eu fui o único a me deixar enredar por aquele monstro de saltos agulha.

— *Você está tão, tão ferrado.*

— Como se eu não soubesse. Você, como sempre, muito perspicaz. — Rolei meus olhos para a grande descoberta do século enquanto folheava um processo em minha mesa. — Tenho que desligar.

— *Não esqueça. Tay Tay às nove.*

— Tudo bem — disse, abrindo um e-mail aleatório em minha caixa de entrada, apenas para não focar nas palavras inúteis do meu irmão.

— *E vá para casa, vista-se como um ser humano que participa de atividades sociais.*

— Não estou nu, Josh — resmunguei, sem humor para as suas brincadeiras, eles sempre

implicavam com minhas roupas. — Tenho roupas normais.

— *Claro que tem.* — Bufou em sarcasmo. — *Aposto que você dorme de terno também.*

— Tudo bem, você já pode ir se foder.

Desliguei e arranquei o fone de ouvido jogando-o em cima da minha mesa. Olhei para os processos em minha frente com um suspiro longo e pesado. Eu sabia que trabalhava demais, mas, porra, eu tinha pijamas. Eu poderia ser um cara sociável se quisesse, eu só preferia canalizar minhas forças no que realmente importava.

Todos nós temos prioridades.

Joshua tinha as suas, ainda que ele parecesse um grande homem bobo, sua mulher e filha eram tudo para ele. Eu não tinha mulher ou filhos, me diverti durante a faculdade antes de ir para a Escola de Direito, quando ingressei, foquei nisso. Logo, minhas prioridades eram diferentes. Por que era tão difícil de entender?

**

Reservei o restante da tarde para ignorar o telefone e me concentrar nos últimos processos que eu tinha para organizar antes do meu descanso. Era sexta-feira, sete de dezembro e meu último dia de trabalho. Sábado seria meu primeiro dia de férias e visitaria meus pais em Jérsei, passaria um tempo lá

e desfrutaria de algum tempo livre em meu velho quarto. Sorri ao pensar.

Desde que ingressei na faculdade sabia que iria para a Escola de Direito e escolhi a área Criminal para me especializar, desde então, raramente deixava Nova Iorque para visitar a minha cidade natal, Nova Jérsei. Eu gostava de Nova Iorque, um pouco, mais ou menos. Sentia-me constantemente sufocado.

Grande demais.

Populosa demais.

Louca demais.

As pessoas aqui eram estranhas. Eu não

acho que algum dia conseguirei me sentir completamente à vontade nesta cidade.

Escolhi aqui porque era perto de Jérsei e ainda estaria próximo do meu irmão que já havia se instalado na cidade.

Bem, isso e o fato de ter conseguido uma bolsa na *New York Law School* assim que eu terminasse a faculdade.

Alguns contatos e estágios com meus mestres na universidade me levaram na direção que precisava até que consegui atingir o meu objetivo: ser um dos assistentes de promotoria de justiça. A dedicação conseguiu me transformar no que eu

almejava, rapidamente. Quando percebi, eu já tinha um nome no meio judiciário, um pequeno e aconchegante apartamento no Brooklyn, e possuía um bom escritório na Promotoria Geral de Justiça do Distrito de Manhattan. Eu não sonhava em ser um promotor geral. Este era um cargo político e era algo que eu realmente não almejava. Estava contente em cuidar de casos grandes do Distrito e não casos enormes do país que provavelmente me colocaria em uma cerca de seguranças e morando em uma espécie de fortaleza.

Aos trinta e dois, eu era um promotor assistente eficiente da Procuradoria Geral da República e, se eu fosse sincero comigo mesmo,

era um promotor assistente eficiente sem uma vida social, com exceção de corridas no Central Park, depois que eu deixava o trabalho. Mas não acredito que minha família, ou qualquer outra pessoa, entenda “correr em um parque sozinho em um horário onde tudo está praticamente vazio e escutando música” como um ato de socialização.

Eu não tinha argumentos para ir contra eles.

Não que eu não gostasse da minha vida, mas estava realmente empolgado com a iminência de algum tempo livre, finalmente poderia focar em mim e minha família por um tempo. Sem processos, sem julgamentos, sem ser promotor por duas longas semanas, sem contas para pagar e,

principalmente, sem Phoebe.

Aquela garota era maluca, uma pirada de primeira. Nunca pensei que namorar com ela pudesse ser uma desconstrução psicológica. Porra!

Compradora compulsiva, faladora compulsiva, puladora compulsiva, perseguidora compulsiva e manipuladora compulsivamente compulsiva. Sendo amiga de Mary Anne, minha cunhada e mais minha irmã do que Josh, fomos apresentados quando ela voltou da França depois de um período de férias.

Nos aproximamos, e ela parecia uma pessoa decente, tínhamos a mesma idade, gostávamos de

correr no Central Park e comer sushi enquanto assistíamos filmes antigos, é claro, quando eu tinha tempo para isso.

Tudo maravilhosamente sincronizado.

Até ela provar que era completamente o oposto de tudo aquilo.

Uma pessoa não consegue fingir ser alguém diferente por muito tempo e em algum momento a máscara cai. Eu não era apaixonado por Phoebe e mesmo assim a minha decepção foi grande quando ela começou a se mostrar a vadia maldosa que era. Para mim, não deixava de ser uma forma de traição.

Falava mal de tudo, reclamava de qualquer

coisa, e o pior... A pior coisa que podem fazer perto de mim, ela humilhava as pessoas.

Humilhou Melissa, minha assistente, quando percebeu que a moça tinha, hum... sentimentos por mim. Foi desagradável com a recepcionista do prédio, Victória, por ela ser homossexual e seu xeque-mate, o estopim que levou ao nosso término: Maltratou Josie. Minha sobrinha linda, o meu anjo, e bem na minha frente. Mary nunca ficou sabendo o motivo real, eu não contei. E Phoebe, sendo desprovida de qualquer caráter, também não disse uma palavra sobre o assunto e sequer se desculpou por maltratar uma criança. Avisei Josh que não queria aquela mulher

perto do meu tesouro e fui sério sobre cada palavra, meu irmão sabia que algo estava acontecendo, mas optei também por não contar a ele e evitar que se magoasse com a situação por causa de um relacionamento que eu mantinha por manter. E depois que aquela mulher se revelou completamente diferente de quem dizia ser, apenas não queria ela perto de qualquer pessoa que eu amasse.

Eu podia não ser muito presente, mas minha sobrinha, cunhada e mãe eram estimadas e protegidas por mim. Eu as amava e paparicava da forma que podia. Minha mãe criou Josh e eu para o mundo, ela sempre dizia isso e agiu exatamente

como suas palavras e acho que isso e a distância, depois que viemos para NI, conseguiu nos unir mais ainda. Mesmo que nos falássemos na maioria das vezes por telefone, nosso laço permanecia muito forte.

Mary fora minha amiga na adolescência, ela era como mais um menino na turma do colégio, fazíamos tudo juntos e quando conheceu Josh, no momento em que ele voltou para casa nas férias de primavera, foi amor à primeira vista, assim, ela passou de amiga para irmã rapidamente. Meus pais ficaram um pouco surpresos, sempre pensaram que Mary e eu seríamos aqueles a namorar, mas nós nunca nos vimos mais do que amigos. Tentamos,

mas simplesmente era estranho.

Joselie veio logo após o sexto ano de casamento deles e foi a melhor coisa que aconteceu em nossa família. Desde que aquela pequena criatura fofa nasceu, tratei de encontrar tempo ao menos para ela. Foi natural, para ser honesto. Joselie era alguém que eu queria por perto, sua inocência e luz me puxava para ela desde que nascera. Eu tinha seus desenhos na parede de meu escritório, algumas bonecas também, assim, sempre que Mary a deixava comigo, nos divertíamos juntos.

Era uma menina doce e inteligente, e eu não poderia imaginar uma pessoa dizendo a uma

menina de três anos de idade para parar de fazer perguntas, pois *só retardados agiam daquela forma*. Bem, eu não poderia imaginar até presenciar Phoebe fazendo isso. Inclusive, dizendo que costuraria a boca de Josie com agulha e linha caso continuasse com perguntas estúpidas. Depois daquela atitude, mostrei o caminho da saída para ela. Eu não tinha necessidade de ter compromissos, eu vinha há um longo tempo tendo namoros esporádicos porque trabalhava muito e não me importava em ficar sozinho na maior parte do tempo, sendo assim, terminar com Phoebe foi mais um alívio do que um sofrimento.

Não, apague isso, eu estava sofrendo... para

me livrar dela.

**

Analisei mais alguns papéis e despachei os processos que eu precisava com a ajuda da minha assistente e, enquanto desligava as luzes do meu escritório, analisava se tudo se encontrava em perfeito estado de limpeza e organização. Eu era um pouco exigente com aquilo.

Sentia o cansaço mental e físico. A ideia de férias me parecia muito mais atraente agora. Estava um pouco empolgado para ficar o mês de dezembro fora da Promotoria.

— Vejo você no ano que vem, Melissa.

Feliz Natal e Feliz Ano Novo! — disse, dobrando meu blazer em meu braço.

— Igualmente. Boas férias, Alex. — Ela parecia radiante e sonhadora mesmo com a sua voz contida e sua postura sempre polida. Talvez porque estivesse se livrando de mim pelos próximos dias. Ou talvez porque bem... ela gostava de mim.

— Para você também, Mel.

Ri ao sair para o corredor quando vi seu rubor. Ela sempre corava quando eu a chamava de Mel.

Melissa Dill tinha vinte e oito anos e queria ser uma promotora assistente assim como eu, por

isso trabalhava comigo. Esperava uma boa carta de recomendação para ser minha colega e eu não tinha dúvidas de que ela seria excelente em seu trabalho. Melissa era inteligente, voraz e muito maliciosa no que tangia a nossa profissão. Era o meu braço direito. Passava por minha cabeça fazer uma proposta a ela e mantê-la como minha parceira na promotoria. No que dependesse de mim, ela conseguiria seu almejado cargo como promotora.

Mel também era uma bela mulher que, desde que foi trabalhar para mim, tinha esperança de que nosso relacionamento fosse mais do que apenas profissional. Embora ela fosse extremamente atraente, eu não misturava negócios

com prazer, sempre foi desta maneira e mantive assim. Eu lhe envolvia nos processos, elogiava seu trabalho e escorregava dos seus flertes com educação. Com o tempo, ela pareceu entender e diminuiu sua inteiração fora do profissional, mas eu via que ela ainda carregava esperança. Entretanto, se continuasse não misturando as coisas e respeitando a minha distância, tudo estaria bem.

Funcionaria pelo tempo em que Melissa quisesse ficar.

**

Desci até o térreo e saí do elevador rapidamente, acenando para Victória, a

recepcionista do prédio. Correndo para fora já estiquei meu braço tentando pegar um táxi. Estava irritado que teria que ir para o Brooklyn e voltar para Manhattan só porque meu irmão não considerava terno e gravata um vestuário digno de um bar. Olhei em meu relógio e bufei ao saber que eu tinha apenas uma hora para chegar em casa e me arrumar para sair. Eu me atrasaria e Mary não ficaria satisfeita.

Bem, eu estaria mais insatisfeito do que ela. Afinal de contas, eu odiava atrasos. E odiava sair da minha rotina.

Mas também odiava dizer não para Mary Anne.

— Merda! — murmurei sozinho. — Tay Tay? Por que diabos não aprendi a dizer *não* para aquela tirana? *Argh!*

O Tay Tay era um grande, popular e sofisticado bar, o local ideal para relaxar se não fosse o fato de que eles também tinham uma pequena pista de dança e em sextas e sábados era intransitável, barulhento e cheio de gente e eu realmente só ia neste bar quando queria um encontro sexual rápido e sem amarras. Não era o caso nesta noite, porém. Mary estava comemorando seu aniversário e sua volta ao mercado de trabalho após ter Josie, e queria a minha presença e eu estava, mais uma vez, tão orgulhoso que não

poderia negar seu pedido.

Mary era uma força da natureza. O tipo de mulher que parava o local em que chegava, sempre foi linda e cobiçada pelos meninos da nossa escola. Mas, ao contrário da maioria das garotas que optavam por ser *cheerleaders,* ela fazia aulas de mecânica e andava comigo porque andar com as meninas da escola era tedioso. Quando foi para a faculdade, escolheu engenharia mecânica também e logo conseguiu um bom emprego em uma montadora de automóveis conceituada. Ela trabalhou até engravidar de Joselie, por seis anos se dedicou à família, e então obteve uma nova proposta para voltar à mesma empresa. Ela estava

radiante. Havia conquistado o seu espaço e colocado cada homem que duvidou da sua capacidade em seu devido lugar. Inclusive meu irmão.

Joshua se apaixonou por Mary irrevogavelmente desde que ele pôs os olhos nela, eram inseparáveis e se apoiavam de uma forma que nunca vi qualquer casal fazendo.

Meus pais ficaram radiantes com o casamento e a vinda da minha sobrinha. A cada quinze dias, Josh levava as meninas para visitá-los em Jérsei, eles passavam o final de semana com os meus pais, reunidos como uma grande família feliz. Isso fez com que a pressão para que eu também me

casasse e constituísse família aumentar, além dos pedidos da minha mãe para os visitar mais. Sabia que falhava em estar mais com eles, mas deixava o trabalho me consumir e, para ser honesto, acho que preferia daquela forma. Gostava de trabalhar sem parar, não podia reclamar da minha vida, uma vez que eu busquei de todas as formas que fosse assim. Mas, mesmo tendo ciência desta escolha e me sentindo satisfeito com ela na maior parte do tempo, sentia falta da minha família.

Por isso, as férias. Foi uma insistência da família, mas também foi uma vontade minha. Eu sentia falta de estar com eles e precisava de um descanso.

Melissa era totalmente capaz de cuidar de tudo para mim no escritório. Eu confiava em seu trabalho e, para ser sincero, precisava de férias. Não sabia o que era isso desde antes de entrar para a faculdade.

**

Meu telefone tocou a viagem inteira até o Brooklyn e voltou a tocar novamente ao entrar em casa. Queria que não fosse Phoebe, mas sabia que era.

Assim que o celular parou de tocar o telefone de casa iniciou. Ela devia estar intercalando entre um e outro. Assim que minha

mensagem de voz terminou o cumprimento a voz irritante de Phoebe soou pelo apartamento.

Você não pode me ignorar para sempre, Alexander Hartnett, precisamos conversar. Eu sou sua e você é meu.

— Vai sonhando, cadela. — Bufei, jogando meu telefone e carteira dentro do prato decorativo na mesa ao lado da porta e segui para meu quarto.

Eu não costumava ser rude com as pessoas, e muito menos falar dessa forma com as mulheres, mas como eu tinha uma grande desconfiança de que Phoebe não era nem uma coisa e nem outra, nem mulher e nem humana, então não me sentia

culpado. Queria distância daquela maluca. Já havia proibido a entrada dela tanto no escritório quanto no prédio em que morava.

— Jesus! Estou atrasado — falei para as paredes, algo que eu costumava fazer muito e corri para o banheiro para um banho rápido.

Juro que procurei algo mais despojado para usar, mas eu só tinha ternos, cacete. Passava freneticamente um e outro cabide tentando encontrar algo que não fosse tão formal para vestir e que não fosse tão velho também.

— Quando foi a última vez que comprei roupas para mim? — resmunguei, garimpando meu

guarda-roupas. Eu podia ouvir meu irmão rindo de mim.

Nota mental: Comprar roupa de ser humano.

Acabei optando por um jeans velho e escuro, combinei ele com uma camisa social branca e sapatos mais despojados. Optei pelo meu relógio favorito para complementar e após um pouco de perfume, estava pronto. Ponderei refazer a barba assim que me olhei no espelho e percebi que a sombra escura já aparecia em meu rosto, mas então me lembrei que estava de férias, então um pouco de barba não faria mal.

Analisei minha imagem no espelho e assenti brevemente gostando do que estava vendo. Tinha cabelos lisos, em um corte social que meu irmão chamava de “mauricinho antiquado”, eram finos e não ficavam parados a menos que uma quantidade grande de gel fosse dispensada, meus olhos tinham a mesma cor escura. O conjunto da obra era bom. Facilitava quando queria sair com alguma mulher. Eu sou alto, cerca de 1,90m e embora a minha vida fosse apenas trabalho, a genética me permitia um corpo decente sem precisar de academia e com apenas as corridas no Central Park para poder relaxar sempre que podia. Meu porte era grande por natureza e seria mentira se eu dissesse que isso não

chamava a atenção. Especialmente com um terno. As mulheres pareciam especialmente receptivas quando me viam em roupas de trabalho. Eu era um homem que chamava atenção e conseguia encontros, mas relacionamentos eram mais complicados.

As pessoas tendiam a me achar um pouco... tenso?

Bem, ao menos foi o que Mary me disse. Suas amigas geralmente me achavam atraente, mas minhas tendências um tanto obsessivas por datas, horários, limpeza e arrumação traziam sempre um pouco de desconforto nas relações.

Eu estava começando a pensar que eu não era muito bom em namorar.

E dado ao fato de que minha última conquista foi Phoebe, provavelmente esse pensamento estava correto. Um mês que eu estava fugindo daquela maluca.

Jesus! Eu preciso transar.

Pensei quando me dei conta de quanto tempo fazia que eu realmente não sabia o que era uma boa foda.

Devia ser o motivo de eu estar tão mal-humorado ultimamente.

Mais uma olhada no espelho e eu estava

pronto. Verifiquei a hora e resmunguei, vendo que chegaria atrasado. *Merda!* Eu odiava atrasos. Odiava qualquer coisa que saísse dos planos. Como a porra da comemoração de Mary Anne, por exemplo.

Correndo para porta, peguei meu telefone e carteira e saí rumo a Manhattan novamente.

**

— E aí? — O segurança enorme cumprimentou de forma nada profissional no momento em que passei pela porta

— Boa noite. Er... Hartnett. — Dei meu nome assim que passei pelo segurança

superprofissional e cheguei em frente à *hostess* para que ela procurasse na lista e não demorou a me dar o "ok" para que eu entrasse. Mary havia feito reserva de uma mesa para nós, então a garota me mostrou a direção antes de me dar um belo sorriso simpático e me desejar uma boa noite.

As luzes do bar me irritavam.

O tumultuo de gente à minha volta me irritava.

O cheiro de suor e a atmosfera abafada me irritavam...

Eu sei, eu sei!

Cara chato!

PERIGOSAS NACIONAIS

Mas era uma questão de estilo de vida, pessoas se divertiam de formas diferentes. Josie se divertia com bonecas e dragões roxos. Joshua... Bem, Josh se divertia com Mary, e podemos pular essa parte. Phoebe se divertia sendo cruel com as pessoas. Melissa se divertia sonhando com o dia em que a convidaria para sair. E eu me divertia fazendo maratonas *Star Trek* sozinho no final de semana quando não estava trabalhando, sem ninguém para me importunar. Isso e colocar minha coleção de CDs e DVDs em ordem alfabética, talvez.

Só para constar: Há dois anos eu não fazia uma maratona *Star Trek*.

Eu era um fodido workholic!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Andei até a mesa que foi reservada para os convidados de minha cunhada e logo avistei Angelina, um antigo *affair* que insistia em casar comigo sempre que entrava na segunda dose de Club soda com vodca. Era sempre o ponto alto das festas. Angie era inofensiva e sempre me divertia.

— Alexander Hartnett, meu noivo! — Aparentemente ela havia passado da segunda dose há muito tempo.

— Hey, Angie... — eu disse desanimado. Ela tentou me roubar um beijo naquele joguinho primário de virar bem na hora que você vai beijar o rosto, mas estava bêbada demais para conseguir êxito. E bem, eu nunca caía naquela brincadeira.

Nunca! Não depois das cinco primeiras vezes que ela me pegou, de qualquer forma.

— Olha quem veio! — Minha cunhada praticamente se atirou nos meus braços. Eu sorri e lhe apertei. Abraçar Mary era como voltar à adolescência. Eu a amava como se fosse minha irmã, estar perto dela era estar perto de casa.

— Como se eu tivesse escolha. — A abracei mais apertado. — Feliz aniversário e parabéns pela volta ao trabalho, querida. Recebeu as flores?

— Obrigada, velhote. Fico feliz que tenha vindo. E também pela caixa de Baby Ruth, você

sabe que eu amo aquela porcaria de chocolate — disse, me dando um último aperto antes de nos soltarmos.

— Qualquer coisa por você. — Belisquei sua barriga levemente fazendo-a se esquivar. Nos aproximamos mais da mesa e logo comecei a cumprimentar todos, conhecidos e não conhecidos.

— Pequeno Alex! — A voz de meu irmão era tão estrondosa que conseguia se erguer por cima da música barulhenta. Ele me abraçou com fortes tapas em minhas costas e fiz o mesmo com ele. — Conseguiu uma roupa de civil. Parabéns.

— Foda-se, Josh! — resmunguei me

afastando dele.

— Você fala demais isso, vai te colocar em apuros com Joselie. Ela está arrecadando muito dinheiro, e “a palavra com F” é mais cara.

Sorri com a menção de minha sobrinha e passei os próximos minutos tentando falar sobre ela com o meu irmão, mas a música estava alta demais e Mary parecia impaciente para que eu começasse a noite e parasse de falar.

Ela me levou até uma poltrona ao lado da mesa onde uma linda mulher, estonteante eu diria, estava sentada. Ela tinha os cabelos e olhos castanhos escuros, pelo que pude decifrar na fraca

luz do ambiente, lábios finos e maquiagem forte. Parecia perfeita para mim, e eu sabia que minha cunhada estava me levando até ela justamente por isso.

— Alex, essa é Diane... Di, conheça meu irmão, Alexander — informou enquanto eu esticava a mão para cumprimentar a garota.

A mulher me analisou com olhos felinos por um momento, me olhando com cautela. Quando pareceu aprovar a minha aparência, esticou sua mão delicadamente e me cumprimentou com um sorriso sedutor nos lábios.

Nós conversamos pela próxima hora, e

poderia dizer que estava interessado nela. Era inteligente, engenheira química, bem-humorada e muito cheirosa. Eu só não ri das suas piadas, mas ela era esforçada. Só que seu comportamento mudou quando um cara chegou a cumprimentando como se a conhecesse. Fingi não perceber e tentei continuar a nossa conversa, mas tive quase certeza que a tinha perdido para o cara.

— Hey! Cadê a Carter? — Uma outra convidada de Mary, que eu não tinha ideia de quem era, perguntou à Diane que na mesma hora apontou para baixo. A pequena pista de dança que recebia geralmente as pessoas mais bêbadas do bar.

— Bem no meio da pista, tem um garçom

passando ao lado dela nesse momento. — Segui suas coordenadas e avistei uma garota dançando. Completamente insana. Eu ri com a forma que ela se movia. Eu podia ver que ela era baixa, tinha um corpo atlético e cabelos curtos, bem próximos ao queixo dela.

— Alguém precisa chamá-la, meu bolo está chegando em breve. — Mary entrou na conversa, avisando Di enquanto batia palmas animada.

— Eu vou, eu vou — Di respondeu, levantando-se ansiosamente.

— Alex acompanha você, Di. — Mary jogou.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu dei de ombros e a segui em direção à pista mais afastada. Quando chegamos perto da garota, Di a cutucou e nos apresentou, ela sorriu, mas não parou de dançar. Eu somente acenei timidamente e dei um breve sorriso para não parecer antipático. Já estava ficando farto daquele lugar, as luzes começavam a me deixar tonto, para ser sincero.

Tay Tay sempre foi mais um bar do que boate, no entanto, estava parecendo justamente o contrário desde a última vez em que estive ali.

— Argh! Preciso ir ao banheiro antes de voltarmos para os parabéns. Vocês esperam? — Diane berrou a sua pergunta já se afastando.

PERIGOSAS ACHERON

Eu e a garota, que mais parecia uma boneca de pano dançando, assentimos. Fiquei parado no meio da pista enquanto ela continuou agindo como se estivesse possuída por algum demônio. Por que ela dançava de forma tão maluca?

Foi então que ela virou para mim e esticou seus braços. *Puta que pariu! Ela está me convidando para dançar?*

Olhei para ela com os olhos arregalados de medo e tentei me afastar, um hip hop barulhento começou a tocar e era tarde demais, ela me laçou em seus braços e nos fez balançar juntos até que eu desistisse de lutar e dançasse com ela ao som de algum rapper multimilionário fumador de maconha

que eu sequer sabia o nome e nunca teria um CD na minha coleção separada por ordem alfabética.

Depois disso, a noite passou como um grande borrão.

Só me lembro de acordar com ela na minha cama na manhã seguinte.

CAPÍTULO 1

Porra! Como foi que essa doida veio parar na minha cama?

Onde está a outra garota?

Era com ela que eu pretendia transar...

E se eu transei, por que eu não me lembro?

Mas que merda!

— Sei a resposta para a maioria das suas perguntas. — A garota de ontem, a maluca de cabelos curtos e, porra, platinados, que me prendeu para dançar com ela, murmurou sonolenta ao meu

lado.

Que merda, meu filtro mental já era ruim, ao acordar era inexistente.

Ela riu um pouco e gemeu aconchegada em meu braço enquanto falava, estava de costas para mim, o cheiro de cigarro e bebida exalando dela estava me deixando um pouco enjoado.

Porra, não poderia ter tomado um banho antes de...

— Hey! Eu quis, mas você não me deixou, me atirou contra a parede do corredor e... — Ela foi levantando para me contar enquanto me deixava embasbacado com a falta de freio em sua língua, e

aparentemente na minha também. Fiquei com medo de pensar mais alguma besteira e falar sem perceber.

No momento em que ela se virou para mim, me fitando com seus olhos verdes claros, muito claros, borrados pela maquiagem forte, mas nem por isso deixavam de ser bonitos e expressivos, meu corpo todo reagiu da forma mais bizarra. Seus cabelos eram uma bagunça, apontando para todos os lados e sua pele era quase tão pálida quanto a minha, seu nariz era pequeno e delicado e levava um discreto piercing de cristal.

Deslizei meus olhos para baixo notando que estávamos completamente nus embaixo dos lençóis

e imediatamente senti meu pau endurecer.

Pelo amor de Deus, Alexander, pare de tentar transar com ela novamente e a mande embora.

— Olha, eu entendo que você esteja confuso, afinal, bebeu demais... Mas eu não te sequestrei ou forcei a transar comigo, e eu quis tomar um banho, você também precisava de um, mas bem... Não quis esperar. Eu não sou nenhuma maluca. Seu irmão...

— Joshua?

— Sim, o Josh. Ele nos trouxe para cá depois de te arrastar para fora da pista de dança.

Para quem resistiu tanto no começo, você se mostrou um bom dançarino. — Ela riu preguiçosamente e me espantei com a forma como gostei do som.

Joshua nos trouxe para cá. Ótimo! Então ele poderá me contar o que havia acontecido afinal.

— Por que ele e não eu? Você não acredita em mim? O que eu ganharia mentindo para você, cara? — perguntou com um pouco de raiva. Porra! Peguei o travesseiro e enfiei na minha cara para evitar externar qualquer outro pensamento meu.

Levantando-se ela exibiu seu corpo

completamente nu sem qualquer pudor para mim, definitivamente sua pele era branca, seus seios eram redondos medianos e rosados fazendo eu apertar o travesseiro em minha virilha agora. Seu corpo era magro e atlético, mas tinha boas curvas. Ela se moveu rapidamente juntando suas roupas espalhadas pelo quarto enquanto falava.

— Olha, Alex, eu vou sair agora. Está na cara que você não está acostumado a acordar com uma desconhecida, e está mais na cara ainda que você queria que esta desconhecida fosse Diane, mas ela não quis você, ela reencontrou o ex dela e rolou algo, sei lá. Na verdade, ela pediu para o entreter pois queria você fora da jogada para que

pudesse ficar com ele, o que não foi nenhum sacrifício para mim, já que gostei de você, mas na evidência da recíproca estar longe de ser verdadeira, acho melhor eu ir embora.

Tudo bem, então ela era boa com as palavras. Eu quase senti meu cérebro escorrendo pelo ouvido de tão rápido que ela falava. Uau!

E ainda conseguiu me fazer sentir culpado. Não que fosse muito difícil, mas ela realmente me fez sentir um cuzão sem coração enquanto a via tentando se vestir para ir embora.

— Espera... er... Desculpa, eu acho que esqueci seu nome — murmurei com vergonha.

PERIGOSAS NACIONAIS

Cocei a minha nuca tentando disfarçar, mas era impossível.

A garota bufou um pouco e revirou os olhos para mim.

— Carter! — informou, transparecendo um pouco de rancor. Aparentemente esquecer o nome da mulher com quem você transava continuava sendo uma grande desfeita.

— Que tipo de nome é Carter? É nome de homem — tentei brincar, mas quando a vi levantar uma sobrancelha para mim realmente me senti nervoso.

Será?

PERIGOSAS ACHERON

— Bem, você acertou. — Colocou as mãos na cintura e largou o peso em um dos quadris, ainda nua em parte. Prendi a respiração preocupado que eu poderia ter passado a noite com...

— Eu não sei o quão boa é a sua visão, ou o tamanho da sua ressaca, mas, caso não tenha percebido, não sou um homem, Alex — sua mão apontou em direção à sua vagina me fazendo soltar um pigarro nervoso, o que a fez rir balançando a sua cabeça em negação. Ótimo! Eu era uma piada.

— Bem, desculpe... Mas que tipo de mulher se chama Carter? — perguntei para ela, tentando me defender.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Seu nome também pode ser feminino, você sabe — defendeu vestindo seu vestido da noite passada e enrugando o nariz quando sentiu o cheiro.

— Alex é apelido de Alexander.

— Bem, Carter também é um apelido. Meu nome é Caterine. Sério, qual a relevância desta discussão? Estou indo.

Vendo a sua rápida caminhada até a porta do quarto, abrindo e saindo em seguida, me pus em pé e catei minha calça que dolorosamente estava jogada no chão em meio a uma grande bagunça de minhas roupas. Eu precisava arrumar aquilo.

PERIGOSAS ACHERON

Agora não, Alexander! Intercepte a garota!

Briguei comigo mesmo e corri atrás de Carter que já estava em frente à porta para sair.

— Carter, espere! — solicitei. Ela parou, mas não virou para mim. — Me desculpe por isso, eu fui um babaca. — Finalmente ela virou para me encarar. Seus belos olhos verdes me fitaram com desconfiança. — Por que não relaxa e toma um banho, enquanto eu preparo o café da manhã? — Tentei novamente.

— Não. Eu agradeço, mas tenho que ir, passou da hora, de qualquer forma — disse, se movimentando para a porta.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu insisto. Fique mais um pouco. Eu não fui legal com você. Me permita mudar essa impressão horrorosa que passei, por favor. — Esforcei-me para parecer tão arrependido quanto eu realmente estava por tratá-la de forma tão inadequada.

Caterine me olhou meio desconfiada, porém, assentiu levemente.

— Mas eu gostaria de aceitar a oferta do banho se não for incômodo... Eu realmente não me sinto bem até que eu esteja limpa — disse.

Enruguei meu nariz não conseguindo evitar. Ela deveria estar nojenta mesmo, assim como eu.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu também preciso de um banho — informei meio desajeitadamente. — Bem, o banheiro é por ali, você usa o social e eu uso o do meu quarto... e, posso conseguir uma roupa mais confortável para você e posso colocar suas roupas para lavar. — Ela nada disse, apenas continuava me analisando. E de uma forma que conseguia me deixar completamente desconcertado. — E-eu vou fazer o café da manhã. Gosta de ovos?

Ela apenas estreitou os olhos, desconfiada com a minha súbita educação. Não a culparia, fui um babaca desde que abri meus olhos e obviamente eu não fui abusado na noite passada, eu havia consentido com o que houve entre nós, mas

consegui agir com um verdadeiro imbecil.

Depois de um momento, ela finalmente assentiu e andou até o banheiro. Enquanto andava, pude dar uma boa olhada em seu corpo.

Bela bunda!

— Obrigada! — ela respondeu ainda de costas enquanto entrava no banheiro, então percebi que havia elogiado seu traseiro em voz alta também.

— Mas que merda! — exclamei baixo, mas não o suficiente, ouvi a risada divertida de Caterine antes de ela entrar no banheiro.

A ressaca estava me matando, e a falta de

filtro também.

Maravilha.

— Tudo o que você precisa está no armário na frente da pia. Vou deixar algo para você vestir e você pode colocar suas roupas para lavar — avisei praticamente gritando enquanto caminhava para o meu quarto.

— Ok. Obrigada! — Ouvi ela exclamar antes de fechar a porta.

Peguei para Carter uma calça de moletom e uma camiseta minha. Coloquei em cima da toalha e puxei um banco para o lado da porta, avisei a ela e então fui tomar o meu próprio banho, no banheiro

do meu quarto, antes de cozinhar qualquer coisa. Eu também fedia a suor, sexo, cigarro e bebida.

Tentando relaxar embaixo do jato quente me esforcei para lembrar da noite passada.

Mary feliz...

Josh olhando e sorrindo de forma debochada para mim...

Diane beijando outro cara antes de ir embora...

Carter dançando e sorrindo comigo...

Tequila...

Beijos...

Mais tequila...

Mais beijos...

Tequila no corpo!

Puta que pariu! Fiz tequila no corpo dela. Lambi sua clavícula inteira na frente dos outros!

Embora meus pensamentos fossem desordenados, o sorriso satisfeito em meus lábios denunciava que eu realmente havia me divertido na noite passada.

Carter era uma bela mulher, não poderia negar. Não parecia ser como Phoebe ou Diane, que eram sofisticadas, elegantes em sua forma de se vestir ou se comportar. Carter parecia mais

simples... e relaxada. A forma como ela dançava, agia, sorria e mesmo falava demonstrava que ela era uma pessoa livre.

Não demorou muito para que ela me enredasse na sua dança, e eu não dançava. Nunca. E gostei daquilo. Não poderia me enganar dizendo o contrário. Lembro de ter me soltado, divertido e esquecido de tudo o que me irritava sobre estar naquele tumulto de gente. O problema era que a partir de uma determinada hora da noite até essa manhã eu simplesmente não conseguia me recordar de nada.

Não conseguia lembrar de convidá-la para a minha casa, nem de transarmos. Não sabia se

tínhamos aproveitado a noite, se eu tinha gostado. Se ela havia curtido. Merda de tequila, merda de amnésia alcoólica.

**

Terminei de tomar o meu banho e rapidamente me vesti para ir à cozinha. Abri a geladeira orgulhoso do fato de ter alimentos suficientes para preparar um café da manhã e, bem, receber uma hóspede. Minha vida era regrada e organizada, eu gostava disso e não via os problemas que minha família viam em manter tudo em ordem.

Eles diziam que eu era obsessivo. Eu apenas

gostava das coisas corretas.

Fiz torradas. Peguei algumas frutas que eu tinha na geladeira e as cortei, arrumei em um prato algumas fatias de presunto e queijo, fiz ovos mexidos, preparei café e suco de laranja e em poucos minutos eu estava com uma apetitosa mesa de café da manhã para minha convidada e eu.

No *timing* perfeito, Caterine apareceu e começou a observar a mesa com um sorriso querendo escorregar pelos seus belos lábios naturalmente rosados.

— Você não recebe muitas pessoas aqui, não é? — perguntou, analisando a mesa posta.

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que tem?

— Nada realmente, está linda, mas a quantidade de comida que você fez... — ela apontou e sorriu. — Obrigada, de qualquer jeito. Tenho certeza de que tudo está muito gostoso — informou, se encostando na bancada que separava a cozinha da sala de estar. Observei a sua postura relaxada e displicente dentro da minha camiseta. Ela não tinha colocado as calças.

Meus olhos deslizaram rapidamente por suas pernas e minha mente pervertida rapidamente perguntou se ela estava usando calcinha por baixo da blusa enorme e perfeitamente sexy em seu corpo pequeno.

PERIGOSAS ACHERON

— A calça ficou enorme, e a camiseta é maior do que o vestido que eu estava usando ontem, então decidi ficar apenas com ela — justificou, parecendo saber o que passava em minha mente.

— Não tem problema, vou colocar suas roupas para lavar em breve. Por favor, sente-se. — Sorri desajeitadamente e apontei para a cadeira.

Minha cozinha era pequena e eu não tinha uma sala de jantar, então a mesa tinha apenas dois lugares e era grudada na bancada que separava a cozinha da sala de estar.

— Obrigada. — Sentou-se e colocou o

cabelo úmido atrás da orelha. O aquecedor do meu apartamento permitia que a temperatura fosse gostosa, mesmo assim ela tinha o cabelo molhado e vestia apenas uma camiseta.

— Você está com frio? — perguntei. Ela negou com a cabeça. — É porque, bem, estamos em dezembro... Embora você deva ser bem resistente ao frio, ontem você estava em um vestido tão pequeno e... — Fechei os olhos percebendo o quão rude estava sendo a minha divagação. — Desculpe! Você precisa de um casaco?

Questionei tentando ser mais objetivo.

— Estou bem, Alex, aprecio o gesto, mas

estou bem. — Olhou em volta analisando o ambiente. — Você tem um apartamento legal. As janelas são inteiras? Digo, a parede toda?

— Sim, eu vou abrir para você ver... — disse me levantando, mas ela colocou a sua mão sobre a minha para me parar.

— Está tudo bem, posso ver depois. — Sorriu. — Vamos tomar café, estou faminta.

Suas mãos eram delicadas e pequenas, suas unhas eram medianas e estavam pintadas de vermelho destacando-se em sua pele clara, eram bem-feitas, bonitas realmente.

— Claro, por favor, sirva-se. Como prefere

o seu café?

Carter mesmo se serviu e depois de alguns minutos de silêncio desconfortável, seus sorrisos descontraídos e perguntas aleatórias sobre meus eletrodomésticos finalmente conseguiram fazer com que entrássemos em uma conversa casual, mas eu tinha que saber o que havia acontecido. Como ela havia parado em minha cama? Precisava de qualquer coisa que me fizesse lembrar.

Arranhei a minha garganta assim que tomei um gole do meu café.

— Bem, então... nós é...?

— Sim, Alex. *Nós.* — Sorrindo, respondeu

pegando sua torrada, quebrando e colocou um pedaço em seus lábios.

Tão rosados...

— O que disse? — Carter levantou a sobrancelha tentando entender o que eu aparentemente tinha murmurado.

Merda! Ela me deixava nervoso. Eu precisava controlar a minha língua.

— Nada... Eu sinceramente não me lembro de termos, bem... você sabe.

— Por que você tem dificuldade de falar em sexo agora? Ontem era a sua palavra preferida...

— Como assim? Eu disse muito isso?

— Sim, você repetia: "Adoro sexo, sexo é bom, como sexo é bom com você ..." coisas do tipo. — Abaixei minha cabeça na mesa e bati levemente.

— Me mate agora, por favor. — Ela gargalhou. — Não é engraçado. Sou um fodido ridículo. Falei merda ontem e falei um monte de merda hoje também.

— Relaxe, você estava bêbado e agora está de ressaca. Não se cobre tanto, nenhum dano aqui.

— Você deve ter se divertido muito ontem. — Apoiei minha cabeça em minha mão, olhando para ela.

— Sim, eu tive um ótimo momento ontem. Preciso agradecer à Mary Anne por isso.

Levantei minha cabeça rapidamente me lembrando em perguntar:

— De onde conhece minha cunhada, afinal de contas?

— Estudamos juntas na faculdade.

— Oh! Sério? Ela nunca comentou.

— Eu me afastei depois da formatura, fui para a Escola de direito e meio que perdemos contato. — Deu de ombros como se não fosse grande coisa.

Ela tinha estudado direito. Uau! Tínhamos

algo em comum.

— E você se especializou em quê?

— Direito criminal. — Jogou a resposta meio contrariada, parecia que não queria falar sobre o assunto. — Eu não exerço, de qualquer forma. Trabalho com outras coisas — explicou, pegando o jarro de suco despreocupadamente.

Analisei com atenção enquanto esperava por mais informações. Ela era linda sem toda aquela maquiagem pesada da noite anterior, embora fosse bonita com a maquiagem também, do contrário, acho que não teria ido para a cama com ela. Mas agora sua aparência parecia meiga,

delicada, ela tinha sardas na região das bochechas e do nariz, eram rosinhas, tão claras. Como seus lábios, como seus seios... *Porra!*

Um flash de memória assolou a minha mente, lembrei do momento em que coloquei um de seus seios completamente em minha boca e os chupei com vontade.

Deus! Meu pau está ficando duro novamente.

Procurando algum foco, tentei voltar ao assunto.

— Hum, é... eu fiz escola de direito também, e depois exames para promotoria — falei,

tentando não me concentrar na memória do seu seio sedoso, rosado e... Ugh! — E você trabalha com o que agora?

— Hum... — ela gemeu enquanto tomava o suco e logo colocou o copo sobre a mesa para que pudesse finalmente falar. — Eu faço outras coisas...

— Como...? — Eu deveria me preocupar?

Levei a xícara de café até meus lábios e tomei um grande gole esperando sua resposta.

— Prostituição. — Eu cuspi todo o café que tinha na minha boca naquele momento.

— O quê?

— Yeah! Seu irmão estava te achando meio

deprimido, então ele me pagou...

— Mas que... — Comecei a me levantar quando ela tocou minha mão novamente.

— Calma! É brincadeira... — Olhei abismado enquanto ela explodia em risos, mas logo desmanchei em gargalhadas também.

— Não teve graça — resmunguei enquanto ainda ria.

— Estou vendo — respondeu já se controlando. — Mas sério, eu faço coisas como levar cães para passear e cuidar de crianças. Ajudo um antigo professor na orientação de trabalhos e pesquisas de alguns alunos da universidade, e sou

babá nos finais de semana.

Que tipo de pessoa deixa de advogar para fazer bicos? Bem, não cabia a mim julgar, mas eu estava curioso.

— Então você estava de folga neste final de semana?

— Sim, eu fui por Mary Anne, não costumo sair muito — justificou.

— Não parecia, com toda aquela tequila que compartilhamos ontem — brinquei.

— E vodcas, e cervejas... não esqueça — apontou categoricamente.

— Está explicada a amnésia. Eu bebi o bar

inteiro — gemi com a constatação. — Me desculpe por isso. Eu não quero ofender você nem nada...

Ela deu os ombros.

— Sem problemas, afinal quem esqueceu da noite foi você... Nunca saberá como foi bom... — Abri minha boca para responder, mas percebi que ela estava certa, se eu não me lembrasse, nunca saberia como foi passar a noite com ela e de repente me senti frustrado sobre isso. Queria lembrar, mas estava envergonhado demais para continuar com aquela conversa, então mudei o assunto.

— Então, você mora aonde aqui?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Chinatown — respondeu rapidamente.

— Hum. — Chinatown, aquele lugar lotado de restaurantes, fumaça, penumbra e coisas acumuladas.

— Sei que não é muito organizado ou limpo, mas gosto de lá — Carter explicou ao notar a minha reação.

— Deve ser legal...

— Eu gosto. O cheiro não é agradável, mas no meu apartamento eu mantenho a ordem...

— Seu apartamento é em cima de um restaurante, suponho — disse, tentando esticar a conversa.

PERIGOSAS ACHERON

— Obviamente. — Ela riu.

Carter me contou um pouco mais sobre seus trabalhos, eu ainda achava um pouco insano alguém que investira em sua educação e ainda por cima ser criminalista e se dedicar a outras coisas, mas imaginei que havia mais história ali, história que ela provavelmente não me contaria. Não tínhamos intimidade para aquilo, mas nem por isso me fazia menos curioso sobre as suas escolhas. Para ser um advogado criminalista você tinha que ter uma expertise acima da média, poder de dedução e uma grande veia investigativa, e me parecia estranho abrir mão de tudo isso para passear com cães e cuidar de crianças. Porém, não

era meu lugar julgar.

Terminamos nosso café, recolhemos a mesa e lavamos a louça juntos. Ela me contou que se formou aqui, na *NYU*, e que seu pai também era advogado, mas que estava aposentado e ajudava a esposa em seu pequeno restaurante.

— Eles moram aqui também? — perguntei, organizando os garfos um em cima do outro.

— Não, somos daqui, mas ele se mudou há algum tempo para Jérsei.

— Meus pais moram lá também — informei, um pouco impressionado pela coincidência.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quando se casou novamente, foi morar lá com a nova esposa e seus dois filhos, Jeremy de dezesseis e Amanda com a minha idade.

— E qual seria essa idade? — perguntei, interessado inteiramente nela novamente.

— Vinte e nove.

O telefone tocou e deixei que caísse na secretária.

Erro.

Grande e gordo erro.

"Você ligou para Alexander Hartnett. No momento não posso atender, deixe seu recado e em breve retornarei. Obrigado.”

PERIGOSAS ACHERON

Alex, querido... Agora chega, baby, chega de brincar. Estou com saudades.

Carter começou a rir da minha careta ao ouvir a voz estridente de Phoebe ao telefone. Eu abri a boca para me justificar quando a voz enjoativa da minha ex continuou.

...Vamos baby, me atenda... Alexander... Eu sei que você está ai!

Bufei e olhei para Carter ao meu lado, ela estava tentando não gargalhar da minha cara, segurava seus lábios juntos e disfarçava enquanto terminava de organizar a cozinha, revirei meus olhos antes de largar o que estava fazendo e ir para

a sala. Me sentei no sofá e liguei a televisão tentando evitar a secretária eletrônica. Caterine se manteve na cozinha por mais algum tempo, ouvi os ruídos de torneira abrindo, pratos batendo e um leve cantarolar dela.

Enquanto aguardava por ela, tentei forçar a minha mente a se lembrar da noite que tivemos. Nada. Nada além de flashs confusos.

— Então... Tomamos café e conversamos, eu agradeço, mas acho que já vou indo... — Carter me tirou dos meus pensamentos.

— Mas nem lavamos suas roupas — tentei argumentar, mas ela já caminhava até o banheiro

novamente. Parando brevemente na porta disse:

— Não tem problema, vou direto para casa e lá eu lavo tudo. Já abusei da sua hospitalidade. — E entrou no banheiro sem me dar outra chance para falar.

— Ok... — disse sem ter certeza se eu realmente queria que ela partisse.

Em muito tempo eu não esbarrava com alguém tão interessante, queria saber mais sobre ela, seu estilo alternativo de vida, e até sobre como é se envenenar com a comida de Chinatown. Não eram coisas que eu costumava me interessar, mas, honestamente, nada sobre Caterine era algo que eu

costumava me interessar, nem mesmo ela.

Não era o tipo de mulher que teria a minha atenção para confraternizar, flertar ou mesmo para um encontro, no entanto, sentia que queria conhecer mais dela. Estava curioso sobre aquela atmosfera que ela conseguia criar em torno de si.

Após alguns minutos, o telefone tocou novamente, mas desta vez foi o celular.

O som vinha da sala mesmo. Então na penumbra do cômodo eu procurei seguindo o som e quando encontrei o celular atendi rapidamente para não perder a ligação de Joshua.

— *Bom dia...* — Ele cumprimentou de

forma que eu conseguia enxergar o seu sorriso na minha frente. Largo e debochado.

— Comece a explicar! — ordenei, apertando os dentes. Ouvi os passos de Carter atrás de mim e me virei para ela. Já havia colocado as roupas de ontem, com um longo casaco preto por cima. Levantei meu dedo para que ela esperasse um momento e fui em direção ao quarto para falar em particular com meu irmão. — Fale!

— *Precisa? Bro, você estava louco ontem... São muitos detalhes.*

— Ok, não vai dar para falar agora, ela está indo embora e daqui a pouco eu ligo. Você vai me

explicar...

— *Ela está saindo? Você está na cama ainda?* — Seu tom era confuso.

— Não. Estou fora da cama faz tempo.

— *Já olhou para a rua hoje?*

— Não. Por quê? — questionei sem entender. Olhei para as cortinas fechadas e percebi que estava claro lá fora. Apenas isso.

— *Alexander, a maior nevasca dos últimos cinco anos está lá fora. Uma tempestade mesmo. Tudo parado* — enquanto ele falava eu corri de volta para a sala me dando conta de que Carter não estava mais ali, a procurei pela sala enquanto me

aproximava da janela e puxava com força um pedaço da cortina. O telefone quase caiu da minha mão. Meus olhos se apertaram pela claridade absurda da neve que cobria tudo. A rua inteira estava tomada por neve e a tempestade era assustadora.

Era como se eu estivesse preso em algum filme de catástrofe por gelo.

— Jesus... — murmurei enquanto andava até a cozinha para ver se Carter estava lá. Nada. Então corri para os outros cômodos. — Josh... Te ligo depois.

Onde ela estava?

— *Se conseguir... Com essa tempestade...*

— Tchau.

Joguei o telefone e corri para a porta, estava destrancada.

Não acredito que essa maluca havia ido embora sem se despedir. Abri a porta e andei rapidamente para as escadas sabendo que não era seguro usar o elevador com a iminência de faltar energia a qualquer momento. A rua estava coberta e intransitável, não era possível passar um carro sequer, Caterine não devia estar longe.

Quando finalmente cheguei no hall, notei que estava vazio, sem porteiro inclusive, andei

rapidamente até as portas de vidro e saí. Foi rápido encontrá-la, ela estava parada em frente a uma montanha de neve, com os olhos arregalados.

— Já disseram para você que é falta de educação partir sem dizer adeus? — questionei, chamando sua atenção. Ela me fitou com seus olhos verdes e agora brilhantes, reluzindo na neve e sorriu levemente enquanto dava de ombros.

— Despedidas são tristes — respondeu simplesmente.

— Está impossível sair. — Aproximei-me começando a sentir o frio violento da tempestade, estávamos protegidos pela marquise do prédio, mas

o vento era muito, muito gelado.

— A prefeitura deve estar cuidando disto já. — Ela se voltou para a neve acumulada, analisando o local. — Tenho certeza, logo tudo estará resolvido. Eu tenho que voltar para casa. — Seu tom era um pouco aflito enquanto ela falava, seus olhos se mantinham na neve.

— Venha, vamos subir e descobrir o que está acontecendo. — Convidei levando minha mão em suas costas e a direcionando de volta para dentro.

**

PERIGOSAS NACIONAIS

É a maior tempestade de neve de todos os tempos...

As empresas locais estão tentando contornar a nevasca e limpar as principais vias, mas a constante tempestade impede alguma produtividade...

Meteorologistas acreditam que essa tempestade seguirá pelo restante do final de semana...

O Prefeito Bill de Blasio declarou recesso em todo o estado pela próxima semana e pede para que a população se mantenha em casa tanto quanto

PERIGOSAS ACHERON

for possível.

As autoridades alertam para os perigos e pedem que ninguém se arrisque nas ruas...

Abrigos estão sendo providenciados para os moradores de rua...

Desliguei a televisão e atirei o controle no sofá ao lado. Carter ficou olhando para a tela por alguns segundos antes de perguntar:

— O que faremos agora?

Eu não sabia o que dizer.

Aparentemente ninguém entra ou sai.

CAPÍTULO 2

— Eu... não posso ficar... tem que haver alguma maneira de ir — disse se virando enquanto ajeitava o vestido embaixo do grande sobretudo preto.

— Eu sinceramente não acho que dê para você ir para casa... Você mora em Chinatown. Não é exatamente longe daqui, mas nesta tempestade é impossível chegar lá.

Parando na porta, Carter deu um grande suspiro derrotado. Foi para a janela e ficou por um

bom tempo olhando para baixo do prédio, talvez tentando achar alguma brecha para sair. Depois de mais outro suspiro, virou a sua atenção para mim.

— Você tem uma bela janela aqui — elogiou. Seus ombros caídos e a voz denunciavam a sua entrega. — E imagino que a vista seja muito bonita sem toda a maldita neve — resmungou, chateada com a tempestade.

— Sinto muito que você esteja presa aqui, Caterine. Você pode ficar, é muito bem-vinda. Acredito que amanhã estará tudo solucionado. — Tentei amenizar a importância do noticiário que informava justamente o contrário.

— Você ouviu o que os noticiários disseram? A porra do final de semana inteiro — exclamou, caminhando de um lado para o outro.

— Eu tenho certeza de que é um exagero da parte deles, daqui a pouco ouviremos alguém falar que é o juízo final ou algo assim. Não se preocupe. Você pode ficar. — Tentei acalmá-la ao mesmo tempo em que me perguntava: *Quem irá me acalmar?* Eu não tinha visitas constantes na minha casa. Talvez meus pais uma vez por ano, as mulheres ficavam por uma noite e depois partiam. Eu prezava pela minha individualidade, gostava da minha solidão. — É sério, Caterine, você pode ficar. Sem problemas — reafirmei meu convite,

tentando convencer mais a mim do que a ela.

Carter assentiu, visivelmente chateada. Andou até o sofá e pegou sua pequena bolsa, remexeu um pouco e tirou seu telefone de dentro dela. Um suspiro derrotado saiu dela quando olhava para a tela. Com uma breve balançada de cabeça, tirou a atenção do aparelho e olhou para mim.

— Posso fazer uma ligação? — Perguntou. — Meu telefone morreu.

— Claro. — *Enquanto ainda temos linha*, pensei. Apontei o telefone para ela. — Estarei...

— Você pode ficar, vou apenas avisar meu pai que não estarei em casa. — Levantei uma

sobrancelha para ela tentando entender... *Ela tem quantos anos mesmo?* Parecendo compreender meus questionamentos, ela revirou os olhos para mim. — É sábado, meu pai sempre liga para mim aos sábados. Se eu não atender, vai ficar preocupado.

Assenti rapidamente concordando com o que ela dizia e um pouco envergonhado por julgá-la novamente. Eu não era assim normalmente.

— Oi, Jer. — Sorriu ao cumprimentar a pessoa que atendeu. — Eu sabia que você atenderia o telefone... Não, não sei se irei a Jérsei na próxima semana — suspirou cansada, como se aquele assunto fosse recorrente. — Você sempre pergunta,

eu não sei... sim... ahã... eu sei, Jeremy. É claro que eu pretendo ir para o Natal, Jer, eu só não sei se poderei. — Ela riu de algo que ele disse. — Vamos, garoto! Deixa eu falar com o meu pai... Eu também, beijos.

Ela esperou um tempo, muda, até que finalmente soltou:

— Oi, papai. — Cumprimentou com um sorriso largo. Era bonito seu sorriso, branco e parelho. E seus olhos pareciam um pouco melancólicos quando ela ouviu a voz do pai. — Sim, estou ligando antes porque não estou em casa... Yeah! Sim, isso mesmo. O senhor viu no noticiário, é... acho que só nós não vimos. — Ela

olhou para mim e deu um sorriso safado me fazendo desviar o olhar. Engoli em seco. — Sim, é *nós*... Estou na casa de um ã... amigo. — Ela revirou os olhos. — Não disse que estou namorando porque não estou, pai, é um *amigo*.

O pai dela acha que sou seu namorado?

É claro que não somos namorados! Puf!

— Eu ligo assim que estiver em casa. Sim, terei cuidado. Amo você também. — Ela desligou e não tocou no assunto, apenas sentou no sofá tirando os sapatos e colocando os pés para cima.

Geralmente ficaria incomodado em ver uma pessoa se fazer tão à vontade em minha casa, antes

de eu mesmo lhe dizer para relaxar, mas as circunstâncias eram diferentes e Caterine parecia realmente precisar ficar mais relaxada.

— Bem... — Iniciei, sentando ao seu lado no sofá. — Se vamos ficar por aqui, e eu basicamente não me lembro da noite passada... — Seus olhos me enfrentaram e seu cenho parecia franzido, como se estivesse achando engraçada a minha declaração. — O que você acha de nos apresentarmos novamente?

Estiquei minha mão para apertar a dela e com um sorriso tentei quebrar o gelo.

— Sou Alexander Hartnett — informei e

aguardei que ela fizesse o mesmo.

Sua delicada mão encaixou na minha. Uma sensação diferente se instalou em meu peito me fazendo engolir quase que ruidosamente.

— Prazer, Alexander, sou Caterine Flynn, mas pode me chamar de Carter. — Um riso escapou quando ela se apresentou para mim.

— Então, Carter... Você pode tirar o seu vestido. — Ela me olhou levantando a sobrancelha e eu me dei conta do que falei. — Digo, sem nenhum cunho sexual... — *Porra! Que mancada!* — Digo, para você relaxar. O vestido é todo apertado em seu corpo e posso colocar ele para

lavar já que está fedendo e tudo... — Desta vez suas duas sobrancelhas levantaram com a minha declaração. — Puta merda! Me desculpe! Eu só quero...

Cristo, a minha diarreia verbal não tem fim ao lado dessa mulher?

Caterine riu de forma divertida e se levantou.

— Eu entendi, Alex, você é engraçado na mesma proporção em que é bonito. Eu gosto — declarou, me fazendo ficar sem reação diante de suas palavras. Eu nunca tinha conhecido uma mulher tão, eu não sei... Peculiar?

Caterine era uma mulher estranha. E eu costumava repelir o estranho.

Costumava.

**

Veja bem, quando meu irmão e, bem, toda a minha família, me chamava de antissocial, era meio que verdade. Sempre gostei da minha individualidade e de ter controle sobre as coisas.

Quando comprei esse apartamento, eu queria ser solteiro. Pretendia não sair desse status de relacionamento, tipo, nunca. Quartos extras

abrem precedentes para hóspedes, por isso transformei meu quarto extra em um escritório. Eu não gostava de hóspedes, quando meus pais me visitavam, cedia meu quarto para eles e dormia no sofá, isso quando não os induzia a ficar em um hotel. Quando estava namorando e queria ficar mais tempo com minha namorada, geralmente ia para a casa dela. E então, eu tinha uma nova hóspede. Uma pessoa que mal conhecia e que sabe lá quando iria embora. Claro que ela também não devia estar confortável com toda a situação, mas fiquei imaginando como seria a dinâmica. Onde ela dormiria, sobre o que conversaríamos... Seria tudo muito estranho.

Carter demorou um tempo para voltar do banheiro. Ouvi o chuveiro ligado novamente, imaginei que ela estivesse tomando outro banho.

— Tive que tomar outro banho, minhas roupas estavam realmente fedidas — justificou assim que entrou na sala usando a minha camiseta. Procurei não olhar para o seu corpo vestido em minha roupa. Procurei não pensar como um homem, ou um adolescente. Mas sabe quando a gente faz exatamente o que não quer fazer? Meus olhos criaram vida própria e deslizaram pelo corpo dela novamente. Quando voltei a olhar para seu rosto, ela ria de mim. — Posso usar a sua lavanderia? Preciso tirar o cheiro impregnado de

cigarro das roupas. — Seu nariz enrugou

— Pensei que fumasse. — Por que eu disse aquilo? Nenhuma ideia.

— Nem sempre quando cheiramos a cigarro significa que somos recipientes em potencial de algum câncer maligno, e você também fedia ontem à noite. Você pode não lembrar, mas estávamos no mesmo lugar.

Eu tive que rir. Ela era sagaz, tinha um humor sarcástico, articulada também. *Gosto dela!* Pensei.

Levei Carter até a lavanderia e voltei para o quarto com a intenção de recolher os lençóis da

minha cama e mais tarde colocar novos.

Enquanto saía do quarto, pensei em novamente no que faria quando chegasse a hora de dormir.

— *Droga, Alexander. São dez da manhã! Relaxe!* — resmunguei para mim, tentando manter a calma. Era ridícula a forma como eu estava reagindo sobre algo que eu não tinha o controle.

Mas era exatamente aquele o problema. Exatamente.

Eu não tinha controle. Não tive controle na noite anterior quando comecei a dançar com ela, não tive controle sobre a quantidade de álcool que

ingeri, não me controlei ao ficar com uma desconhecida e trazê-la para a minha casa, não tive controle sobre as minhas memórias e definitivamente não podia controlar o tempo.

Realmente um prato cheio para uma pessoa como eu.

No momento em que passei pela porta, quase tive um ataque cardíaco.

Santo Cristo!

Caterine estava de costas para mim, curvada, tirando calcinha e colocando dentro da máquina de lavar. Senti meu corpo todo esquentar com a visão de parte de sua bunda enquanto ela se

abaixava. Quando ficou ereta novamente a camisa voltou a lhe cobrir tudo, ou quase, só então ela percebeu minha presença.

— Hey! Mais roupas? — indagou, sorrindo levemente.

Não respondi, apenas estiquei os lençóis emaranhados para ela tentando evitar qualquer tipo de constrangimento maior.

Constrangimento da minha parte, é claro.

Então eu tinha mais um item para colocar na lista de coisas das quais Alexander Hartnett não tinha controle.

Meu pau.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Está feliz em me ver, Alex? — Carter perguntou olhando para a minha ereção e sorrindo.

Ok. Isso *não* evitou qualquer tipo de constrangimento. Principalmente o constrangimento de ser um homem de trinta e poucos anos e não conseguir agir naturalmente na frente de uma mulher como ela. Caterine tinha aquela *vibe* selvagem, de dizer o que pensava independente da reação que causaria nas pessoas. Isso me deixava desconfortável.

O rubor pré-adolescente aumentou em meu rosto me deixando com raiva de mim, mas como um adulto civilizado, virei minhas costas e saí o mais rápido que pude da apertada lavanderia.

PERIGOSAS ACHERON

Qual era o problema dela? Pessoas civilizadas não ficavam dando ênfase para certas atitudes e reações dos outros.

Como uma ereção, ou quando pegamos uma pessoa com o dedo no nariz, ou até coçando as bolas. Ela podia ao menos ter me preservado. Em nome de uma boa convivência de quase vinte e quatro horas que tínhamos.

Me tranquei no meu escritório tentando esquecer os fatos, peguei algumas cópias de processos antigos e comecei a analisá-los apenas para passar o tempo, apenas para tentar amenizar o constrangimento de ficar de pau duro na frente de uma desconhecida que eu tinha fodido durante a

noite e sequer me lembrava do entretenimento.

Porra! Que merda!

Eu queria lembrar!

Voltei a minha atenção para os processos, perdi dois nos últimos cinco anos, homicídios, ambos foram casos onde eu não pude colocar os desgraçados atrás das grades, a revolta deveria diminuir com o passar do tempo, mas isso não mudava o sentimento de impotência em mim.

Percebendo que o caso me deixaria ainda mais tenso, os deixei de lado e acessei a internet, enquanto a tempestade lá fora ainda me permitia. Quando dei por mim, tinha digitado o nome da

minha hóspede no motor de pesquisa. Existiam poucas Caterines Flynn, ao menos com aquela grafia. Consegui encontrá-la, mas apenas por uma página no Facebook e para acessá-la eu teria que me cadastrar.

Eu não tinha Facebook ou Twitter... Insta- alguma coisa para adicioná-la. Era um adulto ocupado que não perdia tempo com essas porcarias cibernéticas.

De repente, me senti um adulto ocupado que não tinha tempo para porcarias cibernéticas e arrependido por não ter essas porcarias cibernéticas. Que porra estava acontecendo?

Bem, é claro que você está curioso sobre ela. Afinal de contas, vocês ficarão trancados em seu apartamento sabe-se lá por quantos dias... Precisa saber quem ela é.

Minha mente conversou comigo enquanto eu olhava fixamente para o monitor.

Nã, é outra coisa e você sabe!

Disse a mim, mas estranhamente o pensamento era narrado pela voz irritante e debochada do meu irmão. Desliguei o computador com um bufo e virei a minha cadeira em direção à janela atrás de mim. A neve caía sem parar.

Caramba! Ainda bem que estava de férias.

Será que Melissa está bem?

Levantando rapidamente, caminhei para fora do escritório em busca do meu telefone, queria enviar uma mensagem para saber se ela estava bem. Era o mínimo que poderia fazer, me preocupar com a minha assistente. Assim que cheguei novamente na sala, comecei a sentir um aroma que me fez salivar. Ela estava cozinhando?

Porra, ela levou a sério quando disse para sentir-se à vontade, não? As pessoas não deveriam levar em tanta consideração o que falamos, não é porque minha mãe convida todo mundo para passar algum tempo em sua casa, que as pessoas vão.

Não sabia como me sentir tendo alguém na minha casa, usando-a assim... tão livremente.

Incomodado?

Com certeza.

Impressionado.

Porra, sim!

Excitado?

Esqueça disso. Vamos falar de outra coisa.

Em silêncio peguei meu telefone e digitei uma mensagem rápida para Melissa, querendo saber se ela estava bem, então fui para a cozinha.

Ela estava preparando o almoço, como eu

imaginava. Fui me aproximando enquanto visualizava a sua aparência, seus cabelos curtos e platinados estavam uma bagunça para todos os lados. Ela usava apenas a minha camisa ainda e o fato de ela estar cozinhando sem calcinha começou a incomodar minhas calças novamente.

Meu Deus! Eu sou um fodido adolescente.

Sentindo o meu movimento, Carter se virou e abriu um enorme sorriso, como se a situação em minha lavanderia mais cedo não tivesse ocorrido.

— Tomei a liberdade de preparar um almoço para nós. — Olhei para o relógio e não pude acreditar que já passava de meio-dia. Fiquei

tanto tempo assim no escritório? Assenti e tentei dar um sorriso amistoso. Acho que funcionou, pois ela deu um leve suspiro e se virou para o fogão, seus ombros pareciam mais relaxados quando voltou a mexer nas panelas.

— O que está cozinhando? — perguntei, me aproximando.

— Vi que você tinha peito de frango e uma variedade infinita de legumes na geladeira. Então optei por algo simples, *Yakissoba*. — Ela remexeu o macarrão que fervia na panela. Meus olhos novamente passearam pelo seu corpo, descendo por suas pernas e... — Gosta?

— Oi? — Quase saltei em meu lugar quando ela perguntou, por um momento, pensei que ela tinha me pego olhando suas belas pernas.

— De Yakissoba, você gosta? — indagou novamente.

— Sim, eu hum... gosto. Claro! — respondi desconcertado. Levei a mão na nuca e cocei tentando disfarçar a minha falta de jeito, mas Caterine continuava de costas para mim e concentrada no *cooktop*, ligando outra boca.

— Vou começar a preparar os legumes...

— Você quer ajuda? — Ofereci, dando mais um passo em sua direção.

— Não, já estou familiarizada com o ambiente. — Ela olhou por cima do ombro e deu um sorriso orgulhoso para mim. — E você tem uma quantidade incrível de alimentos, e tudo tão saudável. Você que faz a suas próprias compras?

— Por que ouço um certo espanto em sua voz? — questionei um pouco ofendido.

— Desculpe, é só que é tudo tão organizado. Não parece coisa de homem solteiro.

— Bem, para sua informação, senhorita Flynn... — Iniciei solenemente. — Eu sou um homem muito organizado, obrigado.

Meu irmão diria que tenho transtorno

obsessivo compulsivo. Mas Carter não precisava saber disso.

— Estou vendo, seus vegetais estavam organizados por ordem de cor. — O seu riso borbulhou e ficou impresso em sua fala suave enquanto ela mexia casualmente em minhas panelas.

— Eu gosto assim — foi a melhor justificativa que eu poderia dar.

— Sem julgamentos, senhor Hartnett — brincou. — Você pode relaxar e aguardar pelo melhor Yakissoba que você já provou na sua vida.

Aposto que ela aprendeu a fazer esse prato

com uma chinesa de algum restaurante sujo e aleatório em Chinatown.

Pensei antes que ela continuasse.

— Aprendi com uma chinesa dona de um restaurante em Chinatown.

Rá! Eu sabia!

— É meio sujinho...

Merda! Eu não queria estar certo nessa parte.

— Mas absorvi apenas a receita e não a falta de higiene. — Continuou, parecendo ouvir meus pensamentos, por um momento pensei que havia deixado escapar minhas palavras como fiz

mais cedo.

— Você não tem...

— Passa aquela colher grande para mim, por favor? — Interrompeu ela.

— Jeito de quem cozinha... — completei enquanto fazia o que ela havia pedido. — Ou de quem advoga. — Divaguei mais baixo.

— As aparências enganam, Alex. — Notei que sua entonação mudou, não sabia como interpretar a sua resposta, mas definitivamente não mais o mesmo tom de brincadeira.

— Eu... é... não... Eu não...

— Notei que você tem uma videoteca

maneira na sala, o que acha de alguns filmes? — Caterine rapidamente se recuperou enquanto jogava os legumes na panela. Seu tom de voz voltou para a mesma descontração de antes.

— Meus filmes? — Tentei acompanhar. — Quer assistir?

— Claro, precisamos de um passatempo, certo?

Claro! Tínhamos que passar o tempo de alguma forma e incrivelmente, mesmo que eu tentasse não pensar naquilo, só uma atividade vinha à minha mente.

Sexo.

Não, Alexander, não pense em sexo!

Carter sorriu e maneou a cabeça em negação prestando atenção em seus legumes, e eu quase tive certeza que ela ouviu meus pensamentos novamente, mas desta vez, ao menos, foi educada para não dizer nada.

**

Preparei água para nós, ela pediu a dela com gelo. Olhei para a neve caindo sem parar do lado de fora e levantei a sobrancelha. Ela simplesmente deu

de ombros e informou que não importava o quão frio poderia estar, nunca bebia nada quente a menos que fosse chá ou café e que mesmo assim tomava um copo de água gelada depois.

Aceitei a sua resposta e comecei a arrumar a pequena mesa dentro da cozinha, mas Carter me parou.

— O quê? — perguntei, abrindo os braços enquanto ela fazia um bico rejeitando minha mesa.

— É dia de neve, Alexander — disse, se aproximando com outra toalha que havia pego na gaveta e foi até a sala. — Você não teve infância? — Continuei olhando enquanto ela estendia a

toalha em frente à grande janela de vidro que ocupava a parede inteira voltada para a rua principal. — E em dia de neve, podemos fazer o que quisermos.

— Tenho mesa.

— Podemos usá-la em outro momento. — Sua solução foi dada facilmente enquanto ela cruzava a distância entre a sala e a cozinha colocando os outros itens.

— Eu só não vejo motivos...

— Qual é, Alex... Relaxa, vai! — pediu, sentando no chão e em seguida dando uma batidinha na área em sua frente, me convidando

para me juntar a ela.

Revirando meus olhos e soltando uma bufada, caminhei até ela e me sentei em seguida.

— Eu mal conheço você e já diagnostiquei transtorno de velhice precoce em sua personalidade encantadora — brincou enquanto servia uma boa porção do macarrão com legumes.

— Isso nem existe — retruquei. Conseguia ouvir o tom quase juvenil em minha voz enquanto tentava refutar a sua acusação.

— Não sei, existindo ou não, você praticamente batizou esse transtorno. — Seu tom tranquilo e brincalhão me fez relaxar um pouco ao

perceber que ela só queria brincar. — Você me parece uma pessoa muito tensa.

— Você também deveria ter um transtorno. — Entrei na brincadeira.

— E qual seria? — Ela começou a mexer em sua refeição. Percebi que fechou os olhos e levantou o prato até o seu nariz aspirando o aroma. Um suspiro, quase gemido, escapou dela.

— Ser feliz demais — minha resposta saiu como um murmuro hipnotizado enquanto analisava a forma genuína como ela aproveitava o aroma da comida.

— O que há de errado nisso? — indagou

abrindo os olhos e colocando o prato em sua frente.

— Não sei se é errado... — Considerei mais para mim do que para ela. — Eu acho que nunca conheci alguém tão peculiar... Não lembro muito da noite passada, mas o que lembro é alguém hum... saltitante? Dançante? — Levantei a sobrancelha em provocação. — Irritantemente feliz?

Ela tentou sorrir, mas pareceu mais uma careta, sua postura relaxada se tornou minimamente tensa com as minhas palavras. Uma tempestade passou rapidamente pelos seus olhos.

— Sim! Eu sou a garota mais irritantemente

feliz com quem você já dormiu, garanhão. Agora coma. — Aquela fora a sua tentativa de me deixar constrangido o suficiente para encerrar o assunto? Não fiquei constrangido e sim intrigado com a sua reação.

Algo a incomodava.

Por educação, e porque mal nos conhecíamos, deixei o assunto morrer. Parei de reclamar do fato de comermos no chão e aproveitei a refeição enquanto a neve cada vez mais se acumulava do lado de fora. A refeição estava muito boa e, somada ao cenário, me deu uma sensação de conforto, talvez... paz?

— Pelo suspiro, imagino que tenha gostado — Carter constatou me tirando de meus pensamentos.

— Você é boa, tenho que admitir — admiti, satisfeito com o conforto que toda a cena me remetia, mas estava curioso. — Mas, por que a janela?

Ela deu de ombros como se não fosse grande coisa.

— Eu gosto da sensação que as janelas me trazem — informou, recolhendo os pratos do nosso almoço.

— Importa-se de elaborar? — pedi

curiosamente.

— Talvez mais tarde. — Piscou já se levantando. — Agora é hora de cuidar da limpeza.

Ela lavou a louça, dispensando a máquina de lavar, e eu sequei enquanto conversávamos em perfeita harmonia sobre direito, as últimas notícias mundiais e nossas famílias, foi realmente impressionante o nosso entrosamento. Phoebe e eu basicamente só nos dávamos bem quando minha língua estava em sua boca.

Quando a cozinha estava brilhando, isso não passou despercebido para mim, Caterine era organizada e caprichosa, fiz café para nós e fomos

para a sala.

— Podemos assistir algo enquanto ainda temos luz? — Carter perguntou enquanto seus olhos dançavam pela minha videoteca. Os DVDs, e CDs também, cobriam uma grande estante em volta da grande tela de televisão.

— Claro — apontei para o local que ela não tirava os olhos dando a minha permissão para se aproximar. — Você é a convidada, pode escolher. — Se aproximando para analisar os títulos, ela mexeu em seus cabelos por um momento antes de delicadamente colocar algumas mechas atrás da orelha.

Enquanto observava e andava de um lado ao outro, percebi que esfregava seus braços. Sem perguntar se ela estava com frio, andei até o termostato da calefação e aumentei alguns graus para que ficasse mais confortável. Fiz também uma nota mental para tentar encontrar alguma roupa para que se sentisse mais quente.

Carter acabou escolhendo Uma Noite Alucinante, achei engraçado, era difícil achar alguém mentalmente insano como eu que gostasse daquela grande besteira que chamavam de filme. Eu poderia prezar pela seriedade a maior parte do tempo, mas se tinha um filme que eu poderia usar para quebrar o gelo e relaxar, aquele sempre seria a

minha primeira opção.

— Você gosta de Uma Noite Alucinante? — minha pergunta foi carregada de incredibilidade.

— Qual é o espanto? — Ela entregou o DVD em minha mão e andou para o sofá.

— Você me parecia ser o tipo de garota que assiste comédias românticas.

— E você me parece o tipo bem apegado a preconceitos e estereótipos, senhor Hartnett.

Geralmente eu não era assim, ainda mais sendo um promotor, julgar as pessoas por sua aparência ou breve comportamento era completamente errado, mas Caterine estava em

minha casa, me deixando completamente confuso e fora da minha zona de conforto, meu cérebro sequer estava fazendo algum sentido.

— Desculpe, eu não costumo ser assim, eu só estou...

Completamente assustado com a sua presença e com a forma como você toma conta de tudo no ambiente.

— Me acostumando com o fato de ter outra pessoa em minha casa. Sinto muito — justifiquei, sem graça.

Um sorriso brilhante se abriu em seus lábios, ela se ajeitou como se estivesse tentando

uma posição confortável em meu sofá. Sentei ao seu lado e procurei relaxar, não pensar na loucura que as últimas horas tinham sido. Tentei não pensar na forma completamente relaxada e bem monopolizadora com a qual aquela mulher estranha tomava conta da minha casa. De alguma forma, em menos de vinte e quatro horas, ela conseguiu mudar a atmosfera. E a cada segundo que passava, o seu conforto se tornava mais contagioso me fazendo relaxar e gostar de ter ela como hóspede.

À medida em que assistíamos os três filmes da franquia Uma noite Alucinante, Carter foi se aninhando como um gato no sofá, seus pés foram para cima, seu corpo foi se deitando. A cabeça foi

se aproximando e encostando em meu ombro, me fazendo tenso, confesso, até adormecer.

Ela dormiu antes do final do último filme.

Aconchegada em mim.

E se eu dissesse que não gostei...

Estaria mentindo.

CAPÍTULO 3

Quando abri meus olhos, era quase meia-noite.

A ressaca e o cansaço foram colocados de lado devido à adrenalina de acordar com uma desconhecia e a notícia da nevasca, ao sentar e finalmente relaxar enquanto assistia ao filme, devo ter pegado no sono também. Lembro de acompanhar os créditos finais enquanto pensava sobre ter aquela estranha mulher dormindo praticamente em cima de mim.

Carter devia estar muito cansada, uma vez

que havia dormido antes de mim. Levantei o mais delicadamente que pude e segui até meu quarto para pegar um cobertor extra e um travesseiro para ela. Ao retornar para a sala, cobri seu corpo e ajeitei o travesseiro embaixo da sua cabeça, seus olhos abriram momentaneamente e um sorriso se fez em seus lábios, mas logo caiu e os olhos fecharam novamente, um suspiro cansado escapou e ela estava dormindo novamente. Levantei e caminhei até o meu quarto me esforçando para não olhar para trás uma vez mais antes de dormir.

No momento em que despertei novamente, eram oito horas da manhã. Meu corpo estava descansado e alerta. Saltei da cama e segui para o

banheiro tentando me deixar apresentável para a minha hóspede. Assim que terminei, fui até meu closet e garimpei alguma roupa que pudesse caber nela. Procurei não pensar no fato de que ela esteve o dia todo sem a roupa de baixo ao meu lado. Era apenas uma calcinha, eu sabia, mas, porra... Eu posso não ter ficado atraído por Carter no momento em que a conheci, mas certamente tudo havia mudado.

Eu só queria me lembrar de como foi a nossa transa.

Peguei uma cueca samba canção que eu ainda não havia usado, já que calças ficavam enormes, um suéter e um par de meias para ela e

segui para a sala. Carter também já estava acordada. Encontrei o sofá vazio e logo ouvi um barulho vindo da cozinha, andei até lá e percebi que ela estava na lavanderia. O café já estava pronto na cafeteira e torradas em um prato.

Que horas ela acordou?

— Caterine? — Chamei.

— Aqui! — respondeu colocando a cabeça para fora. Seu rosto era sério, diferente da Caterine do dia anterior. — Apenas retirando minha roupa da secadora. — Ela balançou a calcinha em sua mão como se fosse a porra de uma bandeira.

— Falando nisso, eu separei uma roupa para

você. — Levantei a muda de roupa em minhas mãos, dando ênfase em minhas palavras. — Separei uma, hum... cueca para você, mas está nova... — Engoli. — Suéter e meias também.

— Obrigada. — Ela se aproximou, saindo da lavanderia, seu cabelo estava todo bagunçado e seu rosto ainda levemente amassado, mas, Cristo, a mulher era linda. Suas pequenas e delicadas mãos alcançaram a muda de roupa fazendo nossas mãos se conectarem por um breve momento. — É muito gentil.

— É o mínimo. — Sorri em reflexo ao seu próprio sorriso agradecido.

— Eu acho que vou me trocar então... — Ela passou por mim e caminhou para fora carregando suas roupas e as minhas. Mesmo a atmosfera estava pesada.

— Dormiu bem? — perguntei, tentando obter mais conversa para medir o seu humor. Sua voz tremeu quando respondeu:

— Mais ou menos... Eu tive um pesadelo. Eu acho. — Tentei perguntar mais sobre aquilo, mas ela foi mais rápida. — Eu vou me trocar. — Um sorriso breve e educado escapou pelos seus lábios ao me avisar. Ela começou a andar em direção à sala sem dizer qualquer outra palavra.

— Pode usar meu quarto, eu vou dar continuidade ao café da manhã.

— Ok — sua resposta foi sucinta.

Será que fiz alguma coisa?

**

Quando Carter voltou para a cozinha, eu estava sentado já pronto para tomar o café da manhã.

— Se importa se eu tomar café na janela?

— De novo? — indaguei, achando estranha

a sua obsessão.

— Sim, se importa?

— Não.

Eu queria ficar irritado com o fato de ela não querer a minha companhia, mas estava preocupado com a sua mudança de humor. Será que foi por que não cedi a cama a ela?

— Tem certeza que não quer fazer a sua refeição na mesa? — perguntei delicadamente. Testando as águas.

— Eu prefiro aqui, mas você pode se juntar a mim. — Um novo sorriso amistoso escorreu dos seus lábios, mas, novamente, não parecia

verdadeiro. Ela estava de mau humor. Ela sentou totalmente de frente para a janela e ficou olhando para a rua coberta de neve.

Bufando, andei até ela e sentei ao seu lado. Olhei pela janela também, tentando descobrir o que chamava tanto a sua atenção.

— É lindo, não é? — questionou com um sorriso largo, como se todo o mau humor matinal tivesse evaporado do seu corpo só por olhar para a neve. Olhei para o seu rosto e o analisei por um momento, o reflexo da excessiva neve deixava seus olhos, pele e cabelos ainda mais claros.

Tão linda!

Assustado com aquele pensamento, procurei mudar o rumo dele. Falei qualquer coisa tentando desmerecer aquele momento. Tentando não pensar tanto no que aquela mulher estava fazendo comigo em menos de dois dias. Mas minhas próximas palavras foram infelizes.

— Honestamente? Estou mais preocupado com a dor nas minhas costas.

A tentativa era desmerecer, claro, mas não imaginei que Caterine ficaria tão chateada.

— Você tem quantos anos? — Debochou.

— Por que quer saber?

— Porque você tem o corpo de um cara na

faixa dos trinta, mas age como se tivesse noventa e faz birra como um garoto de doze. — Olhei perplexo. Ela simplesmente estava me insultando dentro da minha própria casa? Mas... que... porra!

O que eu fiz a ela?

Antes que eu pudesse repensar a forma como estava agindo, me levantei em um salto e respondi:

— E você está sendo um pouco louca, completamente inconsistente. Um dia faz brincadeiras, assiste filmes e dorme em cima de mim, no outro está tão fria quanto o gelo que cai lá fora. Desculpe se estava tentando manter uma

conversa.

— Você só reclama! — A garota finalmente se levantou e ficou de frente para mim.

— E você estava toda feliz e agora está toda, sei lá? O que foi?

— Nem sempre as pessoas estão felizes e saltitantes, Alexander.

— Ah, mas você estava. Toda maluca e plena andando pela minha casa ontem... Feliz demais, e agora...

— Qual seria o meu motivo para ter raiva da vida e ser rabugenta?

— Não sei. Qualquer coisa? — Joguei meus

braços para cima, sentindo a frustração tomar conta. — Você está sempre feliz, parece que vai abrir a bolsa e tirar incensos e livretos hippies de dentro dela. Age como se a vida fosse cor-de-rosa em um momento e depois está em um mau humor do cacete e logo está sorrindo de novo. Você é tão inconsistente — disse com o tom de voz alterado. Ela brincava com a minha cabeça o tempo todo e aquela falta de controle estava me deixando cada vez mais irritado.

— Desculpe por eu ser um ser humano e não um robô, Alexander. — Embora suas palavras fossem debochadas e um tanto afrontosas, ela buscava fortemente manter seu semblante calmo e

em branco.

— Está dizendo que eu sou um robô?

Como chegamos naquele ponto? Em menos de quarenta e oito horas nos conhecemos, a trouxe para a minha casa, transamos e agora estamos brigando como se fôssemos um casal.

— Se você não é, está fazendo um grande trabalho em parecer. — Deu de ombros.

— Claro, pois parecer uma maluca saltitante e feliz o tempo todo e bater palmas para a neve porque não tem Sol é muito mais legal. — Bufei. — Me diga, casamento com alguém igualmente inconsistente, casinha com cerca branca e crianças

remelentas estão nos seus planos também?

Caterine travou. Seu rosto congelou encarando o meu. Percebi que havia exagerado. Que havia passado dos limites por uma besteira. Por que não deixei ela quieta?

— Você. Não. Sabe. Nada. Sobre. Mim. — Seus olhos lacrimejaram e seu rosto se tornou vermelho tamanha era a sua raiva. Passando por mim, ela andou em direção ao quarto. — Eu vou embora.

Senti-me imediatamente arrependido por todas as imbecilidades que disse. Eu não costumava ser um homem descontrolado, algo não estava certo

comigo.

O que diabos está acontecendo comigo? Eu pareço uma criança birrenta.

— Está nevando — foi a minha resposta para ela. Minha voz saiu quase gritada.

— Não diga, Sherlock! — A segui até o meu quarto onde ela estava procurando por suas coisas.

— Hey, Carter! Me desculpe! — exclamei com sinceridade.

— Você não pode fazer julgamentos sobre as pessoas dessa forma, Alexander. — Seu tom era calmo, mas ela não parou de juntar as suas coisas

enquanto falava.

— Eu sei, eu não sou assim, me desculpe. Eu realmente não sei o que está acontecendo comigo. Me desculpe, por favor. — Fui sincero. Muito sincero quando disse cada palavra pegando em seu braço com delicadeza na tentativa de fazê-la parar.

O choque atravessou todo o meu ser e acho que o dela também, pois Carter ofegou e se virou para mim com os olhos arregalados, foi instantâneo. Eu sabia que deveria falar algo mais, mas meu corpo facilitou — ou não — as coisas para mim. Puxei-a para meus braços e tomei seus lábios com fome. Ela paralisou por alguns

segundos, mas depois de um suspiro longo, relaxou e se entregou ao beijo louco que iniciei.

Eu não me lembrava da sensação de nossos lábios juntos, então este simplesmente me pareceu o primeiro beijo que trocávamos. Senti toda a ansiedade e querer que pensei não estar sentindo, ou não me lembrava de tê-lo sentido. Meu corpo todo pegou fogo e sem a minha permissão meus braços a agarraram e a levei para mais perto da cama. Meu corpo... não, *eu*, estava deixando claro o que queria dela, *com ela,* e Caterine parecia querer o mesmo, não mostrava qualquer resistência. Ao contrário, seus lábios e mãos participavam avidamente de tudo.

Em uma batalha frenética, nossas mãos arrancaram nossas roupas enquanto nossas bocas, dentes e línguas pareciam engolir cada centímetro de nossas peles.

Os gemidos escapavam sem serem contidos, a sensação de ter a sua pele, nua, colada com a minha era deliciosa e me deixava completamente excitado e louco para estar dentro dela.

Tão quente, tão macia.

Nos joguei na cama e desci meus lábios de seu pescoço para seu colo e logo estava em seu peito apreciando cada um de seus seios. Não eram enormes, mas eram cheios, fartos e delicados como

seda, perfeitos. Dei uma boa olhada me deliciando com sua aparência rosada. Seu corpo era tão jovem, mas suas formas eram femininas e maduras ao mesmo tempo. Mesmo seus movimentos eram experientes. Ela sabia como se mover na cama. Seu rosto estava corado, seus olhos brilhantes e os cabelos em uma bagunça sexy me fizeram pensar em como consegui preferir apenas morenas até aquele momento. Carter era linda e eu estava alucinado, queria invadir seu corpo com o meu sem esperar, sem mais antecipação. Percebi que o problema era todo aquele, desde ontem. A mulher estava sob a minha pele. Eu podia não lembrar da noite que passamos juntos, mas meu corpo

lembrava.

Lembrava e queria mais.

Carter se moveu embaixo de mim e, tão impaciente quanto eu, pediu:

— Faça alguma coisa. — Queria que eu entrasse nela tanto quanto eu queria. Mas parte de mim tinha medo de não aproveitar como deveria. Decidi que protelar seria melhor do que talvez ter só mais aquela chance com ela. Deslizei meus dedos entre as suas coxas até que encontrei o seu centro. Colocando para o lado a borda da única peça que ainda me impedia de descobrir o quão suave e quente ela era por dentro, invadi o seu sexo

quente e muito molhado fazendo ela e eu gemermos. Meus dedos brincaram com toda a sua extensão fazendo Caterine abrir ainda mais suas pernas para mim e levantar os seus quadris pedindo por mais, meu dedo médio entrou nela e em seguida o anelar enquanto o polegar brincava com seu clitóris.

— Nossa, Alex! Sim! Sim! — exclamou em sussurros eróticos. — Mais. Por favor, mais. — Sua mão dançou entre o emaranhado dos meus braços até que pudesse chegar em meu membro duro como uma rocha. Apertei meus dentes quando seus delicados dedos adentraram minha roupa íntima e roçaram na cabeça do meu pau. Sensível ao seu

toque, minha respiração saiu entrecortada e pelos dentes. Se alguma vez senti aquele tipo de ânsia para me enterrar em alguém e nunca mais sair, não me lembrava. Mas era exatamente daquela forma que estava me sentindo.

Outro dedo foi adicionado em seu sexo fazendo ela se contorcer.

— Oh, Deus! — Sua voz excitada era como um combustível, me acendendo ainda mais. Sua mão finalmente pegou o meu cumprimento e apertou delicadamente antes de movimentar para cima e para baixo.

Ainda que eu já tivesse passado por isso

antes, sabendo como agir com uma mulher, com ela era tudo diferente, tudo estranho e familiar ao mesmo tempo, era difícil explicar a mim o que estava acontecendo, mas decidi analisar tudo aquilo em outro momento.

De repente ela empurrou meu peito e eu paralisei retirando parte do meu peso para lhe dar espaço, fiquei nervoso com o que poderia ter feito de errado, mas logo eu estava sendo atirado de costas na cama enquanto Carter vinha para cima de mim.

— Você é uma delícia, Alex... — disse. — Mas agora é minha vez. — Seu corpo todo desabou sobre mim e logo sua boca e língua estavam

desenhando minha pele. Gemi tentando conter as reações do meu corpo, mas os choques emitidos por seus lábios eram algo que tornava a tarefa impossível.

Sua língua estava chegando em uma trilha sensível no meu corpo, o que me deixava mais duro do que imaginei ser possível. Senti a lateral inferior da minha barriga molhada por causa do trajeto que sua língua fazia até quase a minha cintura, ousei olhar para baixo e ali foi a minha perdição. Flashes da noite passada, de seus olhos bem maquiados e expressivos.

Ela tinha razão, eu realmente havia dito que adorava sexo. Como não poderia adorar? Meu

corpo sentiu cada toque de suas mãos e lábios.

Queria que fosse tão bom quanto a noite anterior. Que ela gritasse novamente o meu nome como havia feito, queria que toda a tensão sexual que se formou entre nós fosse saciada da mesma forma que a tensão que conquistamos no clube. Aquela mulher era simplesmente diferente de tudo.

Enquanto seus delicados dedos entravam novamente pela barra da minha boxer, me olhava com um sorriso perverso nos lábios. Carter sorriu e retirou a peça de roupa íntima por completo. Ficando em pé, por cima de mim e dando uma visão deliciosamente completa dela, tirou a calcinha.

Quando novamente seu corpo estava sobre o meu, seus lábios desceram nos meus, nossos corpos ficaram colados enquanto nos beijávamos com paixão exagerada, um beijo molhado, necessitado, cheio de algo que eu não conseguia nominar.

— Você... tem? — Eu sabia do que ela estava falando. Tirei uma das minhas mãos do seu corpo e me pus a tatear o criado-mudo ao meu lado, abri a gaveta com muita força e a fiz desengatar e cair no chão, gemi, mas desta vez foi de frustração. Carter foi rápida em querer acabar com aquela protelação desnecessária. Jogou parte do seu corpo para longe de mim e esticou o corpo procurando

pelo preservativo no chão.

Quando ela o encontrou, foi rápida em abrir o pacote e descer para as minhas pernas. Pegando em meu membro ela desenrolou o preservativo sobre ele e logo suas mãos estavam em meu peito apoiando-se para suspender seu quadril e direcionar meu membro em sua entrada. Senti seu sexo molhado e pulsante, escorregadio e quente, enquanto ela se encaixava em mim. Prendi a minha respiração tentando me concentrar para não forçá-la a sentar logo em mim e acabar com aquela tortura lenta que estava fazendo.

Por sorte, Carter parecia tão alucinadamente ansiosa quanto eu e deslizou sobre mim de forma

lenta. Nos olhamos e pude ver algumas sensações passarem por seu rosto. Identifiquei apenas uma delas: Luxúria. Seus olhos escureceram, sua sobrancelha levantou e sua boca se abriu deixando seus lábios inchados quase se encostando.

Ela cavalgou em mim nos próximos minutos me deixando completamente extasiado. A forma como ela conduzia seu corpo era magistral, seus seios macios saltavam levemente, como se estivessem dançando para mim. Minhas mãos acariciaram eles intercalando entre o resto do seu corpo. Alisei tudo o que minhas mãos alcançavam, conhecendo, tateando, explorando cada parte dela.

Nos movimentamos juntos e em sincronia,

meus dedos enterraram em seu quadril enquanto eu erguia o meu para ir mais fundo nela. Nossos gemidos aumentavam de acordo com as investidas e não muito tempo depois encontramos nossa satisfação. Carter gemeu alto quando atingiu seu ápice, seus dedos se curvaram e pegaram a pele do meu peito antes de ela cair em cima de mim enquanto eu me recuperava do meu próprio orgasmo.

**

Nos olhamos por um longo tempo, deitados,

um de frente para o outro. Em silêncio. Até que eu finalmente desisti do nosso desafio e falei:

— Posso saber o que está passando em sua cabeça agora? — questionei. Carter sorriu e suspirou ajeitando suas mãos embaixo do seu rosto.

— Que você não devia ter feito isso. — Sua voz era séria, mas seus olhos, brincalhões.

— Isso o quê?

— Me arrastar para a sua cama — explicou.

— Desculpe, foi a única forma que encontrei de não deixar você congelar na sua tentativa de voltar para casa.

— Mentiroso — disse, aproximando-se e

aninhando seu corpo ao meu, eu suspirei deixando que ela agisse daquela forma. Era estranho e familiar ao mesmo tempo, não nos conhecíamos e esse tipo de intimidade... carinho, aconchego... não era algo esperado por mim, mas ela fazia parecer tão normal, tão comum, que não me opus.

Novamente o silêncio caiu sobre nós, mas não por muito tempo.

— Me desculpe pelo que disse mais cedo. — Iniciei sem parar de mexer em seus cabelos. — Não foi correto.

— Sem problemas... — Sua voz saiu tensa ao responder.

— Eu não sabia que poderia chateá-la tanto.

— Você não sabe muitas coisas sobre mim. Na verdade, não sabemos nada sobre o outro, e nem precisamos. Assim que a neve terminar, irei para casa e seguiremos com nossas vidas.

Não sei explicar o que senti quando ouvi suas palavras. Se fosse no dia anterior, provavelmente eu estaria aliviado, mas naquele momento? Não conseguia compreender o que estava sentindo.

— Por outro lado... — Continuou ela, saindo dos meus braços e me puxando para ela. — Enquanto eu não vou embora, que tal continuarmos

com a parte divertida?

Eu sorri para ela e a puxei novamente para mim.

— Adorei a ideia — respondi segundos antes de devorar seus lábios e voltar a explorar o seu corpo.

Aquela mulher me deixou completamente louco nas próximas horas, não posso dizer que fizemos algo diferente de puro sexo selvagem. Ela não era nada do que eu procurava em uma mulher, mas passou a ser tudo o que eu almejava na minha cama naquele momento.

Eventualmente nós tivemos que comer algo,

mais tarde naquele dia.

Bem mais tarde, eu diria.

**

Passava das cinco quando resolvemos que morreríamos se não parássemos com a maratona de sexo. Precisávamos comer.

— Você pode tomar banho, vou preparar algo para comermos e recolher o café da manhã.

— Alexander, estamos nojentos, eu não quero sua comida se vai cozinhar algo nesse estado — brincou. Me virei enquanto olhava para meu

corpo suado.

— Verdade... — ponderei.

— Era só uma desculpa para tomar banho com você. — Carter riu.

— Banho juntos? — pensei rapidamente se gostaria de me juntar a ela em um banho. Geralmente eu gostava da minha individualidade e organização, e Deus sabia que eu estava duramente evitando toda a bagunça que estávamos fazendo, mas algo em mim dizia para aproveitar cada segundo

Assenti enquanto ia para o chuveiro, ela me acompanhou e juntos tomamos banho. Nos

beijamos e novamente senti como se aquilo fosse íntimo demais. Como se fosse normal entre nós. Já era a hora de eu pirar e sair correndo?

Mandá-la para casa?

Olhei pela janela do banheiro por um instante para obter a resposta.

A neve ainda caía na mesma intensidade.

Não, eu não poderia entrar em pânico ainda.

Mas no fundo eu sabia que eu *não queria* entrar em pânico. Aquela situação era sedutoramente confortável para mim.

Após o banho, tentei fazer alguma refeição para nós, mas Carter descartou a possibilidade e

apenas passou um novo café e aproveitamos o que havíamos deixado no café daquela manhã. Novamente não era parte da minha rotina, mas me controlei. A pauta para a refeição foi relacionamentos, não sei por que escolhi o tema, pois Carter evitou falar sobre si e seus relacionamentos, mas ouviu atentamente quando reclamei sobre Phoebe. Ela riu de mim, exatamente como Joshua, mas também ficou furiosa quando lhe contei sobre Josie.

— Ela tem o que na cabeça? — Carter parecia verdadeiramente chateada com a história.

— É o que venho me perguntando. Josie é uma menina tão querida, e educada ...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Que Josie fosse *Kevin McCallister*, nada justifica falar algo assim para uma criança. Que vadia sem coração! — Ela conhecia minha sobrinha, afinal, era amiga de Mary, mas ela pareceu muito mais do que apenas solidária, parecia querer a cabeça da minha ex em uma bandeja depois do que soube. — Ninguém deveria ser cruel com uma criança.

— Concordo.

— Ainda bem que você se livrou da maluca — brincou, voltando a relaxar depois de sua pequena explosão sobre Joselie. — Aliás, como você aturou essa mulher tanto tempo, Alex? O sexo era tão bom assim?

PERIGOSAS ACHERON

Engoli em seco com a sua pergunta. Eu sabia da verdade.

— Esta é a primeira vez em anos que tiro férias do trabalho. — Iniciei a explicação, porém, verbalizar a verdade era um tanto quanto constrangedor naquele momento. — Eu não sou uma pessoa sociável, vivo para o trabalho e gosto de manter as coisas sob controle...

— Sabe que nem percebi. — Debochou Caterine, me fazendo rir.

— Engraçadinha — retruquei com humor. — Phoebe foi apresentada por Mary e parecíamos compatíveis. Gostávamos das mesmas coisas e ela

entendia que a minha prioridade é o trabalho. Até que passou a não entender mais e se mostrar quem era realmente. Cruel, mesquinha, preconceituosa...

— Pelo menos vocês terminaram.

— Sim. E você, Caterine? Algum cara que se arrependa? — Sabia que ela não queria falar sobre seus relacionamentos, mas, mesmo assim, insisti. Eu queria saber mais sobre ela. Não conseguia evitar. Seus olhos endureceram e sua respiração ficou trancada por alguns segundos. Mas ela era boa. Muito boa em esconder o que sentia.

— A gente sempre se arrepende de um cara ou outro. — Ergueu a mão direita colocando uma

mecha do seu cabelo atrás da orelha e levantou em seguida levando sua xícara e prato para a pia.

Começamos a limpar a bagunça e conseguimos voltar a conversar sobre amenidades. Contei a Carter um pouco sobre a minha adolescência com Mary e Josh enquanto ela contou sobre como foi legal morar com o seu pai durante a sua adolescência e que as coisas mudaram um pouco quando ele casou novamente, mas não tive muito mais informações. Quando terminamos de limpar e organizar, Carter foi até a janela novamente. De braços cruzados, ela manteve a sua atenção na rua. Aproximei-me querendo abraçá-la, mas, por algum motivo, não fiz. Apenas parei a seu

lado e tentei entender o apelo da minha janela. Queria perguntar a ela, mas também me acovardei. Ela parecia bem com o silêncio. A noite começava a cair, ficamos desde cedo na cama, explorando nossos corpos e dando prazer um ao outro. O dia passou sem que percebêssemos.

— Cansada? — perguntei, quebrando o silêncio entre nós.

— Bastante. — Sorriu ao responder. Sua atenção saiu da janela e veio para mim. — Eu poderia dormir um pouco.

— Vem — Peguei sua mão e comecei a puxá-la para o quarto. —, vamos dormir.

— Juntos?

— Compartilhamos a cama acordados o dia inteiro. Não vejo problema em compartilhá-la dormindo.

CAPÍTULO 4

Acordamos com o telefone tocando.

Era o meu.

Era a minha mãe.

— Porra! Porra!

— Alguém já te disse que você fala muito essa palavra? — Carter ronronou ao meu lado enquanto eu me sentava e criava coragem para atender.

— É minha mãe. Eu deveria estar em Jérsei

neste final de semana, mas, obviamente, não fui. — Passei a mão nos cabelos me preparando para um longo sermão.

Minha mãe tinha uma mania muito inconveniente de sempre achar que podíamos dar um jeito em tudo, inclusive em uma tempestade de neve. Ainda conseguia me lembrar de quando ela desenvolveu teses para Rose conseguir se equilibrar com Jack em cima da porta flutuante em Titanic.

— Oi, mãe.

— *Estou muito brava. Semana que vem quero você aqui, Alexander.*

E ela desligou.

Eu não esperava por isso.

Deveria ficar com medo?

Minha mãe era a mulher mais dócil e amável do mundo. Mas já tinha algum tempo que eu protelava para vê-los. Eu amava meus pais, mas suas cobranças me deixavam nervoso e desconfortável. Evitei tanto nossas visitas que acho que nem um ataque zumbi aliviaria o fato de que eu não havia ido para casa naquele final de semana, logo, uma nevasca ou uma mulher em minha cama não justificaria a minha ausência.

— Bem, foi mais fácil do que eu estava preparado — disse, olhando para o telefone ainda.

Levantei os meus olhos e vi Carter sentada na cama com as pernas cruzadas e com as mãos nos cabelos, seus dedos passeavam pelo seu couro cabeludo sem parar enquanto ela olhava para o chão. — Algum problema?

— Que dia é hoje? — perguntou sem me olhar.

— Dez.

Ela assentiu.

— Está tudo bem? — Ajeitei-me na cama

— Sim, está... Só estou pensando... é quase Natal.

— Falta um pouco ainda...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você entendeu, Capitão Óbvio. — Ela revirou os olhos em brincadeira, mas parecia incomodada com algo.

— Vai passar as festas com o seu pai?

— Vou — respondeu simplesmente.

— Legal.

Olhei para ela tentando entender aquele desconforto repentino. Simplesmente o clima pesou. Muito. Mas eu não havia feito nada. O que poderia ser? Era a segunda vez que ela acordava meio esquisita. Será que não era uma pessoa matinal? Comecei a me preocupar se tinha feito algo para ela.

PERIGOSAS ACHERON

Bem, eu não fiz nada.

Não me lembro de ter feito algo pelo menos.

Eu fiz algo?

Eu não fiz nada.

Não fiz. Essa garota só pode ser louca...

— Você não fez nada, Alex. Este tipo de época é difícil para mim. Só isso.

Ótimo, pensei alto, novamente!

— Que merda de falta de filtro. Desculpe. — Aproximei-me mais ao seu lado e ponderei por um momento se seria conveniente tocá-la. Talvez devesse perguntar se gostaria de falar sobre o que a incomodava. — Eu realmente não queria que

tivesse ouvido, não acho que você seja realmente maluca. — Ela soltou um bufo em meio a um riso. — Eu... Você quer falar sobre o que está aborrecendo você?

— Obrigada, Alex. — Sua mão tocou meu rosto e seu polegar acariciou minha bochecha. — Você é uma gracinha, mas não, eu não quero falar sobre isso. Eu estou realmente com fome. — Ela saltou da cama e correu para o banheiro.

**

Quando fui encontrar Carter para o café da

manhã, parecia estar mais animada e preparava uma xícara de café.

— Parece que ainda serei sua hóspede — apontou sua cabeça na direção da janela.

Eu não podia explicar exatamente o porquê, mas me senti aliviado ao ver que a neve ainda não tinha dado trégua.

— Parece que você vai ficar mais um tempo comigo. — Iniciei uma busca pelo controle remoto da TV.

— Não é como se eu tivesse opção. — Olhei para ela um pouco ofendido com sua declaração. — Mas estou feliz que estou aqui com

você — emendou rapidamente. — E sempre podemos passar o tempo como ontem. — Ela piscou e riu.

Ergui a sobrancelha para ela procurando manter a *pose blasé*, mas por dentro eu estava tipo:

Sim! Mais sexo! Isso!

Eu tinha dezesseis novamente.

Voltei a procurar o controle remoto embaixo das almofadas.

— Em cima dos DVDs — Carter chamou a minha atenção respondendo à pergunta não feita. Olhei para ela enquanto apontava para a prateleira. — Você colocou lá. — Caminhei até o local e

peguei o controle ligando a televisão imediatamente enquanto rezava para que ainda tivéssemos sinal.

"*As autoridades pedem para que a população fique em suas casas. Um trabalho está sendo feito para abrigar os moradores de rua da região...*''

— Acho que temos sorte de ainda termos energia — murmurei, assistindo ao noticiário.

“... Os meteorologistas alegam que é a maior nevasca dos últimos cinco anos e que se manterá até o final da semana, com pouca probabilidade de acabar, apenas amenizar...”

Era segunda-feira ainda.

“... Os meios de comunicação serão mantidos enquanto for possível, será privilegiado quem utilizar-se de meios via satélite...”

“... Voltaremos com mais notícias..."

Estávamos fodidos.

E eu gostei disso.

Merda.

Caterine estava ao meu lado em um longo processo de catatonia, fiquei olhando para ela sem dizer nada, apenas esperando que dissesse algo, mas ela não parecia querer sair do seu transe. Ficou simplesmente olhando para a televisão. Quando

finalmente voltou a si, me olhou e soltou um longo suspiro.

— Como uma cidade como Nova Iorque não tem um planejamento para isso? — ela se perguntou olhando para a televisão. — O que faremos? — por um momento pensei ter visto algum tipo de fraqueza em sua voz, mas quando percebi um sorriso crescendo em seus lábios, eu soube que ela estava sendo sarcástica.

— Bem... — dei de ombros. — Eu posso ter algumas ideias. — Passei por ela para ir à cozinha ouvindo seu riso baixinho. Eu teria que contabilizar a comida para o resto da semana. Mais cinco dias pelo menos.

PERIGOSAS NACIONAIS

— O Sr. *Tenho minhas camisas arrumadas por ordem de cor e combinando com a gravata* fez uma piadinha sexual? — perguntou atrás de mim.

— O quê? Eu não tenho minhas camisas...

— Ah, tem sim. Aposto que tem. Seu jeito não nega, Alexander. Você treme cada vez que seco a louça e não coloco um garfo em cima do outro e já vi você abrindo a gaveta para conferir se eu tinha feito corretamente.

— Eu apenas gosto de organização — defendi.

— Aham, sei...

— E não fiz piada erótica.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você disse que tinha algumas ideias...

— Sim, eu disse. Foi sugestivo, não erótico. — Dei de ombros em meio à minha justificativa.

— Sei... E quais são suas ideias, afinal? — Ela se aproximou mais, deixando nossos corpos a poucos centímetros de distância.

— Batalha naval, maratona Arquivo X e o melhor... Ordenar minhas camisas por cor — disse, improvisando uma empolgação exagerada. Carter gargalhou aproximando-se mais e colando nossos corpos.

— Oh. Meu. Deus! — Colocou as costas da mão em minha testa. — Você está bem?

PERIGOSAS ACHERON

— O quê? — Tirei a mão dela do local.

— Você realmente fez piada! Você fez. — Caterine bateu palmas e deu pulinhos animados na minha frente, me fazendo rir. — Você finalmente está relaxando.

— Eu não sou tão ruim quanto você pensa. — Nossos olhos trancaram um no outro, os braços de Carter circularam o meu pescoço fazendo eu me abaixar um pouco.

— Eu sei... — sussurrou e beijou meus lábios com delicadeza, nossos olhos permaneceram aberto e nos olhamos enquanto nos beijávamos lentamente. Nos separamos, então eu iniciei minha

checagem de mantimentos.

— Sabe?

— Para a minha decepção, Alexander Hartnett, você não tem nada de ruim. Algumas pequenas, muito pequenas falhas normais, mas ruim? Não. Definitivamente você não tem nada de ruim.

Balancei a cabeça e me voltei para o armário de alimentos, abri as portas e analisei o estoque.

Tenho mais comida do pensei. Jesus, é muita comida... Acho que sou...

— Você é tão exagerado... — Continuou,

Caterine, por mim. — Por que está contando comida? Você aparentemente tem estoque para um abrigo nuclear aqui.

— Você ouviu. Podem ser mais dias... e eu não tinha ideia de que tinha tanta comida estocada — defendi-me coçando a cabeça enquanto olhava para o armário.

— Talvez não, Alex. Talvez tudo se resolva amanhã. — Sua voz não trazia esperança impressa nas palavras que acabara de dizer. Parecia medo. Me ergui e novamente me aproximei dela. Foi a minha vez de acariciar o seu rosto.

— Nós ficaremos bem — informei com

firmeza. — Tudo se resolverá.

Seus belos olhos verdes miraram os meus com o mesmo medo empregado em sua voz.

— Você está com medo da tempestade? — Deixei escapar a pergunta.

— Não, não da tempestade — respondeu com a voz trêmula.

— Então do que es... — Não consegui terminar, os lábios de Caterine estavam nos meus. Sua doce língua invadiu a minha boca e suas mãos agarraram meus cabelos me fazendo esquecer sobre o que estávamos conversando. Assim que nos afastamos, soltei antes que pudesse me parar:

— Você é linda. — Me ouvi dizer. Seus olhos verdes claros brilharam e um sorriso largo de menina se abriu em seu rosto.

— Você acha? — Por um momento, sua postura de mulher poderosa e destemida falhou, como se houvesse uma pequena rachadura em sua armadura.

— Você *é* linda, Caterine Flynn. — Aproximei novamente meus lábios dos seus ouvindo-a suspirar enquanto nos entregávamos a mais um beijo. Forte e apaixonado.

Isso me assustou pra caralho!

PERIGOSAS NACIONAIS

**

Para o almoço, Caterine e eu discutimos sobre quem cozinharia, ela ganhou a luta com um beijo doce. Após isso, ela me enxotou para o meu escritório onde liguei para os meus pais, expliquei tudo o que estava acontecendo na cidade e finalmente consegui amansar minha mãe. Assim que desliguei, entrei em contato com Josh procurando saber como eles estavam.

— *Tudo bem, tenho visto alguns caminhões tentando trabalhar e retirar o gelo, mano. Mas não é prudente sair.*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— E as meninas?

— *Estão bem, Mary é organizada, então estamos abastecidos e Josie está adorando as férias da escola.* — Fiquei aliviado em saber que elas estavam bem. — *E vocês aí?*

— Estamos bem, abastecidos também.

— *Inclusive de camisinha?*

— Adeus, Josh...

— *Espera, conversa comig...* — Desliguei antes que ele terminasse, o que eu menos precisava era do meu irmão enchendo o meu saco.

**

PERIGOSAS ACHERON

Quando o almoço estava pronto, Carter gritou meu nome fazendo com que eu pulasse de susto e bagunçasse o que havia em minha mesa. Imediatamente comecei a arrumar tudo na ordem em que estava, gritando para Caterine que estaria lá em um segundo.

Ao chegar na sala, me deparei novamente com a toalha no chão, em frente à janela e o almoço servido lá. Carter estava sentada servindo nossos pratos quando me aproximei sem conseguir evitar achar engraçada a cena.

— Por que está rindo? — perguntou, se

ajeitando no chão.

— Você realmente tem um problema com mesas e cadeiras ou é com janelas?

— Tenho problemas em seguir a vida como uma ovelha, só isso. Sente-se. Não seja um chato. Mas eu não tenho problemas com janelas. Pelo contrário.

— Qual é a história com janelas? — questionei curioso, analisando o prato que ela havia preparado. Algo simples, arroz, legumes e carne.

— Janelas são possibilidades — explicou. — É a saída quando a porta se fecha. — Seu olhar era melancólico quando respondeu. Tentei

encontrar palavras para lhe dizer alguma coisa, para mudar de assunto talvez, pensei em perguntar sobre todos os dias em que ela acordou e ficou olhando para a janela.

Comemos em meio ao silêncio, mas durante a refeição, deliciosa, diga-se de passagem, o clima pesado foi dando lugar a sorrisos e olhares roubados. Comecei a relaxar novamente ao perceber que Carter colocou a sua breve tristeza de lado.

Era bom estar com ela. Eu quase conseguia esquecer que estava ocioso e que meu apartamento precisava ser organizado com urgência.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Então... você tem mesmo batalha naval aqui? — Olhei para ela pronto para discutir sobre a minha piada anterior enquanto levava o copo de suco em meus lábios. — É sério, sem brincadeiras... temos muito tempo para matar e sexo o dia inteiro é apenas para mocinhos de romances eróticos. — Eu engasguei no meio do gole e comecei a rir.

Então Carter começou a rir junto e, Jesus, ela ria como uma hiena e aquilo só me fez rir mais. Como uma mulher tão bonita e com a voz tão sedutora conseguia relinchar no lugar de rir? Puta que pariu.

— Pare de rir! — exigiu ela.

PERIGOSAS ACHERON

— Não consigo, sua risada é medonha! — Deixei escapar e ao invés de me sentir mal, só consegui rir ainda mais. — De-Des-culpa!

Ela estava vermelha e seus olhos já lacrimejavam de tanto rir.

— Tudo bem, já ouvi isso antes!

Demorou para que pudéssemos nos acalmar. Quando finalmente a última risada escapou e estávamos calmos, retomamos a nossa discussão sobre batalha naval.

— Não, eu não tenho o jogo. Era brincadeira. — Ela bufou limpando seus olhos com um guardanapo de papel. — Mas tenho música e

acho que um baralho em algum lugar — afirmei, envergonhado. Eu absolutamente não tinha nada de diversão em minha casa. — Podemos escutar, conversar, assistir filmes também.

E transar.

Eu podia não ser um mocinho de romances eróticos, mas pensava em sexo com a frequência de um adolescente de dezesseis anos desde que conheci aquela mulher.

— Música é legal... — Carter levantou e foi em direção à minha coleção de CDs. — Uau! Quanta coisa... — Olhava e passava seu dedo indicador nos títulos enquanto caminhava

vagarosamente de um lado para outro. — Uh... Bon Jovi! Parece que temos um apreciador...

— Ganhei de presente... — Apressei-me em dizer, dando em ombros. Mary havia me dado, na verdade, um vale presente, e eu achei que seria bom. Josh disse que as mulheres ficavam excitadas ouvindo aquilo, era bom para criar clima. Mas eu realmente nunca lembrei dele.

— Nota-se, você nem tirou o plástico... — observou, tirando o CD da prateleira. — Uhhhh... é uma coletânea. — Enfiou o dedo para tirar o plástico e quase tive uma úlcera.

Eu tinha verdadeiro pavor que qualquer

lacre, envelope, correspondência, até o papel de cima da manteiga fossem retirados por alguém além de mim. Mas se eu demonstrasse qualquer coisa parecida com um ataque, daria mais armas para garota maluca com risada de hiena contra mim. Engoli meu orgulho e deixei que ela colocasse o CD na aparelhagem de som enquanto sentia o meu olho contrair.

— Vamos ver por onde começamos...

— Pela primeira música... — Que porra de dificuldade de seguir a ordem das coisas?

— Mas a primeira música é chata — contrapôs suavemente, lendo a contracapa do CD.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mas deixa tocando, ir na ordem — insisti, sem conseguir me controlar.

— Você tem uma espécie de TOC? É tão certinho e metódico. — Largando o CD em cima do aparelho, andou para o sofá e se jogou lá. Andei até onde ela estava antes e imediatamente guardei o CD no seu lugar.

— Não sou... — Ao me virar, ela tinha uma sobrancelha erguida para mim, como se eu tivesse sido pego no flagra fazendo algo errado. — Eu só gosto de organização — defendi-me.

— Mantém suas revistas ao lado da sua cama em ordem numérica por edição. —

PERIGOSAS ACHERON

Cantarolou a informação como um grande trunfo para confirmar sua acusação.

Minhas revistas...

Espera!

— Você mexeu nas minhas coisas? — Minha voz quase saiu desafinada.

— Não... Mary Anne me contou quando ela e Joshua nos trouxeram. Ela disse para eu olhar, mas você gritou para eu deixar as minhas digitais longe das suas revistas. — Ela ria enquanto falava e selecionava a música que queria. — Blaze for glory! — exclamou como se fosse a melhor música do mundo. — W*ake up in the morning, And I raise*

my weary head, I've got an old coat for a pillow.

Parecendo possuída, Carter começou a cantar e dançar em volta de mim no maior estilo cowboy do velho Oeste e me puxar para meio da sala. Eu não dancei, é claro. Permiti que ela balançasse meus braços enquanto tentava avisar que os vizinhos reclamariam do barulho, mas ela não ligava, jogava sua cabeça de um lado para o outro e acompanhava a música alta.

— Vamos, não seja mal-humorado... temos mais quatro dias para nos distrair. Seja mais solto, Alex. Lembre-se da minha risada, ou posso rir daquela forma para você... — Sem conseguir evitar a gargalhada, joguei a cabeça para trás. A mulher

era completamente maluca. Puxei ela para os meus braços fazendo com que parasse e olhasse para mim.

— Eu disse que tinha algumas ideias. — Aproximei meu corpo um pouco mais e toquei seus lábios com os meus, arrancando um suspiro dela. Nossas bocas ficaram abertas se acariciando em um beijo nada inocente.

Permiti-me apenas aproveitar aquele momento, entender de que a tinha em meus braços e de quem ela era ou se mostrava para mim. Caterine era confusa, e estava causando uma grande confusão em mim também. Pois, naquele momento, comecei a imaginar como seria se não

nos focássemos em apenas transar para passar o tempo, mas aproveitar o que ambos tínhamos a oferecer. Querendo tornar aquilo especial, a peguei no colo fazendo-a enroscar suas pernas em minha cintura e fui até a janela, encostando-a lá. Então, nós apenas nos beijamos, escorregamos pelo vidro até nos sentarmos no chão sem desgrudar nossos lábios. Aproveitando cada beijo, formando um pacto silencioso.

Os próximos dias seriam para esquecermos o que havia lá fora e nos dedicarmos ao que havia do lado de dentro.

Se ninguém entrava e ninguém saía, aproveitaríamos até o último momento.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 5

Quarta-feira.

Cinco dias com Caterine dentro da minha casa.

A neve não dava trégua e eu estava muito feliz com isso. Cinco dias parecem pouco, mas experimente conviver com uma pessoa vinte e quatro horas por dia. Apenas com ela. Converse com ela, faça refeições com ela, faça sexo com ela e veja o que acontece.

Nunca mais condenarei as pessoas que se trancam em casas de reality shows. Nunca mais.

PERIGOSAS NACIONAIS

Carter já era uma amiga. Tudo bem, uma amiga que eu fazia sexo, mas ainda uma amiga. Criamos uma pequena rotina, cozinhávamos juntos, conversávamos sobre as mais diferentes coisas e, incrivelmente, concordávamos sobre muitas coisas.

Eu a ensinei a jogar pôquer quando achei meu baralho. Ela me ensinou a fazer um doce com bananas, açúcar, queijo e raspas de laranja. Eu parei de resmungar sobre a janela e ela parou de me chamar de resmungão ou bebê chorão. Diminuímos a quantidade de sexo pois eu estava ficando sem camisinha, mas nem por isso deixamos de nos beijar, acariciar e dormir colados.

Merda, o que estava acontecendo?

PERIGOSAS ACHERON

— Bom dia... — sussurrei em seu ouvido enquanto beijava seu ombro nu.

Caterine se espreguiçou e rolou de forma que seu rosto ficasse colado em meu peito. Ela me abraçou e o beijou dando um estalo em minha pele antes de responder.

— Bom dia... — Sua voz estava rouca e me fez rir. — Eu sei, voz de homem e risada de hiena.

Levantei da cama e fui ao banheiro para escovar os dentes, quando percebi, Carter estava ao meu lado com seu pequeno estojo de maquiagem e escovando seus dentes também. Levantei a sobrancelha para ela, e ela para mim. Como se

estivéssemos percebendo só naquele momento o que estávamos fazendo.

Sabíamos que escovar os dentes lado a lado era algo extremamente particular, mas, de algum modo, nenhum de nós se importou realmente.

Quando terminamos, Caterine tomou minha mão me puxando de volta para o quarto. Mais precisamente para a cama.

— O que está fazendo...? — perguntei com esperança, mas me mantive calmo, tentando não parecer uma cadela no cio.

— São nove horas da manhã, pequeno Alex.

— Não me chame assim... — pedi,

incomodado.

— Ok, que seja, vou te chamar de grande bebê chorão, então.

Bufei e me deitei na cama ao mesmo tempo em que ela se atirou ao meu lado.

— Então, bebê, são nove da manhã, semana de neve, podemos ficar na cama o dia todo. — Olhei para ela contendo o sorriso. Que homem não gostaria de ouvir aquilo. — Tire esse brilho tarado do olhar. Claro que podemos fazer isso também, mas eu estava pensando em fazer, sabe... nada.

Nada?

Bem, eu nunca tentei isso realmente, seria

uma ideia, mas não podia exatamente dizer que seria uma *boa* ideia. Coisas como: *nadismo*, sedentarismo, vadiagem... essas coisas tendiam a ser como o crack, viciavam a pessoa na primeira vez que experimentavam. Mas o que eu iria fazer, afinal de contas?

É, foi o que pensei.

Nada. Eu não podia fazer nada com relação a fazer nada.

— Alex, você está divagando. — Meu pensamento foi interrompido.

— Falei alto novamente?

— Não, mas já consigo perceber quando

você está pensando demais.

Como ela já conseguia me ver assim tão claramente, eu realmente não sabia. Mas era estranho o quão bem ela já me conhecia.

Nunca fui de acreditar no destino, na verdade, acreditava que quem fazia o destino éramos nós. Nós procurávamos nossos objetivos, traçávamos nossas metas e, quando fosse necessário, lidaríamos com as situações que apareceriam. Mas naquele momento, vendo Caterine Flynn ao meu lado, na minha cama, sendo o completo oposto de tudo que eu procurava em uma mulher, eu não estava mais tão certo disto.

E quando ela for embora? Nos veremos novamente? Ela é amiga de Mary, afinal eu poderei vê-la e ser seu amigo também, por que não? Minha família vive me dizendo que sou antissocial, que minha vida se resume em trabalho, talvez uma boa amiga me traria bons benefícios.

— Você continua pensando demais. O que é? — perguntou, agora virando os olhos para mim.

— Hum... você não ia querer saber — respondi me aproximando e puxando o seu rosto para beijá-la, toquei seus lábios de leve fazendo ela virar seu corpo completamente e colar ao meu.

— Isso é bom — sussurrou.

— O que exatamente? — perguntei no mesmo tom que o dela.

— Ficar assim, fazer nada, estar com alguém...

Estar com alguém...

Contei sobre minha vida amorosa quase inteira para ela, mas em nenhum momento Carter falou sobre a sua. E se ela tivesse um namorado e por isso não queria falar? Resolvi que não queria ficar sem aquela informação. Se tinha um cara esperando por ela lá fora, eu queria saber.

— Você tem alguém? Um namorado? — Meu questionamento foi despreocupado, mas,

dentro de mim, uma insegurança bateu.

— Se tivesse, não estaríamos assim... — Apertou-se a mim, dando a sua resposta.

— Bem, há relacionamentos abertos. Ou pessoas que simplesmente traem... — justifiquei.

— Bem, relacionamento é uma questão complicada para mim — Olhou em meus olhos antes de continuar. —, mas acho simplesmente repugnante trair alguém com quem se está. Não se trata apenas de fidelidade, mas também de lealdade. Você trair a confiança de alguém, seja em qualquer quesito, é algo que me incomoda muito. — Seu rosto estava transformado em uma carranca

vermelha.

— Bem, eu concordo que não é uma demonstração de bom caráter, mas apenas disse que... — *Nossa, mas eu não consigo dar uma dentro mesmo*. — Não era um julgamento, era uma pergunta honesta — suspirei cansado.

— Eu sei, me perdoe, por favor... Eu só não gosto de traição, de nenhum tipo.

— Então, você não tem ninguém... e mencionou no primeiro dia que sair com estranhos não é comum para você — comentei, mudando de assunto, mas não tanto.

— Não. Não costumo transar com homens

aleatórios e desconhecidos e ainda me alojar na casa deles por vários dias — brincou, finalmente relaxando em meus braços. — Mas você é cunhado de Mary Anne, e ela ficou tão feliz quando nos viu juntos. Logicamente, eu não era a escolhida para estar na sua cama, ela queria lhe apresentar outra pessoa, mas ficou satisfeita quando viu que nos entendemos.

Mary sempre tentando me salvar. E na maioria do tempo, se metendo na minha vida!

Mas daquela vez eu não podia dizer que estava chateado em ter Caterine em minha casa.

— Ela sempre foi uma grande amiga,

quando casou com Joshua fiquei satisfeito em saber que eu a teria para sempre em minha vida — confidenciei.

Carter se ajeitou e deitou a cabeça no meu braço. Sua mão descansou sobre o meu peito fazendo com que eu me ajeitasse e ficasse deitado completamente de costas.

— Ela tem carinho por você. Pediu para eu cuidá-lo.

Eu sabia que Mary me amava, mas era bom escutar de qualquer forma.

— E você? Tem alguma amiga assim? Que você pode contar? Aposto que...

— Não. — Ela foi categórica. — Digo, eu tinha, mas o... tempo nos afastou.

— Então você é sozinha aqui? Por que não fica com o seu pai em Jérsei, então?

— Muitas perguntas, Hartnett — declarou, tentando escapar novamente das questões mais pessoais. Decidi por não a atormentar com aquilo.

— Muitos namorados no passado? — brinquei, tentando descontrair.

— O quê? Vamos fazer esse jogo mesmo? — Sua voz carregava um sorriso.

— Está fugindo, Flynn, se não quiser responder só passe, estou tentando manter nossos

dias ocupados... — Ela riu e se virou de bruços apoiando seu corpo nos cotovelos e mantendo sua cabeça erguida.

— Não. Não muitos. Tive apenas um namorado de verdade. — Vago. Muito vago. — Você?

— Bem, até eu ir para a Escola de Direito eu, digamos, aproveitei — respondi com modéstia.

— Hum... você era o garoto mais bonito da escola — constatou, como se tivesse entendido através do que eu havia falado.

— Eu chamava um pouco de atenção. — Ela gargalhou com minha tentativa de parecer

humilde e eu também. — O quê? A escola que eu estudava era pequena...

— Quão modesto você pode ser? Tenho certeza que você era o rei do baile — afirmou com convicção. Sorri para ela e levei minha mão até seu rosto, coloquei os cabelos soltos atrás de sua orelha e olhei em seus olhos por um segundo.

— Vem aqui — sussurrei para ela puxando seu braço e a colocando mais em cima de mim. Sem tirar meus olhos dos dela, ergui minha cabeça e beijei seus lábios vagarosamente, provando o gosto do creme dental junto com algo característico dela que eu não sabia decifrar. Suas mãos subiram para o meu rosto, cada uma em um lado, seus

polegares me acariciando enquanto minhas mãos brincavam com os seus cabelos. Sua doce língua brincou com a minha sem qualquer pretensão, apenas me beijando. Assim como eu estava fazendo com ela. Quando nos separamos, ela me deu mais um beijo estalado e voltou para a sua posição ao meu lado.

— Quanto tempo faz que seu pai se mudou para Jérsei?

— Definitivamente, dois anos — respondeu, desviando o seu olhar. — Mas ele já namorava minha madrasta, então ficava indo e voltando, até que eu disse para ele ficar lá. Mais alguma pergunta? — Revirou os olhos como se

estivesse entediada.

— Hum... Não sei. Cite curiosidades. — Cruzei meus braços atrás da minha cabeça e esperei por suas palavras.

— Vamos ver — ela pensou por um momento. — Eu sonho em preto e branco às vezes e posso me acordar de dentro do sonho. Apenas digo: Você está sonhando, estúpida, acorde. E abro meus olhos. Eu gosto de fingir que estou no meio de um videoclipe ou musical quando estou andando na rua escutando música, odeio ervilha, acho extremamente libertador tomar água direto da boca da garrafa usando apenas um par de meias e calcinha e eu tenho meus demônios, mas não quero

realmente compartilhá-los com você, desculpe. — Em seus olhos eu podia ver que ela estava implorando para eu não forçar aquele assunto.

Eu não era um promotor ali, eu era um cara encantado por uma garota, que só queria saber mais sobre ela. Mas, novamente, nos conhecíamos há quatro dias apenas, era compreensível que ela não quisesse se abrir. Pensando nisso, eu apenas foquei na próxima coisa que me deixou intrigado.

— Você bebe água da boca da garrafa? — Ela começou a gargalhar. — Isso é nojento. *Sexy*, mas nojento também.

Brinquei.

— Você é doente, de tudo, ouviu apenas isso. Odeio você — disse brincando.

Eu havia escutado cada palavra do que ela tinha dito, mas queria quebrar o gelo.

— Vamos lá. Você não me odeia. Deve ter algo de bom em mim... Que você goste. Hum? — pedi me aproximando e a puxando para ficar em cima de mim novamente, ela se ajeitou em meu corpo e olhou nos meus olhos.

— Você tem coisas boas, Alex... muito boas — sussurrou passando seu pequeno nariz no meu, eu podia ver o reflexo do seu sexy piercing enquanto ela acariciava meu rosto, até que me

beijou com paixão.

Aquele pacto silencioso que fizemos em aproveitarmos o máximo estava dando mais do que certo.

Eu sou humano, lógico que eu gostaria de passar o resto dos dias em uma cama com ela, mas ainda queria conhecê-la, saber da sua vida, dos seus planos. Entretanto, suas respostas sempre me levavam ao mesmo questionamento:

O que aconteceu com esta mulher?

Mas se ela não estava disposta a falar, eu apenas poderia desfrutar da sua companhia.

Ela definitivamente estava aproveitando

aquele momento também, mas não parecia se questionar como eu. Parecia muito certa do que estava acontecendo ali. O que me tranquilizava e assustava ao mesmo tempo.

E se ela quisesse mais?

E se ela simplesmente fosse embora e nunca mais aparecesse?

As duas perguntas me assustavam pra caralho.

A segunda muito mais do que a primeira.

Suas mãos passearam sobre o meu peito fazendo com que eu me arrepiasse imediatamente, minha excitação aumentava a cada toque, como eu

jamais poderia ter imaginado ser possível.

Ela sabia que me deixava assim, Caterine era o tipo de mulher que poderia incendiar qualquer homem com a sua loucura e erotismo. Virei nossos corpos e imediatamente tirei sua/minha camisa e me pus a beijar seus seios perfeitos. Seu corpo me passava a sensação de ser completamente quebrável, ela era tão delicada, sua pele tão branca, sua textura tão aveludada, que era como se eu estive a... ugh... profanando? Ao mesmo tempo era um corpo forte, duro em todos os locais certos e cheio de segundas intenções.

Suas ações eram de uma menina. Seus olhos me diziam o oposto. Os olhos de Carter eram

quentes e adultos, me diziam que ela havia vivido o suficiente, tanto que ela se permitia viver aquele momento com um cara que ela mal conhecia.

Ela me permitia entrar em seu corpo e nestes momentos me fazia acreditar que até a sua alma era minha, embora, nunca seus pensamentos. Caterine Flynn era um livro aberto, até o capítulo principal. Ela não queria falar sobre o seu maior momento, aquilo que cada ser humano leva consigo. A bagagem. Fosse dolorosa ou não.

Sabendo que ela não se abriria e que não tinha tempo para reverter tal situação, restava-me aproveitar o que ela tinha para me oferecer.

— Venha, Alexander, vamos nos divertir — propôs enquanto suspirava. A invadi devagar, sem força, apenas para que aproveitássemos a sensação. Eu tinha que aproveitar o máximo. Antes que eu não tivesse mais seu corpo disponível para mim.

Ou que as camisinhas finalmente acabassem. Era muito bom que eu fosse exagerado em minhas compras.

Após algum tempo, difícil de dizer quanto, nós adormecemos. Ela primeiro, eu demorei mais, pois nunca gostei de dormir sem tomar banho. Lentamente me levantei e fui em direção ao banheiro, liguei a ducha no máximo e bem quente e me enfiei embaixo. Enquanto procurava relaxar,

procurei não pensar em Caterine. Busquei listar o que eu teria que fazer quando voltasse das férias. Mas, porra, eu só conseguia pensar nela e no quão complexa ela era.

Balancei minha cabeça para ter alguma clareza e talvez, só talvez conseguir tomar meu banho e voltar para a cama com ela. Mas, de algum jeito, o Alex obsessivo tomou conta dos meus pensamentos.

Ela está toda suja naquela cama...

É, mas por algum motivo, não me importo.

Ela está fedendo, provavelmente. Nós fizemos sexo por um bom tempo, suamos.

Não seja ridículo. Nem jogando três partidas de basquete ela conseguiria feder.

Oh, cara! Você está tão ferrado.

Cala a boca!

Meu Deus, essa garota me fez desenvolver algum tipo de esquizofrenia? Eu estou discutindo comigo mesmo.

Eu estava tentando encontrar algo que eu não gostasse nela, mas mesmo as coisas que eu não gostava, entendia e aceitava.

Me sequei e segui para a cama onde a vi deitada na diagonal, ela havia tomado conta da cama toda? Como uma pessoa tão pequena pode ser

tão espaçosa?

Phoebe era espaçosa também...

Se ela fosse parecida com aquela megera em outros quesitos eu teria que jogá-la pela janela em breve. Olhei para ela na cama novamente, ressonando e soltando pequenos e baixos gemidos enquanto dormia profundamente.

Não havia nenhuma forma daquela mulher ser como Phoebe. Ela era tão linda e...

Merda! Melhor dormir, pensei, tentando recobrar algum sentido.

Deitei na cama e delicadamente, o quanto eu pude ao menos, a empurrei para que me desse

algum espaço para dormir.

E novamente ela dormiu em meus braços.

— Alex! — murmurou baixinho. Estava sonhando. Perguntei-me se era em preto e branco.

Se o sonho for bom, espero que não diga a ela mesma para acordar.

CAPÍTULO 6

— Mais... forte... — pediu ofegante enquanto eu investia cada vez mais forte.

Essa mulher ainda me mataria de alguma forma, e eu não me importava.

Nossas pélvis se batiam de forma violenta e nossos corpos suavam em pleno inverno de Nova Iorque, o rosto dela estava vermelho e seus olhos brilhavam mudando de tonalidade para um verde mais escuro.

Puxei sua perna por trás do joelho e a encaixei em minha cintura, entendendo o recado ela

ajeitou a outra cruzando as duas e grudando ainda mais nossos corpos. Quase ergui seu corpo com o tamanho da investida que dei, ela gemeu alto e nesse momento eu nem me importei mais com o que os vizinhos poderiam pensar. Faltava pouco para ela ir embora e eu queria tudo que poderia pegar dela.

Egoísta do caralho.

Era sexta-feira e a neve começava a dar trégua. Carter e eu apenas olhamos pela janela na quinta à noite e silenciosamente vimos que o nosso tempo estava acabando. Percebemos que nunca perdemos luz, ou internet, mas nos últimos dias sequer tínhamos nos importado com isso.

Ouvíamos os caminhões da prefeitura trabalhando com afinco para finalmente liberar as ruas e a população voltar à vida normal. Josh ligou e comemorou, mas eu o dispensei rapidamente.

Então, sexta, quando acordamos, sequer falamos, apenas fizemos mais sexo tentando aproveitar os momentos que ainda tínhamos juntos.

Depois de termos quase desmaiado naquela cama, resolvemos nos levantar e tomar um bom banho, juntos novamente, brincamos e nos esfregamos enquanto a água quente escorria pelos nossos corpos. Eu podia sentir o gosto dela em meus lábios inchados ainda, analisei seu rosto e sorri percebendo que seus lábios estavam do

mesmo jeito que os meus e seus olhos continuavam mais escuros e brilhantes. Era como se fizéssemos isso há meses, roubamos beijos um do outro e me peguei acariciando seus curtos cabelos sob o pretexto que os estava lavando para ela.

Fomos direto almoçar, pois já havia passado da hora do almoço há muito tempo, Caterine preparou rapidamente um espaguete ao molho branco e bacon para nós. Fiz suco com as últimas laranjas que haviam na geladeira e desta vez, graças ao bom Deus, nos sentamos à mesa. Acho que ela não queria mais ver a neve, enjoava a partir do momento em que nenhum prédio mais ficava visível.

— Você me disse que seu pai se casou novamente, e sua mãe? — Largando o garfo, Carter me fitou com tristeza, deu um suspiro, mas nada disse por um longo momento.

— Minha mãe mora na Califórnia. — Começou sem querer falar, eu estava pronto para mudar de assunto quando continuou. — Ela abandonou meu pai e eu quando tinha dez anos. Não a vejo desde então.

— Eles brigaram?

— Eles se casaram cedo porque minha mãe engravidou... de mim, bem, ela aguentou dez longos anos até dar seu *grito de liberdade*. — Ela

deu em ombros tentando provar que não era nada de mais. — Eu não a vejo, não abro suas cartas e não atendo seus telefonemas, meu pai nunca me forçou. E todos viveram felizes para sempre. — Seu sorriso não chegou aos seus olhos, mas eu não quis continuar com aquela conversa, não quis fazê-la passar por isso, não quando estávamos perfeitamente felizes dentro daquele apartamento.

Mesmo com a neve dando trégua, eu tinha esperança que tivéssemos mais dois dias. Queria falar com ela sobre isso, pedir para ficar, mas tinha medo de simplesmente ouvir um não.

Eu poderia dizer que era um cara sem fantasmas, regrei minha vida para que não

houvesse pendências ou assuntos inacabados, tudo para mim era preto no branco, bem resolvido, sempre colocando as cartas na mesa para bom entendimento de todos os interessados. Mas ela, eu tinha a nítida sensação de que a sua vida era um monte de pontas soltas. E a minha curiosidade sobre ela aumentava cada vez mais. Parte porque eu só queria que ela ficasse falando para eu ouvir. Parte porque eu queria ser aquele que a ajudaria a passar pelo que seja que ela estivesse passando.

Que porra estava acontecendo comigo?

— Isso realmente está bom — elogiei apontado para a massa que ela havia feito.

— Obrigada. Sou a rainha do improviso. — Esse tipo de declaração me dava arrepios na maior parte do tempo, improvisar era algo que eu não tolerava, tudo deveria ser organizado e planejado, assim nada daria errado. — Quase não tenho tempo para cozinha bem elaborada.

— Mas você disse que não trabalhava muito, apenas o suficiente...

— Bem, sim... ganho algum dinheiro e vou guardando — respondeu e nada mais disse. Ainda não entendia porque ela largou a advocacia.

— Estou ouvindo — disse pouco antes de tomar um gole do suco.

— Bem, eu já disse... Passeio com cães, às vezes ajudo pessoas com trabalhos acadêmicos na área criminal. Eu guardo o dinheiro. — Deu de ombros e se calou, voltando a comer.

Sempre muito vaga. Isso me deixava com dor de cabeça às vezes.

Ou sempre.

Comemos enquanto conversávamos e deixamos a louça para mais tarde. É claro que essa ideia foi dela. Eu nunca deixaria louça para lavar depois, eu poderia ter colocado na máquina ao menos, mas não. Ela não permitiu. Simplesmente me puxou para a sala.

— Tem sorvete?

— Está frio...

— Apenas lá fora. E nunca é frio demais para sorvete — afirmou, voltando para a geladeira.

— Tem alguns sabores...

— Ótimo. — Ela virou as costas prontamente e fiquei na sala à sua espera.

Em mais algum tempo, ela apareceu com o pote de sorvete e duas colheres.

— O que está fazendo? — perguntei, me sentando ereto.

— Que cara de pavor é essa, Alex?

— Não é pavor... O que faz com esse pote? — apontei para o pote em suas mãos.

— É sorvete. — Sua voz saiu arrastada quando falou, como se estivesse me explicando algo muito complexo.

— Percebi... e por que não estão em potinhos? Tem um monte de taça para sobremesa em algum lugar...

— Mas direto do pote é melhor, lembra? Dia de neve... — Oh não! Ela se aproximou e sentou ao meu lado no sofá.

— Mas em potinhos...

— Pelo amor de Deus, Alexander. Relaxe.

Cristo! É só sorvete, nós não vamos estragar o seu precioso sofá.

— Eu não...

— E chega de negação. — Ela pegou uma das colheres cheia de sorvete de chocolate e enfiou na minha boca. Era tão frio que queimou meus lábios e quando engoli, congelou a porra do meu cérebro.

— Ow, aw! — reclamei levando a mão na testa.

Caterine montou em meu colo e distribuiu beijos pelo meu rosto.

— Me desculpe! — Ela agora passava seus

pequenos dedos tirando o restante do doce de meus lábios, fiquei olhando-a enquanto fazia aquilo e não pude deixar evitar que meu estômago revirasse. Finalmente percebendo o que estava acontecendo comigo, e aquilo só me deixou com medo.

Descontrolado.

Ela iria embora, porra!

Notando que eu estava olhando sua ação. ela parou e me fitou por um tempo antes de tomar meus lábios delicadamente nos seus.

Suas mãos acariciaram o meu rosto com uma delicadeza ainda maior do que ela vinha mostrando. Ela suspirou e quando vi que ia parar

movi minhas mãos para seus quadris impedindo que ela saísse dali. Nosso beijo retomou aquele mesmo ritmo calmo, acariciei seu quadril e subi minhas mãos pelas suas costas enquanto seus dedos desenhavam meu pescoço, eu nunca havia me sentido daquela forma, como se estivesse sentindo pura afeição, carinho...

**

— Está um pouco frio — Carter disse enquanto encolhia seus pés para baixo das minhas pernas. Levantei-me prontamente e peguei o

edredom da minha cama para colocar sobre ela. Nós nos cobrimos e assistimos a um filme enquanto nos beijávamos, acariciávamos.

— Você é tão linda, Carter — sussurrei levantando seu cabelo, expondo a sua nuca lisinha e deixei um beijo ali.

— Obrigada. — Ela girou seu corpo ficando de frente para mim. — Você me faz sentir assim — disse entre beijos delicados.

— Carter, sobre a neve...

— Não! — pediu baixinho. Sua mão acariciou meu rosto. — Não.

Então voltou a me beijar.

PERIGOSAS NACIONAIS

**

No dia seguinte a minha apreensão aumentou. Sexta-feira. A rua estava praticamente toda limpa e a neve era discreta enquanto caía. Como uma semana normal de Natal. Natal...

Era quinze de dezembro. Meus pais estavam me esperando em breve, provavelmente no sábado, já que a neve já não era mais um problema. Mas eu não queria perder o último dia com Carter.

Ao voltar do quarto a ouvi falando ao telefone com o seu pai.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu estou bem pai... sim, fiquei encurralada aqui, mas está tudo bem... Desculpe, pai, eu avisei que estaria bem, com um amigo... Tudo bem, não farei mais. Ok, amo você também. — Ela sorriu com algo que ele tenha falado e logo desligou.

— Seu pai está preocupado. — Deduzi.

— Ficou preocupado que eu liguei apenas uma vez — explicou, colocando o telefone de volta na base dele. — E está querendo conhecer meu namorado. — Ela revirou os olhos bufando, me senti um pouco tímido, provavelmente estava vermelho. — Ele acha que estou inventando que estou na casa de um amigo... Eu também não

poderia contar que vim parar aqui para me satisfazer e satisfazer você, é claro. — Riu, mas não achei graça.

— Não fale como se você fosse uma...

— Prostituta? — Ela estava séria. — Sério, Alexander, você acreditou em todo o meu papo...

O quê? Como...

— Do que está falando?

— Estou falando que fui paga para animar você, baby... — Ela revirou os olhos como se estivesse sem paciência.

Senti minhas pernas trêmulas ao ouvir ela me chamar de baby. Eu era um maricas.

Cerrei meus olhos para ela e em seguida disse:

— Eu não vou cair nesta. Pare com suas piadas bobas.

— Ok, desculpe. Eu não sou prostituta, continuo sendo advogada que passeia com cachorros, ok? Agora venha cá... — Estendeu a mão para que eu a acompanhasse na cama.

Deitei ao seu lado e a olhei por um tempo antes de criar coragem para falar.

Na verdade eu não sabia bem o que dizer, mas tinha uma vontade louca de não ficar sem o contato dela.

— Estava pensando... depois que... bem, depois que tudo aqui acabar e... — Carter não me deixou terminar, quando percebi estava em cima de mim me calando com um beijo forte e apaixonado.

Aquele beijo não tinha nada de delicado, era apenas ansioso. Suas mãos passearam por baixo da minha camiseta provocando arrepios por todo o meu corpo. Soltei um gemido involuntário, mas fui capaz de pará-la segurando seus braços e a afastando de mim. Ela me olhou confusa, mas acomodou-se do meu lado e permitiu que eu acariciasse seu corpo pelo resto do dia. Apenas assim, ficamos deitados, acariciando um ao outro. Eu com ânsia para pedir a ela seu telefone, para que

me desse o seu endereço e a sua amizade. Ao menos sua amizade. Eu entendi que ela não queria falar naquele momento, mas no dia seguinte eu falaria com ela de um jeito ou de outro, tínhamos que continuar nos vendo, de qualquer forma.

**

Finalmente a noite caiu, nos preparamos para nos levantar e comer algo.

Eu cozinhei desta vez.

Fiz omeletes.

Comemos em silêncio. Eu poderia dizer que

embora aliviados com o final de tudo, a atmosfera estava triste.

Após o jantar ela foi lavar a louça, e eu fui preparar uma surpresa para ela na sala. Era a minha vez de ser espontâneo.

Ela estava pronta para começar a lavar quando peguei a sua mão e a levei para a sala.

— Alex! — Um sorriso enorme se espalhou em seu rosto enquanto ela olhava para o meu gesto simples. Virei o sofá para que ficasse de frente para a grande janela que ela tanto gostava e coloquei um cobertor lá para nós. No som tocava baixinho o CD do Bon Jovi, que foi o que ela mais gostou, eu a

levei para a janela e nos sentamos no sofá.

— Essa música é linda — murmurou, olhando fixamente para a janela.

— É uma bela canção. — Eu havia escolhido de propósito. Quando procurei na contracapa me deparei com *Never Say Goodbye*, propício para o momento. Acho que estava sendo um pouco romântico demais, mas eu só queria agradá-la, para que nossa conversa fosse mais fácil no dia seguinte. — Como você.

— Eu sou uma bela canção? — Carter riu, mas não olhou para mim. Peguei seu rosto e fiz ela me olhar.

— Você é bela como uma canção, como mulher...

— O que está fazendo, Alex? — Interrompeu com a voz rouca, parecia embargada.

— Carter, eu queria...

— Não faça isso, Alexander. Não estrague tudo — pediu com nervosismo em seus olhos.

— Mas...

— Não, apenas fique comigo essa noite. — Implorou se aproximando e beijando meus lábios. Minhas mãos pegaram seus braços e afastaram ela de mim.

— Amanhã, Carter. Amanhã conversaremos

sobre isso. — Ela assentiu e voltou a me beijar.

Retirei sua blusa expondo seu belo corpo, o corpo que eu havia aprendido a tocar e foder da forma que ela gostava. Puxei ela para o meu colo e encostei no sofá acariciando seus belos seios, puxei ela para que pudesse saboreá-los enquanto suas mãos acariciavam meus cabelos.

Nossas roupas fugiram de nossos corpos rapidamente, assisti Caterine colocando o preservativo em mim e vagarosamente deslizar nele. O movimento foi lânguido e nossos olhos conectados, abertos, querendo aproveitar cada segundo de tudo o que estava acontecendo naquele momento. Seu corpo era iluminado pelas luzes dos

outros prédios e pelo reflexo da pouca neve que ainda caía.

Minhas mãos descansaram em seus quadris e guiaram seus movimentos dando a nós dois ainda mais prazer. Caterine gemeu e parou por um momento apenas para deitar no sofá e me puxar para cima dela. Puxei o cobertor por cima de nós e lentamente guiei meu pau para dentro dela, comecei a investir em um ritmo vagaroso, me enterrando vez ou outra, provando do gosto da sua pele.

— Alex... — gemeu, passando as mãos por minhas costas até chegar em meu traseiro. Suas unhas apertaram e arranharam fazendo com que eu

a penetrasse com mais força e rapidez.

— Deus! Tão boa... — murmurei, beijando seus lábios com desespero, sentindo seu corpo se entregar completamente a mim, sentindo-a se despindo de qualquer medo, qualquer barreira.

O ritmo aumentou até que nossas explosões chegaram de forma arrebatadora. Encostei minha testa na dela, e apenas o brilho da rua iluminava nossos olhos. Nosso olhar silencioso que dizia tudo e ao mesmo tempo fazia com que eu não entendesse absolutamente nada.

Tínhamos feito amor.

Foi calmo e intenso. Ela adormeceu mais

tarde e eu apenas fiquei olhando enquanto me despedia silenciosamente dela, talvez demorasse algum tempo para nos vermos novamente, talvez ela nem aceitasse me dar o seu telefone. Mas eu definitivamente tentaria.

Imaginei como seria o dia seguinte:

Nós, na hora da despedida, dando um abraço desajeitado enquanto ela me agradecia pela hospitalidade e eu mexia em meus cabelos totalmente sem graça pela situação. Talvez eu a beijasse, mas talvez ela não quisesse, afinal, nosso acordo era enquanto a neve caía. E, se a tempestade se fora, amanhã o dia apenas seria úmido, as calçadas escorregadias e minha casa vazia.

Senti novamente aquele aperto em meu peito. Fechei meus olhos querendo que fosse segunda-feira novamente. Que pudéssemos aproveitar mais um pouco.

Por fim, caí no sono, e quando acordei novamente já era dia e estava sozinho na cama. Gemi sentindo a luz forte da rua atingindo meus olhos e imediatamente percebi onde eu estava. No sofá. E sem Caterine.

— Carter? — Chamei, me levantando e olhando para a cozinha.

Eu a procurei por todos os lugares, mas ela não estava. Quando cheguei em meu quarto, as

roupas que ela vestia no dia anterior estavam cuidadosamente dobradas sobre a minha cama. Ela havia ido embora? Sem se despedir? Sem dizer adeus?

Caminhei um pouco catatônico para o banheiro sem saber o que fazer quando me deparei com uma mensagem no espelho, escrita com batom vermelho:

Um final clichê para uma semana fora do comum.

Foi bom!

Obrigada, Alexander.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 7

Eu estava bravo.

Eu estava muito, mas muito bravo mesmo.

Por que diabos ela tinha ido embora daquele jeito?

Olhei para o seu recado engraçadinho no espelho sentindo que estava a ponto de explodir enquanto tentava entender por que ela faria algo tão rude.

Entender por que ela tinha ido embora, por que ela não havia se despedido, por que ela não

tinha aberto mais da sua vida para mim.

Saí do banheiro e fui para a sala, eu ficaria careca em breve, se antes eu mexia nos meus cabelos, naquele momento eu estava os arrancando de frustração, me aproximei da janela, descansado minhas mãos e cabeça nela e olhei para baixo. A rua estava movimentada, pessoas e carros passavam lá embaixo. A neve se foi e todos voltavam com as suas vidas normalmente enquanto eu só conseguia pensar:

Não tivemos mais tempo.

Ela não deixou nem o seu telefone.

Argh, homem... apenas siga em frente.

PERIGOSAS NACIONAIS

Isso mesmo, estou sendo ridículo dando tanta importância para uma aventura imposta a mim pelo clima tenebroso deste lugar. Foi bom, mas nem tanto também... Lógico que eu vou esquecê-la. Não foi nada.

A campainha tocou e mal pude suportar o meu coração sabendo que seria ela.

É ela... É ela!

Ela voltou...

Eu tinha certeza disso.

Mas ao abrir a porta me deparei com a única criatura que não queria falar em qualquer momento.

— O que está fazendo aqui, Phoebe? —

PERIGOSAS ACHERON

perguntei com meus dentes apertados enquanto ela invadia meu apartamento.

— Eu teria vindo antes, mas estava ocupada.

— Sim, encurralada por causa da neve.

— Mais ou menos isso — respondeu tirando as luvas e sacudindo os cabelos, aqueles cabelos irritantes, negros, compridos, opacos e sem brilho.

Ok, ok... não eram opacos ou sem brilho, mas não eram platinados também...

Ou curtos.

Argh!

Sacudi minha cabeça para esquecer aquela mulher e ter algum foco.

— O que você quer?

— Vai viajar? Para Jérsei? — Ela parecia animada. Eu conhecia essa animação, ela me seguiria.

Minta, Alex.

— Não, vou para... outro lugar.

— No Natal?

— Sim.

— Onde?

— Não é da sua conta. — Ela colocou as

mãos na cintura e aquele olhar perseguidor no rosto. Ela não iria desistir. — Eu vou para Miami.

— O que vai fazer lá? — Fui até ela e a peguei pelo braço com a outra mão juntei sua bolsa e casaco e a levei para a porta.

— Vou ficar bem longe de você, Phoebe, passar bem.

— Alexander, vamos, baby, não seja rancoroso — pediu já do lado de fora. Eu me limitei a sorrir e fechar a porta na cara dela. — Alexander, você não vai me deixar, você... você... ugh! — gritava, histérica, enquanto eu ia para o sofá e me afundava nele, tentando engolir o caroço

que se alojou em minha garganta.

Afinal, eu estava tão confuso com todos aqueles sentimentos que simplesmente não conseguia pensar sem desenvolver uma dor de cabeça.

Não pensei sozinho por muito tempo. Meu telefone tocou, atendi quando vi que era a minha mãe. Ela queria saber que horas eu chegaria em Jérsei, honestamente, minha vontade era não ir e me afundar em mais trabalho, ficar o final de semana lá não resolveria nada para mim.

Foi quando me lembrei.

Caterine disse que iria para Nova Jérsei

também, ela estaria com o pai dela. Eu só não conseguia me lembrar quando ela estaria. Se seria neste final de semana, ou apenas para o Natal? Talvez eu pudesse esbarrar nela por lá, mas sequer sabia onde seu pai morava. Jérsei era grande o suficiente para eu não a encontrar tão facilmente.

Droga, eu estava agindo como um perseguidor. A garota obviamente não queria mais me ver. Se quisesse, teria deixado seu telefone. Ou ao menos teria a decência de ficar e se despedir como um ser humano normal e educado faria. Meu telefone começou a tocar novamente, mas eu sequer olhei antes de desligar.

— Me deixem em paz! — resmunguei.

PERIGOSAS NACIONAIS

Mas eu estava longe de sentir paz. Pois ao cair da tarde minha campainha tocou novamente.

Joshua, Mary e a minha princesa.

— Oi, tio Alex! — Josie pulou nos meus braços e a acomodei em meu colo.

— Princesa, como você cresceu... — disse enquanto beijava suas bochechas vermelhinhas.

— Yeah! Mamãe disse que foi muito.

— Dois metros? — Arregalei meus olhos em expectativa.

— Não! — exclamou rindo. — Meu pai tem dois metros, bobinho.

— Um? — ela negou novamente — Ah!

Então você continua uma anã! — Fiz cócegas e depois a liberei para abraçar meu irmão e minha cunhada.

— Onde está sua acompanhante? — Josh perguntou brincalhão.

— Eu sinceramente não quero falar sobre isso, Joshua — respondi indo para a cozinha, tentando não dar espaço para que forçassem uma resposta, mas Mary era mais esperta do que isso.

— Josh, amor, por que não vai naquela confeitaria com Josie comprar alguns doces para comermos com o tio Alex? Eu vou preparar um chá. — pediu, se virando para Josie e mudando a

sua entonação para transformar aquilo em uma grande festa para a menina.

— Yup! — Josie ficou radiante e correu para a porta esperando Joshua, que ficou olhando para a esposa com uma carranca. Ele acenou e logo seguiu com Joselie para a rua.

— Vamos. — Ela pegou minha mão e me puxou para a sala. — Por que seu sofá está virando para a janela? Alex... — Ela me olhou assustada. — Você dormiu aqui? *Vocês* dormiram aqui?

— Mary... — Tentei argumentar, mas quando ela sentou no sofá e bateu suas mãos em suas pernas para que eu deitasse, não pude resistir.

Ela sabia exatamente onde me pegar.

Deitei em seu colo e deixei que seus dedos brincassem com os meus cabelos, enquanto eu fechava meus olhos e apreciava.

— Imagino que Carter tenha ido embora.

— Sim — praticamente gemi. — Nem disse adeus! Nem deixou a porra do telefone. — Não consegui evitar a decepção em minha voz, quando abri meus olhos, Mary tinha uma sobrancelha arqueada para mim. — Oh, não me olhe assim. Eu não me importo, de verdade, mas um adeus seria educado, ainda mais quando a hospedei forçadamente na minha casa durante a semana toda.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Gosta dela.

— O quê? Não!

— Gosta da garota. — Mary riu.

— Mary Anne, não seja ridícula, foi... físico, apenas isso. Só queria que ela fosse mais educada e se despedisse, agradecesse...

— E ela não deixou nem um bilhete explicando?

— Deixou, como tudo nela é peculiar, deixou escrito com batom no espelho do meu banheiro.

— Oh, isso não é a Carter — Mary disse, pensativa. — Ao menos não a Carter que conheci.

PERIGOSAS ACHERON

Ela era muito centrada, quieta. Séria. Parecia tão chata quanto você, na verdade.

Rolei meus olhos, mas voltei ao foco, talvez eu conseguisse algumas respostas, afinal de contas.

— Você a conhecia muito?

— Na verdade não tão profundamente. Ela era resguardada, mas eu sabia que era noiva.

— Noiva? — Sentei no sofá tentando prestar mais atenção.

— Sim! Era noiva de outro rapaz, não lembro o nome. E então nos formamos e ela foi para a especialização. Como eu disse, Caterine sempre foi muito reservada, ela sumiu das redes

sociais e perdemos o contato. Há mais ou menos um ano ela apareceu no Facebook e não trocávamos mais do que algumas curtidas. Até que um dia começamos a conversar pelo chat e passamos a nos falar com mais frequência. Acabei convidando ela para o meu aniversário. Ela estava diferente, e quando perguntei pelo noivo, ela disse que terminaram. Não pedi detalhes e ela não ofereceu também. Então vimos vocês dançando e depois se agarrando. Imaginei que seria perfeito.

— Não me lembro de muita coisa — resmunguei.

— Isso é o que dá colocar anos de pura chatice para fora em uma única noite. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Debochou.

— E por que vocês a deixaram aqui comigo? Por que não a levaram para casa?

Isso teria facilitado as coisas para mim agora.

Completei em pensamento.

— E você deixou a garota por um acaso? Alexander, você era outro naquela noite...

Bufei e me joguei em seu colo novamente. Eu só tinha que acreditar. Eu me sentia outro mesmo agora. Sem nenhuma bebida.

Sem Caterine Flynn.

— Então? — Mary chamou. Ergui minhas

sobrancelhas perguntando o que ela queria. — Você gosta dela.

— Não, Mary Anne — afirmei, sério, olhando em seus olhos.

— Você pode não admitir, ou nem saber, mas você gosta dela. Eu conheço você.

— Não me olhe desse jeito. — Eu conhecia aquele olhar desde... sempre, Mary era metida. Ela iria interceder se eu admitisse.

— Quer os contatos dela? Eu não tenho mais o telefone, mas o Facebook... Ah sim! Você não tem Facebook.

— Não seja desagradável.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você não vai morrer tendo uma rede social, Alex — acusou, cutucando o meu ombro para que eu levantasse, mas não levantei. — Agora vamos ver o recado que ela deixou para você. — Não tive tempo de pará-la, minha cabeça ficou caída no sofá enquanto ela corria para o meu banheiro, me levantei e fui atrás.

Olhar aquilo me fez ter raiva dela novamente.

Um final clichê para uma semana fora do comum.

Foi bom!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Obrigada, Alexander.

O que diabos ela pensou quando escreveu isso?

— Ela foi criativa, mesmo que fosse clichê, deixou sua marca — minha cunhada disse. Vi seu reflexo no espelho sujo de batom. Estava rindo.

— Mal-educada.

— Ela agradeceu.

— Por que não fez pessoalmente? — Cruzei meus braços.

— Pergunte a ela. — Mary revirou os olhos para mim.

PERIGOSAS ACHERON

— Fácil — rebati com sarcasmo.

— Alexander, não seja...

— Mamãe? — A voz de Josie ecoou pela casa. Caminhamos de volta para a sala e encontramos ela e meu irmão segurando sacolas pardas. — Compramos de baunilha com gotas de chocolate e de nozes para o tio Alex, porque ele adora. — A menina linda abriu seus pequenos braços empolgada.

— Hum... delícia — Mary respondeu enquanto caminhávamos para a cozinha.

Comemos e combinamos que iríamos separados para a casa da mamãe, mas eles me

fizeram prometer que estaria lá. Josh e Mary pegariam a estrada naquela noite, eu precisava de mais um tempo, então optei por sair domingo de manhã. Jérsei não era longe o suficiente para eu digerir a tempo o que havia acontecido.

Eu prometi, mas não por causa deles. Sim, queria ver meus pais e passar um tempo com a família, mas não podia negar que o motivo maior era Caterine. Queria a chance de falar com ela mais uma vez.

Precisava de um encerramento.

CAPÍTULO 8

Enquanto dirigia pelas ruas de Jérsei, lembrei da minha infância e adolescência. Lembrei dos meus momentos com Mary, antes de ela virar o mundo de Josh e ele se tornar todo o mundo dela.

Quando bebíamos durante a madrugada na esquina de sua casa.

Ou brigávamos.

Os momentos em que fugíamos para a cabana dos seus pais.

Quando nenhum garoto se aproximava por pensar que ela era minha.

As vezes que ela brigava comigo porque nenhum garoto se aproximava.

Lembrei de quando ela viu Josh pela primeira vez e depois chorou por horas, emocionada.

Mary sabia que seria para sempre. Era assustador que tivesse essa certeza. Mas ela tinha.

Virei à esquerda para chegar à rua de minha antiga casa e Caterine veio em minha mente novamente.

Foi um alívio não pensar *nela* por algum tempo, já que eu não conseguia fazer outra coisa desde aquela manhã, quando ela me deixou. Eu

continuava batendo na mesma tecla dentro da minha cabeça:

Ela não podia ter ido daquela forma. Sem se despedir, sem deixar seu telefone... blablablá.

Queria entender o que estava acontecendo comigo. Era estranho. Eu sabia o que era estar apaixonado, mas, tão rápido? Nunca. Era óbvia a atração que eu tinha por Caterine, queria ficar com ela novamente, claro, mas se ela não quisesse mais nada comigo, eu respeitaria, só queria a porra de uma conversa para entender a sua atitude de merda.

Reconheci a estrada de pedra da minha casa e girei a direção para entrar. Continuava a mesma,

exceto pela cor. Minha mãe andava menos ocupada, ou nada ocupada, depois que parou de trabalhar, agora ela parecia ter tempo para redecorar a casa e me ligar exigindo minha presença como seu fosse um adolescente ainda.

Estacionei atrás do carro de meu pai me perguntando onde estava o carro de Josh. Antes que eu pudesse descer, minha mãe estava fora da casa batendo palmas e aguardando por mim na varanda. Novamente voltei à minha adolescência. A casa azul claro, com a grande varanda e uma entrada de flores trazia tantas lembranças. Bati a porta do carro e andei até minha mãe, parei no meio da escada para nivelar nossos tamanhos e logo fui

abraçado por ela.

— Fez boa viagem, querido? — Era nítida a emoção em sua voz.

— Sim, a neve deu trégua.

— Sim, sim, está perdoado por isso. — Suas mãos deram pequenos tapinhas em meus ombros quando ela se separou de mim.

— Mãe, a *neve* não me deixou sair de casa. Não foi culpa minha.

— Nem a neve e nem toda a bebida que você consumiu no aniversário de Mary — afirmou com uma sobrancelha levantada para mim.

— Joshua tem uma boca muito grande. —

Rosnei. Ela riu enquanto nos direcionava para dentro de casa. — Pensei que ele já estivesse aqui.

— Oh, já chegaram. Foram passear com Josie.

— Onde?

— Sea Isle, eu acho.

— Fazer o quê? — Morávamos em Cape May. Um pouco longe de Sea Isle, cerca de meia hora.

— Foi levar Josie à praia e visitar uma amiga, eu acho.

— Joselie na praia em pleno inverno? Se era para a menina congelar de frio, poderia levar

por aqui mesmo.

— Mas Mary queria rever uma amiga da faculdade, então foram para lá. Algo como uma reunião. Não sei.

Então eu percebi.

Mary era adoravelmente impertinente quando queria alguma coisa. Ela estava aprontando. Embora eu não soubesse onde exatamente morava o pai de Carter em Jérsei, eu tinha aquela sensação de que Mary não iria tão longe para levar Josie à praia. Ela tinha ido atrás de Caterine.

Peguei meu celular, nervoso, e disquei seu número.

— *Você chegou?* — Minha cunhada impertinente atendeu o telefone.

— O que faz em Sea Isle, Mary? — logo perguntei.

— *Visitando Carter! Claro! Ela mandou oi...* — Mandou?

— Bem... Oi! — Limpei a minha garganta tentando não parecer tão nervoso.

— P*or que você não vem pra cá, Alex? Está rolando um churrasco aqui. Carter nos convidou para ficar.*

— Bem... eu... acho melhor ficar com a mãe aqui e... — Agora que eu tinha a oportunidade de

encontrar Caterine ficaria com medo? Merda! Sim! Eu estava com medo de ouvir o motivo de ela ter ido sem olhar para trás.

— Pois não fique! Tenho algumas coisas para fazer. — Minha mãe se meteu na conversa falando perto do telefone para que Mary ouvisse. Olhei para ela e cerrei meus olhos. Ela sabia! Não foi só da minha bebedeira que ela ficou sabendo.

— *Viu? Te esperamos. Aqui é fácil de achar...*

**

Tentei imaginar o que aconteceria quando nos víssemos.

Ela me levaria para conversar na praia e me pediria desculpas afirmando que estava insegura? Eu a encontraria chateada e tão nervosa quanto eu por esse encontro?

A minha esperança adolescente não havia me preparado para o que eu vi assim que parei meu carro no endereço da festa. Caterine estava jogada no ombro de um homem enorme. Ruivo, alto e largo que sorria como se fosse orgulhoso daquela montanha de músculos.

— Me largue agora, Leonard — ela dizia

despejando pequenos socos fracos em seus... ugh! Grandes ombros. Eu não era um cara pequeno. Eu tinha ombros largos, era alto e tinha uma boa constituição no geral, mas aquele homem poderia pintar o teto de uma casa sem precisar de uma escada.

— Vamos lá, baby... não seja tão arisca — ele dizia, rindo. Saí do carro querendo voltar para ele e me resguardar da humilhação que eu poderia sofrer, mas logo Josie me viu.

— Tio Alex! Tio Alex! — ela gritou e veio para meus braços, sorri e a peguei, beijando o seu rosto.

— Oi, princesa. Se divertindo?

— Tio Leo fez aviãozinho comigo e quis fazer na tia Carter também.

Eu aposto que ele poderia brincar de aviãozinho com a porra de um avião de verdade.

— Ele não é seu tio, querida — sussurrei, para que ninguém pudesse me pegar em minha imaturidade. — Você tem só um tio. Eu!

— Hum... por quê? — Sua cabecinha se inclinou para o lado, tentando entender.

— Porque... Porque as princesas mais lindas só têm um tio. — Eu poderia revirar os olhos para mim mesmo naquele momento.

— Isso não tem na história das princesas.

— É... — Garota esperta.

— Alex! — Mary chamou, me salvando de Josie. Olhei em sua direção e vi *Shrek* largar Carter e ambos olharem para mim. Ela pareceu sem graça por um momento, mas depois andou até mim, quase saltitante e beijou o meu rosto rapidamente.

— Hey, gatão! — Cumprimentou brincalhona. Que porra era aquela. Olhei em volta tentando entender a sua atitude. — Que bom que veio, pensei que não o veria mais.

Não consegui evitar meu cenho franzido, não era possível que ela tenha achado normal o que

fez. Mas então seus olhos me fitaram com algum desespero.

— Boa escolha de palavras, *senhorita batom no espelho*. — Ela riu sem graça.

— Eu tenho estilo, confesse — eu ia dizer algo, mas *Shrek* apareceu com um cara ao seu lado, aquele eu chamaria de *Burro*.

— Então, CatCat, vai apresentar o cara?

— Leo, não seja desagradável. Alexander, este é Leonard blablabá. — Continuou, entediada. Caterine parecia diferente da mulher que conheci. Estava agindo como, sei lá... Uma boba.

— Hey, cara! — disse o *Shrek,* sorridente.

— Esse é Jared, meu amigo.

Sim, Burro para os não íntimos.

— Oi. Alexander. — Apresentei-me sucintamente.

Foram exatos doze segundos de tensão no ar até que Caterine sorriu e me chamou para sentar perto de meu irmão e cunhada, deixando os dois babacas para trás. Quando estava saindo, peguei sua mão para que parasse e me ouvisse.

— Eu gostaria de falar com você. — Apertei a mão dela para dar ênfase nas minhas palavras.

— Pode ser mais tarde? — perguntou em

um tom mais sério e perdendo a sua *vibe* bobalhona.

— Sim...

Não! Agora!

Minha mente gritou.

— Eu te chamo assim que der atenção a algumas pessoas. — Ela sorriu para mim, mas de forma mais tímida e correu rapidamente para onde outro homem estava. Parecia mais velho, quando a vi o abraçando e beijando seu rosto carinhosamente, presumi que era seu pai.

**

Pareceu uma eternidade.

Na verdade, foi uma eternidade, passava das três e já havíamos comido, bebido, conversado, comido mais, bebido mais e Mary já havia brigado com meu irmão quatro vezes. E eu sequer sabia o motivo daquela festa.

— Pare de se comportar com um menino birrento, Alex — Mary chamou a minha atenção.

— Ela está me dando gelo, só pode — resmunguei.

— Ela não está te dando gelo, não seja bobo.

— Que seja, cansei de esperar. Vou embora. — Levantei, mas Mary me puxou de volta.

— Não, você não vai. Li romances o suficiente para saber que isso só vai fazer vocês se distanciarem mais.

— Distanciar? Mary, pelo amor de Cristo, ela foi embora e sequer me acordou para me mandar à merda.

— Supere isso e fale com ela, mas você não vai sair daqui.

**

Quando finalmente Carter resolveu falar comigo, passava das seis horas. Vi quando ela pegou um dos vários cobertores dobrados em uma pilha ao lado de um monte de madeira preparada para uma fogueira. A festa, pelo jeito, continuaria durante a noite. Ela se enrolou no cobertor, me olhou e fez sinal com a cabeça para que eu a seguisse. Fechando a minha jaqueta e me preparando para o vento forte e frio, coloquei minhas mãos nos bolsos e a segui. Nós andamos em silêncio por um longo tempo, até que estivéssemos distantes o suficiente para sermos apenas dois pontos para quem nos olhasse da casa.

Carter se sentou de frente para o mar,

enrolada no cobertor. O frio estava cortante, mas não estava me importando muito, a adrenalina não deixava. Sentei silenciosamente ao seu lado e continuei o mesmo jogo que ela estava fazendo.

Até que ela bufou se entregando.

— O que você quer, Alexander?

— Você sabe... uma explicação seria o mínimo.

— Explicação do quê? — perguntou, curiosa. Finalmente ela me olhou. Seus cabelos voavam pelo seu rosto, ela estava tão linda.

— *Do quê?* Caterine, você foi embora e sequer se despediu.

— Você estava dormindo. — Tentou justificar, mas ela mesma sabia que era a explicação mais imbecil da face da terra e, mesmo assim, continuou. — Não quis te incomodar.

— Essa é boa. — Joguei meus braços para cima. — Você não é exatamente uma pessoa que se importa com os outros ou suas reações diante das suas ações. Não venha com essa de *"você estava dormindo*" — gritei.

— Não haja como se me conhecesse — ela gritou de volta.

Eu quero conhecer. Disse para mim mesmo esperando que não tivesse soltado essa parte para

que ela pudesse ouvir.

— Por que foi embora? — questionei novamente.

— Porque a neve acabou. Eu tenho casa sabia? — Carter bufou como se fosse óbvio, mas nada fazia sentido. — O que você queria?

— Eu queria que você tivesse se despedido de mim. —Levantei em um pulo, sem saber como controlar a raiva que estava sentido. Comecei a andar de um lado para o outro percebendo que ela também havia se levantado e voltei a falar: — Foi tão ruim assim? Você fingiu o tempo todo?

— Eu não me despedi porque eu não

consegui! — gritou abrindo os braços e deixando o cobertor cair na areia. — Eu não podia dizer adeus, não conseguia.

— Não dissesse adeus então, Caterine. Mas me fizesse saber que você estava partindo. — Dei as costas para ela e fiquei olhando o mar. Não entendia por que eu estava tão bravo por ter sido deixado para trás, ou sabia e simplesmente não queria admitir.

— Olha... — Ela parou na minha frente, roubando totalmente a atenção que eu estava dando para o oceano. O vento aumentou fazendo seus cabelos esvoaçarem um pouco, seu nariz estava vermelho na ponta por causa do frio. — Me

desculpe, eu agradeci, e agradeço, Alex, não por ter me dado abrigo, mas por aquela semana toda... — Fechou os olhos e sorriu. — Eu realmente não irei me esquecer.

— Nem eu... — confessei tão baixo que pensei por um momento que ela não havia escutado. — Mas você não precisava ter ido, poderíamos...

— Ter aproveitado mais um pouco?

— Sim! Poderíamos aproveitar muito mais, Caterine! Poderíamos ser amigos.

— Não é exatamente isso o que você quer, Alex. — Ela sorriu com os olhos cheios de malícia.

Bufei tentando esconder a minha risada, mas foi inútil.

— Você é impossível.

Ela voltou a pegar o cobertor e o sacodiu antes de se envolver nele. Quando sentou, abriu os braços para que eu sentasse também. Aproximei-me, peguei o cobertor e sentei atrás dela, deixando-a entre as minhas pernas. Eu nunca entenderia aquela mulher, uma hora estávamos gritando um com o outro, no momento seguinte ela estava se aconchegando em meu peito.

— Alex? — Chamou.

— Sim?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Me desculpe por não ter me despedido. Foi realmente difícil para mim.

— Tudo bem... — Beijei o topo da sua cabeça por impulso, mas nem ela e nem eu falamos sobre aquilo. Ficamos quietos apenas vendo as ondas do mar quebrando.

— Tem anos que não piso em Isle, ou em qualquer lugar nesta área — falei, finalmente.

— Eu imagino. Você é chato, lazer não combina com você. — Ri da sua brincadeira. Carter olhou para cima e eu olhei para baixo. Nossos rostos estavam próximos e nossos olhos vidrados um no outro.

PERIGOSAS ACHERON

Ok, apenas diga. Convide-a para sair.

— Vai ficar aqui até quando? — Minha atenção continuava inteiramente nela.

— Só volto depois do Natal. Leo me convenceu a ficar.

Será que esse Leonard era seu ex-noivo?

— Hum... Leo, é... seu amigo ou algo assim? — Carter riu e respondeu ainda rindo quando me olhou rapidamente. Os lábios esticados e um brilho zombeteiro nos olhos.

— Algo assim...

Fechei minha cara e lógico que ela percebeu.

— Diga logo o que quer, Alex.

— Eu quero levar você para jantar. — Soltei finalmente, fazendo com que ela arregalasse seus olhos e prendesse o ar, seus ombros ficaram minimamente mais tensos também.

— O quê?

— O que o quê? — Ok, ela conseguiu. Deixou-me nervoso.

— Alexander Hartnett está me chamando para jantar? — Uma sobrancelha estava levantada em desafio. — Vamos, não sou o seu tipo. Ficamos juntos, e bem... foi uma delícia, só de me lembrar... — Fechou os olhos sorrindo. — Enfim...

Aconteceu porque a neve quis. Você sabe.

Como eu explicaria a ela?

— Primeiro: Aconteceu porque *nós* quisemos — expliquei. — Eu realmente quero ser seu amigo. Quero conhecer você melhor.

— Você quer sexo — disse, debochada. Eu ri.

— Sim. Eu também quero isso, mas se não estiver bom para você, eu simplesmente quero ter sua amizade...

Mentiroso.

— E por isso quer me levar para jantar? — indagou erguendo uma sobrancelha.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Apenas conversar! — Tentei me defender.

— Aham — respondeu, sem acreditar em mim. Nossos rostos ainda estavam muito próximos.

— Podemos ir devagar, apenas sair, conversar...

— Vamos lá, Alexander. Você me conhece com e sem roupas... Ir devagar é coisa de quem gosta de sofrer.

Eu estava facilmente me apaixonando por aquela garota desbocada.

— Desculpe... Eu estou tentando fazer o que é certo. Você não pode facilitar um pouco? —

PERIGOSAS ACHERON

Carter ficou muda por um longo tempo, eu podia ver o conflito em seu rosto. Ela estava na dúvida, eu podia dizer, mas paciência era algo que estava se esgotando em mim. Principalmente porque minha bunda estava ficando molhada pela umidade da areia e congelando também. — Olha, basta dizer se você não quer...

E então ela me beijou, senti sua língua invadindo minha boca, suspirei um pouco assustado pelo seu assalto, mas logo a estava beijando de volta. Quando nos separamos ela me olhou com certa alegria.

— Seu beijo é o melhor que já provei, Alex. Tudo sobre você é uma delícia. Apenas deixe de ser

tão almofadinha e venha me pegar amanhã às nove. Se você aparecer de roupa social vai levar uma porta na cara.

Dizendo isso, ela levantou e saiu correndo, me deixando sozinho e sentado ali com o seu cobertor.

Ela nunca se despedia?

Maluca!

Pensei sorrindo.

Sorrindo muito.

CAPÍTULO 9

— Obrigado, Mary. — Agradeci sorrindo enquanto vestia a camiseta de malha cinza de mangas compridas e gola v que minha cunhada acabara de roubar da árvore de Natal, junto com o um par de jeans, mas me desesperei quando ela apareceu com um par de tênis sociais e torci meu nariz. — Comprou um guarda-roupas informal inteiro para mim?

— Eu sempre faço isso, mas elas mofam em seu armário. — Ela jogou os tênis em minha cama. — Sua sorte é que Caterine pensa como nós. Você

não pode usar ternos e camisas a vida toda, Alex.

— É bom que você não tenha desistido de me comprar roupas assim, do contrário, estaria perdido essa noite — constatei, me sentando na cama e colocando as meias para em seguida calçar os tênis.

Ouvi a risada animada de Mary Anne e não me incomodei em levantar meus olhos da minha ação para perguntar por que ela ria.

Eu apenas sabia. Ela estava rindo do meu nervosismo.

— Você está parecendo um adolescente — disse, divertindo-se às minhas custas enquanto

sentava ao meu lado.

Revirei meus olhos e endireitei meu corpo para olhar para ela.

— Deixa disso, Mary.

— Caterine Flynn, o oposto do “tipo” que você gosta deixou você caidinho.

— Não é para tanto. — Mas era.

Eu estava quase vomitando de tão nervoso que fiquei o dia inteiro. No sábado à noite, cheguei em casa após a festa em Sea Isle e dei atenção para Josie até que ela dormisse. Após isso, tomei um longo banho e fui para meu quarto tentar dormir. A memória dos lábios de Carter, e tudo o que

conversamos, não saía da minha cabeça, então foi difícil pregar os olhos.

Pela manhã, quando tomei café inquietamente, contei à Mary que tinha que ir em alguma loja apenas para tentar comprar uma camiseta. Ela quase me bateu dizendo que camisetas não combinariam com calças sociais ou sapatos. Depois assaltou a árvore de Natal da mamãe, deixando-a brava, mas só até saber que era por uma boa causa.

Andei até o banheiro e borrifei o perfume dando uma última olhada no espelho, a imagem era estranha.

Em algum momento da minha vida o "garoto Alexander" havia se perdido. A faculdade soube me ensinar lições valorosas sobre compromisso e seriedade, mas eu sinceramente me perguntei onde minha falta de humor e vontade de fazer coisas simples e prazerosas não poderiam se encaixar com as responsabilidades. Eu simplesmente havia colocado o trabalho à frente de tudo, e olhar para o reflexo do jovem Alexander em minha frente me fez perceber que eu poderia sim conciliar as coisas, afinal de contas.

Eu me divertia eventualmente, com Phoebe ou mesmo sozinho. Saíamos algumas vezes. Um bom teatro ou um café... Tudo bem, eu fiz isso

apenas uma vez e odiei cada segundo porque a maluca não calou a boca durante a peça inteira. Mas eu tinha a minha própria forma de entretenimento, só que era mais do tipo solitário.

Me peguei pensando no que estaria no roteiro do meu encontro com Caterine naquela noite.

Será que ela espera que eu a leve em algum lugar especial?

— Bem, se você convidou... — Mary respondeu, me assustando.

— Preciso de um psiquiatra, essa minha mania de falar o que eu penso sem perceber vai me

deixar em apuros a qualquer momento — afirmei em um suspiro, me virando para Mary Anne que estava na porta do banheiro. — Então... ajuda?

— Bem, Carter é uma garota simples. Leve-a para algum lugar legal.

— Hum... Jantar?

— Sim, lógico, você não vai matá-la de fome, mas após o jantar leve-a... Argh! Alex, estamos em Cape May! — Jogou suas mãos para cima, se rendendo. — Você não poderia ter marcado isso para quando voltassem para NY?

— Obrigado, muita ajuda, Mary.

— O que quer que eu faça? Quando seu

irmão me levava para sair aqui sempre acabávamos em algum canto escuro e...

— Mary Anne! — adverti. — Informações demais, e eu quero levá-la para um encontro. Ela comentou várias vezes ontem que eu apenas queria mais tempo para transar com ela.

— E não é? — Saí do meu quarto ouvindo seus passos atrás de mim.

— Claro que não, eu quero conhecer ela, ser seu amigo... — Parei no corredor e me virei para a minha cunhada. — Gosto de conversar com Carter, ela me diverte... Eu... me sinto leve com ela. Não pensei em trabalho na semana que estive com ela,

PERIGOSAS NACIONAIS

Mary.

— Você está apaixonado, Alex. — Os olhos de Mary Anne brilharam com a constatação.

— Mary, fiquei com ela por uma semana, não é possível. — Desdenhei.

— Alexander, o que aconteceu quando Joshua veio para casa nas férias de primavera? — Suas mãos foram para a cintura e uma sobrancelha arqueou enquanto ela me desafiava a falar. Foi amor à primeira vista, eu vi de camarote como eles simplesmente não desgrudaram mais um do outro. Assim que Mary terminou o colegial ela correu para Nova Iorque para ficar com Josh.

PERIGOSAS ACHERON

Meus ombros caíram e suspirei antes de tentar me explicar novamente.

— Eu não estou apaixonado, ela só é...

— Boa de cama? — Joshua perguntou da porta do quarto de hóspedes.

— Lá vem... Não é só isso, eu preciso de novas amizades... sei lá!

— Responda, mano: Ela é boa de cama? Porque se for, cara, segure esta mulher...

— E que pergunta é esta, Joshua Hartnett? — Mary resolveu questionar para evitar que Josh continuasse com qualquer gracinha que pudesse me deixar mais inseguro ainda.

— Ursinha, eu só estava... — Ela caminhou até o marido, mas antes piscou para mim. Agradecido por aquela mulher existir em minha vida, desci as escadas rapidamente, pronto para sair, quando dei de cara com o Doutor Antony Hartnett, médico e extremamente ocupado. Foi um susto perceber que ele estava em casa. Nós crescemos mal vendo nosso pai, de tanto que o homem trabalhava.

— Pai, não sabia que o senhor estava em casa.

— Bem, eu ando diminuindo o ritmo... — ele analisou minhas roupas com cuidado. Jeans, eu geralmente usava calça e blusa social quando

queria ser despojado. Eu imaginava que ele estava achando estranho mesmo. — Vai sair?

— Sim, estou em cima da hora... Não quero me atrasar.

— Hum... bem, boa noite então. — Ele coçou o queixo ainda analisando as minhas roupas.

— Boa noite, pai. — Passei por ele em direção à porta.

— Hey, filho! — Virei rapidamente. — O que acha de uma conversa mais tarde?

Meu pai? Com tempo para conversar?

— Aconteceu algo, pai?

— Não, não... Só pensei que eu, você e seu

irmão poderíamos fazer alguma coisa, juntos.

Meu pai com tempo para fazer algo comigo e Josh?

— Tudo... bem... — respondi incerto.

— Ok, legal. Vou esperar. — Ele sorriu animado.

— Eu... tenho que ir — avisei, ainda achando tudo muito esquisito. Meu pai nunca teve tempo para Josh e eu. E não o culpava por isso, ele batalhou para nos dar a melhor educação e fizemos por onde para merecê-la, tanto Josh quanto eu fomos bons filhos e alunos.

**

Entrei em meu carro e olhei no espelho retrovisor. Dei um longo suspiro quando percebi que estava completamente nervoso.

Meu Deus, Alexander! Vocês transaram como coelhos por uma semana e você está com medo de um simples encontro?

Mas eu estava. Onde eu a levaria? Passei o dia inteiro pensando nesta porcaria de encontro e não consegui planejar nada.

Jantar! Mary Anne já disse.

Mas isso me daria apenas uma hora com

ela. Eu precisava de mais tempo.

Arranquei com o carro analisando os primeiros flocos de neve que voltavam a cair depois de uma trégua. Aquilo me trouxe flashs das noites e dias e ...ugh! Tardes que tive com Carter.

O que aquela mulher tinha feito comigo?

**

Ao entrar no pequeno complexo onde a família de Carter morava em Isle, avistei um grupo de rapazes encarando o meu carro. Me senti como se estivesse entrando em algum bairro de periferia

dominado pelo tráfico de drogas. A diferença é que estes não estavam armados, mas se olhar feio matasse, eu não estaria respirando.

Estacionei meu carro em frente à pequena casa branca com uma ampla varanda. Era um local aconchegante e eu poderia dizer que a esposa do pai de Carter era uma pessoa cuidadosa. Havia cadeiras de vime acolchoadas em um tecido floral ao lado de uma grande rede e uma mesinha. Era tarde, faltava pouco para o relógio dar nove horas, mas, mesmo com a escuridão, parecia um local muito convidativo. Desci do meu carro e após enfiar as mãos em meus bolsos, caminhei lentamente até a porta, aproveitando cada segundo

ainda livre para pensar no que dizer a ela. Quando me aproximei da porta, quis sair correndo, mas minha vontade de ver Carter novamente era maior.

Bati na porta e esperei. Quando a porta se abriu, não era Caterine quem estava lá.

— Você deve ser o pobre coitado que vai levar Carter para sair.

Imaginei que aquela garota, portadora do maior mau humor do mundo era a irmã postiça de Carter.

— Sim. Boa noite, sou...

— Entre e espere. A princesinha ainda não está pronta — avisou, escancarando a porta e

prontamente virando as costas para mim.

— Não seja tão você, Amanda — disse um garoto vindo em minha direção. Presumi que era Jeremy. — Hey, cara!

— Boa noite!

— Entre, Alexander. Carter logo estará aqui — falou de forma simpática. O completo oposto da irmã.

Sentei na pequena sala rezando para que seu pai não estivesse em casa.

— Jack e mamãe estão na praia, passeando.

Que diabos esse povo vê de tão interessante em passear na praia durante o frio absurdo?

Espera...

— Eu pensei alto? — indaguei, com medo de que minha mente tivesse me pregado mais essa peça.

— Hum... não, só imaginei que encontros não gostam de ver o pai da garota.

Franzi meus lábios tentando sorrir sem graça para o garoto que se sentou na poltrona à minha frente ligando a televisão e passando a assistir algum seriado em temporada muito antiga na televisão aberta, me ignorando por completo.

Não demorou muito para eu ouvir seus passos. Olhei na direção do corredor e levantei

assim que vi que era ela caminhando diretamente para mim. Jeans, camisa e botas, um cachecol estava em volta de seu pescoço e um casaco grande e preto em seu braço. Seu cabelo estava lindo e brilhante, ajeitado para o lado e seu sorriso era enorme. Certamente, ela parecia tão confortável consigo.

— Olá para você... — Cumprimentou-me sorrindo e olhando de cima a baixo. —, estranho.

— Olá, você está linda, Caterine. — Seu sorriso me disse que ela gostou do elogio. — Está pronta?

— Muito! — Seu olhar era malicioso e seu

tom todo sedutor. Olhei para trás preocupado com Jeremy ouvindo a malícia em sua voz, mas se ele estava ouvindo, foi educado para fingir o contrário.

— Bem... então vamos. — Engoli em seco. Carter riu da minha falta de jeito com a situação e pegou a minha mão.

— Vamos. Jer, estou indo, não me esperem.

— Ok, bom encontro. — O rapaz sequer tirou os olhos da tela quando se despediu.

Entramos no carro e dirigi silenciosamente até a saída de Isle, os garotos continuavam no mesmo local de quando cheguei mais cedo, não deixei de notar o suspiro que Carter soltou quando

passamos por eles. Notei também que seu nome foi chamado por um dos rapazes. Olhei para ver quem era e vi que era *Shrek*, de novo. Não perguntei nada, mas era notável o seu desconforto. Quando estávamos mais longe na estrada, ela resolveu quebrar o clima pesado.

— Aonde vamos?

— Pensei em jantar e depois podemos ir a algum lugar — sugeri tentando manter longe qualquer conotação sexual, mas aquela garota era impossível.

— Algum lugar tipo para um *bed & breakfast* ou algum lugar para o banco de trás do

seu carro? — Virei para olhá-la enquanto dirigia e tentei manter minha atenção nos dois.

— Não entendo por que me toma desse jeito, Caterine...

— E não é o que você quer? Vamos, Alex, sabemos que é isso. — Seu jeito descontraído e debochado estava me enervando.

— Por que faz isso? — perguntei ouvindo o tom decepcionado em minha voz.

— O quê? Ser sincera?

Apenas neguei com a cabeça e deixei o assunto morrer, eu teria de provar para ela que eu estava sendo honesto. Não tinha ideia do que tinha

acontecido com ela para agir daquela forma.

Queria que fosse apenas sexo, mas sabia que não era. Só não queria admitir.

Dirigi até o restaurante *Paolo*, decidido a comer comida italiana. Carter desceu do carro antes que eu pudesse sequer abrir a porta para ela. Quando me aproximei, ela olhava o letreiro brilhante com certa tristeza.

— Algo errado?

— O que estamos fazendo aqui? — Ela finalmente me olhou.

— Hum... jantar, lembra?

— Pensei que estivesse brincando quanto a

isso. — Voltou a olhar para o letreiro.

— Eu realmente quero jantar com você, Caterine, um encontro. Lembra? Por que é tão difícil para você acreditar?

— É que faz... — Ela mordeu os lábios antes de continuar. — Tem tempo desde que alguém me levou para jantar.

— Isso é impossível... — Tentei brincar. Levantando o seu olhar, sorriu enquanto me dava um pequeno soco no ombro. — É sério? Como uma mulher tão linda e espertinha ficou sem inúmeros convites para jantar?

— Eu acho que não sou uma garota de se

levar a sério hoje em dia. — Ela deu de ombros, mas sua voz denunciava: ela não estava feliz com isso.

— Besteira.

Carter sorriu e pareceu sacudir a atmosfera pesada entre nós, enganchou o braço no meu e escorou o rosto ali.

— Vamos, Hartnett, mostre-me como os homens devem tratar as mulheres.

Ela estava brincando, obviamente, mas pensei no quanto aquilo poderia ser verdade. Carter saía com que tipo de gente?

PERIGOSAS NACIONAIS

**

— Bem-vindos ao *Paolo*. Mesa para dois? — a recepcionista perguntou sorridente.

— Sim, por favor. Se possível, algo mais reservado — solicitei para a recepcionista que educadamente sorriu e assentiu.

— Queiram me acompanhar, por favor. Logo o garçom virá falar com vocês. Fiquem à vontade. — Carter e eu agradecemos e aguardamos pelo garçom, em silêncio.

Fizemos nossos pedidos e comemos calmamente enquanto conversávamos sobre

PERIGOSAS ACHERON

amenidades. Falamos mais sobre as nossas vidas paralelas em Nova Iorque e das coincidências de nossas famílias morarem em Jérsei e não termos nos encontrado antes. Mas nunca tocou no assunto de namoro.

Ela não falou em seu suposto namorado de verão também, o tal Leonard. Eu estava ansioso para saber sobre ele, mas também preferi não tocar no assunto.

Entre nosso jantar e a sobremesa, meu telefone tocou exatas oito vezes. Todas eram chamadas de Phoebe. Eu bufei e revirei meus olhos até que me dei por vencido e o desliguei.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ela deve ser muito apaixonada por você — Carter disse sorridente, mas não parecia um sorriso verdadeiro. — É a garota que deixou a mensagem de voz na semana passada, não é?

— Phoebe não ama ninguém além dela mesma. Só o seu ego é grande demais para aceitar um rompimento feito por mim e não por ela. — Carter apenas assentiu e voltou a sua atenção para o restante da sua sobremesa.

Eu não queria deixá-la ir tão cedo, mas sinceramente eu não tinha ideia do que fazer. Não vi muitas opções e não queria que ela ficasse pensando que só queria sexo com ela.

PERIGOSAS ACHERON

Suspirei quando parei em frente à sua casa e ficamos mudos dentro do carro enquanto encarávamos o quintal de seu pai. Carter se mexeu e levou a mão na maçaneta.

— Bem, então... obrigada.

— Não. — Levei minha mão para segurar a sua. — Vamos conversar mais um pouco.

Ela sorriu e deixou a minha mão saindo do carro

— Hey! — Quando dei por mim ela estava na frente do carro batendo na lataria.

— Quem chegar por último na beira da praia fica sem beijo de boa noite. — Ela correu em

direção ao mar, me deixando um pouco sem reação.

— Que mania! — resmunguei ao sair do carro e a segui pela trilha de grama morta, cheguei junto dela e fiquei olhando o mar ao seu lado. Estava ainda mais frio à noite. Eu podia ver o seu rosto ficando vermelho e seus olhos lacrimejando.

— Está frio... nós vamos congelar aqui, Caterine — disse, puxando-a para dentro do meu grosso casaco. Fechada, dentro do calor dos meus braços, senti ela relaxar contra mim.

— É só mais uma transa que você quer, Alexander? — Depois de um tempo, Carter bateu na mesma tecla novamente. Respirei resignado.

— O que preciso fazer para você entender que não é apenas isso?

— Não sou quem você está pensando, não sou uma das suas garotas.

— Eu agora tenho garotas? — perguntei, querendo ficar com raiva. — Desculpe, mas você não sabia da minha existência até o clube. O que a faz pensar que tenho *garotas*? Ou que me conhece?

— Você entendeu, não sou seu tipo de mulher, o que rolou antes foi falta de opção para você...

— O que rolou foi ótimo. Não menospreze o que tivemos. — Interrompi, a apertando mais em

meus braços. Tínhamos que falar um pouco alto para conseguirmos nos escutar, o vento e as ondas quebrando não estavam ajudando. — Olha, não estou pedindo você em casamento. — Seus olhos fugiram e vi tristeza novamente neles. — Só quero conhecê-la.

— E sermos apenas amigos? — Ela jogou minhas palavras contra mim.

Suspirei cansado do jogo e resolvi falar logo. Deixar claro.

— Não vou negar que não sinto atração por você e que estaria mentindo se quisesse ser apenas um amigo seu, tampouco estou propondo um

namoro — explanei antes que ela surtasse e fugisse de mim à nado. — Não *agora,* pelo menos. Estou querendo conhecer você. Eu realmente gosto da sua companhia, gosto do jeito que me sinto quando estou com você — suspirei e desviei meu olhar. — Carter, por favor, não torne isso mais complicado. Eu gosto de você. O que mais preciso fazer para que entenda isso?

Seu rosto suavizou e um discreto sorriso escorregou dos seus lábios.

Ela ficou na ponta dos pés e me deu um beijo delicado. Quando se abaixou perguntou:

— Amigos? — Uma incerteza passou pelo

seu olhar, algo me dizia que nem ela queria ser apenas minha amiga.

Fiz minha melhor careta de dúvida a fazendo gargalhar.

— Amigos com benefícios? É minha oferta final, Alexander Hartnett.

Sorri para ela e a puxei novamente para meus braços atacando seus lábios, mas parei puxando a minha cabeça para trás.

— Por enquanto!

Carter não pareceu se opor, íamos nos conhecer e explorar a atração que obviamente tínhamos. Senti o pé de Caterine se enrolar no meu

e me passar uma rasteira surpreendendo-me ao cair no chão e a fazendo rir quando caiu em cima de mim.

— Você é forte, como fez isso? — perguntei, perplexo. — E que amor por bunda úmida e congelada é esse?

— Eu não tenho amor por bunda congelada, mas confesso que eu gosto da sua de qualquer jeito. — Um beijo estalado antes de continuar. — E eu não sou forte. Você que é desatento.

— Mais um adjetivo à longa lista de defeitos do Alex — resmunguei e revirei os olhos.

— Para mim, tudo em você é bom! — Seu

dedo indicador desenhou a linha do meu maxilar enquanto ela analisava o meu rosto. — Eu gosto de tudo em você.

E então eu a beijei. Nossos beijos foram famintos, nossas respirações eram altas, mas não o suficiente para serem ouvidas acima das ondas do mar que continuavam a quebrar.

— Carter? Está frio, é melhor eu levar você e ir.

— Tudo bem. — Mais um beijo estalado e ela saltou em pé. — Mas não precisa me levar de volta. — Sorriu para mim e correu em direção à casa de seu pai. Sem olhar para trás e sem se

despedir.

Como sempre.

Acontece que a neve começou a cair como se eu estivesse em algum tipo de apocalipse, era torrencial como a porra de uma chuva. Bufando, corri até meu carro tentando ganhar tempo para ir embora antes que ficasse pior.

Quando abri a porta do carro e entrei, quase morri do coração.

— Como não vi você entrando?

— Eu sou muito rápida — Caterine disse subindo no meu colo e agarrando meu rosto. — Eu não quero que vá ainda.

— Eu não quero ir.

Ficamos nos beijando durante muito tempo, até que fomos para o banco de trás do carro e continuamos nossa sessão de amassos muito, muito eficazes contra o frio congelante daquela noite.

CAPÍTULO 10

Quando abri os olhos, tudo o que vi foi... Nada. Não havia a menor possibilidade de ver alguma coisa do lado de fora com o meu carro coberto de neve. A bateria devia estar morta também, pois passou a noite toda ligada por causa do aquecedor.

— Ainda bem que nos mantivemos aquecidos na noite passada — ela brincou, beijando meu pescoço. Como ela ainda conseguia beijar? Não tinha ideia. Meus lábios estavam inchados e cortados de passar a noite toda a beijando, não que

eu estivesse reclamando, mas uma pausa seria inteligente.

— Bom dia. — Ronronou em meu pescoço.

— Bom dia — respondi fechando os olhos. De repente a porta foi aberta para trás quase me matando do coração.

— Bom dia, pombinhos!

— Pai! — Carter exclamou alto.

Oh, porra!

— Já que você passou a noite com a minha filha, o que acha de tomar café conosco, rapaz? — O homem corpulento que ostentava um grande bigode convidou.

— Pai, eu não acho que...

— Fizemos panquecas, espero vocês lá dentro. — Ele foi direto e se retirou. Olhei para Carter e cocei a minha nuca em dúvida. Queria saber o que iríamos fazer.

— Não me olhe com essa cara, meu pai está chamando — disse se arrastando por cima de mim, me deu um beijo rápido e saiu do carro.

Nos dirigimos para a casa e não me passou despercebido que *Shrek* estava à espreita quando entramos. Fomos recebidos com um caloroso sorriso de quem eu imaginei ser sua madrasta.

— Olá, vocês. — Cumprimentou enquanto

colocava um prato com uma pilha de panquecas na mesa. — Tiveram uma aventura com a neve?

As pessoas dessa família tinham o dom de nos deixar constrangidos.

— Sim, adormecemos — Carter respondeu de forma fria enquanto se sentava. Apontou para a cadeira ao seu lado e eu, desajeitadamente, me juntei a ela.

Enquanto ficávamos em silêncio ouvindo apenas os passos de sua madrasta terminando de colocar o café da manhã farto na mesa, ouvi a aproximação de mais pessoas na sala ao lado. Eles sussurravam. Sobre mim, presumi, já que ouvi

Caterine bufando e pedindo licença.

— Eu sou Milly, a propósito. — A madrasta de Carter esticou a mão, se apresentando.

— Alexander. — Apertei a sua mão, mas minha atenção estava nos sussurros nada discretos das pessoas na outra sala.

— Eu não vou tomar café com ele. — Ouvi Amanda sussurrar mais áspera. — É invasão de privacidade e eu nem sequer estou arrumada, ainda estou em meu pijama.

— Então coma na sala — Jeremy retrucou.

— Jer! — Carter chamou atenção. — Vamos parar com isso. Amanda, não seja

inconveniente, ele é convidado do meu pai.

— Puff. Grande coisa. — Apertei minhas mãos sem saber o que fazer realmente. Depois de brevemente pensar, levantei e me aproximei da sala. Mas Jack apareceu.

— Vai a algum lugar, rapaz?

— Uhm, não senhor. Ia apenas... er... verificar meu carro. — Eu era um homem de trinta e dois anos e estava quase mijando nas calças por estar na frente do pai da garota que eu sequer estava namorando.

— Não se preocupe, Isle é um lugar de pessoas de bem...

PERIGOSAS NACIONAIS

Ótimo! Agora ele pensa que eu acho que estou em uma zona perigosa onde serei assaltado.

Voltei para a mesa e Jack foi seguido por Carter e Jeremy. Ela voltou a sentar ao meu lado e não me olhou em momento algum, Jeremy, por outro lado, sorriu para mim, acho que tentando ser solidário ao meu visível desconforto.

Depois de alguns minutos comendo em um silêncio constrangedor, Jack finalmente resolve substituir o grande elefante cor de rosa da sala por uma bomba.

— Então vocês estão namorando — foi uma afirmação.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não! — Carter correu para dizer.

— Não? — seu pai indagou, cético.

— Não. Alex e eu somos amigos.

Com benefícios. Não esqueça.

— Amigos que dormem enroscados dentro de um carro e passam a semana inteira em um apartamento? — O homem dirigiu a sua pergunta para mim, peguei ar para responder, mas Caterine estava pronta para responder.

Isso não tinha uma forma de terminar bem, tinha?

— Pai, amigos fazem isso. E ontem... Foi que...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Jack, querido. Caterine é adulta — a madrasta de Carter ponderou delicadamente enquanto sorria.

— Obrigada, Helen.

— Mas age como se tivesse quinze. Uma inconsequente. — A voz de Amanda rompeu a sala enquanto ela tirava a cadeira de forma rude e se sentava nela.

— Amanda, por favor... — Carter sussurrou suplicante.

— O quê? Não quer que seu namoradinho conheça você? Não devia ter trazido ele.

— Carter? — finalmente perguntei.

PERIGOSAS ACHERON

— Amanda! — Jeremy exclamou. — Não se meta.

— Você é meu irmão, deveria me defender e não a essa...

— Amanda, já chega — Jack gritou batendo na mesa. Caterine levantou rapidamente e saiu. Levantei em seguida e fui atrás dela.

Ela pegou seu casaco, a bolsa e saiu porta a fora. Caminhou até meu carro, largou as suas coisas dentro dele e começou a tirar a neve acumulada nos pneus e no para-brisa. Em silêncio eu comecei a ajudá-la. Quando nos livramos do excesso, ela entrou no carro e me aguardou. Entrei no lado do

motorista e fiquei olhando para ela.

— Me leva daqui... — pediu sem me olhar. Rezei para que o carro pegasse e ele deu a partida tranquilamente.

— Para onde quer ir? — perguntei, ainda sem desviar meu olhar dela.

— Para uma cama. Eu preciso ser fodida. — Se tivesse algo em minha boca, eu teria engasgado. Manobrei o carro sem questionar o seu pedido, parte porque ela não estava com espírito para ser questionada, e parte porque... bem, eu queria fodê-la.

— Então... bem... uma cama? Eu ... er...

— Tem uma pousada ao lado do café Lockwood. — Ela era prática. Fato.

— Ok.

**

Dirigi rapidamente para lá. Quando chegamos, mal estacionei o carro e ela já estava saindo dele em direção à recepção. Saí logo após e a segui.

— Boa tarde. — Uma senhora nos atendeu com um sorriso.

— Um quarto — Caterine disparou sem cumprimentar a senhora que, por sua vez, ficou

desconfiada, mas nos atendeu.

Assim que entramos no quarto, Caterine me atacou, sua boca devorou a minha enquanto suas mãos trabalhavam avidamente em minhas calças. Eu tinha que pará-la, ela estava fazendo aquilo para fugir, para esquecer o que tinha acontecido mais cedo, mas sua ânsia parecia não deixar brechas para que eu tentasse falar com ela. Tive que tirar forças não sei de onde para dar uma pausa. Ao menos para entender o motivo do tesão desenfreado.

— Caterine, acho que devemos conversar...

— O quê? Não! — Ela não parava de arrancar as nossas roupas e me beijar.

— Você está chateada, não deveríamos fazer isso enquanto...

— Eu estou com tesão, Alexander. — Ela olhava em meus olhos, diretamente, quando disse. Algo estava errado, mas eu tinha acabado de ter ela concordando em ficar comigo, mostrar que não estava confiando nela não era uma ideia inteligente, mas eu precisava saber se ela estava bem.

— Caterine, olhe para mim. — Minhas mãos pararam o seu rosto. — Eu preciso saber se você está realmente bem.

Seus olhos se fecharam por um momento.

— Eu estarei bem quando você estiver se

movendo, Alex. Sério. — Minhas mãos soltaram o seu rosto como um sinal claro de entrega. Ela voltou a assaltar a minha boca com todo o vigor que tinha. — Eu quero isso forte...

Sua exigência acendeu o fogo em mim também. Virei nossas posições na cama e levei meus lábios aos seus seios, que estavam queimando de tão quentes, sua pele toda estava quente, mordisquei seus mamilos fazendo-a gemer em cima de uma risada. Eu sabia que se a olhasse veria aquele sorriso sacana em seus lábios, mas eu tinha que dar atenção ao seu corpo, sua pele era completamente deliciosa, macia, suave e doce. Desci para a sua barriga e deixei que minha língua

desenhasse seu corpo enquanto ela trabalhava seus dedos em meus cabelos.

Desci beijos até chegar em seu centro fazendo com que ela estremecesse.

— Ah! Sim! — Implorou enquanto eu apenas beijei seus lábios já úmidos de excitação. — Sim — pediu novamente, levantando seus quadris, se abrindo mais, exigindo. Levei meus dedos para acariciar cada dobra enquanto ela se contorcia em antecipação. Passei minha língua em toda a sua extensão, ouvindo-a gemer meu nome baixinho e adorei vê-la se entregando a mim por inteiro. Eu estava tão excitado que queria logo estar enterrado dentro dela, mas não podia, queria que durasse,

então voltei a brincar com o seu centro molhado até que ela explodisse.

— Oh, meu Deus! — ela praticamente gritou quando gozou.

Subi em cima dela depositando beijos por todo o seu corpo, absorvendo seus últimos espasmos. Seus dedos novamente enterraram em meus cabelos e ela os puxou tomando meus lábios com força, olhei em seus olhos e vi luxúria e dor.

— Eu preciso pegar o preservativo... — murmurei, alcançando minha calça na ponta da cama.

Abri o invólucro metálico e logo desenrolei

o preservativo, ficando entre suas pernas, Caterine as abriu mais ainda firmando seus pés contra a cama.

— Entre em mim. — Lentamente fiz meu caminho em seu interior escutando seu gemido misturar-se com o meu. Porra! Era tão bom. — Sim — sussurrou. — Sim...

Gemi novamente e comecei e entrar e sair dela calmamente. Peguei sua perna e a puxei para cima da minha cintura enquanto dançávamos juntos. Parecia tudo tão... certo.

**

— Humm... Isso foi bom — murmurou manhosa e sonolenta. Virei para abraçá-la, e ela prontamente colocou sua cabeça em meu peito e se aconchegou.

Logo estava adormecida. De repente comecei a ouvir ela chamar um nome durante o sono.

O meu.

Em seu sonho, ela me pedia para tocá-la.

Beijá-la.

Pediu para que eu ficasse mais um pouco.

E pediu para eu não a deixar.

**

Eventualmente eu adormeci. Quando acordamos novamente, passava das cinco da tarde. Olhei pela janela e por alguma razão bizarra não estava nevando como acontecia em todos os anos na semana de Natal, na verdade, aparentemente nevou tudo que havia para nevar na semana que eu estava com Carter em minha casa e na noite anterior.

Enquanto Caterine se vestia, eu continuava na cama olhando para a rua, minha atenção estava

voltada para a neve que não caía, mas eu estava muito consciente de que ela estava se vestindo para ir embora. Quando acordou, parecia outra pessoa, uma Caterine que eu nunca havia visto antes.

— Você não vai se vestir? — perguntou enquanto abotoava seu jeans.

— Não, não estou preparado para ir ainda — respondi preguiçosamente.

— Tudo bem, eu vou sozinha. — Carter ajeitou a blusa e seu casaco e andou até a porta passando a mão em sua bolsa no caminho.

Me levantei rapidamente e a segurei pelo braço.

— Por que está agindo desta forma?

— De que forma? Estou sendo eu, Alexander. — Fechei meus olhos tentando me controlar para não gritar com ela. Eu não gostava daquela Carter, vulgo *cadela fria*.

— Se você tem algum apreço por mim, não sairá por esta porta antes de conversarmos, Caterine. — Seus olhos eram desafiadores, mas eu sabia ser duro na queda quando queria ser. Seus ombros caíram e um suspiro cansado escapou pelos seus lábios. Fiquei aliviado quando ela não saiu, mas podia ver que não estava satisfeita.

— O que há entre você e Amanda? Por que

ela te abalou tanto mais cedo?

— Desculpa, Alex, mas isso não é algo que eu queira falar. Nós mal nos conhecemos.

— Somos ami...

— Amigos? — Carter deu um sorriso debochado.

— Pensei que havíamos...

— Eu sei o que combinamos ontem, amigos com benefícios, mas essa história não vai acabar bem para nenhum de nós dois e eu sei que você, entre todos os homens da face da terra — Sua mão pegou a minha e apertou um pouco. —, quer um relacionamento. Mas não sou a pessoa certa para

isso, Alex.

— Por que você não deixa que eu decida isso?

— Nos conhecemos há oito dias, Alexander. Oito.

— Desculpa, eu perdi alguma página do almanaque de regras estúpidas para namoro? Porque pensei que era assim que começava. Cara conhece garota, cara gosta de garota, garota gosta do cara...

— Alex, não...

— Apenas vamos deixar rolar, nenhuma bomba vai explodir, Carter — pedi e ela negou

novamente.

Ela não pode simplesmente estar terminando o que nem havia começado.

— Mais esses dias aqui em Jérsei, então — insisti novamente. — Me dê mais até o Ano Novo, aqui em Jérsei, deixe-me tentar provar a você que podemos ser esse tipo de amigos. Se no dia de Ano Novo eu não tiver provado o meu ponto, nunca mais nos veremos.

— Você não é como os outros caras, a maioria deles estaria vibrando com uma garota que fode e vai embora, mas você...

— Eu não sou os outros caras, Caterine. E

me recuso a pensar que você é como qualquer outra mulher que eu tenha saído. O que me diz? Mais uma semana?

— Tudo bem. — Cedeu, finalmente. — Até o Ano Novo.

— Tudo bem, agora tire essa roupa e volte para a cama.

Eu tinha nove dias.

CAPÍTULO 11

— Tio Alex, você não vem? — Josie saltitou na minha frente com seus cachos loiros e brilhantes, a coroa de princesa cheia de plumas cor de rosa estava meio caída em sua cabeça e uma boneca Barbie pendurada em suas pequenas mãos adornadas com anéis e pulseiras.

— Ir aonde, baby?

— Nós vamos sair com a tia Cat.

— Caterine? — perguntei, achando estranho.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim. A Caterine! — Ouvi Mary Anne gritar do corredor. — E a menos que você queira passar o dia inteiro sozinho, é melhor você levantar sua bunda daí. — Josie colocou as pequenas mãozinhas, deixando a boneca cair, na boca e arregalou os olhos quando se deu conta de que sua mãe havia falado bunda.

— Ela disse bunda... — sussurrou rindo baixinho.

— O que é isso, mais dólares do palavrão?

— Vou ficar rica, tio Alex. Mamãe e papai vão me deixar rica. — explicou ela, me fazendo gargalhar.

PERIGOSAS ACHERON

Seria possível, ainda mais com a quantidade de palavrões que eles falavam por dia e agora com Carter por perto, Josie provavelmente estaria com sua faculdade paga em pouco tempo.

— Acho que vou me aprontar, então.

Tomei meu banho calmamente quando percebi que ainda eram dez da manhã. Desci e encontrei minha família toda reunida na varanda, o dia estava frio, mas não tanto quanto tinha estado nos últimos dias, sentei ao lado de Mary na intenção de saber o que diabos ela estava aprontando.

— Nada, eu juro. Foi ideia de Carter.

— Foi? Por que ela faria isso?

— Ela está se sentindo sozinha aqui. Ela disse que passa o dia inteiro com Amanda e *toda a sua graça*, o pai fica fora e a madrasta vai para o restaurante com Jeremy para ajudar por lá, não lhe resta muito o que fazer. — Se ela estava se sentindo sozinha, por que não me disse? — E agora que nos reencontramos pensei em... sei lá, retomar a nossa amizade.

Eu não ficava ligando e nem convidando ela para sair o tempo inteiro. Dava espaço para que visse que podíamos dar certo, mas então ela ia sair com a minha família? A menos que...

— Por que parece que eu não fui incluso nisso em primeiro lugar, Mary Anne?

— Bem...

— Mary! — Ela sabia pelo meu tom de voz que era melhor contar a história completa.

— Tudo bem — suspirou. — Eu posso ter manipulado ela um pouco para que nos convidasse. Só vamos levar Josie na pista de gelo.

— Baby, foi chantagem. — Meu irmão apareceu na porta segurando uma xícara de café.

— Quieto, Josh! — Sibilou para o marido.

— Eu sabia! Mary Anne, pare com isso. Ela vai pensar...

— Que você é parado demais, por isso eu ...

— Você não entende... Esquece! Eu só não vou — declarei, me levantando. — Caterine passa o tempo todo escorregando pelas minhas mãos e quando consigo convencê-la a deixar que eu me aproxime você simplesmente força a barra. Pare de se meter na minha vida, Mary, não sou um virgem de quarenta anos. Não preciso de ajuda. — Entrei em casa e deixei todos chamando meu nome.

— Me espanta que você tenha visto este filme, mano — Josh gritou enquanto eu subia as escadas.

Aquilo estava ficando ridículo. Enquanto eu

estava tentando ser um adulto e provar para a mulher que eu gosto que podíamos ter um relacionamento, minha cunhada estava tentando tomar as rédeas da minha vida. Qual era seu problema? Não tínhamos quinze anos.

Escolhi um livro qualquer em minha antiga prateleira e comecei a ler. Era cedo ainda, o frio estava fazendo o ambiente preguiçoso e propício para dormir, e uma vez que estava sozinho, me entreguei ao sono. Quando acordei, ouvi que minha família já estava de volta. Desci as escadas e me deparei com todos na sala olhando Josie enquanto ela brincava.

— Filho? Algum problema? — meu pai

perguntou, eu devia mesmo estar aparentando confuso.

— Hum... Não.

— Chocolate quente, querido? — minha mãe perguntou se levantando.

— Fique, mãe, eu pego para ele. — Josh ofereceu já indo em direção à cozinha. Percebi meu pai sentado ao lado de minha mãe e fiquei feliz em saber que ele estava mais em casa.

— É bom ver você em casa, pai — disse sinceramente, mamãe precisava de atenção. Ela teve uma vida boa, mas criou Josh e eu praticamente sozinha enquanto nosso pai

trabalhava. Eu não podia julgá-lo, eu também trabalhava muito, mas não tinha uma família me esperando em casa.

— Tirei alguns dias para ficar com vocês. — Assenti e aguardei meu chocolate quente, quieto. Caterine estava em minha cabeça e eu ainda estava chateado com Mary.

— Filho? — Meu pai chamou novamente. — Está tudo bem?

— Estou bem — murmurei enquanto pegava a xícara.

— Ele está pensando em Caterine — provocou meu irmão, me fazendo rolar os olhos.

Joshua conseguia acertar no nervo toda vez. Melhor timing da face da terra.

— Foda-se, Joshua! — rebati entredentes.

Ouvi um pequeno puxar de ar vir do chão, quando olhei para baixo a pequena mãozinha de minha sobrinha estava estendida para mim.

— Palavra com F são dez dólares — ela disse apresentando o sorriso exatamente igual ao do pai.

— Hum... sim, eu pago depois.

Todos gargalhamos com a ação da pestinha. Engatamos uma conversa longa sobre nossos trabalhos e as novidades de nossas vidas. Meu pai

realmente estava diminuindo suas horas no hospital, ele queria estar mais em casa com minha mãe. Mamãe, por sua vez, falou sobre seus planos para uma nova decoração, ela era feliz daquela forma, então nenhum de nós julgava suas escolhas.

Um tempo depois, sentindo que precisava limpar a minha mente, me retirei e fui até a varanda. Sentei em uma das cadeiras e fiquei olhando a rua. Tentando não pensar em Caterine, busquei lembranças de minha adolescência, do tempo em que eu e Mary costumávamos ficar aqui até tarde apenas conversando, falando como seria as nossas vidas na faculdade.

— Alex? — Mary chamou sem jeito. Nossa

discussão mais cedo tinha deixado um clima estranho entre nós. — Você ainda está com raiva?

— Está tudo bem, Mary, não estou com raiva. — Estiquei meu braço e a chamei para sentar comigo.

— Desculpe, às vezes eu não me controlo, me preocupo com você — justificou, envergonhada.

— Se preocupar comigo não significa se meter na minha vida. Nem fazer esse tipo de jogo, Mary Anne. Eu tenho trinta e dois anos, não dezesseis e você não é minha mãe. — Eu não fui grosseiro, para ser honesto, podia ouvir o cansaço

em minha voz enquanto falava.

— Você falando assim, parece que fiz algo horrível.

— Não é horrível, mas é desagradável, eu não preciso de você para alcovitar nada.

— Desculpa! Me perdoa! — Ela enroscou seu braço no meu e deitou em meu ombro. — Você é meu irmão. Só quero ver você feliz.

— Não precisava agir como se estivéssemos no ginásio.

— Se bem me lembro, no ginásio você não precisava da minha ajuda para namorar, era bem fácil, senhor *Rei do Baile de Primavera.* —

Empurrou meu ombro com o seu me fazendo rir. — Você ficou assim depois da sua especialização, e trabalhou tanto para virar promotor que deixou sua profissão tomar conta da sua vida.

— Não há nada de errado em trabalhar, Mary Anne.

— É quando você se isola do resto do mundo — criticou.

— Nossa! Que exagero. — Revirei os olhos.

— Que seja! Carter deixou um recado para você. — Olhei para minha cunhada com pouco interesse, eu queria ver Carter, obviamente, mas

sempre que ela deixava recado era algo espertinho e eu honestamente estava sem paciência.

— Então ela esteve aqui?

— Sim, ela disse que estaria ocupada hoje e não estaria em casa, mas para você ligar assim que se sentir à vontade para isso. — Ela sorriu em expectativa.

O quê? Ela espera que eu ligue agora?

— Ligue para ela! — pediu animada. Deixei minha cabeça cair e me apoiei em meus joelhos.

— Não sei o que está acontecendo na minha cabeça, demorei tanto para tirar férias e me sinto

tão cansado.

Ela gargalhou.

— Oh, querido, você está tão ferrado.

— É! Eu sei — concordei, me sentindo um derrotado.

— Sabe, dizem que relacionamentos devem ser fáceis, do contrário não valem a pena. Eu penso que relacionamentos precisam ser construídos com as melhores partes do casal. Nem sempre é fácil mostrarmos a nossa melhor parte, mas quando o fazemos, cara... — Mary levantou me deixando com a sua *sabedoria Jedi* e sozinho para pensar. E eu pensei por um longo tempo. Em nada

praticamente. Me esforcei para limpar a minha mente e simplesmente tentei não pensar em nada.

Levantei e voltei para meu quarto. Olhei em volta, lembrei de como eram fáceis as coisas quando eu era jovem. Naquela época, eu não tinha nenhum drama de namoro.

Deitei na minha cama, peguei meu telefone e liguei para ela.

— *Olá, dorminhoco.* — Ela parecia sorridente.

— Me desculpe por isso.

— *Está tudo bem, não tínhamos nada combinado*.

— Mesmo assim eu não deveria ter perdido a oportunidade vê-la, baby.

De onde eu tirei isso? Baby?

Notei que ela ficou tão assustada quanto eu com aquele apelido. Foi um acidente, escapou, mas eu não ia recuar.

— O quê? Não posso te chamar de *baby*? — Ajeitei-me na cama, esperando sua resposta.

— *Não, não é isso. Eu só não estou acostumada* — explicou rapidamente.

Suspirei, não tendo argumentos para discutir sobre apelidos carinhosos quando obviamente ainda não tínhamos saído da zona *não*

tão segura de amigos com benefícios, então acabei mudando o assunto.

— Então, podemos sair amanhã?

— *Sim... onde iremos?* — foi rápida em responder.

— Podemos escolher amanhã.

— *Ok.*

— Podemos passar o dia juntos? — Fechei um dos olhos e aguardei sua resposta como se estivesse com medo de levar um soco.

— *Você me pega às dez?* — Fiquei aliviado que ela tivesse aceitado.

— Perfeito... então até...

E ela tinha desligado.

CAPÍTULO 12

Se Deus me odiasse um pouco mais, eu estaria me *cagando* nas calças, pois minhas tripas estavam em nós de marinheiro e eu suava igual a um maratonista no deserto.

Poderia ser o jantar que tive com minha família. O frango ao molho de aspargos de minha mãe realmente estava de lamber os dedos ao final da refeição. Mas eu tenho certeza que não era este motivo pelo qual eu sentia vontade de vomitar.

Eu tinha que parar de me sentir como um garoto, simplesmente isso. Nenhuma mulher

poderia ter tanta influência sobre a química no corpo de um homem, a menos que ela fosse a *Pamela Anderson* em *Baywatch* e você tivesse dezesseis anos.

Tudo bem, eu estava exagerando um pouco, mas estava nervoso, muito. E eu nunca tinha ficado nervoso daquele jeito por uma mulher antes. E estava descobrindo diariamente que homens não são nada diferentes das garotas quando estão se...

Deixa para lá!

Mary Anne, minha querida e intrometida cunhada, durante o jantar disse, novamente, que minha vida acadêmica acabou me aleijando para

qualquer possível vida amorosa e eu só aturei porque ela tinha me dado uma ideia sensacional para um encontro com Caterine. Josh, meu irmão dominado pela esposa, concordou e acrescentou que eu nunca me casaria por simplesmente ter me afundado em meus estudos e não ter participado de orgias da irmandade Delta *qualquer coisa* gama, desta forma eu sempre seria um retardado para o sexo feminino. Seja lá o que isso significasse, eu sabia que ele apenas queria encher a minha paciência.

Quando desci para o café, encontrei todos à mesa me encarando com expectativa. Mamãe estava nas nuvens. Ela conheceu Carter no dia

anterior, mas só à noite ela ficou sabendo do nosso envolvimento graças a Joshua.

Meu pai era o único que ainda me dava alguma privacidade e apenas alegou que Caterine parecia uma senhorita muito bonita, inteligente e peculiar.

— Qual será a programação de hoje, pequeno Alex? — Joshua perguntou enquanto eu me sentava à mesa e pegava um pedaço pequeno de pão apenas para tentar acalmar meu estômago.

— Eu ainda não sei.

— Sabe sim... Ouvi você falando sozinho ontem à noite que a levaria para se divertir o dia

inteiro. — Mary entrou na conversa.

— Tudo bem, e o que falamos ontem sobre você se meter na minha vida, Mary Anne?

— Você estava falando sozinho, no seu quarto! — se defendeu.

— Eu tenho certeza de que não estava gritando — reclamei, pensando que eu deveria ter ficado em casa.

— Quando foi que você criou um amigo imaginário, mano?

— Foda-se, Josh! — Joguei um pedaço de pão em direção a ele.

— Alexander! — minha mãe chamou

atenção.

— Tio Alex! — Oh, merda! Josie desceu da cadeira desajeitadamente, deu a volta na mesa até chegar a mim e estendeu sua pequena e mercenária mãozinha.

— Pague! — Joshua gargalhou. — É por isso que não digo mais a palavra com F.

Todos gargalhavam, inclusive eu, enquanto minha sobrinha dobrava o dinheiro com suas pequenas e atrapalhadas mãozinhas e o guardava no bolso da calça jeans. Ela levantou sua cabeça para mim e ficamos nos fitando por um tempo. Josie esticou seus bracinhos para que eu a pegasse e

assim o fiz.

— Eu amo você, tio Alex — disse, beijando meu rosto. Eu sorri e a apertei mais perto de mim, Joselie era um anjo, uma criança iluminada, ainda que um pouco gananciosa, e isso não me fazia sentir inveja de meu irmão.

Com Josie em meu colo, pensei em algo que talvez Mary estivesse certa. Eu investi tanto em minha carreira que acabou por me fazer uma pessoa solitária. Eu ainda era jovem, claro, mas pela primeira vez me incomodou estar sozinho. Será que eu estava perdendo coisas valiosas?

Como ser pai, por exemplo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Não queria admitir, mas eu nunca havia considerado nada disso, até conhecer Caterine.

Isso me assustava pra caralho.

— Eu também te amo, princesa. — Deixei que ela pulasse do meu colo para voltar para seu café e me levantei para sair.

— Vou passar o dia fora. Não me esperem — informei em despedida e deixei a casa.

**

Quando estacionei o carro em frente à casa de Carter, dei de cara com *Shrek*, *Burro* e mais PERIGOSAS ACHERON

alguns caras.

Eles sempre andam em bando?

Como gangues?

— O que está fazendo aqui? CatCat não está — o homem montanha disse, mostrando uma postura completamente intimidante.

Ele estava mentindo, é claro que Carter estava em casa. Esperando por mim.

Bem, eu esperava que fosse mentira. Tínhamos poucos dias. Era quase Natal e meu tempo estava se esgotando.

— Vamos, Leonard, não seja mentiroso. — Amanda apareceu logo atrás dele. — A miss

coitadinha está sim. E é um favor que você faz tirando ela da minha casa. — Aquela garota era mais do que amarga, ela era completamente venenosa.

— Não fale assim dela, Amanda. — *Shrek* sibilou fazendo Amanda revirar os olhos em um misto de deboche com tédio.

Também não gostei do que ela disse sobre Carter, mas optei por ignorá-la e subir os poucos degraus que me levavam à porta da casa dos Flynn, entretanto, fui barrado pelo ogro. Leonard segurou o meu braço e me parou no meio do caminho. Olhei para sua mão e soltei um leve rosnado.

— Me solte — avisei entredentes.

— Ou o quê?

— Ou eu posso processá-lo e, acredite, como Promotor Público, eu posso fazer isso de forma muito rápida. — O aperto do homem ogro diminuiu consideravelmente quando avisei. — Você não acha que eu vá suar e brigar com você — *E provavelmente levar a pior*, mas isso eu não diria a ele. —... minutos antes de ter um encontro com Caterine, acha?

Eu estava rezando para que a minha reação superior e debochada fizesse com que ele se afastasse. Eu era um cara alto, atlético, mas

sejamos sinceros, aquele homem poderia me esmagar em segundos e ainda dizer: *Hulk esmaga*. Eu não estava disposto a passar por isso.

— E eu esqueço que você uma vez foi um cara legal e chamo seu pai para prender a sua bunda, Leonard — Caterine disse autoritária enquanto descia a metade dos degraus que faltavam para nos encontrar. Olhei para ela e sorri. Ela havia cortado os cabelos? Sim, eles estavam ainda mais curtos agora, apenas a parte da frente era maior e estava presa com alguma coisa brilhante de mulher. Ela estava linda. Jeans, blusa branca com gola alta e jaqueta de couro com fivela. A maquiagem levemente carregada e o sorriso fácil no rosto a

deixavam com ar de menina rebelde.

— Você cortou mais os seus cabelos? Está linda — disse quando finalmente eu havia me desvencilhado do seu amigo e me aproximado dela. Beijei os seus lábios delicadamente fazendo ela sorrir. Uma bufada foi emitida em minhas costas e foi a minha vez de revirar os olhos.

— Que coisa de mulherzinha de se dizer — Leonard comentou, como se a opinião dele fosse relevante.

— Eu diria que é totalmente doce — Caterine rebateu pegando a minha mão e entrelaçando nossos dedos. — Obrigada.

— CatCat, quem é esse cara afinal? Namorado? — Leonard perguntou mostrando insatisfação em sua voz.

Carter olhou para ele e sorriu, colocando sua mão em seu rosto.

— Leo... — De repente deu um tapinha leve na cara dele enquanto o sorriso em seu rosto caía. — Ponha na sua cabeça que eu nunca vou sair com você. — Ela virou para mim e suspirou. — Podemos ir, por favor?

**

PERIGOSAS NACIONAIS

— Então... esse Leo é algum ex-namorado? — perguntei assim que pegamos a rodovia

— Não. Sei que fiz você pensar que existia algo no outro dia, mas Leo nunca foi nada além de um amigo insistente. — A informação me fez ficar mais relaxado. — Aonde vamos?

— Você tomou café? — questionei, roubando um olhar e logo voltando minha atenção para a estrada.

— Não e estou faminta.

Eu ri.

— Ótimo, café da manhã primeiro então — declarei com empolgação.

PERIGOSAS ACHERON

— Mas é tão tarde, podemos fazer um *brunch*...

— Café da manhã. — Interrompi. — Que se dane o horário.

— Alexander Hartnett sendo espontâneo? — Seu tom era impressionado, desviei o olhar da estrada e a vi com a mão no peito e boca escancarada.

— Andei aprendendo um ou duas coisas com uma garota que conheci — brinquei, parando em frente ao café Lockwood, ela estava pronta para sair quando a parei. — Fique, por favor! — Dei uma leve piscada para que ela entendesse que eu

tinha planos e que não devia ser desviado deles.

Saltei do carro e o contornei para abrir a porta. Caterine estava meneando a cabeça em negação e rindo enquanto eu pegava sua mão e a conduzia para fora.

**

— Bom dia, posso anotar seu pedido? — A garçonete cumprimentou sorridente.

— Todo o menu de café da manhã para a viagem por favor. — A atendente riu, mas logo seus olhos se arregalaram quando ela viu que eu

estava falando sério. Caterine refletia a mesma reação da menina. — Apenas uma porção de cada, para evitar desperdícios, por favor. — Sorri para ela que continuava com aquela cara de quem pensava que eu era doido. — Quer algo para beber enquanto esperamos? — perguntei para Carter.

— O que está fazendo, Alex? — Eu podia ver a excitação nela, fiquei satisfeito em ver que ela estava gostando do nosso encontro.

O dia estava frio e, segundo os noticiários, iria nevar um pouco mais naquela noite, eu só precisava me lembrar do meu local preferido em Jérsei junto com Mary. Costumávamos correr para lá porque era calmo e deserto. A cabana dos

Jackson, pais de Mary Anne. Eles usavam como casa de férias quando o senhor Jackson queria pescar e fugir da cidade, ele pegava a família e sumia no meio da floresta. Em nossa adolescência, escapávamos e passávamos tardes e noites inteiras lá bebendo vinho barato e conversando.

**

Era exatamente no meio de um pequeno bosque e ainda tinha a mesma fita vermelha desbotada que Mary amarrou para enfeitar a porta no último ano antes de se mudar e ir ficar com Josh

em Nova Iorque.

— Hum... Me levando para o mato? Você é algum assassino em série? Pode me alimentar primeiro antes? Estou morta de fome. — Eu ri quando ela disse isso. Abri a porta do meu carro e dei a volta para abrir a dela, mas ela já estava fora, me impossibilitando de ser um cavalheiro.

— Vamos pegar as coisas.

— Que lugar é esse?

— É a cabana dos pais de Mary. Ela me deu a chave para podermos passar um tempo juntos.

— Legal, gosto de ficar em lugares fechados com você. — Sua animação me deixou

feliz. Eu também gostava de estar com ela, não apenas em lugares fechados.

Assim que entramos na cabana eu a puxei para meus braços.

— Já disse que gostei do seu cabelo? — Beijei seus lábios delicadamente. — Linda. Você é tão linda — sussurrei enquanto olhava em seus olhos. Eles pararam, assim como a respiração dela. E eu soube.

Ela estava na minha.

**

A cabana estava arrumada e impecável, os ambientes eram todos abertos, quarto, sala, cozinha, tudo no mesmo cômodo. Apenas o banheiro era separado. Era impecavelmente decorada. E tinha cheiro de limpeza, provavelmente a senhora Jackson tinha passado para limpar. Me movi até a lareira e preparei tudo para acendê-la enquanto Carter analisava tudo com cuidado.

— Gosto de lugares assim — comentou mais para ela do que para mim.

— Pequenos ou rústicos?

— Os dois, mas me referia mais ao espaço, meu apartamento é pequeno também. Eu gosto de

lugares compactos. Me sinto... acolhida.

— Suponho que você goste de estar em meus braços então. — Flertei assim que o fogo surgiu na lareira. Fui em sua direção e a abracei. — Vê? Espaço pequeno e aconchegante — expliquei, a apertando em meus braços. Carter me fitou com os olhos brilhantes.

— Você precisa parar de ser tão doce — sussurrou, sua voz era quase rouca.

— Por quê?

— Porque eu estou gostando disso — declarou timidamente. — Mas preciso ser alimentada. — Choramingou, se separando um

pouco dos meus braços.

— Não temos uma janela gigante, mas o que acha de café da manhã na lareira?

— Acho que é perfeito.

**

— Hum, isso está realmente bom — Carter elogiou dobrando mais uma panqueca inteira e levando até a boca, comendo como se fosse um sanduíche.

— Fico feliz que tenha gostado — disse, tomando um pouco do meu café. — Posso

perguntar algo?

— Uhum — respondeu.

— Por que Leonard e você nunca tiveram nada?

— Ele não é o meu tipo. — Ela deu em ombros.

— Mas parecia algo mais... não sei, parecia muito mais tenso.

Ela me olhou por alguns segundos, parecia estar em conflito sobre o que me dizer.

— Quando meu pai se casou e veio morar definitivamente em Jérsei. Eu... eu... — Ela estava relutante. Como um bom cavalheiro, fiz menção de

terminar com esse sufoco e mudar de assunto, mas quando abri a minha boca ela levou os dedos em meus lábios para que eu parasse. Levou mais alguns segundos para ela conseguir quando finalmente falou. — Tinha saído de um relacionamento há pouco tempo.

— Seu noivado? — Ela me olhou assustada.

— Como sabe?

— Mary comentou que sabia que você era noiva, mas não sabia detalhes. — Percebi que sua postura relaxou

— Bem, sim, eu era noiva de um cara da mesma faculdade. — Seus olhos perderam o foco

naquele momento, como se estivesse caindo em uma rede de lembranças.

— O que aconteceu? — perguntei, curioso. Quando seu foco voltou, ela engoliu seco e deu novamente em seus ombros.

— Não deu certo. — Não era apenas aquilo. Eu podia ter muitos defeitos, mas ser burro não era um deles. — Enfim, quando comecei a visitar meu pai, Leo começou a investir em mim, eu estava me sentindo fraca, tão sozinha... então ele me ofereceu a sua amizade, já que eu não poderia dar a ele o resto. Foi assim por dois anos, mas agora ele simplesmente não quer mais ser somente meu amigo, quando você apareceu ele simplesmente

surtou, acha que você é uma ameaça.

— Não sou — murmurei meio a contragosto. Eu queria ser, queria que ela dissesse que eu era uma ameaça. Seria admitir que tínhamos mais do que um acordo.

— Não, você não é uma ameaça porque ele nunca poderia competir com você. — Sua mão foi para meu rosto. A fitei um pouco espantado. Peguei sua mão do meu rosto e beijei a palma.

— E seu ex-noivo? Onde ele está agora?

Ela não respondeu. Engatinhou os centímetros que nos separavam e começou a me beijar.

— Carter...

— Vamos falar de coisas mais interessantes — murmurou, nunca parando de explorar minha boca. Mordi seu lábio inferior e depois passei a língua testando o gosto doce da panqueca com pedaços de chocolate. Puxei-a para meu colo e a mantive ali, fechada em meus braços, apenas nos beijando e acariciando nossos rostos e cabelos. Não precisávamos ter pressa, nossos corpos estavam acostumados um com o outro. Parecia que nos conhecíamos há tanto tempo.

Quando nos separamos, Carter pegou a sua bolsa e tirou um livro de dentro.

— Eu entedio você? — indaguei levantando uma sobrancelha para a sua visível quebra de clima.

— Eu sempre tenho um livro na bolsa, pensei em lermos um pouco, o que acha? — Seus olhos eram pedintes naquele momento, então entendi. Ela tinha o mesmo pensamento que o meu. Passar tempo, nos conhecermos, não precisávamos transar a cada oportunidade que tínhamos.

— Claro, que livro é?

— Você vai ficar decepcionado. Não é a Constituição — brincou, entregando o livro.

— Muito engraçada. Eu gosto da minha profissão e não tenho vergonha disso — declarei

irreverente. — Você poderia gostar também — retruquei, continuando a brincadeira, mas o riso dela morreu.

— Eu costumava amá-la. — Seus olhos eram incrivelmente tristes agora, o que me fez imediatamente arrependido de ter mencionado aquilo.

— Quer falar? Digo, você não precisa, mas se quiser...

— Um dia... — respondeu pensativamente. Olhei para ela esperançoso. Se abriria para mim um dia? Teríamos a oportunidade de conviver, ter um relacionamento até este *um dia*?

— Bem, vamos ler, então — afirmei empolgado e ela abriu o livro. Dividimos os capítulos dele, cada um lendo uma parte.

**

— Eu estou com frio — ela disse, rindo. Eu havia levantado sua blusa para distribuir beijos na sua barriga, nos deitamos preguiçosamente em frente à lareira, em um cobertor grosso.

— Impossível, estou beijando você. Você deveria estar quente. Se não for pelos beijos que seja pelo fogo. — Ela riu e ficou me olhando. — O

quê?

— Você só não costuma ser assim. Só isso.

— Primeiro. — Deixei a sua barriga e abaixei sua blusa. — É estranho ouvir você dizer que “não costumo ser assim”, parece que nos conhecemos há tanto tempo.

— Concordo. Pensei sobre isso também, realmente parece que nos conhecemos.

— Sim. Segundo: Eu percebo que estou mudando. Só não sei o que isso significa ainda. Mas acho que tem a ver com você — assim que falei, fechei os olhos esperando-a surtar de alguma maneira, mas não havia como voltar atrás, então

simplesmente encarei o deslize e continuei. — Obrigado por isso. — Em seguida dei um beijo casto em seus lábios.

— É um prazer. — Suas mãos enrolaram em meu pescoço. — Prazer... Gosto da palavra — brincou sugestivamente.

— Hum... prazer... Vamos falar mais sobre isso. — Minhas mãos voltaram a brincar com a sua blusa, mas desta vez tirando a peça totalmente.

— Eu tenho algumas teorias sobre como dar prazer. — Sua voz era carregada de desejo, enquanto desabotoava meu jeans.

— Estou ouvindo.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 13

— Você vai congelar andando só de calcinha por aí — informei enquanto a olhava beber o restante da água direto da garrafa. Sua pequena calcinha branca quase se fundia com a cor da sua pele de porcelana. O único contraste em seu corpo eram os bicos rosados de seus seios. Era realmente um espetáculo a ser apreciado e deitado no chão, em frente à lareira, foi exatamente o que fiz. — Sentindo-se uma mulher livre e rebelde? — perguntei, lembrando de quando ela contou suas peculiaridades.

— Oh! É sempre libertador fazer isso.

— É muito bom olhar também.

— Coloca mais lenha nesta lareira antes que eu congele — pediu, largando a garrafa na mesa e dando uma boa olhada na cabana.

— Você pode vir aqui para eu te esquentar novamente. — Puxei o cobertor que me cobria para que ela se enfiasse ali comigo. Ela foi para os meus braços se aconchegando em mim com um ronronar manhoso.

— Então? Mary, você, cabana? — perguntou sugestivamente. Franzi o cenho tentando entender o que ela queria dizer. — Vocês vinham

muito aqui?

— Sim, no começo só vínhamos acompanhados, quando nossos pais se convenceram de que eu não queria entrar na calça dela, deixavam a gente vir juntos para “acampar”. Nós matávamos aula às vezes também quando consegui minha carteira de motorista.

— Você e ela nunca tiveram nada?

— Uma vez nos beijamos para saber se não estávamos errados em sermos apenas amigos. Já que todos insinuavam que era algo mais. — Eu ri ao lembrar. — Foi nojento. Como se eu estivesse beijando minha irmã, mas na época, disse a ela que

estava beijando minha avó, só para provocá-la. Mary estava destinada a outro Hartnett.

— Seu irmão sabe do beijo?

— Claro, Mary disse a ela antes de deixar que ele a beijasse pela primeira vez.

— Mentira! — exclamou, impressionada.

— Verdade. Ela disse algo como: “Antes de começarmos algo, você precisa saber que beijei seu irmão. Foi nojento e não levamos nada adiante.” Peça para Josh contar, ele ama imitar Mary.

— A sua família é tão...

— Maluca? — completei.

— Não, *tão família*...

— Sua família não é tão *família*? — questionei me ajeitando e virando para ficar de frente para ela.

— Não, eu realmente não posso dizer que tenho família, Alex.

— Mas...

— Eu não posso acreditar que você achou nojento beijar Mary Anne. — Ficou claro que ela não queria falar sobre a sua família naquele momento. — Não pode ser nojento beijar ela.

— Mary é linda. Mas é como um homem para mim. — Carter riu da minha declaração. — Sério, você deveria ter visto nossos concursos de

arroto. Aquela garota pode arrotar mais alto do que o *Fred Flintstone* gritando “yabadabadoo”.

— Mesmo assim... Eu duvido que você não teve ao menos uma quedinha por Mary Anne. — Sua boca torceu como se ela estivesse incomodada.

— Está com ciúmes, Caterine Flynn?

— Não, só... só criando assunto.

— Então por que não chega mais perto para conversarmos sobre algo mais interessante?

Com os olhos maliciosos, aproximou os poucos centímetros que nos separava. Beijei seus lábios por um longo tempo, sentindo seu corpo perfeito contra o meu. Quando o chão duro

começou a ficar desconfortável, fomos para o pequeno sofá, nos acomodamos, de lado, ela na minha frente e nós dois olhando o fogo, em silêncio, até que ela adormeceu. A mantive dentro do aperto dos meus braços sentindo o cheiro dos seus cabelos e a textura de sua pele até que também peguei no sono.

Quando acordamos novamente, era noite.

— Não quero ir... — resmunguei, amarrando meus sapatos. — Podemos ir amanhã pela manhã.

— Prometi ao meu pai que estaria de volta para começar os preparativos para o Natal. Mas

você pode me buscar amanhã para jantarmos, o que acha? — Ela vestiu sua blusa e ajeitou os cabelos, se aproximou de mim enquanto eu assentia para sua ideia e acariciou o meu rosto. — Obrigada, foi um encontro incrível.

— Eu tinha um objetivo hoje, conversar sobre nós... — resmunguei.

Ela puxou delicadamente minha cabeça para que eu abaixasse.

— Não — pediu, beijando meus lábios. — Estava tudo perfeito, Alex, não estrague isso.

Por que estragaria?

Sabia que não teria a resposta, então,

respirei fundo e fiz o que ela pediu. Fomos embora da cabana.

**

— Hum... — ela gemeu enquanto eu beijava suas costas nuas.

— Temos que ir — eu disse, na verdade não querendo dizer. Era vinte e três de dezembro, no outro dia seria véspera de Natal e eu precisava correr para comprar um presente para ela. — Está ficando tarde.

— Somos adultos. Vamos passar a noite e

voltamos amanhã cedo — disse puxando o edredom por cima dela e rolando na cama.

Ah, agora que ela não havia prometido ao seu pai que teria que voltar para casa?

Me levantei apenas para ir até o banheiro.

Eu tinha buscado Carter para jantar conforme tínhamos combinado antes de sair da cabana no dia anterior. Passei o dia com Joselie, inventando brincadeiras, desenhando e bem, ela gostava de brincar de salão de beleza. Meus cabelos, segundo ela, eram bons para penteados. Quando a tarde caiu, me aprontei para buscar Caterine. A ideia era jantar e passear pelas ruas

curtindo a decoração de Natal ouvindo os coros. Nada de mais, apenas um programa tranquilo com a minha *não* namorada.

Mas quando paramos em frente a um hotel, Caterine me puxou para dentro. Pegamos um quarto e bem, ficamos por lá.

Aproximei-me da janela e analisei os flocos de neve que caiam pela madrugada.

— Então? Estamos trancados por mais uma semana? — a voz dela, pesada de sono, perguntou.

— Hum... Não estamos com tanta sorte assim. — Caminhei até a cama e me aninhei em seus braços.

Deus! Aquilo era tão bom.

— Porém é dia vinte e quatro de dezembro, véspera de Natal e precisamos voltar.

— Não podemos fingir que tem uma tempestade de neve e ficar aqui por mais uma semana? — Choramingou, sem querer sair da cama.

— Claro. Pelo tempo que você precisar — disse enquanto me virava para encará-la. Nos olhamos por um tempo em silêncio. Eu queria fazer tantas perguntas a ela.

— Diga alguma coisa... — pediu.

— Me fale mais sobre você.

Senti que ela enrijeceu rapidamente, mesmo assim manteve o semblante tranquilo ao me responder.

— Alexander, eu ainda não posso falar sobre Michael. — Ela era esperta. Sabia o que eu estava pedindo.

Eu tinha o nome do cara. Michael. Faltava saber...

Todo o resto.

Porra!

Como ela sempre fazia, usou seu corpo para me distrair dos meus questionamentos.

Era madrugada quando a deixei em casa. A

levei até sua porta para me despedir.

— Então nos vemos mais tarde? — perguntou com os braços ainda envoltos em meu pescoço.

— Hu-hum — concordei enquanto acariciava seus quadris. — Mas você sabe que teremos pouco tempo entre ir ao shopping e voltarmos para jantar com nossas famílias.

— Eu não me importo, quero comprar um presente. — Beijou meus lábios mais uma vez antes de entrar, parando apenas para me fazer mais encantado por ela.

Ela deu uma última piscada antes de fechar

a porta. Sem se despedir.

— Até mais tarde, baby.

**

Mais tarde, quando estacionei em frente à casa dos Flynn, surpreendentemente *Shrek* e sua trupe não estavam por lá. Saí do carro e fui até a porta, mas, antes que eu pudesse bater, ouvi:

— Cala a porra da sua boca, Amanda! — Ouvi a voz de Jeremy e logo após o vi sair e bater à porta com força dando de cara comigo.

— Está tudo bem, garoto? — perguntei

preocupado. O rapaz estava transtornado.

— Não! — respondeu alterado, mas eu sabia que não era comigo. — Me diga uma coisa.

— Sim...?

— Você gosta dela? Gosta de Caterine?

— Hum?

Jeremy revirou os olhos para minha tentativa de parecer desligado.

— Olha, se gosta, eu sugiro que você a leve para bem longe desta casa. Ela fez escolhas de merda, mas não precisa passar por isso — dizendo isso, ele virou as costas e saiu em direção à praia. Olhei para a porta e Carter estava sorrindo

tristemente para mim, eu vi que ela estava envergonhada pelo que o irmão havia dito. Me aproximei dela e a abracei.

— Está tudo bem?

— Vai ficar — respondeu enquanto eu a guiava para meu carro.

Durante toda a viagem ela ficou pensativa, seus olhos sempre direcionados para a estrada. Eu teria falado com ela, mas em algum momento a ouvi fungar levemente e me senti apavorado com a ideia de que ela pudesse estar chorando.

Eu não sabia como cuidar de alguém abalado emocionalmente, Phoebe chorava toda

semana enquanto estivemos juntos por algum motivo completamente idiota e, sempre que dava qualquer sinal de drama, eu simplesmente me trancava em algum lugar o mais longe dela possível. Com Carter eu não poderia ser assim, merda, eu nem queria ser assim. Eu queria parar o carro e abraçá-la, mas não me sentia seguro ainda. Que. Porra.

Quando chegamos, a atmosfera continuava pesada, mas Caterine trabalhava arduamente para colocar um sorriso sincero em seu rosto. Ela colocou a parte mais comprida de seu cabelo atrás da orelha e mordeu seu lábio enquanto analisava sua lista de compras.

— Onde está a sua lista? — perguntou, agora me olhando. Droga, seus olhos estavam mais verdes com o choro e a ponta do seu nariz estava vermelha, parecia tão indefesa e ainda assim estava linda. Mesmo vulnerável não perdia a sua beleza.

— Eu não tenho uma — respondi jogando meus ombros como se não importasse.

Eu sempre comprava os presentes da minha família com antecedência. Odiava entrar no comércio em véspera de Natal, era um aglomerado de gente atrasada sem fim, mas eu queria agradar Caterine, que parecia fazer parte deste aglomerado que deixava tudo para a última hora, então compraria um presente extra para cada um dos

membros da minha família e um belo presente para ela.

— Ok, mas você sabe os presentes que tem que comprar?

— Sim. — Peguei sua mão e nos enfiamos no corredor que dava para as primeiras lojas.

— Ok. O plano é o seguinte: Fazemos tudo junto, até comprarmos o presente um do outro, quando chegar essa hora, nós nos separamos.

— Teremos presentes, então? — perguntei em um tom sugestivo. Ela sorriu e deu um tapa em meu ombro.

— Sim... podemos nos presentear. Somos

amigos. — Levantei a sobrancelha para ela. — Pare, Alex! — Levantei as mãos como se não fosse culpado de nada e deixei o assunto morrer.

Eu sabia que não éramos amigos.

Ela sabia que não éramos amigos.

A cada momento que passávamos juntos, nossa relação se transformava em algo que ia muito além dos rótulos.

Para Josie, comprei uma coleção de livros infantis e interativos com fantasias dos personagens. Para Mary, comprei o que Carter sugeriu. Ela alegou que seria um presente para ela e meu irmão.

— Lingerie sempre cai bem, Alexander, você nunca erra.

Era nojento escolher algo para minha cunhada usar com o meu irmão, mas Carter me fez sentir um pouco melhor sobre aquilo quando sugeriu que eu comprasse, então, um vale presente da loja.

Para minha mãe, comprei livros de um novo Chef Irlandês especializado em pães, ela amava colecionar livros de receita. E para meu pai, uma garrafa de conhaque.

Eis o problema: eu teria que comprar um presente para Caterine. Se eu pudesse comprar algo

caro e sofisticado seria fácil. Só que essa era Carter. A garota que comia no chão, assistia filmes tipo B e bebia água direto da garrafa. Um relógio ou colar de pérolas a fariam rir da minha cara e provavelmente ela guardaria em sua gaveta de meias.

E eu não tinha a menor ideia do que dar a ela.

Caminhei pelas primeiras lojas olhando as vitrines para ver se alguma delas poderia me dar alguma ideia.

Nada.

Não queria comprar qualquer coisa, eu

queria comprar algo com significado, mas que não a assustasse.

Nessa hora, a vontade de comprar uma simples caixa de bombons seria a melhor saída, mas eu tinha que ser mais criativo que isso.

Sentei brevemente em um banco de frente para algumas lojas tentando pensar em algo, mas logo um menino sentou ao meu lado comendo um chocolate e deixando suas mãos lambuzadas e grudentas me dando taquicardia só de olhá-lo enquanto esfregava suas mãos no banco. Argh!

Saia de perto de mim, criança melequenta!

Foi quando eu vi, em uma loja de acessórios

femininos, em meio a tantas outras coisas na vitrine, brilhando para mim. Poderia não ser uma joia cara, mas sabia que ela adoraria.

Entrei na loja rapidamente e solicitei à atendente que pegasse o objeto. Analisei com cuidado e tive ainda mais certeza de que era o presente perfeito.

**

Enquanto aguardava Caterine, resolvi ir a uma loja de departamento e comprar mais roupas de *pessoa normal* como costumavam dizer para

mim. Eu estava intercalando entre as minhas roupas e o que Mary comprou para mim. Eu tinha roupas além de ternos, mas eram poucas, eu quase não usava, e roupas de corrida não eram interessantes para passeios.

Quando ela terminou a sua caça pelo presente, me ligou para nos encontrarmos e comermos alguma coisa na praça de alimentação.

— Então, meu presente é bom? — perguntei enquanto levava à boca um pedaço da torta salgada que havia escolhido.

— Sim. Muito!

— Quero ver superar o meu! — disse,

continuando a provocação. Peguei mais uma garfada e enfiei na boca.

Sua voz assumiu um tom baixo e sexy quando disse:

— E se o meu presente envolver uma noite na pousada comigo vestida de duende nada comportada do Papai Noel com uma bengala de açúcar enorme na boca?

O pedaço da torta obviamente caiu da minha boca me fazendo engolir seco.

— Ok, nada superaria isso. Você vai me matar, mulher.

Ela sorriu e deu uma piscada pegando o

canudo do seu milk-shake, brincando com ele em sua boca.

CAPÍTULO 14

Amanhã já é Natal.

Pensei comigo quando voltava da casa de Carter. Deixei-a e suas inúmeras sacolas de presentes lá e lhe disse que ligaria à meia-noite para lhe desejar um Feliz Natal. Analisei os flocos de neve mais densos que caíam no meu para-brisa e não pude deixar de comparar a neve com a minha (não) namorada. A tempestade vinha e voltava, mesmo com a previsão do tempo, este ano a neve estava fazendo o que queria. Quando pensávamos que ela ia dar uma pausa, voltava a cair

densamente.

O tempo estava me deixado confuso, assim como Caterine.

Era como se eu estivesse em outro universo, por alguns dias não havia me passado nem mesmo a vaga lembrança de que eu era um promotor, que estava de férias e que em breve voltaria para a minha rotina.

Eu nem sei se queria isso.

Rotina.

Por um segundo desejei que eu apenas pudesse voltar no tempo. Que pudesse ter aquela semana novamente.

Eu com certeza faria algumas coisas diferentes. Mas não aconteceria, tinha que seguir em frente, encarar o fato de que meu tempo estava se esgotando novamente e tinha só mais uma semana para convencer Caterine que o que tínhamos poderia dar certo. Eu odiava aquela situação de prazo de validade, mas me recusava a desistir dela.

Ela estava cedendo aos poucos, mas eu ainda tinha a sensação que qualquer passo errado poderia pôr tudo a perder. Eu tinha que mudar aquela situação, só não tinha ideia ainda de como.

Lembrei de pouco tempo atrás, quando eu a estava levando de volta para a casa do seu pai, ela

disse que não estava muito animada para o Natal com sua família.

— Você pode ficar conosco, seria mais do que bem-vinda — informei com convicção.

— Meu pai ficaria magoado, mas obrigada. Eu apenas preciso passar por Amanda mais alguns dias.

— O que Amanda tem contra você, afinal? Você comprou um presente para ela, apesar de tudo, então imagino que o problema seja dela com você e não o contrário...? — perguntei sem rodeios, enquanto dirigia.

— Amanda nunca gostou do meu pai ou de

mim. Ela não superou o fato de que sua mãe largou seu pai para casar com o meu. — Olhei espantado para ela. — Sim, meu pai foi amante da minha madrasta.

— Mas por que ela desconta em você?

— Há uma pequena lista de motivos. — Ela deu de ombros e eu queria saber mais. Muito mais.

— Estou ouvindo. — Encorajei.

Com um suspiro ela resolveu falar um pouco.

— Amanda acha que me conhece porque soube de algumas coisas sobre meu passado. Ela usa isso para me ferir já que sabe que meu pai não

vai deixar a mãe dela. Ela nunca me suportou. Eu sempre fui a garota de ouro do papai, e ela... Bem, ela não. Ela quer Leonard, ela teve Leonard, mas assim que nos conhecemos, ele me quis. Ela queria fazer direito na faculdade, mas não tinha fundos e seus exames não obtiveram notas boas para que ela pudesse ter uma bolsa. E bem, quando nos conhecemos e ela descobriu que eu estava cursando exatamente o que ela queria, não ajudou muito em nossa amizade. *Ela condena algumas decisões que tomei na vida e usa cada oportunidade para jogar isso na minha cara. Eu até entendo que ela seja um pouco amarga. Eu represento tudo o que ela fracassou na vida.*

— Jeremy gosta de você, no entanto. — Instiguei.

— Sim, nós nos damos muito bem e é mais um motivo para Amanda me odiar. Seu irmão me defende.

— E você? Você se defende?

— Me defender não mudaria nada.

Sua voz era apenas um murmúrio triste quando ela encerrou o assunto. Eu não sabia de toda a história, via apenas pelo buraco de uma fechadura, mas não achava saudável ficar ouvindo desaforo da garota venenosa que Amanda era.

**

Assim que coloquei os pés dentro de casa, Josie saltou em meu colo me convidando para brincar, o cheiro delicioso do assado da minha mãe estava espalhado por toda a casa.

— Vamos brincar! — minha sobrinha exclamou.

— Você, senhorita Joselie, vai subir as escadas e tomar banho, sua mãe está esperando por você. — Meu irmão a retirou dos meus braços e a colocou em direção à escada.

Quando ela subiu, pedi ajuda para retirar as

compras do carro e colocar embaixo da árvore de Natal, Josh ajudou e, assim que nos sentamos, começamos a conversar sobre a evolução do meu (não) namoro.

— Você está apaixonado por ela, não está? — perguntou depois que eu dei um resumo do que vinha acontecendo comigo e Caterine até o momento.

— Eu estou, e honestamente isso está mexendo com a minha cabeça... Joshua, eu não sou mais eu. Eu penso como um menino de dezesseis anos na maior parte do tempo e isso está me deixando louco. — Enfiei minhas mãos nos cabelos e os puxei um pouco frustrado.

— Eu conheço o sentimento — meu irmão falou com suavidade em sua voz e um sorriso largo. — Mary Anne fez isso comigo.

Será que o que eu sentia por Caterine era tão forte quanto o que Josh sentia por Mary?

Eu tinha medo só de pensar nessa possibilidade. Porque se fosse assim, se eu amasse Caterine como Josh amava Mary desde o primeiro instante, uma nova pergunta se formava.

O que ela sentia por mim?

Sim, porque assim que Josh se apaixonou por Mary, Mary caiu de amor por ele também.

PERIGOSAS NACIONAIS

**

Minha conversa com Josh não ajudou. Enquanto tomava um banho, continuei pensando nela.

Quando eu não estava pensando nela, não é?

Assim que coloquei meus pés de volta ao quarto, meu telefone começou a tocar. Peguei o aparelho e olhei confuso para o nome que aparecia no visor.

— Carter?

— *Oi!* — ela disse com uma voz triste.

PERIGOSAS ACHERON

— Oi. Está tudo bem?

— *Estou voltando para Nova Iorque hoje, só queria avisar. Vou pegar o último ônibus.* — Ouvi ela fungar um pouco.

— Mas, por quê? Aconteceu algo?

— *Eu, bem... acho que não sou bem-vinda na casa do meu pai... não mais...* — Sua voz embargou no final.

— Carter, não vá.

— *Eu não tenho escolha, Alexander, olha... nos veremos lá, ok? Quando estiver de volta, me ligue.*

— Não, você não vai. Fique aí que vou

buscar você. — O caroço em minha garganta era enorme, meu peito doía apenas de escutar a sua voz angustiada.

— *Alex...* — Eu sabia que ela ia tentar me fazer mudar de ideia, mas eu não ia deixar que ela discutisse comigo.

— Caterine, me deixe cuidar de você, nem que seja apenas por hoje. — Seu silêncio me disse que ela iria. — Fique onde está, estou chegando aí.

Quarenta minutos depois eu estava estacionando o carro em frente à casa de Caterine. Saí do carro enquanto enviava uma mensagem avisando que eu havia chegado. Enquanto

caminhava até a sua varanda, a porta da frente se abriu rapidamente. Caterine e seu pai saíram lá de dentro.

— Você sabe que não há necessidade disso — resmungou bravo para a filha.

— Ficar aqui vai só machucar todos e isso pode afetar o seu relacionamento com Milly, eu não quero isso.

— Mas você é minha filha — tentou argumentar com angústia em sua voz.

— E não deixarei de ser. Mas não o farei escolher, pai — disse, calma e controlada. Aquela era uma Caterine diferente da garota livre e

peculiar que conheci no bar. — Eu vou ficar com a família de Alexander. Ele me convidou, assim posso passar aqui para lhe desejar Feliz Natal amanhã. Tudo bem? Deixei os presentes ao lado da árvore.

Sua voz e postura derrotada partiram meu coração. Queria pegar seu pai e fazer com que ele escolhesse, Caterine é quem deveria ser escolhida. Ela merecia.

Virando de costas, e sem dizer qualquer outra palavra, ela deu sua atenção para mim.

— Oi. — Tentou sorrir.

— Oi — disse para ambos, tentando

controlar meu coração. Queria abraçá-la e fazer passar o que ela estava sentindo. Perceber que ela estava sendo rejeitada pela própria família por causa de uma imbecil invejosa me dava raiva.

— Cuide bem da minha filha — Jack disse um pouco envergonhado por estar me pedindo para fazer algo que ele é quem deveria fazer. — E nada de dormirem no mesmo quarto.

Esse cara é de verdade?

— Você tem que estar brincando comigo. — Soltei indignado, mas Caterine colocou a mão em meu peito. Olhei para ela que meneava a cabeça em negativa para que eu não fizesse nada.

Entramos no carro e seguirmos para Cape novamente, eu não tinha certeza do que havia acontecido, mas sabia que havia sido entre Amanda e Carter. Fiquei satisfeito em não ter que insistir tanto para que ela ficasse conosco.

Acho que não queria ficar sozinha no Natal.

Voltamos em tempo para a ceia. Eu não tinha avisado ninguém que ia buscar Caterine, mas nenhum deles deixou transparecer. Minha mãe sorrateiramente colocou prato e talheres para Carter sem que ela visse o movimento enquanto os outros a abraçavam.

— Obrigada pelo convite — Carter disse

enquanto sentava ao meu lado.

— Você sempre é bem-vinda, querida — minha mãe respondeu transbordando de alegria.

**

Quando voltei para a sala com os pratos de sobremesa nas mãos, encontrei Carter e Josie colorindo um livro de princesas.

— Usa esse, tia Cat — Josie pediu entregando um lápis azul para pintar o vestido de uma das princesas. — O vestido da Cinderela é azul.

— Tudo bem, vou pintar de azul, senhorita Joselie.

— As princesas querem sobremesa? — Ambas olharam para mim enquanto eu postava os pratos sobre a mesa. — Vamos lavar as mãos, Jojo? — incentivei.

— Vamos! — A menina saltou e correu para o lavabo sozinha, uma escadinha a aguardava embaixo da pia para que ela conseguisse se virar sozinha.

Josie devorou a sua sobremesa e brincou até cansar com Caterine. Quando a lembramos que o Papai Noel não viria até que ela estivesse

dormindo, a menina se entregou e foi para a cama com seus pais. Meus pais também se despediram e foram dormir, deixando apenas Carter e eu na sala. Eu desliguei a luz da sala e deixei apenas as luzes brancas da árvore de Natal iluminando o ambiente. Sentei em frente a Caterine e beijei seus lábios rapidamente.

— Quem diria que você passaria o Natal comigo, afinal.

— Sim, obrigada por não me deixar sozinha — suspirou e se aproximou me dando um beijo mais demorado. Acariciei seu rosto sentindo a textura gostosa da sua pele, seu cheiro, seu perfume, tudo nela me encantava.

— Então, vai me falar o que aconteceu?

Carter soltou um suspiro pelos seus belos lábios, parecendo cansada e um tanto triste e, por fim, falou:

— Amanda. Ela deixou a situação complicada, acabei perdendo o controle e revidei suas ofensas. A convivência estava deixando meu pai e madrasta chateados um com o outro. Meu pai me defende, Milly defende Amanda e eles acabam brigando. Então eu resolvi sair fora. — A tristeza em sua voz era nítida, seus ombros caídos e cansados demonstravam isso.

— Queria que você me contasse *tudo*. Se

abrisse comigo — confessei, suplicante. Puxei ela para os meus braços e a fiz sentar no meu colo. Acariciei seus cabelos enquanto ela se aconchegava mais em mim.

— Não quero falar sobre isso, Alex — pediu no mesmo tom que eu. Me calei e deixei o silêncio cair sobre nós.

— O que exatamente você quer de mim? — perguntou depois de um longo tempo em silêncio.

— Eu não sei. — Foi automático, eu sabia o que queria dela, mas não tinha coragem para dizer naquele momento, parecia que eu estaria me aproveitando de sua vulnerabilidade.

— Você sabe, sim. — Instigou mais.

— Não é o momento. — Meu coração começou a disparar e minha garganta ficou seca, nem em frente a um júri popular, nem em frente a bandidos e mafiosos eu ficava daquela forma, no entanto, na frente daquela mulher eu me sentia inseguro. Um menino assustado.

— Esse é o momento, Alexander — ela continuava insistindo. Sentou ereta em meu colo e me olhou com seriedade. — Diga o que você quer de mim.

Parecia que meu coração ia saltar pela boca naquele momento, o medo de dizer as coisas

erradas e ferrar com tudo de uma vez me aterrorizava, mas ela estava pedindo, estava me dando uma oportunidade para eu me abrir. Então respirei fundo e fui o mais honesto que pude.

— Eu quero um relacionamento, namoro. Quero ficar com você e só com você. Essa coisa de *amigos com benefícios* não vai dar certo para mim.

Foi imensurável o tempo que ela ficou quieta, apenas me encarando. Seus belos olhos verdes olhavam em meu rosto, cada pedaço dele, como se estivesse procurando por algo.

— Eu sei que é uma má ideia e que vou estragar tudo, Alexander, mas você me convenceu

PERIGOSAS NACIONAIS

— sussurrou sem tirar seus olhos de mim.

Cristo! Eu nem sabia como reagir diante de suas palavras, eu tinha visto aquela mulher fugir de mim tantas vezes que eu já estava preparando meu ego para a próxima porrada, mas ela me surpreendeu e fez meu peito se encher de sensações que eu sequer sabia que existiam.

— O quê? Sim? — perguntei atordoado.

— Eu vou ser sua namorada, *senhor neurose*.

— Sim? — Não pude esconder meu sorriso bobo.

— Sim, mas tenho condições.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Manda ver! — Ajeitei-me no sofá em expectativa.

— Nós dormimos juntos quando tivermos vontade. Mútua vontade. Nada de cobranças, nada de obrigações e, principalmente, nada de possessividade. — Eu assenti, mas achei estranho, era meio óbvio. Não? — Você não dita com quem eu ando, o que eu uso e como me comporto.

— Caterine, isso é um namoro, eu não estou comprando uma escrava. É claro que vou respeitar você, baby. — Beijei seus lábios vendo seus olhos se encherem de lágrimas. Ela pegou uma respiração profunda e fechou os olhos se entregando naquele beijo.

PERIGOSAS ACHERON

Carter parecia ter encerrado o assunto, montando em mim, percebi que os beijos e carícias ficariam mais intensos, e se tem algo que nunca fiz foi dar amassos na casa dos meus pais e ser pego no flagra por eles, então me ergui do sofá com ela no meu colo e subi para o meu quarto.

CAPÍTULO 15

Caterine e eu passamos a noite toda acordados, desejando Feliz Natal um ao outro da melhor maneira possível. Eu posso ter tido dificuldade em fazê-la gemer baixo para não acordar a casa inteira, mas foi a melhor comemoração de Natal que eu tive na vida.

Quando abri meus olhos na manhã de Natal, estava sozinho em minha cama. Sentei um pouco confuso e tentando entender se tudo o que havia acontecido na noite anterior tinha sido um sonho ou realidade. Logo a minha resposta veio.

— Bom dia, namorado. — Sorrindo, sentada na minha antiga mesa de estudo e olhando pela janela enquanto e neve caía timidamente, o meu próprio floco de neve estava. Linda. Vestia apenas uma camisa branca minha. A cena mais suave e mais erótica que eu já havia presenciado ao mesmo tempo. O cabelo platinado estava bagunçado, ela tinha resquícios de maquiagem nos olhos e os lábios inchados dos beijos selvagens trocados na noite passada, seus olhos se destacavam na claridade, assim como a sua pele branca demais.

Era de tirar o fôlego!

Sentia-me completamente apaixonado por

Caterine Flynn e queria desesperadamente dizer a ela.

Mas eu tinha acabado de convencê-la a ser minha namorada. Eu precisava ir devagar.

— Onde foi que conseguiu essa camisa? — questionei, me sentando na cama.

— Vasculhei na sua mala. Pensei que você gostaria de acordar e me ver assim, como nos *velhos tempos* — respondeu virando-se lentamente para que eu pudesse contemplá-la por completo. — Gostou?

Se eu gostei?

— Vem cá, baby. — Chamei, me

controlando para não pular nela.

Carter se aproximou vagarosamente da cama e quando subiu, engatinhou até mim olhando diretamente em meus olhos. Eu rezei para não babar naquele momento e estragar tudo. Tentei não pensar também para não dizer nada que pudesse interromper o que estava prestes a acontecer.

Puxei ela rapidamente para o meu colo fazendo-a gargalhar na ação, logo eu estava olhando em seus olhos. Acariciei o seu rosto sem perder o nosso contato fazendo-a suspirar e fechar seus olhos, minha mão desceu pelo seu pescoço acariciando a sua pele vagarosamente. Desabotoei a camisa e a abri, seus seios ficaram à mostra, belos,

rosados e intumescidos de prazer e expectativa. Seus olhos tremularam e fecharam, minha atenção voltou para o seu corpo enquanto minha mão descia alisando sua barriga até chegar em sua calcinha. A renda em um tom escuro de verde contrastou com o tom de sua pele, meus dedos adentraram passando pelo elástico, alisando sua pele lisinha, livre de pelos e chegou ao seu centro fazendo ela abrir mais as suas pernas, me dando permissão, me encorajando a continuar.

— O que estamos fazendo, Alex? — sua indagação saiu em meio a gemidos tímidos que ela soltava.

— Amor — respondi, simplesmente. —

Sexo. Tudo.

Penetrei o primeiro dedo dentro dela, foi fácil, ela estava pronta para mim. Se erguendo um pouco, Caterine agarrou minha nuca e puxou para um beijo enquanto ela gemia mais alto. O segundo dedo foi adicionado e então seus quadris começaram a se mover, uma dança lânguida enquanto eu a fodia com os meus dedos. Eu precisava estar dentro dela.

— Oh, Deus! Alexander! — Suas palavras foram emitidas entre os beijos que ela continuava me dando enquanto se balançava em meus dedos.

— Baby, vem cá, preciso estar dentro de

você. — Implorei, tirando meus dedos de dentro dela e fazendo ela se levantar. Caterine se ajoelhou na minha frente e abaixou a minha roupa íntima sem cerimônia, liberando meu membro duro. — Camisinha... — falei arfando, louco para estar dentro dela logo.

— Onde está? — perguntou afoita.

— Minha mala — apontei.

Estava longe, mas Carter foi rápida e voltou para a cama já abrindo a embalagem com os dentes e logo desenrolando o preservativo em mim. A deitei na cama e abocanhei seu seio direito enquanto direcionava meu pau em sua entrada

quente e escorregadia, molhada para mim. Entrei nela devagar abafando seus gemidos com a minha boca.

— Quieta, baby — pedi enquanto deslizava para dentro e fora dela, ela dobrou seus joelhos e plantou seus pés na cama levantando seu quadril para me dar mais acesso ao seu interior.

— Deus, Alex! Tão bom! — expressou com a voz cheia de emoções misturadas. Meus olhos fixaram nos dela e juntos nos balançamos até que estávamos satisfeitos, por ora.

Eu não sabia se algum dia estaria satisfeito daquela mulher.

**

Descemos para o café da manhã tardiamente e nos deparamos com Joselie chorando como se estivessem arrancando um membro seu e seus pais dando a maior bronca nela.

— O que houve? — perguntei já indo em direção à minha sobrinha, mas Josh levantou a mão me parando. Meu irmão era um grande bobalhão, mas quando se tratava da educação de Josie, ele era duro na queda, como Mary.

— Ela está de castigo, nenhum presente

será aberto até hoje à noite. — Aquilo fez Jojo chorar ainda mais.

— O que ela fez?

— Destruiu a sua boneca apenas para ganhar logo os brinquedos novos.

Eu queria dizer que era apenas coisa de criança, mas não ia me meter na educação que seus pais estavam dando. Eu não era pai, afinal de contas. Sem querer ficar mais tempo vendo aquela cena me retirei da sala com Carter.

**

No restante da manhã estivemos longe um do outro, minha mãe estava fazendo um grande almoço de Natal para à tarde trocarmos os presentes e estarmos livres à noite. Isso era parte de um arranjo antigo que tínhamos para que Mary, Josh e Josie pudessem visitar os pais de Mary. Minha mãe e meu pai saíam para ver apresentações de coros na avenida principal e eu estaria pronto para voltar para Nova Iorque. Não naquele Natal, porém. Naquele Natal eu ficaria, com Caterine.

Quando chegou a hora de trocar presentes, Carter me chamou e pediu para não fazermos aquilo na frente de todos, eu entendi. Era tudo recente. Ela havia chegado de última hora e estava

se hospedando na casa dos meus pais, não queria deixá-la mais constrangida. Então apenas nos divertimos trocando os presentes e vendo Joselie enlouquecer com todos os brinquedos que ganhou. Enquanto todos faziam seus planos, resolvi que levaria Caterine para jantar, ela certamente gostaria de ver o seu pai, então, depois de passar na casa de Jack Flynn, teríamos uma noite agradável.

**

— Vire! — ela ordenou. Ao seu comando, virei e senti suas mãos lavando minhas costas. Me perdi no seu carinho e me mantive quieto enquanto

sentia o seu toque.

O vapor estava alto no meu banheiro e já não enxergávamos nada, olhei para meus dedos e eles pareciam tão enrugados.

— Há quanto tempo estamos aqui? Meus dedos parecem uva passa — perguntei analisando meus dedos. Ela riu.

— Não importa. — Virei ficando de frente para ela, levantando minha sobrancelha questionando a sua declaração. — Eu gosto disso, sabe?

— O quê?

— Ser sua namorada. Eu meio que gosto.

— Ela deu de ombros timidamente. Tão graciosa, tão diferente da Caterine que eu conheci *naquela* noite.

Aquela garota havia me envolvido por completo em pouco mais de duas semanas. E eu que pensei que os romances eram pura besteira para vender bilheteria e exemplares, que passei anos dizendo que não tinha tempo para namoros que não fossem práticos. Agora sou apenas mais um homem apaixonado que baba por uma garota que sequer sabe se ela retribui seus sentimentos.

Mas, e se ela retribuir?

O homem pateticamente apaixonado dentro

de mim cogitou. Segurei minha linha de pensamento em algum lugar muito distante e escuro na minha mente, o que eu menos queria agora era me declarar para ela por acidente ou perguntar sobre seus sentimentos. Não queria arriscar que ela fugisse de mim.

Saímos do banho algum tempo depois da declaração feliz de Carter, nos vestimos enquanto seu *ipod* tocava uma música qualquer do Bon Jovi.

— Não entendo sua fascinação com essa banda. Nem é tão boa assim. — Debochei ouvindo o rock melódico.

— Você está se ouvindo, senhor Hartnett?

— ela apontou o dedo para o ouvido, gesticulando teatralmente enquanto falava.

— É ruim! — exclamei, tentando provocá-la.

— Pois saiba de uma coisa sobre mim: Toque Bon Jovi, e você sempre me terá — brincou, mas me fez tremer ao ouvir aquelas palavras. Esse era o segredo? Bem, eu cantaria cada fodida música do repertório do cara.

— Então me diga: Qual é a sua música favorita?

— *Thank you for lovin' me*.

O ar ficou automaticamente mais pesado

naquele momento. Ambos conseguiam ver, um nos olhos do outro, que tinha algum significado no que ela estava dizendo. Mas nenhuma dos dois disse nada.

Sua música preferida tinha por título *Obrigado por me amar*. Eu queria gritar para ela: *De nada*. *Não por isso*. *Sempre que precisar*. Mas eu não poderia. Eu não poderia assumir que aquilo realmente estava acontecendo.

Não para mim.

Muito menos para ela.

Cedo demais.

Quebrando o feitiço, Carter se afastou e

dançou enquanto se encaixava em seu vestido, rapidamente o romantismo deu o seu lugar para a luxúria e se não fosse o fato de termos reserva no Paolo, provavelmente eu a faria sair daquele vestido.

— Hey! Pare de querer me jogar na cama e venha fechar o zíper para mim. — Chamou rindo enquanto virava de costas. Gemi e caminhei até ela tentando não fazer o que eu realmente queria. Seus cabelos estavam perfeitamente arrumados e combinavam com o vestido vermelho que estava usando. Não era apelativo, tinha mangas compridas e gola alta, mesmo assim me fazia querer tirá-la de dentro dele.

— Pronto — resmunguei ao finalizar o zíper.

— Obrigada. — Carter se afastou e pegou um par de brincos pequenos em sua mala e os colocou. Pensei ser o momento perfeito para trocarmos nossos presentes uma vez que não quisemos fazer na frente da minha família.

— Hum... eu gostaria de dar a você seu presente de Natal agora — informei indo até a gaveta onde eu o havia colocado. Tirei o pequeno saco preto aveludado e estiquei para ela com medo de que não gostasse.

Mas ela era surpreendente, nem tinha visto

o que era ainda e saltitou em minha direção estendendo as mãos. Entreguei a ela sorrindo, realmente feliz em não ter nenhum tipo de recusa por ser um presente pequeno. Quando ela abriu, seus olhos saltaram, ela mordeu seus lábios tentando se concentrar antes de falar.

— É simples — afirmei sem jeito. — Para lembrar o nosso tempo durante a tempestade. — Meu coração estava disparado esperando ela dizer algo enquanto fitava intensamente o pequeno pingente de bola de neve pendurado na corrente fina e simples.

— É lindo — murmurou sem tirar os olhos do pingente, quando finalmente ela me olhou, seu

sorriso cresceu e ela se aproximou para me beijar.

— Obrigada, é realmente lindo. Amei.

— Amou? — Não consegui evitar a minha empolgação.

— Sim. Coloca em mim? — Entregou a peça delicada e virou de costas. Coloquei o colar por cima da gola do vestido e fechei na parte de trás.

— Pronto — avisei. Carter andou até a sua mala e pegou o pacote um pouco maior. Ela entregou para mim e, empolgado, abri rapidamente. Me deparei com uma camiseta preta com o rosto do... Jack Nicholson? Todo branco e ao lado estava

escrito: *Eu sou Melvin Udall*. Olhei para ela sem entender.

— Por que está me dando uma camiseta de um dos personagens de Jack Nicholson? — perguntei.

— Você não assistiu Melhor Impossível? — indagou um pouco assustada.

— Claro que assisti... — Então eu entendi. — Você não está me comparando com ele, está? Eu não tenho nem um por cento das neuroses daquele cara. — Defendi-me enquanto ela ria. Melvin era um escritor de romances eróticos pé no saco que tinha manias como não tocar em nada que não fosse

seu por medo de germes e nem pisava nas divisões das pedras no chão.

Eu não sou obsessivo desta forma. Sou? Não, não sou.

— Você não é, embora precise parar de murmurar o que está pensando. — Aproximou-se, colocando os braços em volta do meu pescoço. — É uma brincadeira.

Relaxei ao seu toque e acabei achando engraçado o presente.

— Obrigado, eu gostei. — Beijei seus lábios com delicadeza.

— Não é tão legal quanto o seu... Mas eu

também comprei com o objetivo de lembrar daquela semana.

— Não sei se seria possível esquecer, baby. — Deixei escapar, mas ela ficou imperturbável.

— E uma camiseta é bom de se ter como opção de vestuário, seu almofadinha.

— Eu tenho roupas, só uso mais ternos... — tentei me defender, Carter riu sabendo que tinha conseguido me perturbar. Revirei meus olhos para ela tentando não rir. — Me pergunto o que você quer comigo se me acha tão fora do seu padrão — brinquei com ela, mas, no fundo, queria saber o que ela pensava realmente.

— O sexo é bom — respondeu, sacudindo levemente seus pequenos ombros indo em direção ao espelho contemplando o seu novo colar com os olhos brilhantes e um sorriso bobo no rosto.

Era mais do que sexo.

Nós dois sabíamos disso.

**

Quando descemos, todos estavam prontos para partir para seus próprios compromissos. Vi Joshua encarando minha namorada como um bobo babão, mas não podia culpá-lo, Carter estava

deslumbrante e sofisticada. Seu corpo estava delicioso naquele vestido e ela parecia realmente feliz, radiante. Sua mão continuava indo para o pingente da corrente que eu havia lhe presenteado e me senti orgulhoso pela escolha que fiz. Joguei um olhar reprovador para Josh, e quando pensei em reclamar para Mary, notei que ela estava rindo do meu notável ciúme pela provocação de meu irmão.

Meu pai se aproximou e pegou a mão de Carter, sorrindo.

— Você está encantadora, Caterine.

— Obrigada, senhor Hartnett — respondeu com um tom lisonjeiro e brincalhão ao cortejo do

meu próprio pai.

— Eu diria muito gost...

— Termine e eu vou socar você, seu babaca — apontei o dedo para meu irmão, fazendo todos gargalharem.

— Você falou *babaca,* tio! Pague. — A mãozinha gorda e mercenária estava de volta.

— Babaca não é palavra feia — defendi-me.

— É sim! — Sua cabeça meneou de forma positiva enquanto seus cachos perfeitamente enrolados balançavam.

— Eu não tenho dinheiro agora — disse

levantando os braços.

— Tudo bem — minha sobrinha suspirou, se virando para a mãe. — Mamãe, escreve no meu caderninho que o tio Alex precisa me dar dez dólares, por favor?

— Dez dólares? — Caterine explodiu em gargalhadas. — Isso é muito dinheiro para uma palavra feia, não?

— Ele está me devendo pelas palavras com F que ele disse. — Todos gargalhamos.

— Isso não é uma criança, é um anão mercenário — gritei, aterrorizado com minha própria sobrinha.

Meu pai parecia que ia enfartar junto com o restante da minha família, só faltavam chorar de tanto rir e desta vez Carter havia se juntado a eles.

**

O abraço de Caterine em seu pai foi tenso. Ele perguntou se ela estava sendo bem tratada em minha casa e eu bufei sem acreditar que o cara estava realmente perguntando aquilo. Logo ele que deixou a filha se retirar de casa para não se estressar com a esposa. Por favor.

Jack percebeu a minha reação e se

aproximou de mim esticando a mão.

— Eu aprecio a sua atenção com a minha menina, rapaz. — Apertei sua mão com firmeza.

— É o mínimo que posso fazer pela minha namorada, senhor. — Fiz de propósito, Caterine não parecia inclinada a contar, talvez nem tenha lembrado, era muito recente, mas eu fazia questão que ele soubesse.

— Namorada? — Jack olhou de mim para Caterine, aguardando uma explicação. Carter sorriu satisfeita e assentiu.

— Bem, parabéns. Alexander, você parece um bom homem.

— Obrigado, senhor. Caterine é um ser humano maravilhoso, seria burrice deixá-la escapar — afirmei. Mais como um aviso do que qualquer outra coisa. Mas o homem não pareceu entender o meu recado.

— Eu sei! — Sorriu orgulhoso, puxando-a para mais um abraço.

**

O caminho para o restaurante foi animado, Caterine não parecia triste por ter visto seu pai, mas me pareceu um pouco a Carter da semana em meu

apartamento. Animada demais, louca demais, mas escondendo algo.

Ela parecia usar a felicidade excessiva para mascarar a tristeza e isso nunca era bom.

Ao chegarmos ao Paolo, ela pediu espaguete com camarões, algo simples. Acabei pedindo o mesmo e perguntei qual vinho ela gostaria de beber para acompanhar.

— Geralmente é vinho branco não? — perguntou, pensativa.

— Sim, mas, bem, você pode escolher o que você quiser. — Eu não estava particularmente à vontade com a quebra de protocolo, mas estava

tentando ser menos controlador e menos obsessivo com as coisas.

— Podemos ter um rosé gelado? — questionou e eu apenas assenti.

— Escolha — disse, lhe entregando a carta de vinhos. Ela pegou e me olhou um pouco estranha. — O quê?

— Vai me deixar escolher? — perguntou um tanto perplexa.

— Claro, baby. — Fiquei confuso com a sua pergunta. Por que eu não a deixaria escolher um vinho? Ou qualquer coisa, afinal? — Por que a pergunta?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nada. — Piscou, tentando voltar o foco para a escolha que tinha que fazer.

Ela pediu um dos vinhos mais baratos da carta, mas foi uma boa opção. Sorri para incentivá-la enquanto ela dizia a sua escolha para o garçom.

— *Famille J-M Cazes*, por favor. — O garçom assentiu e se retirou. Conversamos trivialidades enquanto ele não retornava com o nosso vinho. Eu ainda mantive a minha mente na reação de Caterine sobre a escolha. Pensei que talvez seu ex fosse um babaca esnobe que não a deixasse escolher coisas simples como vinho, mas decidi que não queria tornar a noite desagradável perguntando sobre o assunto, então deixei para lá.

PERIGOSAS ACHERON

Quando retornou, começou o protocolo para servir vindo em minha direção para a primeira degustação, mas o parei e apontei para que ele começasse por Caterine. Ela havia escolhido o vinho, ela deveria aprová-lo.

Os olhos de Carter saíram de foco, como se ela estivesse presa em seu próprio mundo.

— Querida? — Chamei, fazendo ela piscar várias vezes e prestar a atenção em mim. — O garçom está aguardando a sua aprovação para poder servir.

— Claro. — Pegou a taça e inalou delicadamente o aroma da bebida, depois bebeu um

pequeno gole. Ela assentiu para que o garçom nos servisse e em seguida pegamos nossas taças e brindamos.

— Feliz Natal, Caterine. — Felicitei, vendo seus olhos brilharem com lágrimas. — O que houve?

Ela respirou fundo e não deixou que as lágrimas deslizassem pelo seu belo rosto.

— Você é um homem especial, Alexander — neguei, desdenhando da sua declaração, mas ela não me deixou desfazer de sua declaração. — Você dá a uma mulher a coisa mais preciosa que ela pode querer.

Meu coração? Pensei, mas não tive coragem de dizer. Ao invés disso, perguntei:

— E o que é?

— Opção.

Senti meu cenho franzir quando demonstrei confusão. Mas ela nada disse depois além de:

— Feliz Natal, baby.

CAPÍTULO 16

Com a partida do Natal logo chegou o Ano Novo, eu convenci Caterine a ficar e passarmos mais esta data com a minha família e voltar para Nova Iorque comigo, ela foi relutante, não queria abusar da hospitalidade da minha família, mas todos fizemos questão que ela ficasse, embora quem tenha realmente lhe convencido foi Joselie.

Seria uma festa simples para poucos convidados, para desgosto de mamãe que queria convidar o bairro inteiro. Josh, nosso pai e eu montamos uma bela estrutura na estufa do quintal

para que pudéssemos assistir aos fogos sem morrer de frio. Transferimos as plantas da mamãe para o porão da casa e limpamos tudo, envolvemos lâmpadas conforme ela pediu e deixamos a claraboia aberta.

Saí do banheiro vestido com o suéter branco que minha mãe havia me dado no Natal e jeans escuro. Caterine vestia um vestido creme de mangas longas, mas um decote sexy. Ela olhava pela janela, como sempre.

Aproximei-me e a abracei por trás, cheirando o seu pescoço.

— Deus! Você tem um cheiro tão bom —

murmurei passando o nariz por toda a pele lisinha.

— Não foi isso o que você pensou quando acordou ao meu lado pela primeira vez.

— Eu estava sendo um babaca quando acordei ao seu lado pela primeira vez — defendi-me, rindo. — Parece que foi a muito tempo atrás, você não acha?

Ela assentiu.

— Acho que a sucessão de acontecimentos desde aquele dia faz parecer que nos conhecemos há muito tempo.

O fato de eu estar apaixonado por você também.

Minhas mãos foram para a sua cintura e descansaram ali enquanto explorava seu pescoço com a minha boca.

— Comporte-se, Hartnett. Seus pais não vão gostar que nos atrasemos para a festa.

— É um belo vestido.

— Eu tenho belos vestidos... Eu só não uso muito, mas se for deixar você assim, posso usar mais.

— Você fica linda de qualquer jeito, não importa a roupa que você use, baby.

Caterine se virou rapidamente para mim, seus olhos pareciam suplicantes.

— Precisa para com isso, Alex — pediu, mas não se afastou, apenas me olhava, parecia que estava com medo.

— O que eu fiz?

— Está sendo doce. — Sua mão acariciou meu rosto.

— Isso é ruim? — questionei, sem entender.

A última semana estava sendo tão perfeita. Nós nos tornamos mais íntimos, aprendemos mais um sobre o outro, conversamos, rimos e confraternizamos com a minha família, tudo sendo tão agradável, confortável. Eu realmente estava tendo um bom tempo de férias, e pela primeira vez

eu não fiquei chateado em parar o trabalho para descansar. Eu estava chateado porque as férias acabariam em breve.

— Não, é apenas perigoso para mim — confidenciou com um sorriso nervoso.

— Converse comigo, Caterine, por favor. — Implorei, querendo saber o que tinha em seu coração que não permitia se entregar totalmente a mim.

— Eu quero. Deus, como eu quero, Alex. — Sua voz tinha resquícios de lamento. — Mas eu ainda não consigo. Desculpe.

— Tudo bem, baby. Tudo bem, não fique

triste. É dia de festa. — Tentei animá-la. — Vamos nos animar. — Abracei ela com força. Quando nos separamos, continuei: — Sabe o que dizem do Ano Novo?

— Que a pessoa que a gente beija na virada é aquela que ficará conosco pelos próximos vários Anos-Novo? — Ela sorriu adivinhando.

— Exatamente.

— Podemos treinar o beijo antes da meia-noite e um? — perguntou, ficando na ponta dos pés e aguardando a minha resposta.

— Absolutamente — informei antes de tomá-la em um beijo profundo e cheio de

significados, ao menos para mim.

**

Minha mãe sempre se superava. A decoração era repleta de branco, prata e luzes por toda a sala de jantar, mas a estufa? A estufa estava encantadora. As luzes ligadas e as flores brancas estrategicamente deixadas lá para decorar o local fez com que o parecesse mágico. Acho que eu apenas estava apaixonado demais. Tudo era encantador e lindo para mim ultimamente.

Meu telefone apitou no momento em que

me sentei ao lado de Caterine, ela e Mary conversavam sobre alguma coisa que gostariam de fazer juntas quando voltassem para Nova Iorque. Peguei o aparelho e abri percebendo que era uma mensagem de Melissa.

Feliz Ano Novo, chefe!

Sorri e respondi o mesmo para ela. Quando minha atenção saiu da tela, percebi que Carter tinha visto a mensagem. Seus olhos desviaram rapidamente quando joguei meu braço para trás dela a abraçando de lado.

— Phoebe? — perguntou como quem não se importasse.

— Não, minha assistente Melissa.

— A gostosa que trabalha para você? — Josh perguntou se jogando ao lado da esposa no sofá. Imediatamente Mary deu um tapa atrás da sua cabeça. — O que, ursinha? Nós não temos problema sobre isso...

— Nós não, mas talvez a namorada do seu irmão tenha, paspalho!

Carter riu e parecia relaxada.

— Assistente gostosa? — Sua sobrancelha se ergueu.

— Yeah! Mas nunca tive nada com ela.

— Porque você não quis, mano. — Outro

tapa na cabeça dele. Bem feito! — Ai, Mary Anne.

— Vamos buscar um drink, seu desagradável. — Ela se levantou e me olhou se desculpando. Apenas sorri e desdenhei da sua preocupação, Carter não era o tipo ciumenta.

— Parece que meu namorado é um tipo requisitado pelas mulheres — brincou, se aconchegando em mim.

— Josh é um babaca. — Bufei. — Nunca tive nada com Melissa, eu não misturo trabalho com pessoal. Nunca.

— E temos Phoebe. — Continuou.

— Aquela mulher é doente, controladora e

maluca — justifiquei. — E eu tenho você. Não preciso olhar para qualquer mulher.

— Já avisei para parar de ser doce. — Cutucou.

— Espere até eu fazer amor com você essa noite — sussurrei em seu ouvido em seguida beijando atrás de sua orelha.

— Cristo! — gemeu toda vulnerável, como se estivesse toda derretida em meus braços. — Você quer me deixar louca.

E daquela forma pensei que estava aos poucos quebrando cada uma das suas barreiras impostas.

PERIGOSAS NACIONAIS

**

Quando estava perto da meia-noite, nos dirigimos para a estufa com nossas taças de *prosecco*.

— Alguma meta de ano novo? — perguntei para Caterine.

— Acho que não — respondeu um pouco pensativa.

— Talvez voltar a advogar? — Instiguei um pouco mais. Não entendia como ela tinha desistido de advogar, investiu em sua carreira para

simplesmente desistir depois.

— Dificilmente eu conseguiria, Alex, apenas me formei, eu não prestei a prova. — A fitei espantado com a sua declaração. — É isso mesmo. Não prestei a BAR.

O *BAR Examination* é o exame que separa o indivíduo do restante da sociedade. Neste caso, os Advogados, Promotores e Juízes. BAR é uma barra, ou portão que divide a sociedade entre homens da lei que trabalham para os cidadãos, e obviamente, os cidadãos que se valem das leis sendo representados por advogados, promotores e juízes. É importantíssimo, e elaborado e avaliado pela Suprema Corte.

— Por quê? — indaguei, espantado com a sua declaração. Mas recebi seu olhar suplicante para que eu deixasse a conversa para lá. Fiquei desapontado, contudo, procurei lembrar que estávamos juntos há pouco tempo e precisava entender que ela tinha dificuldade em se abrir. A solução era esperar. Sorri para que ela soubesse que estava tudo bem, seus ombros relaxaram.

— Tudo bem, pessoal! Está na hora da contagem! — meu pai avisou olhando o relógio. Mary colocou uma tiara prateada em Josie e jogou uma para Caterine usar também. Peguei de suas mãos enquanto todos gritavam a contagem e coloquei em sua cabeça sem tirar meus olhos dos

seus. Ela brilhava para mim, como um anjo, como uma rainha... Eu não sabia.

— ...4 ... 3... 2... 1! — Todos gritaram Feliz Ano Novo e provavelmente olharam para cima, com o objetivo de ver os fogos, eu simplesmente optei por vê-los refletindo nos belos olhos verdes de Caterine, enquanto me aproximava para ter meu beijo da sorte.

— Feliz Ano Novo — sussurrei contra seus lábios. Um sorriso largo e sincero se abriu, e sem que nós separássemos nossas bocas, ela desejou o mesmo para mim.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 17

Quando voltamos para Nova Iorque, Carter disse que precisava resolver algumas coisas na cabeça dela e pediu espaço. Eu entendia. Desde o início de dezembro nós estávamos nos vendo constantemente. Tudo o que aconteceu trouxe uma carga pesada para a nossa relação, então simplesmente a deixei na sua casa em Chinatown e esperei que ela entrasse em contato como combinamos.

Carter demorou uma semana.

E isso provavelmente me causou úlceras.

Senti-me ansioso, preocupado e abstinente dela. O medo de que talvez ela tivesse desistido de ser minha namorada aumentou, mas me mantive firme até que entrasse em contato.

Quando finalmente enviou uma mensagem, era sexta à noite, perguntou se poderia ir para meu apartamento. Eu disse que: Claro que sim!

Ela respondeu: Ótimo, porque já estou aqui.

Abri a porta rapidamente e a puxei para dentro pronto para tirar as suas roupas.

E foi assim que passamos os próximos três meses. Passávamos a maioria dos finais de semana em meu apartamento, na cama, ou na janela. O sofá

nunca voltou para o seu lugar original. Continuava virado para a grande janela.

Comecei a ajeitar a minha agenda para trabalhar em horário comercial quando estava no escritório, e ela entendia quando eu estava na Corte. Tínhamos encontros ao menos uma vez por semana e às vezes ela inventava coisas malucas como:

Encontrar ela no provador de uma loja de departamento para dar alguns amassos.

Ou jantarmos enquanto ela... hum... massageava a minha intimidade com o pé por baixo da mesa.

PERIGOSAS NACIONAIS

Nós comíamos sorvete direto do pote sem eu surtar. Mas ela tirava meus DVD's da ordem alfabética só para me ver nervoso.

Ela andava pela casa nua e bebia água direto da garrafa, e isso definitivamente me deixava surtado, mas de uma maneira completamente diferente. Geralmente ela fazia isso quando estava pronta para nossa próxima rodada de sexo.

Consegui guardar meus sentimentos. Toda vez ficava com medo de dizer algo que pudesse afastá-la, mas confesso que minha paciência estava se esgotando. Pois se eu guardei meus sentimentos para mim, Carter fez um excelente trabalho guardando seus segredos de mim. Eu respeitava.

Não precisava saber tudo o que passava em sua mente, mas cumplicidade era algo que deveria fazer parte dos relacionamentos, não?

Eu também nunca conheci seu apartamento. Ela nunca me convidou, e quando mencionei, ela disse que o meu era melhor.

Ou seja: Havia um acordo velado de que se eu não perguntasse sobre o seu passado e não quisesse entrar na intimidade do seu apartamento, seríamos felizes para sempre.

No entanto, aquele acordo era bom apenas para ela.

Meu ramal tocou me tirando dos meus

pensamentos e atendi prontamente.

— Sim, Melissa?

— *Senhor Hartnett, seu irmão na linha dois.* — Depois que ela descobriu que eu estava namorando, parou de me chamar pelo meu nome. Ela soube da pior maneira. Carter veio me visitar em meu escritório e Melissa entrou sem bater enquanto eu a beijava.

Não foi confortável.

— Obrigado, Melissa, pode passar. — A ligação foi transferida imediatamente. — Olá.

— *Irmão! Bom dia!* — gritou do outro lado da linha. Me pergunto como uma pessoa consegue

estar sempre de bom humor. — *Eu sempre estou de bom humor, maninho.*

Ah! Claro! Meu filtro não melhorou com o passar dos meses.

— Diga o que quer, Joshua — suspirei, jogando o processo que eu havia revisado pela enésima vez naquela manhã em cima da mesa.

— *Mary e eu queremos sair essa noite. Pode ficar com a Josie?* — Sorri largamente.

— Claro! Eu vou adorar ficar com ela nessa noite — informei com entusiasmo. Amava ficar com minha sobrinha.

Nós acabamos falando sobre Caterine,

desabafei com ele sobre seus mistérios e ele foi categórico quando disse que eu precisava dar um ultimato nela. O pior de tudo é que ele tinha razão. Mas toda vez que eu tocava no assunto, ela corria como um demônio fugindo dos irmãos boa pinta do seriado que ela me obrigou a assistir da primeira à quarta temporada inteiras.

Eu mal podia esperar para comprar os DVD's das próximas temporadas.

Eu não poderia negar que ela mudou minha rotina de forma drástica. Eu trabalhava menos, ligava mais para meus pais, usava roupas informais, ia ao cinema, e era um pedaço de carne nas mãos de Carter, que ela mastigava a hora que queria.

Durante a tarde eu combinei com Carter que ela dormiria em meu apartamento para me ajudar com Jojo. Era sexta-feira e tínhamos programado pizza e vinho na janela. Nosso programa mudaria um pouco com minha sobrinha por perto, mas não seria menos prazeroso.

Após sair do trabalho, encontrei com Caterine no supermercado e juntos compramos um monte de porcarias e alguns DVD`s de meninas para assistirmos, os títulos em sua maioria levavam o nome *Barbie*.

— Argh, Barbie e o Quebra Nozes, Barbie e o mundo encantado, Barbie Rapunzel... — resmunguei, jogando os DVD’s no carrinho de

compras. — Sinto que vou encontrar o DVD da Barbie e a puta que pariu em breve.

— Não seja tão mal-humorado — Carter pediu ficando na ponta dos pés e beijando meu queixo. — Vamos nos divertir.

— Eu sei que vamos... Mas essa boneca me dá sono. — Grunhi, já sentindo o tédio que se aproximava.

— Eu prometo que se você ficar acordado, vou recompensá-lo. — A mulher sabia como eu funcionava.

— Hum... está ficando bom... Posso saber qual é o tipo de recompensa? — De repente eu

estava feliz e sorridente.

Ela pulou em meus braços e rodeou suas pernas em minha cintura no meio do supermercado. Olhei para os lados para ver se alguém nos via, mas o corredor de DVD's da Barbie e tudo mais o que ela tinha capacidade para fazer estava completamente vazio.

— E se eu me vestir de Barbie para você? — propôs, rindo.

— Uma boa ideia, mas tenho uma mais simples. — Joguei junto, aproveitando a sua descontração.

— E qual é?

— Nós conversarmos mais sobre nossas vidas. — A tempestade se formou imediatamente em seus olhos, suspirei sabendo que tinha provavelmente estragado o final de semana com ela.

Ela saltou dos meus braços imediatamente.

— Alex...

— Não é grande coisa, Caterine. Casais conversam — justifiquei, frustrado.

— Eu sei, mas...

— Tudo bem, baby. — Beijei a sua testa e encerrei o assunto, eu não queria uma cena no meio do supermercado. Ela não tentou falar sobre aquilo

novamente.

Obviamente.

**

Ao chegarmos, desempacotamos as compras e guardamos em silêncio. Eu tinha estragado tudo querendo que ela conversasse comigo. Na verdade, era um milagre que ela não havia ido para casa no momento em que saímos do supermercado, geralmente ela dava um jeito de escapar sempre que o assunto vinha à tona.

Ela foi para o quarto e a segui quieto.

Estava pronto para pedir desculpas por importuná-la quando a vi tirando da sua bolsa a nécessaire e o vestido que usava como camisola sempre quando estava passando o final de semana comigo.

— Não sei por que você não deixa algumas roupas aqui — disse, mesmo sabendo a resposta. Ela estava de costas para mim e se manteve daquela forma quando respondeu em meio a um suspiro cansado.

— Preciso lavá-las.

Já tínhamos falado sobre aquilo. Eu responderia: “Lave aqui!” e ela diria “Eu preciso de espaço” e eu exclamaria em seguida: “Se eu der

mais espaço para você, terei que mudar para outro país!”

Mas o cansaço estava me pegando, sua falta de confiança em conversar comigo ou mesmo se entregar mais à nossa relação estava me magoando, frustrando e irritando.

— Claro, Caterine, como quiser — concordei, desistindo.

Seus dedos foram para seus cabelos e ela os alisou por alguns segundos até que se virou para mim com a sua máscara de mulher sexy a postos.

— Eu realmente prefiro você fora destes ternos e com um bom jeans, mas não posso negar

que você fica delicioso neles. — Mantive-me sério, olhando em seus olhos sem me deixar levar por sua sedução. Caterine não desistiu, no entanto, se aproximou e me puxou para que seus lábios alcançassem os seus. Eu cedi, claro. Eu não queria que ela pensasse que eu estava sendo indiferente, mas não estava mais conseguindo levar aquela situação. Precisávamos conversar. Precisava saber se ela estava na mesma página que eu naquele relacionamento.

A campainha tocou nos tirando daquela bolha sensual que ela criou em torno de nós e eu agradeci que tenha sido antes de eu jogá-la na cama e arrancar suas roupas, Josh saberia se eu

demorasse para abrir a porta e não me deixaria em paz por isso.

Separei-me dela e caminhei para a sala para abrir a porta enquanto puxava os cabelos da minha cabeça, aquela mulher me intoxicava, me tinha em suas mãos e, no entanto, ela escorregava pelos meus dedos mais e mais.

Me perguntava se ela tinha realmente esquecido seu ex-noivo. Se a sua dificuldade de falar sobre nós era porque não queria me dar esperanças por ainda ser apaixonada por ele.

Abri a porta para receber Joselie em meus braços. Abaixei pegando seu pequeno corpo já de

pijamas e pantufas cor-de-rosa.

— Tio Alex... — Ela soluçou em um choro alto e descontrolado de partir o coração.

— O que aconteceu? — Olhei para meu irmão, preocupado. Talvez ela não quisesse ficar longe dos pais, mas Josie sempre gostou de ficar comigo.

— Ela queria sorvete, mas já tomou banho e não quis o jantar. Então, nada feito. — Joshua em modo pai era realmente surreal. Não parecia o mesmo cara que vivia enchendo a minha paciência.

— Vamos tomar sorvete, ok? Não chore — sussurrei em seu ouvido fazendo ela imediatamente

parar de chorar. — Vá lá dentro ver a Tia Cat.

Ela correu para dentro do apartamento e assim que levantei para encarar meu irmão, sua cara não era boa.

— Se Mary Anne ficar sabendo, será a sua bunda na reta — alertou, me fazendo rir. — Só não a mime demais, Alex. Ela está em uma idade difícil.

— Imagina quando ela tiver quinze — brinquei, jogando na cara do meu irmão a sua maior preocupação desde que Jojo começou a apresentar seu interesse mais por príncipes do que por princesas da Disney.

— Foda-se, Alex! — exclamou levantando o dedo do meio para mim. Gargalhei e bati a porta na sua cara.

**

Brincamos com Jojo enquanto ela conseguiu ficar em pé. Quando adormeceu nos braços de Carter, pude notar o brilho no olhar da mulher à minha frente. Ela acariciava os cabelos da menina e olhava hipnotizada para o rosto dela. Seus dedos começaram a passar delicadamente pelas sobrancelhas, depois em seu pequeno nariz

arrebitado. Ela olhou para mim de relance percebendo que estava assistindo a forma como estava agindo com minha sobrinha.

— Ela é tão linda, Alex. Tão, tão linda! — Não era da boca para fora que ela dizia aquilo. Caterine parecia realmente apaixonada pela menina em seu colo, tão maternal. Havia um sorriso melancólico em seu olhar enquanto fitava Joselie.

— Você pensa em ter filhos? — foi uma pergunta honesta, nada de pegadinha, nada de segundas intenções para saber o que acontecia em sua mente e muito menos uma tentativa de falar sobre nosso futuro juntos. Mesmo assim, parecia que eu tinha contado para ela que matei seu

cachorro ou algo assim. De repente a expressão dela mudou, eu quase podia enxergar tornados revoltados ganhando força dentro da sua cabeça, o corpo ficou todo tenso e ela começou a agir como se eu tivesse lhe ferido com aquela pergunta. Sabia que se quisesse uma noite tranquila e longe de frustações, eu deveria trocar de assunto, mas era mais forte do que eu.

Por isso insisti:

— Então, você pensa em ter filhos? — reafirmei minha pergunta sem querer mais respostas evasivas sobre qualquer assunto que eu tenha abordado nos últimos meses.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Alexander, por favor, pare de tentar entrar na minha cabeça. — Ela nunca tinha falado comigo daquela forma. De repente seus olhos estavam raivosos, seu tom era seco e rude.

— Eu não estou tentando fazer nada — me defendi.

— Sim, você está! — retrucou mais alto. Josie saltou em seu colo com o susto, mas não acordou. Olhei para a minha sobrinha, levantei e me aproximei tirando ela dos braços de Caterine e levando para meu quarto. A cobri, beijei sua testa e acariciei seus delicados cabelos enquanto procurava calma para conversar com a mulher inconstante que me aguardava no outro cômodo.

PERIGOSAS ACHERON

Quando resolvi voltar, esperava ter uma conversa séria com minha namorada. Caterine não me devia absolutamente nada, mas eu conseguia ver a sua recusa em se entregar totalmente a mim, a sua dificuldade em simplesmente não se abrir comigo não era algo que eu poderia continuar aturando.

No momento em que entrei na sala, a vi de braços cruzados olhando pela janela.

— Precisamos conversar, Caterine — avisei, me aproximando dela.

— Não quero falar sobre isso, Alexander. — Seu tom não era mais amigável do que

momentos antes.

— Bem, e que tal falar sobre nós? — Abri os braços e os deixei cair em seguida.

— O que há para falar sobre nós? Estamos bem! — A displicência fingida em sua voz só me deixava mais estressado.

— Estamos? Então por que você não deixa sua maldita camisola aqui na minha casa? Por que não posso ir ao seu apartamento? E por que diabos quando tento fazer planos para o futuro, que seja uma viagem no próximo ano, você surta? Fica distante. — Meu tom de voz era baixo, para não acordar minha sobrinha, mas não menos bravo. —

Parece que nosso relacionamento é apenas um acordo de sexo e diversão sem amarras.

— Eu disse... disse a você, Alexander. Não queria ser controlada. *Não quero ser controlada!* Que minhas decisões são apenas *minhas*. — O controle em sua voz estava se esvaindo, começava a ficar trêmula. Sua gagueira mostrava o quão nervosa estava.

— Eu não quero controlar você, Carter, pelo amor de Cristo! Eu quero dividir mais do que a cama e o sofá, e gostaria que a recíproca fosse verdadeira. Não é pedir muito.

— Eu divido! — defendeu-se.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Divide? Por que não posso dormir no seu apartamento? Por que quando eu falei em filhos você estava pronta para se jogar pela janela? Eu não estava *pedindo para plantar a porra da minha semente* no seu ventre. Eu apenas fiz uma pergunta. Não pedi você em casamento. Estamos juntos há três meses apenas.

— Exatamente, Alex! Três meses! Você quer que eu me entregue a você por completo em apenas noventa dias de namoro.

Fiquei em silêncio, absorvendo a fúria das suas palavras. Meu peito doía, fiquei decepcionado que ela havia levado para outro lado aquela situação quando sabíamos que não era aquilo.

— Sabemos que isso não é verdade, baby. — Eu podia ouvir a tristeza em minha voz, a bola formada em minha garganta me fazia sentir um pouco patético, mas não conseguia evitar sentir aquilo. — Sabemos que você não pretende ter um relacionamento real, com planos comigo. Eu só não sei se é porque você não... — engasguei quando a palavra amor veio em minha mente. — Não gosta de mim ou se é porque você não consegue seguir em frente depois do término do seu noivado.

Os olhos dela se arregalaram tanto que parecia que estava vendo o demônio em sua frente.

— É o seu ex, Carter? Você ainda gosta dele, não é? — Comecei a dizer, estava tentando

me controlar, mas era cada vez mais difícil. — Claro que gosta.

Minhas mãos foram para o meu rosto, esfreguei com força tentando clarear minha mente, porém, eu só conseguia ficar com mais raiva.

Raiva de mim.

— Alex, você não sabe o que está falando. — Os olhos dela começaram a virar piscinas, cheios de lágrimas. Desviando seu olhar ela se voltou para a janela e colou sua testa nela fechando os olhos com força.

— Você estava me usando para esquecê-lo? Sabia que eu estava... que *estou* apaixonado por

você e ainda pensa nele?

— Pare com isso, Alexander. — A voz embargada e cheia de desespero, as lágrimas caindo dos seus olhos fechados.

— Eu fiquei atrás de você como um adolescente apaixonado pensando que você também estava, não sei... Se apaixonando por mim. Deus! Como eu sou idiota!

— Você não é idiota, Alex... não pense assim. — Caterine ainda não olhava para mim.

— Então olhe nos meus olhos e diga que você não o ama.

Abrindo os olhos e retirando a sua testa do

vidro, Caterine me olhou e chorou, chorou desesperadamente antes de dizer:

— Michael está morto, Alexander. Cometeu suicídio no dia em que terminei nossa relação... no dia em que... — Seus joelhos cederam e eu rapidamente a peguei em meus braços antes que ela caísse.

CAPÍTULO 18

— Está tudo bem. Eu sinto muito, querida — disse, esfregando suas costas enquanto seus soluços e lágrimas eram abafados pelo meu peito. Me senti um pedaço de merda por ter despejado tudo dela. Carter tremia em meus braços e me agarrava com força. Eu apenas fiquei lá, tentando acalmá-la.

Sentados diante da janela da sala eu apenas fiquei contemplando as luzes ainda acesas dos prédios comerciais e de algumas casas. Era possível ouvir ao longe sirenes policiais em algum canto da

cidade. Dentro do meu apartamento o ar era pesado e melancólico. Os soluços de Caterine ecoavam pelas paredes me deixando rasgado por dentro. O que quer que tivesse acontecido com ela, era algo muito ruim.

Quando finalmente levantou sua cabeça e largou o seu aperto em meu corpo, peguei seu rosto e comecei a limpar as lágrimas que escorriam por ele.

— Posso fazer alguma coisa? Qualquer coisa? — Ofereci. Eu toparia fazer qualquer coisa para que ela se sentisse melhor.

— Me dê apenas um minuto — sua voz era

sussurrada. Quando saiu dos meus braços, dirigiu-se até o banheiro e lá ficou pelos próximos quarenta minutos. Eu pude ouvir o chuveiro sendo ligado, então fui à cozinha preparar um chá para nos acalmar. Talvez ela só quisesse ignorar a situação. Talvez quisesse ir para casa.

Talvez eu tenha estragado tudo.

E tudo o que eu queria era saber se em algum momento ela consideraria me incluir na vida dela. Sentia, conseguia perceber que ela não tinha planos para aquilo.

Quando Carter saiu do banho, seus cabelos estavam molhados e vestia as roupas que ela havia

chegado ao meu apartamento. Ela carregava um cobertor enrolado embaixo do braço. Carter sentou de frente para mim no sofá, se cobriu e olhou diretamente em meus olhos quando começou:

— Eu conheci Michael durante o segundo ano de faculdade. Eu tinha dezenove anos. Nos apaixonamos quase que imediatamente. — Bufou, desviando o olhar e mirando o espaço entre nossas pernas. — Ele era certinho, careta. Acho que eu tenho um padrão, afinal de contas. — Riu e eu acompanhei. — O que você não sabe, é que eu também era certinha. E eu tinha tudo muito planejado em minha vida. Cabelos longos cortados em exatamente três centímetros nas pontas de dois

em dois meses, saias lápis, saltos elegantes e comida saudável. E chacota dos meus colegas de turma. Que universitária do segundo ano se vestia daquela forma, não? Eu era apenas uma menina — justificou, por fim.

Aquilo era ridículo. Não era em nada a Caterine que eu conhecia.

— Michael se encantou pelo meu jeito, ele era exatamente igual a mim. — Ela parecia tão triste e angustiada. — Ele foi doce, me surpreendia com cafés no início das aulas ou no meio de grupos de estudo durante a noite, mesmo que ele não estivesse cursando a mesma disciplina que eu. Achava aquelas atitudes doces, fofas. Os encontros

eram sempre maravilhosos, com conversas rebuscadas, intelectualizadas que se fosse a Caterine de hoje estaria dormindo e babando de tanto tédio. — Ela riu, mas parecia de deboche. — Não demorou muito tempo para Michael estar dentro do meu apartamento morando comigo. Uma muda de roupa deixada aqui, uma gaveta sendo cedida ali e BAM! Levou três meses para estarmos morando juntos, eu acho. — Seus olhos me fitaram com certa crítica quando ela falou o tempo que eles estavam juntos. Como se estivesse comparando a gente.

Eu não queria que ela morasse comigo, só queria que nossa relação fosse mais íntima, não

como se fôssemos amigos de foda.

— Acabei aceitando, claro. Estava deslumbrada com ele e a vida que levava, toda a dedicação que ele tinha comigo. Sempre me surpreendendo nos grupos de estudo tarde da noite, me buscando no fim das aulas que não tínhamos juntos... — Seu olhar perdeu o foco ao continuar a falar. — De repente minhas roupas precisavam ser aprovadas por ele antes de sair, ou a saia era apertada demais, ou a blusa decotada desnecessariamente. Ele me perguntava por que eu estava usando lingerie combinando ou nova para estudar de forma desconfiada, insinuando que eu fazia aquilo para outro homem.

“Meu telefone começou a ser mexido, minhas redes sociais eram motivo de longos interrogatórios durante a madrugada inteira sem me deixar dormir, era tão difícil convencê-lo que o rapaz que me emprestou suas anotações não o fez para dormir comigo, ou que o cara que levou café para o grupo de estudo só levou porque era a porra da vez dele de levar o café.

Comecei a me anular, uma parte de mim não estava feliz com aquilo, mas a maior parte achava que era normal. Achava que fazia parte da vida adulta e era bom ser cuidada depois que meu pai tinha ido embora. E quando o confrontava sobre suas atitudes, ele simplesmente se fazia de vítima

dizendo que era porque me amava demais e se importava comigo, com a minha segurança.

Os meses foram passando e eu continuava aguentando aquilo, pensando que era porque ele me amava demais. Que me queria tanto que acabava agindo de forma tão possessiva.

Eu terminei a faculdade e Michael disse que eu não precisava ir para a Escola de Direito, que ele ganharia o suficiente para nós dois e me daria uma vida de rainha, mas quando viu que não gostei da sua sugestão, disse que era apenas brincadeira e me apoiou. Se acalmou por um tempo, e eu comecei a relaxar. Cada uma das minhas “amigas” foi afastada com a formatura, e na Escola de Direito

não havia muitas mulheres, então eu não conseguia ser muito próxima dos colegas. Michael não se sentia bem com amigos do sexo masculino. Com quatro anos de relacionamento...”

Não podia acreditar no que estava ouvindo. Era surreal demais ouvir que ela tinha passado por tudo aquilo. Me mantive quieto, paralisado, ouvindo a sua história enquanto ela continuava perdida em seus pensamentos.

“... Michael me pediu em casamento. Eu aceitei imediatamente, estava acostumada com ele, com seu jeito de ser, pensava que ele era daquela forma porque era muito apaixonado por mim. Mas, com o noivado, novas exigências vieram.

Meu noivo queria que eu engravidasse. Fiquei espantada com ele, nunca tinha pensado em ter filhos e sequer cogitava em qualquer momento antes de ao menos dez anos de trabalho. Michael pensava o contrário e começou a insistir. Minhas pílulas começaram a sumir, não importava o quanto eu as comprasse e escondesse. Elas sempre sumiam. Nós brigávamos, ele se desculpava e tudo ficava bem por um tempo. Então as pílulas sumiam novamente. Um dia avisei a ele que mudaria o método. Tomaria injeção. Assim eu poderia controlar tudo melhor.

Mas é claro que eu estava sendo inocente.

Entre a troca de um método e outro,

Michael conseguiu o que queria.

Me engravidou.

Descobrimos por um teste de farmácia. Fiquei catatônica enquanto ele vibrava em êxtase.

Mas quando mencionou casamento e que ficaríamos juntos para sempre, foi como o estopim de tudo para mim. Ele queria me amarrar a ele para sempre. Me prender. Percebi que aquilo não era um relacionamento saudável. Eu não amava aquele homem há muito tempo, eu sequer *me* amava."

Caterine começou a chorar novamente. Aproximei-me e a puxei em meus braços, ela abriu os seus e nos enrolou juntos dentro do cobertor

quente. Meu coração estava quebrado por ela. Se Caterine tinha engravidado, era provável que tivesse perdido o bebê.

— Você não precisa falar mais. Estou vendo que isso está chateando você demais.

— Está tudo bem, eu vou terminar agora — avisou com firmeza e logo continuou sua história, sem perder o fôlego. — Ele começou os planos como se eu não existisse. Nos casaríamos em breve, antes de a minha barriga aparecer, eu largaria a Escola de Direito e ficaria em casa cuidando do bebê. Eu disse que não, que não estava preparada para uma criança, e nem para deixar a minha carreira.

“Michael desprezou minhas palavras e continuou ditando como seriam as coisas. Então eu terminei tudo. Disse que queria que ele saísse do apartamento. Ele começou a perguntar se a criança era realmente dele para eu estar com tanto medo. Aquilo foi a gota d’água.

Reafirmei que estava tudo acabado e foi, bem... foi quando ele me bateu. Foi uma bofetada forte, cortou minha boca por dentro e foi a pior e melhor coisa que me aconteceu naquele momento, pois ele conseguiu trazer toda a minha força e resignação de volta. Ele nunca havia me batido, mas me agrediu de todas as outras formas e só realmente me dei conta da gravidade de tudo aquilo

quando houve agressão física. Eu agradeço àquele tapa. Fez eu acordar e ver quem ele era e não ficaria nem mais um segundo lá.”

Não podia acreditar no que estava ouvindo. Deus! Meu estômago estava em nós e angústia se alojava em minha garganta.

— Eu não consigo acreditar... Eu... — A abracei com força. E ficamos em silêncio por um longo tempo. Enquanto isso, eu assimilava toda a sua resistência. Todo o seu medo. — Você perdeu o bebê? — perguntei com absoluto medo daquilo desencadear mais dor nela. Mas eu precisava saber.

— Não, eu não perdi. — Meu cenho franziu

e me separei do seu corpo para poder olhar em seus olhos. Talvez ela tivesse dado para a adoção. Então entendi o motivo pelo qual ela olhava com tanta adoração para Josie, talvez ela estivesse pensando no seu próprio filho ou filha. — Eu o tirei, Alex. Fiz um aborto.

Congelei olhando para seus olhos verdes e cheios de mágoa.

— Depois do tapa, ele tentou se desculpar, mas peguei minha bolsa e saí de casa. Tomei o primeiro trem para Jérsei e fui pedir abrigo na casa do meu pai. Contei tudo o que tinha acontecido e meu pai queria ir atrás de Michael, mas não foi preciso, ele estava em minha porta implorando para

que eu o perdoasse.

“Eu não perdoei. Mandei ele embora e na semana seguinte fui ao médico. A gravidez foi comprovada e eu não tive dúvidas. Nenhuma. Optei pelo aborto. Meu pai não queria, minha madrasta disse que criaria, mas eu não queria aquilo, não queria deixar mais nada interromper a minha vida. Estava envergonhada por ter passado por tudo o que passei, por ver todos os sinais e ignorar cada um deles. Eu era imatura e estava dominada pelo horror de ter algum vínculo com aquele homem. Então decidi tirar o bebê.”

Suas lágrimas desciam copiosamente, uma atrás da outra, sua voz, seus soluços, a sua tristeza,

todos eram discretos e comedidos. Como se ela ainda segurasse tudo para si.

— Duas semanas depois, fui buscar as minhas coisas em meu apartamento com meu pai e Leonard, no caso de Michael estar lá. Mas ele não estava. O aluguel estava no meu nome, então avisei ao meu senhorio que estava saindo e que informaria a Michael. — Ela pausou por um momento. — Avisei a ele sobre tudo em uma carta. Sobre realmente ir embora, sobre ele ter que deixar o apartamento e sobre o aborto. Enrolei a carta em um canudo fino e coloque o anel de noivado para segurar o rolo deixando em cima da mesa de jantar. No *P.S* eu avisei que se ele se aproximasse de mim,

chamaria a polícia.

Cristo, não sabia o que pensar, o que dizer a ela.

— Eu não tive notícias dele por três dias, até que fui informada que ele foi encontrado morto em nosso apartamento, ele se enforcou com um cinto de couro.

— Meu Deus! — Minhas mãos foram para a minha cabeça.

— Ele não deixou nenhuma carta, nada. Apenas se matou e eu não consegui sentir nada além de alívio. O ódio que nutri por ele durante anos sem ao menos perceber acabou se tornando

um ódio de mim mesma. Então decidi que a Caterine antiga seria abortada também. Junto com o bebê em meu ventre. Eu não seria mais aquela que andaria sobre as regras de ninguém.

“A Escola de Direito perdeu o sentido, mas estava paga, então eu terminei o último ano, mas não prestei a prova. Cansada de ser criticada por meu pai e sua família, voltei para Nova Iorque e aluguei um pequeno apartamento em Chinatown, um que meu dinheiro pudesse pagar, uma vez que provavelmente meu pai não pagaria mais minhas despesas pois meus estudos haviam acabado. Consegui um emprego de assistente de um dos meus professores de direito, cuido de sua agenda,

auxilio na correção de provas e trabalhos e faço monitoria com alguns alunos quando necessário. Passeio com cães e sou babá para complementar a minha renda e agora você sabe tudo.”

Ela limpou seus olhos e nariz com a manga do seu suéter e olhou para mim sem expectativa alguma. Ela apenas aguardou pelo que eu diria.

E o que eu diria a ela? O que ela esperava que eu dissesse?

— Agora eu sei de tudo. — Repeti mais para mim do que para ela. — Mas isso não muda o que sinto por você.

— Eu fiz um aborto, Alexander — disse

aquilo como se fosse uma criminosa, mas ela não era.

— E meu coração está partido por você, baby, quebrado, mas isso não vai me fazer pensar mal da sua decisão. Você tinha opções e pela lei...

— O problema não é a lei, Alex. — Ela saltou do sofá. — Sou eu! Tomei uma decisão no calor do momento.

— Você se arrepende?

— Eu não sei... — Ela sabia. Se arrependia, sim. Mas eu não a forçaria a dizer as palavras.

— Você poderá ter outros filhos, quando a hora chegar, baby — argumentei, levantando e

tentando me aproximar. — Isso, o que me contou agora, não vai me fazer te am..

— Pare! — ela pediu dando um passo para trás.

— Caterine...

— Pare. Não ouse, Alexander. Não fale isso. — O medo em seus olhos me magoava além da compreensão.

— O quê? Não ousar amar você? É tarde demais — afirmei com convicção. — Estou apaixonado por você, baby.

—Não! — sussurrou, voltando a chorar. — Eu não posso dar isso a você.

— Você só está com medo, nem todo relacionamento é abusivo, Carter...

Não pude terminar. O choro de Joselie ecoou pelo apartamento nos assustando.

— Vá — Carter disse. — Eu estarei aqui quando você voltar.

— Eu temo que isso seja mentira — disse me aproximando e beijando sua testa, tentando manter minhas lágrimas para mim. Meus olhos se apertaram com força enquanto meu coração quebrava mais um pouco.

— Eu temo que você esteja certo.

**

Quando me aproximei de Josie, vi que estava encolhida e chorando, estava assustada, provavelmente teve um sonho ruim.

— Eu quero minha mamãe! — Soluçou enquanto a pegava em meus braços e embalava.

— Eu estou aqui com você, princesa. Não vou deixar nada acontecer. — Continuei a acalmando com a cabeça em outro lugar.

Caterine havia partido. Eu não a culpava, acabei a pressionando mesmo sem ter a intenção e desencadeei memórias dolorosas. Provavelmente

nunca mais me procuraria, e nem gostaria que eu a procurasse também. Foi embora mais uma vez sem se despedir, eu tinha certeza. Mas desta vez eu agradeci por isso, parte de mim ainda tinha esperança de que não fosse o fim, se ela dissesse adeus, então tudo estaria acabado. E eu não queria isso. Em noventa dias Caterine transformou minha vida completamente. Não queria voltar ao que era, eu queria ficar com ela, queria continuar a minha nova vida ao seu lado.

— Está chorando, tio Alex? — Olhei para o ser pequenino em meus braços. Sua voz era rouca de sono e de chorar. Fiquei feliz em saber que ela estava preocupada comigo.

— Eu estou, Jojo — respondi.

— Por quê?

— Eu estou triste, Carter foi embora — desabafei sem me importar em estar confidenciando a uma criança de seis anos de idade que eu estava sofrendo por amor.

— Ela te machucou? — perguntou com inocência.

Ela nem sabia o quanto. Caterine havia me machucado. Havia acabado com o meu coração.

Acabou com a porra do meu coração.

CAPÍTULO 19

Pela manhã, eu ainda não havia dormido. Quando ouvi a campainha tocando, eu sabia que era Joshua e Mary. Caminhei até a porta e abri. No momento em que minha cunhada colocou os olhos em mim, mandou meu irmão passear com minha sobrinha novamente. Joshua percebeu e, antes de partir, colocou a mão no meu ombro e apertou sem dizer nada. Apenas mostrando que estava lá para mim.

Assim que eles saíram pela porta, eu soltei:

— Ela se foi, Mary. — Sem me importar,

chorei como um menino e abracei a minha melhor amiga.

— Oh, querido. Eu sinto tanto. — Era como se ela também soubesse que não havia mais o que fazer.

Naquele momento, ela apenas me deixou falar. Não me disse nenhuma palavra motivacional, apenas me abraçou. Nos levou para o sofá depois de um tempo, sentou me puxando para os seus braços novamente. Eu estava quebrado, revoltado também, mas minha falta de esperança era tanta que nem para brigar ou gritar eu tinha forças. Apenas fiquei ali, com Mary acariciando meus cabelos enquanto eu entendia que tudo havia

terminado. Carter estaria longe da minha vida. Agora para sempre.

Parte de mim queria sentir vergonha por estar tão quebrado por uma mulher que eu conhecia há tão pouco tempo. Mas era inútil. Eu me apaixonei por ela quase que imediatamente, por que não poderia sofrer por ela tão cedo também?

— Talvez... — E lá estava minha melhor amiga tentando melhorar minhas expectativas.

— Não, Mary, não tem talvez. — Interrompi, fungando um pouco. — Ela se foi.

— Mas se tudo o que me contou é verdade, você deve ter paciência com ela, Alexander. Foram

três anos remoendo isso sozinha, o fato de ter tirado o bebê de propósito e Michael ter cometido suicídio... Mesmo que ela tivesse todas as razões, mesmo que ele fosse um filho da puta abusivo, ninguém quer ter o suicídio de alguém na sua consciência. E quanto ao aborto... Bem, tenho certeza de que ela começa a sentir vontade de ter um filho, de não ficar sozinha, mas provavelmente pensa que não merece. Ela precisa de ajuda, você não pode virar as costas para ela agora, querido.

— Ela disse que não pode sequer me amar, Mary Anne. Ela nunca ficaria comigo sem realmente gostar de mim, Caterine não é assim.

— E o que aconteceu nestes últimos meses?

Você a estava pagando para ficar com você? Acorde, Alexander. A garota é louca por você. Só está com medo. Só isso.

Será que Mary está certa?

— É lógico que estou certa, senhor *falo sozinho*. — Ela riu. — Vá atrás dela.

— Eu tenho medo. Eu tenho muito medo de novamente ser rejeitado.

— Se você for rejeitado, irá tentar novamente. E novamente até que ela abra os olhos e entenda que merece ser feliz... ou até que você se canse de amá-la e a esqueça.

— Isso vai demorar. — Ri da minha própria

PERIGOSAS NACIONAIS

desgraça.

— É, eu sei. — Sorriu para mim. — Mas não desista, pelo menos tente uma última vez então.

**

Eu dei três dias a ela.

Para que ela pudesse pensar, remoer o que tinha para remoer e então entraria em contato. Não queria invadir a sua privacidade então deixei para aparecer em sua porta quando não houvesse mais alternativa.

Enviei mensagens para ela. Coisas como: PERIGOSAS ACHERON

“Estou pensando em você.” “Por favor, vamos conversar.” “Não vamos colocar tudo fora.”.

Não recebi nenhuma resposta.

Tentei ligar, talvez ela cansasse de ouvir o telefone tocando e me atendesse. Mas, também, nenhum sucesso. Uma semana depois de encher sua caixa com mensagens de voz e de texto. Tentei as flores.

Procurei por flores simples, margaridas e flores do campo, porque ela gostava das coisas simples da vida. Pensei em talvez enviar um filhote de cãozinho para ela, mas achei que seria tomar uma decisão que não cabia a mim.

Na minha última tentativa com as flores, enviei um cartão implorando para ela falar comigo nem que fosse para termos um encerramento. Minha esperança estava escorrendo pelo ralo, sentia que já tinha perdido a batalha.

Novamente, nada.

Fiquei preocupado, talvez novamente ela tivesse fugido para a casa do seu pai, então dei um jeito de conseguir o número dele e liguei. Jeremy atendeu e disse que Carter não estava lá e não tinha entrado em contato, então seu pai pegou o telefone para falar comigo.

Contei a ele que sabia de tudo e que queria

provar à sua filha que eu não ia a lugar nenhum. Então Jack mandou eu arrombar a porta do apartamento dela e dizer a ela pessoalmente porque a sua menina merecia, precisava ser feliz.

**

Chinatown poderia ser considerado um lugar exótico por assim dizer, era abarrotado, visualmente e sonoramente poluído e carregado, sem contar a sujeira e o fedor. Como Caterine poderia morar em um lugar como aquele?

Lembrei de quando ela falou sobre a sua

necessidade de mudar tudo sobre o que ela era. Então acho que entendi o motivo de ela morar lá.

Ao chegar no seu endereço, procurei um local para estacionar, tive sorte de conseguir rapidamente, paguei o parquímetro e segui para o seu prédio. Toquei o interfone ao lado da porta que era praticamente esmagada por uma loja de eletrônicos e um restaurante.

Uma Caterine muito irritada atendeu.

— Se for alguma merda de entregador de flores, pode jogar na lixeira, eu odeio flores — exclamou, me fazendo sorrir. Não conseguia evitar, estava tão feliz em ouvir a sua voz.

Não respondi. Virei minhas costas e olhei em volta da rua pensando no que eu faria, se ela não queria minhas flores, imaginei que não queria me ver também.

Avistei uma mercearia pequena com um chinês, obviamente, velho sentado na frente. Sorri e atravessei a rua.

Quando voltei com minhas compras, apertei novamente seu interfone.

— *Sim?*

Imitei uma voz qualquer, fanha, eu diria.

— Entrega para Senhorita Flynn.

— *Vá embora!*

Ela pediu em um suspiro.

— Senhorita, tenho ordens de não retornar até que receba a encomenda. Por favor, não faça com que eu perca o emprego. — Apelei para a sua piedade.

Me segurei para não rir, mesmo nervoso para cacete, aquilo estava sendo divertido.

— *Tudo bem, suba!* — Liberou, cansada. Ouvi o zunido do interfone e empurrei a porta.

Subi dois lances de escada e fui obrigado a sorrir quando me deparei com a porta que tinha o seu número, havia um grande vaso de barro onde os buquês que eu havia mandado estavam

devidamente plantados enfeitando todo o corredor.

Me aproximei e toquei a companhia, ouvi os passos rápidos dela e senti meu estômago se revirar com medo e antecipação. Quando Carter abriu a porta, ficou paralisada. Eu sorri e estiquei meu braço entregando o que eu havia trazido.

— Alexander, o que você faz aqui...? — Ela olhou para a minha mão e me olhou como se eu fosse louco. Talvez eu fosse. — Você me trouxe... alface?

— E... — Tirei a outra mão de trás das minhas costas e estendi. — Cenouras. Você disse que odiava flores.

Ela não conseguiu segurar, soltou uma gargalhada alta, mas rapidamente ficou séria, me fitando. Deus! Como senti a falta daquela mulher.

— Alexander...

— Não vai me convidar para entrar? Precisamos conversar.

— Não temos nada para falar.

Minha bunda que não!

— Por favor? Não se comporte como se eu tivesse feito algo muito errado, não há motivos para você não querer ao menos falar comigo. — Tentei parecer o mínimo desesperado possível, sentia que estava perdendo aquela batalha.

Ela suspirou em derrota e passou para o lado da porta dando espaço para que eu entrasse. Caminhei calmamente e parei na sua frente dando um beijo em sua testa, fechei meus olhos sentindo o cheiro de seus cabelos. Tão bom.

Entrei em seu apartamento analisando cada canto ao alcance da minha visão. Era pequeno, mas absurdamente organizado e bem distribuído. Fiquei chocado, para ser sincero. Não era parecido com a Caterine que eu conhecia.

Era branco e limpo, havia apenas uma parede com flores pintadas atrás de seu aparelho de uma televisão antiga dos anos cinquenta. O sofá era bege e levava uma manta larga na cor laranja por

cima dando os únicos toques de cor no restante. Era aconchegante e perfeito para ela, mesmo que não se parecesse com a pessoa que ela havia se mostrado.

Sorri quando reparei que o buquê de flores mistas que eu enviei havia sido dividido e parte dele decorava a janela ao lado de uma estante com muitos livros, para minha surpresa, em sua maioria, eram romances e não livros acadêmicos de Direito, como na minha.

Caterine ainda sonhava. Eu podia ver em seus títulos na estante.

Talvez eu pudesse ter alguma esperança.

— Alexander? — Virei para olhá-la parada

no meio da sala. Ela estava com uma blusa folgada e caída no ombro e um short jeans, o que um dia acredito ter sido uma calça, todo desfiado. Seu cabelo estava preso em um pequeno rabo, não era grande o suficiente para ficar todo preso, então parecia muito mais bagunçado, mas deixava seu rosto à mostra.

Sorri para ela e me aproximei da mesa colocando meu ramo de... vegetais sobre ela.

— Diga logo o que precisa — pediu com a voz trêmula.

— Carter, eu vou ser muito direto. — Aproximei-me puxando-a para meus braços e

ataquei seus lábios.

Ela lutou contra mim e não se rendeu aos meus beijos, eu a soltei e permiti que ela se afastasse.

— Não, Alexander!

Não foi a abordagem correta, mas não consegui aguentar. Eu precisava tê-la mais uma vez em meus braços. Mas percebi que havia sido um erro. Não era a minha intenção forçá-la, mas sabia que dado ao seu passado, ela reagiria daquela forma.

Burro!

— Eu amo você, Caterine. Não é difícil

perceber! — exclamei. — E eu sei que você sente algo por mim também, então por que não nos dá uma chance?

— Não posso, Alex. Eu tentei, tentei ter um compromisso com você, mas não consigo. Não posso — disse com a voz fraca, abaixando a cabeça e deixando algumas lágrimas caírem de seus olhos. Quando olhou nos meus olhos novamente, seu tom tinha mudado. — Desculpe, mas eu não correspondo aos seus sentimentos.

Foi como uma facada. Senti meu maxilar doer de tanto que o apertava. Levei as mãos nos bolsos do meu jeans e a olhei por um longo tempo, tentando controlar meus sentimentos antes de lhe

dizer o que precisava. Era daquela forma que seria. E eu não ia fazê-la ficar comigo.

Eu estava magoado até então, mas fiquei com raiva.

Contive uma explosão porque não queria assustá-la. Eu não era assim. Mas não iria embora sem dizer o que eu precisava.

— Tudo bem, eu apenas vou dizer algo antes de ir: Você não tinha o direito de sumir, eu merecia que você tivesse me dito antes, terminado antes. Se você não tem sentimentos por mim, foi cruel ficando comigo nos últimos meses. Eu não merecia nada disso. Você também não precisa fugir

de mim, eu posso ser do jeito que eu sou, um tanto esquisito, mas eu não sou como o Michael e nunca forçaria você a ficar comigo, mesmo sabendo que você tem sentimentos por mim e que está apenas com medo. Eu não vou mais insistir, não vou mais correr atrás e eu não sou um perseguidor. Eu amo você, mas todo mundo tem um limite e eu cheguei ao meu. Não se preocupe, eu também não vou me matar. — Virei de costas e comecei a ir na direção da porta.

— Deus! Pare, Alexander! — pediu, correndo para mim e me abraçando. — Alex, você não entende.

— Não, realmente eu não entendo, baby. —

Virei dentro dos seus braços e a abracei de volta com a minha esperança sendo renovada. — Não entendo por que você está me mandando embora sabendo que o que temos aqui pode ser muito, muito bom.

— Eu simplesmente...

— Tem medo. Eu entendo, mas posso ajudar, deixe provar para você que o que temos pode ser maravilhoso. Somos adultos e podemos...

Ela mexeu sua cabeça negativamente e se separou de mim.

— Eu vou machucar você ainda mais.

— Só se você quiser, Caterine! Você só vai

me machucar se quiser fazer isso! — gritei, frustrado, me separando dela.

— Eu não consigo! — Berrou de volta.

— Você não quer! — gritei novamente. Meu sangue fervendo. Quando abri a boca novamente, meu tom era baixo, apenas para que ela ouvisse. — E ao contrário de você, eu levo em consideração a sua vontade, e eu estou indo. Vou esquecer você. — Sorri sem vontade. — Vai ser difícil, mas eu vou seguir em frente.

Dei um beijo em sua testa e um último nos lábios. Antes de passar pela porta, falei uma última vez:

— Eu poderia ser a sua janela.

**

Dias depois eu não estava melhor.

Mas eu teria que seguir em frente de uma forma ou de outra. Percebi que nunca havia realmente me apaixonado. Em meus anos de escola eu era imaturo demais para saber o que era amar alguém. Na faculdade meu foco era estudar, então eu tinha encontros e alguns romances, mas nunca por muito tempo. Em minha vida adulta eu tive duas namoradas e uma delas foi Phoebe, nem

preciso comentar.

Tudo foi diferente com Caterine, desde como nos conhecemos até a forma como nós terminamos.

Ninguém morre de amor, então tudo estaria bem em breve.

Eu acho.

Me dediquei ao trabalho e até tentei conversar mais com Melissa após ela ter me passado os arquivos de um novo caso. Ela sabia que algo estava acontecendo e quando perguntou, eu simplesmente menti dizendo que tudo estava bem, mas Melissa convivia comigo o suficiente

para saber que algo estava errado comigo, contudo, me respeitava o suficiente para não insistir.

Cheguei a casa após um dia inteiro de trabalho e corri para a geladeira, eu havia esquecido de comer novamente, então meu estômago estava simplesmente gritando. Peguei um sanduíche que estava pronto, eu não sabia bem há quantos dias, uma garrafa de cerveja e me sentei no balcão da cozinha.

Sim, esse definitivamente não era o Alexander que eu e todo o resto conhecia. Eu também não era um cara injusto, e tinha que dar o mérito à Caterine, ela conseguiu me mudar em muitas coisas enquanto estivemos juntos. E por

isso, eu era agradecido.

Avistei a janela da sala e sorri lembrando de quando eu brigava com ela para nos sentarmos à mesa. Levantei e caminhei até lá, sentando no chão e apreciando a vista do Brooklyn. Se Caterine estivesse aqui, seria exatamente o que faríamos.

O toque do telefone tirou-me de meus pensamentos, deixei tocar até cair na caixa de mensagem. Não queria falar com ninguém. Mas quem quer que precisasse falar comigo não iria desistir, então peguei meu telefone, quando vi que era Mary Anne, atendi imediatamente.

— *Alexander? Que bom que você atendeu.*

PERIGOSAS NACIONAIS

— A voz dela estava chorosa.

— Mary? O que houve?

— *Sua mãe, baby, mamãe está hospitalizada. Precisamos correr para Jérsei.*

Meu foco acabara de mudar. Caterine havia ficado para trás.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 20

Sentei na poltrona ao lado da cama de minha mãe soltando um grande suspiro. Eu estava tão feliz por ela estar bem, mas alguns exames tinham que ser feitos, ao que parecia, seu coração precisava de cuidados. Dirigi como louco para Jérsei no momento em que Mary me contou e não me importei com nada, nem mesmo em pegar alguma roupa extra. Eu teria que ligar para Melissa avisando que não trabalharia no dia seguinte ou no resto da semana, caso fosse necessário.

Sem soltar a mão de Elisabeth Hartnett ouvi

meu pai discutir com seu colega de trabalho a quantidade de exames que mamãe teria que fazer. Eles ainda não sabiam o que tinha causado sua dor no peito ou o desmaio, mas a boa notícia é que ela ganharia alta em algumas horas, o que significava que os médicos estavam tranquilos com a sua condição, porém, ela precisaria de repouso em casa. Então fiquei para auxiliar em sua recuperação. Embora ela e meu pai tivessem descartado a necessidade de eu ficar por perto, insisti em permanecer. Eles ficaram espantados quando eu disse que o trabalho poderia esperar.

Fiquei chateado em saber que eles pensavam que eu colocaria minha profissão acima

deles. Eu nunca faria isso, mas falhei ao dar a entender que pudesse fazer.

Nada mais habitava a minha mente a não ser o estado de saúde de minha mãe.

Nada, exceto *ela.* Quando fiquei tranquilo sobre a condição da mamãe, minha ex voltou a escorregar para dentro da minha cabeça.

Caterine Flynn continuava em meus pensamentos, mas agora de forma diferente. Eu não ansiava por seu corpo ou seus beijos. Eu ansiava pela sua companhia, ansiava pelo conforto e coragem que ela sempre me passava, desejava que ela estivesse comigo naquele momento para me dar

aquele sorriso de merda dela dizendo que eu estava sendo exagerado e que nada aconteceria com a minha mãe. Mas ela não estava, e eu não poderia mais contar com ela.

Não estava com raiva, entretanto.

Na verdade, estava conformado de que este seria um amor que não seria vivido e esperava sinceramente que ela pudesse encontrar alguém que a faria vencer estes medos, alguém que fosse bom o suficiente para que ela pudesse seguir em frente.

Esperava nunca mais vê-la também.

Vê-la com alguém que fosse destruir todas as suas barreiras me mostrando o quão

incompetente eu fui simplesmente me arruinaria. Eu não queria isso, eu não queria mais sofrer por ela.

Preciso seguir em frente.

— Querido? — Ouvi a voz cansada de minha mãe.

— Hey. — Sorri para ela e me aproximei de sua cama pegando em sua mão. — Papai está assinando alguns papéis e logo vem.

— Seu irmão?

— Joshua não pode dirigir tão rápido quanto eu, temos Jojo, você sabe. Eles estarão aqui em breve. — Beijei a sua testa com carinho.

— Você também não deveria correr, mocinho. É perigoso. — Revirei os olhos para a sua bronca maternal.

— Eu sei me cuidar, mamãe.

— Tanto quanto Joselie sabe — ela brincou. — Caterine veio com você?

Senti meu coração apertar novamente. Até pouco tempo eu pensava que esses sentimentos... Este vazio, essa dor, a angustia, a tristeza... Tudo isso era exagero do sexo feminino.

Mas o amor realmente machuca.

— Não, mãe.

— Vocês não estão mais juntos?

Terminaram? — questionou perspicaz, a forma como fez a pergunta insinuava que ela já sabia da resposta.

— Não há o que terminar quando nunca estivemos realmente juntos — respondi tentando mascarar minha tristeza, minha mãe era quem estava em uma cama de hospital e precisava de atenção agora, não eu.

Mas ela não pareceu satisfeita. Encolheu-se um pouco em sua cama e me trouxe para seus braços. Eu não queria chorar como um menino, mas era como se algo tivesse finalmente morrido dentro de mim, como se minha esperança evaporasse, então, eu simplesmente me entreguei

ao seu aconchego e me permiti chorar silenciosamente.

— Oh, Alex, de alguma forma egoísta eu gostaria que você nunca tivesse filhos. — Eu funguei e olhei para ela limpando um pouco minhas lágrimas, tentando entender o que ela dizia. — Nós temos o controle de tudo quando vocês são pequenos. Uma febre e temos tylenol. Uma dor de barriga e temos pepto-bismol, mas quando vocês crescem, não temos nada para ajudar com a dor de um coração partido. E isso dói tanto em mim quanto em você, querido. E não gostaria que você passasse por isso com um filho seu. — Eu me deitei ao seu lado novamente e a deixei chorar comigo

mesmo desejando que pepto-bismol também curasse mal de amor.

**

Mamãe teve alta finalmente. Josh, Jojo e Mary Anne chegaram, então voltamos para a casa dos meus pais. Resolvi ficar por mais alguns dias me certificando de que ela estaria bem, e também para fugir de Nova Iorque. Os outros voltaram com a promessa de que passariam o final de semana conosco novamente. Assumi alguns processos e estava trabalhando neles naquela manhã fria de

quinta-feira por *skype* com Melissa quando ouvi a campainha tocar.

— Espere um momento, Mel. Eu preciso atender a porta.

— *Tudo bem, eu preciso ir falar com a superintendência, então também tenho que desligar, mas amanhã nos falamos novamente?*

— Sim, se precisar de algo, me ligue.

— *Claro, chefe.* — Desligou em seguida.

Levantei e segui para fora do escritório de meu pai para abrir a porta quando me deparei com a imagem através do vidro.

— Caterine? — perguntei sem emoção,

poderia ser a minha cabeça novamente, além da minha falta de filtro eu poderia estar delirando agora também.

Ela levantou sua pequena mão e abanou timidamente para mim, parecia diferente, usava jeans e tênis completando o visual com uma camiseta branca e larga, não havia maquiagem ali e o pedaço maior de seu cabelo estava preso atrás da orelha. Aproximei-me e abri a porta para ela.

— O que faz aqui? — Eu não estava tentando ser rude, apenas estava surpreso.

— Fiquei sabendo sobre sua mãe — justificou, mordendo os lábios. — Pensei que talvez

precisasse de um ombro amigo. — Seus olhos desviaram por um momento dos meus. Como se estivesse nervosa.

Eu precisava. Sim! Como eu precisava de um ombro. Do seu ombro. Mas não como amiga. Ela não poderia pensar assim. Não poderíamos ser amigos.

— Caterine. Hum... desculpe, minha mãe está lá em cima em seu quarto, fique à vontade se quiser vê-la, eu realmente tenho algumas coisas para fazer agora — disse gesticulando com o meu braço para que ela seguisse pelas escadas, não conseguia ficar na sua presença nem mais um segundo.

Ela passou por mim e tranquei a respiração para não sentir o seu cheiro e não olhei para ela enquanto subia as escadas.

Não muito tempo depois, ela desceu.

— Bem, eu estou de saída. — Sua voz era incerta e seus olhos estavam um pouco vermelhos enquanto ela se mantinha parada na porta do escritório do meu pai.

Em silêncio, me levantei e fui até a porta da frente a abrindo para ela. Caterine passou para o lado de fora e se virou com os olhos suplicantes para mim.

— Obrigada.

Assenti, me preparando para fechar a porta assim que ela saísse quando ela parou e colocou a mão na porta para evitar que eu a fechasse, me fitou por alguns segundos antes de falar:

— Será que podemos conversar um instante? — Olhei para ela incrédulo. O que mais tinha para falar?

— O que é, Caterine? — Embora minha voz fosse controlada, estava partindo meu coração olhar para ela. Parecia tão triste.

Mas ela tinha feito uma escolha. E sua escolha me fez miserável. Eu não ia mais me deixar levar.

— Eu queria pedir desculpas por não poder dar a você o que você queria naquele momento, mas queria conversar, dizer que...

— Caterine, eu realmente sinto muito também, mas eu prefiro que não sejamos amigos, não quero conversar sobre o que aconteceu ou qualquer coisa. Eu... não quero nada disso de você, ok? Você fez uma escolha. Decidiu não ser amada por mim. E como já disse, eu não vou forçar.

— Alex, não...

— Apenas vá embora, Caterine. Eu não quero mais ver você. — Quem diria que a última facada em meu coração seria dada por mim.

— Não queria que terminasse desta forma, eu...

— Diga a palavra, Carter. — Seus olhos me disseram que ela sabia exatamente o que eu estava pedindo.

— Não faça isso, Alexander. — Suas lágrimas começaram a cair imediatamente.

— Diga. A. Palavra. Caterine. — Minha própria voz estava quebrando, eu estava quebrando diante dela.

— Não! — gritou.

— Então eu digo: Adeus! — Meus dedos se fecharam assim como meus olhos quando

finalmente fechei a porta na cara dela e virei as costas.

**

Subi as escadas para encontrar a minha mãe sentada na cama.

— Quer ajuda, mãe? Está zonza ainda. Papai disse que o remédio faria isso nos primeiros dias. — Passei as costas da mão nos olhos tentando me livrar das lágrimas.

— Sim, você me ajuda a ir ao banheiro? — Assenti e a ajudei até o banheiro, depois voltei e

aguardei sentado em sua cama.

— Então, Caterine estava aqui — foi a primeira coisa que disse quando abriu a porta voltando para a sua cama.

— Sim, foi legal da parte dela vir visitar você.

— Sim, eu! — Bufou em deboche. — Bem? E como foi? Não pensei que ela viria ainda hoje.

— Do que a senhora está falando, mãe? Você sabia que ela viria ver você?

— Bem, Mary me ligou ontem dizendo que Carter estava vindo. Imaginei que seria para o final de semana, mas se apareceu hoje é porque dirigiu a

noite toda para falar com você.

— Ela queria saber como a senhora estava.

— Não, Alexander, não era esse o motivo, ela sabia que eu já estava bem, ela procurou Mary Anne porque estava desesperada atrás de você antes de saber sobre mim. Ela queria conversar. Com você.

— Conversar o que, mãe? Limpar a sua consciência? — questionei, indignado.

— Claro que não, menino. Ela quer se reconciliar. — Fitei minha mãe como se fosse louca.

— Acredite, mãe, ela não quer.

— Ela me disse que você era a sua janela.

Aquela declaração fez meu coração parar.

— O que disse? — perguntei, sem conseguir respirar direito. — Mãe, o que acabou de dizer?

— Isso mesmo, querido. Ela disse que você era a janela dela, e que lamentava ter demorado tanto tempo para assumir isso. Eu disse a ela para lhe falar sobre seus sentimentos, mas acho que a conversa não aconteceu. É sim, agora vá consertar a sua besteira. Francamente, Alexander, fico me perguntando se você tem alguma demência e eu nunca percebi.

Arregalei meus olhos em descrença.

— Mãe! — Ela deve ter visto o meu desespero enquanto saltava da cama.

— O que você fez, Alexander?

— Eu estava magoado... Eu...

— Vá atrás dela, rapaz! — ordenou, então corri para fora do quarto. Mas antes de seguir, parei.

— Mas a senhora...

— Eu juro, solenemente, que não removerei meu traseiro desta cama até que você ou seu pai esteja aqui novamente. — Ela me interrompeu com a mão direita levantada enquanto fazia seu

juramento.

— Tudo bem!

— Vá!

Foi o que eu fiz. Desci as escadas correndo e atravessei a sala que dava para a porta de casa rapidamente, mas tive que parar abruptamente. Nas escadas, encolhida, sentada em um dos degraus, estava Caterine.

— Carter! — Chamei surpreso.

— Me deixa falar, ok? — Levantou-se agitada. — Eu vim aqui... Eu vim dizer que não importa o quanto eu tenha sofrido, o quanto eu esteja quebrada, foi você que me fez ver a vida

novamente, foi você que me deixou ser a garota pequena e fraca que queria ser cuidada ao invés de só ser a garota durona e independente que eu sentia tanta falta. Eu não quero ser sua amiga. — Eu me aproximei, mas ela deu outro passo para trás. — Deixe-me falar. Eu me apaixonei por você naquele bar, naquele dia, e eu fiquei tão malditamente medrosa quando me dei conta disso que me fiz agir de uma forma como se não fosse mais do que um caso...

Suas mãos estavam esticadas e travadas para que eu não me aproximasse. Meu coração parecia que estava saltando pela boca.

— Depois eu simplesmente coloquei na

minha cabeça que era coisa da minha cabeça. Eu sei, redundante. Isso não faz sentido, eu... eu... — Ela estava agindo como eu. — Nem eu estou me entendendo. Eu disse a mim mesma que eu estava fantasiando que amava um almofadinha que coleciona e mantém suas revistas por ordem de edição e ainda no plástico, e que não sabe comer sorvete direto do pote em um dia de neve.

E eu estava conhecendo a verdadeira Caterine Flynn. Frágil, delicada e totalmente apaixonada.

Por mim.

Apaixonada por mim.

— Eu amo você, Alexander, e eu quero ficar com você e ter uma gaveta com roupas minhas na sua casa, e oh, Deus, como eu senti falta de tomar café na sua janela, e de escutar seus pensamentos e...

— Você quer que eu seja a sua janela — afirmei sorrindo.

— Sim! — Suas lágrimas novamente começaram a cair. — E eu quero ser a sua também, se você deixar.

Puxei seu pescoço para mim e devorei seus lábios com toda a paixão que estava acumulada em meu ser. Ela gemeu e em seguida um soluço

escapou da sua garganta fazendo eu me separar dela.

— Baby, não chore — sussurrei limpando suas lágrimas. Seus olhos ficavam tão lindos quando ela chorava, ainda mais claros e brilhantes.

— Eu fiquei com medo quando você disse adeus para mim, mas eu tinha que tentar novamente, eu não queria... não podia. Eu quero ser sua. Quero que você cuide de mim e me ame e me deixe cuidar e amar você como merece.

— Eu ouvi sobre uma gaveta de roupas em minha casa? — Levantei a sobrancelha esperando a sua resposta.

PERIGOSAS NACIONAIS

Carter assentiu com o sorriso mais lindo e brilhante nos lábios.

— E eu poderei ficar em seu apartamento também... E talvez ter uma gaveta lá para mim?

— Estou contando com isso — respondeu enrolando seus braços no meu pescoço.

— Bom... e mais uma coisa. — Continuei.

— Sim?

— Sem dizer adeus novamente.

— Nunca mais, Alex. Nunca mais. — Nós nos beijamos novamente e nos apertamos um nos braços do outro.

Você vai ser minha esposa, Caterine Flynn.

PERIGOSAS ACHERON

Ela se soltou do meu aperto e sorriu para mim meio espantada.

— Alex, acabamos de começar a namorar, podemos falar disso mais tarde? Muito mais tarde?

O quê?

— Oh, merda. Você me ouviu.

Nós gargalhamos, e eu já não precisava ficar com medo de a qualquer momento ficar sem seu sorriso ou seus beijos, ou mesmo seu perfume. Eu era a sua janela e ela era a minha.

Com playlist do Bon Jovi, tomando água só de calcinha em frente à geladeira, congelando na beira do mar, fazendo refeições na janela e

PERIGOSAS NACIONAIS

escutando os meus pensamentos.

PERIGOSAS ACHERON

EPÍLOGO

Dois anos depois

— Senhoras e senhores. — Dei uma risada forçada antes de continuar. — Desculpem, eu ainda estou tentando me recuperar das palavras da defesa. — Ri mais um pouco apenas para dar mais ênfase no quão ridículo foi o discurso da defesa. — Antonino D'Gregory é um pai de família honesto?

Caminhei até a minha mesa e peguei as fotos das vítimas do esquema de tráfico humano e voltei para o júri.

— É praxe agora pais de família traficarem

meninas de países subdesenvolvidos para o seu esquema de prostituição? Homens honestos fazem lavagem de dinheiro ou são responsáveis pela morte de dezoito mulheres nos últimos quatro anos? Me desculpem, mas se não conseguem ver o perigo que este homem representa em nosso país e em outros países também, não vejo motivos para eu continuar fazendo o meu trabalho. Não há esperança ou justiça. Pensem que poderia ser sua filha, sua esposa, pensem que é um ser humano nas mãos de, ironicamente, seres humanos que não agem com o mínimo de consciência ou respeito pelo seu semelhante. Este homem não merece sequer o benefício da dúvida por parte deste júri e

eu rogo para que vocês façam o correto. — Olhei para o juiz e concluí: — A promotoria encerra.

O juiz Davis se pronunciou em seguida avisando que a Corte entraria em recesso até o dia seguinte às nove da manhã onde daria o veredito. Assim que estava fora da dali, enviei uma mensagem para Carter.

Corte em recesso, ficamos em seu apartamento ou no meu?

Quase que instantaneamente recebi a resposta dela.

Já estou no seu. Venha rápido, preciso falar com você.

Isso nunca era bom, nunca!

Todas as vezes que ouvi ou li isso era porque havia alguma merda muito grande vindo em minha direção. Embora nunca com relação a Carter. Depois que nos acertamos, nossa relação era surpreendentemente calma e cheia de harmonia. Bem, quase sempre.

Dois anos de namoro, dois anos de pura loucura na minha vida, um pedido de casamento delicadamente negado porque ela não estava preparada ainda e apenas uma briga que durou uma semana quase me deixando louco, e eu não havia ouvido dela essas seis palavras em nenhum momento, nossas brigas aconteciam, mas nunca

eram motivo para términos. Como se não houvesse um futuro para nós se não fosse como um casal. Mesmo morando em casas separadas, nossa vida toda era planejada como se morássemos juntos. Eu estava esperando pacientemente pelo dia que minha bela namorada diria sim ao meu pedido. Mas se ela nunca dissesse, eu ainda seria o homem mais feliz na face da terra.

Caterine mudou muito desde que nos acertamos, a pressão para ser forte e independente saiu de seus ombros. Ela se deixou ficar mais frágil, mais disposta aos meus carinhos e declarações de amor. Ela também fazia questão de que eu soubesse o quanto era amado por ela. No começo,

combinamos de dormirmos algumas noites separados, mas sempre acabava ou nela batendo em minha porta ou eu tocando o seu interfone. Nunca dormíamos separados, em hipótese alguma, bem, só quando brigamos, foi uma semana inteira, mas isso não contava já que ficávamos a noite toda acordados discutindo ou transando para compensar.

Eu estava pronto para me casar, mas Caterine ainda tinha certos receios. Fiz a pergunta no Natal, quando completamos um ano de namoro. Eu tive sorte de não fazer na frente da minha família. No lugar disso, pedi de forma simples, em meu quarto, na casa dos meus pais. Mostrei o belo e discreto anel de meio quilate de diamante a ela

que começou a chorar, garantindo que eu era o amor da sua vida e me explicou que ainda não estava pronta. Eu fiquei chateado, é claro. Mas ela não disse *nunca*.

Xinguei o elevador que estava demorando demais para chegar ao meu andar. As portas se abriram e peguei as chaves em meu bolso para destrancar a porta. Assim que entrei, olhei para o local que eu sabia que ela estaria. Ela sempre me esperava na janela, era o seu lugar favorito afinal de contas.

— Baby? — disse, sentindo o meu coração disparado, sempre que eu a via, não importava onde ela estivesse, Carter corria para mim e pulava em

meus braços, circulava suas pernas em meu corpo e me beijava com paixão. Naquele dia ela se limitou e levantar a cabeça e me fitar com seus olhos vermelhos de chorar.

— Oi. — Cumprimentou com um sussurro. Ela brincava distraída com o pingente de bola de neve que eu dera a ela em nosso primeiro Natal juntos.

— Está chorando? — Aproximei-me dela e a abracei sem enfrentar resistência. — O que houve, baby?

— Estou tão... estou com raiva de mim! — Eu tentei não rir com o tom histérico da sua voz.

PERIGOSAS NACIONAIS

Aquilo era TPM? Eu deveria perguntar se era TPM? Mulheres odeiam quando estão na TPM e perguntamos se estão na TPM.

— Carter, você está hum... no seu período? Ou perto dele? — Erro meu. Merda! Sabia que não deveria ter perguntado. Ela soluçou e começou a chorar mais ainda. — Desculpe! Eu não deveria ter dito isso. Sou um imbecil. — Seu choro continuou descontrolado, me deixando ainda mais assustado. Levei ela para o sofá e nos sentei. — Baby, o que houve? O que aconteceu. Fale comigo.

— Alexander... eu... eu... — Ela chorou mais e eu a puxei para o meu colo. — Eu sou tão estúpida... Desculpe.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Caterine, pelo amor de Deus! Você está me assustando.

— Eu... eu... — Ela pegou a minha mão, colocou em seu ventre e me olhou em expectativa e medo, tudo misturado, mas ainda chorando.

O quê? Ela está grávida? É isso, não é? Grávida!

Ela assentiu à minha pergunta que novamente pensei ter feito apenas em minha cabeça.

Mas, como?

— Preciso mesmo dizer? — falou um pouco irritada.

PERIGOSAS ACHERON

— Desculpe... eu... amor? Você está grávida? — perguntei agora apertando um pouco mais o seu ventre. — É sério, Carter, você ... — Ela assentiu mordendo os lábios.

— Já fiz o teste... tenho certeza, você está bravo? — Minha bela namorada parecia tão medrosa, vulnerável.

— Por que estaria? Eu... amo você e amo essa criança. — Eu sorri para ela, acho que eu estava um pouco bobo demais. — Minha criança. — Senti ela relaxar um pouco e fungar. — Nossa criança! Nosso bebê! Seremos uma família.

— Mas eu recusei seu pedido de

casamento...

Eu parei e fiquei olhando para ela incrédulo.

— Qual é o problema? Eu disse que esperaria o tempo que fosse, baby. Não é um bebê que vai acelerar qualquer processo, nos amamos da mesma maneira. — Óbvio que se fôssemos casados seria perfeito. Mas não ia ser um pedaço de papel que comprovaria nosso amor ou família.

— Então, você está feliz?

Ela é louca?

— Você ainda pergunta? Eu estou mais do que feliz! Carter, eu amo você. — Ela sorriu em alívio e me abraçou com força. Estava novamente

me dando o que eu precisava e não sabia. — Obrigado, meu amor, obrigado!

Um filho.

Só meu.

— Bem, ele vai ser nosso. E espero que não seja hereditária essa coisa de falar sozinho.

**

Um mês depois

— Caterine, abra a porta, baby! Por favor! — Bati novamente, esperando do lado de fora do

banheiro do meu apartamento.

Era sábado e tínhamos resolvido ficar a manhã toda na cama assistindo e escolhendo os desenhos animados que iríamos deixar o nosso bebê assistir, era algo bobo que estávamos amando fazer. Carter de repente correu para o banheiro para mais uma rodada de enjoo e se trancou lá dentro. Ela nunca deixava eu me aproximar quando estava colocando seu café da manhã para fora.

Tínhamos aceitado e estávamos felizes com a gravidez, mas ainda estávamos nos acostumando com o que a situação trazia. Caterine estava tendo a experiência completa.

PERIGOSAS NACIONAIS

Enjoos, azia, sonolência, seios inchados (essa parte eu amava), pequenas cólicas, dores de cabeça, mais sono, muito mais enjoo e lágrimas sem fim. Jesus! Eu tinha virado um expert em choros desesperados e histéricos em quatro semanas. Caterine estava com dez semanas, equivalente a dois meses de gravidez, e eu enfrentaria pelo menos mais vinte e oito destas, ao menos o médico informou que os enjoos provavelmente durariam só mais dois meses, no entanto, ele não poderia garantir nada sobre as crises de choro.

Nós não havíamos falado sobre casamento novamente, mas em breve eu lhe pediria

PERIGOSAS ACHERON

novamente. Não tinha a mínima possibilidade de ficar longe das duas pessoas que eu mais amava no mundo. Eu queria que fôssemos uma família.

Então seríamos Alexander, Caterine e Simon Hartnett.

Sim, já havíamos escolhido o nome para o nosso garoto, e tínhamos certeza que seria um menino, nunca houve espaço para dúvidas. Muito menos para a escolha do nome. Caterine sonhou que chamávamos o menino de cabelos pretos e olhos castanhos de Simon e eu achei perfeito. Então, estava decidido.

— Vá embora! — disse segundos antes de

vomitar novamente, levei a mão em meu cabelo e puxei nervoso.

— Eu não vou embora, toda vez que você sente enjoo e corre para o banheiro e eu estou por perto, você quer me afastar. E todas as vezes eu fico. E eu sempre vou ficar. Então eu não vou arredar meus pés daqui. Como sempre! — exclamei como se fosse um discurso motivacional.

Eu sou a porra de um coaching!

Depois de um longo tempo, finalmente ouvi a descarga ser acionada e me preparei para que ela saísse, mas ela não saiu, esperei mais alguns segundos andando de um lado para o outro,

enquanto aguardava, talvez ela ainda estivesse se sentindo enjoada e estava somente esperando a próxima rodada.

— Alex? — Ela chamou do outro lado.

— Sim?

— Você estava aí o tempo todo, não é? — Sua voz vinha abafada do outro lado, mas ela parecia bem.

— Sim.

— Você sempre está do lado de fora quando estou aqui.

Onde ela queria chegar com aquilo?

— Sempre que estou com você, querida.

Sim! Eu tento estar por perto. Já disse, quero ajudar. Eu serei um pai presente e dividirei tudo com você. E também já prometi que vou ajudá-la quando você estiver trabalhando também, faremos nosso horário.

Caterine havia feito seu BAR. Sua prova foi exemplar e ela finalmente poderia advogar. Demorou um tempo para conseguir fazê-la entender que poderia amar sua profissão sem abrir mão de quem ela era agora. Que nada explodiria por ela manter algo que amava tanto no seu passado. Então ela prestou a prova e logo conseguiu emprego em um pequeno escritório de advocacia. A German & Tavola Advogados. Lá ela

trabalhava orientando e dando consultoria e por vezes ajudando Louie Tavola em defesas para pessoas de baixa renda. Ela estava feliz. E eu estava orgulhoso pra cacete.

— Você pode se sentar?

Ela pirou? Vomitou o cérebro?

— Hã?

— No chão... senta no chão. Eu preciso falar com você.

— E você não pode sair? Conversaríamos melhor aqui fora, querida, deixe-me ver como você está — pedi preocupado.

— Não, eu gostaria, por favor, que você

sentasse no chão, na frente da porta.

Ela estava me assustando e sabia disso, senti minha cabeça começar a doer graças aos puxões que eu estava dando em meus cabelos, mas sentei-me, de qualquer forma.

— Pronto! — Sentei de costas para a porta e encostei minha cabeça.

— Ok! — Ela falou próximo demais, estava sentada no chão também, eu pude perceber. — Enquanto eu estava quase colocando nosso filho para fora oralmente, percebi que você ficou aí o tempo todo, como sempre, e se eu tivesse destrancado a porta você estaria ao meu lado. Estou

correta?

— Nem preciso responder!

— Sei, e isso prova que você estaria comigo em qualquer circunstância, não é?

— É claro! — O que diabos...?

— Noites sem dormir, cólicas do Simon. Você terá que trabalhar menos, vai ter que entender que eu vou ficar feia por um tempo...

— Impossível. — Ouvi ela bufar e sorri. — Não existe a mínima possibilidade de você ficar feia.

— Viu? Você é irritante de tão perfeito. — O riso em sua voz indicou que ela estava bem. — E

teremos um período com pouco sexo, você sabe.

— Eu terei você para sempre, amor, é isso que importa.

— Então acho que... — Ela pausou um momento. — Diante da sua resposta, acredito que se me pedisse em casamento agora... Eu, bem... eu aceitaria.

Se sorrisos rachassem rostos no meio, eu certamente teria minha cara dividida em duas. Tentando me acalmar, eu respondi:

— Espere um segundo. — Levantei e corri rapidamente até meu quarto e peguei o anel de noivado guardado, esperando por um ano inteiro

para descansar no dedo de sua dona. Quando retornei, respirei fundo e tentei relaxar meus ombros. — Será que você poderia sair daí? Ou prefere que eu passe seu anel por baixo da porta?

Ela não respondeu, quando ouvi a tranca da porta fazer barulho, corri para longe da porta e parei em frente à janela. Alguns segundos depois, Caterine estava lá, caminhando em minha direção enquanto me ajoelhava. Suas mãos estavam cobrindo sua boca e nariz, mas eu podia ver seu sorriso através de seus olhos. Tão linda.

— Desculpe por fazê-lo esperar. Quero que saiba que não é apenas pelo bebê, eu só não queria que decisões precipitadas estragassem o que temos.

Mas com a gravidez e a forma que você me trata, me apoia... você me fez querer este bebê, Alex. Querer ter uma família com você.

— Você pode deixar eu fazer a minha parte? Meus joelhos estão doendo!

— Desculpa! — Rindo, ela assentiu.

— Caterine Flynn, fico feliz que tenha percebido que você é o amor da minha vida e que finalmente vai me dar a resposta que esperei tanto para ouvir. Você me daria a incrível honra de ser a minha esposa?

— Sim, Alexander, eu aceito com todo o meu coração. — Peguei sua mão direita e coloquei

o anel delicado em seu dedo anelar.

Isso! Finalmente! Cacete!

— Eu amo quando você fala sozinho.

Continua em Aprender a Dizer Adeus...

PERIGOSAS NACIONAIS

APRENDER A DIZER ADEUS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

SINOPSE

Livre dos seus medos Caterine Flynn, futura senhora Hartnett, está pronta para deixar o passado para trás e seguir a vida feliz com a família que estava construindo com o seu grande amor. Tudo está perfeito, mas um novo desafio surge e ela precisa aprender a dizer adeus, não só para o seu passado, mas para quem ama também.

Alexander é mais que um homem apaixonado. Ele é devoto. Nunca percebeu que sentia falta de alguém em sua vida até conhecer a bela Caterine, porém, ele precisa ser forte, a vida está sendo dura para o casal e ambos terão que

provar o seu amor e tenacidade para que não percam mais do que já perderam.

No segundo volume da Trilogia Adeus, Carol Moura apresenta o desafio de deixar um amor ir para não perder outro. Escolhas precisam ser feitas e corações serão partidos para que uma nova vida surja.

Ninguém disse que seria fácil.

O amor não salva ou cura.
Mas ele te faz buscar os meios para isso.

PRÓLOGO

ALEXANDER

— Sim, acredito que um acordo seja mais prudente para o seu cliente, Marvin. Ele se declarando culpado pegará vinte anos — expliquei para o advogado de defesa de Edmund Rustings, um dos homens de Raymond Hoffman. Eu não tinha nada sólido contra o desgraçado lavador de dinheiro, mas estava pegando cada um dos seus testa de ferro. Eu chegaria nele.

— *Falarei com ele, Alexander. Eu imagino que ele aceite o acordo.* — Marvin era um advogado inteligente, não se valia de showzinho

para conseguir a pena do júri. Ele olhava para o quadro e pegava o que fosse melhor para seus clientes.

— É o mais esperto a se fazer neste caso, ele se declara culpado e entrega o Hoffman, e talvez eu veja o que posso fazer para diminuir um pouco mais a sua pena — brinquei sabendo que se Edmund Rustings entregasse Hoffman era melhor que ele pegasse perpétua. No momento que ele colocasse seus pés na rua, estaria morto. De repente a porta do meu escritório se abriu e Caterine entrou vestindo um robe de seda preto quase me fazendo engasgar. — Hum... Marvin, acho que terminamos, eu hum... tenho um compromisso.

— *Claro, Alexander. Desculpe incomodar fora do horário de expediente.*

— Sem problemas... — Meus olhos não saíam da bela mulher que rodava a faixa do robe na sua mão.

— *Ligo se houver novidades.*

— Até breve, Marvin. — Desliguei e engoli em seco em seguida.

— Você está linda. — Consegui dizer enquanto analisava seu belo corpo. Ela estava produzida. Maquiagem combinando com o robe negro, cabelos arrumados para parecerem bagunçados e eu podia sentir o cheiro delicioso do

seu perfume de onde eu estava. Caterine estava sempre de tirar o fôlego, mas, de alguma forma, estava mais linda ainda com a gravidez.

Quatorze semanas de gestação. Terceiro mês. Sua barriga mal tinha crescido. Os jeans já não cabiam, mas se não fosse por isso, nem nós perceberíamos que estava grávida. Carter contava os segundos para ter uma grande barriga, estava ansiosa para mostrar a gravidez a todos. Nossas famílias estavam ansiosas também. Bem, a minha família e a família de Caterine, com exceção de Amanda. Joselie era a mais animada. Sendo a única criança da família nos últimos oito anos, não via a hora de conhecer seu primo. Sim, nós ainda

tínhamos certeza de que seria um menino e que se chamaria Simon.

— Obrigada. No entanto estou me sentindo sozinha no dia do aniversário do meu noivo — murmurou, fazendo a volta na mesa e se aproximando de mim. Era cinco de maio. Meu aniversário de trinta e cinco anos. — Quero dar o presente de aniversário dele, sabe?

— Você é meu presente, baby. Sabe disso. — Virei minha cadeira, ficando de frente para ela.

— Eu sei, você vive dizendo isso para mim, então pensei em: — Suas mãos pegaram as pontas da faixa do seu robe e abriram o laço. — já que eu

sou o seu presente... — Deixando a frase no ar ela abriu e deixou a peça cair no chão revelando todo o seu corpo deliciosamente nu e apenas um laço cor de rosa amarrado em seu quadril.

— Jesus Cristo! — exclamei em meio a um gemido, sentindo minha calça se apertar imediatamente.

— Feliz aniversário — disse sorrindo de forma sedutora, seus olhos verdes brilhavam e o sorriso malicioso em seus lábios me diziam que eu seria muito bem tratado no meu dia. Abaixando na minha frente, ela abriu minhas pernas e levou suas mãos no botão da minha calça.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Primeiro eu vou chupar você. — Engoli em seco enquanto suas mãos delicadas e hábeis manuseavam minha calça para fora do meu corpo. — Depois vou sentar em você e cavalgar enquanto canto “Parabéns a você”.

— Oh, Deus! — Choraminguei feito um menino.

Só duas pessoas no mundo conseguiram transformar “Parabéns a você” em algo sexy.

Marilyn Monroe e Caterine Flynn.

Futura senhora Hartnett.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 1

CATERINE

Reclamar da vida não era uma opção para mim. Sempre procurei ver o lado bom de tudo e todos, mesmo quando estava embaixo do meu nariz a realidade sobre as coisas.

Cresci praticamente sem mãe, mas tive um pai, que por muito tempo se dedicou a mim e só a mim. Por anos ele não foi capaz de preencher uma parte vazia em meu coração, mas quando tive idade o suficiente para perceber que minha mãe apenas não me queria, sem qualquer justificativa, e que nem eu e nem meu pai tínhamos culpa disso, eu

resolvi olhar para ele como tudo. Mãe, pai, confidente, amigo e herói.

Se eu disser que fiquei feliz com a forma que ele se uniu a Milly, minha madrasta, estaria mentindo. Por um longo tempo ele foi amante dela. Milly traiu o marido até ter coragem o suficiente para deixá-lo e ficar com meu pai. Eu não aprovava ou apoiava, mas quando minha madrasta finalmente se separou, não vi motivos para não deixar meu pai ir. Eu já era adulta, morava com meu noivo, e queria que ele fosse feliz.

Eu tinha Michael.

Michael...

Eu pensava que o amava. Pensava que o que ele fazia comigo era porque me amava muito também. Vivi anos em um relacionamento abusivo sem perceber que era.

Ou sem querer enxergar...

Em três meses já estávamos morando juntos e ele controlava até a roupa íntima que eu usava e queria até controlar meus pensamentos.

"Está pensando em alguém, Caterine?"

"O que está passando nesta sua cabecinha linda?"

"Se não está pensando em nada, por que não posso saber?"

Cristo.

Eu lutei, briguei, mas era tudo em vão. Eu lutava por batalhas perdidas. Ele sempre se desculpava... Até nisso conseguia me controlar. Me persuadia a perdoá-lo quando tudo o que eu queria era fugir.

Eu perdi a minha identidade, perdi meus pensamentos e a vontade de viver.

Por tanto tempo eu apenas existi.

Então descobri a gravidez. Fiquei tão apavorada. O controle tinha saído completamente das minhas mãos. Eu sequer tinha escolha sobre o meu corpo. Michael começou a falar sobre adiantar

o casamento, sobre eu largar a Escola de Direito.

Eu pirei!

Ou melhor, recobrei a minha sanidade.

Terminei com Michael. Então ele me bateu. Se eu fechar os olhos ainda posso ver a fúria nos seus olhos e o peso da sua mão em meu rosto. Sinto o sangue que encharcou a minha boca quando foi cortada pela bofetada.

Eu também consigo me lembrar da carta sendo enrolada pelos meus dedos trêmulos, a sensação do papel deslizando por eles, do frio anel de noivado deslizando pelo canudo que fiz. Eu lembro do som que a porta fez quando a fechei e fui

embora.

Passei bem pelo aborto, não tive quaisquer problemas com o pós-operatório, mas meu coração estava dilacerado. Não por terminar com Michael, não por ter tirado o filho que me foi imposto, e sim, ele foi imposto a mim, meu noivo me forçou um filho da mesma forma que me forçou a viver toda a nossa vida. E, mesmo morto, ele conseguiu me jogar o peso da culpa pelo seu suicídio.

Um misto de sentimentos me preencheu, culpa, alívio, ódio, pena, medo. Senti tudo de uma vez só.

Eu morri também. Fui assassinada pouco a

pouco durante anos.

Havia morrido há muito tempo, lentamente e não poderia ressuscitar a velha Caterine, porque eu sabia, tinha absoluta certeza que, embora eu não estivesse arrependida naquele momento, fosse pelo aborto ou pelo suicídio de Michael, se eu não enterrasse a antiga Caterine de vez, eu ia sentir o peso de tudo o que havia acontecido comigo no futuro, seria corroída pela culpa. Ia amadurecer, crescer e lembrar do que fiz, das consequências do meu ato e ia ser consumida pelo arrependimento. Caterine precisava ir embora. Ser enterrada de vez.

Aguentei o julgamento de meu pai, minha madrasta e, principalmente, Amanda. Ela era a pior,

me chamava de assassina, dizia que eu deveria ter tomado mais cuidado se não quisesse engravidar. Barbáries que jogou em cima de mim como se eu merecesse tudo o que passei. Quando foi demais, voltei para Nova Iorque.

Passei muito tempo apagando a antiga Caterine. Ou assim pensei.

Meus cabelos castanhos e longos foram transformados em curtos e platinados. As saias que eu ficava horas passando para que ficassem perfeitas, sendo guardada por ordem de cor em combinação com as camisas e sapatos, deram espaço aos jeans, camisetas, minissaias e tênis Converse. Claro que eu ainda me vestia de forma

sofisticada quando precisava, especialmente quando estava auxiliando o Professor Stevenson na universidade ou saindo em lugares que pedissem, mas, no geral, eu me acostumei com jeans e camisetas.

Meu exame BAR, aquele que devemos fazer quando terminamos a Escola de Direito, foi propositalmente ignorado por mim, decepcionando meu pai, meus professores e, bem, a mim. Tudo o que eu sempre quis foi ser uma advogada criminalista e de repente eu estava largando o meu sonho. Havia uma parte de mim que não conseguia seguir adiante, parecia que aquele sonho era da Caterine antiga e não da nova. Fiz parecer fácil

desistir de advogar, mas no fundo, em lugar bem escondido, eu estava simplesmente soterrando meus sentimentos. Passeios com cães e tutoria de alunos pareciam combinar mais com a nova Caterine construída. Eu estava sendo imatura e lidando de forma errada com tudo aquilo.

Precisou de um certo Promotor para me fazer enxergar que a nova Caterine não precisava desistir da sua profissão, das coisas que gostava e principalmente do amor.

Sem nenhum aviso prévio, Alexander aconteceu. Deus! Ainda consigo me lembrar de como ele me deixou sem fôlego naquele clube. Seu cabelo sedoso e bagunçado. Seu porte masculino,

assim como seu queixo quadrado e sua atitude mal-humorada me fizeram cair aos seus pés imediatamente. Mas ele estava todo sobre Diane e sequer notou a minha presença, achei melhor dançar do que sentir inveja dela. Mas Di não queria Alexander. E por isso sempre vou agradecer a ela.

— Carter, ugh... é Carter, né? — Assenti sem entender o que ela queria ao me abordar na pista de dança com o acompanhante que eu queria que fosse meu. — Mary está chamando para o parabéns. — Assenti novamente e roubei uma olhada para Alex, ele era impressionante. Lindo!

E estava muito tenso. Seus olhos dançavam

freneticamente de um lado para o outro, olhando para cada pessoa que dançava na pequena pista de dança que o bar oferecia. Quase ri da sua postura. Diane olhou para ele e revirou os olhos, talvez percebendo o mesmo que eu. Tenso demais. Aproximando-se mais de mim, fez concha em minha orelha e começou a gritar em meu ouvido.

— Você sabe como eu adoro a Mary. — Assenti, mas na verdade não sabia de nada daquilo. Sequer conhecia Diane, há muito tempo não via Mary pessoalmente, muito menos seus amigos. Só porque havíamos tomado alguns drinks no início da festa não significava que nos conhecíamos, mas, novamente, assenti de qualquer

forma. — Ela me apresentou o cunhado dela, e ele é lindo e tudo, mas não quero ficar com ele. — Olhei para trás e notei que ele virava mais uma dose de tequila, sorri para ele que me olhou franzindo o cenho como se não estivesse compreendendo o que estava acontecendo. Voltei a minha atenção para Diane e dei de ombros. Tanto fazia. — Estou de saída com Zander, então você pode dizer a Mary que tive que ir? — Ela pensava que eu era sua assistente ou algo assim? Que folgada. Não externei o meu pensamento e silenciosamente concordei. — Obrigada! Te devo uma! Pode... distrair o senhor engomadinho ali?

Antes que eu pudesse responder ela foi até

ele e apontou em direção ao banheiro.

Aproximei-me de Alex e comecei a dançar na sua frente, ele olhou para os lados e depois me analisou. Ele tentou não fazer. Tentou não deixar seus olhos fugirem para meus seios e o resto do meu corpo. Ganhava mais um ponto comigo por tentar ser um homem decente. Fiz um gesto com as mãos para que ele dançasse, mas sua negativa foi imediata. Mas enquanto ele aguardava continuei convidando, insistindo para que se juntasse a mim.

Cheguei perto dele para falar em seu ouvido e senti o cheiro do seu perfume. Era delicioso, coloquei a mão em seu pescoço para que alcançasse seu ouvido e abri o jogo.

— Diane acaba de fugir com outro cara. — Ele ficou tenso, mas não se afastou. — Você pode ficar emburrado o resto da noite ou pode beber e dançar comigo.

Quando voltei a olhar para ele, Alex parecia decidido a ficar com a segunda opção. Talvez pela raiva da rejeição, mas não me importei, quando fui a primeira opção de alguém a experiência não foi boa. Muito menos saudável. Contos de fadas não existiam e se eu estava atraída por aquele homem, não via problema em ser a segunda opção se ele me quisesse.

Ele pegou mais uma dose de tequila e pediu para o garçom volante continuar trazendo bebida

para nós.

Não muito tempo depois, estávamos bêbados e roçando um no outro enquanto dançávamos. O "parabéns a você" de Mary Anne foi esquecido e Alex estava pronto para ficar comigo.

— Vou devorar você. — Sua voz era arrastada e relaxada, diferente do mauricinho tenso que havia entrado no bar horas antes.

— Eu espero que sim, cowboy — respondi olhando em seus olhos pesados, embriagados e luxuriosos. Segundos se passaram antes que ele atacasse a minha boca com a sua.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu sabia que nunca mais seria a mesma. Mesmo que eu lutasse até o fim contra aquele sentimento. Sabia que estaria perdidamente apaixonada por ele, e um pânico se instalou em mim assim que percebi. A semana que passei com ele foi a melhor que tive em minha vida. Me senti desejada e querida, mas estava disposta a nunca mais vê-lo quando a neve desse trégua e eu finalmente fosse embora. Queria manter aquele momento em minha mente sem nada para estragar. E dizer adeus não era uma opção. Não queria estragar o que tivemos colocando uma pedra em cima, porém, também sabia que não daríamos continuidade ao nosso caso.

PERIGOSAS ACHERON

Felizmente, eu estava errada.

Alexander conseguiu destruir cada parede que eu havia cuidadosamente construído em torno de mim. Seu jeito bobo de ser, pensamentos externados sem o seu consentimento, sua atenção, o toque delicado, beijos apaixonados, sua preocupação e, principalmente, o fato de saber, entender e não condenar minhas ações do passado me fizeram ceder.

Ceder e me apaixonar perdidamente por ele.

Deus! Como eu amo aquele homem.

Sim, eu era uma pessoa quebrada. Havia uma parte de mim que sempre seria, porém, eu

tinha a minha supercola.

Alexander.

E nós teríamos o nosso Simon.

A vida havia me perdoado e me dado a chance de ter uma família, no tempo que eu queria e do jeito que eu queria, sem ser forçada a isso. E eu, embora tivesse fugido no começo, estava pronta para agarrar a oportunidade e nunca mais soltar. Minha chance de ser feliz para sempre já estava acontecendo. E dentro de mim só crescia amor, força e esperança.

**

Alexander, como pai, conseguia ser mais bobo do que já era, com nosso Simon dentro de mim ele ultrapassava a barreira do ridículo. Conversava com minha barriga enquanto pensava que eu dormia, e se estava dormindo, ele me acordava, o tom de sua voz era sempre alto para se certificar de que o bebê ouvisse.

"Papai vai lhe dar um carro aos dezesseis."

"Você fará faculdade do que quiser, mas se eu puder opinar, gostaria que fizesse direito. Já pensou que 'super' uma família inteira com a

mesma profissão, filho?"

"Você pode maneirar com a mamãe? Ela tem vomitado muito, amigão."

Tudo bem, tudo bem! Era fofo.

Mas eu não conseguia evitar ficar brava quando ele me acordava no meio da madrugada. A menos que fosse para transar.

Deus!

Ele pensava que era apenas por causa da gravidez. Bem era a gravidez, mas Alexander realmente não tinha a mínima noção do que fazia ao meu corpo. É como se ele apenas funcionasse para o toque dele. Incrível!

Nossos corpos respondiam um ao outro, nossas peles combinavam e, Cristo, seus beijos nasceram para serem meus. Sua boca foi construída como um encaixe de quebra-cabeças, e servia para os meus lábios. Apenas os meus lábios.

Dois anos e eu não tinha o suficiente dele. Nem do sexo, nem do carinho e muito menos do seu amor.

CAPÍTULO 2

CATERINE

Alexander e eu estávamos seguindo nossa vida como se já estivéssemos casados, mas o fato de ter Mary Anne e Elisabeth na família querendo fazer um grande circo em volta da nossa união fez com que decidíssemos fugir para Vegas. Nos casaríamos em alguma capela barata e passaríamos o final de semana inteiro destruindo a cama da suíte do hotel. Estávamos evitando qualquer sexo desde o seu presente de aniversário na última semana em seu escritório, para dar alguma emoção às nossas núpcias e eu também estava querendo matá-lo por

ter dado essa ideia em primeiro lugar. Desde o seu aniversário eu não sabia o que era sexo.

Ouvi a porta bater no momento em que fechei o zíper da minha mala e, como sempre, não consegui conter a euforia dentro de mim. Ele estava em casa.

— Carter? — Alex gritou da sala. Desviei das caixas alojadas pelo chão do quarto e caminhei até a sala para encontrá-lo.

— Hey, sexy! — disse me aproximando. Seu sorriso ampliou enquanto ele encurtava a distância entre nós e me pegava em seus braços. Seu cheiro era tão bom. Como casa, lar.

— Eu amo você — sussurrou em meus lábios como sempre fazia pouco antes de me dar o seu beijo de *olá*. — Morri de saudades. Como está o meu garoto? — Tinha virado um ritual. Ele chegava, me pegava em seus braços, dizia que me amava e que sentiu saudades, então perguntava pelo bebê.

— Eu responderei a isso se me disser que resolveu a questão da mudança — respondi travando meus lábios para não continuar o beijo. Eu estava louca para me aconchegar em seus braços e receber o maravilhoso carinho nas costas que só ele sabia fazer, mas precisava saber que tudo estava certo. Nos mudaríamos para um novo apartamento,

maior e com uma área de lazer enorme para que pudéssemos passear com nosso filho quando ele chegasse ao mundo. Era mais seguro também.

— Josh cuidará de tudo. A equipe de mudança chega exatamente no dia em que partimos para Vegas e quando chegarmos só teremos que desempacotar nossas coisas.

— Ele sabe que não há necessidade de fazer tudo isso, não sabe? — Alex sentou no sofá de frente para a janela, me aconchegando em seus braços.

— Sabe, mas é a vez dele de sofrer com a mudança de móveis. Quando ele e Mary casaram,

eu ajudei. — Meneei minha cabeça em negação, rindo da interação dos irmãos. Josh e Alex se amavam, mas pareciam duas crianças quando estavam juntos.

— Hum... Você deixou seu irmão saber que o restante das minhas coisas ainda...

— Ele já tem a chave do seu apartamento, baby. — Seu tom mudou para um tanto sem paciência.

— E...

— Caterine, por favor...? — Eu amava quando ele choramingava. Parecia um menino. Ele sempre precisava saber do nosso filho e o quanto eu

o amava.

— Eu amo você. Muito. E nosso garoto está bem e crescendo — sussurrei finalmente e plantei meus lábios nos seus deixando que ele explorasse minha boca. Sua mão acariciou meu estômago levemente protuberante, ele não via a hora de ver a minha barriga grande, então passou para o meu braço até que subiu pelo meu pescoço e pegou firmemente os cabelos da minha nuca, aprofundando nosso beijo, nosso último beijo de frente para aquela janela. A nossa janela. A segunda chance depois da porta fechada.

O beijo se tornou mais profundo, nossas mãos ficaram mais exigentes e os gemidos

começaram a ecoar pelo nosso apartamento praticamente vazio.

— Maldita hora que dei a ideia de não irmos para a cama até estarmos casados — gemeu, afastando seus lábios dos meus e parando suas deliciosas e habilidosas mãos.

— Tenho certeza que podemos esquecer essa ideia ridícula. — Puxei sua cabeça para mim e ataquei sua boca com paixão. Por um momento achei que ele se entregaria, o gemido rouco vindo da sua garganta me deu esperança de que em breve minha calcinha seria jogada longe, mas, para meu descontentamento, não aconteceu.

— Não, espertinha. Pare de tentar me seduzir — brincou, se movendo para longe de mim. — Será excitante esperarmos, nossas núpcias serão muito melhores. — Revirei meus olhos e me ajeitei no sofá. Seu sorriso dizia que ele estava satisfeito em me fazer sofrer por causa daquela regra idiota. Era até admirável que ele fosse tão forte, Alexander geralmente me dava tudo o que eu queria. Seus olhos divertidos me fitaram enquanto eu tentava segurar a minha própria birra.

— Você está sendo cruel, Alex, estou constantemente excitada. — Bufei, me levantando e o deixando para trás. Andei até a cozinha e procurei na geladeira algo para o nosso jantar, tudo

em vão. Viajaríamos no dia seguinte e tínhamos somente água e iogurte dentro dela.

— Vou fazer valer a pena, baby — gritou do sofá.

— Eu espero que sim! — resmunguei pegando o telefone e o cardápio. — Vou pedir chinês para nós, se quiser tomar um banho e relaxar...

— Você vem comigo? — brincou. Coloquei minha cabeça para fora da cozinha e olhei para ele com a minha melhor cara de poucos amigos. — Desculpe, querida!

— Vá tomar um banho e relaxar, o jantar

será servido em vinte minutos.

— Na janela? — Pude ouvir o sorriso em sua voz.

— Sempre.

**

Sentados na grande janela, Alex e eu jantávamos em silêncio, deixando os barulhos de Nova Iorque invadirem o ambiente. Tentei servir a Alex uma taça de vinho, mas ele negou dizendo que preferia suco. Eu sabia que ele fazia isso para me acompanhar já que eu não poderia beber. Era

fofo da parte dele.

— Como foi seu dia? — perguntei casualmente, eu sentia que algo estava estranho, mas sabia que perguntar diretamente o deixaria nervoso. Não gostava de vê-lo estressado ou chateado, principalmente por minha causa.

— *Ugh!* Temia que me fizesse essa pergunta.

Parei de mastigar imediatamente.

— O que foi? — Larguei o garfo e aguardei a sua resposta.

Meu futuro marido estava um tanto desconcertado enquanto falava:

PERIGOSAS NACIONAIS

— Melissa teve uma crise de choro quando viu nossas passagens para Vegas em minha mesa hoje. — Passei minha língua pelos meus dentes e inflei minhas narinas, respirando fundo. — Ela não fez na minha frente, apenas viu as passagens e perguntou: “Você vai casar ou algo assim?” acredito que meu rosto denunciou, pois se calou. Depois disso, saiu da sala e, passado um tempo, a ouvi soluçando em sua mesa. — Alex fez uma cara de dor ao contar. Sabia que estava mortificado, se sentindo mal por ela. Ele gostava de Melissa, tinha carinho por ela, mas não passava disso.

Mesmo assim, me incomodava um pouco ele trabalhar com ela. No fundo.

PERIGOSAS ACHERON

Eu tinha um pouco de ciúme de Melissa, mas sabia que ela era inofensiva. Ela tinha uma queda por Alexander desde antes de nos conhecermos, mas ele nunca dera qualquer abertura para ela tentar nada.

Entendia o apelo. Mesmo. Alex era assim, charmoso, educado, gentil e leal. Além de lindo. Era realmente difícil não cair de amor por ele. Mas eu não era irracional também, especialmente depois de tudo o que eu tinha passado com Michael. Se tinha algo que eu não faria era transformar a minha relação em algo tóxico.

— Bem, ela vai ter que superar, você é a minha janela. Para sempre. — Estiquei-me sobre

nossos pratos e beijei seus lábios.

— E você é a minha. — Um sorriso sereno se fez em seu rosto, seus belos olhos escuros brilhavam para mim e eu só conseguia pensar: *Deus! Obrigada por finalmente ter me colocado no caminho certo. Obrigada pelo presente.*

**

Eu lavei e ele secou a louça. Secou da forma Alexander de ser: cuidadosamente, com um pano novo e papel toalha para ter certeza de que não pegaríamos nenhuma infecção.

Perguntei-me como ele ainda não havia

surtado em meio a tantas caixas espalhadas pelo apartamento, mas eu sabia o motivo. Tínhamos um objetivo. Casar, formar um lar e uma família sublimaram sua compulsão por controle, organização e limpeza. Claro que Alex não era nenhum neurótico maluco, como o personagem de Jack Nicholson em Melhor Impossível, mas ele certamente tinha suas manias.

No início, eu me preocupava um pouco com o nascimento de Simon, o zelo excessivo de Alexander com o bebê poderia ser um problema. Crianças são choronas, bagunceiras, desorganizadas e ficam muito doentes, e constantemente tentava imaginar como ele lidaria

com tudo aquilo.

Provavelmente ficando careca de tanto puxar seus cabelos.

Mas com o passar do tempo, a novidade da gravidez trouxe a ele mais paz, ele não surtou, procurou controlar seus impulsos e começou a estudar sobre cuidados com bebês, seu *Kindle* era recheado de livros sobre paternidade e maternidade. Sua sede para ter tudo sob controle foi convertida em dedicação para nosso filho e eu.

— Está ansiosa para a viagem? — Alex perguntou baixinho enquanto secava insistentemente um garfo, até dar brilho.

— Eu estou ansiosa para tudo, inclusive nosso novo lar. — O apartamento que havíamos escolhido na verdade era um *loft* de dois andares e três quartos. Foi amor à primeira vista. Não estávamos procurando há muito tempo, quando nos apaixonamos por este pequeno prédio em Tribeca, no centro de Manhattan. Alexander viu no momento em que me apaixonei pelo local, mas era muito caro para comprarmos. Manhattan era caro demais e a quantia que precisávamos para acrescentar em nossas economias era absurda, precisaríamos economizar mais dois anos pelo menos.

Era lindo, aconchegante e muito charmoso,

e tinha uma grande janela que ia do teto até o chão no mezanino. Foi o primeiro local que corri para ver quando entramos no prédio. Então Alex ligou para seus pais e pediu um empréstimo e no final do dia estávamos assinando os papéis e adquirindo o nosso lar. Era um pequeno prédio, nosso loft era de frente para a rua, no andar de baixo tinha uma enorme cozinha com a sala integrada e um lavabo para os visitantes; os quartos e dois banheiros, um no quarto principal e outro no corredor, ficavam do andar de cima. Algumas paredes eram mais rústicas, trazendo um misto de aconchego com um design mais clean. Tudo era claro, aberto e com muita circulação de ar, e era até de se admirar que

eu, defensora dos locais pequenos, estivesse tão apaixonada pela nova casa.

Mas eu sabia que o estava acontecendo. Não era apenas uma criança nascendo. Antes disso, ao conhecer Alexander, uma nova Caterine nasceu. Um novo Alexander também e, juntos, nós tínhamos novas perspectivas.

— No momento, eu estou mais ansioso para me casar com você, mas, sim, nossa nova casa também me deixa feliz. — Alex sorriu abrindo o pano de pratos cuidadosamente e colocando-o para secar antes de encerrarmos a limpeza da cozinha. — Venha, vamos aproveitar a vista da janela pela última vez.

Convidou esticando a sua mão para que eu a pegasse.

Olhei para ela com um sorriso, sentindo aquela overdose de paz e felicidade corriqueira, de dois anos de relacionamento. Sentindo a paixão que identifiquei no momento em que coloquei meus olhos sobre aquele homem lindo e generoso. Ele era meu, eu era dele e éramos um do outro porque queríamos, não porque precisávamos ou deveríamos.

Nós queríamos.

CAPÍTULO 3

CATERINE

— Alex, querido, sente-se direito e coloque o cinto de segurança ou a comissária vai voltar aqui novamente — disse, empurrando sua cabeça para longe da minha barriga. Aparentemente ele estava explicando para o bebê que mamãe e papai estavam indo para Vegas, casar. Assim, quando ele chegasse, nossa atenção seria apenas dele. Era fofo, realmente, mas ele estava irritando a comissária de voo e precisava se comportar.

— Tudo bem, tudo bem! — Ele levantou, finalmente, e beijou meus lábios com ternura, antes

de se endireitar em sua poltrona e afivelar seu cinto.

O voo para Nevada duraria cerca de quatro horas. Estávamos voando de classe econômica por insistência minha, não via necessidade em gastar com classe executiva para quatro horas de voo apenas. Alex queria mais espaço e conforto para eu e o bebê, estava preocupado sobre alguma leitura que fez em um site aleatório sobre os riscos de andar de avião no primeiro trimestre de gravidez. Mas nossa visita ao obstetra, o doutor Stephens, nos revelou que não era daquela forma e que poderíamos viajar sem preocupações. Ele relaxou e acabou cedendo não apenas a viagem, mas também

a classe econômica.

Eu não poderia me irritar com o seu excesso de zelo. Ser amada era tudo o que havia almejado na maior parte da minha vida, mesmo que não reconhecesse, e este homem estava dando isso a mim sem reservas. Alexander era a minha janela, em cada momento. Desde que nos conhecemos, ele me mostrou como um ser humano deve amar o outro. Prendeu-me em seu abraço e me fez sentir completamente livre no processo. Meu medo me fez fugir tanto dele, mas, de alguma forma, a vida me deu uma nova chance e eu acordei a tempo de perder o homem da minha vida, a minha janela, para sempre.

Assim que o avião estava estabilizado no ar e o sinal de cinto afivelado se apagou acima de nossas cabeças, soltei o cinto e me aconcheguei nos braços do meu noivo. Com um suspiro seguido de um sorriso feliz procurei não me sentir muito ansiosa para ter algum Elvis Presley nos declarando marido e mulher.

Deus! Eu iria me casar em poucas horas.

E com um homem que cruzou meu caminho há pouco mais de dois anos dentro de uma boate barulhenta. Aquele homem de grandes olhos castanhos, leve transtorno obsessivo compulsivo e mal-humorado. Mas, também, o homem mais carinhoso, delicado, atencioso e lindo que eu já

havia posto meus olhos.

— Pronta para Vegas? — Alex murmurou em meu cabelo antes de depositar um pequeno beijo.

— Sim, quero me acabar na mesa de pôquer — brinquei, desdenhando do nosso iminente casamento.

— Vai gastar todas as nossas economias em pôquer? — Alex entrou na brincadeira. — Pensei que seria em garotas de programa.

Eu ri de sua piada. Eu não fui a única a mudar, Alex constantemente tentava melhorar, ser mais relaxado. Comer sorvete direto do pote ainda

era um pequeno problema, constantemente discutíamos sobre polir pratos depois de os secar, mas, no geral, ele estava muito melhor, trabalhava menos, sorria e brincava mais.

Muitas coisas passaram por minha cabeça quando tive a confirmação de que estava grávida. Uma delas foi em como Alex reagiria com uma criança em sua vida. Claro que ele tinha Jojo, mas Joselie tinha seus pais para educá-la, deixá-la longe do perigo e ela sempre estava de banho tomado quando estava com Alexander. Então um dia eu os vi juntos, correndo no jardim de Elisabeth e Antony Hartnett, rolando pela grama, suados e cheios de terra. E eu soube que todas as suas neuroses seriam

deixadas de lado no momento em que nosso Simon estivesse no mundo.

Alex podia fazer aquilo, eu podia fazer aquilo. Nós, juntos, faríamos aquilo! Nos casaríamos em horas, voltaríamos para o nosso novo lar e teríamos o nosso bebezinho. O fruto do nosso amor.

— Nossas economias não serão um problema já que não teremos uma festa de casamento — informei, satisfeita com a nossa decisão. Se Alexander quisesse um casamento com cerimônia e tudo como mandava o protocolo, eu teria aceitado, mas nós só queríamos ser um do outro, sem alardes.

— Para desagrado de minha mãe e de Mary. — Meu noivo bufou me lembrando que não foi tão sem alardes a nossa decisão. Mary Anne e Elisabeth ficaram chateadas por não poderem organizar mais um casamento e, sempre que tinham a oportunidade, jogavam em nossas caras o quanto elas estavam desapontadas.

— Elas vão superar. — Desdenhei sem deixar que o drama de minha futura cunhada e sogra estragasse o nosso momento. — E no fundo elas sabem que com os gastos e a compra do *loft* seria complicado uma festa de casamento.

Não estávamos falidos, mas tínhamos uma dívida com Antony, pai de Alexander, e eu teria

que pegar muitos casos no escritório em que trabalhava para podermos pagar, mas estávamos bem. Só não poderíamos ser imprudentes.

Quando meu pai, Jack Flynn, soube que eu e Alex nos casaríamos, senti um certo alívio de sua parte. Eu perdoei meu pai há muito tempo por não poder ficar ao meu lado. Ele amava Milly, que amava sua filha, Amanda, e eu não o colocaria em uma situação de escolha, mas com o passar dos últimos dois anos e a constância de Alexander em minha vida fez com que meu pai se sentisse menos culpado também. Eu tinha perdido muito, mas me recusava a me fazer vítima de todas as minhas perdas. Jack sabia disso e se preocupava, só não

sabia como administrar sua preocupação sem ofender sua esposa no caminho, então, sim, foi nítido o seu alívio quando descobriu que eu estaria me casando naquele final de semana.

**

Quando o avião aterrissou, senti um forte enjoo, mas procurei manter a informação para mim, Alex ficaria nervoso se soubesse que estava passando mal. Passou rapidamente, de qualquer forma. Nós fomos quase os últimos a sairmos da aeronave porque ele não queria que ficássemos no

meio do tumulto de passageiros. Sempre o meu gentil Alex. Após pegarmos nossas bagagens, atravessamos o saguão do aeroporto em busca de um táxi.

Ou assim eu pensava.

Parei ao ler a pequena placa ornamentada com corações que um homem vestido em um terno preto e um quepe segurava.

Futuros Sr & Sra Hartnett

— Alexander? — perguntei, virando meu olhar para ele que sorria amplamente. — Por que temos um motorista com uma placa aguardando por nós? O que você fez? — Mas eu já sabia o que ele

tinha feito. Sabia e estava encantada com a sua atenção, tudo já estava completamente perfeito para mim, mas ele queria mais. Ele sempre queria me dar mais.

— Surpresa! — exclamou simplesmente, me direcionando para a limusine que nos aguardava. O chofer logo colocou o carro em movimento e Alexander tratou de abrir uma garrafa de água com gás para brindarmos. — Ao nosso futuro.

— Ao nosso amor. — Sorri emocionada. — Obrigada, muito obrigada.

Era incrível como ele me dava as coisas que

eu sequer sabia que queria. Alexander tinha aquela bondade emanando dele constantemente, mesmo quando estava chateado ou nervoso, ele era um bom homem, alguém que me dava opções, que me deixava saber que eu estava em primeiro lugar, mas que não precisava dar absolutamente nada em troca para ele. Se eu quisesse amá-lo, ele estaria absolutamente feliz, se eu o deixasse, ele sofreria, mas me deixaria livre. E aquela era a maior prova do seu amor.

Ele podia me mimar, fazer surpresas e me dar tudo o que eu não pedisse, e ainda o faria com respeito, ainda seria porque ele me amava e não porque queria me controlar.

Alex havia comprado um pacote de casamento no MGM, casaríamos na capela do hotel e ficaríamos na suíte de núpcias pelo final de semana. Não era mais tão barato quanto os nossos planos iniciais, mas eu estava feliz.

— Eu teria me dado por satisfeita com algo mais simples, baby — disse quando entramos na suíte. Olhei em volta dela, reconhecendo o local e perdi o fôlego. Era mágico, luxuoso, organizado e muito lindo. A cama era super king e me fez querer pular nela assim que coloquei meus olhos. Tirei meus sapatos imediatamente e esfreguei meus pés pelo carpete fofo e confortável enquanto analisava animadamente o restante do quarto.

PERIGOSAS NACIONAIS

O mensageiro deixou nossas malas ao lado da porta e entregou um envelope para Alexander.

— Aqui estão os vouchers, senhor. Tenham uma boa estada — o rapaz informou sorrindo enquanto Alex lhe entregava uma gorjeta, então se retirou.

— Vouchers? — perguntei me aproximando assim que meu noivo fechou a porta.

— Hum... Sim! — Abriu o envelope e fez dos vouchers um leque e os balançou, tirando um por um, citando: Capela, jantar, cassino — se quisermos — e... SPA para você... — Averiguou o relógio. — Em meia hora.

PERIGOSAS ACHERON

— SPA? — perguntei rindo. — Você precisa parar de mimar, senhor Hartnett.

— Deixar de mimar você? Por quê? É tão bom! — Abraçou-me e beijou meus lábios com delicadeza.

— Me diga quais são os planos então.

— Você será paparicada no SPA, muito mimada mesmo. — Beijou a ponta do meu nariz antes de continuar. — E às quatro horas nos encontraremos na capela para você sabe o quê. — Ele piscou brincalhão para mim, me fazendo rir. — Você gostou, baby?

Sua pergunta era o exemplo perfeito do

quão respeitador Alexander era comigo. Eu sorri e me atirei em seus braços, tomando seus lábios para mim. Não era pelo SPA ou pela suíte luxuosa, era por sua intenção de tornar nosso casamento tão memorável quanto possível dentro das nossas possibilidades e ainda assim fazer de uma forma que eu pudesse dizer sim ou não para cada uma das escolhas.

— Você é perfeito — afirmei entre beijos.

— Longe disso, baby — retrucou, nos separando. — Agora se prepare e se afaste de mim antes que percamos toda a nossa agenda para desfrutarmos da cama.

— Não me oponho — rebati, fazendo-o rir.

— Eu sei que não, agora tire seu traseiro bonito daqui e vá ficar mais maravilhosa do que você já é.

Corri para a minha mala e separei o que eu precisaria para a minha aventura no SPA.

O cuidado de meu futuro marido era tanto que me deixava sem palavras. Alexander deixou ordens para evitar massagens do estilo drenagem ou imersão em águas muito quentes por causa do bebê. Fiquei emocionada com tamanha dedicação. Aquele homem bobo que deixava escapar seus pensamentos seria o melhor marido e pai do

mundo.

Por um momento me perguntei se merecia tanto.

**

Eu me sentia maravilhosa. Pronta para um dos dias mais importante de toda a minha vida. Meu casamento.

Olhei para as minhas unhas dos pés e das mãos pintadas de vermelho e sorri balançando meus dedos. Minha pele reluzia após o tratamento de esfoliação e hidratação que fizeram. Meu corpo ficou leve, relaxado, cheiroso e suave. Alexander amaria sentir a minha pele contra a sua.

Obtive ajuda para colocar o pequeno vestido branco que escolhi para essa noite. Era simples, curto e sem detalhes. Exatamente como eu queria, exatamente como sabia que Alex amaria também. Comprei ele em uma loja de departamentos no Queens e sorri alegre quando me imaginei dentro dele, caminhando para o meu noivo. Eu poderia me imaginar dentro de vestidos de noiva, toda produzida, mas olhando para aquele vestido simples, provavelmente de alguma ponta de estoque, eu me vi linda e feliz. Então não tive dúvidas.

Assim que o vestido estava em meu corpo, abri a pequena caixa onde tinha a corrente que

PERIGOSAS NACIONAIS

Alexander me deu em nosso primeiro Natal juntos. O pequeno globo de neve cheio de purpurina dentro, o presente mais singelo que ele havia me dado, e que eu sempre carregava comigo. Eu coloquei brincos pequenos, de pedrinhas transparentes e fui maquiada de forma simples, apenas delineador e um batom bem vermelho para combinar com as unhas. Meu cabelo ficou solto, não havia muito o que mexer nele, o chanel curto e volumoso não dava muita oportunidade para brincar. Mas a cabeleireira fez uma pequena trança lateral e deixou o restante do meu cabelo solto. Ela elogiou o platinado dele e disse o quanto gostava de mulheres com o meu estilo.

PERIGOSAS ACHERON

Um pouco louca.

Achei engraçada a forma como ela disse que eu era um pouco louca, claro que foi um elogio, ela não sabia o que eu tinha passado para chegar naquele ponto, e nem o quanto o meu futuro marido tinha se esforçado para que eu encontrasse o meio termo. Para que eu pudesse ser a Carter e a Caterine.

Um equilíbrio.

Eu gostava de pensar que eu havia equilibrado o melhor dos meus dois mundos.

Agradeci à equipe do SPA e as meninas me desejaram um ótimo momento. Elas estavam

emocionadas e sonhando em encontrar um homem como eu encontrei Alexander. Eu lhes desejei que realmente encontrassem. Todas as mulheres do mundo mereciam ser amadas e respeitadas como eu. Para o azar delas, Alex já era meu.

Ao passar pela recepção, fui recebida por um homem de terno negro que me fez gargalhar. Sabia que ele estava ali aguardando por mim. Não porque havia uma placa com o meu nome escrito. Não porque ele perguntou se eu era a futura senhora Hartnett. Mas porque ele carregava um belo e ornamentado buquê de alface e cenouras envolto em um laçarote branco.

— Senhorita Flynn, eu presumo, meu nome

é Fred e vou conduzi-la até a capela. — O homem ofereceu o arranjo de salada para mim com um sorriso simpático no rosto.

— Olá, Fred. — Aceitei o buquê e fingi cheirar o aroma deles.

Caminhamos em silêncio pelos corredores do *MGM Grand* até que saímos do prédio e começamos a andar em direção ao *Forever Grand*, a Capela em que meu Alexander estaria me esperando. As luzes de Las Vegas pareciam todas feitas para homenagear este dia em especial, o meu dia. Sorri olhando em volta sem ainda acreditar que meu conto de fadas finalmente estava acontecendo. Eu queria dizer isso ao homem ao meu lado, mas

me senti um pouco assustadora de tão feliz e não encontrei realmente palavras que pudessem expressar o que eu estava sentindo naquele momento. Meu corpo tremia em antecipação e tentei segurar as lágrimas que ameaçavam sair a cada passo que eu dava em direção ao meu destino.

Quando chegamos à porta da capela, respirei fundo, não me foi dado muito tempo para pensar e Fred empurrou as portas. De repente *Thank you for loving me* de Bon Jovi me fez sorrir novamente, o filho da mãe não deixou detalhe algum escapar.

É difícil para mim dizer as coisas

PERIGOSAS NACIONAIS

Que eu quero dizer às vezes

Não há ninguém aqui, exceto você e eu

E aquela velha luz quebrada da rua

Tranque as portas

Deixando o mundo lá fora

Tudo o que eu tenho para te dar

São essas cinco palavras e eu

Eu me fiz ereta e me posicionei no meio do tapete vermelho, respirando fundo, caminhei me policiando para não ser rápido demais e acabar logo com a noite mais memorável de toda a minha vida. A capela estava completamente vazia, exceto por mim, o juiz e Alexander.

PERIGOSAS ACHERON

Deus! Ele estava tão lindo.

O terno chumbo, quase preto, reluzia nas fracas luzes da capela. Seu cabelo estava bagunçado como eu gostava assim como a barba estava por fazer. Algo que ele adotou desde que nos conhecemos só porque eu disse que era sexy. Seu sorriso era tão enorme que de longe eu conseguia ver seus olhos quase fechados e as pequenas rugas que se formavam neles. Fiz meus passos até ele, analisando seu olhar maravilhado para mim. Quando finalmente cheguei ao altar, larguei o buquê na mesa do juiz de paz e demos nossas mãos. Ele continuava em silêncio, com o sorriso bobo congelado em seu rosto, olhando para mim como se

eu fosse a coisa mais preciosa que ele já tivesse colocado seus olhos.

— *Perfeita pra caralho* — murmurou e eu gargalhei apertando a sua mão, avisando que ele tinha externado aquilo. — Eu falei alto. — Bufou, me fazendo assentir. — É a verdade, de qualquer forma. — Ele beijou minha mão e nos virou para o juiz.

Obrigado por me amar

Por ser meus olhos

Quando não podia enxergar

Por abrir meus lábios

Quando não pude respirar

Obrigado por me amar

Obrigado por me amar

— Meus queridos, meu trabalho aqui é mínimo. — O simpático e irreverente homem iniciou de braços abertos para nós, e Fred, que se manteve ali para ser nossa testemunha. — Declará-los marido e mulher, assinar alguns papéis e desejar-lhes felicidades — explicou, simplificando a sua importância. — Vocês serão aqueles a celebrarem a sua união todos os dias além de cumprirem as promessas que estão prestes a fazer. Serão vocês, Caterine e Alexander, que irão dividir alegrias e tristezas, estarão juntos em conquistas e nas batalhas. Desta forma, antes de dar a palavra a

vocês, eu peço apenas uma coisa: Cuidem um do outro, não importa o quê. Sejam leais aos seus sentimentos antes de serem fiéis às suas carnes. E o resto vem sem que percebam. Sendo assim, dou-lhes a palavra.

Alexander e eu nos preparamos para dizer nossas palavras, minha visão era turva, mal conseguia enxergá-lo, tamanha a minha emoção. Eu decidi começar. Tomar a iniciativa e dizer logo tudo o que sentia naquele momento.

Eu nunca soube que tinha um sonho

Até que esse sonho era você

Quando olho dentro de seus olhos

O céu é um diferente azul

Cruze meu coração

Eu não usarei disfarce

E se eu tentasse, você faria de conta

Que acreditou em minhas mentiras

— Alexander... Eu fui salva. Em uma noite apenas, eu fui salva por um nobre, lindo e lisonjeiro cavaleiro de armadura brilhante. — Seus olhos se encheram de lágrimas, seus lábios se apertaram e o queixo tremeu de emoção. — Um cavaleiro que não tem vergonha de seus sentimentos e nem de chorar. Cavaleiro que leva o sol no lugar de seu coração e irradiou luz para o lugar escuro onde eu

estava. — Respirei fundo, tentando me controlar. — A minha janela... — Solucei e respirei fundo. — Eu não posso te prometer que tudo será perfeito, mas aqui está o que prometo. Prometo tentar todos os dias e não perder a esperança. Cafés da manhã no chão, em frente à nossa janela e sorvete direto do pote no inverno. — Ele riu e fungou ao mesmo tempo. — Prometo meu amor, por você e nosso filho, até o fim e prometo ser a sua janela também — finalizei puxando suas mãos para meus lábios e beijando cada uma com devoção.

Alexander se aproximou um pouco mais e colou nossos corpos, muito próximos, onde eu só conseguia ver seus olhos. Suas mãos firmes me

seguraram contra ele e seu olhar ficou fixo no meu quando começou a falar:

Obrigado por me amar

Por ser meus olhos

Quando não podia enxergar

Por abrir meus lábios

Quando não pude respirar

Obrigado por me amar

Você me levanta quando estou caído

Você soa o alarme antes que eu fique fora

Se eu estivesse me afogando você separaria o mar

E arriscaria sua própria vida para me resgatar

— Eu só quero agradecer você, Caterine, por ser minha. — E se calou. Esperei mais alguns momentos e ele sorriu me fazendo sorrir também. — Tudo o que tenho para lhe falar o farei a cada dia de nossas vidas. Hoje, no mais importante, eu apenas quero agradecer por não desistir de nós. Se eu sou aquele com sol no coração, você é aquela que o colocou lá. Você me deu tudo. E nem imagina o quanto. Não sou um homem perdido quando a tenho. Não tenho dificuldades se sei que você está ao meu lado. Então, eu só quero amá-la. Você e o nosso menino. Obrigada, meu amor.

PERIGOSAS NACIONAIS

E como eu sabia, derreti em lágrimas me abraçando a ele.

— Amo você, amo você.

— Amo você, baby.

— Pelo poder a mim concedido pelo estado de Nevada eu vos declaro casados... Pode beijar a noiva.

Tranque as portas

Deixe o mundo lá fora

Tudo que tenho para te dar

São estas cinco palavras e eu

Obrigado por me amar

Por ser meus olhos

PERIGOSAS ACHERON

Quando não podia enxergar

Por abrir meus lábios

Quando não pude respirar

Os lábios de Alex tocaram os meus de forma doce. Exatamente como ele era. Doce. Nosso beijo se transformou em algo maior e mais apaixonado até que ele nos separou e nos virou para assinarmos os papéis. Assim que nossos nomes estavam nas linhas pontilhadas, ele agarrou minha mão e correu para fora. Entramos em uma limusine que rapidamente se colocou em movimento.

— Onde estamos indo? — perguntei, curiosa com a sua animação.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Em segundos você saberá — informou misteriosamente. Eu apenas aproveitei a viagem enquanto nos beijávamos, o carro demorou um longo tempo para parar e finalmente chegarmos ao nosso destino. Imaginei que ele me levaria para jantar em algum restaurante romântico, ou mesmo para dançar nas águas do Bellagio. Mas não. Quando a porta foi aberta para mim e sua mão esticada para que eu pegasse, olhei em volta e percebi que estávamos no meio do nada.

Exatamente!

No meio do deserto!

— O que estamos fazendo aqui? —

questionei, olhando em volta e me deparando com um ambiente romântico montado a poucos metros de nós. Um painel de luzes iluminava a pequena mesa para dois e um garçom nos aguardava. — Alexander! — exclamei realmente impressionada enquanto ele me levava para perto do local, o céu era escuro e completamente limpo e, Cristo, as estrelas no céu estavam tão próximas que eu quase tive certeza que poderia pegá-las se esticasse meus braços. Ao longe, notei uma van parada e algumas pessoas próximas a ela, mas estava tão encantada com toda aquela armação dele que não consegui perguntar.

— Eu queria que fosse especial. — Nos

aproximamos da mesa e ele puxou uma cadeira para mim. — A janela nós teremos para sempre, no Bellagio todo mundo dança... — Ele deu de ombros. — Tivemos os dias de neve — Ele sentou na cadeira em minha frente e pegou minhas mãos. —, mas eu quero que saiba que eu, além de sua janela, posso te dar o que está fora dela também, o céu, as estrelas, um jantar especial... — Na deixa, o garçom se aproximou e começou a nos servir yakissoba.

Gargalhei, fazendo Alex soltar a sua risada relaxada também.

— Tudo bem, não tão especial, mas lembra momentos especiais — justificou.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nosso primeiro almoço na janela — afirmei, apertando a sua mão.

— Nosso primeiro almoço na janela — confirmou, devolvendo o aperto. — O fato, baby, é que eu queria que fosse diferente, então nós teremos o nosso jantar, dançaremos à luz das estrelas e tiraremos nossas fotos piegas de casal apaixonado.

— Não será piegas — defendi, rindo. O garçom preencheu nossas taças com espumante e aquilo me fez rir ainda mais. — Yakissoba com espumante? Ótima combinação.

— Não é tão ruim.

PERIGOSAS ACHERON

— Imagino como você está lidando com esta *supersaída* da sua zona de conforto — brinquei, pegando a minha taça enquanto ele pegava a dele também.

— Eu estou muito bem saindo da minha zona de conforto, caso você, senhora Hartnett, não tenha percebido. — Ele encostou sua taça na minha. — Eu amo você, Caterine.

Tudo o que eu conseguia pensar era:

Santa Porra!

Sou esposa dele!

Deus!

Nós jantamos com aquele brilho

ridiculamente feliz refletindo em nossos olhos. Minha única taça de espumante foi substituída por água depois que brindamos. Eu não poderia beber por causa de Simon. A sobremesa foi sorvete direto do pote.

Sim!

Pequenos potes de *Ben & Jerry Triple Caramel Chuncky* foram colocados em nossas frentes e quando vi que estavam em seus potes ainda, saí do lugar e me sentei no colo de Alexander para comermos juntos. Suas mãos firmes acariciaram minhas pernas por baixo do vestido causando todos os tipos de sensações em meu corpo.

Posamos para o fotógrafo que pacientemente nos aguardava na van junto com o pessoal do restaurante que serviu o melhor yakissoba que já comi na vida. Nós fizemos várias posições para ele e não nos importamos em parecer piegas em nada.

E para finalizar, como se a noite já não estivesse perfeita, ele colocou *Thank you for loving me* para tocar em seu telefone e o devolveu no bolso do seu paletó.

— Dança comigo, senhora Hartnett — pediu, estendendo sua mão para mim.

Abraçando-me com firmeza, ele nos

balançou ao som da música, longe das poucas pessoas que estavam lá para nos servir, sendo vigiados apenas pela luz das estrelas. Nos braços dele, como sempre, me senti completa.

CAPÍTULO 4

CATERINE

Na porta da nossa suíte senti o chão fugir dos meus pés quando Alexander me pegou no colo. Sorrindo, joguei meus braços em volta do seu pescoço enquanto ele destrancava a porta com a mão que estava embaixo das minhas pernas. Assim que a porta destrancou, ele chutou para que ela se abrisse para nós. Com um passo exagerado com o pé direito, nós entramos na suíte de núpcias. Da mesma forma, com um chute, Alex fechou a porta atrás de nós e finalmente estávamos sozinhos. Sem me colocar no chão, meu marido me olhou com

devoção nos olhos e analisou meu rosto por um longo tempo, então, finalmente, cedeu e beijou meus lábios enquanto caminhava em direção à sacada.

Colocando-me no chão, me segurou pela cintura com cuidado enquanto eu me equilibrava sobre os meus pés novamente. Olhei para a bela vista das luzes de Las Vegas, o colorido da cidade abaixo de nós era um espetáculo de cores. Era como estar vendo o céu, só que as estrelas eram coloridas. Hipnotizada pela beleza postal, fui até o parapeito e analisei tudo com atenção.

— É tudo tão lindo, parece mágica — disse sem perceber o quão deslumbrada eu parecia.

Alexander me abraçou por trás com um riso rouco reverberando em seu peito. Senti seus lábios tocando a curva do meu pescoço e um beijo nada doce, de boca aberta, foi dado ali.

— Sei que nada com você é convencional, senhora Hartnett. — Outro beijo e, desta vez, uma leve chupada em minha pele delicada foi dada. — Então pensei que poderíamos começar a nossa lua de mel aqui fora.

Suas mãos fortes passearam por minha cintura e barriga e subiram para os meus seios, parando por ali e adicionando pressão neles enquanto seus lábios continuavam chupando o meu pescoço. Relaxei em seu peito colando nossos

corpos e o deixei explorar da forma como ele gostaria.

— Cristo, eu senti sua falta — resmungou enfiando seus dedos por dentro do meu vestido, suas mãos quentes e tão conhecidas pelo meu corpo acariciaram meus seios. Suavemente, mas com firmeza.

— Foi você que inventou a greve de sexo estúpida antes do casamento — retruquei, fazendo questão de lembrá-lo.

— Eu pensei que seria bom, aumentar a expectativa — defendeu, me virando para ele, seus olhos estavam tomados de luxúria, mostrando o

quanto me queria.

— Como se alguma vez o nosso sexo fosse menos do que espetacular. — Minhas mãos foram para a sua camisa e começaram abrir os botões rapidamente exibindo seu peito duro, quente e que sempre me aconchegava.

— Isso é uma grande verdade, baby. — Beijei seu peito enquanto empurrava sua camisa e o paletó do terno juntos.

— Vamos nos livrar de nossas roupas logo, marido — exigi, puxando seu rosto para o meu e tomando seus lábios.

— *Porra! Marido. Sim!* — ele deixou

escapar entre o nosso beijo. Suas mãos hábeis fizeram o serviço sem nenhum problema. Quando o vestido bateu no chão, elas se voltaram para os meus seios enquanto nossas bocas continuavam conectadas, minha mão em seu membro duro e pronto para mim, nossas línguas tremularam e gemidos abafados foram engolidos por nós simultaneamente. Empurrei Alexander até uma das poltronas da varanda e o pus sentado ali, trabalhei no restante de suas roupas e deixei que ele tirasse minha lingerie enquanto analisava meu corpo com querer.

Beijei o seu corpo completamente. Seu pescoço, seu peito, barriga, coxas, pernas, pés...

Cada pedaço de seu corpo sentiu meus lábios e ele aproveitou relaxado na cadeira gemendo meu nome e adorando minhas carícias.

Puxando-me para cima dele, Alex tomou meus lábios delicadamente e sua mão esquerda acariciou meu rosto, a peguei na minha e sorri vendo a simples aliança dourada em seu dedo. Beijei o local.

— Você quer entrar? Aqui pode ser desconfortável — perguntou preocupado, mas eu estava perfeitamente bem. Sentia-me linda, realizada e amada. O lugar era perfeito. O momento era perfeito.

Eu estava perfeita!

Sorri para a sua delicadeza e amor em agradecimento.

— Depois. Eu quero aqui, quero você aqui.

Então me encaixei em seu eixo e deslizei lentamente. Alex fechou os olhos e soltou um gemido quase doloroso. Olhei em seus olhos e sorri largamente enquanto ondulava meu corpo sobre o seu.

— Eu morri de saudades disso — consegui dizer enquanto sentia ele me preencher física e emocionalmente.

— Eu morro de saudades de você quando

não estamos juntos, baby. O tempo todo — declarou, deixando um gemido escapar no final. Suas mãos acariciaram minha bunda e costas da mesma forma lânguida e suave enquanto eu cavalgava nele.

— Eu te amo — sussurrei sem parar de me mover.

— Amar ainda é um sentimento baixo para o que sinto por você, Caterine. — Alex soltou sério, seu cenho franzido e os olhos fechados, aproveitando as sensações que eu também proporcionava a ele. — Eu vivo por você e morreria por você. Você é tudo pra mim, baby, eu sinceramente não sei que palavra usar. Mas amor

ainda parece pouco.

Entregando o último pedaço da sua alma para mim, Alexander me fez completa. Me deu todas as possibilidades de uma vida feliz.

Uma lágrima solitária saltou de meus olhos e meu sorriso se alargou enquanto eu continuava me movimentando e me deixando ser perfeita com ele.

— Eu sou tão grata por ter você, meu amor. — Solucei de desejo e emoção.

— Não chore. — Alex levantou e nos manteve conectados enquanto andava para dentro de nossa suíte e nos colocava na cama. Agora ele

por cima. No momento em que voltamos a nos mover tudo no mundo parecia em seu perfeito lugar.

**

— Hey! Você está pulando na cama com um prato de ovos. — Alex ralhou, me fazendo rolar os olhos para ele. — E com nosso bebê na barriga.

— Estamos em um hotel, é nossa lua de mel e Simon está bem, está se divertindo — informei sem parar de pular ao som de alguma música pop dançante. Taylor Swift talvez? Não sabia, mas era contagiante.

— Sim, mas ainda vai ser uma bagunça se

você deixar os ovos caírem na cama. E meu filho vai ficar enjoado de tanto pular — resmungou.

Olhei para ele desafiadoramente e desci da cama, caminhei até o carrinho que mantinha nosso café da manhã, larguei o prato com ovos e peguei um morango.

— Neste caso, eu vou comer meus morangos o mais longe possível. — Enfiei o grande morango entre os meus lábios e o chupei olhando para Alex. Ele engoliu em seco, mas levantou a sobrancelha desafiadoramente.

— Mulher, não me provoque. — Seu tom era baixo e ameaçador. Deixei o morango entre

meus lábios, coloquei as mãos na cintura jogando meu quadril para o lado e suguei rapidamente o morango inteiro para dentro deixando um *pop* ecoar. Alexander saltou da cama. — Venha aqui!

Eu tentei correr, mas ele me alcançou. Arrancou gargalhadas e minhas roupas de mim. Nossos lençóis eram um emaranhado de suor e morangos não muito mais tarde.

E o TOC do meu marido havia sido esquecido.

Nestas horas sempre sumia.

**

À noite fomos jantar no Bellagio, Alexander

estava ostentando, mas eu estava tão feliz que preocupação nenhuma passava em minha mente. Enquanto passávamos em frente à fonte de águas luminosas, dançantes e muito famosas do hotel, travei meus passos e parei em meio aos casais que se embalavam ao som de *You've lost that lovin' feeling* de Bill Medley. Eu conhecia a música porque fez parte da trilha sonora de Top Gun, era a música de Maverick e Charlie.

— Baby? — perguntou quando me viu quieta analisando todos aqueles casais.

— Podemos ter isso também? — perguntei hipnotizada por um momento, então virei minha atenção para ele. — Sei que você queria tudo

diferente, sei que você quer me dar tudo o que for extraordinário para que eu nunca volte ao lugar obscuro em que eu estava, Alex, mas o igual também é emocionante. Tudo é lindo quando estou com você. Dança comigo?

Sua expressão suavizou. Ele não precisava responder, aquele homem daria qualquer coisa que eu pedisse. Tudo!

— Claro — sussurrou e me abraçou, começando a nos embalar em seguida enquanto a explosão de águas e cores brilhavam em volta de nós. Cada casal ali presente desapareceu e tinha certeza que, se aqueles casais se amassem tanto quanto Alexander e eu, nós também desaparecemos

para eles.

— Eu poderia ficar aqui para sempre — confidenciou meu marido antes de dar um casto e amoroso beijo em minha testa. Deitei minha cabeça em seu peito e fechei meus olhos, agradecendo por tê-lo em minha vida.

— Eu também. — Ronronei me aconchegando mais. — Eu também, baby.

— Acho que nunca vou ser capaz de dizer o quão feliz e grato sou...

— Nem eu. Você me salvou.

— Não, *você* me salvou — retrucou com ênfase no você.

— Vamos concordar que uma semana de neve nos salvou. — Barganhei, me distanciando para fitar seus olhos.

— Sim. — Ele tinha um sorriso em sua voz e então, finalmente, se desmanchou em uma risada alta. — Acho que é um bom acordo.

**

— Aos recém-casados o Maitre D'Hotel oferece uma garrafa do nosso melhor espumante para celebrar — o cortês garçom nos informou com uma reverência.

— Nós somos imensamente gratos, mas não estamos bebendo. Estamos grávidos. — Eu quase

cuspi minha água rindo das palavras de meu marido. Ele era orgulhosamente fofo e engraçado quando se declarava grávido.

— Oh, eu vejo. Desta forma podemos oferecer algo para parabenizarmos sua dupla alegria, senhor?

— Traga um grande pedaço de torta de limão... — Entrei na conversa já salivando pela torta. — Com muito glacê! — enfatizei, fazendo com que o garçom risse da minha reação.

— Com muito glacê — Alex repetiu categoricamente. — Para a minha adorável, gulosa e grávida esposa, e seremos eternamente gratos

pela cortesia — Alex terminou, por fim.

— Assim será, senhor.

O garçom se retirou e Alexander voltou a pegar minha mão enquanto olhava diretamente em meus olhos com adoração.

— Às vezes penso que estou sonhando.

— Se for um sonho, eu definitivamente não quero acordar — suspirei e apertei sua mão.

— Se você acordar, faremos tudo novamente. Eu sempre darei um jeito de ter você para mim.

— Eu sou sua, não há nada que possa mudar isso. Nada.

E não havia.

Eu seria dele até quando ele não quisesse mais.

Sempre fui dele, mesmo sem conhecê-lo. Eu sempre tive a esperança de encontrá-lo. Dentro de mim, de alguma forma, sempre soube que pertencia a ele.

Somente ele.

CAPÍTULO 5

ALEXANDER

Estou casado.

Minha esposa está grávida.

Porra! Eu sou o homem mais feliz da face da terra.

— Alex? — Dei um pulo no chuveiro quando ouvi a voz de Caterine. — Está cantando, falando comigo ou falando sozinho, querido? — perguntou brincando. Claro que ela já sabia a resposta da sua pergunta. — Vamos nos atrasar para o passeio.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estou saindo, baby — informei, continuando o meu banho.

Era nosso último dia em Vegas e sairíamos para passear logo cedo para aproveitar o dia na cidade do pecado e à noite ficaríamos no quarto, pediríamos serviço de quarto e assistiríamos filmes na TV.

— O enjoo realmente passou? Se sente melhor? — perguntei a ela.

— Sim, não há com o que se preocupar, estou com fome, para ser honesta.

— Claro que está, você colocou seu café da manhã para fora assim que terminou de engoli-lo.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu queria que esse enjoo terminasse logo. Pensei que já tivesse ido embora. — Bufou ela.

— Você ainda está no primeiro trimestre, querida, é normal.

— Eu sei... Vou terminar de me arrumar, termine logo esse banho ou vou me juntar a você — ameaçou de forma sedutora.

— Essa é uma consequência da gravidez que eu não me importo se você manter, baby!

— Querer sexo com você o tempo todo não é consequência dos hormônios da gravidez, é consequência toda sua, senhor Hartnett.

— Prove!

Nem cinco segundos depois ela estava dentro do box comigo, de joelhos e me chupando até eu ver estrelas.

A vida de casado era perfeita.

Nosso casamento estava perfeito e eu muito satisfeito de meus planos terem dado certo. Não foi difícil organizar tudo, eu tive ajuda de Mary e Joshua para tudo, mesmo que minha cunhada jogasse em minha cara o quanto eu estava sendo egoísta por não inclui-la no dia da cerimônia. Mas depois que ela viu que eu não mudaria de ideia, se contentou em me ajudar com os preparativos para o

casamento dos sonhos de Caterine.

Eu via nos olhos dela o quão satisfeita e plena ela se sentia. Carter brilhava o tempo todo. Era como se uma luz estivesse constantemente ligada dentro dela. Não, apague isso!

Caterine era uma estrela.

A minha estrela.

**

Ela tinha razão, eu não sabia se ele gostaria de baseball, mas o pequeno conjunto de camiseta boné e luva do New York Yankees era muito adorável para simplesmente ignorar.

— Eu sei, eu sei. Se ele não quiser, não tem

problema, ele poderá ter a camiseta do time que quiser — respondi, pagando pelo conjunto. Quando saímos da loja, Carter pegou a minha mão e me puxou fazendo com que parássemos.

— Alex, baby, nós estamos constantemente falando que o bebê é um menino. — Iniciou a conversa delicadamente. — Mas precisamos estar preparados para o fato de não ser.

— Claro! Estou preparado. Uma menina também pode gostar dos Yankees.

— Sim, claro que pode. Eu só não quero que você fique decepcionado — justificou, me fazendo rir imediatamente. Peguei seu rosto e fitei

seus belos e cristalinos olhos verdes.

— Você está brincando, certo? — A beijei rapidamente antes de continuar. — Jamais ficarei decepcionado com um filho ou filha, baby. Eu amo nosso bebê independente se for menino ou menina. Eu simplesmente amarei com todo o meu coração.

Carter envolveu seus braços em meu pescoço e me beijou como sempre fazia, paixão e entrega.

— Acho que precisamos pensar em um nome de menina, então — disse quando encostei minha testa na sua.

— Eu gosto de Ann — sussurrou, me dando

mais um beijo antes de voltarmos a andar.

— Mary ficará muito metida.

— Foi por causa dela que nos conhecemos — defendeu minha esposa.

— Ela queria que eu namorasse outra amiga dela — retruquei com uma bufada.

— *Você* queria namorar Diane — acusou, me fazendo rir.

— Só porque eu não tinha colocado os meus olhos em você ainda, baby. — Abracei ela e a trouxe para perto de mim, beijando a sua testa.

— Aham, sei! — Consegui ver ela projetando um beicinho fofo me fazendo rir do seu

ciúme bobo.

— Por sorte, eu consegui ficar com a mulher certa. A perfeita.

Beijei a sua cabeça e continuamos andando pelas ruas de Vegas enquanto discutíamos sobre um nome para o caso de o nosso bebê ser uma menina.

Ao chegarmos no hotel, Carter correu para o banheiro para vomitar. Eu sempre ficava nervoso quando enjoava, mas nunca a deixava sozinha, então corri atrás dela e fiquei lá fazendo coisas inúteis, mas que me faziam sentir útil para ela, e a fazia ver que não estava sozinha naquilo. Molhei uma toalha com água fria e segurei seus cabelos

enquanto todo o sorvete que ela tomou voltava. Assim que ela terminou, se apoiou sobre o vaso, mas a levantei rapidamente.

— Está fraca? — perguntei, já sabendo a resposta. Ela assentiu um tanto pálida. — Vamos tomar um banho e descansar. — Novamente Caterine assentiu sem dizer nada. Coloquei a banheira para encher e retirei suas roupas com delicadeza. A cor já estava voltando em seu rosto, mas eu sabia o quanto ela odiava vomitar.

Antes de entrar, ela escovou os dentes. Eu me despi e entrei na banheira aguardando por ela, que se aconchegou em meu peito e gemeu quando relaxou.

— Odeio quando você vomita — resmunguei.

— Odeio vomitar. Queria que acabasse.

— Estaremos entrando no segundo trimestre em breve, então acabará. — Tentei tranquilizá-la. Minhas mãos acariciaram seu ventre, ainda praticamente plano, com devoção.

— Hum... Se você ficar me alisando deste jeito... — Sua voz ronronou, me fazendo rir.

— Você é incorrigível, senhora Hartnett.

— Você me faz ser assim, senhor Hartnett.

Deus! Eu amava o fato de que ela era a minha esposa. O fato de estar carregando meu bebê

e o fato de que era tão apaixonada por mim quanto eu era por ela.

CAPÍTULO 6

CATERINE

— Alexander! O que eu falei sobre as revistas? — perguntei, cansada. Eu queria entender como meu marido conseguia ser um fanático por organização e limpeza ao mesmo tempo que era um acumulador. Começamos a organizar nosso loft assim que retornamos a Nova Iorque. Estávamos felizes e ansiosos para organizar o nosso lar, montar o quarto do bebê, mas, realmente, haviam coisas que estavam complicadas para chegarmos em um acordo.

— Baby, eu não posso, têm várias delas que

podem me ajudar em algum caso. — sua defesa era quase um lamurio de criança.

— Você, além de obsessivo, é um acumulador — acusei com as mãos na cintura. — Temos espaço agora, querido, mas não é por isso que vamos manter um monte de coisa inútil dentro de casa.

— Eu preciso delas! — E lá estava o meu menino birrento. Suspirei e alisei a barriga revirando os olhos para a sua atitude. — É verdade, eu posso usar elas para consultas ou...

— Google, Alexander. GOOGLE! — retruquei, olhando para os montes de revistas ainda

no plástico empilhadas em minha frente. Cristo, ele as organizava por ordem de edição, mas não as lia.

— Você não vai ser como ele, vai, Simon? — Conversei com o meu ventre, debochando do meu marido.

— Lindo, inteligente e sedutor? — Alex se aproximou e colocou a mão em cima da minha, mas bati na mão dele para se afastar.

— Acumulador e manhoso — acusei e saí de perto dele.

— Hey! — exclamou ele. — Não seja desagradável.

Comecei a rir, mas fechei a cara em seguida

para falar:

— Se desfaça das revistas, Alexander. Não tem necessidade de edições dos últimos cinco anos.

— Preciso delas — defendeu novamente.

— Fora!

— Não!

— Você pode encontrar tudo o que precisa na internet. — Eu podia me ouvir virando a criança birrenta naquele momento, mas se permitisse acúmulos em casa, Alex se acostumaria a fazer aquilo com outras coisas também. Tudo bem, isso e eu estava um tanto rabugenta também, eu não aguentava mais meus hormônios desagradáveis.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Prefiro minhas revistas e livros.

— Pelo menos as edições mais antigas. — Tentei barganhar. Não era justo com ele que se desfizesse de tudo também, então eu procurava passar por cima dos hormônios malucos e chamar a razão.

— Os últimos três anos permanecem. — Barganhou. Isso ainda deixaria muitas pilhas de revistas cheias de poeiras pela casa.

— O último ano apenas. — Joguei de volta.

— Os últimos dois então... — rebateu novamente. — Já disse o quanto você fica linda quando usa essas roupas surradas em casa?

PERIGOSAS ACHERON

Olhei para a bermuda jeans esfarrapada com o botão aberto e a blusa surrada caída no ombro e depois olhei para ele com os olhos cerrados e desconfiada. Ele estava tentando tirar o meu foco. Deus! Era realmente adorável quando ele tinha aquelas atitudes de menino.

— O último ano apenas, Alexander — respondi com firmeza. — Você não me enrola.

— Mas...

— Greve de sexo! — avisei antes que ele pudesse revidar.

— Você não aguenta. — Seu tom de voz era totalmente incrédulo. Bem, ele tinha razão, se

tinha algo que eu andava não conseguindo evitar era morrer de tesão. Então eu rapidamente mudei o meu discurso.

— Vou ligar para o seu irmão e convidá-lo para jantar amanhã. Usaremos uma caixa de papelão para servir a refeição já que nossa mesa ainda não chegou e você não divide a janela com outras pessoas. — Ele revirou os olhos para a minha ameaça não acreditando nela nem por um segundo. — E servirei sorvete para Joselie em cima do sofá novo.

Foi baixo, eu sabia que ele estava naquele momento com uma imagem mental bem vívida de sua sobrinha de oito anos de idade, embora muito

educada, ainda uma criança, comendo sorvete enquanto pulava no sofá.

— Ok, me contento com o último ano apenas. — Rendeu-se, finalmente. Eu quase ri. Ele era tão fácil. Então eu resolvi brincar mais um pouco.

— Não, agora eu quero todas fora. — Cruzei os braços e fiz um bico tentando não rir.

— Baby, um ano. Eu vou separá-las e descer com o restante agora. Eu prometo. — Sorri satisfeita com a sua súplica.

— Tudo bem, eu concordo com o último ano de edições. — Beijei seus lábios.

— Você é diabólica. — Grunhiu e se abaixou colando os lábios na minha barriga. — Sua mãe é diabólica, eu espero que quando você sair daí, ela amoleça.

— *Drama Queen* — resmunguei acariciando seus cabelos. — Vamos fazer uma pausa, preciso de carinho.

Enquanto Alex me pegava no colo e me levava para o sofá olhei em volta satisfeita com o jeito que nossa casa estava ficando.

Nossa mesa de jantar ainda não havia chegado, ela ficaria próxima a janela, mas não muito. Queríamos a opção de comermos no chão,

olhando para a rua, sempre que quiséssemos.

Compramos um sofá em forma de L que dividiu a sala perfeitamente sem que um ambiente interferisse no outro e até sobrou espaço para colocar um cantinho de brincadeiras e uma brinquedoteca para Simon ou Ann. Sim, tínhamos optado por Ann e quando Mary ficasse sabendo, enlouqueceria, mas queríamos primeiro descobrir o sexo do bebê na próxima consulta antes de falar. Por falar em Mary Anne, graças a Joshua, tínhamos pouco espaço para colocar nossos livros e DVD's pois o seu presente de casamento para nós simplesmente roubou um grande espaço na sala.

Cristo! Eu sequer sabia que existiam

televisões daquela dimensão.

Quando voltamos para casa, demos de cara com a monstruosidade e um cartão que dizia:

Queridos irmãos,

Este é um presente para mim também.

Quando Mary me chutar, poderei usar seu sofá e assistir ao futebol. ;)

Parabéns pelo casamento.

Um beijo para CatCat e um não beijo para o meu irmão.

Josh

Agora a grande tela monstra, como eu carinhosamente chamava, ocupava o centro da

parede e era rodeada por prateleiras e mais prateleiras com livros, DVDs e CDs cuidadosamente acumulados e espremidos por falta de espaço.

Todos em ordem alfanumérica.

Logicamente.

A cozinha era menos ampla que a sala, mas era toda linda e branca. Os armários foram organizados por Alexander, que não queria que eu subisse em qualquer lugar, por causa da gravidez. Eu sinceramente me senti um pouco inútil, mas também estava me divertindo em vê-lo em ação.

— Baby, são só mantimentos. —

Atualmente a batalha era em como deixar os condimentos em ordem. Ele me enlouqueceria em algum momento, tinha certeza de que sim.

— São condimentos doces e salgados. É necessário separá-los. Cada um para um lado — justificou como se toda família norte-americana fizesse exatamente aquilo porque estava na constituição ou algo assim.

— Ok. E o molho agridoce para a comida chinesa, ficará onde? — brinquei com ele. Meu marido congelou por alguns segundos e ficou olhando para o armário sem reação.

Ele realmente estava analisando a minha

pergunta e provavelmente criando uma estratégia. Soltei um suspiro e tentei não rir dele.

— Apenas deixe junto dos outros condimentos, baby. Era uma brincadeira.

Jesus, nunca terminaríamos naquele ritmo.

Nosso lar tinha três quartos. A suíte era nossa, o bebê tinha o segundo quarto maior à esquerda do corredor e o escritório ficou à direita ao lado do banheiro social. O escritório foi feito de uma forma que eu e Alex pudéssemos ocupar o espaço. Uma grande mesa com duas cadeiras e armários, cópias de processos e livros para consultas. Eu estava bem na German & Tavola,

gostava do meu emprego, dos meus companheiros de trabalho e amava o fato de eles terem me dado uma oportunidade. Mas trabalhar com Alexander, nem que fosse por alguns momentos, era realmente inspirador. Ele era completamente genial em seu trabalho. Não me admirava nem um pouco que Melissa fosse apaixonada por ele. Alexander era como um deus grego quando entrava no modo Promotor. Era excitante vê-lo investigar os casos.

Melissa... Não foi até alguns dias mais tarde que comecei a notar que Alexander passava mais tempo em *home office* do que em seu escritório na promotoria. Suas interações com ela eram cada vez mais monossilábicas e sempre que lhe perguntava

alguma coisa, ele dava de ombros e dizia que tudo estava bem.

Sabia que muitas coisas ele estava tentando evitar para não me chatear. Eu realmente me comportava como uma *gravidazilla* às vezes e, se fosse sincera comigo mesma, admitiria o fato de que gostaria que Melissa se demitisse. Eu confiava em Alexander com todo o meu coração, mas, honestamente, não gostava daquela mulher pairando sobre ele, mesmo que sempre tivesse se mostrado de forma respeitosa. Bem, e o fato de que eu não gostaria de ser uma pessoa tóxica como foram para mim, mas eu era apenas humana e sim, Melissa Dill me incomodava um pouco.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela era boa em seu trabalho, realmente ajudava muito Alexander e era bem vista aos olhos dos outros promotores também. Seus processos eram organizados e bem elaborados, sua conduta era impecável e ele estava levando ela a muitos julgamentos. Fora isso, sempre que podia estava em casa, comigo, organizando tudo e quando finalmente tudo estava no lugar, realmente ficou lindo.

— Que tal um banho na banheira nova? — Alexander perguntou assim que entrou em casa naquele final de tarde. — Olá! — Beijou meus lábios. — Eu amo você! Como está o nosso garoto? — perguntou, como sempre fazia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele está bem, estamos bem, e eu também amo você — respondi o abraçando com força.

— Você parece cansada — analisou. Eu estava. De fato. O dia no escritório tinha sido realmente complicado para mim, o sono tinha sido forte, os enjoos pela manhã tinham feito um grande estrago e durante o dia tive consultas com clientes realmente complicados. Eu estava um caco.

— Eu estou cansada. — Choraminguei para ele.

— Mais um motivo para um longo banho, vamos, vou cuidar de você. — Pegando-me no colo, ele começou a andar em direção à nossa suíte.

PERIGOSAS ACHERON

Subiu as escadas vagarosamente enquanto conversávamos.

— Com massagem? — perguntei manhosa.

— Sim. E beijos — garantiu.

— E sexo? — Minha voz mudou para sexy.

— Pensei que estivesse cansada.

Suspirei e deixei meus ombros caírem. Derrotada!

— Eu estou. Mas a ideia parecia boa em minha mente — brinquei. Rindo, ele beijou minha testa.

— Você é impossível. — Chegamos ao banheiro e ele me deu um beijo casto nos lábios

antes de me largar em cima do balcão.

— Sou o sonho de todos os homens, faço sexo sem que precise implorar.

— Hum... E qual é o sonho de todas as mulheres? — perguntou, levantando a minha blusa.

— Provavelmente, Gideon Cross.

— O cara do livro do chicote? — Sua voz era quase esganiçada.

Gargalhei, desabotoando sua camisa enquanto ele trabalhava em meu sutiã.

— Este é Christian Grey.

— Tanto faz, todos são ricos, mentalmente perturbados e máquinas de fazer sexo. — Riu

sarcástico.

— Mas não quero nenhum deles. — Aproximei-me e acariciei seu peito. — Você, no entanto...

— Mas você citou o tal Cross...

— Ele é meu plano reserva, querido, no caso de você não me querer mais. Passarei o resto da minha vida em um caso de amor com um livro. Só no caso de você me deixar.

— Isso é impossível — garantiu, beijando meus lábios de forma rápida com a boca aberta.

— Neste caso, eu acho que vou terminar em definitivo meu relacionamento platônico com

Gideon.

— Eu agradeço.

Sorri e beijei seus lábios com ternura.

**

— Convidei Josh e Mary para jantar amanhã. Agora que está tudo pronto. — A água morna estava me deixando sonolenta.

— Perfeito. Estou com saudades de Josie — disse, massageando meus ombros tensos.

— Eu também.

— Sabe o quê? Amanhã vou fazer um *Home Office*. É sexta, afinal de contas — suspirei e de repente estava desperta. Algo estava

definitivamente errado. Novamente *Home Office*?

— Alex, você está fugindo de alguma coisa no trabalho? — perguntei de supetão, sentei ereta e me virei de frente para ele.

— Não! — A resposta foi rápida demais e seu tom de voz era nervoso.

— Alexander — adverti.

— Ok, sim.

— Ela está dando em cima de você? — Não precisava sequer perguntar qual era o problema, eu simplesmente sabia. Sentia.

— Não. Não é assim. — Levantei uma sobrancelha me sentindo completamente incrédula.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não é assim, Caterine — reafirmou. — Ela não se insinua ou qualquer coisa do tipo, Melissa tem classe, são mais os olhares perdidos, desolados. Às vezes flagro ela me olhando com tristeza, às vezes sonhadora, é... Desconcertante. Eu não fiz nada de errado e nunca tive nada com ela, mas mesmo assim me sinto culpado. Sei lá... — Suas mãos nervosas vão para seus cabelos e começaram o processo de quase arrancar os fios. — Eu nem posso demiti-la, não cabe a mim. — Pisquei para ele sem saber exatamente o que dizer quando percebi o quanto devia ser complicado. — Mas posso pedir que transfiram ela para outro assistente de promotoria.

PERIGOSAS ACHERON

Fiquei olhando para ele, seus olhos eram tristes. A verdade é que Alex tinha carinho por Melissa e gostava de trabalhar com ela. Sempre a respeitou e deixou claro que não haveria envolvimento entre eles, mas, caramba! Eu entendia a garota. Era difícil ficar perto de Alexander e não cair de amores por ele. Depois de um longo tempo em silêncio, resolvi falar:

— Se eu disser que estou chateada com o fato de você estar pensando nisto, estarei mentindo. — Franzi meu cenho e engoli antes de continuar. — Não gosto da ideia de tê-la por perto, mas entendo que o trabalho dela é importante para você agora, e que provavelmente ela fará falta quando

você precisar se ausentar por causa do nascimento do bebê e tudo mais, então... — Era um misto de sentimentos e confusão, meus hormônios estavam cada vez piores, as lágrimas simplesmente estavam ali, sem aviso prévio.

— Hey, vai ficar tudo bem, ok? Darei um jeito.

— S-só não tome nenhuma decisão baseado em meus sentimentos drogados de tanto hormônio — pedi soluçando. — Eu sei que vocês não têm nada, sei que Melissa também não tem culpa de ser apaixonada por você, porque você é assim, simplesmente perfeito. — Solucei. — Ela se esforça para ser boa no que faz. Não se preocupe

comigo. Sou apenas eu sendo estúpida e ciumenta. Desculpe.

— Não se desculpe, baby. Eu entendo...

— Eu não odeio ela... — Funguei.

— Eu sei...

— Talvez eu odeie apenas um pouco. — Dei de ombros fazendo uma risada roncar em sua garganta.

— Tudo bem — disse ele tentando se controlar.

— Não ria de mim! — exigi. — Estou com fome, me alimente! — ordenei, mudando de assunto e fazendo ele explodir em gargalhadas.

— Tudo bem, tudo bem! Agora fique aqui e relaxe. Vou sair e pedir comida, ok?

— Ok.

Alex beijou meus lábios e minha testa antes de sair da banheira. Estiquei-me no espaço de louça e fechei meus olhos tentando relaxar e esquecer do assunto Melissa. Ouvi os movimentos de Alexander por um breve momento e depois apenas o silêncio.

Fiquei por mais um tempo e quando senti a água realmente fria, saí da banheira.

Foi quando finalmente notei o espelho e novamente as lágrimas saltaram furiosamente para fora dos meus olhos.

PERIGOSAS NACIONAIS

Escrito com batom vermelho no espelho estava:

Um recado clichê para a minha esposa com os hormônios fora do normal: Eu amo você. Mesmo maluca.

Ele escreveu como eu, quando o abandonei em seu apartamento após a semana de neve. Sorri com mais aquela prova do quanto ele era atencioso. Ele sempre lembrava. Cada detalhe.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 7

CATERINE

— Ellen, você pode pegar os arquivos dos Sierra para mim, por favor? — pedi à assistente do escritório que prontamente assentiu e foi para a grande estante onde ficavam os processos.

Voltei para o meu escritório e sentei em minha cadeira organizando os papéis para o meu próximo encontro com Diego Sierra, um imigrante que estava sendo acusado de tráfico de drogas e ia a julgamento em breve. Acontece que o processo do senhor Sierra tinha inúmeras contradições e ele jurava que era inocente. Louie Tavola, meu chefe,

tinha passado o caso para mim quando percebeu do que se tratava. Ele sabia que eu tinha certa gana por casos investigativos, especialmente se as pessoas eram humildes e inocentes.

A população carcerária nos Estados Unidos era praticamente totalizada por negros, latinos e imigrantes. E aquilo me deixava além de chateada.

Levei o processo para casa, Alexander o leu para mim e passou a fazer apontamentos como promotor, para eu saber o que me aguardava no tribunal quando finalmente fosse defender Diego Sierra e depois de todas as minhas respostas ele me pegou em seus braços e fez amor comigo no sofá.

Segundo ele, eu era a melhor advogada que havia conhecido e aquilo o deixava excitado.

Fechando meus olhos, procurei voltar o foco para o trabalho, mas não pude deixar de sorrir quando meus olhos desviaram para o porta retratos que descansava em minha mesa. Era a imagem de nós dois abraçados no escuro do deserto de Nevada, no dia do nosso casamento. Nossos sorrisos mal cabiam em nossos rostos, tamanha a nossa felicidade. A imagem era linda. *Nós éramos lindos*.

Meu ramal tocou e eu sabia que meu cliente havia chegado. Fui até a porta e abri.

— Senhor Sierra, como vai? —

Cumprimentei Diego, que parecia muito nervoso.

— Com medo, doutora.

— Me chame de Caterine. — Coloquei minha mão em seu ombro e apertei delicadamente, tentando lhe passar alguma confiança. — E deixe para pensar em medo só depois que eu conversar com você. — Pisquei para ele e o direcionei para a minha sala. Eu ia ajudar aquele homem.

**

No momento em que passei pela porta, senti o cheiro delicioso. Alexander estava cozinhando.

— Estou em casa, e feliz que você tenha chegado antes que eu! — gritei, largando minha

bolsa e tirando os sapatos antes de correr para a cozinha. Lá estava ele, concentrado no prato que estava preparando. — Olá, marido! — Aproximei-me e beijei seus lábios.

— Olá, esposa! — Sorriu olhando em meus olhos. — Estou adiantando o jantar para nossos convidados, pensei que talvez você estaria cansada demais. Optei por *encilhadas*[1]. Josh e Jojo amam.

— É uma ótima ideia, baby. — Peguei um pedaço de cenoura da salada que ele preparava e levei à boca.

— Vá tomar um banho, princesa — ordenou. — Eu vou cuidar de tudo por aqui.

— Princesa, é?

— Verdade, este posto é de Joselie. Você não pode ser a minha princesa — brincou.

— Eu me contento em ser a sua janela. — Pisquei e beijei seus lábios antes de roubar uma vagem e comer.

**

Assim que tomei meu banho, coloquei um vestido leve e me olhei no espelho esperando por alguns centímetros a mais de barriga, estava muito pequena ainda. Sorri e acariciei meu ventre, tentando imaginar como eu ficaria com ela maior. Estava ansiosa para a próxima consulta,

descobriríamos o sexo do bebê e poderíamos mexer no quarto. Não havíamos comprado nenhum móvel aguardando pelo descobrimento do sexo, queríamos que tudo fosse feito com cuidado e muito personalizado para Simon ou Ann. Claro que eu ainda sentia que era um menino. Tinha aquele sentimento de que era meu Simon que crescia dentro de mim, mas nem sempre os pressentimentos de grávida estavam certos.

Assim que saí do quarto, ouvi o telefone de Alexander tocar e ele gemer, continuei andando, mas travei meus passos quando ouvi o nome que ele disse ao atender.

— Melissa.

Foi sucinto o seu cumprimento, mas me fez parar e aguardar tentando ouvir as suas palavras para ela.

Não faça isso, Caterine! É trabalho. Apenas trabalho.

Era horrível e eu sabia, mas não conseguia evitar. Confiava nele, sabia que não me trairia, porém, parte de mim queria ver como ele interagia com ela.

— Não, eu fiquei em casa hoje, você pode me encaminhar os e-mails, caso precise. — Ele aguarda um momento e depois continua. — Não, você pode dar baixa nestes dois processos e deixa

em cima da minha mesa que na segunda-feira eu assino. Obrigada. Bom final de semana.

Bem, nada de mais foi dito. Além do fato de que ele ficou em casa e me fez pensar que apenas tinha chegado mais cedo do que eu.

— Eu poderia ter posto no viva-voz — Alex disse com a voz irônica percebendo o que eu fiz, não tinha me escondido, mas minha atitude denunciou o meu objetivo. Olhei para ele envergonhada.

— Eu sou patética, desculpe.

— Não. Você *está* patética e eu entendo você e seus hormônios. — Ele sentou do meu lado.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Caterine, este ciúme...

Ele não parecia chateado, mas sim preocupado.

— Eu sei, eu sei... Estou apenas me sentindo insegura... — De repente a imagem de Michael veio em minha mente, mas rapidamente fiz ela se afastar. Eu não queria ser como ele. — Mas por que não me contou que ficou em casa?

— Porque eu não queria que você pensasse exatamente no que está pensando agora, eu simplesmente não quero que você se desgaste. A gravidez, os enjoos... — justificou. — Você anda cansada e eu só queria deixar tudo pronto...

PERIGOSAS ACHERON

Foi quando olhei em volta e realmente percebi. Ele tinha realmente organizado a casa toda, limpou tudo.

— Alex, baby! Me desculpa. — Minha voz tremeu. — Eu apenas...

— Você está com medo, eu sei. Estou aqui. — Ele me abraçou e encerrou o assunto. Mas eu continuava me perguntando o que estava acontecendo comigo.

**

No momento em que a campainha tocou, um Alexander feliz e saltitante correu para a porta, ele estava ansioso para brincar com Joselie, era

louco por aquela menina, por isso não via a hora de vê-lo com o nosso Simon. Perguntei-me se ele seria assim com o nosso filho. Mas era uma pergunta estúpida.

Óbvio que ele seria.

— Tio Alex. — Uma Joselie com um cabelo loiro, comprido e encaracolado nas pontas e asas de borboletas saltou para o colo do tio assim que ele abriu a porta. Imediatamente senti meus olhos turvarem com lágrimas de emoção. Deus! Eu não via a hora de ter meu bebê em meus braços.

— Fada Jojo! — Alex brincou enquanto a erguia do chão. — Deus! Você está tão crescida.

— Não sou fada. — Corrigiu a menina. Mary veio em minha direção e me abraçou, ela não comentou as minhas lágrimas, pois sabia o motivo.

— Passarinha Jojo! — Alex continuou a brincadeira.

— Não sou isso também.

— Pombinha?

—Sou uma borboleta, bobinho. — Ela riu colocando suas mãozinhas no rosto do tio e apertando. Joselie estava tão crescida. Era uma mocinha.

— Me desculpe, senhorita.

— Tia CatCat está? — a menina perguntou,

então saí do balcão da cozinha para que ela também me visse. — Tia Carter! — Saltou emocionada dos braços do tio. — Posso tocar o bebê?

— Ela só fala do bebê agora. — Mary Anne abraçou Alex enquanto falava. — Pensou que a barriga já estava enorme.

— Claro, aqui. — Levantei minha blusa para que ela tocasse. Josie cruzou os braços e olhou zangada para Joshua.

— Você me deve também o dinheiro da mentira — acusou o pai. — Você disse que tia Carter tinha um bebê na barriga.

— Viu? — Mary apontou, provando o seu

ponto. — Ela pensou que veria você com barriga de trinta semanas.

Comecei a rir da menina.

— Oh! Ela está expandindo os negócios? — Alexander perguntou para o irmão.

— Ela vai me levar à falência. É dinheiro do palavrão, da mentira, mesada… — Bufou Josh.

— O que foi, Josie? — perguntei tentando entender o que passava em sua pequena cabecinha.

— Papai disse que você teria uma barriga grande. Quero ver barriga de bebê. — Cruzou os braços, chateada. Era óbvio qual era o temperamento que Joselie tinha puxado.

— Sim, eu terei uma barriga enorme, querida, mas demora um pouquinho — expliquei.

— Mas ele me disse isso ontem. — Ela bateu os braços ao lado dos quadris. — Já passou um tempão desde ontem. Pague, papai! — Ela estendeu sua mão cuidada por manicure para Josh que lhe entregou um dólar. — Tio Alex vem ver a nova Mansão da Barbie que eu vou comprar com o meu próprio dinheiro. — Chamou, ignorando todos nós e puxando seu tablet da bolsa para mostrar ao tio.

— Imagino como será quando ela tiver quinze, se com oito ela faz tudo isso.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nem me fale, eu já tenho uma pré-adolescente em casa. Para a minha sorte o One Direction já acabou e eu não terei que me preocupar com a música ruim daqueles caras em casa — Josh discursou enquanto me abraçava. — Mas Jojo está certa, você está me decepcionando, irmã. Onde está a barriga?

— Estou apenas saindo do primeiro trimestre, Josh. Por enquanto, tudo o que indica o crescimento do bebê são as roupas apertadas e choro sem fim.

— É normal — Mary defendeu. — Você deve estar ansiosa para ter a barrigona. — Assenti animadamente para a sua colocação e ela

continuou. — Não se preocupe, a vontade vai passar quando começar a doer suas costas.

— Onde coloco a cerveja? — Josh perguntou e beijou minha testa antes de passar por mim e abrir a geladeira.

— Na parte de baixo.

— Então... Como andam as coisas por aqui?

— Tudo ok. — Tentei ser o mais honesta possível, as coisas estavam bem, mas tínhamos acabado de passar por um momento tenso e não queria que Mary percebesse ou ficaria preocupada, meu ciúme era apenas uma besteira minha. Não havia motivos para alarde. — Alex fez *encilhadas.*

— Ótimo. Amo encilhadas — Joshua rugiu passando por mim novamente.

— Você ama qualquer comida — Mary brincou. Josh se aproximou beijando-a e em seguida foi para a sala.

— Então, o que tem feito? — Mary perguntou, se aproximando.

— Trabalhado e enjoado.

— Enjoos! Argh! Essa é uma parte ruim, mas acredite, eles estão prestes a terminar. Quando é a próxima consulta?

— Semana que vem. Estou ansiosa. Vamos saber o sexo.

Mary bateu palmas animada. Estava louca para contar o nome escolhido no caso de ser menina, mas não queria dar esperança para a minha cunhada.

— Mary? — Ela me olhou e sorriu. — Como foi quando vocês descobriram que Joselie não era um menino?

Alexander havia me contado que Josh queria um menino, que sonhava em ter um garoto para fazer coisas de homens como assistir futebol, comer frango frito e arrotar. Nojo.

Mas então veio Josie.

— Sinceramente? Nada mudou. Choramos

da mesma forma. Sorrimos da mesma forma e a amamos do mesmo jeito. Você entenderá que a cada mês que ele ou ela crescer dentro de você nada mais importará. Ele será seu, precisará de você e você ficará atenta a cada chute, cada incômodo e entrará em pânico muitas vezes. No fim valerá a pena. Você terá medo de tudo, querida, mas não precisa ter medo do sexo da criança, menina ou menino você vai amá-lo.

Eu suspirei e sorri para ela.

Mary tinha razão. Não importava o sexo.

Eu amaria meu bebê de qualquer forma.

**

Sentados no sofá e apreciando a sobremesa enquanto Josie dançava a coreografia que a Senhora Teedee havia ensinado na última aula de ballet, Alexander me puxou para mais perto e acariciou minha barriga levemente. Josie percebeu a troca e parou a dança se aproximando.

— Tio Alex, se eu sou uma borboleta, o que o bebê é?

— Oh, hum... — Ele tentou ajudar.

— Um sapo. — Riu Joshua fazendo Mary bater em sua cabeça, repreendendo-o. — Out!

— Mas é um sapo muito pequenino... É um girino, então? — perguntou curiosa. Eu poderia

explicar para ela que era apenas uma criança, um bebezinho, mas Josie vivia em um mundo tão belo onde poderia ser um animal por semana, poderia voar em sua imaginação e sorrir sem qualquer complexidade do mundo real. Eu preferi deixar nosso bebê participar desde cedo deste lindo mundo.

— Sim, querida. Ele é um girino.

CAPÍTULO 8

CATERINE

Bing!

Fez o elevador no andar onde ficava o escritório de Alexander. Eu pulei para fora desligando o meu ipod ansiosamente. Estava indo encontrá-lo para assim irmos ao médico, músicas como *Walking on Sunshine e Having my baby* tocaram me fazendo sorrir e ter que me controlar para que eu não saltitasse e dançasse como se estivesse fazendo parte de um musical pelas ruas de NYC enquanto caminhava para o trabalho de meu marido, tamanha era a minha felicidade.

Era o dia de saber o sexo do nosso bebezinho.

As chances de eu passar por todas as salas do prédio da Promotoria do Estado de Nova Iorque sem encontrar com

Melissa era realmente grande, mas é claro que não poderia contar com aquilo.

Eu certamente a encontraria porque ela ainda trabalhava lado a lado com o meu marido.

Sendo sincera comigo mesma, Melissa nunca apresentou um perigo real para mim. Sempre fora cortês e sorridente e todas as vezes que ela demonstrou ser apaixonada por Alexander ou estar muito triste com o casamento dele, nunca fora na minha presença. Então eu só tinha que continuar sendo cordial e tirar tudo da minha mente, minha maior meta era não fazer com ninguém o que fizeram comigo um dia, mas de alguma forma eu conseguia deslizar justamente para o lado que eu não queria.

Melissa nunca foi como Phoebe, por exemplo, a ex maluca que Alexander estava tentando se livrar quando me conheceu. Lembrar daquela mulher apenas me faz rir. Foi

alguns meses depois que finalmente nos acertamos e assumimos nosso namoro. Alex e eu tínhamos perdido a sessão de cinema, mas não quisemos desperdiçar a ida ao shopping, então fomos tomar milk-shakes.

— Alex, amor, quem é ela? — Olhei para a mulher na minha frente enquanto tragava o Milk-shake pelo canudo. Eu tinha certeza de quem era ela quando se enganchou no braço de Alexander, o deixando completamente tenso na minha frente.

— Phoebe, não sou seu amor. Tire as mãos de mim e não faça cena em um shopping. — Ele desgrudou a mão dela de seu braço como se estivesse se desfazendo de uma meia suada após jogar tênis o dia inteiro. Procurei segurar a risada, mas era quase impossível. — E ela é minha namorada.

— O quê?

— Phoebe, terminamos. Lembra? — Eu não sabia se ela era louca ou apenas egocêntrica demais para prestar atenção quando alguém dava um pé na bunda dela, mas o fato é que ela parecia genuinamente assustada quando meu namorado disse que haviam terminado. Ele praticamente a tinha colocado para fora de seu apartamento, mas ela não entendeu o recado, aparentemente.

— Não. Não terminamos, Alexander. Eu quero... — Ela me olhou com nojo e então eu me senti uma meia suja. Levantei minha sobrancelha para ela e mordi o canudo, divertida. — Está namorando... Isso?

— Phoebe...— O tom dele era sério e ameaçador, mas isso não pareceu intimidar a cadela escandalosa.

— Não! — ela exclamou, parando com a palma da sua mão a centímetros do seu rosto. — Eu não posso acreditar que você me trocou por essa mulher, olhe para mim

e olhe para ela...

Minha risada não podia ser evitada, e aquilo só atiçou mais a raiva da maluca.

O que aconteceu a seguir não foi culpa minha. Eu juro. O copo de milk-shake de repente escorregou das minhas mãos, bateu no chão, se abriu e respingou nas pernas e sapatos da maluca. Fiquei imóvel por um segundo, assim como Alexander, então, começamos a gargalhar enquanto Phoebe guinchava como um porco pronto para ser abatido.

Foi a única vez que a vi pessoalmente e nunca mais ela nos importunou depois daquilo.

Assim que entrei no corredor da sala de Alexander dei de cara com Melissa. Ela me recebeu da mesma forma que fazia sempre: Sorriso amistoso e educação.

— Senhora Hartnett, como está?

— Me chame de Carter, como todos, Melissa. — Sorri

para ela e a abracei cumprimentando. — Como está?

— Tudo bem!

— Será que Alexander está ocupado? — perguntei, não tendo mais assunto com ela.

— Não, para você ele nunca está. Venha comigo. Eu tenho ordens para deixá-la entrar sem anunciar. Quer que eu leve um café? — Suas palavras não pareciam ter segundas intenções e nem eram cínicas. Ela parecia genuinamente hospitaleira e aquilo só me deixava mais confusa.

— Não posso beber cafeína — disse simplesmente. — Mas água seria bom. Obrigada.

— Ah, claro! — Ela sorriu novamente — Como está o bebê? — A pergunta também pareceu genuína.

— Está bem. — Me vi sorrindo verdadeiramente para ela também. — Temos consulta hoje. Talvez saberemos o sexo.

— Mesmo? Bem, parabéns. Vou levar sua água. — Assenti e me virei indo para o escritório de meu marido. Bati na porta e aguardei.

— Entre, Melissa.

Entrei sorrindo para ele. Mas Alex não me viu. Estava concentrado em uma pilha de papéis, marcando-os com post-its coloridos e anotando pequenos recados em cada um deles.

Sentei-me na cadeira na sua frente e esperei ele me olhar. Quando o fez, seus olhos suavizaram e seu sorriso se abriu como se fosse uma manhã de neve.

E eu amava a neve.

— Vocês chegaram! — Levantou-se rapidamente fazendo a volta na mesa e se ajoelhando ao meu lado. — Como estão?

— Bem! — consegui responder entre seus beijos e acariciei seus cabelos quando ele beijou a minha barriga. —

Como está sendo o seu dia?

— Melhor agora.

Melissa entrou com uma bandeja com dois copos de água e quando viu nossa troca desviou o olhar tristemente.

— Sua água, senhora... desculpe, Carter. — Ela consertou rapidamente.

— Obrigada, Melissa. Pode deixar na mesa — Alexander respondeu.

— Posso encerrar por hoje, Alexan... — Pigarreou e tentou se recompor. — Senhor Hartnett.

O clima de repente ficou pesado na sala. Tentei pensar em qualquer coisa espirituosa para dizer, mas no fundo não queria esse desconforto nem para ela, nem para meu marido.

A verdade é que deveria ser duro amar alguém que não estava ao seu alcance, especialmente alguém como Alex, que não tem uma fibra do seu ser que possa ser odiada por

alguém.

— Você pode continuar me chamando de Alexander, Melissa... Não há necessidade de formalidades na frente da minha esposa. — Ele sorriu e apertou minha perna. — Não é, querida?

— Claro. — Sorri sem vontade e olhei para Melissa que apenas assentiu.

— Bem, vou encerrar e ir para casa, se estiver tudo bem — Alex concordou. — Boa consulta. — Ela novamente pareceu verdadeira. Alexander e eu agradecemos em uníssono enquanto ela se virou e saiu da sala fechando a porta atrás dela.

— Ela parece...

— Magoada? — Alex continuou.

— É.

— Eu sei... mas realmente quero me concentrar em

nosso garotão aqui. Vou apenas organizar tudo e iremos.

Eu sorri e beijei seus lábios delicadamente antes de deixá-lo voltar ao trabalho.

**

— Pare de se revirar — pedi novamente enquanto Alexander escolhia pela quinta vez a mesma revista de dicas sobre gravidez no consultório.

— Acha que vai demorar ainda?

— Cerca de dez minutos, baby. É o tempo que falta para dar o horário da nossa consulta. Agora, acalme-se, Alex. — Coloquei a mão em seu joelho para que ele parasse de sacudi-lo para cima e para baixo.

Ele não se acalmou. Estava ansioso para ver nosso pequeno girino dentro de mim, para ser sincera, eu também estava ansiosa. Inclusive para que minha barriga crescesse e todos notassem que eu estava grávida.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Hartnett. — Ouvimos a enfermeira chamar e levantamos ao mesmo tempo, provando nossa ansiedade para todos na sala de espera. — Por aqui, por favor.

A enfermeira Becky me deu um pacote de plástico e pediu que eu tirasse minhas roupas e vestisse o que havia na sacola.

— Fique. — Obriguei Alex a ficar para trás enquanto eu entrava no banheiro do consultório, fazendo-o bufar como uma criança teimosa. Quando estava pronta, sentei na maca com Alexander ao meu lado segurando minha mão. Logo o doutor Stephens chegou.

— Senhor e senhora Hartnett! — exclamou animado. — Como foi o casamento? Prontos para saber o sexo do bebê?

— Sim! Estamos torcendo para que possamos enxergar — disse Alexander animadamente.

PERIGOSAS ACHERON

— E há uma preferência?

— Qualquer um que vier estamos felizes, mas sentimos que é um menino — respondi entusiasmada.

— Bem, vamos tentar hoje, mas ainda é cedo, talvez não consigamos. — Doutor Stephens sorriu. — Por favor, deite-se, Carter — pediu e prontamente eu fiz. Ele levantou o material descartável que estava vestindo e esguichou um pouco de gel quente em meu ventre enquanto Alex segurava minha mão e sorria animadamente. — Ok, vamos lá... Esperemos que seja o menino que tanto querem.

Dr. Stephens moveu o aparelho em minha barriga e eu sorri ansiosa olhando para a tela grande em nossa frente. Ele moveu mais para baixo e franziu o cenho. Eu esperava com o sorriso congelado enquanto o médico continuava movimentando o bastão pelo meu ventre. Olhei para ele e meu sorriso caiu ao ver o quão sério estava.

— Está tudo bem, doutor — disse. — Se for menina, pode dizer, queremos o nosso bebê de qualquer jeito. Se não tiver vendo o sexo ainda, tudo bem também, sabemos que é cedo ainda. — Olhei para Alexander procurando o seu apoio, mas ele tinha lágrimas nos olhos.

E não eram lágrimas de felicidade.

Então me dei conta de que aquela consulta estava diferente das outras... O som.

Eu não ouvia o *som*.

— Doutor Stephens? — Chamei enquanto o médico apertava um botão qualquer e logo a enfermeira Becky apareceu. — O som dos batimentos... Por que não estou ouvindo?

— Caterine... — O médico começou. Ele não me chamou de senhora Hartnett daquela vez e sua voz estava cheia de simpatia. Um som de engasgo veio ao meu ouvido

direito e me virei para ver Alexander chorando ainda mais. — Infelizmente, o coração do seu bebê parou. E não estou conseguindo monitorar nenhuma presença vital. Ele não resistiu. Eu sinto muito.

Foi neste momento que eu desliguei.

CAPÍTULO 9

CATERINE

Era uma imensidão de opções, e tudo tão lindo que sequer sabia por onde começar. Enquanto andava pela grande loja de brinquedos, olhava cada urso de pelúcia, super-herói, jogos de tabuleiro, carrinhos, bicicletas, patinetes, patins... Caramba, eu sequer sabia que existiam tantas opções de legos.

Não sabia direito o que escolher, ainda, mas sabia que queria tudo. Queria tudo o que meu filho pudesse ter.

PERIGOSAS NACIONAIS

Meu pequeno Simon.

PERIGOSAS ACHERON

Seu quarto seria o mais lindo. Gostava de azul e vermelho para o quarto. Talvez pudéssemos fazer com motivos de baseball, como Alexander gostaria. Do New York Yankees. Ficaria lindo.

Cristo, eu precisava falar com Mary Anne, ela poderia me ajudar com os detalhes e com as compras, é claro. Alexander iria querer participar, mas ele só me deixaria louca se metendo em tudo.

Alexander terminou de montar o berço, ficou tão lindo. O quarto estava pronto para a chegada de Simon, a pequena placa de identificação na porta do quarto finalmente foi colocada e me encheu de alegria.

Deus, minha barriga estava enorme, como cresceu rápido. Ao menos os enjoos acabaram. Em compensação, eu já não podia mais dormir de bruços. Faltava pouco para a chegada de Simon.

PERIGOSAS NACIONAIS

Alexander segurava a minha mão enquanto eu empurrava com todas as minhas forças restantes. Uma última vez e lá estava ele. Chorando e vindo para os meus braços.

PERIGOSAS ACHERON

Meu Simon.

Nada disso realmente aconteceu.

Eu apenas estava sendo castigada.

Tirei um filho.

Perdi outro.

CAPÍTULO 10

ALEXANDER

Evitei olhar para a porta do quarto vazio quando passei por ele até chegar em nosso próprio quarto. Eu tinha a incumbência de pegar roupas e artigos de higiene para a alta de Caterine no hospital.

Não fora ela quem me dera tal missão.

Ela não falava.

Ela não falava comigo ou qualquer outra pessoa desde que ouvira o doutor Stephens dizer que o coração do nosso bebê não mais batia. Eu

soube antes. Quando não ouvi o som do coração e nem vi a imagem se mexendo, eu soube que nosso bebê não tinha resistido. Foi como se alguém tivesse enfiado a mão dentro do meu peito e esmagado meu coração com os dedos. O ar faltou em meus pulmões, minha garganta secou e meu corpo imediatamente começou a tremer.

Mas quando olhei para a minha esposa, sabia que o pior ainda estava por vir. O brilho se foi. A sua luz se apagou no momento em que entendeu o médico dizendo que nosso filho não tinha resistido.

Ela sentou, se vestiu, manteve-se muda e quando andou comigo para fora do consultório e

esperou o táxi calmamente, tentei falar com ela inúmeras vezes. Implorei para ela dizer alguma coisa, mas era como se eu não estivesse ali. Ou pior.

Era como se *ela* não estivesse ali.

Ao invés de irmos para casa, fomos direto para o hospital. A guia de encaminhamento para curetagem pesava em minha mão e meus dedos tremiam. Eu queria chorar mais, gritar. Socar algo. Mas eu tinha que estar lá para a minha esposa, tinha que ser a sua tábua naquele momento. A sua rocha, ainda que ela me ignorasse por completo. Estava presa em seu próprio mundo. Os olhos vidrados, vazios...

PERIGOSAS NACIONAIS

Olhos que não eram da minha Caterine.

Da mulher que eu era tão loucamente apaixonado.

**

Normalmente a curetagem possibilitava que o paciente voltasse para casa no dia seguinte, com Caterine foi completamente diferente. As paredes uterinas de Caterine estavam muito danificadas, então de repente eles vieram com a notícia de que era provável que não poderíamos mais ter filhos devido aos danos causados pelo primeiro aborto e a curetagem feita recentemente.

Percebendo que nem com aquela notícia

PERIGOSAS ACHERON

Caterine esboçava alguma reação, doutor Stephens pediu a avaliação de um psiquiatra. Por um momento eu quis quebrar a cara do maldito por sugerir tal coisa, mas foi um momento breve. Eu não poderia negar que Caterine precisaria de ajuda.

Eu sabia exatamente o que estava se passando na sua mente.

Ela se sentia culpada.

Pensava que estava sendo castigada por ter feito um aborto anos atrás e agora nunca encontraria a felicidade. Eu sabia que era aquilo que ela pensava. Sentia que sim. E eu só queria que ela me ouvisse, queria que ela olhasse em meus

olhos e soubesse que era merecedora de toda a felicidade e que daríamos um jeito.

Carter estava vazia. Eu podia ver em seus olhos. Palavras como depressão em alto nível, trauma e catatonia foram jogadas em cima de mim como uma avalanche de neve.

Então sim, o psiquiatra pediu que ela ficasse alguns dias para ser analisada.

Minha esposa era apenas uma casca de alguém que ela foi até cinco dias atrás.

Sim, cinco dias se passaram desde que tomei um banho.

Cinco dias se passaram desde que eu dormi.

Cinco dias se passaram desde que minha esposa sorriu.

Cinco dias se passaram desde a última vez em que fui pai.

Eu estava tão ansioso sobre meu filho ou filha. Imaginava momentos futuros com o pequeno pedaço de Carter e eu correndo, pedindo dólares para pagar a minha falta de filtro com palavrões. Pedindo para jogar futebol ou brincar de boneca.

Me imaginei várias vezes sendo o cavaleiro brilhante de uma princesa de cabelos castanhos claros e olhos verdes como os da mãe ou trocando fraldas, pegando no sono sem querer enquanto

tentava fazer meu filho dormir, fedendo a vômito, xixi, cocô ou qualquer outra porcaria sem me importar com a minha obsessão por limpeza.

Eu daria um carro para meu filho ou filha quando completasse dezesseis anos. Ensinaria a dirigir, brigaria com as roupas curtas e os namorados, se fosse menina. Brigaria sobre camisinha e baseados se fosse qualquer um dos dois. Eu choraria no momento em que ele ou ela subisse ao púlpito para fazer o discurso como orador da turma. Seguraria a mão do meu bebê quando estivesse abrindo a carta da universidade que tivesse se inscrito.

Eu teria morrido por aquele pedaço de mim.

Mas Deus, o destino ou qual seja a força existente que tinha controle sobre minha vida tirou-me tudo isso. Tirou de mim e de minha Caterine.

Tirou-me Caterine.

E por mais que eu não quisesse admitir, sabia que seria difícil, muito difícil trazer minha esposa de volta, mas eu tinha que ser forte. Precisava lutar quando sabia que o amor da minha vida não poderia.

Respirei fundo e caminhei até o guarda-roupas, escolhi uma que sabia que faria Carter se sentir bem. Uma camiseta minha, calças de yoga dela e um par de sapatilhas de tecido. Tentei sorrir

e não deixar derramar as lágrimas que se acumulavam em meus olhos enquanto pegava seus artigos de higiene.

— Ela vai gostar de não ter que usar o sabonete ou shampoo do hospital — murmurei para mim. Estava acostumado a falar sozinho e naquele momento parecia muito reconforte. — Vou levar seu perfume de frutas. Ela diz que se sente refrescada quando o usa. — Continuei. Peguei seu pente e a bolsinha de maquiagens dela. — Talvez ela queira usar algum batom e aquela escovinha de passar nos cílios.

Voltei para a cama, joguei o conteúdo de minhas mãos dentro da mala e a fechei. Peguei a

bolsa e corri para o corredor, não querendo pensar no quarto vazio. Vazio. Ele estava vazio.

Uma coisa boa eu não ter que desmontar um berço... Eu acho que morreria agora se tivesse que fazê-lo.

No momento em que abri a porta, me deparei com Mary Anne. Ela deveria estar no hospital com Josh, minha mãe, Jack, Jeremy... Todos...

— Alexander, você deveria ter tomado banho antes de sair — Mary sussurrou, me empurrando em direção ao meu quarto novamente.

— Eu não posso demorar, tenho que levar

essas coisas para Caterine...

— Você precisa tomar banho e ter um tempo para você. Quando voltar, eu estarei aqui.

Eu estarei aqui...

Aquela frase me desestabilizou de uma forma tão violenta que não pude conter o soluço alto e doloroso.

Eu pude ouvir o soluço dela também.

— Oh, Alex. Meu Deus, querido. — Seu abraço foi arrebatador, doloroso, quente e confortável. Tudo ao mesmo tempo.

— Me diga o que fazer. Me diga o que fazer com essa dor. Com a dor dela. Por favor, me diga o

que fazer, Mary. Eu não sei o que fazer. Dói pensar nisso. E dói não ter ela, dói não ter Caterine, dói precisar dela mesmo quando ela precisa de mim muito mais agora. — Eu conseguia ouvir o desespero em minha própria voz, sentia meu peito cada vez menor, doendo e espremido, meu coração estava pequeno e a bola de angústia em minha garganta mal me permitia respirar.

E assim chorei por um tempo. Mary manteve seus braços em volta de mim até que eu estivesse pronto para ir.

**

Quando saí de um longo banho, minha

cunhada me esperava com um sanduíche e uma xícara de café.

— Eu não estou tomando café. — Congelei com minha declaração automática. Eu não tomava café ou qualquer bebida alcoólica em solidariedade à minha esposa grávida, era algo que eu gostava de fazer mesmo que ela dissesse que era besteira.

Agora eu poderia tomar café. E álcool. Oh, eu queria algum álcool! Algo forte.

Regrei-me em tantas coisas para acompanhar minha esposa e estava feliz em fazer ou não fazer cada uma delas, mas agora eu não precisava mais me controlar em nada.

— Eu não tenho fome.

— Você precisa comer. Você tem uma cruzada pela frente. Uma grande cruzada.

Sim, todos sabíamos.

Eu tinha um grande desafio pela frente.

CAPÍTULO 11

ALEXANDER

Quinze dias se passaram desde que havia levado Caterine para casa. Ela não falou uma única vez. Eu estava ficando louco.

Ela não falava comigo.

Trabalhava no escritório de casa, enquanto ela ficava na cama. Foi dado a ela uma licença da German & Tavola e eu me virava o quanto podia para ficar com ela em casa.

Eu tinha que tirá-la da cama e dar-lhe banho, tinha que levar comida para que se

alimentasse também. Mas eu só percebi que definharia se eu não fizesse tais coisas depois de um dia inteiro em que ela não saiu da cama. Nem para ir ao banheiro. Eu a vi pálida, magra e fedida, jogada em nossa cama, sozinha e perdida.

A peguei na cama e levei até o banheiro. Eu queria que ela falasse, chorasse, gritasse. Qualquer coisa. Mas era como se eu estivesse manipulando uma boneca. Tirei delicadamente suas roupas enquanto ela apenas olhava em algum ponto fixo, sempre longe de mim.

Ao menos me deixava tocá-la.

PERIGOSAS NACIONAIS

Deslizei meus dedos por suas costelas à mostra, percebendo que seu cheiro bom e beleza estavam indo embora, a tristeza estava transformando ela em outra pessoa, completamente diferente e aquilo estava acabando comigo.

Minha esposa era apenas uma casca. Seus olhos perderam o brilho, seus lábios perderam o sorriso e eu a estava perdendo.

— Baby, fale comigo. Eu faço qualquer coisa. — Lembrei de pedir embaixo do chuveiro, implorar para que ela me desse qualquer sinal de que estava ali. Mas, nada. E eu continuava pedindo, dia após dia eu implorava para ela conversar comigo, para ela comer.

PERIGOSAS ACHERON

Fazia dois dias que eu havia feito este pedido da última vez. Não havia desistido, mas eu estava ficando cansado. Muito cansado. Tinha medo de ficar em cima dela e de repente ela acordar e ter um surto, ou de sufocar ela ao ponto de piorar as coisas.

O psiquiatra continuava acompanhando o caso. Receitou comprimidos para dormir e um antidepressivo, e me deu indicações de como agir, como estar lá para ela. Apoiando, fazendo ela saber que estava tudo bem sofrer, mas que eu estaria ao seu lado para seguir em frente. Eu só estava cansado para cacete.

O medicamento para dormir fazia efeito,

mas os antidepressivos ainda estavam em seu processo para ela realmente reagir ao medicamento. Em suma, tudo estava um caos e eu estava pronto para sentar e chorar sem parar. Mas não podia fazer isso, e nem queria. Eu estaria lá para Caterine. Eu prometi que seria a sua janela.

Naquele dia, depois de lhe dar banho, a deixei na janela, sentada em um futton pequeno e realmente confortável que havíamos comprado e deixei seu café da manhã em sua frente sabendo que em breve eu voltaria para fazê-la comer. Meu telefone tocou e, sem tirar os olhos de Caterine, atendi sabendo que era a minha assistente.

— Melissa. — Cumprimentei brevemente.

PERIGOSAS NACIONAIS

No fundo, eu sabia que falei o nome da minha assistente para ver se causava alguma reação em Carter, mas foi inútil, como qualquer outra alternativa.

— *Alex, querem você no caso Reymond Hoffman* — informou, indo direto ao ponto.

— Merda! Quanto tempo tenho para analisar o caso antes da resposta? — perguntei, tirando minha atenção de Caterine e andando de um lado a outro. O caso Hoffman era enorme. A promotoria de NYC estava lutando há meses com a Promotoria de Seattle para ficar com o caso, e finalmente o Promotor tinha escolhido a mim.

PERIGOSAS ACHERON

— *Você vai analisar? Alexander, é um grande caso, isso pode alavancar a sua carreira de uma forma...*

— Ainda não posso, Melissa. — Interrompi, cansado. Melissa suspirou, entendendo o que queria dizer. — Eu não posso simplesmente deixar a minha esposa do jeito que está e focar em um caso como o Hoffman. Caterine vem em primeiro lugar.

Ouvi um suspiro vindo de Melissa do outro lado da linha.

— *Eu sei, me desculpe. Alguma novidade?* — perguntou realmente preocupada. Melissa foi de muita ajuda nas últimas semanas, abraçou meus

processos e me deu cobertura em minhas faltas e eu estava enormemente agradecido, mas não podia conversar com ela sobre Caterine. Não por ser ela, a mulher que era apaixonada por mim, mas porque era algo íntimo demais. Algo meu e de Carter, que devíamos superar juntos e não queria que as pessoas ficassem acompanhando o nosso processo de cura.

— Não. Mande o processo com os *deadlines* para meu e-mail, que analisarei.

— *Tudo bem* — suspirou. — *Alex? Se precisar conversar...*

— Apenas faça o que eu pedi.

— Às vezes é necessário que você esteja com seus pensamentos, digamos, frescos para poder ajudar. Talvez... pegando este caso, você consiga tirar a sua cabeça um pouco do problema, e dar a Caterine algum espaço.

— Do que diabos você está falando? — perguntei, saindo do cômodo, parei no corredor. Não queria que Carter ouvisse a conversa, mas não queria que ela tivesse qualquer pensamento de que eu estava escondendo algo dela.

— Você já parou para pensar que ela queira um tempo para ela. Para que possa se recuperar? Se isso a abalou tanto, talvez seja o momento de você recuar e deixar que ela lamba

suas feridas.

— Não vou abandoná-la, Melissa. — O que ela pensava? *Ela está se aproveitando de uma situação?* Eu não posso...

— *Eu não estou dizendo para abandoná-la, Alexander. Pelo amor de Deus. O que pensa que sou?* — defendeu-se irritada. — *Estou dizendo para você dar apoio a ela sem sufocá-la. Faça a sua vida andar, para que a vida dela entre nos eixos e vocês possam retomar suas vidas juntos. Estou dizendo que um de vocês precisa parar de chafurdar. E se ela ainda não consegue, você precisa tirar a cabeça para fora da sua bunda e ajudá-la da forma que ela precisa...*

— Estou ajudando. — Cerrei meus dentes com raiva. Quem ela pensava que era? Falar comigo daquela forma! Como se me conhecesse ou conhecesse a minha esposa.

— *Eu sei que pensa que sim, Alexander... Mas reflita por um momento, pense no que realmente te ajudaria agora. No que a ajudaria.*

— Eu... não posso.

— *Apenas pense por um minuto. Pense se isso é realmente o melhor... Desculpe se estou ultrapassando uma linha aqui, mas...*

— Você realmente está, e eu gostaria que você mantivesse as coisas entre nós profissional. —

Meu tom foi rude e eu podia sentir meus dedos quase dormentes de tanto apertar meu telefone.

— *Puff... Como quiser, senhor Hartnett.*

— Não use esse tom comigo, Melissa! — gritei, perdendo completamente o controle.

— *Desculpe, Alexander. Mas agora quem está confundindo as coisas entre nós é você. Eu realmente estou querendo ajudar. Sei o meu lugar.* — Fiquei mortificado com suas palavras. — *Talvez você não acredite, mas eu gosto de Caterine e estou apenas querendo ajudar.*

— Eu... Desculpe, Melissa. Apenas me mande e-mail se precisar de algo. Segunda-feira

passo no escritório para assinar o que for necessário. Até lá, irei pensar sobre o caso Hoffman.

— *Como quiser, senhor Hartnett.*

Melissa parecia decepcionada do outro lado da linha, mas eu nada poderia fazer.

Eu só queria ajudar minha esposa. Fazer o que fosse melhor para ela. Mas algo que Melissa disse chamou a minha atenção. Talvez aquela fosse a minha forma de luto, de chafurdar. Talvez eu devesse procurar um médico também.

**

Ao me sentar ao seu lado, respirei fundo e

beijei o seu ombro um pouco gelado ainda pelo banho. Ofereci o prato com algumas torradas com manteiga. Carter piscou, mas não me deu um olhar sequer.

Deus! Doía tanto.

— Baby? — Resolvi tentar novamente. Eu nunca desistiria dela. Nunca. Havia parado de insistir, mas não podia evitar. — Será que você pode falar comigo, só um pouquinho? Não precisamos falar sobre o que aconteceu... Apenas. — Engoli, tentando controlar minhas lágrimas. — Apenas fale comigo. Olhe... Eu tenho um grande caso que estou pensando em aceitar. — Tentei mostrar empolgação em minha voz. — Você

lembra do Reymond Hoffman? Tráfico de influência e mulheres? O Estado me quer no caso... Sabe o que isso significa?

Minha entonação era quase infantil, como se eu estivesse falando como uma criança. Mas a impressão era de que eu estava tentando me comunicar com uma parede.

Carter não respondeu.

— Caterine, fale comigo. Por favor, baby? Eu faço o que quiser. Só, por favor, não morra por inanição. Não me deixe assim. Você está morrendo, definhando e eu não posso perdê-la agora. Por favor, baby.

Nada.

Ela não disse nada.

Então me ajoelhei diante dela e deitei minha cabeça em suas pernas. Chorei, como um menino perdido, eu chorei sem parar. Solucei e pedi:

— Por favor, não me deixe. Por favor. — Eu chorei por vários minutos ali, implorando por alguma reação. E nada. Então, com um suspiro resignado, limpei minhas lágrimas e me levantei enquanto beijava sua testa. Seus olhos não saíram da janela, mas seus lábios se mexeram e finalmente era como se meu coração voltasse a bater.

— Se você vai ficar com caso, poderíamos

comemorar — sussurrou sem me dirigir a sua atenção. Sentei-me rapidamente.

— Oh! Caterine! — Virei seu rosto para mim e sorri. Ela sorriu de forma pequena e vazia, mas era algo. — Baby, eu...

— Por favor, não — sussurrou novamente, olhando dentro dos meus olhos desta vez. Não queria falar sobre a nossa perda, eu podia entender. Queria passar por cima. Eu não sabia se era bom ou não falarmos sobre, mas tinha tanto medo de perdê-la novamente que decidi não insistir.

— Aonde vamos comemorar? Jantar? — Tratei de mudar de assunto. Ela assentiu. — Quer

escolher? — negou rapidamente.

— Você escolhe. Eu... eu vou hum... Eu vou sair para fazer algumas compras e nos encontramos mais tarde?

Compras? O quê?

— Você quer companhia? — Ofereci, tentando não questionar a motivação para ela fazer compras.

— Não, eu gostaria de andar um pouco... Sozinha.

Isso era bom? Ela sair sozinha depois de tanto tempo vivendo em seu próprio mundo? E se ela se perdesse? E se tivesse algum ataque de

pânico.

O medo tomou conta de mim. E deve ter sido óbvio para ela, pois acariciou meu rosto e beijou meus lábios delicadamente.

— Estarei com meu telefone, você pode me ligar quando quiser. Prometo atender. Apenas preciso... respirar.

Ainda me preocupava. Ela tinha saído de um estado de catatonia para sair e fazer compras? O que estava acontecendo? Por outro lado, ela parecia tranquila e disposta a ficar bem e, honestamente, eu não tinha muito o que fazer a não ser dar o que ela queria. Estava morrendo de medo de perdê-la

novamente.

— O-ok... eu acho.

— Eu estarei bem. Me deixe ir — sussurrou, juntando nossas testas.

Eu queria gritar *não*. Mas tinha medo de pressioná-la e ela fugir novamente. Se esconder, morrer novamente.

— Claro, baby. Eu estarei trabalhando.

Ela sorriu sem graça novamente e beijou meus lábios antes de se levantar e ir para nosso quarto, correndo ao passar pelo corredor como se estivesse fugindo de algo.

O quarto do bebê.

Era fácil quando ela estava amortecida. Agora, acordada, ela tinha novos monstros para combater.

Isso iria parar?

Bem, eu certamente não estava convencido daquela súbita reação. Seguir em frente daquela forma? Claro que eu queria que ela reagisse, mas algo dentro de mim sabia que não era a forma certa de recomeçar. Ela simplesmente havia saído de um estado de transe e voltado para a vida, nenhum choro, nenhum grito... Nada. Aquilo não poderia ser bom.

CAPÍTULO 12

ALEXANDER

Ela estava na quinta taça de vinho. Sua comida continuava intocada.

— Baby, você não gostou do seu prato? Disse que estava com vontade de italiano hoje — perguntei com cuidado, com a voz mais suave possível para falar com ela. Era triste, mas eu não sabia como me comportar perto da minha própria esposa. O quão horrível aquilo poderia ser?

Carter havia passado o dia inteiro fora, saiu pela manhã, logo após nossa conversa. Vestiu

jeans, camiseta, tênis e colocou um boné na cabeça, pegou a sua bolsa, seus óculos de sol e se despediu com um sorriso amarelo antes de passar pela porta como se os últimos quinze dias tivessem sido apagados, ou sequer existido. Eu tentei ficar calmo pela primeira hora. Lembrando-me do que Melissa disse e procurei deixá-la sozinha. Eu precisava deixá-la respirar um pouco.

Mas após a primeira hora, resolvi largar meus cabelos já ralos de tanto puxá-los e decidi que estava na hora de saber onde ela estava.

— Carter? — Chamei assim que o toque de chamada foi interrompido.

— Oi. — Ela parecia aérea ao responder, como se não estivesse realmente prestando a atenção em mim.

— Tudo bem?

— Uhum... Estou fazendo compras.

— Ah, sim... Que bom, querida. Você volta que horas? — Senti-me horrível naquele momento, era como se eu estivesse falando com uma criança ou pior, com uma pessoa psicologicamente instável e a percepção daquilo me fez querer chorar novamente.

— Ainda não sei. Tenho que ir.

Então ela desligou.

Mandei mensagens após isso e ela respondeu cada uma delas. Friamente, mas respondeu.

— Eu apenas acho que perdi o apetite — retrucou, com a taça de vinho em sua mão. O tom era monótono e desdenhoso.

Perdeu a vontade apenas de comer, a de beber continua!

Queria gritar com ela, queria perder a minha paciência para tudo aquilo, mas não podia. Ela precisava de ajuda. Precisava de mim.

— O vinho está bom, no entanto — afirmei, levantando minha segunda taça para ela.

— Está! Maravilhoso.

Sorriu, mas não era o mesmo sorriso. Não era o meu sorriso escandaloso e largo.

Seus olhos também não brilhavam.

— Carter, você está tomando remédio, antidepressivos. Ingerir bebida alcoólica não é uma boa ideia quando está em tratamento — falei suavemente, com medo de despertar qualquer sentimento que pudesse se voltar contra nós. Queria que ela conversasse comigo, não que fugisse.

— Acho que eu preciso parar com os comprimidos então. Estão me fazendo mal, de qualquer forma. — Seu tom displicente me fez

fechar os olhos. Eu estava perdendo uma batalha.

— Carter, pode falar comigo, por favor? — Implorei.

— Estou falando, querido. Estou pensando em voltar a Las Vegas em algum momento no ano que vem.

Vegas? Mas que porra!

Estava tudo voltando ao que era no começo.

A Caterine da concha. Aquela que levava tudo na brincadeira, que não se importava com nada, nunca.

— O que você acha? Claro que seria depois do grande caso... Você acha que durará mais do que

um ano para concluir o caso Hoffman?

— Hum?! Eu não sei realmente... Acredito que sim, é um grande caso. Reymond Hoffman é peixe grande, pode levar anos, mas a promotoria parece bem engajada e Seattle trabalhará conosco, ao que tudo indica.

— É realmente um grande caso. Parabéns! — disse sem realmente prestar atenção no que estava saindo da sua boca. Levou a taça de vinho até seus lábios e bebeu o último gole enquanto com a outra mão fazia sinal para o garçom se aproximar.

— Amigo, traga uma garrafa deste vinho, por favor, fica mais fácil do que pedir taça por taça... — pediu ao garçom quando ele chegou à mesa.

— Caterine? — chamei sua atenção, incrédulo com a sua atitude. Sequer parecia ela falando. Minha esposa me olhou com a sobrancelha levantada aguardando o que eu ia dizer, como se estivesse me desafiando. — Uma garrafa?

— Podemos pagar. — Deu de ombros como se a minha preocupação fosse realmente aquela. O dinheiro.

— Bem, podemos pagar, obviamente, mas não é esta a questão, você não acha...

— Desde quando controlamos a bebida um do outro, Alexander? — Perdi o ar, assustado com tamanha agressividade em sua voz. Seus dentes

estavam apertados e seu rosto estava vermelho. Ela estava com raiva? De mim? — Pode cancelar a garrafa e traga a conta por favor — informou ao garçom.

— Caterin...

— Estou indo para casa.

— Espere...

— Eu vou sozinha — avisou categoricamente, se levantando nitidamente alterada pela bebida.

Ela foi.

Simplesmente foi.

Deixe-a respirar.

Pensei comigo. Talvez Melissa tivesse razão. Caterine voltou à vida após duas semanas em um inferno, que apenas ela sabe o que aconteceu, embora eu também tivesse sofrido eu não poderia comparar nossas dores.

Perder um filho dói. Simon era, o que ela acreditava, a sua chance de ter uma vida feliz, uma família. Ele era o resultado da sua equação para a vida perfeita. Fora o fato de que ela talvez nunca mais pudesse ter filhos também, o médico disse que as chances eram praticamente nulas.

Mas e eu?

Eu não contava mais para ela? Ela está com

raiva de mim. Por quê?

Eu não estava feliz com a situação, me sentia frustrado, mas tinha que ser forte e paciente, mais do que eu estava sendo.

Cristo! Parecia que eu tinha vivido cinco dias em apenas um.

Dei o tempo que ela precisava, não a segui, apenas rezei para que ela chegasse ao nosso lar em segurança.

Quando cheguei a casa, ela já estava dormindo. No sofá. Analisei a cena por alguns minutos antes de decidir o que fazer. Carter parecia ter adormecido sem querer, ainda estava em suas roupas e deitada de forma não confortável, o vinho

finalmente tinha feito o seu efeito.

Aproximei-me e acariciei seus cabelos cada dia mais longos, lembrando de quando ela havia dito que gostaria de deixá-lo crescer para parecer mais como uma mãe, tinha até retirado seu piercing no nariz. Eu disse que era besteira e ela concordou comigo, mas falou que se sentia melhor daquela forma, que parecia que ela estava passando por um ritual, crescendo e se tornando mãe.

Ritual que foi interrompido pela perda do bebê.

Olhei para o seu corpo largado no sofá, de qualquer jeito e senti meu peito se apertar. Ela era

tão pequena, parecia tão indefesa.

Enfiei meus braços embaixo do seu corpo muito leve e a puxei para o meu peito. O cheiro de álcool estava muito mais forte, me aproximei do seu rosto e inalei sua respiração profundamente. Aquilo não era vinho.

Você bebeu uísque, Caterine? O que está tentando fazer?

A deitei na cama e tirei seus sapatos e roupas, deixando apenas a calcinha e a cobri. Beijei sua testa e seus lábios uma, duas, três... Várias vezes. E acariciei seus cabelos. A angústia em meu peito apenas aumentava. Eu não sabia o que fazer com aquele sentimento, queria que o tempo voltasse e

nada disso, essa tragédia, tivesse acontecido. Mas aconteceu.

Aconteceu.

Cansado de chorar, respirei fundo sentindo o meu próprio desespero tomar conta, minha cabeça doía. Meu peito começou a acelerar e me senti enclausurado dentro da minha própria casa. Como se as paredes estivessem se fechando em minha volta. Eu precisava sair dali. Não pensei no fato de que minha esposa estava adormecida na cama e sozinha. Eu só precisava sair dali por um tempo. Só precisava sair para não surtar.

Sem pensar em mais nada peguei meu

telefone e disquei o número.

— *Alex?* — Sua voz era preocupada quando atendeu no primeiro toque.

— Eu não sei o que fazer... — disse, deixando escapar um suspiro cansado. — Eu não sei mais o que fazer.

— *Quer conversar? Quer me encontrar em algum lugar?*

— Sim, no bar perto do escritório. É bom para você?

— *Estarei lá.*

Deixei uma nota caso Carter acordasse e me dirigi à porta travando por um momento e

decidindo se realmente seria prudente sair e deixá-la sozinha. Decidi que eu não poderia ficar ali, eu tinha que desabafar.

Quando entrei no bar, fui logo para a mesa em que era esperado. O local estava quase vazio. A não ser por algumas pessoas sentadas em uma mesa próxima à saída e mais alguns caras no bar e a música ao fundo, eu quase poderia testar o eco no local.

— Oi. — Joguei-me na cadeira em sua frente e tentei relaxar, mas saber que Caterine estava em casa, bêbada e desmaiada me deixava incomodado ainda. Eu não deveria tê-la deixado. Não naquele estado.

Não deveria tê-la deixado de jeito algum. *Tenho que voltar para casa*.

Mas o meu desespero para desabafar era mais forte naquele momento.

— Estranho você deixar Carter sozinha. — Chamou o garçom para nos servir.

— Eu precisava conversar... — murmurei, fechando os meus olhos, tamanho era o meu cansaço.

— E por que não chamou Mary Anne?

— Eu precisava de uma perspectiva, diferente... de fora...

— E por isso me chamou? Que outra

perspectiva eu poderia ter dar, Alexander? E de fora? Está de brincadeira?

— Eu não sei, Joshua. Talvez me dizer como você agiria se Mary Anne ignorasse você e a sua própria dor? Eu não sei, porra!

— Ok, isso é sério. O que está acontecendo, irmão?

Levantei minha mão chamando o garçom, eu precisava beber algo antes de começar.

**

Assim que terminei de contar para meu irmão tudo o que estava acontecendo percebi que o brilho brincalhão de Joshua havia sumido de seus

olhos e suas sobrancelhas estavam juntas, franzidas.

— Alexander, eu não tenho a fórmula para consertar algo tão quebrado como Caterine. Realmente não posso imaginar a dor que vocês estão sentindo, irmão. — Eu podia ouvir a compaixão em sua voz. — Mas eu posso dizer o que eu tentaria fazer se fosse com Mary. — Olhei para ele em expectativa. — Ame-a. Apenas dê todo o seu amor para a sua garota, lute até ela ficar curada, irmão. Lute depois disso também. Porque não há outro caminho a não ser estar com quem amamos quando nos apaixonamos da forma como você se apaixonou por Caterine, cara.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não sei, Josh...

— Eu sei que você pode fazer isso, Alexander. Se tem alguém que tem o dom de amar, esse alguém é você. Não desista. Aquela mulher ama você. Ela ama! Mas ela está sofrendo e o amor está adormecido, irmão. Dê tempo a ela. Não desista.

Desistir não estava em meus planos de forma alguma. Aquela mulher me tinha por completo e eu não a deixaria. Josh também não estava errado. Ela precisava do meu amor. Todo ele. Eu continuaria dando, e cuidando dela, porém, eu continuava preocupado. Muito. Demais. Tinha necessidades que eu temia não poder suprir.

— Obrigado, Josh — disse após a nossa última bebida e me levantei pronto para voltar para casa. Meu irmão levantou e me puxou para um abraço apertado.

— Eu poderia dizer que minha referência de homem é o papai, mas não é, Alex. É você. Sempre foi você.

Não respondi à sua declaração, se eu fizesse, voltaria a chorar. Apenas assenti enquanto abraçava meu irmão com mais força, tentando pegar a sua energia positiva para mim.

Ao chegar a casa, me despi e fui tomar um longo banho. Quando saí do banheiro, olhei para a

minha esposa por um longo tempo, caminhei vagarosamente e sentei ao seu lado na cama e apenas a observei.

Decidi que cuidaria dela e daria tudo o que quisesse desde que ela ficasse bem. Desde que pudesse ser feliz. Mas logo descobri que eu estava certo.

Nem todas as necessidades de Caterine eu poderia suprir.

Especialmente as psicológicas.

CAPÍTULO 13

ALEXANDER

Com o passar do tempo, as coisas foram mudando.

Para pior.

Caterine tinha voltado à sua atitude displicente, não voltou ao escritório e alguns dias depois, conversando com seu chefe, para tentar pedir mais algum tempo para ela, descobri que minha esposa já havia pedido demissão do trabalho. Foi como uma facada em meu peito, ela não tinha uma palavra para me dizer sobre o seu dia, mas

aparentemente estava resolvendo a sua vida sem mim.

Era um direito dela, é claro.

Mas não deixava de machucar o fato de que ela estava me excluindo de suas decisões, eu já não era mais o seu confidente. Eu sequer tinha a minha presença reconhecida por ela por mais que dez minutos por dia. Ela estava ocupada demais para mim. Saindo sem dizer aonde ia e me matando de preocupação. Ocupada dormindo o dia inteiro.

Ocupada bebendo e se drogando.

Caterine não só bebia muito como

misturava seus remédios para dormir com o álcool. Eu pedia, implorava, conversava, brigava e nada adiantava. Tentava levar para consultas ao psiquiatra.

Tudo surtia efeito contrário. Ela se recusava a ir às sessões de terapia, ficava agressiva quando eu cobrava, jogava na minha cara o quanto eu estava sendo abusivo por não respeitá-la.

E eu?

Eu estava petrificado de medo.

Passamos por várias fases: Ela negou, debochou, desmereceu, ignorou, brigou e por fim matou.

Matou meu coração.

Eu estava cansado de chegar em casa e encontrá-la desmaiada, fedendo a bebida. Ela estava ficando doente de uma forma que se eu não agisse se tornaria crônico. Minha esposa estava se tornando uma alcoólatra diante dos meus olhos.

Durante os últimos dois meses, eu procurei conciliar o trabalho com o meu casamento praticamente falido. Havia aceitado o caso Hoffman, pois pensei que Carter melhoraria depois que saiu do seu estado dormente, mas então tudo foi pior e eu não poderia voltar atrás. Melissa me dava cobertura e, se eu fosse honesto, ela estava realmente sendo o meu alento em dias realmente

difíceis.

Era bom ter uma amiga já que Mary Anne estava se mantendo longe depois de uma grande briga que teve com Carter ao tentar ajudar, ela tentou fazer com que Caterine procurasse ajuda, mas minha esposa mandou ela se meter com a sua própria vida. Foi realmente horrível e o pior de tudo foi ter que ficar entre minha mulher e minha melhor amiga quando ambas me fizeram escolher.

Mary queria que eu tomasse uma atitude, chamasse a família de Caterine, já que não estava conseguindo resolver. Caterine insistia que não havia nada a ser resolvido e que Mary não devia se meter em nossas vidas. Mary estava certa, eu

precisava que ao menos Jack soubesse o que estava acontecendo. Mas minha esposa não teve seu pai escolhendo ela para passar a porra de uma noite de Natal, por que escolheria quando ela estava naquela situação?

Não, eu era a família de Carter. Eu a ajudaria. Mas as palavras que ouvi de Mary Anne, embora verdadeiras, me machucaram demais:

O que diabos você está fazendo por ela?

Minha mãe não foi tão agressiva como Mary, mas ela basicamente dizia o mesmo. Mas eu não podia amarrar ela e levar ao psiquiatra, não podia interná-la contra a sua vontade. E, para ser

honesto, parte minha pensava que eu estava cuidando dela. Mary e mamãe estavam certas.

Eu estava com medo. Aterrorizado.

Mas a gota d'água aconteceu.

Foi uma noite em que cheguei a casa depois de um dia cansativo com Melissa e eu correndo para levantar provas para o caso Hoffman. Eu havia ligado para Caterine e deixado um recado na caixa de mensagem avisando que me atrasaria, avisei que havia jantar pronto mesmo sabendo que ela não comeria. Ela beberia, e se não houvesse bebida em casa, ela buscaria em algum lugar. Em dois meses a minha esposa se transformou em alguém que eu

não conhecia.

E no momento em que entrei em nossa casa naquela noite e me deparei com ela desmaiada em uma poça de sangue e vômito, eu soube que se não fizesse algo, eu provavelmente não teria a chance de trazer a minha Carter de volta.

É difícil dizer o que senti naquele momento. Foi como se eu estivesse no fundo de uma piscina, submerso. Onde ninguém me escutava, meus movimentos eram lentos e meu corpo estava pesado. Tudo o que eu fazia não parecia rápido o suficiente.

Eu não fui o suficiente.

— Caterine! — gritei desesperado e corri para ela. Coincidência ou não, ela estava deitada no chão em frente ao quarto vazio. Virei-a e examinei seus sinais vitais já cego pelas lágrimas aflitas que queimavam meus olhos. — O que você fez, baby? O que você fez?

Felizmente ela respirava. O sangue no vômito era de um corte em sua boca e seu olho esquerdo estava vermelho e inchado.

Liguei para 911 e pedi por socorro que em dois minutos estava em nossa casa removendo minha mulher para o hospital.

Os médicos se moviam rapidamente, eu

tinha certeza, mas tudo ainda parecia estar em câmera lenta. Parecia um grande pesadelo onde você não tem forças nem para gritar. Eles fizeram todos os procedimentos necessários, me fizeram perguntas que eu não sei se consegui responder corretamente.

Não liguei para ninguém. Não consegui. Apenas fiquei aguardando qualquer notícia sobre Caterine uma vez que não me deixaram entrar com ela. Foram as horas mais agonizantes de toda a minha vida. Andando de um lado para o outro, eu puxava meus cabelos com força, queria sentir dor para esquecer, para passar o tempo, para fazer tudo ir embora.

Quando os médicos finalmente apareceram para me dar notícias, eu queria chorar de alívio e raiva.

— Senhor Hartnett, a sua esposa está fora de perigo. — Meus joelhos cederam e fui obrigado a me sentar assim que ouvi as palavras do médico. — O que ela teve foi uma overdose de medicamentos potencializado pelo álcool. Por sorte, sua esposa vomitou a maior parte do que ingeriu. Nós fizemos uma lavagem gástrica e suturamos um corte em sua boca.

— Eu posso vê-la agora? — questionei ainda tentando absorver as palavras do médico.

— Ela está sedada no momento, mas sim, o senhor pode ficar com ela.

Assenti e me deixei ser guiado para o quarto em que Caterine estava. Ao entrar e vê-la naquela cama, ligada a aparelhos e a intravenosas, pálida e indefesa, quis que o tempo voltasse, que existisse algum universo alternativo onde voltássemos ao momento em que nos casamos, no exato momento em que estávamos extremamente felizes e que nada poderia mudar aquilo.

— Carter? — Chamei, sentando ao seu lado e pegando a sua mão delicadamente. — Baby, vai ficar tudo bem. Eu vou cuidar de você. Prometo. — Funguei deixando as lágrimas caírem, me abaixei

até que minha cabeça encostasse na cama e continuei falando, pedindo, implorando. Meu estômago doía, minha garganta parecia fechada e era como se meu coração não batesse mais. — Por favor, não faça mais isso comigo, me deixa te ajudar, me deixa ser a sua janela. Por favor, baby! Por favor, não faça mais isso.

Entrei em contato com o psiquiatra que cuidava do seu caso e pedi ajuda a ele. Ele me explicou todo o quadro de depressão de Caterine. A depressão de Caterine não era inédita com a perda do bebê, acontece que minha esposa tinha depressão há muito tempo, e nem ela sabia. Seus abandonos somados ao relacionamento abusivo

fizeram com que ela vivesse constantemente lutando para não se afogar.

— Mas ela estava feliz — justifiquei sem entender o que o médico dizia.

— Pessoas aparentemente felizes, sorridentes, animadas, também têm depressão, Alexander, e podem passar a vida inteira assim, lutando sem nem perceber que estão doentes. Com a perda do bebê a situação se agravou muito e pendeu para o alcoolismo.

Fechei meus olhos sentindo o impacto das palavras dele. Sentindo-me um inútil por não ter percebido e nem ter salvo o amor da minha vida de

toda aquela dor.

— E o que o senhor sugere que façamos agora? — perguntei cansado demais, sentia o peso do mundo em meus ombros. Meu corpo estava dolorido de tanta tensão, o cansaço físico e mental estava levando o seu melhor contra mim.

— Dentro deste cenário, acredito que reabilitação é o mais adequado.

— Internação? — Era dispensável o questionamento, do jeito que Caterine estava, é claro que precisava ser internada. Mas parte de mim ainda estava resistente a ideia. Internar minha esposa parecia um atestado para comprovar o meu

fracasso como marido.

— Veja bem, senhor Hartnett, sua esposa pode não ter deixado uma nota de suicídio, ela pode não ter nem percebido o que estava fazendo, mas há sim uma chance de que, mesmo inconscientemente, ela tenha tentado tirar a própria vida.

Era tudo o que eu não queria ouvir.

**

Quando Caterine acordou, quase vinte e quatro horas havia passado. Eu continuava com a sua mão entre as minhas, sentado ao seu lado e tentando descobrir o que fazer sobre tudo.

— Hey. — Cumprimentou com a voz desprovida de qualquer energia.

— Como se sente? — Engoli a raiva, toda a revolta que estava sentindo e não conseguia evitar. Eu precisava ficar calmo, jogar todos os meus medos e a minha ira por quase ter perdido o amor da minha vida. Mas ela não era boba, e me conhecia melhor do que eu a conhecia, aparentemente.

— Não finja que não está com raiva de mim, Alexander. Eu posso ver que está segurando — disse, puxando sua mão das minhas. Suas palavras eram como facas em meu peito. A voz fria e o olhar vazio eram a prova concreta de que minha

PERIGOSAS NACIONAIS

Caterine havia ido embora. Ali, na minha frente, era apenas a casca da mulher que eu amava tanto.

— Eu não vou fingir — respondi contido e magoado por ela ter acordado com aquela atitude de merda para mim, era a doença, eu sabia. Mas não magoava menos. — Estou preocupado com você e acho que está na hora de você começar a levar isso em consideração antes de agir como está agindo.

— Não estou agindo...

— Pelo amor de Deus! Cresça, Caterine! Pare de fugir! — não gritei, mas minha voz ficou alterada. Eu estava cansado. Tão cansado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não fale assim comigo! — gritou, se defendendo e inflamando a revolta que eu tinha dentro de mim.

Apertei meus dentes com força até que estava ouvindo meus ossos estalarem. Me odiava por estar com raiva, mas não conseguia evitar. A revolta era crescente dentro de mim.

— Então não faça isso comigo! — revidei. — Tire a porra da sua cabeça da sua bunda e pense em mim, pare de ser egoísta e olhe em volta. Eu. Estou. Aqui. Caterine. Seu marido está aqui.

— Eu... — Suas lágrimas começaram a cair. — Eu...

PERIGOSAS ACHERON

Matava-me vê-la naquele estado, seus olhos perdidos, seus lábios trêmulos e sem vida, a magreza e fragilidade do seu corpo corroborando com o seu estado psicológico frágil.

— Você está sofrendo, eu sei, e depois de tudo o que passou entendo que seu sofrimento seja maior ainda, mas a vida continua. Podemos tentar ter outro bebê...

— Não... — sussurrou nervosa, contorcendo-se na cama. — Pare.

— Nós precisamos conversar sobre isso, precisamos falar sobre a perda do nosso filho, sobre o que desencadeou todo o seu sofrimento, o nosso

sofrimento...

— Pare, Alexander. — Suas lágrimas caíam sem parar, seu rosto era contorcido em dor. Eu podia ver suas mãos trêmulas enquanto ela esfregava seu rosto.

— Nós vamos superar. — Tentei pegar a sua mão, mas ela se encolheu e me olhou com olhos selvagens. Cheios de... ódio?

— Superar? — esbravejou. — Superar?

— Caterine...

— Saia daqui! — Berrou apontando para a porta, de repente a enfermeira estava abrindo a porta. — Eu odeio você!

Fiz o que ela mandou. Eu sempre fazia, afinal de contas. Saí do quarto e deixei a enfermeira cuidando dela.

Eu odeio você!

Caterine não estava apenas tentando morrer, ela estava matando o nosso amor também. E me levando à morte, lentamente. A cada instante que passava ao lado dela, um pedaço meu morria também.

**

Usei o tempo fora para finalmente ligar para a minha família. Liguei para a sua também. Falei com o seu pai e expliquei toda a situação. Jack quis

me criticar por não ter entrado em contado com ele logo no começo, eu escutei tudo calado e engolindo. Quando ele terminou, dei o nome do hospital em que Caterine estava internada e desliguei.

Eu sabia que o médico entraria para conversar com ela e no lugar de fazer meu papel de marido, eu fiz mais uma vez o papel de covarde. Fiquei na sala de espera enquanto eles conversavam. Era tarde quando entrei para vê-la novamente.

Caterine tinha os olhos muito inchados e seu nariz pequeno e perfeito estava vermelho. Ela mal pôde se controlar na minha frente quando me

viu.

— Você conversou com o médico — afirmei sabendo que o psiquiatra havia finalmente colocado a solução para o seu problema.

— Não aceitarei internação. Não sou uma viciada. — Seu tom era categórico, como era de se esperar.

— Tudo bem. — Respirei fundo tentando novamente me aproximar. — Então vamos passar por isso. Vamos ser *nós* novamente. Viver nossa vida, seguir em frente — propus, tentando disfarçar o meu desespero. Como eu queria que ela concordasse e fôssemos embora daquele lugar,

voltar a nossa vida de onde paramos e parar de sentir aquela dor lancinante no peito.

— Eu não posso fazer isso também. E não posso prender você nisso... — o tom sussurrado em sua voz me fez tremer. O que ela estava tentando me dizer?

— D-do que está falando? — Senti minhas mãos frias e meu coração disparar

— Você está certo, eu estava sendo egoísta, não pensei em você. — Engoliu e olhou para seus dedos tentando se concentrar no que estava dizendo. — Não posso continuar arrastando você para essa situação.

PERIGOSAS NACIONAIS

Aproximei-me trêmulo. Senti os nós em meu estômago se apertarem e minha garganta fechar. Um zunido em meus ouvidos começou a me deixar atordoado e meus olhos turvos me deixaram desnorteado rapidamente.

— Não pode estar falando sério. — Consegui soltar, por fim.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 14

CATERINE

Quando eu soube que havia perdido o meu bebê, foi como se tivesse em uma queda sem fim. Minha mente foi para um lugar estranho onde eu ouvia os sons abafados e enxergava tudo embaçado. Eu não sentia nada. Não conseguia e nem queria sentir nada. A dormência era melhor. Afastava a dor, afastava a raiva.

Afastava a revolta.

Consegui não sentir o toque, bloqueei o frio, a fome, até mesmo as dores físicas. Sabia que

estava sendo alimentada, meu marido me dava banho e andava comigo em seus braços como se eu fosse uma criança e me levava até a janela, lá ele me dava comida, sempre preparava os meus pratos favoritos, tentava conversar comigo sobre qualquer coisa e depois implorava para que eu falasse com ele.

Em algum lugar na minha mente, eu acho que pedia perdão a ele. Por não poder encará-lo, não conseguir forças para voltar, por ter deixado o nosso bebezinho ir embora.

A culpa era minha.

Tirei uma criança quando não a quis. Agora

estava sendo castigada. Mas então a bolha estourou, não sei o motivo, mas de repente eu estava ouvindo, sentindo e Deus! Como doía. Como machucava ver meu marido daquele jeito, sofrendo, implorando para que eu falasse com ele, abrindo mão da sua vida por mim, deixando de trabalhar e negando oportunidades para ficar em casa comigo.

Então eu saí do meu estado de inércia. Por um momento até pensei que conseguiria me recuperar e seguir em frente, o momento não durou nem uma hora. Eu andei por horas pelas ruas tentando encontrar uma saída para a minha dor e só encontrei quando me senti realmente entorpecida pelo álcool. Algumas pessoas poderiam até achar

covardia e eu sabia que tinha uma tendência a fugir dos problemas, protelar a dor que poderia causar nos outros ou ser causada a mim, fiz isso por muito tempo, me ceguei quando estava em um relacionamento abusivo, depois me fechei para o mundo e para todos vivendo da forma como eu vivia até conhecer Alexander.

Mas desta vez... desta vez, ser espirituosa e bancar a maluca desleixada não ia funcionar para esquecer tudo. Apagar a dor que eu sentia.

Então, o álcool.

Não foi exatamente premeditado. Eu não planejei acordar do torpor que sentia e pegar uma

garrafa de uísque e começar a beber sabendo que eu esqueceria de tudo. Acho que nem foi consciente, eu sentia dor, queria aplacar ela e bebi tentando relaxar.

Uma taça...

Duas taças...

Cinco taças...

Mas então eu cheguei a casa e não tinha vinho, eu ainda queria relaxar, então bebi uísque.

No outro dia eu esqueci que tinha tomado remédios e voltei a beber uísque. Quando percebi, em pouco tempo minhas mãos se moviam sozinhas para separar os remédios e o copo com gelo e o

líquido âmbar para ingerir. Quando percebi, minha boca se mexia sozinha para ironizar a preocupação do meu marido, ofendê-lo e ignorá-lo.

Quando percebi, Alexander não me tocava mais, seus olhos, outrora cheios de ternura e amor, me olhavam com desespero. Eu estava matando o homem que amava, que me amava. E mesmo sabendo que eu estava fazendo isso, não conseguia parar, não conseguia evitar.

Quando tive a overdose, não a planejei. Não planejei tomar os remédios e tomar uma garrafa inteira de uísque. Eu apenas fiz, nem sequer cheguei a ingerir todo o frasco de remédios. Eu apenas os tomei e bebi muito, em seguida não

consegui chegar a tempo no sofá para me deitar e não lembro de mais nada.

Mas eu lembro de uma coisa:

A imagem do rosto sorridente de Michael assombrando minha mente. Em seus braços ele carregava dois pequeninos pacotes, um rosa e um azul. No sonho eu era feliz e corria ao seu encontro para abraçar meus lindos bebês, de repente, Michael era Alex, os bebês nos braços do meu marido estavam mortos.

Era absolutamente aterrorizante.

Eu sabia que aquilo era para me torturar, meus fodidos cérebro e alma estavam cuspindo na

minha cara as consequências das minhas escolhas. Me fazendo pagar. Eu fui às vias de fato. Cheguei em meu ponto sem retorno.

Sucumbi à dor.

Quando acordei no hospital e vi Alexander completamente acabado ao meu lado, eu sabia que não poderíamos mais ficar juntos. Eu não estava sozinha no fundo do poço, arrastei a pessoa mais linda e altruísta que já tinha conhecido. Fiz dele um homem doente. Nos meus poucos momentos de lucidez eu via que sua obsessão por organização e limpeza estava muito mais potencializada, as olheiras embaixo dos seus belos olhos risonhos e rabugentos ao mesmo tempo estavam tirando a

beleza do meu querido e amado marido.

Eu não podia deixar ele afundar nesta lama sem fim e chafurdar comigo. Não mais.

Alexander não merecia meus problemas.

E ele estava certo quando pediu para que eu tirasse a cabeça da minha bunda. Que visse que ele estava por perto, que ele ainda estava ali para mim, mas era tarde demais. Eu não poderia ficar com uma pessoa tão pura e boa quanto Alex sem acabar completamente com a sua vida. Não podia olhar em seus olhos e não lembrar do filho que havíamos perdido.

Então eu pedi o divórcio.

De alguma forma a dormência quis voltar para dentro de mim quando ele tão facilmente disse que daria a mim se atendesse à sua condição: Ir para uma clínica de reabilitação por três meses. Era o tempo mínimo de desintoxicação e tratamento intensivo, mas, claro, eu faria terapia por um longo tempo após isso ainda.

— Não pode estar falando sério — disse quando percebeu do que eu falava.

— Eu não posso mais fazer isso, Alexander. — O gosto em minha boca era amargo e quando engoli parecia que o ar ficaria todo trancado em minha garganta e não ia para os pulmões. Parte de mim gritava: O que está fazendo, Caterine? Ficou

louca?

Sim, provavelmente eu tinha ficado louca, mas, na minha loucura, eu estava salvando o homem que amava.

— Não posso acreditar no que você está dizendo isso... — Ele me olhava tão decepcionado, sua voz tremia e ele mal conseguia proferir as palavras.

— Eu quero o divórcio. — Doeu tanto dizer que tive que fechar meus olhos. Parecia que alguém estava arrancando meu coração do peito. Amava aquele homem e sabia que mais uma parte de mim estava morrendo naquele momento, porém, não

conseguia mais. Não podia continuar fazendo ele viver daquela forma.

— Não. — Foi categórico. Sua voz era dura. Seu rosto era pálido e seus olhos carregavam uma dor que eu sequer poderia aguentar olhar. Eu estava infligindo aquela dor nele, quando Alexander nunca mereceu.

— Você sempre respeitou minhas decisões e meus pedidos, Alexander. Eu estou pedindo, agora, por favor... — sussurrei quase como se rezasse para que ele não escutasse as minhas palavras. Quanto mais eu o machucaria?

— Eu... eu sou a sua janela, Caterine. — A

rouquidão em sua voz me fez querer morrer. Seu semblante era de um menino desamparado, com medo.

Deus, uma facada em meu peito teria doído menos.

— Então por favor, me deixe pular dela. Eu preciso pular da janela, Alexander. — Implorei a ele. As lágrimas caíram copiosamente enquanto ele me olhava, cético. Provavelmente tentando encontrar a mulher com quem ele casou, mas aquela Caterine não estava mais ali. — Por favor? — pedi novamente, a voz falhando em meio ao pedido.

— Tudo bem, Caterine, se é isso que você quer, mas eu tenho uma condição. — De repente seu peito estava estufado, os olhos duros e a voz completamente recomposta. — Você vai para a reabilitação e na sua alta receberá os papéis do divórcio.

— Você só pode estar de brincadeira comigo. Não! — praticamente gritei com ele.

— É isso ou ficar presa em um casamento que você não quer mais, com um homem que você *ama*, mas não quer.

Estou matando ele. Estou matando meu marido.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu vou chamar o psiquiatra responsável por uma clínica aqui mesmo em Nova Iorque e ele vai conversar com você, seu nome é Steve Boomer, ele pode explicar melhor o que está acontecendo. — Eu não pude responder a nada. Não consegui. De repente uma ponta de arrependimento queimou dentro de mim ao perceber que Alexander, meu doce Alexander estava sendo tão frio e prático comigo.

Mas, afinal, o que eu queria?

Que ele ficasse aos meus pés ou que seguisse sua vida tentando ser feliz? Eu tinha que pensar nele. Por isso aceitei conversar com o doutor Steve.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu vou apenas falar com ele, Alexander.

— Como quiser, Caterine — disse virando de costas para mim e caminhando para longe. Um longo e cansado suspiro saiu dele antes que abrisse a porta e partisse.

Essa foi a última imagem que tive dele.

Assim como pedi, Alexander se manteve longe.

**

Acabei aceitando a proposta do médico. De alguma forma, eles sempre sabem o que dizer para nos convencer.

**

PERIGOSAS ACHERON

Eu fui internada no dia seguinte em uma clínica que parecia difícil acreditar que ficava no meio de Nova Iorque. Era calma, clara, limpa e transmitia paz. Meu quarto era grande o suficiente para uma cama de solteiro simples, um armário e uma estante de livros que partiu meu coração ao perceber que Alexander havia enviado meus volumes preferidos para que eu pudesse me distrair. Ele estava pagando as contas da clínica também.

A primeira semana foi a pior, sempre é.

Estive doente, chorando e querendo morrer cada minuto do dia. Todos eram muito pacientes comigo. O que me deixava ainda com mais raiva. Alexander não apareceu, mas eu o conhecia, sabia

que ele estava fazendo a minha vontade, mas provavelmente ligava todos os dias para saber sobre o meu estado.

Eu me sentia tão sozinha. Era doloroso e sufocante estar sozinha. O silêncio me matava. Me deixava com raiva e cansada ao mesmo tempo. Minha mente sequer me ajudava, sentia que ia enlouquecer.

Era engraçado, eu pedi para ser deixada em paz, pedi para ele me deixar saltar pela janela e ir embora, e então, estava me sentindo sozinha.

Foi escolha sua, Caterine. Eu repetia para mim como um mantra, como se a justificativa fosse

aplacar a dor da solidão.

Então eu lia. Pegava algum livro na coleção que Alex enviara para mim e me afundava nas histórias. Forçava-me a pensar em outra coisa.

Qualquer outra coisa.

Um mês depois, eu me sentia melhor, sorri duas vezes de forma verdadeira. Mas então meu coração se apertou quando recebi um buquê de margaridas com um cartão de Alex dizendo que estava orgulhoso e esperava que eu estivesse bem.

As margaridas vieram no lugar de alfaces e cenouras e aquilo me rasgou tão dolorosamente quanto a perda de Simon, de uma forma que eu não

pensei ser possível. Ele estava mantendo a distância, eu já não passava de uma pessoa qualquer que ele desejava melhoras. Por isso margaridas.

Não alfaces e cenouras, como foi quando ele tentou me reconquistar, quando ele disse que queria ser a minha janela.

Como foi em nosso casamento.

Novamente eu disse a mim: *Foi escolha sua, Caterine.*

Meu pai me visitou todos os finais de semana. Ele sentava comigo aos sábados, falava de futebol e as coisas em Jérsei e Isla, mas nunca

tocava no nome de Alexander, eu agradecia internamente por isso. Bastava o que eu tinha que ouvir de Mary Anne sempre que ela me visitava.

Mary me amava como uma irmã. Mesmo com a nossa briga, ela não me abandonou e ficou orgulhosa pela minha escolha. Queria me ver bem, curada e feliz.

Contudo, para ela, a felicidade era me ver casada com Alexander. Se eu fosse sincera comigo, agora, no segundo mês de reabilitação, eu também via que minha felicidade estava nas mãos daquele homem. Mas eu tinha que pensar na sua, em primeiro lugar. Mary não concordava comigo, obviamente, mas não dizia com todas as palavras,

no lugar, ela contava pequenas histórias onde ele era mencionado apenas para ver a minha reação.

Ou me torturar.

— Então ele pegou e disse: Baby, posso usar seu lápis para anotar esse telefone? — Ela riu antes de continuar. — Eu disse: Que lápis, Josh? E ele: Esse que tem uma borracha em cima, é apenas para anotar um número. — Ela gargalhou. — Carter, ele estava com o meu lápis de olho com o esfumador na ponta, e pensou que era uma borracha. — Eu ri junto com ela. — Quero dizer, Joshua é tão... ugh, sem noção às vezes. Fora as bagunças que ele faz com ou sem Josie por perto. Ele é tão desorganizado que me deixa louca. Ao

contrário de Alexander, como dois irmãos podem ser tão diferentes?

Olhei para ela por um momento e então desviei para a janela.

Definitivamente era para me torturar.

— Pare de tentar introduzi-lo em todas as nossas conversas, Mary. Isso faz mal e não bem — pedi.

— Você nunca pediu que ele viesse. Ele liga toda a semana para o seu pai para ter notícias suas, depois ele liga para mim para ver se as informações batem. Carter, ele está sofrendo.

— Eu... — Meus ombros caíram. —

Alexander deve seguir em frente, sem mim. É melhor assim. Acredite.

— Pelo amor de Deus, Caterine! Deixe de tanta merda!

Mas eu não podia deixar. Não podia mais fazer com que ele sofresse. E se eu tivesse uma recaída? E se nunca ficasse bem?

Alexander merecia o melhor.

Eu não era o melhor.

Quando me permiti ter esperança novamente, a vida deu um tapa na minha cara. Eu não queria mais nenhum tapa, e não queria que Alex apanhasse mais também. Mas ninguém

parecia estar feliz, ou ao menos respeitando minha decisão.

Ninguém. Com exceção de Alexander.

Eu deveria estar satisfeita com isso, com o fato de ele respeitar o que eu queria, mas o nó do meu peito se apertava um pouco mais cada vez que eu pensava no quão bem ele aceitou tudo.

CAPÍTULO 15

ALEXANDER

— Melissa, ligue para Debbie Stewart e peça para ela me enviar todos os relatórios de condicional do caso Moore, por favor. E não esqueça de marcar o nosso voo para Seattle para a reunião sobre o caso Hoffman.

— Perfeitamente — respondeu pegando o telefone imediatamente e atendendo ao meu pedido. Entrei em minha sala e caminhei até a grande janela parando lá e olhando para o tráfego na rua.

O que ela estaria fazendo a esta hora?

O prazo para o nosso divórcio estava se esgotando, eu não poderia protelar mais, ela fez a parte dela, se internou para três meses de reabilitação. E estava indo bem, segundo seu pai e a minha família que a visitavam, ela estava indo muito bem.

Com um suspiro resignado me virei e sentei em frente ao meu computador. Abri meu e-mail e procurei pelo documento que Carlo Lewis havia me enviado. Senti meu estômago embrulhar quando abri as páginas e pus para imprimir os papéis do meu divórcio. Eu me sentia doente só de pensar que iria assinar aqueles documentos em breve, meus olhos se encheram de lágrimas e foi preciso respirar

fundo para me concentrar no trabalho novamente.

Você está dando a ela o que ela quer. Respeitando a sua vontade. É o melhor.

Melissa rompeu para dentro de minha sala neste momento me fazendo passar as mãos nervosamente em meu rosto tentando disfarçar meu sofrimento.

— Alex, Debbie disse que... Está tudo bem? — perguntou preocupada quando percebeu o que estava acontecendo.

— Está. — Funguei ao responder. Era exatamente a mesma resposta que eu dava todas as vezes que ela me perguntava. Ela sabia de tudo o

que estava acontecendo. Acabei contando a ela logo que Caterine se internou. Eu estava transtornado e acabei brigando com ela por causa de uma documentação importante sobre o caso de Reymond Hoffman, nós discutimos e acabei despejando todo o problema nela, mas depois daquele dia, eu apenas me limitava a dizer que tudo estava bem. Mas eu não estava chorando nas outras vezes.

— Alexander... — Ela se aproximou e ajoelhou na minha frente apoiando seus braços em meus joelhos, foi um ato rápido e pela preocupação em seus olhos eu podia ver que não foi premeditado, mas quando percebeu o que estava

fazendo, parecia determinada e aquilo me assustou.

— Melissa, acho melhor se afastar, eu não quero...

— Apenas me ouça, por favor? — Sua mão era quente, macia e pequena ao acariciar meu rosto. — Eu sou apaixonada por você Alex, eu amo você de verdade.

— Mel... — Tentei fazer com que ela parasse e tirei sua mão do meu rosto, mas ela insistiu e voltou sua pequena mão no lugar onde estava.

— Você tira o meu fôlego. É o homem dos meus sonhos, Alexander.

Abri minha boca para falar, mas ela me interrompeu.

— E você é o homem dos sonhos de Caterine também. Infelizmente para mim. — Seus olhos brilharam em lágrimas e seus dedos acariciaram um pouco mais o meu rosto, fechei os olhos lembrando de quando minha esposa fazia aquilo, era tão bom. Seu toque era bem-vindo. Diferente do de Melissa. — Eu posso ser uma mulher apaixonada, mas não sou iludida ou cega, sei que nada vai acontecer entre nós, você é um homem leal. Eu também não me sujeitaria a ser a outra. Agora, eu sei que você precisa de um amigo, de alguém de fora. Alguém que não esteja

comprometido com a situação. — Fungou e caminhou para o outro lado da mesa, mais distante ainda de mim. Suspirei aliviado, mas não conseguia relaxar.

— E você não está? — perguntei bufando e rindo ao mesmo tempo. Era irônico. No mínimo.

— Não mais. Eu finalmente pude dizer como me sinto. — Sorriu tristemente. — É libertador, para ser honesta. Escute, eu posso ser sua amiga, se você precisar, estarei aqui.

— Não quero ferir você.

— Alexander, eu amo tanto você que o que me fere é ver você infeliz. Eu não quero vê-lo desta

forma. — Ela voltou a se aproximar e esticou sua mão para que eu pegasse — Venha, é final de expediente. Vamos beber alguma coisa. — Piscou brincalhona. — Você desabafa sobre a sua esposa e eu sobre um cara aí que é impossível para mim.

— Um cara é? — perguntei, pegando a sua mão.

— Sim. — Revirou os olhos. — Seu nome é John Doe.

Naquela noite eu voltei para casa bêbado. Melissa acabou sendo muito útil por me escutar. Falei sobre Caterine e ela não pareceu se importar. Apenas me ouviu. Mas no final, ao chegar a casa,

eu apenas me sentia sozinho. Mesmo bêbado não consegui esquecer o quão sozinho e com saudades da minha esposa eu estava.

Precisava de notícias dela, então peguei meu telefone e liguei para Jack, precisava saber como Carter estava, mas para a minha *alegria*, Amanda atendeu.

— *Você não tem vergonha de ficar rastejando por ela mesmo quando estão se divorciando? Tenha um pouco mais de amor próprio* — disse ela. Seu veneno estava sempre pronto para ser destilado. Geralmente eu ignorava a maldade de Amanda, mas eu estava sofrendo ainda mais naquela noite e alcoolizado então, eu devolvi

um pouco do seu veneno para poder provar.

— Estou me divorciando dela, Amanda, mas isso não significa que não vou amá-la pelo resto da minha vida. Caterine sempre terá o meu coração e você continuará a odiando porque você é amarga e venenosa e essa é diferença entre você e a mulher da minha vida. Caterine sempre terá o amor de um homem que ela não quer. E você não terá o amor de um homem sequer. Passar mal, Amanda. Eu ligo quando alguém que não seja uma cadela fria possa atender. — Desliguei.

Mas eu ainda não estava satisfeito. Então lembrei das palavras de Melissa.

— Vou para casa, preciso saber de notícias dela. — Levantei e tirei dinheiro da carteira, jogando na mesa. — Por minha conta — expliquei e sorri. — Obrigado pela noite. — Agradeci honestamente.

— Quando precisar — respondeu ela. — E Alex?

— Sim?

— Você não precisa de notícias dela. Precisa falar com ela.

Segui seu conselho e quebrei o silêncio de mais de dois meses, ela estava sem acesso ao seu telefone, mas tinha um ramal direto em seu quarto,

recebi o número quando preenchi os papéis da sua internação e nunca havia usado. Não sabia se aquela hora da noite ela poderia atender também, mesmo assim criei coragem e tentei.

— *Alô?* — Meus olhos fecharam ao ouvir a sua voz e imaginei seu belo rosto, seu sorriso de menina maluca e os olhos verdes cristalinos me encarando.

— Eu te amo, Caterine. — Foi o que consegui dizer.

— *Alexander?* — Doeu um pouco que ela tivesse que confirmar quem era do outro lado da linha.

— Sim... — confirmei mesmo assim.

— *Está...? Está tudo bem?*

— Não, baby. E nunca mais estará. — Fui honesto. Não importava se estava sendo justo ou não. Naquele momento eu precisava apenas que ela me ouvisse.

— *Alex...*

— Eu quero ficar com você e quero que fique comigo, para sempre. Com ou sem bebê. Eu te amo. Não me deixe. — Implorei e comecei a chorar.

— *Alexander...*

— Mas hoje eu ouvi que quando nós

amamos, devemos deixar ir, então é isso que farei. Eu só preciso que você saiba que você não foi a única que perdeu um filho. Eu o amava mais do que a mim. E eu te amo mais do que a mim também. E eu perdi o meu filho e a minha esposa. Eu perdi todo o meu coração.

Ela engasgou deixando um soluço alto escapar.

— Não chore, baby. Eu só queria que você soubesse. Me desculpe por não ser o suficiente. Mas você prometeu, prometeu tentar, todos os dias. Lembra dos nossos votos? Você prometeu não desistir. Por isto estou decepcionado e com raiva também se eu puder ser sincero aqui.

— *Oh, Alexander.* — Ela soluçou na linha.

— Mas está tudo bem, eu entendo. Você está sofrendo. Eu entendo. Fique bem, Carter. Espero que encontre uma nova janela um dia. Eu te amo.

Então eu desliguei.

CAPÍTULO 16

CATERINE

Eu não tive notícias de Alexander depois da noite em que ele me ligou. Ouvir suas palavras me machucaram tanto que pela primeira vez, em muito tempo, eu quis beber. Deitei na pequena cama e abracei minhas pernas. Em posição fetal eu chorei pelo resto da noite enquanto sussurrava meus pedidos de perdão.

Pedi desculpas a Alexander e a Simon. Perdi meus amores. Perdi a minha família. Queria pegar o telefone e dizer a Alexander que estava arrependida, que queria que ele fosse me buscar,

que me levasse para casa e me abraçasse como ele fazia quando pensava que eu estava dormindo. Queria ouvir seus pensamentos malucos.

Eu nunca mais vou ouvir ele externando seus pensamentos sobre mim.

**

Passei meus dias na clínica lendo, passeando, ajudando na confeitaria e aprendendo a fazer novos doces. Eu continuava recebendo visitas. Mary e Josh e meu pai principalmente. Eu não ouvi nada sobre Alexander novamente e não contei sobre a ligação que recebi dele. Nem mesmo para o doutor Boomer.

Steve Boomer era um grande pé no saco. E poderia apostar que não era apenas no *meu* saco. Se eu contasse a ele sobre a ligação de Alexander, ele iria querer explorar o que senti naquele momento, e eu queria guardar meus sentimentos sobre aquela noite para mim. Boomer não era de todo mau, se eu fosse honesta. Ele me explicou muitas coisas sobre a minha situação psicológica.

Aparentemente a depressão espreitou a minha vida durante muito tempo, e nem mesmo eu consegui identificar, mas gatilhos foram criados neste tempo, tive altos e baixos e tentei lutar sobre um inimigo que eu sequer sabia que tinha, mas quando perdi Simon, um grande gatilho foi ativado

e eu caí na escuridão.

Eu fui resistente ao tratamento mesmo quando fui internada e as primeiras sessões com o psiquiatra foram silenciosas, até que ele resolveu me explicar de forma simples como eu precisava de ajuda.

Quando algum osso em nosso corpo é quebrado, precisamos curá-lo, então o médico coloca gesso, imobilizando aquele osso, nos dão analgésicos e ficamos em repouso. A perna não ficaria curada sem tratamento. Sem a terapia correta para fazer o paciente poder voltar a andar sem mancar ou sentir dor.

PERIGOSAS NACIONAIS

Com a depressão era parecido. Eu estava quebrada e precisava de cuidados. Desta forma, a minha terapia eram longas conversas com psicólogos, terapia em grupo também, mas eu raramente ia, sempre dava um jeito de fugir, mas o restante do tratamento eu fazia direito, tomava meus remédios, conversava com os profissionais e fazia exercícios diários na academia. Doutor Boomer dizia que a liberação de endorfina por meio de exercícios físicos melhoraria a minha qualidade de vida e ajudaria a evitar recaídas tanto da depressão quanto para o álcool.

Ele afirmava que apoio da família era importante também e procurava conversar comigo

PERIGOSAS ACHERON

sobre Alexander, mas eu procurava me esquivar. Até o dia em que eu disse a ele que ainda amava meu marido mais do que tudo, mas não podia ficar com ele estando tão quebrada. Alexander merecia mais. O médico concordou comigo, mas acrescentou algo ao meu discurso:

Alexander merece mais. E você também.

Faltando uma semana para a minha alta, recebi a visita do meu pai para que pudéssemos resolver os trâmites de minha nova moradia. Pedi a ele que alugasse um pequeno apartamento para mim em Chinatown, de preferência no mesmo prédio que eu morava antes, gostava de lá. Ele disse que providenciaria, mas gostaria que eu passasse

uns tempos com ele em Isla.

— Pai, não é boa ideia e você sabe — disse lembrando a ele como Milly, Amanda e eu estávamos com problemas em nos mantermos civilizadas desde o Natal em que conheci Alexander. Nunca melhorou, na verdade.

— Eu aluguei uma casa na mesma rua, você pode ficar lá até descobrir o que fará.

— Eu agradeço, mas preciso organizar a minha vida aqui em Nova Iorque, preciso de um emprego novo já que a German & Tavola não é mais uma opção.

— E o seu divórcio com Alexander? —

perguntou, com cautela.

— Acredito que ele mande os papéis em breve — respondi sem esconder a tristeza. — Cumpri com a minha parte, tenho certeza que ele cumprirá a dele.

— Querida, eu sei que você pensa que não há nada na história de vocês para escrever, mas acredite, quando há amor, pode haver superação sim.

Eu assenti para meu pai sem querer discutir sobre a minha vida com Alexander. Talvez ele estivesse certo, talvez houvesse uma chance para nós se eu não tivesse machucado tanto Alexander.

Sua ligação naquela noite tinha sido muito esclarecedora. Ele me queria, mas eu o machucava.

E a última coisa que eu queria no mundo era machucar aquele homem.

**

O sermão sobre Alexander não terminou no pai. Mais tarde, quando ele partiu, recebi a visita de Joshua, Mary e, excepcionalmente, da senhorita Joselie que me levou flores de papel feitas por ela e um belo cartão com as palavras “fique boa, tia CatCat” cheias de purpurina vermelha. Eu agradeci e brinquei com ela enquanto conversava com Josh e Mary. Eles estavam felizes pela iminência da

minha alta e se ofereceram para retornar na próxima semana para me ajudar, mas dispensei avisando que meu pai já estava providenciando tudo. Foi tranquila a visita, exceto por uma coisa:

— Tia Catcat, por que você está sendo uma cadela egoísta? — Joselie perguntou com naturalidade.

— Hum...? O quê? — questionei, assustada.

— Joselie! — Mary exclamou alto, chamando atenção da filha.

— Vou pagar pelo palavrão, mamãe, mas gostaria de uma resposta da tia Carter — a menina falou como se fosse realmente uma adulta. Sua

atenção voltou para mim e categoricamente ela elaborou seu questionamento e o jogou em cima de mim. — Papai disse que você é uma cadela egoísta por estar chutando a bunda do tio Alex. Quero saber por que fez isso? Ele está sofrendo e não merece, mamãe disse que ele é o homem mais decente de todos. — Mary Anne e Joshua ficaram mortificados com a situação.

— Caterine, desculpe por isso que ela disse... — Joshua ponderou.

— É a verdade, Josh. Tudo bem. — Tentei tranquilizá-lo, mas estava envergonhada. Não respondi a Josie. Não consegui. Apenas me desculpei com ela e seus pais por estar fazendo

Alexander sofrer. Eles foram embora em seguida e novamente eu me deitei em posição fetal na cama e chorei.

Mas aquele dia estava longe de acabar para mim. Eu ainda levaria mais uma bofetada na cara.

A pior de todas.

Geralmente eu faltava às reuniões em grupo, elas aconteciam nos mesmos horários em que eu participava das aulas de confeitaria, então eu raramente ia. Mas naquele dia eu resolvi ir, embora preferisse ficar no quarto, mas se quisesse fazer meu tratamento corretamente, tinha que enfrentar todas as etapas e por algum motivo tive medo do

doutor Boomer interpretar a minha ausência sem justificativa como um motivo para não me dar alta.

Bem, eu deveria ter ficado no quarto, pois naquele dia, a reunião em grupo reunia apenas suicidas. Eu tinha conversado mais de uma vez sobre isso com Steve Boomer. Eu não tentei me matar. Ele disse que acreditava em mim, mas queria saber se eu acreditava em minhas palavras. Era sempre a sua resposta quando abordava o tema.

“Acredito em você, Caterine. Mas, você acredita?”

Ele pensava que eu, mesmo que inconscientemente, quis tirar a minha vida e acho

que esperava uma confissão minha. Eu nunca queria pensar sobre o assunto.

— Alguém gostaria de começar?

Ele faria todos nós falarmos sobre como fomos parar ali. Eu apenas respirei fundo e escutei as histórias de todos. Começamos com o relato de Philip, um *workaholic*[2] que afundou no trabalho e quando percebeu que havia perdido esposa e filhos era tarde demais, então caiu em depressão e tentou se matar jogando o carro contra uma árvore.

Depois conheci Jeffrey, segunda vez internado por alcoolismo desenvolvido pelo fato de não poder mais competir com a namorada em

campeonatos de patinação artística, ela o deixou pelo treinador e ele não aguentou a pressão, tentou se enforcar com os cadarços dos patins no vestiário do centro de treinamento, a ex o encontrou, salvou, mas não voltou para ele.

Havia Tina, uma adolescente já estava há um ano na clínica, era abusada pelo tio desde os nove anos e nunca havia contado, ela tomou veneno de rato para que ele parasse de fazê-la sumir. Ela sobreviveu, para seu próprio desespero.

Larry era viciado em cocaína desde os treze, tentou suicídio por não querer mais ser um viciado e não conseguir parar, ele cheirou quatrocentos dólares em pó para tentar morrer de overdose.

Sobreviveu com sequelas, muitas. Ele mal conseguia falar.

Então veio Rose...

Passamos por vários casos tristes, mas foram as palavras de Rose que me fizeram querer vomitar de dor.

— Meu nome é Rose, tenho quarenta e dois anos, e fui diagnosticada com depressão profunda quando me encontraram quase morta com os pulsos cortados dentro do quarto do meu filho Vince. — Ela engoliu seco e torceu suas mãos olhando para os lados e parou de falar.

— Por que você tentou o suicídio, Rose? —

Doutor Boomer incentivou. — Quer falar?

— Porque perdi meu filho para a guerra no Afeganistão quando ele completou dezenove anos. — Seus olhos estavam perdidos enquanto falava, mas de repente, como se fosse um aviso, ela olhou para mim antes de continuar. — Ele era um bom filho, saudável e muito inteligente, mas queria servir ao seu maldito país para pagar a faculdade ao invés de ficar em casa e me deixar cuidar dele. Ele foi brutalmente assassinado, estilhaçado por uma bomba caseira colocada dentro do *Jeep* que ele dirigia.

Ela parou por um segundo, perdida em seus pensamentos.

— A dor é insuportável, ela não para, eu passo os meus dias aqui, rezando para Deus que à noite eu possa sonhar com o meu Vince, pois acho que estou começando a me esquecer de como ele era. — As lágrimas dela começaram a cair ao mesmo tempo que as minhas. — Eu tive a chance de dizer adeus ao meu menino, mas eu não disse. Eu nunca consegui dizer adeus a ele, porque estava brava demais pelo alistamento. Agora eu nunca mais poderei dizer adeus.

Ela chorou ainda mais ao finalizar, fazendo meu estômago embrulhar enquanto eu secava as minhas próprias lágrimas.

Rose se calou e o silêncio se fez na sala por

alguns instantes antes que Doutor. Boomer me chamasse.

— Caterine? Gostaria de falar?

Era a minha vez de falar? Logo após Rose?

Eu sabia que não deveria ficar envergonhada com a minha história. Cada um tem a sua dor, afinal.

Mas ouvir aquela mãe contar que perdeu seu filho quando ela o teve por tanto tempo, acompanhou seus passos, lhe deu carinho, colocou para dormir, alimentou, ajudou com o dever de casa e o abraçou tantas vezes me fez ver que eu ainda estava no lucro. Tive vontade de lhe dizer que ela

deveria agradecer, pois soube o que era ter um filho para amar e cuidar.

Mas eu seria justa?

O que era pior?

Não ter a oportunidade ou ter e depois perder?

Era confuso. Doloroso. Para mim e para Rose.

De repente um vazio ainda maior se fez dentro de mim, nós não tivemos a oportunidade de ter o nosso bebezinho, foi horrível, mas Rose teve seu filho por dezoito anos e o perdeu pela maldade do homem.

O que era pior?

De repente, sem pensar, eu disparei:

— Eu posso fazer uma pergunta à Rose?

O doutor Boomer olhou para a mulher primeiro, perguntando silenciosamente a ela se estava disposta. Limpando suas lágrimas Rose assentiu.

— Você sofreu tudo isso sozinha?

A mulher negou vagarosamente.

— Eu tive meu John ao meu lado o tempo todo. Ainda tenho. — Ela sorriu levemente. — Estou me curando para voltar para ele.

— Vo-você... hum... não o deixou?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Deixar a única pessoa que esteve ao meu lado, sofrendo e chorando comigo? Não, nunca. John também perdeu nosso filho.

Se Rose tivesse arrancado o coração do meu peito teria doído menos.

Eu só preciso que você saiba que você não foi a única que perdeu um filho. Eu o amava mais do que a mim. E eu te amo mais do que a mim também. E eu perdi o meu filho e a minha esposa. Eu perdi todo o meu coração.

As palavras dele vieram em minha mente imediatamente.

Eu perdi Simon.

PERIGOSAS ACHERON

Ele perdeu Simon e eu.

Deus! O que eu fiz?

O que eu fiz?

Levantei e corri para longe do círculo da reunião e não parei até que chegasse em meu quarto. Alexander, eu precisava falar com ele. Eu precisava dizer a ele o quanto eu sentia muito.

Entrei em meu quarto desesperada e peguei meu telefone discando imediatamente para o seu.

Nada.

Seu telefone estava desligado. Por quê?

Não me deixei abater e rapidamente disquei o número do escritório, uma das assistentes atendeu

e informou que ele estava em Seattle em uma reunião importante e me deu o telefone do hotel em que estava hospedado. Eu liguei imediatamente para o hotel e fui transferida para o seu quarto. Foram três toques antes de morrer mais uma vez.

— *Alô?* — Eu conhecia aquela voz. A voz que fez seu caminho até meu coração e o quebrou em milhões de pedaços. — *Alô?*

Melissa!

Eu desliguei me deixando cair na cama. Eu o havia perdido.

Perdi Alexander.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 17

ALEXANDER

As ressacas moral, emocional e patológica brigavam entre si para saber quem infligia mais dor em mim. Quando acordei no dia seguinte, imediatamente pensei em Carter. Lembrei que tinha ligado para ela e falado coisas que não devia.

Era cruel jogar na cara dela aqueles sentimentos. Merda! Eu não devia ter escutado Melissa.

Olhei para o seu lado da cama e pensei em cheirar seu travesseiro para saber se o seu perfume

ainda estava lá. Eu segurei a vontade para evitar que meu coração sangrasse mais um pouco.

Quando conheci Caterine, tudo em mim mudou. Meu coração, minha alma, convicções, meu cotidiano, tudo. Foi uma reviravolta.

A melhor reviravolta.

Durou tão pouco tempo, não foi o suficiente. Eu não a tive o suficiente. Meu coração não se conformava com o rompimento. Tínhamos acabado de nos casar, de organizar o nosso novo lar. Não era justo.

Não é justo!

Mas a autopiedade também não resolveria,

eu precisa me recompor, trabalhar e ocupar a minha mente. A viagem para Seattle seria em poucos dias e eu tinha um encontro com Bennett Stanford sobre o caso mais importante da minha carreira até o momento.

Eu era um homem adulto que tinha responsabilidades e precisava focar. Principalmente para não pensar tanto nela. Enquanto atravessa a rua, perdido em pensamentos, esbarrei em um homem e deixei meu telefone cair no meio da rua, o sinal abriu, eu tive que correr e meu smartphone foi trucidado por um carro.

— Ótimo! — gritei indignado. — Ótima forma de começar a minha manhã.

Eu teria que comprar um novo telefone em breve.

Merda!

**

— Melissa, peça um café bem forte, por favor — pedi, correndo para a minha sala. — Me passe o processo da Hoffman e traga sua boa vontade, hoje teremos muito trabalho.

— Algum problema, Alexander? — perguntou preocupada.

— Além de ter que comprar um telefone novo? Não — resmunguei frustrado.

— Alex, já passamos por isso, se precisa

conversar...

— Podemos apenas trabalhar Melissa, por favor? — Interrompi rispidamente. Ela não merecia a minha atitude.

Eu havia despejado toda a minha merda sobre ela e isso me deixava ainda mais indignado comigo mesmo. Estava chorando sobre minha esposa para a mulher que era declaradamente apaixonada por mim, mas que havia decidido que me amava a ponto de querer o meu bem e minha felicidade.

E minha felicidade era Caterine Hartnett.

Minha esposa.

— Quando quiser conversar...

— Eu quero trabalhar e esquecer que eu bebi a minha altura e peso em álcool. Só isso.

— Tomou algum remédio?

— Não.

A porta do escritório se abriu e um homem vestido em um terno todo negro entrou na sala portando um pacote pardo.

— Bom dia, eu gostaria de conversar com o Sr. Hartnett — solicitou, analisando Melissa de cima a baixo.

— Este seria eu. No que posso ajudá-lo?

— Senhor Hartnett, sou Bennett Stanford,

sou promotor de Seattle estou aqui para...

— Oh! Claro. Nós trabalharemos juntos no caso Hoffman. Mas eu deveria encontrá-lo em Seattle... — Inseri rapidamente esticando minha mão para cumprimentá-lo. Eu não obtive um segundo olhar dele. Seus olhos estavam cravados em Melissa. Após apresentações finalmente chegamos ao ponto de sua visita.

— Nós teremos em breve uma reunião em Seattle com alguns personagens importantes para o caso e gostaria que vocês participassem, é claro, mas estou em Nova Iorque para levantar alguns fatos importantes e resolvi passar para obter alguma ajuda, se for possível.

— Absolutamente, tudo o que você precisar — respondi, solícito. Seu olhar continuava sobre Melissa, que tentava não retribuir.

— Obrigado pela hospitalidade.

— Bem. — Respirei fundo. — Vamos nos sentar então.

**

A viagem a Seattle foi um mal necessário. Foi apenas um dia de reunião e acabou que Melissa foi mais útil do que eu. Minha cabeça continuava em Nova Iorque. Caterine estava para sair da reabilitação e teríamos que nos encontrar para organizar a separação dos nossos bens. Bem, ao

menos o apartamento. Eu ainda mandaria os papéis do divórcio para ela antes, não suportaria vê-la assinar os documentos.

— Alex, a pasta com as provas de 2004 a 2011 estão com você? — Melissa perguntou assim que sentei em sua frente para tomar café da manhã. Havíamos chegado em Seattle na noite anterior e estávamos exaustos, por isso fomos direto para nossos quartos combinando de tomar café e repassar algumas questões antes da reunião com a promotoria de Seattle, mas aparentemente eu não estava fazendo a minha parte direito.

Fechei meus olhos e gemi.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estão, desculpe! Eu esqueci no meu quarto. Vou buscar... — Comecei a levantar, mas ela me parou.

— Eu já tomei café, busco para você — disse pegando meu *keycard*[3].

— Obrigado! — suspirei e deixei que ela fosse, enquanto isso, trabalhei em algumas anotações, me lembrei novamente que ainda não tinha comprado um telefone novo e fiz uma nota mental para fazê-lo assim que saísse da reunião da promotoria. Os dias passaram como um turbilhão.

Quando voltou com os documentos, Melissa sentou na minha frente e começou a analisá-los.

PERIGOSAS ACHERON

— Ah! É melhor ir na recepção e perguntar quem ligou para você no seu quarto, atendi, mas desligou — avisou. — E comprar logo um telefone novo, Alex. Está difícil a comunicação com você.

— Eu sei, esqueço toda vez de comprar — suspirei. — Os últimos dias têm sido conturbados.

Melissa não respondeu, mas assentiu e voltou a se concentrar no trabalho. Ela sabia que os dias estavam sendo muito mais difíceis para mim desde que liguei para Caterine e pelo dia de assinar os papéis do divórcio estar chegando.

CAPÍTULO 18

CATERINE

Finalmente tinha chegado o dia da minha alta. Logicamente eu teria que continuar o meu tratamento. Antidepressivos diariamente, sem passar perto de nada alcoólico e terapia uma vez por semana até que o doutor Boomer me liberasse para consultas mensais. Eu me sentia bem, os remédios estavam fazendo o seu papel e eu pretendia levar adiante o tratamento. Queria ficar bem.

Por outro lado, a perda do meu menino sempre me acompanharia. Aprendi com a terapia

que a dor nunca passaria, mas que eu teria que seguir em frente e, eventualmente, eu aprenderia a conviver com ela. Eu também retomaria a minha vida, já havia feito isso uma vez e talvez agora fosse um pouco mais difícil, uma vez que eu não teria um amor, a minha janela, para seguir em frente.

Pedi a ele para deixar eu pular a janela e ele deixou. Fez o que pedi e seguiu em frente.

Como eu pude? Afastei o amor da minha vida novamente. Pela segunda vez. E agora, talvez ele tenha ido buscar uma nova janela, uma que não fosse egoísta e que não o afastasse. Ouvir Melissa Dill atendendo o telefone do seu quarto de hotel

quebrou o meu coração. Parte de mim queria encontrar uma explicação, Alexander me amava e não partiria para outra tão rápido, não depois do que ele me disse ao telefone. Mas a parte danificada e sensível, que ainda precisava de cuidados, acreditava que ele tinha ido em busca do que realmente merecia. Doía, mas era a verdade.

E por incrível que pareça, quando recebi uma visita, não era meu pai me buscando para ir embora. Era outra pessoa.

— O que faz aqui? — perguntei, sentando na cadeira em sua frente. Me senti um lixo perto de

toda a sua elegância naquele terno de risca e saltos altos. Especialmente lembrando da sua voz no telefone quando liguei para Alexander.

— Hoje é meu dia de fazer uma boa ação, senhora Hartnett — disse, sorrindo abertamente para mim.

— Boa ação? Fodendo com o meu futuro ex-marido? — Levantei minha sobrancelha em desafio, mas a verdade era que vê-la estava me matando.

— Fodendo? Não sei do que está falando — disse ela um tanto confusa, mas sem perder a pose. — Enfim, imagine a minha surpresa quando

Alexander pediu para que eu despachasse essa documentação. Ele queria que eu solicitasse um mensageiro, mas acredito que isso seja pessoal demais. — Ela jogou a papelada na mesa em minha frente e cruzou os braços esperando que eu lesse.

Peguei os papéis e passei rapidamente meus olhos.

Era o nosso divórcio.

Engoli o grande nó em minha garganta e olhei em seus olhos não conseguindo conter minhas lágrimas.

— Se você olhar com cuidado, vai ver que não está assinado por ele. — Sua voz agora era

quente de compaixão.

— E?

— E... que ele tem esperança — explicou sem paciência. — Caterine, o que está fazendo? Você precisa acordar. Agora!

— Pensei que estivesse feliz — sussurrei. — O caminho está livre para você, não que você já não o tivesse percorrido de qualquer forma.

— Do que está falando, porra? — indagou, brava. — Pare de insinuar e diga logo o que quer dizer — exigiu.

— Eu liguei para o quarto de hotel dele em Seattle e você atendeu. — Cuspi com raiva.

— Oh, sim... Era você? E qual o problema? — ela me analisou por um momento até que ela percebeu o que eu queria dizer. — Eu entendo... — Bufou e revirou seus olhos. — Pensei que você fosse mais esperta do que isso, Caterine — ela suspirou cansada antes de continuar. — Sim, eu atendi ao telefone. Estava sozinha no quarto de Alexander, encontrei ele no café da manhã e ele, como tem sido ultimamente, estava com a cabeça em outro lugar e esqueceu os documentos necessários no quarto. Como eu já tinha tomado café, me ofereci para buscar. Peguei a sua chave e fui.

A forma entediada que ela relatava me dizia

que ela queria, na verdade, mandar eu me foder.

— Então não, Caterine. Eu não estou tendo um caso com o seu marido. Mesmo que eu me sujeitasse a isso, Alexander ama você e está definhando por você.

— Ele não está bem? — perguntei envergonhada.

— Por que não pergunta a ele? — Melissa cruzou os braços e me encarou com certo desprezo. — Ligue para ele, vá atrás dele. Cuide do seu marido, Caterine. Devolva a dedicação que ele teve com você desde o começo.

— Ele não quer falar comigo — murmurei,

sentindo minha voz tremer.

— De onde você tirou essa ideia? — questionou, cética.

— Bem, ele não me liga e nem visita...

— Me poupe, mulher! — exclamou sem paciência. — Ele é tão malditamente apaixonado por você que está respeitando a sua vontade. Você é estúpida? Como conseguiu um diploma universitário? — Sua raiva estava aumentando eu podia perceber e nem assim ela deixou o sarcasmo de lado.

— Qual é o seu objetivo nisto tudo? Afinal, você o ama.

— Muito! — concordou sem pestanejar. — Só que eu não sou burra, Caterine, e não sou mulher de mendigar amor. E eu gosto de Alexander o suficiente para querer a sua felicidade em primeiro lugar.

— Ugh! — Não sabia como me sentia ouvindo aquela mulher dizer tão abertamente o quanto amava meu marido.

— Caterine, faça um favor a si mesma: Deixe de lado o seu sofrimento por um segundo, sei que a dor deve ser imensa, mas por um momento tente deixar de lado a sua dor e pense na dele. Vá dizer ao seu homem que o ama e que quer ficar com ele, rasgue estes papéis e vá ser feliz, porque o

que eu te direi agora eu não precisaria, mas farei assim mesmo. — Fechando os olhos, ela respirou fundo. — Eu já passei pelo que você está passando, Caterine. É doloroso, sim. Mas você se recupera. E para você a recuperação será difícil, mas você tem amor para lhe erguer, eu estava sozinha. Não jogue isso fora ou você ficará miserável para sempre.

Olhei para aquela mulher com admiração e um tanto horrorizada ao mesmo tempo. Saber que Melissa tinha passado por um aborto me fez vê-la de uma nova forma, mas ver aquela mulher, que amava meu marido mesmo antes de eu conhecê-lo ser um ser humano de verdade e fazer o certo, me fez realmente adorá-la.

— Eu sinto muito, Melissa.

— Alexander é um homem apaixonado. Mas acima de tudo ele é leal, ele é leal a você e aos seus sentimentos e você vai perdê-lo se não for dizer a ele que o ama e o quer. Se não fizer isso agora, ele vai embora. Porque ele, como sempre, vai lhe dar exatamente o que você pede. — Ela continuou sem ligar para a minha piedade

O soluço escapou por minha garganta fazendo com que Melissa pegasse minhas mãos nas suas e as apertasse em solidariedade.

— Por que você não me pede uma carona? — Sorriu tristemente para mim, seus olhos

mostrando pela primeira vez que não estava assim sendo tão fácil para ela.

— Você sabia que eu sairia hoje?

— Claro que sim, aquele homem está miserável, mais do que o normal. E ele fez questão de cumprir com a parte dele no acordo de vocês. — Meu peito doeu demais ouvindo suas palavras.

— Melissa...

— Sim, sim... Eu posso fazer um último ato altruísta antes de me demitir e chafurdar na minha própria dor...

— Sinto muito... — disse sinceramente.

— Não sinta, é melhor assim. Eu sou boa,

não santa. É melhor ficar longe. De qualquer forma eu recebi uma proposta para trabalhar em Seattle. Será bom para mim. — Ela sorriu e levantou. — Quer ajuda para arrumar as malas?

— Estão prontas, eu só preciso avisar meu pai.

— Então vamos, garota — disse, mas seus olhos ainda tinham certa dor.

— Obrigada, Melissa, por esclarecer tudo... E por...

— Se me agradecer por amar seu marido eu vou lhe dar um tapa na cara. Já disse que sou boa e não santa. Vamos.

Se ela não quisesse Alexander eu poderia ser amiga dela.

**

Quando minhas malas estavam colocadas em seu carro e eu em posse dos documentos da minha alta, respirei fundo, pronta para partir. Mas havia algo que precisava fazer antes de implorar o perdão do meu marido.

— Melissa? — Chamei quando entrei em seu carro.

— Hum?

— Será que você pode me levar em um local antes?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Claro — respondeu sem pestanejar.

**

Ao chegar, desci do carro e pedi que ela me aguardasse.

— É rápido.

— Leve seu tempo — disse, como se soubesse o que eu estava fazendo.

Eu andei pelas lápides por algum tempo antes de encontrá-lo. Eu não havia ido ao seu funeral e não havia me despedido. Até começar a terapia, eu não tinha ideia do quanto eu precisava de um encerramento justo.

Era hora.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Hey, Michael.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 19

ALEXANDER

Ainda era difícil de acreditar que Melissa estava me deixando. Era difícil, mas também um alívio.

Sentia-me culpado por me sentir aliviado também.

Vai entender.

Ter minha assistente apaixonada por mim e não corresponder era difícil, contudo, Melissa Dill havia sido uma boa amiga, especialmente nos últimos tempos. Sem contar o seu profissionalismo.

Sempre tive certeza de sua capacidade, só

não tinha ideia de que Bennett Stanford quereria comprar seu passe como se ela fosse um jogador de futebol do Real Madrid. Quando ele entrou em meu escritório apresentando-se como o representante da promotoria de Seattle no caso Hoffman, seus olhos e palavras não desviavam de Melissa. Como sempre, ela se mostrou ousada e eficiente o deixando ainda mais animado com o seu trabalho, ainda que eu desconfiasse que sua animação não era tanto de cunho profissional.

Em Seattle ela dominou a reunião percebendo que eu não estava com cabeça.

Ela foi foda.

Perfeita.

De um jeito que talvez nem eu conseguisse ser. Melissa estava se tornando a melhor e isso me deixava muito satisfeito.

Bennett também percebeu isto e a queria em sua equipe. Quem eu era para segurá-la? Só desejei boa sorte.

— Melissa, eu preciso que você peça ao mensageiro ou algum boy que leve essa documentação para a clínica de reabilitação de Caterine, por favor. Eu vou tentar sentar e tirar meu telefone novo da caixa e habilitá-lo.

— Sim, por favor. Está começando a me dar

nos nervos não conseguir me comunicar com você no momento em que preciso. — Ela pegou o envelope e o analisou com o cenho franzido.

— Desculpe. Eu estou apenas sem cabeça.

— Eu sei, eu sei... E acho que você precisa voltar para casa não apenas para tomar banho, para morar nela também, Alexander. Não é saudável.

— Eu sei, Mel, só está um pouco mais difícil de ficar lá agora que...

— Hoje faz três meses, não é? — Assenti, sério. — Eu sei o que é isso, Alex. — Balançou o envelope e me olhou com piedade. Claro que ela sabia, ela sabia de cada maldito papel que passava

em minha mesa.

— Pois é...

— Você precisa lutar por ela, Alexander. Não deixe que ela se vá, assim. — Proferiu quase com desespero. — Não posso ver você assim.

— Ok... Um: É muito estranho ouvir essas coisas de você. — Ela bufou e sorriu. — Dois: Eu já fiz tudo, eu corri atrás daquela mulher desde o começo. Estou cansado para cacete de tudo isso. E três: Eu estou desistindo. Dando a ela exatamente o que quer — justifiquei enquanto ela analisava as folhas tirando-as do envelope pardo.

— Então por que não as manda assinadas?

— perguntou e eu poderia ouvir o triunfo em cada uma das palavras que saíram de sua boca espertinha.

— Eu quero que ela saiba que tudo está acontecendo por escolha dela, não minha. Então ela assina primeiro.

— Isso é muito triste, Alex. Sinto muito — Melissa murmurou com sinceridade. — É, eu também.

**

Melissa tinha sumido do escritório e o expediente tinha acabado. Protelei o que pude antes de ir para casa. Resolvi que andaria um pouco antes

de finalmente pegar um táxi.

Não queria ir para casa, encarar o vazio daquele lugar que foi completamente projetado para ser o nosso lar só fazia sangrar ainda mais a ferida.

Então, querendo protelar um pouco mais, pedi que o taxista parasse vários quarteirões antes e comecei a andar novamente. Entrei em um supermercado e fiquei circulando pelos setores de alimento, pesquisando preços de coisas que não compraria, apenas para adiar a minha chegada àquele lugar que só me deixava deprimido, com a sensação de que estava sendo engolido pela solidão.

**

No momento em que cheguei em frente ao loft, dei de cara com Caterine. Sentada em frente à porta com o rosto inchado de tanto chorar e suas malas do outro lado da porta. Percebendo a minha aproximação ela se levantou e limpou as lágrimas e seu pequeno e arrebitado nariz vermelho. Sempre achei adorável o seu pequeno narizinho.

— Caterine? — Minha voz saiu embargada.

— Eu estou pronta para dizer adeus para ele, você pode me ajudar? — Eu soube exatamente do que ela estava falando. Um soluço sofrido escapou da sua garganta e ela se abraçou como se

tentasse se manter em pé na minha frente.

Deus! Ela estava tão frágil. Magra, pálida. Meus pensamentos e sentimentos estavam em um turbilhão novamente. Tudo estava confuso. Eu queria pegá-la em meus braços e chacoalhá-la gritando todos os palavrões que conheço e fazê-la entender todo o sofrimento que me fez passar. Mas estes mesmos braços também queriam lhe abraçar. Forte. Protegê-la, dar afago e aconchego dentro do meu abraço.

E por mais que eu estivesse ferido, eu escolhi a segunda opção.

— Claro, baby. — Caminhei até ela e a

puxei para meus braços. Chorando e tremendo ela ficou ali, se forçando em meu peito, como se quisesse entrar para dentro de mim.

— Me perdoa! Por favor, me perdoa! Me desculpa! — Suas palavras saíam em meio aos soluços. — Você pode me perdoar, pode me aceitar de volta? Por favor, diga que não te perdi completamente, diga que podemos resolver isso. Eu serei melhor. Por favor? — Eu poderia lhe dar um tempo difícil, dizer que estava precisando de um tempo.

Poderia tentar me preservar, não me entregar a ela tão facilmente. Talvez dar um sermão sobre o quanto eu sofri pela forma que ela me

tratou, ignorando a minha dor, ignorando a minha ajuda e o meu zelo por ela. Eu tinha a oportunidade de dizer a ela o quanto tinha medo de aceitá-la de volta e passar pelo mesmo novamente. Eu tinha o direito de dizer que não seria mais a sua janela.

Mas eu não tinha espaço para mágoa em meu coração. Entendi naquele momento o que meu irmão quis dizer quando falou que se existia alguém que poderia amar, esse alguém era eu. Não houve espaço para dúvidas em mim. Eu amava Caterine. Com todas as minhas forças. Com todo o meu coração. Então eu respondi:

— Eu continuo sendo a sua janela, baby. Eu sempre serei.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 20

CATERINE

Dizer adeus para Michael não foi difícil. Talvez, na época em que aconteceu, teria sido se tivesse tentado. Mas naquele momento, não.

Eu deixei Melissa esperando no carro e procurei por seu túmulo levando o meu tempo, como ela havia permitido. Quando o encontrei, cumprimentei meu falecido noivo e sentei em cima do local onde ele descansava, de frente para a sua lápide.

— Eu não vou me desculpar. — Fui

categórica. — O que você fez comigo não tem perdão. E não é porque você está morto que está absolvido de tirar meu livre arbítrio e tomar decisões sérias em meu lugar. Você definitivamente não será absolvido por ter me agredido. Mas eu estou deixando você ir. Eu estou dizendo que não vou mais viver sob a sombra dos seus erros e dos meus erros do passado. Eu estou deixando você ir e o nosso bebezinho também. — Funguei, tentando segurar minhas lágrimas. — Eu acabei de perder um bebê, dizem que não, mas acho que fui castigada por ter tirado o nosso filho.

Limpei minhas lágrimas e funguei um pouco antes de continuar.

— Sabe, eu me casei. Casei com um bom homem, ele me deu tudo sem me tirar nada e nós íamos ter um filho, o bebê que eu perdi. Eu pedi o divórcio a ele, e agora estou tentando me curar, deixar para trás tudo que estava me fazendo mal para poder pedir que ele me aceite de volta. Acho que estou aprendendo a dizer adeus. Por isso: Adeus Michael. Cuide do nosso bebê.

**

Sem tentar disfarçar minhas lágrimas, entrei no carro e bati a porta com um pouco mais de força do que o normal.

— Tudo bem? — Melissa perguntou

desligando o seu telefone.

— Está ficando... — Sorri para ela.

— Agora você vai para casa? — perguntou.

— Sim.

— Quer ligar para ele? Se bem que ele está sem telefone há dias, mas a essa hora talvez já esteja em casa.

— Não, eu prefiro esperar por ele.

— Hum... você tem a chave então?

— Sim, eu tenho — mas não disse que não entraria lá sozinha. Eu precisava dele para me ajudar.

**

PERIGOSAS NACIONAIS

Alexander demorou muito para voltar para casa. Mais do que ele demorava normalmente, eu esperei com certo medo de que Melissa tivesse contado que eu estava à sua espera e que ele estivesse protelando nosso encontro. De qualquer forma eu tive algum tempo para ensaiar as palavras que deveria dizer, ainda que nada do que eu pensava parecia ser o suficiente.

Me perdoe por ser uma vaca egoísta.

Não me deixe.

Não quero viver sem você.

Sinto muito que você também tenha perdido nosso bebê.

PERIGOSAS ACHERON

Esta última era a mais dolorosa, mas precisava ser dita. Ele merecia isso. Sofrera também. Alguém tinha que chorar por ele também.

Quando ouvi seus passos, eu imediatamente senti meu coração disparar. Ele estava diferente, parecia mais velho. Mas ainda era o meu Alex. Sim, ele ainda era de tirar o fôlego, seus cabelos escuros também estavam mais compridos, e ainda revoltos. O nó da sua gravata estava frouxo e o paletó do seu terno estava em seu braço. Ele parecia tão cansado.

— Caterine... — Sua voz era embargada, ele parecia assustado e nervoso quando me viu.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu estou pronta para dizer adeus para ele, você pode me ajudar? — perguntei sem conseguir evitar o choro descontrolado.

— Claro, baby — disse ele se aproximando. Oh Deus! Como ele poderia ser tão bom? Ele sequer pensou duas vezes antes de me responder, ele continuava lá para mim, incondicionalmente.

— Me perdoa! Por favor, me perdoa! Me desculpa! — Minhas palavras saíam em meio aos soluços. — Você pode me perdoar, pode me aceitar de volta? Por favor, diga que não te perdi completamente, diga que podemos resolver isso. Eu serei melhor. Por favor? — Implorei, completamente apavorada com a perspectiva de

que ele não me quisesse mais. Que finalmente tivesse cansado de mim. Mas aquele era Alexander.

Ele era feito de puro amor.

— Eu continuo sendo a sua janela, baby. Eu sempre serei.

Abracei ele ainda mais forte.

— Eu sou a sua janela também, eu juro que sou, meu amor. Eu juro. Eu nunca mais farei isso. Nunca mais virarei minhas costas para você. Eu prometo, eu faço o que quiser para provar. Eu. Nunca. Mais. O. Deixarei. — Prometi, desesperada.

— Bom — ele suspirou me abraçando mais forte e beijando meu pescoço. — Eu não sei se

viveria sem você.

— Quando Melissa me mostrou os papéis do divórcio, eu pensei que havia perdido você.

— Espere. O quê? — Ele separou-se de mim para me olhar. — Melissa levou os papéis para você?

— Sim. — Assenti colocando minhas mãos em seu belo rosto, meus dedos brincaram com a sua barba por fazer.

— Mas eu disse para mandar um mensageiro — disse não parecendo entender.

— Aparentemente, ela gostaria de me dar uma lição. — Dei de ombros e ri com a situação.

— Ela é eficiente.

— E apaixonada por você. — Eu sorri limpando minhas lágrimas.

— E altruísta.

— Sim, definitivamente. Ela não é uma vaca completa — brinquei e nós rimos juntos, mas de repente o ar pesou, as risadas morreram e ficamos em silêncio.

Suas mãos vieram para o meu rosto e seus olhos dançaram por cada ponto dele. Ele acariciou minhas bochechas e aproximou-se mais antes de sussurrar:

— É bom ter você de volta. — Seus olhos

olhavam profundamente nos meus.

— É bom estar de volta.

— Vamos entrar. — Afastou-se com um suspiro. Eu sabia que ele queria me beijar, me matou que ele ainda estivesse se contendo. Mas era minha culpa. — Por que não entrou de qualquer forma?

— Eu não queria entrar sozinha. Não sem você.

— Tudo bem, venha. — Ele tirou as chaves do bolso e notei a aliança de casamento em sua mão esquerda.

Ele não havia tirado?

— Não, eu nunca tirei — respondeu ao meu pensamento. — Pelo jeito você também não. — Pegou a minha mão e beijou o local onde descansava minha aliança e o anel de noivado. A verdade era que durante a reabilitação eu tive que retirar por normas da casa, mas hoje, no momento em que assinei a minha alta e os tive de volta, coloquei em meu dedo. Onde pertenciam.

— Eu falei alto? — perguntei incrédula.

— Aparentemente isso pega. — Alex riu e me fez rir também. Deus! Era bom estar com ele.

Nós entramos em nossa casa e imediatamente o cheiro do nosso lar, da nossa vida,

do nosso mundo me invadiu. Outro soluço escapou novamente do meu peito e senti minhas pernas moles.

— Baby? — Alexander indagou preocupado.

— Eu senti tanta falta daqui, de você, de nós — expliquei ainda sentindo o conforto da nossa casa me rodear.

— Venha. — Ele me abraçou e caminhou comigo em direção ao nosso quarto, mas no meio do corredor eu travei.

— Eu quero entrar — pedi em frente ao quarto que seria de Simon.

— Carter... — Eu podia ver o pavor em seu rosto. Sabia que ele estava com medo da minha reação ao entrar no quarto do nosso bebezinho perdido, mas era hora de deixar ir. Precisava recomeçar ao lado do meu marido, assim como foi desde que nos beijamos pela primeira vez naquela boate. Mas ver o medo em seus olhos, medo por *mim*, me machucava. Eu havia feito aquilo com ele. E mesmo assim, eu podia ver no brilho de seus olhos, em todo o seu corpo, o zelo que ele continuava tendo. Não se tratava apenas de amor, era sobre cuidar também. E Alexander cuidava de mim.

— Eu preciso dizer algo a você e quero que

seja aqui dentro — afirmei, me inclinando corajosamente para a porta e a abrindo.

Era tudo branco e ...

— Vazio — murmurei, olhando em volta. Senti a angústia tentando se alojar novamente, era com uma grande sombra espreitando em minha volta. A dor nunca iria embora totalmente, mas eu a venceria cada vez que ela inflamasse.

Cada vez que o monstro da depressão quisesse me engolir, eu lutaria. Lembraria o quanto era amada pelo meu marido e o quanto ainda tinha de amor dentro de mim. Eu amava. Amava a vida, amava Alexander, sempre amaria nosso bebê

perdido e amaria muito nosso filho, o que estava por vir.

— Sim, vazio — concordou ele comigo.

Eu mentalizei como seria o quarto do nosso filho por um tempo. Como tudo seria limpo, cheiroso e confortável. Imaginei Alexander acordando à noite e vindo pegar nosso pequeno Simon para que ele voltasse a dormir sentindo-se seguro no peito do seu pai. Imaginei-me amamentando-o sentada em uma poltrona de babados e sorrindo para as feições tranquilas em seu rostinho rosado. Eu fiz aquelas memórias na minha mente e apaguei cada uma delas, me despedindo de Simon.

— Alex...

— Sim?

— Me perdoe. — Virei para encarar os seus olhos. — Eu não fui a única que o perdi.

— Baby, você não precisa...

Ele tentou me interromper, mas eu apenas continuei falando.

— Você também estava sofrendo, mas eu não consegui pensar nisso. Estava afundada em minha dor. Eu sinto muito! Sinto muito que tenha passado por isso sozinho — Aproximei-me dele e passei meus braços por sua cintura encostando minha cabeça em seu peito. — Me desculpe por

não ter me importado com você.

— Eu entendo.

— Não. Não entenda. Me perdoe. Mas não entenda. O que fiz foi egoísta. Mas eu estou bem agora e quero cuidar de você também, dar a você o que você sempre mereceu. Por favor, me perdoe. — Fitei seus olhos com firmeza, queria que ele soubesse que aquela tinha sido a última vez que eu fugi dele. Eu queria ser melhor, queria me curar.

— Eu perdoo. Eu amo você. Eu amo você demais. — Ele olhava meus olhos, mas seu olhar fugia para os meus lábios, ele me queria. Seu maxilar travado e cenho franzido compondo uma

expressão de ansiedade, quase dor, provava que ele me queria tanto que doía nele. Doía em mim também.

E eu estava morrendo de saudades.

— Eu também te amo, baby. Agora pare de se segurar e me beije. Temos assuntos para colocar em dia. — Contornei seu pescoço com meus braços e o puxei para mim.

— Porra, sim!

E entre nossas lágrimas salgadas e nossos doces sorrisos começamos a nos curar com beijos e carinho. Quando finalmente fechamos a porta do quarto que seria do nosso filho, eu fechei aquele

ciclo e comecei outro.

Nós tentaríamos novamente.

EPÍLOGO

ALEXANDER

Um ano depois

Seus cabelos eram mais longos agora. O platinado tinha ido embora deixando o tom castanho claro, quase loiro, natural. Estavam presos de forma bagunçada porque ela estava suando demais de tão nervosa e ansiosa. Havia ganhado mais peso também e estava cheia de curvas. A maturidade chegou para ela de diversas formas. Todas positivas. Inclusive profissionalmente.

Nós montamos um escritório de advocacia.

Hartnett & Hartnett. Era um escritório mais para Caterine do que para mim, eu tinha meu trabalho na promotoria e não podia me envolver em seus casos oficialmente, mas claro que sempre lhe auxiliava. Mesmo assim ela fez questão que fosse Hartnett & Hartnett alegando que talvez eu quisesse deixar de ser promotor um dia. No escritório ela atendia pessoas de baixa renda. Realmente foi um grande passo para nós e ela parecia quase completa.

Quase.

O vestido florido colava um pouco no decote em seu peito tamanha era a sua transpiração. Sua respiração era cada vez mais ofegante e eu podia ver seu corpo tremer em antecipação e

nervosismo.

— Não fique tão nervosa, baby. Pode não ser hoje. Sabe disso, já foi conversado com você, precisa se acalmar.

— Eu sinto que é hoje, Alex. Sei que é! — Ela se abanou com um encarte de loja em promoção. Suas bochechas estavam coradas e embora estivesse um calor insuportável em Nova Iorque, eu sabia que muito daquilo era por causa da adrenalina que ela estava sentindo.

Claro que eu estava nervoso também, era um momento importante.

Eu estacionei o caso em frente ao grande

prédio branco e corri dando a volta para abrir a porta para ela. O que foi desnecessário. Ela já havia saltado para fora e já andava em direção a entrada.

— Baby, espere. Faremos juntos, lembra? — Estendi a minha mão para ela. Carter pegou a minha mão e me deu um sorriso apologético e juntos entramos no prédio onde já esperavam por nós.

— Bom dia. — Uma mulher negra e muito alta nos cumprimentou. — Vocês devem ser os Hartnett. Meu nome é Lori Stone. — Ela esticou sua mão primeiro para minha esposa e depois para mim.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Prazer em conhecê-la, Lori — Carter respondeu, mas quase não conseguia prestar atenção na mulher em nossa frente, seus olhos dançavam por todo o local.

— Vejo que estão ansiosos. — Os olhos de Lori Stone eram cheios de compaixão, eu tinha certeza que ela já tinha recebido muitos casais como nós.

— Sim. Desculpe, eu apenas não consigo evitar — Carter justificou, fazendo Lori e eu rir da sua postura. Coloquei o braço nos ombros de minha esposa e a puxei para perto de mim em um abraço de lado, para lhe dar segurança e um pouco de calma.

PERIGOSAS ACHERON

— É compreensível, senhora Hartnett.

— Me chame de Carter — minha esposa pediu.

— Claro! Bem, me sigam por favor. — Ela abriu uma grande porta que imediatamente nos levou a um mundo totalmente novo e... ainda mais barulhento. — Bem-vindos ao Lar St. Francis.

Caterine sorriu e contemplou as crianças correndo, caminhando, chorando, assistindo televisão, sorrindo e brincando ao mesmo tempo. Eu suspirei satisfeito com a nossa decisão. E com o local. No fundo, acho que imaginava um local sombrio como em um filme de terror, mas aquele

orfanato era realmente um local colorido e sorridente.

A decisão de tentarmos ter outro filho não foi muito depois da nossa reconciliação. Caterine e eu resolvemos que sim, lamentaríamos pela perda do nosso bebê pelo resto de nossas vidas, mas que isso não nos abalaria mais, não da forma como foi antes. Ela continuava tomando seus antidepressivos e estava indo muito bem, nunca faltava a uma sessão mensal de terapia e a cada dois meses eu participava da sessão.

Caterine fez as pazes comigo, nossa família e principalmente com ela mesma. A terapia nos ajudou também a não criar expectativas quanto a

termos um filho biológico, quando perdemos o bebê, os médicos avisaram que a probabilidade de ela engravidar era muito pequena devido aos danos sofridos em seu útero. Carter e eu estávamos cientes daquilo, era triste, mas lutamos muito para não nos deixarmos abalar e sem pretensões começamos as nossas tentativas.

Dois meses depois tivemos nosso primeiro alarme falso.

Caterine pensou estar grávida. Eu morri de medo quando ela disse que estava atrasada. Fiquei com medo de ser alarme falso e ela voltar ao lugar escuro que esteve meses antes. Aquela foi a primeira vez que minha esposa me mostrou o quão

disposta a não se deixar vencer por sua depressão e pelo seu passado ela estava.

Ela marcou duas sessões com o doutor Boomer, esteve ciente o tempo todo de que as chances eram pequenas e quando veio a negativa, ficou decepcionada, é claro, mas superou.

Então nossa Odisseia começou, foram pelo menos mais três alarmes falsos antes de finalmente irmos ao médico para entender o que estava acontecendo e quais seriam as nossas reais possibilidades.

Não existiam possibilidades.

Caterine não poderia engravidar. E

inseminação seria arriscado e caro. Seu corpo não era mais seguro para gerar uma vida. Nem para ela e nem para o bebê.

Mesmo ela se mostrando controlada e firme com tudo aquilo, eu me preparei para um surto, uma recaída. Nunca veio. E exceto pelo aniversário de morte do nosso bebê há quatro meses atrás eu não precisei me preocupar com a minha esposa. Ela ficou arrasada naquele dia. Nós não tínhamos enterrado Simon, nem simbolicamente e não tínhamos aonde ir para lamentar por ele.

Então ela resolveu ficar no quarto vazio pelo dia todo. Chorou, ficou em silêncio, e sentou em frente à janela do quarto enquanto parecia

pensar muito. Até que chamou por mim e limpando as suas lágrimas, ela disse:

— Vamos adotar.

Sim!

Eu fiquei tão aliviado e eufórico que ela estivesse bem com as palavras de seu médico que eu adotaria duzentos filhos se fosse necessário.

Então decidimos que esperaríamos mais algum tempo e conversaríamos muito. Principalmente com o doutor Boomer. Para a nossa alegria, ele não só apoiou como fez questão de fazer um laudo atestando a total capacidade de Caterine de adotar, prover e amar uma criança.

Nós decidimos que não importaria o sexo, gênero, idade, raça ou histórico. A vida escolheria por nós. Sabíamos que teríamos um sinal quando chegasse a hora. Nós fomos em outras casas de passagem e orfanato, mas parecia que nunca era a hora certa.

Sempre que visitávamos um lar, Carter chegava empolgada, ansiosa e depois murchava. Me olhava tristemente e dizia que seu coração não estava ali. Pedia perdão para mim e eu dizia que tudo estava bem.

Embora ela ficasse ansiosa em todas as vezes. Naquele dia, para conhecer o St. Francis, ela parecia completamente diferente. Sua ansiedade

estava me preocupando, era muito maior, chegava a suar e ela continuava dizendo que sentia que era aquele momento.

Aquele era o dia.

— Aqui no Lar St. Francis temos crianças de todas as faixas etárias e fico sempre muito contente quando encontro casais que não colocam exigências para dar seu amor, isso me enche de esperança, devo dizer. — Lori era uma mulher que aparentava estar na faixa dos quarenta anos. Era negra, de pele muito escura, seus cabelos eram orgulhosamente ornamentados em tranças grossas e coloridas e seu uniforme consistia em um terno colorido para combinar com os cabelos. O sorriso,

assim como sua beleza, era imponente. Ela era assistente social e encarregada da casa por mais de quinze anos. Seu trabalho era realmente belo e quando pesquisamos sobre o lar ficamos extremamente satisfeitos em saber que as crianças viviam com dignidade ali.

— Os maiores ajudam a cuidar dos menores. — Continuou ela. — As crianças de até cinco anos de idade estão na parte de trás, é hora de escovar os dentes... — Lori interrompeu sua fala e desviou o seu olhar para além de nós. — Heyes! — gritou ela nos fazendo olhar em direção de quem ela chamava. — Não fuja! Eu preciso falar com você sobre suas notas na escola. Venha aqui e me

aguarde — ordenou.

Notamos um rapaz jovem, adolescente, vindo em nossa direção, ele era branco, alto, tinhas os cabelos castanhos claros e usava uma jaqueta de couro surrada tentando claramente passar um ar rebelde já que estava calor o suficiente para andar nu pela cidade naquela época do ano. Seu andar era confiante e seu sorriso era visivelmente uma tentativa de parecer menos nervoso do que realmente estava. Eu ficaria com medo se a postura da assistente social naquele momento fosse para mim.

Lori se virou para nós.

— Desculpe por isso. Ele anda escapando desta conversa e precisei pegá-lo — justificou. — Ele é um dos nossos meninos mais velhos. É um bom garoto, mas está com dificuldades na escola, é realmente um rapaz esforçado, mas algo o está incomodando. Acabou de fazer dezessete anos e bem, aos dezoito ele precisa ir de um jeito ou de outro. — A tristeza na voz de Lori Stone era enorme. Senti pena do garoto imediatamente. — Temo por ele.

Quando o garoto se aproximou olhou para baixo e esperou Lori falar algo.

— Eu preciso que você me aguarde, querido — pediu carinhosamente ao rapaz. Quando ele

levantou seus olhos para ela, o carinho claramente era refletido. — Diga olá aos nossos convidados.

— Olá, sejam bem-vindos — o menino disse educadamente, mas não esboçou nenhum sorriso para nós, bem, era justificável. Caterine olhava para ele com os olhos cheios de lágrimas.

— Senhor e senhora Hartnett este é Simon Heyes.

Meu coração perdeu uma batida naquele momento. Ouvi Caterine ofegar e quando nossos olhares se cruzaram nós sabíamos.

A decisão estava tomada.

PERIGOSAS NACIONAIS

Continua em Nunca mais dizer Adeus...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

NUNCA MAIS DIZER ADEUS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

SINOPSE

Alex e Carter resolveram ser felizes de qualquer maneira. E se adotar era o meio para que sua família finalmente acontecesse, era exatamente o que fariam. Mas quando Caterine coloca os olhos em um garoto mais velho do que as expectativas do casal para adoção, tudo muda novamente.

Simon Heyes está acostumado a ver as pessoas pelas costas. Especialmente quando elas o estão deixando para trás.

Quando um jovem casal decide adotá-lo, Simon tenta se manter afastado o máximo que

pode. Ele não quer se envolver, não precisa de mais uma família para explorá-lo e depois jogá-lo fora. Ele só quer completar dezoito anos, terminar o ensino médio e cair no mundo. Mas seus novos pais e uma certa garota de olhos violeta na nova escola batem na porta do seu coração e lhe dão aquilo que ele mais repudia.

Esperança.

PRÓLOGO

SIMON

A primeira vez que alguém me disse adeus eu não tinha idade o suficiente para entender.

Dizem que eu tinha apenas três anos de idade quando minha mãe foi assassinada pelo seu próprio traficante, que também era meu pai, enquanto a vizinha cuidava de mim, excepcionalmente, naquele dia.

Aparentemente eu testemunhava muitas coisas absurdas como violência, drogas e sexo, mas meu pai imaginou que seria demais presenciar um

assassinato, então pediu para que a vizinha me cuidasse.

Ele fugiu com a minha tia que o ajudou a se livrar do corpo de minha mãe e eu fiquei com a mulher estranha até que ela chamasse o serviço social e me mandasse embora com eles por não poder me sustentar junto com os seus outros quatro filhos.

De qualquer forma, eu não me lembro de nada. Aos três anos é difícil lembrar das coisas e Lori diz que é bom que eu não consiga me lembrar desta época.

Sinceramente não posso dizer, pois o que

lembro da minha vida depois disso não chega a ser muito diferente.

Eu era uma pequena coisa loira de olhos verdes escuros que imediatamente fora adotada quando fui entregue ao serviço social. Meus primeiros pais adotivos ficaram comigo por três anos. Deste tempo eu me lembro bem, foram os únicos realmente bons para mim.

Moravam em um pequeno e aconchegante apartamento, eu ficava em um sofá cama na sala, mas era limpo e eles me tratavam bem. Lembro dos cookies deliciosos que a mulher fazia, e dos passeios que o homem me levava todos os dias, apenas andávamos por aí e conversávamos sobre

qualquer coisa.

Lembro de gostar deles, ainda consigo sentir o gosto dos cookies e do espaguete com almôndegas. No dia em que eu completaria sete anos de idade eles morreram em um acidente de carro enquanto eu estava na escola aguardando que fossem me buscar para comemorarmos em um restaurante. Lembro de esperar ansiosamente pelo bolo. No lugar do seu velho carro, estacionou em frente à escola a van do serviço social. Eles foram rápidos. Ouvi-os dizendo que nenhum outro membro da família queria ficar comigo, por isso os chamaram. Bem, ao menos não esperei por quatro dias na escola. Então eu voltei para o St. Francis.

Voltei para os braços de Lori. Ela sempre foi minha amiga.

Acontece que crianças crescidinhas, por mais que sejam bonitas e branquinhas, não são a primeira opção depois do segundo ano de vida. Logo percebi que o tempo passava e ninguém se dava ao trabalho de me dar um segundo olhar.

Criei aquela expectativa que todas as crianças criam quando não têm ninguém, quando estão prestes a perder a esperança de que serão adotadas. Sonhava com o momento em que algum casal legal chegaria no Lar para escolher o seu filho, eles me perguntariam algo e a minha resposta espertinha os fariam se apaixonar por mim e me

levariam com eles. Então, assim que aprendi a ler, comecei a devorar cada livro à minha volta para parecer inteligente.

Yeah!

Coitado.

Logo esse lindo delírio deu lugar a apenas decepção e um pouco de revolta contra as pessoas, não que eu fosse agressivo ou desagradável, eu não gostava delas em silêncio, era mais prudente assim.

Aos nove, eu já não sonhava mais.

Ninguém me queria, afinal de contas. Então por que eu iria querer ficar com alguém também? Não faz sentido você ficar correndo atrás de algo

ou alguém que não é para você.

É estúpido e uma miserável perda de tempo.

Porém, aos dez fui adotado por um casal que eu gosto de chamar de sanguessuga. Pessoas que adotam várias crianças para conseguir subsídios do governo e que gastam esta verba com tudo, menos com as crianças que levaram para casa. Geralmente essas crianças são feitas de empregados e precisam brigar por um pedaço de pão.

Estes eram os Lincoln.

Vivi com esta família por cinco anos. Não foi diferente do orfanato se considerarmos a

quantidade de crianças dentro de uma casa de três quartos. Eu ainda lembrava o nome de cada uma delas:

Havia Mike, o mais velho, com dezesseis anos e mais baseados escondidos em suas meias do que qualquer pequeno traficante do Queens, só que ele não vendia. O cara vivia chapado, mas não incomodava ninguém.

Ao contrário de Ralf, meu algoz. O cara *legal* que me dava uma surra de verdade por semana e nos outros dias apenas fazia pressão psicológica e me dava alguns cascudos. Eu passava os dias esperando que ele me batesse.

A ansiedade e antecipação me fazia mais mal do que a surra propriamente dita. Nunca sabia de onde ela, a surra, vinha ou quando. Aquilo terminava com os meus nervos. Eu vivia com medo.

E então vinham os outros: Alice, quinze anos, quieta e introspectiva, eu suspeitava que ela se matinha invisível com medo de que o senhor Lincoln ou um dos meninos mais velhos fizessem algo com ela. Eu, Pedro, Jenna e Trisha tínhamos entre oito e doze anos. Éramos sete crianças dividindo dois quartos. Meninas para um lado, meninos para o outro. Café da manhã racionado, almoço na escola se conseguíssemos algum

dinheiro ou guardar algum alimento, a maioria de nós guardava o café da manhã para comer no meio do dia. E jantar nem pensar. Talvez algo que Alice dividia conosco quando comprava comida com suas economias do trabalho de babá. Fora isso, tínhamos um grande nada.

Algum tempo passou e uma rotina fora criada, às vezes nos divertíamos juntos e até esquecíamos do quanto era ruim viver naquele lugar. Para todos nós. Inclusive para meu algoz. Aos quatorze, eu vi Ralf e a senhora Lincoln transando ao lado do tanque de lavar roupa na área de serviço nos fundos da casa, ela gemia e falava coisas obscenas para ele enquanto ele simplesmente

empurrava para dentro dela e olhava para o outro lado, seu rosto mostrava nada menos do que repulsa. Quando ele percebeu que eu estava assistindo, me olhou com ódio.

Aquela noite ele quebrou duas costelas minhas.

No dia em que estava completando quinze anos, a senhora Lincoln apalpou meu saco e tentou me masturbar dizendo que eu estava me tornando um jovem muito atraente. Dei-lhe um soco na cara. Ela contou para o senhor Lincoln que, por sua vez, me deu um soco na cara seguido de um espancamento digno de UFC e me devolveu para o serviço social dizendo que eu era violento e deveria

estar na cadeia.

Logo eu estava em uma nova família, os Molina. Eram legais, mas sua filha legítima, Philly, era muito mais legal, eles nos pegaram em uma sessão de amassos e me enviaram de volta para o serviço social com medo que eu engravidasse sua filha. Nós nem chegamos a transar.

Foi quando Lori resolveu não me deixar ir mais.

E sob a proteção de Lori, eu finalmente tive um vislumbre do que era carinho. Não que tenha virado um Cocker Spainel, dócil e carinhoso, mas Lori me conquistou e pelos próximos dois anos ela

me ensinou sobre respeito, honestidade, educação e incentivou ainda mais a leitura quando viu que era algo que eu gostava. Eu amava quando era mais novo, mas meus lares realmente não me permitiram manter como um hobby, no Lar St. Francis era diferente, os assistentes sociais me queriam em meio aos livros. E não me importei em passar cada minuto que tinha com eles.

Eu amava ler.

Eu lia qualquer coisa.

Nós não éramos autorizados a ter nada como roupas diferentes ou música ou telefones, mas Lori me deu dois presentes quando completei

dezessete anos: um cartão da biblioteca do bairro e uma jaqueta de couro surrada que ela disse ter comprado em um brechó.

Os livros devolveram meu interesse pela leitura e me fizeram parecer inteligente na escola, bem, apenas em algumas disciplinas, eu continuava sendo uma negação em matemática e ciências. A jaqueta me fez parecer legal e assustador. Não que eu realmente fosse um ou outro, na maior parte do tempo eu ficava sozinho na escola e não me aproximava de ninguém. Apenas algumas garotas para dar alguns amassos.

Eu nunca dava uma segunda chance para qualquer uma delas. Eu iria embora em algum

momento. Ou o mais provável, elas iriam.

Eu não tinha amigos na escola também. A maioria dos garotos me tratavam como pária, mas não eram maus comigo, eu ficava na minha e eles na deles. Ninguém se incomodava desta forma. Eu tinha amigos no Lar, por outro lado. Gostava de estar perto das crianças, brincava com elas e ajudava todas em suas tarefas que não envolvessem matemática ou ciências.

Eu tinha um A em literatura. E...

Apenas um A em literatura!

Um B em inglês e história e depois um show de C's e F's em todas as outras disciplinas.

PERIGOSAS NACIONAIS

Assim que entrei em “casa” naquele dia, Lori parou de conversar com o casal que estava provavelmente escolhendo alguma criança para levar para casa e me chamou, seu tom não me dava alternativa, eu já tinha fugido dela por uma semana inteira, não podia mais protelar. Ela provavelmente me faria participar de reforço escolar para melhorar as minhas notas.

Eu odiava aquelas matérias, reforço só reforçaria o meu ódio por elas.

Mas não podia mais fugir de Lori. Suspirei e andei até ela sabendo o seu objetivo. Se eu escapasse naquele momento, ela não me veria pelo final de semana todo e estaria mais brava na

PERIGOSAS ACHERON

segunda-feira. Minhas notas estavam uma vergonha.

Mas se soubesse o que aconteceria em seguida, teria fugido de Lori novamente.

— Senhor e senhora Hartnett, este é Simon Heyes. Simon, por favor, cumprimente nossos convidados — Lori pediu. O jovem casal me olhou por um momento e a mulher parecia que ia ter um acidente cardiovascular na minha frente. Seu marido de repente estava com os braços em volta dela, como se estivesse pronto para ampará-la.

— Er... olá. — Cumprimentei sem graça, imediatamente comecei a coçar meu pescoço

tentando encontrar algo para fazer enquanto todos me analisavam como se eu fosse algum experimento. Olhei para o homem que agora trocava olhares com a esposa e eu poderia dizer que ele era completamente louco por ela.

Tipo, louco mesmo.

Ele ficava em cima dela e analisava cada uma das suas reações. Seus olhos brilhavam e ele tinha uma espécie de sorriso engessado em seu rosto. Era assustador, para dizer a verdade.

— Bem, eu preciso que você fique por aqui, não suba para os dormitórios, pois quero ter uma palavrinha com você antes do final de semana.

— Lori...

— Ou nada de livros... — Seu tom era categórico. Ela sabia ser uma megera quando queria. Era sacanagem me deixar sem livros. O que eu faria o final de semana inteiro?

Porra!

— Tudo bem — disse simplesmente e me sentei na cadeira mais próxima à sala de artes e logo algumas crianças estavam em volta de mim, eles deviam estar voltando da higiene bucal da manhã. — Hey, galera! — Cumprimentei todos e me preparei para os pedidos.

— Simon, você pode desenhar comigo? —

Davis solicitou.

— Eu também quero, Simon! — Benjamin entrou na conversa, fazendo Davis formar uma carranca.

— Claro, homem! Vou desenhar com todo mundo. Vamos lá. — Olhei novamente para Lori e a vi olhando para mim juntamente com o casal. A mulher continuava me olhando de forma esquisita, como se estivesse pronta para desmaiar a qualquer momento. Olhei para ela por um momento tentando entender sua reação, mas não consegui decifrar nada, bem, ela certamente combinava com o marido, pois quando olhei para o homem, ele também me fitava de forma engraçada. Aqueles

dois estavam começando a me assustar.

Quando Lori começou a falar e gesticular novamente para o casal, respirei aliviado ao perceber que não era mais o foco da sua atenção.

Ou assim eu pensava.

CAPÍTULO 1

SIMON

Por algum motivo, acabei escapando de Lori e tendo o final de semana livre e sem qualquer castigo. Era um alívio, mas também sabia que na semana seguinte eu pagaria o preço. Lori não era má. Ela era boa para mim, o único adulto que realmente se preocupou comigo durante a minha vida toda. Eu tinha respeito e carinho por ela, mas a última parte eu dificilmente admitiria algum dia.

Quando a segunda-feira chegou, Lori me chamou no escritório dela assim que voltei da escola. Eu tinha certeza que era para falar sobre as

minhas notas.

— Entre, querido. Sente-se. — Seu tom não era de alguém que estava bravo ou preocupado. Sentei e fiquei tentando entender o sorriso que se formava em seu rosto.

— Como tem passado, Simon?

— Bem — respondi simplesmente, começando a me sentir desconfortável com o seu sorriso esquisito.

Será que ela e Tito, o policial que tratava de ocorrência dos meninos baderneiros do Lar, finalmente assumiram que estavam querendo um ao outro e estavam saindo?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bom! — Pausou por um momento e cruzou suas mãos em cima da sua mesa. — Vou direto ao ponto: Lembra-se do casal da semana passada? — perguntou.

Como diabos eu saberia de qual casal ela estava falando? O orfanato era uma feira de domingo. Sempre havia casais no Lar olhando as crianças. Levantei minha sobrancelha para ela que entendeu na mesma hora a minha dúvida sobre qual casal ela estava falando.

— Claro, temos muitos casais aqui o tempo todo. Eu falo dos Hartnett... O jovem casal? Estiveram aqui na sexta-feira? — Tentou me fazer lembrar. Mas eu já sabia quem era.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Os que viram você ameaçando a minha única forma de entretenimento para os finais de semana? — brinquei, fazendo ela rolar os olhos para mim.

— Sim, eles mesmo. — Sorriu parecendo satisfeita com a minha memória.

Por que diabos ela estava sorrindo tanto?

E o que tinha aquele casal em específico?

Oh! Porra!

— Não — disse duramente no momento em que percebi o que ela estava tentando me dizer. — Não! Não! E não! — Continuei a dizer, apavorado. — Você prometeu, Lori!

PERIGOSAS ACHERON

— Eles querem você, Simon.

Por que ela dizia aquilo como se fosse algo legal?

— Para quê? Um ménage? — Minha voz desafinou um pouco quando respondi. O nervosismo estava tomando conta de mim. O que um casal jovem como aquele poderia querer comigo? Provavelmente iam me fazer de escravo sexual. Sei lá!

— Onde você aprendeu sobre isso? — O engraçado foi que a sua pergunta também saiu desafinada. Senti minhas bochechas quentes pelo rubor de ter deixado escapar a minha declaração.

— Eu leio — respondi dando de ombros. Foi bom que eu não tivesse falado a parte do “escravo sexual” também.

— Preciso dar uma olhada no que você anda lendo, rapaz — resmungou. — De qualquer forma, não é isso. Eles querem dar um futuro a você.

— Eu já vou fazer dezoito. Já meio que tenho um futuro — retruquei, sabendo que minha declaração era no mínimo uma piada.

Já tinha um futuro?

— Você vai fazer dezoito em um ano ainda, Simon, e você acha mesmo que tem um futuro,

querido? — Dei de ombros novamente. O que ela queria que eu dissesse?

— Por que não fazem um filho? São jovens.

— Ela não pode ter filhos — Lori respondeu com piedade em seu tom de voz.

— Hum... Isso pode ser bom para ela — constatei. — Talvez se contarmos o quanto filhos podem atrapalhar a vida de uma pessoa, eles desistam. Por que não compram um cão?

— Simon!

Ela odiava quando eu falava que era melhor nunca ter existido ou me comparava com um animal. Mas, sério, qual a relevância de povoar o

mundo se os pais não têm interesse de ficar com os filhos?

— Lori, eles podem ficar com qualquer criança — falei, frustrado. — Uma criança pequena, eles podem realmente ajudar alguém, mas não precisa ser eu.

— Querido, não cabe a mim contar-lhe o motivo para terem escolhido você, é muito particular para eles, mas suas intenções são reais e honradas.

— Mas só ficarei um ano. Eu farei dezoito e vou cair no mundo, você sabe — eu sempre dizia isso a ela. No momento em que eu fizesse dezoito,

ia para onde eu quisesse, ninguém mais decidiria minha vida, onde eu dormiria, comeria ou iria. Eu mandaria em mim.

— Ou você pode ficar... — A solução dela não era viável e ela sabia.

— O que eles vão querer comigo? Sério! Eles precisam de um caseiro para a casa de campo?

— Simon, não seja amargo. Já falei para você que é melhor do que isso.

— Por favor? Deixe-me ficar. — Implorei — Eu ajudo aqui. Não ajudo? Eu sou bom aqui, sou útil.

— Eu juro, querido, juro para você que se

não fosse para o melhor, não estaria deixando você ir.

— Você disse isso outras vezes — resmunguei, magoado.

— Eu sei, Simon, mas as coisas realmente mudaram. E você não irá simplesmente, coloquei uma exigência de um mês para fazermos averiguações e vocês se conhecerem. Para saberem se realmente querem essa convivência.

Então nem tudo estava perdido. Eles poderiam mudar de ideia.

**

O mês que se seguiu foi utilizado para eu

conhecer o senhor e senhora H, como gostava de chamá-los.

Eles iam ao orfanato para me visitar quase todos os dias. Mais a senhora H. do que o marido. Ela contava que ele era promotor público e estava em um processo muito importante contra o crime organizado e por isso não podia ir todos os dias. Mas o homem era esforçado. Sempre que podia estava lá, por vezes ele chegava correndo, faltando cinco minutos para acabar o nosso tempo juntos, mas ele dava um jeito. Quando não aparecia, ligava para a esposa, perguntava como tudo estava indo e mandava um abraço para mim. Envergonhado, eu assentia em agradecimento, mas não passava disso.

Eles eram sempre muito comunicativos e sorridentes, a mulher mais do que o homem, ele, na verdade, me analisava um pouco mais. Parecia menos envolvido na névoa romântica da adoção. Eu me analisaria também se tivesse uma mulher jovem e bonita em casa e estivesse levando um garoto em plena puberdade que sequer conhecia para a minha família.

Eu não era assim, é claro.

A senhora H. poderia ser uma bela mulher, mas eu tinha respeito e sequer a via desta forma. A repulsa depois de ver Ralf e a escrota da última "mãe" adotiva fazendo sexo sujo me fez ver exatamente o que não queria e nunca faria na minha

vida. Eu não seria usado. Ou escravizado. E talvez, por ver a degradação das mulheres que passaram por minha vida ou as histórias que ouvi do destino de muitas crianças adotadas, eu simplesmente não tinha aquilo em mim. Eu respeitava as mulheres. A senhora H. não era diferente. E, para ser honesto, ela era uma pessoa difícil de não gostar. Bem, ele também era. O fato de ele ser cauteloso comigo, precisava ser compreendido e respeitado. E eu fazia isso.

O primeiro encontro foi um tanto silencioso e desconfortável. Até o senhor H. perguntar algo que realmente me chamou a atenção.

— Simon? Você gosta de livros? — E então

a minha atenção era deles.

Ele contou que sua esposa gostava de livros e que tinha vários. Muitos mesmo. Tipo uma parede cheia.

A porra de uma parede de livros? Sim, eles tinham a minha atenção. Então o gelo foi sendo quebrado conforme os dias naquele mês iam passando.

CAPÍTULO 2

ALEXANDER

No momento em que Caterine viu o garoto, a emoção em seus olhos se transformou em algo que eu não sabia identificar. Mas eu podia dizer com convicção uma coisa: Era o mesmo olhar de quando ela me contou que estava grávida. Bem, era o olhar depois que ela me contou sobre a gravidez e viu que eu não ia surtar com um bebê.

O mesmo do dia em que nos casamos.

Não tinha outra alternativa.

Nós tentaríamos adotar um menino de

dezessete anos.

— Onde paramos? Ah! Sim, as crianças até cinco anos voltaram e... — Lori voltou a falar, mas Caterine continuava me fitando com aquela expressão determinada e apaixonada.

— Na verdade, Lori — Interrompi. —, gostaríamos de saber mais sobre Simon, é possível? — Lori olhou para o menino por um momento e olhou para nós com certa dúvida.

— Senhor Hartnett, Simon tem dezessete anos e...

— Nós queremos conversar sobre ele, é possível? — Interrompi novamente.

Lori assentiu finalmente e Carter me olhou com um sorriso largo.

— Vamos até o meu escritório, por favor. — A assistente social andou em nossa frente enquanto, abraçados, Caterine e eu a seguíamos.

Caterine continuou em silêncio, mas eu sabia que sua mente estava em um turbilhão, entendi o seu olhar e entendi o que ela queria imediatamente.

— Queiram ficar à vontade, por favor. Eu vou pegar água para nós — Lori avisou assim que entramos em sua pequena sala. Era decorada com desenhos dos meninos e um grande quadro cheio de

fotos, também de garotos. Identifiquei uma de Simon, rodeado de meninos, em um porta-retratos na mesa de Lori e o peguei no momento em que sentei ao lado de Caterine. Analisei o rosto do rapaz que minha esposa escolheu para ser seu filho. Os olhos tristes eram os mesmos ao vivo. Ele era um menino bonito, parecia saudável e tinha uma postura um tanto tensa.

— Alex? — Caterine chamou delicadamente, colocando sua mão em meu joelho. — Você tem certeza?

— Você tem certeza? — devolvi a pergunta a ela. Fitei seus belos olhos verdes, cheios de emoção e ansiedade.

Como eu não teria certeza?

— Eu... eu...

— Você tem certeza, Caterine. Eu vejo isso nos seus olhos. Todo o seu corpo está reagindo a isso. Você está iluminada, mas, baby, precisamos conversar com Lori primeiro. — Procurei trazê-la para a realidade. Tínhamos que conhecer o garoto em primeiro lugar. Não era porque o estado de Nova Iorque tinha nos dado autorização para adotarmos que levaríamos alguém para depois, por algum motivo, devolver para o sistema. Era por isso que estávamos sendo cautelosos, foi por isso que voltamos sozinhos para casa depois de visitar outros orfanatos.

— Eu sei — concordou e se esticou para beijar os meus lábios. — Obrigada, de qualquer forma, por entender.

Quando Lori voltou, nos serviu a água e sentou em nossa frente.

— Pois bem, vocês querem falar de Simon...

— Sim! — Carter exclamou com excitação.

— Bem, ele entrou para o sistema aos três anos de idade...

Ela nos contou todo o histórico de Simon Heyes. O rapaz aparentemente não teve a oportunidade de ver nada de bom da vida. Foi

abandonado várias vezes e abusado. Mesmo assim, se manteve na linha. Lori Stone falou com admiração de Simon, era um bom garoto, nunca se meteu no que não devia. Com exceção de uma vez que para se defender de um abuso sexual bateu em sua mãe adotiva. Ele estava com dificuldades na escola e não iria para o último ano do colegial se não obtivesse ajuda.

— Ele é muito doce com as crianças daqui e também com os funcionários, mas realmente não quer ir para qualquer lar, e meio que me fez prometer que eu não o enviaria para qualquer lar depois da última vez que voltou. — Seu tom era sério e parecia que ela estava determinada a manter

a sua promessa para Simon. Caterine chorava sem parar enquanto escutávamos a história daquele menino. — Eu não quero ser rude aqui, senhor e senhora Hartnett, mas Simon é um rapaz crescido e sua ficha diz que, embora não tenham quaisquer exigências, assinalaram que gostariam de ter crianças. Simon tem dezessete anos.

Então minha esposa resolveu contar a sua história para Lori, não escondeu nenhum detalhe, nem mesmo o alcoolismo.

— Simon era o nome que daríamos ao nosso filho e sei que pode parecer mórbido, senhorita Stone, mas tudo o que pedi em nossas visitações pelos orfanatos era um sinal de que eu

estaria fazendo a coisa certa. — Ela pegou a minha mão e apertou com força, sorri para ela concordando com suas palavras e lhe dando ainda mais coragem para continuar. — Nós não estamos adotando porque precisamos de amor, mas porque simplesmente queremos um filho — explicou. — Nós estamos transbordando amor aqui, nós sentimos necessidade de compartilhar toda a harmonia, afeto, paixão e respeito que temos em nossa casa, e Simon...

Minhas próprias lágrimas começaram a cair ouvindo o quanto minha esposa era perfeita. O quanto ela havia crescido, nós havíamos crescido. Claro que ainda tínhamos alguns dias complicados,

nossa dor nunca seria esquecida, a depressão de Caterine sempre estaria à espreita e teríamos que tratar dela o resto de nossas vidas, mas nós viveríamos bem, felizes, formaríamos uma família apesar disso.

— Simon foi o sinal que eu precisava. — Continuou ela. — Ele foi o sinal que pedi para saber que estava tomando a decisão certa. Se ele deixar, nós daremos o que lhe foi negado pelos últimos dezessete anos. — Ela me olhou procurando por apoio, concordância. Eu assenti com firmeza. — E se quando ele completar dezoito anos quiser ir embora, nós abriremos a janela.

— Desculpa, o quê? — Lori perguntou

confusa sobre a janela, nos fazendo rir.

— É uma metáfora — expliquei. — Ela quer dizer que ele terá liberdade. Nós libertamos quando amamos.

CAPÍTULO 3

SIMON

As visitas se fizeram muito mais fáceis depois que descobri que os H. tinham uma parede enorme de livros em sua casa, passávamos a maior parte do tempo falando sobre os livros que gostávamos. Contei que gostava de fantasia e terror.

— Quais livros você tem? — senhora H. perguntou entusiasmada.

— Eu não tenho muitos — respondi sem graça.

— Ah! — disse também sem graça. — Você lê na escola, então?

— E às vezes vou à livraria e sento lá para ler os livros. — Dei de ombros, como se não fosse grande coisa. Depois disso, os Hartnett passaram a aparecer com sacolas de livros. Lori chamou a atenção deles, dizendo que não era saudável e podia ser interpretado como suborno para eu aceitar ir com eles. Mas a senhora Hartnett tinha algo nela que fazia as pessoas terem dificuldades em negar-lhe alguma coisa. Então, depois de explicar para Lori que era apenas um empréstimo e que a intenção dela não era me comprar e sim me proporcionar entretenimento, a assistente social

acabou relaxando e permitindo que ela os trouxesse.

Dizer que não fiquei tocado com a sua atitude seria mentira. Mas eu precisava tomar cuidado. Os Hartnett eram legais, mas eu ainda não via motivos para ficar em um lugar, criar expectativas para ir embora em seguida. Eu sabia também que depois de um ano, ou talvez antes, eles me mandariam embora.

Durante nossas conversas, Caterine sempre procurava saber coisas sobre mim, desde meu gosto por livros até minha numeração de sapatos. Minhas

cores favoritas e comidas também. Ela fazia ser muito difícil não gostar dela.

Quando chegou o dia de eu tomar a decisão, foi para Lori que contei sobre ela. Os Hartnett não participaram da conversa pois Lori não gostaria que eu me sentisse pressionado a aceitar ir com eles.

— Eles são legais, Lori — expliquei nervosamente para ela. Eu não tinha dormido e mal consegui prestar atenção na aula com aquela questão na minha cabeça. Não sabia explicar o que estava sentindo. Mas sabia que não queria ser abandonado novamente. Eu não daria essa chance. Então, depois de muito pensar, resolvi. — Mas não quero ser adotado e sei que não sou eu quem

resolve, mas eu queria pedir, por favor, para não me deixar ir com eles.

— Eu entendo, Simon, e não vou forçá-lo...

— Mas os Hartnett podem, não podem? Uma vez que estou no sistema. — Interrompi o que ela estava dizendo. De repente estava me sentindo ansioso com aquilo tudo.

— Os Hartnett não te forçarão a nada, Simon. De fato eles assinaram apenas o termo de compromisso de casa de passagem. Eles querem dar a você a decisão de ir embora quando você completar dezoito anos. — Fechei meus olhos tentando me concentrar e manter a minha palavra.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Escute, eles estão te dando opções aqui, mas você já parou para pensar em todas as oportunidades que terá? Uma casa, pais que se importam, escola, talvez até faculdade...

— Eu já me dei mal tantas vezes, Lori...

— Talvez seja a hora de você se dar bem — afirmou e ficou quieta, apenas aguardando eu e meus pensamentos. Eu continuava firme em minha decisão, até que vi, pela persiana do escritório eu os vi, o senhor H. estava abraçando a sua esposa e a embalando enquanto ela parecia apreensiva. Ela estava daquela forma por causa de mim. Eles me visitaram por um mês para me conhecer. Nunca aconteceu isso antes.

PERIGOSAS ACHERON

Talvez eu pudesse lhes dar uma chance.

Talvez eu pudesse *me* dar mais essa chance.

Com medo, muito medo.

Foi o que fiz.

CAPÍTULO 4

SIMON

A casa dos Hartnett ficava em Tribeca. Era um bairro legal. Bem diferente dos lugares que eu havia frequentado.

Os H. são ricos? Pensei comigo enquanto olhava para os prédios e ruas bem cuidadas do bairro.

Eles moravam em um loft, era impressionante, para ser honesto, parecia casa de revista. Era grande e com decoração legal. Tinha uma cozinha imensa, sem contar o número de

janelas.

— Vamos subir, depois você vê tudo com calma — senhora H. disse pegando a minha mão e subindo para o segundo andar comigo sendo praticamente arrastado por ela. Eu podia ouvir o seu marido resmungando e rindo atrás de nós, mas não consegui entender bem o que ele dizia. Ela parou em frente a uma porta e engoliu em seco, quando me olhou, percebi que havia uma pontada de tristeza em seus olhos, mas rapidamente se apagaram e a tristeza deu lugar ao entusiasmo. E no momento em que ela abriu aquela porta, uma das barreiras que eu tinha minunciosamente construído em volta de mim, caiu.

— Este é o seu quarto, Simon — a mulher disse com empolgação.

Eu nunca tive um quarto antes.

Era incrível, se eu não estivesse tão preocupado em não criar expectativas eu teria amado cada metro quadrado daquele local.

O senhor H. se aproximou e deu um tapa em meu ombro, como incentivo.

— Vá em frente, explore. Tome um banho. O jantar será que horas, querida?

— Hum... eu estava pensando em pedirmos pizza e comer na janela hoje — Caterine sugeriu, incerta. — Tudo bem para você, Simon?

Eu olhei para ela por breves segundos antes de dar em meus ombros e assentir. O que quer que fosse comer na janela não fazia diferença para mim, mas pizza, isso sim era bom.

— Ótimo, fique à vontade, esta casa é a sua agora. — Sorriu animada, olhando para o marido, como se procurasse algum apoio. Ele sorriu para ela também. Carter voltou a falar em seguida. — Abasteci seu guarda-roupas com algumas coisas que imaginei que gostaria.

Assenti olhando tudo em volta, não querendo ficar muito animado com o espaço que tinha sido feito para mim.

— E pus uma prateleira de livros. — Ela piscou e conseguiu arrancar um sorriso, pequeno, de mim. — Nós vamos comprar todos os volumes que quiser.

— Obrigado, senhora. Senhor...

— Você pode nos chamar pelos nossos nomes, Simon, não há necessidade deste tipo de etiqueta. — Alexander pontuou com simpatia. Assenti e tentei sorrir para eles.

Pelo menos não estão pedindo que eu os chame de mamãe e papai.

— Ou você pode nos chamar de mãe e pai — Caterine emendou em seguida.

Aí está! Ugh!

— Carter, querida... — Alex chamou a atenção da esposa.

— Eu sei... eu sei... — Ela saiu levantando suas mãos e seguindo pelo corredor. — Eu só estou feliz, só isso. — Suas palavras foram abafadas pela distância que ela já tinha tomado do quarto. Fiquei com pena dela por um momento, mas aliviado por ela ter ido.

— Dê um desconto a ela. Está feliz por você estar aqui conosco. — Alexander fechou a porta atrás de si enquanto falava.

Senti-me um pouco tenso. Talvez ele fosse

me ameaçar, talvez fosse dizer que não me queria ali e que só me aturava porque sua esposa estava desesperada para ter um filho. Eu não sabia, mas, de qualquer forma, estava preparado. Principalmente para fugir, se fosse necessário.

— Eu gostaria apenas de dizer-lhe que estou feliz por você estar aqui, Simon. Eu sei que deve estar sendo difícil aceitar que com quase dezoito anos você esteja sendo adotado e que provavelmente não era isso que você queria, mas se eu puder pedir algo...

Assenti rapidamente tentando não parecer tão assustado quanto eu realmente estava.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Se você puder nos dar uma chance... Caterine passou por muito e eu quero que ela seja feliz e quero que você tenha uma chance na vida também. Eu quero que vocês dois sejam felizes. — Engoli em seco. — Apenas isso. Tudo bem?

Aquele não era um papo de primeiro dia de casa adotiva. Ele deveria estar me falando das regras, nada de drogas, o toque de recolher, fique longe das minhas coisas, não apareça quando tivermos visitas... essas merdas que eu ouvia sempre. Mas então ele estava apenas se abrindo para mim.

— Em troca, prometo não forçar você a me chamar de pai e nem levá-lo ao meu escritório no

dia do trabalho. — Ele riu da sua piada, mas eu me mantive sério. Eu não tinha ideia do que ele estava falando. Claro, eu meio que entendia que os garotos chamavam seus pais de pais e que existia essa coisa de dia dos filhos no trabalho dos pais, mas eu realmente não via a graça disso.

— Enfim, o gelo vai quebrar em algum momento. Apenas pense sobre o que falei, ok? — Alexander continuou um tanto desconcertado quando eu não ri da sua piada.

— Ok — sussurrei sentando-me na cama e olhando para o tapete felpudo verde escuro no chão.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ok. — Repetiu e então se foi. Deixando-me sozinho.

Eu movi meus olhos sobre o quarto novamente e não pude deixar de sorrir. Era um quarto legal, um quarto que eu certamente teria escolhido para mim. A cama de solteiro era em um padrão mais largo, parecia que havia sido fabricada para pessoas mais gordas ou casais muito magros, certamente era o dobro da cama do beliche do dormitório de St. Francis. Levava um edredom verde escuro, como o tapete, e travesseiros amarelo escuro, mostarda, eu acho.

Em cima da cabeceira havia um painel cobre com imãs em forma de guitarras e notas

musicais esperando que eu o preenchesse com algo. Talvez fotos, eu não sabia. Eu não tinha fotos minhas, de qualquer forma. Apenas uma, com Lori e os meninos da casa em uma competição de futebol.

Talvez colocasse aquela foto lá.

O quarto ainda tinha cortinas de um azul escuro e um guarda-roupas grande e branco. Aproximei-me e abri a grande porta de correr e perdi o ar quando vi a quantidade de roupas e calçados que estavam lá.

É tudo meu?

Questionei em minha mente.

Apenas para mim? Por isso as perguntas da senhora H!

Ao longo da minha vida, não tive mais do que três ou quatro mudas de roupas. Isso era realmente impressionante. Na verdade, sonhava com o dia em que teria uma muda de roupa para cada dia da semana, mas aquilo era muito mais. Talvez eu tivesse uma muda para cada dia do ano ou da década. Era realmente muito. E para todas as estações.

Porra! Havia até uma jaqueta de couro novinha em folha esperando por mim.

Peguei-me sorrindo e vasculhando os

cabides e prateleiras quando a realidade veio.

Eu não ficaria muito tempo.

Não deveria me animar. Eles me mandariam embora. Por melhor que eu fosse, eles me mandariam de volta, não importaria se eu me comportasse ou não, teriam que me devolver no final de um ano. Respirei fundo e tentei reconstruir a parede entre mim e os Hartnett.

Não deveria me deslumbrar com tudo aquilo.

Peguei uma toalha de banho. Enorme, felpuda e macia. T*ão bom!* E uma muda de roupa limpa da minha mochila e atravessei o quarto para

abrir a porta. Coloquei a cabeça para fora e procurei pelo banheiro, quando encontrei a porta, andei rapidamente para ela, mas parei ao abri-la quando ouvi Caterine chorando.

— Não chore, baby.

— São lágrimas de felicidade. Estou tão feliz. — A voz trêmula de Caterine cortou o meu coração.

— Eu também estou, mas você vai assustá-lo assim. Venha, vamos ligar para a pizzaria.

— Quais tipos de pizza você acha que ele gostaria?

— Hum...

— Acho que pedirei todos, não quero ter que perguntar a ele, pode ser chato.

— Não é muita pizza?

— Se sobrar, podemos levar as sobras para o abrigo mais tarde.

— É uma boa ideia — senhor H. disse em uma voz parecendo divertida.

Eu sorri.

Ela estava feliz por eu estar aqui.

E ela havia chorado.

Nunca ninguém havia chorado por mim.

Eu mal havia reconstruído a parede novamente e lá estava ela desmoronando outra vez.

**

Quando saí do banho, voltei para o quarto e respirei fundo, novamente olhando para todo o espaço. Era tudo meu, apenas meu.

Eu custava a acreditar. Pelo menos por um período de tempo não precisaria dividir nada com ninguém.

Uma batida leve na porta me fez saltar um pouco.

— Entre! — Soltei um pigarro tentando fazer minha voz voltar. — Entre! — Repeti.

A porta se abriu e Caterine apareceu.

— Hey! — exclamou suavemente. — As

pizzas chegarão em breve.

Acenei, mas não disse nada. Ela ficou em silêncio um pouco antes de voltar a falar:

— Gostou do quarto?

— Sim, senhora — respondi simplesmente, tentando desviar meu olhar.

— Simon, me chame de Caterine, por favor — pediu delicadamente. Eu assenti sem saber o que dizer, fiquei desconcertado no meio do quarto, sem saber o que fazer ou dizer a ela.

— Você está com medo? — perguntou, se aproximando. Dei um passo para trás, recuando. O que ela queria? Me abraçar?

— Não... é só... estranho estar em uma casa depois de alguns anos no Lar — justifiquei.

— Eu entendo. Você vai se acostumar, não tinha uma casa só para você, um quarto ou pais durante muito tempo então...

— Nunca.

— Nunca...?

— Eu nunca tive quarto, lar ou pais. Nunca — expliquei. — Não de verdade.

— Oh! — Eu pude ver como aquilo a machucou, a feriu e eu não gostei de vê-la daquela forma, não era sua culpa e tinha certeza que ela já conhecia a minha história, mas ouvindo direto da

fonte deve ter sido pior para ela. — Será diferente desta vez, Simon.

— Yeah! Por um tempo... — Sorri sem graça e olhei novamente em volta.

— Simon...

— Estou com fome. — Procurei desviar a atenção para outra coisa. Eu queria ser rude com ela, gritar, fazer alguma merda para que eles pudessem me enviar de volta e acabar com isso, mas eu não podia. Algo nos olhos daquela mulher, algo na sua forma de viver era diferente, ela despertava em mim um instinto protetor.

—— Bem, a pizza ainda não chegou, mas

temos algumas frutas... — Franzi meu nariz. *Frutas?* — Ou quem sabe eu possa descolar alguma coisa menos saudável? — ela emendou rapidamente. Dei de ombros tentando mostrar não importar com o que quer que ela fizesse, mas a verdade era que eu estava deslumbrado com o fato de alguém se esforçar tanto por mim.

Carter se aproximou rapidamente e pegou a minha mão antes que eu pudesse me afastar. Eu me senti um pouco invadido, mas eventualmente relaxei. Ao chegarmos a sala, o senhor H. estava na porta recebendo algo como quinze caixas de pizza.

— Uma ajudinha aqui, Simon? — perguntou ele olhando de forma brincalhona para a

esposa.

— Claro — disse me aproximando e pegando metade das caixas e me direcionando à cozinha.

— Você pode separar alguns sabores que gostar e levar para a janela — senhora H. apontou e olhei na direção, havia uma toalha grande e xadrez estendida no chão com duas taças de vinho e um copo grande de refrigerante em frente aos pratos e guardanapos.

— Não posso ter vinho? — perguntei quando me sentei em frente ao meu prato.

— Hum... não — Alexander respondeu se

ajeitando no chão e olhando em volta.

— Já tomei vinho antes. — Não era verdade. Eu havia tomado algumas cervejas antes, poucas, mas nunca havia bebido vinho, no entanto. Falei apenas para ver a reação deles, uma forma de afrontá-los, eu acho.

Nunca havia me embriagado também. A forma como vi a vida desde muito cedo me fez sentir um medo absurdo de qualquer substância que pudesse tirar meu autocontrole, saber da história de vida da minha mãe biológica, como ela acabou e depois ver todo o inferno que eu e outras crianças passamos não me deixava muito simpático ao uso abusivo de álcool ou qualquer uso de qualquer

outro tipo de droga.

— Bem... — Senhora H. começou, mas foi seu marido que continuou.

— Vamos estabelecer algumas regras mais tarde, Simon. — Sua voz era calma e nada autoritária, mas havia um tom diferente nela, como se ele estivesse pedindo por respeito. — Agora preferimos que você não beba, mas não vamos discutir durante o jantar. Você pode beber o refrigerante ou partilhar do suco de Carter e deixamos isso para depois?

Levantei minhas mãos em sinal de rendição fazendo-o sorrir para mim. Ainda achei estranho

estarmos no chão uma vez que a poucos metros de distância havia uma mesa enorme para usar, mas não questionei.

A primeira fatia de pizza comemos em silêncio. O que era ruim, pois eu queria gemer ao sentir o gosto do queijo derretido na minha boca, mas seria muito embaraçoso mostrar para eles que eu raramente comia algo assim, então eu apenas comi calmamente e quieto.

— Então, Simon... — Caterine começou quando abaixou a sua taça de suco de uva, estranhei que apenas Alexander estava bebendo vinho, mas nada disse, talvez ela não gostasse ou não pudesse. — Tem algumas coisas que gostaríamos de

conversar com você. Pode ser agora ou você prefere terminar a sua refeição?

— Agora está tudo bem, senhora... desculpe, Caterine.

— Pode me chamar Carter ou CatCat como nossa sobrinha, Joselie, chama.

— Tudo bem. Vou tentar me acostumar.

— Ótimo! — Sorriu antes de entrar no assunto que queria. — Seu aniversário foi há quase dois meses então eu pensei que seria legal se tivéssemos uma comemoração. — Olhei para ela tentando entender. — Comemoração? Cantar "parabéns a você", essas coisas...? — explicou

tentando ser engraçada.

— Sim, sei o que é. Só não pensei ser necessário.

— Sempre há necessidade de comemorar a vida, querido. Demorei um pouco para entender isso. Mas é a vida que comemoramos para não lamentarmos a morte mais tarde. — Sua voz era melancólica. Ela olhou para o marido e sorriu tristemente, ele devolveu o gesto e apertou sua mão. — Queremos comemorar o seu aniversário e aproveitar para lhe apresentar o restante da família. — Ela saltou no seu lugar e bateu palmas sorrindo. Tentei segurar, mas quando vi Alexander olhando para ela de forma divertida, deixei escapar meu

riso.

Aquela mulher tinha algum tipo de poder? Não era possível que uma pessoa pudesse cativar tão rapidamente. Ok, não *tão* rapidamente, eu tive um tempo para conhecê-los, mas não tivemos assim tanto tempo para eu me sentir tão... mole com o seu sorriso.

Quando percebi que estava rindo com eles, parei de rir e virei minha atenção para a janela. Fiquei assistindo os carros passando enquanto ouvi um suspiro desapontado vindo dela.

Desculpe, Sra. H.

— Temos também a questão da escola. —

Ela continuou depois de um tempo.

— Eu vou à escola.

— Sabemos que vai, Simon. Mas precisamos transferi-lo para uma escola mais perto e Alexander quer que você estude em uma instituição particular.

Mauricinhos! Ugh!

— Tanto faz. — Ótimo! Agora eu estava me borrando de medo.

Assisti filmes sobre escola de mauricinhos. Eles são fodidos praticantes de *bullying* e eu era burro. Não conseguia nunca melhorar minhas notas em exatas. Literatura e história eram comigo, mas

matemática e ciências? Eu era uma negação. *Deus, me conceda a chance de socar a cara de quem inventou essas disciplinas!*

— Será bom para você, querido — Caterine ponderou.

Pare de me chamar assim, por favor.

— Yeah. Eles saberão que sou burro, mas tudo bem — murmurei e larguei minha pizza, perdendo a fome.

— Você não é burro. Não reprovou nenhuma vez, está no penúltimo ano. Tenho certeza de que... — ela falou e continuei olhando para a janela. Odiava aquele sentimento. Medo. Estava

com medo. Eu nunca havia reprovado por sorte, e muitas vezes colei nas provas finais. Não me orgulhava, mas também não tinha muitos adultos para me ajudar a fazer as coisas pelas vias corretas.

— Simon...

— Dê-lhe espaço, Carter. — Ouvi Alexander murmurar.

— Estou dando. Só queria...

— Falei alto, não foi? — perguntou ele se desculpando em seu tom e então riu.

— Sim.

Não entendi a conversa, mas aproveitei o momento para me levantar, quando estava saindo,

lembrei que não era educado sair sem pedir licença. Então voltei para o meu lugar e perguntei:

— Tudo bem se eu me retirar?

— Sim, claro — senhor H. respondeu. — Em alguns minutos iremos para o abrigo compartilhar as pizzas. Você quer ir?

Olhei para eles preparado para dizer não, mas seus olhos tinham um brilho de simpatia e esperança. Algo que eu nunca havia visto em nenhum outro “pai” adotivo. Eu apenas acenei positivamente antes de ir para o meu quarto.

**

Naquela noite eu não dormi. Após

voltarmos do abrigo onde havíamos feito muitos moradores de rua felizes, tomei outro banho e tentei dormir. Rolei de um lado ao outro sentindo os lençóis lisos, macios e cheirosos, a cama era... diferente. Espaçosa. Então me dei conta:

Eu nunca havia dormido em uma cama confortável antes.

CAPÍTULO 5

SIMON

A primeira semana de aula foi ignorada por mim e os Hartnett, eles alegaram que queriam que eu me familiarizasse com o novo lar antes de ingressar, então durante a semana Alexander e Caterine trabalharam em casa, enquanto eu lia e passava tempo com eles. No final de semana iríamos a Jérsei para eu conhecer toda a família. E na próxima semana seria sujeitado à tortura do *High School* [4] para mauricinhos.

Pela manhã, sempre havia café na mesa

para nós três. Ao menos não foram servidos na janela, embora eu tenha gostado de comer lá na primeira noite.

A mesa era sempre repleta de waffles, pães variados, iogurte, cereal e panquecas. Caterine e Alexander se esforçavam ao máximo e eu conseguia ver aquilo. A preocupação deles em me incluir, em preencher o ambiente com conversa toda vez, contar sobre suas vidas e seu cotidiano. Eles realmente se esforçavam. Mas eu só conseguia repetir o mantra de que não poderia me envolver.

— Eu gostaria de saber quais são as minhas tarefas — disse naquela manhã de quarta-feira. Era meio da semana e não sabia ainda o que fazer na

casa. Eu acordava pela manhã, arrumava a minha cama, organizava o meu quarto e ajeitava as minhas roupas sujas no canto do quarto. — Eu preciso também lavar as minhas roupas — informei.

Alexander me olhou confuso.

— Lavar as suas roupas? Mas não deu tempo ainda de você sujar uma quantidade considerável para fazer lavanderia, Simon. De fato, só vi você usando as suas roupas, garoto. — Pontuou, analisando o que eu estava vestindo.

Caterine me observou com tristeza no olhar, ela provavelmente tinha percebido o que estava acontecendo.

— Tudo bem, garoto! — Alexander exclamou indo até o depósito de lixo embaixo da pia e retirou o saco de lixo preto de dentro. — Venha comigo e vou lhe ensinar onde colocamos o lixo lá fora.

— Alex…

— Está tudo bem, baby, vou levar Simon e você se prepare para ir ao escritório. Não é hoje que você tem cliente?

Ela parecia apreensiva quando saímos com o saco de lixo, mas o senhor H. nada disse enquanto íamos para a rua. Mas assim que chegamos ele jogou o saco dentro do grande

reservatório de lixo e apontou para mim dando a óbvia explicação de que ali era onde eu deveria colocar o lixo.

— Algo mais que eu poderia fazer? — perguntei querendo mais tarefas para preencher o meu dia. Era legal ficar no quarto lendo e ouvindo música, mas não queria parecer um inútil.

— Sim, há — disse seriamente. Olhando em meus olhos. — Você pode relaxar, Simon. Usar suas roupas novas, abrir a geladeira sem pedir permissão e comer fora de hora se estiver com vontade.

Senti-me envergonhado, então eles tinham

realmente percebido.

— Desculpe — murmurei, olhando para os meus pés. — Eu ainda não sei como agir.

— Sabe, garoto, nós não queremos nada além de dar a você um lar. — Iniciou seriamente. — Mas a gente não vai conseguir se você não nos der uma oportunidade.

— Desculpe, senhor — pedi, ainda sem olhar para ele.

— Não se desculpe, Simon. — Sua mão descansou em meu ombro, me fazendo olhar para cima. — Use as roupas, abra a geladeira, converse conosco. — Apertou meu ombro com firmeza, mas

não para machucar. — Pelo tempo que *você* quiser, aquela casa é sua, e nós seremos seus... — O fitei, esperando que ele completasse a sentença. — Sua família. Seremos sua família. Tudo bem?

Assenti silenciosamente e mantive suas palavras em minha mente.

Pelo tempo que eu quisesse, poderia ficar.

Quanto tempo eu quereria ficar?

CAPÍTULO 6

SIMON

Na sexta-feira à noite estávamos seguindo para Nova Jérsei. Eu gostei do carro dos H, eles geralmente usavam apenas táxis para andar por Nova Iorque, o que era totalmente compreensível, mas quando iam para Jérsei, Alexander tirava seu Jeep maneiro da garagem.

Eles passaram um bom tempo falando do caso em que Alexander estava trabalhando, o caso Hoffman. Foi um caso que o senhor H. aceitou quando ele e a senhora H. passaram por uma crise, eu não sabia detalhes, mas KitCat, como eu gostava

de chamar Caterine, me contou sobre o caso e deixou escapar que foi no meio de um momento complicado para os dois. Tinha pelo menos um ano que ele trabalhava neste caso na promotoria. Caterine trabalhava em casos muito menores e era em defesa e não na acusação como o seu marido, mas era maneiro ouvi-los falando sobre os casos.

— Alex, essa música é digna de fazer qualquer um dormir, querido — KitCat reclamou quando ele escolheu uma nova playlist no painel multimídia do carro.

Tentei não rir, mas concordava. Aliás, nós tínhamos gostos bem parecidos. Para livros, músicas, e até mesmo para filmes.

— É clássico — ele defendeu.

— É chato. — Cantarolou.

— O que você acha, garoto? — Alex perguntou olhando pelo retrovisor.

— Eu... não tenho uma opinião. — Tentei escapar.

— Agora! — Caterine praticamente gritou, tirou o cinto e ficou de joelhos no banco, virada para mim. — Escolha um lado agora, Simon H.

— Eu... ugh...

— Pode ficar do lado dela, garoto. Eu não quero sua morte prematura. — Alexander sorriu, facilitando para mim. Eu totalmente concordava

com ela, mas de alguma forma, tinha medo de decepcioná-lo, então foi bom ele ter me dispensado.

— Eu concordo com a Sra... com Carter — declarei, por fim.

— Bom — ela elogiou enquanto trocava a música sonífera por um hip hop.

Não era o melhor, mas estava acima da música clássica que fazia dormir, no meu conceito.

— *Você e essa porra de hip hop* — Alex murmurou, fazendo Carter e eu rirmos. Ela havia me contado que ele tinha dificuldade para manter seus pensamentos para si, desde então tinha me divertido muito em volta dele.

Ele resmungava sobre os mais variados temas. Especialmente pela manhã, quando estava sonolento e preparando o café sozinho. Era realmente engraçado.

— Hip hop é bom. Eu pensei que depois da primeira vez que dançamos juntos você gostasse — senhora H. sugeriu com malícia.

— *Aquele* hip hop de rapper multimilionário fumador de maconha eu gosto porque estava tocando quando nos conhecemos. E é só.

Ele pegou sua mão me fazendo virar o olhar e focar nas árvores que passavam rapidamente,

dando-lhes alguma privacidade. Era sempre assim. Eles tinham uma ... *ugh*... coisa entre eles que toda vez me fazia sentir como se eu estivesse invadindo o seu espaço como casal. Era tanto amor rolando ali que eu quase vomitava *skittles*[5].

— Você sabe dirigir, Simon? — Alex perguntou, minha atenção voltou para ele e fitei seus olhos através do reflexo do espelho.

— Não.

— Hum... precisamos resolver isso — disse seriamente, roubando um olhar para a sua esposa e depois voltando para a estrada.

— Não vejo necessidade já que não tenho

carro. — Tentei dispensar.

— Bem, dirigir é uma necessidade, mas primeiro vamos inscrevê-lo em aulas para você aprender e então veremos a possibilidade de um carro.

— É sério? — Não pude evitar a minha empolgação com aquela notícia. O cara estava mesmo cogitando me dar um carro?

— Claro. — Pontuou ele. — Como você vai levar suas potenciais namoradas para dar uns amassos?

Meus olhos se arregalaram e acho que ficaram do tamanho do meu sorriso. Caramba!

Alexander Hartnett conseguia conquistar as pessoas.

Não que eu fosse de dar muitos amassos.

Bem, *claro* que eu dava amassos. As meninas me achavam atraente em sua maioria, na escola eu saía com muitas delas, mas eu nunca er... passei da segunda base. Meu cartão de virgindade estava humilhantemente intacto.

**

Quando chegamos à casa dos Hartnett, todos os membros da família se encontravam em frente ao local. Alexander fez questão de enviar uma mensagem avisando que estávamos chegando,

acho que era a forma que ele encontrou de fazer com que me sentisse bem-vindo. Eu só queria um buraco para me enfiar dentro.

Talvez eu pudesse ficar dentro do carro, pelo final de semana todo.

Procurei não pensar sobre isso durante a viagem, mas a verdade era que não queria encará-los. Eu não queria boas-vindas *forçada*s.

Sabia que todos ali achariam estranho um jovem casal com uma vida pela frente adotar um adolescente que em um ano sairia de suas vidas. Eles me olhariam com pena. Ou desconfiança. Não sabia qual seria a sua escolha, mas tinha certeza

que seria uma destas alternativas. Talvez eles trancassem suas bolsas em um armário qualquer, ou designassem um membro da família para me vigiar. Acontecia. Eu sabia disso melhor do qualquer um.

Com um suspiro resignado apertei a barra da minha jaqueta de couro nova e saí do carro assim que Alexander e Caterine desceram. Como eles pararam em frente ao veículo à minha espera não vi uma oportunidade para protelar.

Estava tremendo um pouco quando parei ao lado deles e olhei para os meus pés que agora usavam um novo par de Converses Coleção *Joey Ramone*[6], segundo KitCat, que fez questão de

junto com o par de tênis me dar uma coletânea maneira dos Ramones. De repente senti sua pequena mão pegar na minha e apertar. Olhei para ela um pouco assustado por sua atitude e percebi que ela carregava um sorriso encorajador.

Ela queria que tivesse coragem. Queria que eu soubesse que tudo estava bem.

Levantei minha cabeça e respirei fundo dando a deixa que eles precisavam para se aproximarem e me arrastar para junto daqueles desconhecidos.

A primeira a se aproximar foi a mulher mais velha.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sejam bem-vindos! — Abraçou e beijou rapidamente Alexander e Caterine, então se virou para mim. — Simon! — Aproximou-me de mim pegando meu rosto em suas delicadas mãos. — Seja muito bem-vindo, querido.

— Obrigado, senhora. — Agradeci de forma meio engasgada enquanto sentia seus polegares acariciarem minhas bochechas. Quando suas mãos liberaram o meu rosto, me puxaram para um abraço. Sem graça, dei tapinhas nas costas da mulher e tentei não olhar para ninguém.

— Me chame de Elisabeth, ou vovó, se quiser.

PERIGOSAS ACHERON

— Mamãe... — Ouvi Alexander advertir atrás de mim.

— O quê? — ela sussurrou para o filho, ainda abraçada a mim.

— Apenas não! Conversamos por telefone — sussurrou de volta para a mulher. *Eles sabem que estou ouvindo eles, não?*

Assim que Elisabeth me largou, um homem grisalho e vestido com uma camisa polo branca e calças caqui, parecendo pronto para jogar golf, se aproximou de mim esticando a sua mão.

— Olá, Simon. Sou Antony, pai de Alexander, bem, e de Caterine também. — Sorriu.

PERIGOSAS NACIONAIS

— É uma alegria tê-lo em nossa família.

— Obrigado, senhor — murmurei, certo de que minhas bochechas estavam em brasas.

Cristo, esse final de semana vai ser longo.

— Hey! Ele é a sua cara, irmão. — Aquele que eu suspeitava ser Joshua brincou com Alex, que bufou escondendo o sorriso. Eu poderia ficar desconfortável com a piada do homem, mas acreditei que a sua intenção era justamente quebrar o gelo sobre a situação que estávamos vivendo ali. Eles se cumprimentaram e logo meu novo tio estava ao meu lado, batendo sua mão grande em meu ombro.

PERIGOSAS ACHERON

— Piada imbecil, amor. — Uma loira simplesmente maravilhosa bateu na cabeça dele e tive que me esforçar muito para não babar em meus sapatos novos. — Seja bem-vindo, Simon, sou Mary, esposa de Josh e irmã de Alex desde sempre. — Ela sorriu docemente, me deixando sem graça. Aquela mulher era linda. Puta merda!

— Fique longe da sua tia, rapaz — Joshua advertiu, percebendo meu olhar para a sua esposa. Todos gargalharam me deixando ainda mais constrangido. — Ela comeria você vivo e cuspiria os seus ossos em trinta segundos. Acredite — descobri, então, que ele brincava novamente.

Mas que Mary Anne era linda, ninguém

poderia negar. Nem que ela era minha tia, para todos os efeitos, e eu tinha que desviar meus olhos dela imediatamente.

Um choro alto fez com que todos parassem de rir e olhassem em direção de uma pequena garotinha loira. Era JoJo. Pude reconhecer pelas fotos na casa dos H. e pelos longos cabelos, vestido florido e tiara de princesa.

— O que foi, querida? — Alexander se apressou em pegar a pequena garotinha no colo.

— Vocês disseram que Simon estava vindo. — A menina fungou.

— Este é Simon.

— Mas ele não é uma criança. Ele é um adolescente — exclamou amuada, fazendo todos rirem.

— Ele está criado, docinho. Veio pronto, tipo entrega de pizza — Joshua brincou, levando outro tapa na cabeça. Eu podia notar a tensão da família cada vez que ele mencionava alguma piada sobre a minha adoção.

— Por que o filho da tia Cat veio pronto? Eu ainda tenho que crescer!

Desta vez eu tive que rir junto com todos.

— Simon foi feito para a nossa família crescer querida, só que demoramos um pouco para

encontrá-lo — Caterine explicou, fazendo-me engolir uma bola dolorosa. Algo dentro de mim mexeu de uma forma boa. Ela tinha aquela coisa de falar besteiras sentimentais que nos fazia bobo e derretido.

— Vamos, cumprimente seu primo, Jojo. — Josh pegou a filha no colo e levou até próximo a mim. A menina banguela, faltando os dois dentes superiores da frente, sorriu para mim e esticou sua mão para que eu pegasse. Assim o fiz. Peguei a mão da garotinha e balancei.

— Eu sou uma princesa, você poderia ser meu príncipe — disse simplesmente. — Você é lindo como um príncipe. O príncipe da Fera —

sussurrou, justificando o seu convite.

— Obrigado — sussurrei de volta, como se estivéssemos conspirando. Eu adorava crianças. Adorava cuidar das crianças do orfanato, brincava com elas e lia algumas histórias, talvez, brincar com Jojo pelo final de semana inteira me faria escapar da maior parte da convivência com os adultos que não conhecia. — Posso ser seu príncipe se você me mostrar os melhores esconderijos da casa.

— Fechado! — A menina banguela assentiu entusiasmada.

— Bem, agora que as apresentações foram

feitas e a família foi, finalmente, reunida, vamos entrar. — Elisabeth bateu palmas para dar ênfase em sua ordem e se aproximou de mim enganchando seu braço no meu. — Espero que goste do que preparei.

— O que preparou? — perguntei sem graça, não querendo que ela pensasse que eu a estava ignorando.

— Bem, eu preparei um pouco de tudo.

— Tenho certeza que iremos ao abrigo levar muita comida para as pessoas esta noite — Antony disse ao passar por nós, fazendo a esposa corar.

— Bem, eu só queria ter certeza de que

Simon comesse o que realmente gosta.

— Obrigado, senhora. — Agradeci honestamente.

— Não agradeça, querido. Você é da família. E me chame de Lizzy.

Eu pertencia a uma família?

CAPÍTULO 7

SIMON

— Mas eu quero dormir com Simon. — Joselie chorou enquanto Josh a pegava no colo.

— Mas você não vai, Jo. — Revirou os olhos. — Dá para acreditar? Nem um dia inteiro e ela já está apaixonada pelo Simon aqui.

Josie esteve pendurada em mim a noite toda até que finalmente deixou escapar que me amava e que se casaria comigo. Eu engasguei com o refrigerante na minha boca e todos os outros riram da situação, eu era bom com crianças, mas não

tinha ideia de que era um destruidor de corações de nove anos de idade.

Quando Jojo finalmente se entregou ao sono, Josh voltou.

— Agora os homens da casa irão tomar uma bebida forte e conversar sobre coisas de homem no jardim, senhoras — anunciou forçando uma voz autoritária para todos na sala.

— Papo machista! — Mary provocou.

— Deixa eles, só vão se reunir para choramingar sobre o quanto somos mandonas — brincou Caterine.

Alexander e Antony levantaram seguindo

para fora junto de Josh, mas Alex parou virando para mim.

— Você não vem?

— Eu...

— Você é um dos homens da família, garoto, a menos que prefira ficar com as senhoras, elas provavelmente começarão a falar sobre episódios de *Outlander*.

— Outlander? — perguntei confuso.

— Série com um homem muito sexy onde as mulheres piram quando ele aparece nu.

— Prefiro ir com vocês — informei rapidamente.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele está brincando, Simon. — Caterine riu. — Mas vá com eles. Divirta-se.

— Vamos! Deixe que elas fofoquem sobre como esquecemos as datas importantes. — Joshua voltou à porta para nos apressar.

— Hum... apenas você esquece, Joshua. — Alex lembrou, fazendo todas as mulheres concordarem.

— Yeah, certo! Você provavelmente tem uma agenda organizada com post-its coloridos — retrucou.

— Não tenho! Já disse para você que não faço mais isso — Alex se defendeu.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu aposto que não — provocou Josh.

— Eu curei alguns dos toques dele, Josh. — Carter interveio.

— Com *diazepan*? — meu novo tio brincou.

— Com sexo! — Carter rebateu rapidamente.

— *Ugh!* — Deixei escapar sem graça.

— Venha, Simon. — Alex me puxou para que saíssemos logo do local.

— Ele é fofo. — Ouvi Mary Anne sussurrar para Carter.

— Ele é — KitCat respondeu

orgulhosamente.

**

Acabei descobrindo que a coisa muito forte que eu tomaria com os homens seria café. Tão forte que tive insônia e fiquei caminhando pela sala da casa dos Hartnett, após duas horas de café e conversa sobre futebol, trabalho e o TOC de Alexander eu ainda estava acordado.

Analisei os móveis e os porta-retratos da sala enquanto caminhava como um animal enjaulado. Sentia-me preso e cheio de energia, mas não saí, com medo de acordar alguém. E eu não acho que teria autorização também.

— Com dificuldades para dormir? — Ouvi Elisabeth perguntar em meio à escuridão, quase me dando um ataque cardíaco.

— Eu não estava mexendo em nada, juro. — Minha voz saiu um pouco mais nervosa do que queria, mas a necessidade de que eles soubessem que não era este tipo de pessoa era muito grande naquele momento. Eu não me importava com o que pensavam de mim no passado, a maior parte do tempo me mantive invisível. Mas com aquelas pessoas era diferente. Eu não queria decepcioná-los ou deixá-los zangados comigo.

— Fique calmo, querido. Não estava pensando em nada como isto. — Ela se aproximou

e estendeu a mão para que eu pegasse. — Venha tomar um chá comigo, talvez consigamos dormir após uma xícara.

Sentei nervoso em um dos bancos altos da cozinha e esperei enquanto Elisabeth preparava duas xícaras de chá para nós. Eu não queria dizer-lhe que odiava chá, então, educadamente peguei a xícara que ela me ofertou.

— O que incomoda a sua cabeça? — questionou sem voltas.

— Uhm? Nada, senhora — neguei rapidamente e assoprei o chá pouco antes de tomar um pequeno gole.

— A verdade, Simon, por favor? — pediu com tanto carinho e interesse em sua voz que não pude recusar dizer o que sentia.

— Bem, eu ainda estou tentando me adaptar — expliquei, dando de ombros. — Ainda não entendo por que Caterine e Alexander me adotaram quando poderiam ter adotado uma criança mais jovem. É só tudo confuso para mim...

— Você sabe... este era o objetivo. Uma criança. — Olhei para ela tentando entender e dei outro gole no chá. — Sim, eles queriam uma criança, mas como disseram: Foi o destino. — Ela tomou do seu próprio chá antes de continuar. — Sempre acreditei que não devemos ir contra ao que

a vida prepara de bom para nós, Simon. E você definitivamente era o nome certo.

— Nome?

— Sim, nome... Mas não é minha história para contar. A única coisa que peço a você é que dê uma chance a eles. Principalmente à Carter. Eles realmente querem fazer isso.

— Mas eu farei dezoito no próximo ano. Não há lógica nisso, irei embora. — Tentei explicar.

— E desde quando um filho deixa de ser filho aos dezoito anos? — perguntou ela com uma sobrancelha levantada.

— Bem... — Eu não queria dizer a ela que não tinha experiência alguma com famílias, que nunca fui realmente filho de alguém. — Eu, na verdade, não sei. — Preferi dizer.

— Alexander, Joshua e suas meninas continuarão sendo meus filhos e Joselie, e quantas crianças mais vierem de Josh e Mary e de Caterine e Alexander, serão meus netos. Assim como você. — Olhei para ela espantado com sua declaração. — Oh, sim, querido. Você já é meu, amar é realmente algo para poucos, Simon. Muitos gostam, têm carinho, afeição... Mas amar não é tão fácil assim. E não seria fácil amar você também. Por que seria ao contrário, afinal? Você não tem nosso sangue,

não conviveu conosco a sua vida inteira e chega aqui para tomar um espaço em nossa família. Imagine! — Ela levantou as mãos teatralmente dando ênfase ao que dizia. — Eu não sei quem você é. Se você tem alguma doença, alguma tendência violenta, mesmo que seu arquivo seja impecável no Lar St. Francis. Eu não se você vai roubar algo e fugir também. — Ela deu de ombros e voltou a tomar o seu chá.

Meu coração se apertou em desespero e medo.

— Eu juro, senhora. Eu não faria nada disso.

— Quem me garante?

Nervoso, comecei a torcer minhas mãos, olhei para os lados com medo de que mais alguém chegasse e levasse adiante as preocupações dela. Eles poderiam chamar a polícia.

— Tenho a resposta para isso. — Continuou ela pegando minhas mãos geladas e nervosas. — Meu coração garante, querido. Eu estou apaixonada por você desde que pus meus olhos em seu rosto preocupado, Simon. Toda nossa família já considera você parte de nós. Não se preocupe em ser deixado, abandonado ou expulso novamente e muito menos em ser julgado. Você é livre para ir e vir aqui, mas, sinceramente, queremos que fique.

Nós queremos você aqui. Se Alexander e Caterine querem você em nossa família, é porque eles realmente *querem,* Simon. Eles não fariam nada levianamente, especialmente quando se trata de um filho.

Não sabia o que dizer. As mãos delicadas de Elisabeth continuavam segurando as minhas com firmeza, seus olhos eram gentis enquanto falava comigo.

— Eu não sei qual é o seu medo, Simon, mas imagino que seja ser expulso ou abandonado novamente.

Continuei sem dizer nada, mas desviei meus

olhos dos dela. Eu não gostava de admitir nem para mim os meus medos, não faria aquilo com ela.

— Você não precisa, no entanto. Tem uma família agora. — Piscou e sorriu. — E amanhã comemoraremos seu aniversário de dezessete anos, então vá tentar dormir, garoto.

**

Na manhã seguinte estávamos a caminho da casa da família Flynn. Jack, sua esposa Milly, e seus enteados, Jeremy e Amanda, estariam nos esperando. Bem, era o que Caterine pensava. A recepção foi completamente diferente do que imaginávamos.

Ninguém nos recepcionou na porta.

Ninguém abriu a porta quando batemos.

— Que estranho, será que algo aconteceu? — Caterine perguntou.

— Ligue para seu pai — Alex incentivou e eu fiquei parado lá, sem entender absolutamente nada.

Ela pegou o telefone e logo começou a falar.

— Papai? Sou eu. O que aconteceu? Estou aqui e não tem ninguém em casa. — Ela pausou aguardando a sua resposta. — Eu não disse nada a Amanda, pai, por que não ligou para confirmar

comigo? Aquela... Não! Fique onde está. Nós combinaremos outro dia. Ok, também amo você.

Quando ela desligou, seu rosto desapontado era evidente.

— Amanda disse que desmarcamos — Alex afirmou. Pela sua reação não era incomum a tal Amanda fazer coisas deste tipo.

— Sim — Carter confirmou com um suspiro magoado. Eu já odiava essa mulher, pois a senhora H. realmente pareceu chateada. — Disse que eu havia ligado e cancelado porque tínhamos outro compromisso em Nova Iorque.

— Não fique chateada, querida, vamos para

casa. Minha mãe está preparando algumas coisas para a festa de Simon — gemi com a menção da festa, fazendo Alexander e Caterine me olhar. — O que foi, garoto?

— Ugh, eu agradeço, de verdade, que queiram comemorar o meu aniversário, senhor... mas, uma festa... — comentei com medo de que eles se sentissem ofendidos comigo.

Mas ambos riram do meu medo.

— Não se preocupe, garoto, somos apenas nós. — Alexander bateu em meus ombros.

Acabou que éramos apenas nós, mesmo. Antony assou hambúrgueres na churrasqueira,

Joselie ajudou a fazer um bolo com cobertura azul e muitos confetes para mim e naquele dia, mesmo que eu não admitisse, me sentia como se estivesse nascendo novamente. No momento em que ajeitaram tudo na mesa para cantar “parabéns a você” senti vontade de correr para longe dali. Era estranho e desconfortável. Mas deixei que eles cantassem, me desejassem felicidades e partissem o bolo. Quando percebi que todos estavam entretidos, saí de fininho do quintal e fui para o jardim, na parte da frente da casa. Avistando uma árvore mais longe, caminhei até ela e me sentei lá, encostado no tronco. Só então pude respirar direito. Descansei minha cabeça nos meus joelhos e respirei fundo

tentando não pensar naquelas pessoas em volta de mim enquanto eu assoprava a vela.

Faça um desejo, Simon!

Eu sequer consegui pensar em algo que eu quisesse. Nunca me foi permitido fazer isso. No Lar, quando alguém estava de aniversário, o menu era cachorro quente, e ponto final. Não havia bolo, presente, festa, cantoria e muito menos um desejo ao apagar a vela.

— Posso me juntar a você? — Saltei assustado quando ouvi a voz de Alexander. Olhei para cima e o vi parado ali, esperando a minha permissão para se aproximar. Assenti e ele sentou

ao meu lado me oferecendo um pedaço de bolo. — Pensei que pudesse querer provar do bolo, você saiu de repente.

Peguei o prato da mão dele e sorri discretamente em agradecimento. De repente, o glacê azul, o simples glacê azul me fez parar e ficar olhando para o bolo. Senti que do outro lado alguém se aproximou.

— Posso fazer parte desta reunião? — Era KitCat. Assenti sem olhar para ela, apenas contemplando aquele pedaço de bolo. Carter sentou ao meu lado e ficou em silêncio, não sei, talvez esperando que eu dissesse algo, mas tudo o que eu conseguia fazer era encarar aquele pedaço de bolo

de aniversário.

— Simon, sei que tudo pode estar confuso para você e que continue desconfiado de nós, afinal, faz pouco tempo que nos conhecemos — Alexander falou. — Mas isso tudo que estamos fazendo é para você entender uma coisa.

— O quê? — perguntei sem tirar a minha atenção do bolo de aniversário.

O *meu* bolo de aniversário.

— Que embora você não estivesse preparado para nós, nós estávamos preparados para você.

Minha atenção já não estava mais no bolo,

estava no rosto do homem que queria ser meu pai, então olhei para a mulher que queria ser a minha mãe e a única coisa que consegui dizer naquele momento foi:

— Obrigado.

— Feliz aniversário, Simon — Alex respondeu simplesmente.

Caterine, no entanto, deitou a cabeça em meu ombro antes de repetir o mesmo:

— Feliz aniversário, querido.

CAPÍTULO 8

SIMON

Meu estômago estava pulando para fora do meu corpo no momento em que Carter me deixou em frente à escola Warden High School. Olhei nervosamente para a entrada da imponente escola onde vários alunos já subiam a escadaria e entravam no prédio, mas não saí do carro, nem me movi.

— Quer que eu entre com você? — Caterine perguntou devagar, como se estivesse testando o meu humor.

— Não, tudo bem, eu consigo. Obrigado. — Engoli nervoso, tentando convencer a mim mesmo que conseguiria.

— Não há necessidade de ter medo, querido. Alex e eu já providenciamos tudo — avisou, dando um tapinha no saco marrom do lanche que havia preparado para mim. Eu quase ri lembrando daquela manhã quando ela preparou o sanduíche de peito de peru para o meu almoço e o entregou para mim.

Alex havia sido, como sempre, amoroso e dedicado com a esposa. Sorriu e me encorajou a pegar o saco dizendo que era o melhor sanduiche do mundo, mas assim que Caterine virou as costas,

me deu uma nota de vinte dólares.

— O sanduiche é realmente bom, garoto, mas sei que você não quer parecer o bebezinho da mamãe no seu primeiro dia de aula. Compre um hambúrguer gorduroso e uma Coca-Cola. — Eu ri da sua brincadeira e agradeci a ele pela atenção nos pequenos detalhes, principalmente por Carter ter me feito um sanduíche para a escola. Eu o guardei em minha mochila fazendo uma nota mental para que eu o comesse mais tarde.

— Está tudo bem. — Tentei tranquilizá-la. — Eu vou.

Um sorriso trêmulo se fez em meus lábios

antes que eu saísse do carro.

— Se você tiver problema em voltar para casa, por favor, ligue — gritou assim que bati a porta do carro. Assenti para que ela soubesse que tinha ouvido o seu pedido. O que ela não tinha percebido é que eu não sabia o número deles e nem tinha um telefone, mas eu conseguia me virar e voltar para a casa deles seria fácil.

Subi os degraus da escadaria de cabeça baixa o suficiente para que ninguém me encarasse, mas que não me fizesse esbarrar em ninguém também, mas quando cheguei na entrada da escola, não tive outra alternativa senão levantar a cabeça e entrar naquele novo mundo.

Puxando uma respiração profunda eu me dirigi até a secretaria escolar que ficava no final do corredor principal, os alunos andavam e me olhavam curiosos, principalmente as garotas, mas para minha surpresa o tempo não começou a passar em câmera lenta e nem ninguém me atirou olhares de ódio por estar chegando no meio do semestre em suas vidas.

Era meio que... normal?

Na verdade, não fazia muito sentido.

Talvez o fato de eu estar usando o uniforme mauricinho, camisa branca, gravata verde escuro, calça caqui e blazer verde escuro com um emblema

dourado, como todos eles, me deixava mais protegido dos seus olhares especuladores e julgadores. Eu não sabia, mas imediatamente me senti mais confiante.

Quando cheguei à secretaria, uma jovem senhora, talvez alguns anos mais velha do que Lori, de pele muito escura e cabelos raspados com pequenos brincos de pérola e terno de risca de giz me atendeu com um largo sorriso.

— Bem-vindo a Warden, senhor...

— Simon Heyes — completei por ela.

— Sim, claro. Seus horários estão aqui. Você tem o último horário de cada dia para sua

tutoria com um de nossos melhores alunos, Kennedy Morgan. O primeiro encontro será na biblioteca e após isso vocês podem decidir onde serão os próximos. — Assenti e olhei para o meu programa de aula enquanto me preparava para sair. — Mais uma vez, seja bem-vindo e nos procure, caso precise.

— Obrigado.

Enquanto lia minha grade curricular e tentava me encontrar esbarrei em alguém, levantei meu olhar para encontrar um par de olhos castanhos intensos.

— Desculpe — a dona dos olhos disse

sorrindo para mim.

Ela era linda.

Simplesmente linda.

— Não, eu que peço desculpas... — Cocei a nuca tentando disfarçar a minha falta de jeito.

— Sou Molly Petersen. — Esticou o braço esperando minha mão para cumprimentar-me.

— Simon Heyes. — Peguei em sua mão, sorrindo para sua receptividade.

— Seja bem-vindo, Simon. — Mas não fora de seus lábios macios que saíra aquela saudação. E sim do cara grande com a gravata do uniforme desfeita tanto quanto seus cabelos. Era um rebelde,

um grande e musculoso rebelde. Ele passou seus braços em volta da garota. Molly imediatamente relaxou em seus braços e encostou a cabeça em seu peito.

— Obrigado — respondi simplesmente, vendo-o beijar carinhosamente a cabeça de sua namorada. — Este é Shawn Klein, meu namorado. Estamos no terceiro ano — explicou e em seguida perguntou: — Em que ano está?

— Segundo.

— Precisa de ajuda para encontrar as salas, cara? — Shawn perguntou com simpatia, realmente parecia querer ajudar.

PERIGOSAS NACIONAIS

Esta escola começava a me deixar nervoso, eu estava esperando outro tipo de recepção.

— Hum... está tudo bem, acho que consigo. Obrigado.

O casal assentiu me dando boas-vindas novamente e foram na direção contrária, a garota, Molly, era definitivamente uma patricinha e nada combinava com o sujeito punk que por sua vez era um punk que parecia usar esteroides e fazer parte do time de futebol da escola.

Eu não estava entendendo nada. Todos pareciam diferentes dos estereótipos que costumava ver em filmes ruins na televisão.

PERIGOSAS ACHERON

A parte boa é que descobri que minha primeira aula seria de literatura. Por quase duas horas eu respirei normalmente e fugi para o mundo que realmente me sentia à vontade, mas não antes do professor Pollock pedir que me apresentasse perante a sala.

— Sou Simon — resmunguei para aquele mar de olhos curiosos. — Acho que não tenho mais nada a dizer — disse a todos. Eles se mantiveram em silêncio e alguns em expectativa, pensando que eu diria mais alguma coisa, então falei a verdade: — Literatura é a única matéria que realmente gosto. — Dei de ombros. — Fim.

Alguns risinhos foram ouvidos dos alunos,

mas ninguém perguntou nada. O professor se aproximou e acenou para o meu lugar em uma das fileiras para que eu me sentasse.

— Tudo bem, senhor Heyes. Sem pressão — falou, enquanto eu caminhava para o meu lugar e sentava.

**

A hora do intervalo foi a pior. Normalmente eu pegaria o meu lanche e correria para a área externa da escola e me esconderia por lá. Procurei a parte externa desta e quando finalmente encontrei, notei que estava chovendo um pouco. Então voltei ao refeitório e parei na porta tentando decidir o que

fazer.

As pessoas estavam sentadas com seus grupos e clubes e por um momento pensei em procurar o casal com o qual esbarrei no corredor mais cedo, mas logo desisti. Ser plateia de casais de namorados se beijando apaixonadamente não era minha ideia para um almoço agradável. Foi quando eu ouvi a doce voz ao meu lado.

— Você pode escolher uma tribo. — Olhei para o lado e não encontrei ninguém, então olhei para baixo e pude ver longos cabelos negros e sedosos brilhando aos meus olhos. — Temos os nerds. — Sua pequena mão com unhas azuis e curtas apontou para o canto do salão. — Os atletas.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Indicou para os caras grandes e sorridentes com suas garotas de uniformes de líderes de torcida em seus colos ou escoradas em seus ombros. — Os populares.... Os punks... Os nerds descolados... Ou... — Ela levantou seus olhos profundamente... que porra de cor era aquela?

Roxo?

Roxo claro?

— Você pode ficar comigo. — Seu sorriso largo, branco e perfeitamente alinhado se abriu para mim.

Eu continuei olhando para ela como se fosse louca e depois de um tempo consegui responder...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Com outra pergunta:

— Você faz parte de que grupo?

— De todos.

— Huh? — Fiquei confuso.

— Todos — reafirmou como se não fosse grande coisa. Puxando o ar ela me olhou com expectativa, mordendo seu lábio inferior.

— Então você é a abelha rainha? — Levantei uma sobrancelha com o meu questionamento, seus olhos coloridos brilharam um pouco.

— Hum, não realmente. Eu sou Kennedy Morgan. Oi! — Caramba! Eram olhos realmente

PERIGOSAS ACHERON

lindos.

— Simon. — Kennedy era realmente bonita. Era mais cheia, não magra como as garotas de hoje em dia, tinha seus quadris largos, seios fartos e cintura não tão fina, mas definitivamente delineada. Seus cabelos negros eram brilhantes e caíam retos sobre seus ombros e ficavam no meio das suas costas. — Espere... Você é *Kennedy Morgan*? Minha tutora? — questionei, pasmo.

— Não, bobinho. Sou Kennedy Morgan, sua mais nova amiga. — Estendeu sua mão para pegar a minha. Um sorriso aberto foi dado para mim como se fosse uma oferenda, um agrado para que eu quisesse ser amigo dela.

PERIGOSAS NACIONAIS

Amiga?

Eu não me lembrava de ter amigos antes. Claro que eu conversava com outras crianças, mas minha memória não conseguia me trazer ninguém que eu pudesse realmente chamar de amigo. Também não sabia se era seguro, mas Alex e Carter tinham pedido uma chance, eu poderia dar uma chance para um amigo também, não?

Ainda era difícil para mim, me entregar àquela nova vida. Realmente estava tentando e, por mais que eu quisesse, não era apenas um botão que eu apertasse e simplesmente mandasse embora todos os meus medos e desconfiança.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Era um passo de cada vez. Um dia de cada vez.

**

Enquanto passávamos pelo meio do refeitório várias pessoas olharam em nossa direção.

— Hey, Kenny — eles diziam e Kennedy os cumprimentavam com um sorriso e logo me apresentava para cada um dos grupos.

— Quem é o garoto novo, K? — outros perguntaram.

— Simon Heyes — respondeu. — Ele é legal! — anunciou para quem estava por perto enquanto passeávamos pelo refeitório.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Tinha certeza absoluta de que estava muito vermelho. Minha pele era branca demais, qualquer situação em que me sentia constrangido era evidenciada por minhas bochechas e orelhas vermelhas.

Nós nos sentamos no fundo do refeitório e nos encaramos por um tempo. Senti minhas bochechas ainda mais vermelhas quando Kennedy mordeu os lábios pensativamente enquanto me analisava sem tirar seus olhos dos meus. Seus seios fartos ficaram ainda maiores sob o suéter rosa claro quando ela os apoiou em cima da mesa por ser baixinha demais.

Cristo, Simon! Não olhe para os peitos

PERIGOSAS ACHERON

dela.

— Conte-me sobre você, Heyes — solicitou enquanto abria sua mochila azul surrada e tirava um saco de papel de dentro. — A comida aqui é boa, mas eu prefiro um bom sanduíche de manteiga de amendoim — informou. — Então? Conte-me sobre você.

Eu ri para a ironia.

Ela era parecida com Carter. Cheia de atitude. E aparentemente também levava sanduíches para a escola. Então eu tirei meu sanduíche fazendo-a sorrir ao perceber.

— Somos parecidos — constatou animada.

PERIGOSAS NACIONAIS

Não éramos parecidos. Ela era radiante como Caterine. Fazia com que eu relaxasse instantaneamente, como Caterine vinha fazendo com o passar dos dias. Eu sorri mais um pouco e timidamente desviei o olhar, me concentrando em meu sanduíche.

— Qual é? Não vai falar sobre você? — exigiu.

— Eu realmente não quero — respondi baixo, já me preparando para a sua insistência.

— Bem, então você terá que ouvir sobre mim. *Chaaato*! — Cantarolou.

— Eu duvido. — Soltei.

PERIGOSAS ACHERON

— Kennedy Lane Morgan. Mas muitos me chamam de Jennifer Love Hewitt por causa do tamanho dos meus peitos. — Eu engasguei e comecei a tossir. — Brincadeira! Sempre funciona com os meninos. — Ela gargalhou me fazendo olhá-la como se fosse louca. — Enfim, tenho dezessete anos e moro com minha mãe, Lane, e meu padrasto, Rey, gosto de todas as matérias que você odeia, por isso sou sua tutora.

— Quer dizer que você não é boa nas outras matérias? Tipo história e literatura? — questionei em expectativa, talvez eu pudesse devolver a gentileza dela de alguma forma.

— Hum. Não. Eu sou realmente boa nestas

também, amo ler, na verdade. Só que você não precisava de mim para estudar isso. Então... vai me contar sobre sua vida agora?

— Não, Kennedy — respondi em meio a uma risada. Passei a mão em meu cabelo tentando disfarçar minha falta de tato ao falar com a garota, que, por sua vez, não parecia realmente abalada com a minha recusa.

— O-kay! Eu posso esperar — declarou com um dar de ombros despretensioso.

Vai esperar muito.

— Sou paciente — respondeu e começou a comer o seu sanduíche.

PERIGOSAS NACIONAIS

De repente eu congelei. Eu tinha apenas pensado aquilo, certo? Certo?

— Oh não! — exclamei me dando conta do que estava acontecendo.

— O quê?

— Peguei a doença de Alex.

— Quem é Alex?

— Meu pai.

Eu só percebi que chamei Alexander de pai quando Kenny perguntou porque eu chamava meu pai pelo nome. Foi instantâneo, como se fosse uma brincadeira de perguntas e respostas. Ela perguntou e soltei.

PERIGOSAS ACHERON

Eu o chamei de pai.

Então eu congelei novamente.

CAPÍTULO 9

ALEXANDER

— É bom falar com você também, Mel. Mande meus cumprimentos a Bennett, por favor. Diga que nos encontramos em breve para o julgamento.

— *Claro, diga a Carter que enviei as fotos que ela me pediu e que mandei um abraço para ela e parabéns novamente pelo novo membro na família, aguardo fotos de Simon.*

— Enviaremos. Até mais, Mel!

Desliguei o telefone e me joguei na cadeira

tentando descansar. Os últimos acontecimentos estavam me deixando exausto. O caso Hoffman estava tomando boa parte de meu tempo e eu queria dar atenção para Simon, precisávamos que ele entendesse que estávamos nessa para valer. Conhecendo o seu histórico, era compreensível que ele estivesse reticente conosco. Parte dele se recusava a acreditar que não seria abandonado. Esta parte estava se preparando para ir embora na primeira oportunidade que tivesse.

Mas havia uma parte que estava fazendo o que pedimos a ele na casa de meus pais. Uma chance. Uma oportunidade de mostrarmos que poderíamos ser bons para ele e que não o

abandonaríamos. O menino tinha apenas dezessete anos e tinha visto o lado muito cruel do ser humano e da vida e estávamos dispostos a mostrar para ele o que merecia ter visto desde o início de sua vida. O lado bom. Carinho, afeição... amor.

E havia Caterine.

Por mais que minha esposa tivesse se reerguido, mudanças ainda me deixavam tenso. Ela continuava tomando seus remédios, fazendo análise, mas acredito que a emoção de levar Simon para casa pudesse ter puxado algum gatilho também. Ela parecia mais nervosa. Era compreensível, mas também parecia estranho. Algo estava acontecendo com a minha esposa, eu sabia

que ela estava tentando não se deixar abater, mas precisava me manter alerta.

É surreal como nossos corações estavam no lugar certo e sincronizados quando conhecemos Simon e depois que realmente tivemos a oportunidade de estar com ele, foi como se não houvesse outra alternativa.

Era um belo rapaz de cabelos castanhos, olhos verdes e belas feições. Inteligente, organizado e talentoso. Modesto, tímido e com grande potencial, mas também era completamente alheio de seus adjetivos. O garoto era ignorante quando se tratava de si mesmo. Sua autoestima não era alta ou baixa, ela simplesmente não existia. Um

garoto apático.

Uma triste realidade.

Mas Caterine estava disposta a resgatá-lo, como eu estive disposto para ela um dia.

Ela queria uma família maior.

Nós seriamos uma família maior com Simon.

E se ela não estava completa sem Simon, eu não seria completo também.

Tínhamos um ano para convencê-lo a ficar. Tirar seus medos e fazê-lo entender que o amaríamos de qualquer forma. Lori Stone havia nos alertado sobre o pensamento de Simon, ele não

ficaria conosco depois que completasse dezoito anos. Aquilo feriu e deixou Carter ansiosa, mas eu lhe garanti que tudo daria certo.

A porta do escritório se abriu e minha esposa entrou vestindo uma de suas camisetas largas e surradas e um short jeans felpudo nas barras; seus cabelos estavam presos em uma bagunça em cima da cabeça.

— Simon não tem um telefone, e não acho que ele saiba o telefone de casa, Alex! — Estava nervosa, para dizer o mínimo.

— Hey! Calma! Ele é um garoto esperto. — Levantei e andei até ela, abracei seu pequeno e belo

corpo e beijei seus lábios com carinho.

— Você acha que Simon encontrará o caminho de casa sozinho?

— Carter, ele tem dezessete anos. Claro que encontrará.

— Mas e se ele estiver se sentindo ansioso? — questionou entre os pequenos beijos que dava em seus lábios.

— Querida...

— E se o seu dia foi ruim? Não deveríamos estar lá para ele? — Ela continuava não conseguindo se concentrar em mim, então desisti de beijá-la, mas continuei abraçando-a.

— Carter...

— Crianças podem ser cruéis, Alex! — afirmou. — Alguém pode ser desagradável com ele e fazê-lo odiar a escola, e não querer mais ficar aqui e...

— Tudo bem! — exclamei, me separando dela e levantando as mãos em sinal de rendição. — Você venceu, você fica aqui e eu vou à escola buscá-lo.

— Mas eu posso ir...

— Quero ter um momento de rapazes com nosso filho. — Interrompi. Seu sorriso cresceu e seus olhos brilharam com lágrimas. Ela saltou para

mim e jogou-se em meu colo passando os braços em meu pescoço e suas pernas em minha cintura. Beijou o meu rosto todo até que chegou em meus lábios.

— Você disse *nosso filho*. — Seu sorriso era largo e seus olhos transbordavam ternura.

— Claro! É o que ele é, afinal.

Ela me beijou novamente, desta vez com mais vigor, seus lábios e língua brincaram com a minha boca enquanto eu apertava seu corpo ainda mais contra o meu. E Simon e todo o resto foi esquecido. Éramos apenas ela e eu.

— Você está me deixando excitada —

murmurou em meus lábios.

— Bem, temos a casa apenas para nós. — Rosnei encostando-a contra a parede e enfiando as mãos embaixo da sua blusa larga e passando meus dedos suavemente por sua pele. Ela imediatamente me beijou e pressionou seu centro em mim, me fazendo gemer.

— Então temos que nos apressar, tenho torta de frango no forno.

— E eu tenho um filho para buscar.

**

Dirigi até a escola e estacionei um pouco distante da saída, já havia muitos carros esperando.

PERIGOSAS NACIONAIS

Quando vi Simon sair, dei partida no carro, mas logo desisti de sair do lugar, ele estava com uma garota enganchada em seu braço e os dois andavam em direção ao carro dela.

Sorri quando ele entrou no carro enquanto a menina segurava a porta para ele em um gesto galante. Simon meneou a cabeça em negação e riu se divertindo com a brincadeira da menina. Quando ela fechou a porta, seu sorriso ampliou e imediatamente passou a ajeitar o seu longo cabelo enquanto dava a volta para ir para o lado do motorista.

Um dia de escola e ele já tinha conquistado o coração de uma bela garota.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

SIMON

— Não posso acreditar que você não tem carteira de motorista. Todo menino quer dirigir.

— Hum... bem...

— Seus pais não deixam? Eles são chatos? — perguntou enquanto dirigia pela via lateral em direção à via principal.

— Não, os H. são bem legais — defendi.

— Os H.? Simon, por que você se refere aos seus pais desta forma... — De repente a luz se acendeu em sua mente e a compreensão tomou

conta de suas feições. —Oh! Oh! Desculpe. — Kenny freou o carro de repente e parou no acostamento da via, levando uma série de buzinas em protesto. — Você é adotado? — afirmei em silêncio. — Sinto muito, Simon — disse em um tom baixo. Dei de ombros como se não fosse grande coisa.

Ela era esperta. Muito esperta.

De repente senti sua mão tentando pegar a minha, rapidamente desviei do seu toque, deixando-a um pouco decepcionada.

— Desculpe, não quis assustá-lo. Eu sou um pouco física demais às vezes. Me perdoe.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tudo bem. — Desviei de seus olhos incrivelmente violetas e olhei para frente novamente.

— Desde que idade você é adotado?

— Tem mais ou menos um mês agora.

— O quê? — ela praticamente gritou.

— Hum... sim.

— UAU! — disse realmente impressionada.

— Está aí algo que ainda não escutei. Ouvi os H. conversando sobre isso outro dia e, com exceção da família de Alex, todos foram muito taxativos no quanto eles estavam sendo imprudentes. Mas nunca um ouvi um *UAU.*

PERIGOSAS ACHERON

— Bem, eu sou diferente — afirmou dando partida no carro novamente e voltando para a via.

— Certamente — murmurei em resposta. Amanhã provavelmente eu estaria sozinho na escola de novo.

Quando ela parou em frente ao prédio dos H., virou-se para mim e sorriu.

— Precisa de carona amanhã?

Hã?

— Carona?

— Sim, assim seus pais... os H. não precisam levar você. — Deu de ombros ainda segurando o volante.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mas não é longe da sua casa?

— Não realmente, eu moro meio que no centro da cidade.

— Não é preciso, Kenny.

— Claro que sim. É para isso que servem os amigos, não?

Lá estava. Amigos! Eu tinha uma amiga.

— Bem...

— Te pego às sete, tudo bem?

— Mas a aula começa apenas às nove horas.

— Esteja pronto, Simon Heyes. — Ela sorriu e saí do carro. Antes que pudesse me virar, ela dirigiu para longe.

PERIGOSAS ACHERON

Caminhei até a porta, mas Alexander me parou antes que eu pudesse entrar.

— Hey, garoto!

— Hey. — Olhei para os lados tentando entender a sua presença e também um pouco para desviar a sua atenção de mim.

— Bela garota lá no carro — elogiou.

— Hum... é uma amiga da escola. Ela virá me buscar amanhã. Tudo bem?

— Claro. Você é rápido. — Fez um bico para tentar esconder o sorriso.

— Com o quê?

— Garotas.

— Oh, não. Kennedy é minha tutora — justifiquei rapidamente, negando com a cabeça. — Não é assim.

— Talvez não para você, mas aquela menina parecia saltitante na entrada da escola.

— Espera, você estava na escola? — perguntei, percebendo o que ele acabara de dizer.

— Queria saber se estava tudo bem com você. E aparentemente estava. Até conseguiu uma carona.

Ele tinha ido à escola por mim?

— Kennedy é meio maluca, mesmo, fica saltitando e tomando decisões rápidas. Não é

porque gosta de mim.

— Uhum... venha, enquanto entramos vou te contar a história de como eu conheci Caterine.

— A do hip hop?

— Exatamente.

Estava cada vez mais fácil viver a minha nova vida. O que significava que em breve seria bem difícil. E com Kennedy na equação, tudo se complicava.

CAPÍTULO 10

SIMON

Quando avisei os H. que Kennedy voltaria para me buscar no dia seguinte, Alex ficou empolgado. Carter nem tanto.

— Vamos, baby. Ele já fez uma amiga, isso é bom. — Ouvi eles conversando no quarto enquanto eu fingia que estava indo para o banheiro tomar banho antes de ir para a escola.

— Uma amiga que pode ter um bebê, Alex. — Choramingou ela. Por que ela estava falando de bebês?

— Agora você está sendo irracional e fazendo julgamentos, Carter — Alex defendeu. Não entendia por que eles estavam discutindo aquele tipo de coisa. Não era da conta deles.

— Só estou preocupada.

— Então pense comigo. — Ele introduziu. — Ele tem dezessete anos, é um garoto bonito e está com os hormônios à flor da pele.

Deus! Me mate, por favor.

Eles estavam falando da minha vida sexual? Sabia que seria melhor não ser adotado. Porra!

— Hum... — Ouvi KitCat resmungar.

— Ele poderia ter engravidado qualquer

menina no colégio antigo, pense... E ele não o fez. Pode ser mais responsável do que a maioria dos adolescentes — Alexander tentou ponderar.

— Ou é virgem. — Carter soltou.

Tive que dar tudo de mim para não engasgar naquele momento.

Bem, merda! Ela acertou em cheio.

— Caterine, se ele for virgem, vamos conversar com ele, se não for, vamos conversar com ele também. Impor regras, explicar como funciona e tudo o que for necessário.

Não! Sem "a conversa", por favor!

— O que não podemos é tentar trancar o

menino como se ele fosse nos causar problemas a qualquer momento. Não é assim que funciona.

— Quando foi que você ficou assim? — A voz de Carter parecia perplexa.

— Assim como?

— Assim... Você não surta mais. Você é aquele que está me tranquilizando, aquele que não está tendo crise de ansiedade com o fato de estarmos saindo totalmente da nossa rotina com Simon aqui e eu não tenho visto você organizando sua gaveta de meias. — Ela riu com a última declaração quase me fazendo rir também.

— Bem, alguém me ensinou que viver é

melhor do que surtar. — Ouvi a risada de Carter aumentar e sorri um pouco mais, ela era tão diferente das outras mulheres e mães, ao menos as mães que eu conheci ou que vi na televisão ou mesmo assisti a interação na frente da minha antiga escola com seus filhos. Caterine era uma menina. — E você deveria checar minha gaveta de meias novamente, eu tive um tempo ontem à noite. — Os dois gargalharam daquela vez.

Eles eram tão jovens e pareciam ter vivido tanto. E o amor que compartilhavam era algo tão diferente e bonito.

— Simon? — Ouvi a voz de Carter no corredor. Pisquei várias vezes antes de focar nela.

Ela me pegou no meio do corredor. — Está tudo bem, querido?

— Hum... sim, bom dia, Carter — disse antes de tentar entrar no banheiro.

— Hey! — Chamou antes que eu chegasse à porta. — Notei que suas roupas sujas, as da lavanderia... Elas estão... dobradas? — seus olhos analisavam o quarto com atenção.

— Hum, sim. É um hábito que ensinaram no orfanato. — Apertei meus lábios sem saber o que fazer enquanto a assistia analisar o espaço com o cenho franzido.

Será que estou fazendo algo errado?

— Ah, entendo. Mas elas serão lavadas, querido, não há necessidade...

— Deixe o garoto dobrar as roupas, Carter. Gosto disso. Organizado — Alex brincou, se aproximando. — Na verdade, poderíamos adotar este método aqui em casa...

— Oh, cale a boca! — Caterine ralhou jogando as mãos para cima e saindo do quarto.

Eu não consegui controlar a risada.

O cara tinha problemas sérios com controle e arrumação, embora, segundo Caterine, ele estava muito melhor com isso, mas ainda era um problema sentar em superfícies que não fossem cadeira ou

sofá. Sentar no balcão da cozinha, por exemplo, estava fora dos meus limites. Tomar cerveja direto da garrafa podia, mas apenas para os adultos. Cerveja estava fora dos meus limites. Era necessário deixar o meu calçado na entrada do apartamento e trocar por chinelos.

Eu sinceramente não me importava com isso. Eu vinha de casas que as regras eram coisas como: Não mexa nas minhas drogas; não coma a minha comida; não volte para casa sem dinheiro e dias de apanhar assinalados no calendário da cozinha.

Dobrar minha roupa suja e não beber cerveja para mim era como brincar na Disney.

Não que eu tivesse ido à Disney.

**

Após tomar banho e um bom café da manhã, peguei meu casaco e desci para esperar Kenny, era muito cedo e eu queria entender por que ela estava me pegando às sete horas da manhã quando a escola só começava às nove. Logo que ela chegou e depois do quase ataque do coração que tive quando a vi ao entrar no carro, ela conseguia ainda estar mais bonita do que no dia anterior, perguntei novamente por que precisávamos sair tão cedo.

— Tem um lugar que quero levar você.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Hum... estaremos em apuros? — perguntei tentando parecer casual, mas eu estava com medo. A garota tinha me conhecido no dia anterior e já queria me levar em um lugar especial?

— Não — respondeu, rindo. — É apenas um lugar que eu gosto de ir. E eu queria levá-lo comigo.

— Por quê? Mal nos conhecemos.

— Para nos conhecermos melhor, Simon Heyes. — Ela piscou e sorriu, dando partida

**

— Uma cabine telefônica? — Tentei não parecer muito perplexo.

PERIGOSAS ACHERON

— Sim! — respondeu orgulhosa. Essa garota era louca, louca. A cabine telefônica ficava em um ferro velho desativado. Embora o ferro velho mostrasse sinais de abandono, a cabine telefônica parecia bem conservada. Além disso, parecia muito bem decorada também. — É a minha cabine telefônica.

Simplesmente maluca. Ela pegou o cadeado que prendia a corrente grossa e colocou a senha.

— Uma cabine telefônica? — Repeti minha pergunta enquanto ela retirava a corrente. — A *sua* cabine telefônica?

— Venha ver. — Kenny pegou minha mão

e me puxou para dentro da cabine, fechando a porta logo em seguida. Nos apertamos dentro do cubículo de vidro. Me senti tenso. Ela era intrusa, invasiva e isso me deixava nervoso. Olhei em volta da cabine e vi vários adesivos coloridos colados. No lugar do telefone havia um *diskman* antigo e cor-de-rosa pendurado no suporte que sustentou o telefone público um dia. — Este é meu refúgio.

Ela tirou o fone do suporte e entregou para mim. Coloquei em meu ouvido e Kenny apertou o play.

Esta é KM14, se você está me escutando é porque merece algo diferente.

Era a voz dela. Olhei para Kennedy quando a primeira música começou a tocar.

— É *Romeo and Juliet*, Dire Straits — comentou quando pegou o outro fone e colocou em seu ouvido. — Conhece?

Meneei a cabeça em negação, mas estava realmente gostando da música.

— Você gravou como se fosse uma rádio?

— Sim. — Ela cruzou os braços e encostou no vidro. Suas bochechas ficaram vermelhas e seus olhos desviaram dos meus. — Desde os quatorze eu uso esse lugar como um refúgio. Eu fugia de casa e vinha para cá. Comecei a decorar e gravei CD's

para o meu velho *diskman*, fingindo que era uma rádio. Eu ainda venho para cá, trago uma almofada, um livro e fico aqui, lendo.

A música continuava tocando enquanto eu olhava para Kennedy tentando entender.

— Por que não faz isso em casa? — perguntei sem desviar meus olhos dela.

— Porque a minha casa me sufoca — respondeu tristemente. Olhei em volta do cubículo em que estávamos e me senti mal pela ironia. Ela se sentia sufocada em casa, mas não em um cubículo telefônico.

— E por que está me mostrando este lugar?

— indaguei curioso.

— Porque pensei, dadas as circunstâncias da sua vida atualmente, que talvez você também precisasse de um lugar para respirar de vez em quando.

Nós nos olhamos em silêncio, o belo par de olhos cor de violeta me fitavam com curiosidade, foram longos segundos até que ela piscou e desviou o seu olhar.

— Ih, o papo está ficando sério e vamos nos atrasar para a escola, venha... você pode vir sempre que quiser. — Tagarelou enquanto me puxava para fora, antes que saísse completamente eu vi sua

assinatura rabiscada com corretivo dentro da cabine.

Não pude deixar de sorrir quando li.

Kenny Morgan + aquele que conseguir roubar meu coração

— Então, ninguém conseguiu roubar seu coração? — perguntei divertidamente. Ela trancou a porta da cabine.

— Oh, você leu aquilo? — Ela riu. — Eu estava sem nada para fazer enquanto lia um livro muito romântico. Eu era tão infantil.

— Quando você fez aquilo?

— Ano passado.

Minha gargalhada ecoou enquanto eu abria a porta do carro com a sua declaração.

— Não ria, Heyes, eu era muito diferente no ano passado — resmungou antes de entrar e me encontrar dentro do veículo.

— Eu aposto que tudo muda muito em um ano — disse brincando.

— Pelo que sei, sua vida mudou em meses.

Engoli em seco e respirei fundo.

Era verdade.

Em um momento eu estava levando uma bronca por causa das minhas notas, no outro estava sendo levado por um jovem casal que cada vez

mais fazia seu caminho para dentro de mim e isso me assustava demais.

As palavras de Kenny despertaram algo dentro de mim que eu não soube imediatamente o que era. Mas não era bom.

Medo, talvez?

Fiquei em silêncio e depois de algumas tentativas frustradas de conversa fiada ela desistiu e seguimos calados para a escola. Quando seu carro parou no estacionamento, ela se virou para mim e pegou minha mão fazendo-me saltar ao toque. Imediatamente ela soltou.

— Desculpe, Simon, eu apenas levei você lá

porque é um lugar especial para mim.

— Por que você faria isso? Mal me conhece.

— Já disse o motivo. E também porque quero conhecer você.

— Por quê? Você tem vários amigos, é popular... eu não entendo.

— Porque... eu estou cansada do mesmo. Sempre. Eu queria algo diferente e você chegou. Eu não quero que as pessoas me conheçam por causa da minha família ou de onde eu vivo. E você é diferente. Ar fresco, sabe?

Ok, agora o assunto estava ficando sério.

PERIGOSAS NACIONAIS

Falta um parafuso nesta menina!

— Não sei se entendo, Kennedy, o que tem a sua família?

— Esqueça isso. — Um sorriso forçado e triste atravessou seu rosto. — Eu estava apenas sendo eu.

Mas não era isso. Seus olhos grandes e roxos estavam dizendo algo diferente, eu não reconhecia. Mas estava me assustando.

— O que está olhando? — perguntou, olhando diretamente nos meus olhos. Resolvi falar sobre outra coisa.

— Seus olhos... são... coloridos. Roxos?

PERIGOSAS ACHERON

— Turquesa, lilás... Quando choro eles ficam realmente azuis.

— São bonitos — disse sem conseguir segurar a minha língua.

— É? — questionou, emocionada com as minhas palavras.

— É!

— Legal — sussurrou. Seu olhar fugiu do meu e foi direto para os meus lábios. Como se ela quisesse me beijar.

Será que ela queria? Uma buzina nos assustou, fazendo os dois pularem dentro do carro.

— É melhor irmos... — falei abrindo a porta

do carro, saindo rapidamente e a deixando sozinha lá dentro.

Era intenso ficar perto de Kennedy Morgan, e como se não bastasse eu estar confuso com os Hartnett, eu estava confuso com ela também.

CAPÍTULO 11

ALEXANDER

— Precisamos comprar um telefone para Simon — Caterine disse enquanto cortava as cenouras. Estávamos preparando um almoço apenas para nós dois. Simon estava na escola e voltaria apenas após as três horas, e resolvemos ter um momento para nós.

— Concordo, mas gostaria que fosse uma recompensa para ele, não apenas mais um presente. Talvez quando ele apresentar a primeira prova.

— Telefone é uma necessidade, Alex, ele

pode precisar para alguma emergência. Tem mais de um mês que ele está morando conosco, precisa de um telefone — Carter rebateu.

— Eu sei, mas ele tem ido para escola com você e voltado com a amiga dele — Ela suspirou e passou a cortar as cenouras com mais agressividade. Percebi que ela não havia gostado da minha réplica e me aproximei a abraçando por trás e colocando minha mão sobre a sua que segurava a faca para que parasse de cortar. — Eu entendo que você está querendo proteger ele, querida, mas você não precisa ficar tão nervosa e supercuidadosa com tudo. Ele está bem. Nada vai acontecer.

Caterine começou a rir com das minhas

palavras e se virou ficando de frente para mim.

— Não posso acreditar que você é o relaxado do casal. — Sorri e beijei seus lábios com carinho. Demoradamente. Um suspiro escapou da sua garganta quando nossas bocas se abriram e nossas línguas se encontraram. Mordi seu lábio inferior e peguei a sua cintura, erguendo-a e a colocando sobre o balcão da cozinha.

— Pensei que você não gostasse que sentássemos em outras superfícies que não seja cadeira ou o sofá. — Sua voz era brincalhona enquanto suas mãos trabalhavam em meus cabelos, meus lábios beijaram seu pescoço e minhas mãos tiraram a sua camisa.

— Eu não lembro disso. — Continuei beijando seu pescoço, ombros e descendo para os seus seios.

— Claro que não. — Suas mãos desceram por minhas costas e pegaram minha camiseta, puxando para cima e se livrando da peça de roupa. — Eu adoro quando você não se importa com nada, só comigo.

— Eu realmente estou me importando apenas com você. — A peguei em meus braços e caminhei até a janela com ela. Deitei ela delicadamente no chão e aproveitei a claridade para olhar o seu belo corpo enquanto tirava sua calça e calcinha. Um sorriso preguiçoso estava estampado

em seu belo rosto. — Eu amo você, Caterine.

— Eu sei — disse abrindo suas pernas para que eu me encaixasse entre elas. — Também amo você, tanto.

Tirei as roupas que ainda faltavam e me deitei sobre ela, beijando seus lábios e seu rosto.

— Está confortável? — minha pergunta foi sussurrada para ela.

— Eu estou querendo que você faça amor comigo — respondeu me puxando para ela.

**

Nós pedimos comida chinesa naquela noite e escolhemos um filme para assistir.

— Simon, pode colocar a mesa, por favor? — pedi para o garoto que assentiu e rapidamente foi buscar os pratos.

— Colocar a mesa, baby? — Carter questionou — Vamos comer no sofá enquanto assistimos, comendo direto da caixa.

— Você sabe que eu... hum... eu não sou muito, digo eu não gosto de...

Que merda!

— Não pragueje. — *É claro que pensei alto.* — Estamos em família, e todos somos grandinhos, podemos comer enquanto assistimos. Certo, Simon?

— Certo! — O garoto aprendeu rápido de que lado ele deveria ficar quando tivéssemos discussões.

Pouco mais de um mês conosco e o garoto estava cada dia mais confortável, ele pediu por tarefas para ajudar em casa e as cumpria religiosamente, fazia o dever de casa e estava em casa nos horários certos. Realmente era um bom garoto. Ele conversava mais, sua timidez ia se perdendo pouco a pouco. Com o tempo percebemos que ele sorria mais também. Isso nos deixava feliz.

Caterine estava mais tranquila, embora eu

ainda percebesse ela um pouco nervosa em alguns momentos. Ela havia desenvolvido uma superproteção em cima de Simon. E, segundo nosso terapeuta na última sessão, embora Simon tivesse dezessete anos, Caterine era mãe há apenas um mês, então parte dela estava passando pela transição de ter um filho lidando com várias fases neste pequeno espaço de tempo. Basicamente, uma parte de sua mente acreditava que Simon era um bebê.

Mantive-me paciente e ajudando em tudo o que podia. Por vezes a via levantar no meio da noite e a seguia discretamente para fora do quarto só para ver o que ela fazia. Ela abria a porta do

quarto de Simon e o olhava por alguns segundos antes de voltar para nossa cama.

Uma mãe vigiando seu filho.

Nós sentamos no sofá enquanto Simon optou por sentar no chão, quando vi os filmes escolhidos para assistir, eu quis morrer.

— Vocês estão brincando, certo? — perguntei, incrédulo. — A saga O Senhor dos Anéis?

— Simon nunca assistiu, falamos sobre os livros e ele se interessou — Carter justificou se ajeitando ao meu lado.

— Não é melhor ele ler os livros primeiro?

PERIGOSAS NACIONAIS

— perguntei. Simon continuava compenetrado e comendo a sua refeição direto da caixa. Pelos gemidos discretos acho que ele nunca havia comido comida chinesa antes.

— Os livros são chatos.

— Ah! Os livros são chatos? Os filmes não? — Eu tinha que rir da lógica da minha esposa.

— Claro que não! — defendeu.

— Aposto cinquenta que ele não chega ao segundo filme — desafiei.

— Desafio aceito!

Nós olhamos para Simon que continuava compenetrado em sua caixa de comida.

PERIGOSAS ACHERON

**

As duas torres mal tinha começado e Simon estava apagado com a cabeça escorada no assento do sofá.

— Você me deve cinquenta dólares — informei Caterine, rindo. Mas sua resposta não teve nada a ver com o assunto.

— Deus, Alexander, eu amo esse menino — confessou enquanto nós dois olhávamos para ele.

Eu também o amava.

CAPÍTULO 12

SIMON

— Ok, agora dê a seta. Isso. Diminua a velocidade... isso! Agora freie completamente, coloque em porto morto... Desligue. Perfeito, garoto! — Alexander exclamou feliz ao meu lado quando desliguei o carro que estacionei sozinho dentro da garagem.

Ele estava me ensinando a dirigir por mais de um mês.

Era legal! Alexander disse que eu tinha muita habilidade para dirigir, o que me deixou

ainda mais empolgado. Mas não era apenas aquilo que me fez extremamente feliz ao estar atrás de um volante, embora o motivo que eu tenha pedido para aprender não fosse tão legal, eu estava sendo reconhecido, como ser humano, um cidadão.

Eu não sabia explicar, mas saber dirigir, entrar e sair, comer o que quiser, essas coisas, me faziam acreditar que eu era parte de algo.

Eu era alguém.

E precisei sentar atrás de um volante para sentir que finalmente isso estava acontecendo. Estranho, eu sei. Mas me senti desta forma. E Alexander me dera isso.

Havia dois meses que estava sob a custódia dos Hartnett, e com o tempo fui me soltando, entrando na rotina deles, criando novas rotinas com eles.

Mas depois da noite do filme, quando ouvi Caterine dizer que me amava, acho que entrei em pânico.

Somado ao fato de que Kennedy estava sempre por perto sendo tão... ela. Automaticamente comecei a me distanciar de cada um deles. A armadura estava voltando e cada vez que me sentia confortável ou mesmo feliz, recuava alguns passos. Eu não poderia me entregar. Era perigoso e o resultado doloroso, nunca tinha sido antes, mas eu sabia que com os Hartnett seria daquela forma. Eles

eram bons para mim, me respeitavam como ser humano. E Carter me amava. Ela disse que me amava. Mesmo dando constantes passos para trás, cada um deles me quebrou de alguma forma.

Primeiro Caterine.

Eu estava em meu quarto escutando Ramones quando ouvi uma batida na porta, era estranho baterem na porta do meu quarto antes de entrar, aliás, era estranho eu ter um quarto antes de tudo.

— Entre! — exclamei e abaixei o som.

Caterine colocou a cabeça para dentro do quarto e fiz sinal para que ela entrasse.

— Isso é Ramones — afirmou, entrando e fechando a porta atrás dela. Seu sorriso era feliz, aprovando a minha escolha musical.

— Isso é Ramones. — Repeti, dando um leve sorriso para ela.

Ela era incrivelmente louca. No melhor sentido. Gostava de rock, fazia piadas sarcásticas e xingava como um marinheiro quando se queimava nas panelas ou batia o dedinho em algum móvel. Eu vi uma foto dela de um tempo atrás com Alexander, com cabelos curtos e platinados, usava converses sujos e camisas largas. Superlegal. Bem, as camisas largas ainda estavam lá. Quando estava em casa, seu vestuário ainda era camisas largas e

surradas. Alexander parecia amar ela naquela vestimenta. Quando ia para o escritório, Caterine era outra mulher. Sempre bem vestida, de salto alto e maquiagem.

Quando a questionei sobre a mudança no visual, da época da foto, ela disse que fora uma fase da sua vida, mas que agora ela queria ser Caterine Hartnett. Eu não entendi muito bem, mas preferi não me aprofundar no assunto. Eu não queria me aprofundar em nada, na verdade, quanto mais soubesse sobre eles, mas difícil ficava me manter distante. Contudo, nada estava saindo como eu gostaria.

— Eu trouxe alguns livros para você, passei

em frente a uma livraria e pensei que você gostaria de tê-los. — A espertinha sabia como me ter em sua mão. Saltei da cama e puxei a cadeira da minha mesa de estudos para que ela sentasse, seu sorriso e brilho nos olhos me disseram que aquele ato a fizera feliz. — Stephen King e R.R Martin.

— Legal. — Eram os três primeiros livros da série da Torre Negra e As Crônicas de gelo e fogo. — São grossos. — Eu sorri. Ela sabia que eu gostava de livros longos.

— Sim, eu não os li, mas me disseram que são bons.

— Obrigada, KitCat.

— O que foi esse nome? — Carter perguntou sorrindo. Eu nunca a tinha chamado por este apelido na sua frente.

— Eu gosto de chamá-la assim, desculpe. — Dei de ombros, um pouco envergonhado.

— Oh, eu gosto disso. Me faz parecer legal. — Piscou e sorriu de forma irreverente. — Você sabe se ainda está na moda “mães legais”?

Eu percebi seu jogo. Por mais que ela estivesse tentando me dar espaço, eu sabia que seu sonho era que eu a chamasse de mãe. Mas não sentia aquilo em mim, não ainda, apesar de tudo, porém, resolvi não ferir seus sentimentos naquele

momento, então respondi à sua brincadeira.

— Eu acho que elas vêm no ranking logo após as mães gostosas — disse tentando ser sério, mas deixei um riso escapar.

Ela gargalhou. E porra! Era realmente legal ver ela rindo tanto.

— Bem, fico feliz. Não quero ser uma mãe gostosa, seria um problema com Alex.

— Seria um problema para mim também, não quero meus amigos chamando minha... hum... você de gostosa. É nojento.

Carter não pareceu notar quando minha língua travou na palavra mãe, ela estava feliz com a

nossa troca, e eu estava feliz também. Eu estava feliz por ela e com ela.

Isso era ruim.

Ainda assim eu me permiti saborear aquela troca. Ela estava feliz. Isso era importante. Caterine tinha algo nela que despertava o desejo em mim de nunca deixá-la triste. De alguma forma aqueles olhos me diziam que já houvera muito sofrimento ali.

Com Kennedy o assunto era mais carnal.

Muito mais.

Seu pequeno corpo com todas aquelas curvas fofinhas e seios fartos me deixava louco.

Seus olhos roxos, lilás ou sei lá a cor, eram outra coisa que me deixava sem chão. Eles me hipnotizavam sempre que eu os olhava. Eu tinha que desviar o olhar o tempo todo.

Ela era gentil com todo mundo, prestativa. Conversava com as patricinhas e as excluídas ao mesmo tempo e todas pareciam pacíficas ao seu redor. Era uma líder.

Uma líder que não largava do meu pé.

Kenny me buscava em casa todos os dias, conversávamos sobre coisas comuns e sem importância quase sempre, e quando estacionávamos na escola ela dava sempre um jeito de me tocar. Pegava em minha mão, mexia em meu

cabelo... qualquer coisa.

Eu sabia que ela estava interessada, um cara consegue perceber, ainda mais quando a menina não está fazendo muita questão em esconder. Mas se ter um relacionamento com ela seria algo com prazo de validade, qual seria o objetivo de levar isso adiante?

Eu podia ser um garoto com tesão, mas não um idiota. Ela não merecia aquele tipo de envolvimento.

Mulheres não mereciam ser tratadas como material de descarte. Lori sempre fora muito incisiva nisto comigo e os outros garotos mais velhos, embora não precisasse, eu tinha visto o

suficiente sobre como mulheres eram tratadas para saber que não faria aquilo. Nunca. Com nenhuma delas. Mulheres não são brinquedos.

Acho que o fato de eu ter sido tratado como lixo desde muito novo me fez ter uma perspectiva muito melhor da situação, então não, eu não iria beijar a garota que obviamente queria muito mais do que apenas dar uns amassos. Quebraria seu coração depois e Kenny não merecia isso.

Mas por mais que eu evitasse seus avanços, Kennedy não recuava. Nunca. Ela poderia me ver paquerando outra garota na escola, ser ignorada por mim ou até mesmo escutar alguma grosseria, mas ela não desistia.

Droga.

Então, no dia em que ela foi incrivelmente fofa, tomei a decisão de não usar mais seu serviço de chofer para a escola.

Estávamos no final de maio quando ela me convidou para o primeiro baile de qualquer porcaria que os alunos inventavam para usar roupa cara e dar amassos no banco de trás do carro. Ao que parecia, era dever das meninas convidar os meninos. Então ela simplesmente o fez.

— Simon. — Chamou quando eu já me preparava para sair do carro.

— Hum?

— Quero saber se você gostaria de ir ao baile comigo. — Ela parou por um momento e sorriu. — Vai ser divertido e as meninas precisam fazer tudo, convidar os garotos, lhes dar um *corsage* [7] e buscar em casa. Eu vou comprar um *corsage* preto, prometo!

Que porra é um *corsage*?

— Eu... ugh... Não gosto de dançar.

— Bem, é uma pena. — Seu sorriso morreu um pouco, mas logo se recuperou. — Eu gosto de dançar, mas se você não se sentir bem com isso, então eu não dançarei também.

— Não é justo com você, Kenny. Eu não

sou um cara de bailes.

Eu a vi murchar mais um pouco.

— Mas eu queria que você fosse comigo, Simon. Qual o problema?

— Eu não sou a melhor companhia para esse tipo de coisa. Talvez seja melhor você convidar alguém que goste.

— Oh. — Ela finalmente entendeu. Seus olhos baixaram para suas unhas compridas e bem cuidadas. — Bem, ok então.... Aqui... — Ela me entregou um pen drive prata. — Eu fiz para você.

— O que é?

— É uma seleção de músicas. — Ela tentou

ao máximo não parecer decepcionada depois que neguei o seu pedido.

— Oh, legal — respondi analisando o objeto entre meus dedos.

— São músicas que me fazem lembrar de você — informou sem me olhar, suas unhas coloridas eram mais importantes naquele momento.

Viu? Fofa!

Merda!

— Kenny, eu... — Meu coração estava disparado naquele momento, meu estômago parecia realmente esquisito.

— Vamos nos atrasar para a aula —

sentenciou virando para abrir a porta do carro, mas a parei segurando sua mão, era a primeira vez que eu a tocava por vontade própria. Ela congelou e olhou para nossas mãos juntas e manteve seu olhar ali.

— Kenny, eu sei o que você quer — sussurrei delicadamente. —, mas acredite quando eu digo que não sou o cara para você.

Seu cenho franziu e seus ombros caíram por um momento, ela se manteve em silêncio por segundos parecendo pensativa.

— Essa história de “não sou para você” só cola nos livros, Heyes — sua voz era quase um

sussurro e parecia tão malditamente magoada. — Eu sei o que é bom ou não. Não tome decisões por mim. Ok? Mas também sei quando não adianta insistir. Eu pensei... esquece. Você tem razão. Vou convidar alguém que goste de dançar.

Então ela saiu e esperou a minha saída para que pudesse travar o carro.

Eu me senti um merda desde então, principalmente quando ela não parou de me dar carona, então eu corri para Alex.

Ele estava em seu escritório quando cheguei naquela tarde.

— Alex? Podemos conversar?

— Claro, garoto. Entre e sente-se. — Sua atenção estava fora dos documentos que analisava, imediatamente. — O que posso fazer por você?

— Eu... hum... — Acovardei-me na hora. — Deixa para lá, é besteira. — Levantei pronto para sair.

— Espere, sente-se — ordenou. — Apenas diga, Simon.

Respirei fundo e tentei controlar o meu nervosismo. Eu nunca pedia nada aos Hartnett, eles me davam tudo o que nunca pensei que precisaria, eu não sentia necessidade de nada. O último presente tinha sido um Iphone, eu ainda estava

aproveitando o meu brinquedo novo.

— Eu gostaria de aprender a dirigir, se puder, for possível, você sabe.... Eu poderia esperar, não é que eu esteja exigindo nada ou um carro, bem, eu precisaria de um carro, mas na verdade eu não sei como...

— Hey! Calma, garoto. Respire e explique, do começo.

Contei para ele sobre Kennedy e o fato de eu negar seu pedido, só que não me sentia bem mais em andar com ela, mas descartar sua carona e andar a pé me parecia que iria feri-la ainda mais. Alexander ficou calado por um momento,

pensativo. Olhei em volta do seu escritório enquanto tentava não encará-lo, era absurdamente organizado. Mesmo as canetas sobre a mesa eram alinhadas lado a lado.

— Façamos o seguinte: — Iniciou, fazendo meu foco voltar para ele. — Vou dar um jeito de buscá-lo depois da escola, quando não puder, pedirei a Joshua, e lhe ensinaremos a dirigir. O carro, ainda conversaremos sobre, tudo bem? — Assenti empolgado e aliviado. — Agora me diga, você não gosta dela?

— Hum... não é isso, é que...

— Sim ou não?

Eu não poderia dizer o real motivo ou ele saberia de todos os meus medos. Diria que era besteira e me daria mais esperança sobre o meu futuro com eles. E eu não suportava mais aquele sentimento. Aquela esperança crescendo dentro de mim.

— Eu gosto — por fim, disse.

— Então fique com a garota. — Ele fazia parecer tão simples.

— Não é assim... — Tentei explicar. — Não sou bom para ela.

— Agora, olhe para mim. — Ele se ajeitou

em sua cadeira e tirou o processo que estava na sua frente, colocando suas mãos em cima da mesa. — Eu tive a minha dose de “não posso ficar com você”, “você merece alguém melhor” e todo esse papo dramático, e vou te dizer: É uma grande porcaria. Na verdade, é uma grande merda! Você já está fazendo-a sofrer e se você gosta dela, você poderia ao menos dar uma chance de escolha à garota. A pior coisa que existe é termos nossas decisões arrancadas de nós como se não fizéssemos parte da equação. Se você gosta desta garota, apenas fique com ela, não é tão complicado.

— Você não entende, é complicado.

— Oh, rapaz, você é quem não entende.

Quando eu digo que tive a minha cota de “não sou bom o suficiente para você” eu não estou brincando.

— Isso é a continuação da sua história com Carter? — perguntei curioso.

— Pode apostar. Quer a sua primeira aula de direção enquanto eu conto? — perguntou, levantando de sua cadeira.

— Vou buscar meu casaco. — Corri para o meu quarto empolgado com a minha primeira aula e para saber como continuava a história dos meus tutores.

E foi assim que ele me quebrou também. Conselho

sobre meninas, histórias engraçadas sobre ele e Carter e aulas de direção.

**

Quando voltamos mais tarde naquele dia, eu tinha entendido sobre o que ele queria dizer quando falou de deixarmos as pessoas decidirem por elas mesmas. Carter tinha sido resistente a Alex no início de seu relacionamento por motivos que Alexander afirmou que só Carter poderia me contar. Ele me fez pensar sobre Kennedy, me pediu para pensar em como me sentia sobre ela realmente e se percebesse que gostava da garota, que não perdesse a oportunidade.

Eu fiz o que ele disse. Pensei em Kenny e em como me sentia sobre ela. Meu coração disparava toda vez que ela estava por perto, suas mensagens de texto me faziam sorrir sempre. Nas aulas de reforço escolar ela era atenciosa comigo, não desistia enquanto eu não aprendesse a desenvolver o exercício. Seu toque me deixava arrepiado, excitado e trêmulo, não podia ficar muito tempo a encarando, seus lábios eram chamativos demais.

Eu gostava de Kennedy. Muito. E tinha pelo menos mais dez meses para explorar esses sentimentos se eu não fizesse nada de errado. Talvez Alexander estivesse certo. A escolha não

era apenas minha. Talvez eu não devesse me fechar tanto e perder as oportunidades que a vida estava me dando. Acho que em todos os requisitos.

Por isso que na manhã seguinte, quando Kennedy foi me buscar, eu estava pronto para lhe dizer que havia mudado de ideia.

— Hey, Kenny, o convite para o baile ainda está em pé? — Fui direto ao ponto. Minhas bochechas e orelhas esquentaram um pouco, mas procurei não mostrar nervosismo.

— Hum.... Não — respondeu direto.

— Não? — Senti minha confiança murchar na mesma hora.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, Heyes. Eu vou com Oliver — disse quase que rispidamente.

— Oliver? Que Oliver? — perguntei incrédulo, mas sabia que não seria problema ela conseguir um encontro para o baile. Kenny conhecia todo mundo.

— Oliver Snowen? Capitão dos matletas?

Isso é sério?

— Claro que é sério — respondeu ela levemente alterada. Obviamente tinha ouvido o que eu pensei apenas ter pensado.

— Merda, estou passando muito tempo com Alexander — resmunguei.

PERIGOSAS ACHERON

— O quê?

— Nada.

— Você está estranho. Por que perguntou sobre o baile? Mudou de ideia?

— Sim, eu havia mudado. — Naquele momento, tive esperança de que ela cancelasse com o nerd da matemática.

— Oh, vou pedir para Laura Prescotty convidá-lo, então, ela é legal — informou sem parecer abalada.

— Quem? Não! — exclamei, não acreditando no que ela estava propondo.

— Vai ser legal. E Laura é bonita — disse

com um sorriso empolgado, mas seus belos olhos violeta pareciam tensos. Ela seriamente estava me jogando para cima de outra menina? Bem, eu esperava o que depois do fora que dei nela?

— Não, obrigada. Eu queria ir com você — murmurei sem graça. Seu rosto corou e ela tinha um sorriso triste em seus lábios.

— Já dei minha palavra. Sinto muito.

Yeah! Eu também!

CAPÍTULO 13

SIMON

Eu continuava tendo aulas de direção com Alexander. Era a nossa forma de ter nosso momento de homens. Caterine ficava em casa fazendo o nosso jantar enquanto andávamos pela cidade de carro. Pegávamos as ruas paralelas às principais para evitar qualquer acidente no tráfego fodido de Nova Iorque. Naquele dia eu cheguei empolgado da escola para minha aula com Alex, era um pouco mais cedo já que Kennedy teve uma questão familiar para resolver, quando me deparei

com uma cena que me fez querer passar álcool em gel em meus olhos.

Pelo menos eles não estavam fazendo sexo.

Argh.

O hip hop alto ecoava pelo apartamento enquanto Carter e Alexander dançavam colados um no outro, Carter rebolava seu traseiro contra Alexander e aquilo era no mínimo enjoativo. Alex sorria enquanto KitCat cantava a música para ele. Os dois pareciam adolescentes em uma casa noturna, mas era tão fofo que deixava meu estômago revirado.

— Hum... Hey, pessoal! — gritei por cima

da música.

Carter olhou e sorriu, se separando de Alex, mas sem deixar de dançar.

— Vem, Simon, vamos ver se você sabe dançar! — Chamou animada.

— Hum... não, mas obrigado. — Eu cocei minha nuca e praticamente corri para o meu quarto.

Uma hora mais tarde a batida na porta me tirou a atenção do meu livro.

— Entre!

— Pronto para dirigir? — Alex perguntou assim que abriu a porta.

— Claro! — Saltei da cama e caminhei na

direção de Alexander que agora olhava para a minha prateleira de livros.

— Tem muitos livros aí, hein? — brincou, mas tinha certa tensão em sua voz.

— Sim, KitCat me deu vários. São legais.

— Notei que não estão em ordem. — Seu olho se contraiu um pouco e tive que me segurar para não rir.

— Eu sei, preciso arrumar — avisei logo para que ele não surtasse.

— Tudo bem, bem... É sempre bom tê-los arrumados, você encontra tudo com mais facilidade quando está arrumado. Organização é sempre muito

benéfico, sabe?

— Sim — respondi e continuei para tranquilizá-lo. — Arrumarei em breve. Prometo.

— Tudo bem! Sem pressão. — Alexander saiu do quarto sorrindo, mas um tanto tenso. Ele realmente gostava de organização, KitCat tinha me contado que ele tinha melhorado e muito em suas manias, ela dizia que foi um dos motivos para ela ter se apaixonado por ele. Eu sabia que ele queria ficar em meu quarto e arrumar cada livro na minha coleção, porém, Caterine já havia me dito para não deixar, do contrário, ele simplesmente controlaria até a cor da minha roupa íntima.

**

— E como andam os estudos? Tenho notado que você tem feito muitos deveres de casa.

— Hum... sim, Kennedy me passou muitos exercícios de matemática, química, física e biologia.

— E você está conseguindo assimilar tudo? Sua última prova foi realmente muito melhor do que a outra. C+. — Seu tom era realmente orgulhoso.

— Sim, estou entendendo muito melhor. Kennedy é realmente uma boa tutora.

— E como namorada? Como ela está se

saindo? — perguntou, tentando entrar em outro viés do assunto.

— Ela não é minha namorada — esclareci com um gosto amargo na boca.

— Ainda no modo *Kennedy coração gelado*?

— Yep!

— Veja bem, garoto. É provável que você não encontre a sua janela no primeiro relacionamento, mas se privar daquilo que você deseja por medo de não estar mais aqui no futuro, é pura besteira.

Olhei assustado para ele quando ouvi a sua

colocação.

— Olhos no trânsito, garoto — advertiu. — E não me olhe com essa cara de espanto, acha que não sei o que está pensando?

Engoli em seco sem saber que resposta dar a ele.

— Desculpe. — Foi só o que consegui falar.

— Não se desculpe, garoto, eu entendo o seu medo, a sua desconfiança, eu só gostaria que nos desse o que pedimos a você em Nova Jérsei.

Ele estava falando da *chance*. Assenti sem tirar a atenção da estrada.

— Você pode estender essa oportunidade

para Kennedy, não?

Kenny continuava me ajudando, era cordial, e continuava falando comigo, mas eu sabia que não era a mesma coisa. Quando entrávamos na sala de monitoria de estudos, era como se ela não me conhecesse, sempre muito séria e compenetrada, o que era bom. Se ela ficasse sendo ela mesma comigo o tempo todo eu provavelmente não recuperaria as minhas notas. As aulas eram cansativas, mas esclarecedoras e eu a via o dia inteiro, todos os dias e isso era ruim de uma maneira boa.

Eu não entendia. Mas, mesmo que me assustasse, eu gostava de estar com ela sempre.

PERIGOSAS NACIONAIS

Kennedy Morgan me acalmava e me deixava nervoso ao mesmo tempo.

Ela estava distante, conversava amenidades comigo, sobre as aulas, as flores nas árvores, o casaco fluorescente de alguém, a última fofoca quente da escola, mas não havia tentado se aproximar ou encostar em mim desde que dissera para ela que não queria ir ao baile.

Mesmo quando deixei claro que havia mudado de ideia, ela estava distante de mim e aquilo tinha me deixado louco.

— Acho que eu perdi a oportunidade com Kennedy, de qualquer forma.

PERIGOSAS ACHERON

— Não acho que seja isso, ela apenas está fazendo o que acha que você quer.

— Eu não sei…

— Kenny acha que você a quer longe e está dando isso a você agora, se você aprendeu algo sobre a minha história com sua mãe, você deve agir rapidamente. — Não passou despercebido que ele se referiu a Carter como minha mãe, mas eu resolvi não me incomodar mais com isso e deixar a situação acontecer. Se eles queriam acreditar que eram meus pais, eu aceitaria isso também, apesar de sentir coisas confusas em mim toda vez que eu ouvia.

— Mas pedi para ir ao baile. Ela recusou.

— Ela deve ter pensado que você voltou atrás apenas para não chateá-la, Simon. — Franzi o cenho e meneei minha cabeça em negação. — Eu sei, garoto. O ser humano é confuso.

— As mulheres são mais — resmunguei em troca.

— Não, as mulheres só externam a sua confusão mais do que os homens. Nós só somos burros demais pra entender. — Sua declaração me fez soltar uma bufada e depois uma risada, Alex acompanhou e acabamos gargalhando.

Mais tarde, fiquei pensando se Alex não

estava realmente certo sobre tudo aquilo. Talvez eu não devesse desistir tão facilmente.

**

Na sexta, durante o almoço, tomei a decisão. Não deixaria Kennedy escapar. Procurei Oliver Snowen, o encontrei andando pelo corredor e o chamei para uma pequena conversa.

— E aí, cara? — Para a minha total surpresa, Oliver era mais alto do que eu, não tinha o cabelo oleoso e nem usava óculos com esparadrapo para remendá-lo, ele era normal.

— Oi. — Cumprimentou-me sem muita vontade.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu queria falar com você sobre algo...

— Sim?

Eu pensei em várias mentiras para lhe contar. Dizer que Kenny tinha piolho ou sífilis, mas claro que eu não faria isso com ela. A mentira poderia se espalhar. Ameaçar a sua vida não seria legal para o meu currículo escolar também, caso alguém descobrisse.

Então eu optei pela humilde verdade.

— Você e Kennedy Morgan vão ao baile, certo? — Coloquei as mãos nos bolsos da minha calça tentando me manter calmo.

— Uhum...

PERIGOSAS ACHERON

— Eu quero ir com ela. — Soltei rapidamente.

— Oh! — Ele olhou um pouco assustado com a minha sinceridade.

— A coisa é: Fui um cuzão e a rejeitei quando ela me convidou, então ela convidou você, mas eu queria muito voltar atrás, então estou pedindo para que você reconsidere... tipo, na camaradagem, sabe...

— Duzentos dólares.

— O quê? Está me cobrando para deixá-la? Isso não é muito legal! — Eu quis parecer

ofendido, mas eu só estava duro mesmo, não tinha dinheiro para nada. De onde eu tiraria duzentos dólares?

— Duzentos dólares ou nada feito. — Foi taxativo.

Tudo bem, ele era duro na queda e eu não tinha muita experiência em barganhar, então apenas cedi. O que mais eu faria?

— Eu preciso de um tempo para pagar. — Comecei um pouco incerto. — Preciso que mantenha isso em segredo também, finja que ainda vão e no dia apenas fique em casa ou o que seja, que eu irei buscá-la.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Fechado.

— Isso foi fácil — murmurei olhando para Oliver. — Você não quer ir com ela?

— Olha, Sidney é linda...

— Kennedy. — Corrigi ofendido.

— Isso! Mas eu sou o tipo que gosta de jogar videogame em casa e não ir a bailes.

— Então por que não negou? — Olhei para ele sem acreditar no que estava me dizendo.

— Não se nega nada para Kennedy, cara. A família dela é... — Torceu sua boca em uma careta.

— Hey! — Kenny nos interrompeu parando

ao nosso lado. — O que estão fazendo aqui juntos?

— Nada. Apenas nos esbarramos. — Sorri e andei para longe deles, quando olhei para trás, os olhos roxos de Kenny me fitavam com tristeza.

Eu teria que pedir duzentos dólares para Alexander, mas foi fácil.

CAPÍTULO 14

SIMON

No dia do baile eu me atrasei para chegar à casa de Kennedy, um pouco porque Carter se certificou um zilhão de vezes de que meu terno estivesse alinhado, assim como meus cabelos.

E um pouco porque eu não quis acreditar que o prédio onde a garota morava ficava literalmente no centro da cidade. Durante os primeiros meses de escola, Kennedy atravessava Manhattan toda para estudar em Tribeca, não tinha ideia do motivo, mas era estranho.

Passei várias vezes em frente ao grande e espelhado prédio sem querer acreditar que Kennedy morava de frente para o Central Park. Foi a isso que Oliver havia se referido? O fato de Kenny ser muito rica e de família influente? Por isso ninguém tinha coragem de negar nada a ela e todos eram seus amigos?

As pessoas sempre eram simpáticas com ela. Ninguém lhe dizia não, e nenhum grupo da escola parecia querer esnobá-la. Ela dirigia um carro importado e novo e parecia não querer falar da sua família para mim. Talvez ela não quisesse que eu a julgasse ou me aproximasse pelo que ela tinha e sim por quem era. Por isso ela fez tanta

questão de ser minha amiga quando cheguei.

Pedi para que Alexander finalmente parasse.

— Eu vou perguntar se é aqui. — Saltei do carro.

— Espero que não. — Ouvi ele murmurar, então parei antes de fechar a porta.

— Está tudo bem?

— Hum? Sim! Apenas tenso... por você. — Sorriu e me incentivou a ir em frente, mas não parecia como aquilo. Ele estava leve e feliz até me levar naquele lugar.

— Boa noite. — Cumprimentei o

recepcionista do prédio. — Estou aqui para ver Kennedy Morgan.

— Um momento, por gentileza. — O homem polidamente levantou o dedo de sua mão esquerda enquanto com a outra pegava o fone do aparelho e discava o número. Então Kenny realmente morava naquele prédio imenso? — Jeanine? É Eddie, por favor, pode avisar a senhorita Morgan que o jovem... — Ele olhou para mim pedindo meu nome e sussurrei “Oliver” para ele. Não queria estragar a surpresa. — Oliver... Chegou para lhe ver. Sim... Obrigada. — Ele desligou e voltou-se para mim esticando o braço sinalizando o sofá do hall de entrada para que eu me sentasse.

— Estou bem, obrigada.

Mantive-me em pé, mas evitei andar ou mexer minhas pernas ou braços como um menino de cinco anos na fila para sentar no colo do Papai Noel. Não que alguma vez eu o tenha feito, mas assistia as crianças animadas fazendo aquilo. Sempre achei idiota de qualquer forma, mas agora eu apenas...

Bem...

Esquece!

**

Quando, finalmente, as portas do elevador se abriram, minha respiração parou de vez e eu

congelei diante da imagem em minha frente.

Ela parecia um anjo.

Era a referência mais brega que eu poderia ter, mas não havia outra descrição para Kennedy Morgan naquele momento.

Seu vestido era rosa muito claro e curto. Seus cabelos estavam soltos e um pouco ondulados, ela usava salto o que a deixou um pouco mais alta, seu rosto estava iluminado com algum truque de maquiagem no qual eu não entendia, mas definitivamente apreciava.

— Heyes? — Eu não gostava quando ela me chamava daquela forma, definitivamente.

— Hey!

— O que faz aqui? — Seus saltos clicaram no chão de mármore quando ela se aproximou.

— Eu... Eu quero ir ao baile com você. — Fui direto. Kennedy não tinha rodeios quando falava, eu só poderia retornar a mesma consideração com ela.

— Eu tenho outro par, Simon, não posso ir com você. Dei minha palavra a Oliver — respondeu chateada. Sua delicada mão subiu até seu cabelo e ela colocou uma larga mecha atrás da orelha.

— Ele não virá — expliquei ansioso.

A expressão de desapontamento passou pelo seu rosto de forma evidente.

Será que ela gostaria de ir com ele afinal de contas?

— Então, ele não veio e você ficou com pena e resolveu resgatar sua amiga? — Kennedy tentou sorrir, mas eu poderia ver seus olhos brilhando um pouco com lágrimas.

— O quê? Claro que não, Kenny. — Jesus! Como ela poderia pensar algo assim? — Eu o paguei para poder vir buscá-la.

Seus olhos se arregalaram e sua boca perfeita se abriu em um O.

— Você pagou? Por que faria isso? — Seus belos olhos violeta estavam arregalados olhando para mim.

— Porque eu gosto de você, Kennedy, mais que como amigo — disse logo, sem querer esperar mais para falar sobre isso. — Desculpe, eu estava confuso. — Um sorriso gigantesco se abriu em rosto. Seus olhos brilharam e suas bochechas coraram com a minha declaração. — Podemos conversar no carro? Bem, pensando melhor, vamos conversar na festa. Eu conto tudo. — Ela me olhou sem entender. — Eu não tinha dinheiro para uma limusine e ainda não tenho minha carteira de motorista, tive que pedir ao Alex para ser nosso

motorista.

Kennedy riu e andou um pouco mais até mim.

— Dispense seu pai, vou pegar o meu carro.

— Mas...

— Se vamos fazer essa coisa de encontro, prefiro estar a sós com você. — Piscou e deu as costas, voltando para o elevador. — Encontro você em dois minutos, vou pegar o carro na garagem.

Assenti e corri até o carro de Alexander.

— Bem? — ele perguntou sorrindo, provavelmente tinha percebido o meu sorriso no rosto.

— Você está liberado, vamos no carro dela — declarei.

— Ela quer ficar sozinha ou está com medo de conhecer sua família?

A pergunta trouxe um frenesi em meu estômago. *Família*.

Eu tinha uma família?

Não, não pense sobre isso agora.

— Acho que ela está preparada para alguns amassos no banco de trás. — Eu brinquei, mas meu estômago novamente deu voltas, apenas em pensar na possibilidade. É claro que eu esperava algo daquela noite, eu estava levando a garota mais linda

que eu havia visto em toda a minha vida ao baile.

— Bem, tem algumas coisas que eu deveria falar para você. — Alexander iniciou pensativo.

— Apenas vá — gemi o pedido, sabendo aonde ele queria ir com aquele papo.

— Mas você sabe...

— Por favor? — Choraminguei. Peguei a caixa com o *corsage* que havia comprado para Kennedy no banco, pela janela mesmo. — Sem a "conversa". Não precisa. De verdade! — Implorei.

— Tudo bem. — Rendeu-se, por fim. — Camisinha! — exclamou antes de ligar o carro e partir.

Logo Kennedy estava parando o seu carro na minha frente. Entrei no carro e puxei o cinto.

— Eu trouxe o seu *corsage*, é preto e branco... — Iniciei, mas quando virei para ela, suas mãos tomaram o meu rosto e o puxaram fazendo seus lábios colarem nos meus.

Kennedy me beijou**.**

CAPÍTULO 15

SIMON

O beijo era maravilhoso, exatamente como eu imaginava que seria. Seus lábios eram macios, seu gosto doce, sua língua inteligente, como o resto dela, sabendo exatamente como se mover, como encontrar com a minha. Suas mãos acariciaram o meu rosto, meu cabelo e pescoço enquanto as minhas seguravam a sua cintura com força.

Um suspiro...

Dois suspiros...

Mais beijo...

Nossas bocas se separam...

Nossos olhos se encontraram...

Nós sorrimos...

E nossas bocas se encontraram novamente.

Nos beijamos sem mensurar o tempo, parecia longo. Nada sobre aquela garota era normal. Ela não esperou eu beijá-la embaixo de algum gazebo iluminado, ou sob a luz do luar em um banco no Central Park, ela apenas me beijou em um momento em que eu não esperava, com nada especial para lembrar o momento. Não precisava. Quando nossos lábios se tocaram, senti que era apenas e simplesmente especial.

PERIGOSAS NACIONAIS

Uma batida no vidro atrás de mim nos fez parar o beijo e colar nossas testas. Alguém resolveu nos lembrar que estávamos em frente ao prédio dela.

— Senhorita? O seu padrasto está descendo, pensei que seria bom avisar. — Senti o corpo de Kennedy endurecer em meus braços.

— Obrigada, Lomar. — Ela soltou de mim e se endireitou, preparando-se para dirigir.

— Algum problema? — perguntei, percebendo a sua tensão.

— Não. — Um sorriso escapou por seus lábios.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Seu padrasto é protetor? — questionei, preocupado.

— Não vamos estragar nosso momento falando do meu padrasto, vamos?

— Então...

— Então...? — Repetiu, saindo para a via e dirigindo rapidamente.

— Não falaremos sobre o *nosso momento*? — perguntei enquanto ela dirigia.

— Eu prefiro dançar e te beijar mais.

Eu não a lembrei de que não dançava. Ela parecia radiante. Eu me sentia bem também.

**

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A música insuportável de alguma garota que odiava o namorado tocava alto no salão.

— Adoro essa música, Taylor Swift! — Kenny exclamou empolgada. Eu sorri para ela um pouco nervoso, e surpreso com o fato de ela gostar de Taylor Swift.

Alguns alunos da escola nos olharam com curiosidade. Tentei entender o que estava acontecendo e fiz um esforço muito grande para não sair correndo. Eu nunca havia sido o centro das atenções antes. De repente, a mão pequena, delicada e quente de Kennedy deslizou sob a minha, olhei para ela que sorria me encarando.

PERIGOSAS ACHERON

— Eles estão curiosos.

— Por quê?

— Alguns pensavam que eu e você mantínhamos em segredo nossa relação, outros pensavam que você era gay. Tinham certeza que me veriam com Oliver hoje à noite e estou aqui com você.

— Isso é ruim? — perguntei sorrindo e a puxando para mim, eu não estava acostumado a demonstrar afeto em público, mas eu havia quase perdido a minha chance, não queria que acontecesse novamente. — O fato de eu ser gay, é claro — brinquei, fazendo-a rir. — De verdade,

você está bem com o fato de que eu paguei Oliver para estar aqui com você?

— Você sabe que sim, Simon. Eu quis vir com você desde o começo. — Seus braços circularam meu pescoço me puxando para mais perto, os saltos de seus sapatos possibilitavam que ela me beijasse com mais facilidade.

Meus lábios tocaram os seus na intenção de apenas uma carícia, mas sua boca se abriu e ela me tomou em um beijo longo e apaixonado. Ouvi murmúrios e exclamações sobre o nosso show, fiquei impressionado ao ouvir que eram todas positivas. Quando nos soltamos, Kenny me puxou para a pista de dança me deixando em pânico.

— Eu não sei dançar.

— Todo mundo sabe dançar quando está ... — Parou, me olhando nervosa.

— Quando está...? — Instiguei ela a falar.

— Hum... Feliz? — algo me dizia que não era aquilo que ela ia dizer, mas deixei passar.

— Definitivamente feliz — afirmei deixando que ela me levasse para a pista.

A música lenta de uma *boyband* qualquer começou a tocar e ficamos nos embalando juntos de um lado para o outro.

Eu não sabia se dançar era fácil ou se dançar *com Kenny* era fácil, mas sentir o corpo dela

colado no meu, seus pequenos dedos acariciando meu ombro e pescoço e seus olhos brilhando era como se eu devesse estar ali há muito tempo. Sentia como se pertencesse àquele lugar e momento.

De repente as imagens de Kennedy frustrada comigo nas últimas semanas, a forma como ela ficou triste no dia em que disse para ela se afastar e depois quando ela me colocou na *friendzone* me deixaram envergonhado. Ela era diferente e fora sincera comigo, eu havia pisado na bola, sabia disso. A necessidade de ser sincero com os meus sentimentos era quase insuportável dentro de mim.

— Kenny?

— Hum?

Respirei fundo e aproximei meu rosto do seu tentando fazer com que apenas ela escutasse.

— Gosto de você.

— Também gosto de você — respondeu. Seus olhos roxos brilhavam para mim.

— Eu quero dizer, eu gosto de você *não* como amigo. — Engoli em seco. Minha explicação era um pouco infantil e nervosa, mas eu não havia encontrado qualquer outra forma de falar para ela.

— Percebi pela forma como me beijou. — Seu sorriso branco e perfeito se abriu para mim. — Eu gosto de você exatamente da mesma forma,

Simon.

— Bom — sussurrei aproximando nossos lábios.

— Bom — ela sussurrou de volta.

**

Com o passar da noite, eu estava dançando descontraidamente com Kenny, eu a girava em meus braços, fazia passos estúpidos de dança e não me importei com isso.

Kennedy me puxou para os corredores da escola e nós nos beijamos em um canto escuro pelo que pareceu uma eternidade, o que não era o suficiente, nosso beijo se encaixava cada vez

melhor, nossos suspiros eram longos e nossos sorrisos eram bobos.

Eu me sentia uma menininha.

Mas foda-se, era a primeira vez que eu me sentia tão bem.

Tão bem que comecei a ter a sensação de que algo daria errado, estragaria tudo, mas os lábios da minha garota logo me fizeram esquecer dos meus medos.

— Simon... — murmurou entre os nossos lábios grudados.

— Sem conversa agora, Kenny. — Fechei meus olhos ainda mais apertados e continuei

beijando sua boca.

— A noite vai terminar logo, tenho que levá-lo para casa — insistiu.

Separei-me dela e olhei para o relógio, que Alexander havia me emprestado, em meu pulso. Passava das três da manhã. Forcei meus ouvidos para ouvir a agitação da festa e ela havia diminuído consideravelmente, a música alta estava muito baixa e as vozes eram evidentes, embora poucas.

— Você tem hora para chegar em casa — afirmei com um suspiro triste, não queria que ela fosse embora.

— Não, eu não tenho hora, mas tenho que

levá-lo, estamos com o meu carro.

— Eu posso ir andando... Ou pedir um táxi.

— Não seja bobo, levo você em casa.

— Não vou deixar você dirigir sozinha por aí de madrugada. Vou com você até sua casa e de lá pego um táxi ou ligo para o Alexander.

— Não, eu posso...

— Não, Kennedy, não deixarei você ir sozinha para casa no meio da madrugada — encerrei, irritado.

Ela sorriu amplamente para mim e me puxou pelo colarinho fazendo com que nossos lábios voltassem a se tocar.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Então tomamos café da manhã juntos e deixo você em casa ao raiar do dia, senhor protetor.

Eu sorri e mordi seu lábio inferior antes de responder.

— Temos mais algumas horas então.

— Temos sim. — Seu riso era divertido quando ela saltou em mim e rodeou meu quadril com suas pernas. — Vamos, Romeu, vamos dar uns amassos no carro, vou ficar com frio em breve.

— Não se depender de mim, baby.

**

Beijar aquela garota era como... Porra! Eu não tinha a menor ideia de como explicar.

PERIGOSAS ACHERON

Era perfeito.

Era excitante.

Muito excitante, diga-se de passagem.

Quando nos despedimos, passava das oito da manhã. Eu havia enviado uma mensagem para os H. avisando que estávamos seguros e que chegaria tarde.

Carter ligou para mim e tentou fazer com que eu mudasse de ideia, mas antes que eu pudesse argumentar com ela, ou mesmo aceitar e voltar para casa cedo, Alex tomou o telefone e disse que eu poderia aproveitar, pois não havia aula no dia seguinte e porque era meu primeiro baile, mas que

eu estava proibido de ingerir álcool ou engravidar minha namorada.

Eu não disse a ele que Kennedy não era minha namorada por medo de admitir aquilo em voz alta. Eu queria que ela fosse, mas não tinha coragem de dizer.

Para oficializar eu teria que perguntar, afinal de contas. Queria ela como minha namorada, muito.

Mas pensei se não seria cedo demais. Tínhamos acabado de começar a nos beijar e eu já queria um compromisso sério com ela?

Merda, sim!

Sem saber como fazer aquilo pessoalmente, procurei em seu porta-luvas por papel e caneta e encontrei um panfleto da *Dunkin' Donuts* e uma caneta, rabisquei a pergunta no espaço rosa que havia na propaganda enquanto ela dirigia.

Eu era um covarde, tinha medo de que ela dissesse *não* mesmo que todos os sinais fossem contrários ao meu pensamento.

Dobrei o papel e coloquei em sua pequena bolsa.

— O que escreveu lá? — perguntou quando parou o carro em frente ao prédio.

— Quando você chegar em casa, você

saberá. — Beijei seus lábios uma última vez e saí do carro. — Nos vemos! — Tentei parecer casual, mas algo em mim doía. Não queria ficar longe dela. Andei em direção à porta e antes que eu pudesse abri-la, Kennedy gritou meu nome. Virei para vê-la correr para os meus braços e me beijar apaixonadamente mais uma vez.

— É claro que aceito ser sua namorada! — disse ofegante.

É claro que ela não esperaria até chegar à casa para ler.

— Desculpe, eu estava com medo de pedir e você dizer não. — Mesmo ouvir minhas palavras

naquele momento parecia ridículo.

— Você é um idiota. Mas foi fofo. — Beijou-me mais uma vez. — Me mande mensagens mais tarde — exigiu antes de voltar para seu carro. Sorri uma última vez vendo-a partir, então entrei no prédio pensando que nada poderia melhorar aquele momento.

Nada com exceção de ver Alexander e Caterine vestidos com a mesma roupa do dia anterior dormindo no sofá.

Eu nunca tive ninguém esperando por mim antes.

Eu nunca tive nada a minha vida inteira.

E de repente, eu tinha uma família e uma namorada. Eu deveria aceitar e aproveitar.

E foi exatamente o que fiz.

CAPÍTULO 16

SIMON

Mais tarde naquele dia, muito mais tarde, aliás, levantei para ir ao banheiro e novamente parei no corredor ao ouvir Carter e Alex conversando.

— Você não está sendo racional. Ele tem dezessete anos. Pode namorar se quiser. — Um suspiro longo se fez e imaginei que seria de Carter. — Caterine, qual o problema, baby? Você sabe que pode conversar comigo.

— Eu mal o tive, Alex. Eu nem o tive, na

verdade. Ele parece gostar mais de você do que de mim e agora ele tem uma garota... — Ela soluçou.

Estava chorando?

— Ele não terá tempo para mim, eu não sei ser mãe e nem estou tendo a oportunidade de tentar porque você e a garota estão monopolizando o meu menino.

Meu menino.

Aquelas palavras me acertaram de uma maneira tão forte que senti meus olhos arderem e minha garganta se fechar.

Meu menino.

Ela me chamou de “meu menino”.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu era o seu menino.

Isso significava que ela se considerava minha também?

Sim. Ela era minha. Minha mãe. E Alex, meu pai.

Eu sentia e via nos seus atos os sinais. Via que eles estavam se esforçando, mas eu ainda custava a admitir que eles realmente queriam a minha presença ali por quaisquer motivos que fossem além do seu capricho para resgatar alguém deslocado. Caterine estava sofrendo pela minha distância ainda que eu me esforçasse para ser agradável com ela.

PERIGOSAS ACHERON

Eu não queria que ela chorasse.

Sendo assim, fui ao banheiro, tomei um longo banho, me vesti e encontrei os H. na cozinha.

— Oi, pessoal. — Chamei a atenção um pouco sem graça. — Obrigado por ontem à noite. — Sorri desajeitadamente e mexi em meus cabelos tentando manter-me ocupado.

— Você se divertiu? — Carter sorriu ao perguntar. Eu podia ver sinceridade em sua preocupação, mas também vi tristeza em seus olhos.

— Hum... sim. Eu gostaria de conversar.

— Oh! — Carter pegou o pano de pratos e

secou as mãos enquanto Alexander se mantinha quieto analisando nossas ações. — Vamos nos sentar... na sala.

Caminhamos até a sala e antes que eu pudesse pensar, pedi:

— Podemos sentar na janela? — O sorriso de Caterine se iluminou e Alex piscou para mim como se estivesse me parabenizando.

Boa, garoto! Eu podia ouvi-lo dizer.

Nos sentamos junto à grande janela da sala.

— Ontem à noite foi legal. Eu pedi Kennedy em namoro e ela aceitou. — Senti minhas bochechas esquentarem.

— Oh, uau! — Carter gaguejou. Eu sabia que a estava magoando ainda mais, mas ficar sem Kenny não era uma opção.

— Sim... E eu gostaria de saber se posso trabalhar com vocês no escritório. — Era algo que eu já havia pensado, mas naquele momento pareceu importante dizer a eles, talvez eu pudesse passar mais tempo com Caterine se passasse algumas tardes com ela no escritório. Talvez ela não ficasse tão triste.

— E por que isso? Você tem escola. — Alex entrou na conversa.

— Bem, eu gostaria de comprar algumas

coisas que não acho legal ficar pedindo para vocês, eu fazia alguns trabalhos quando morava no orfanato então sempre tinha algum dinheiro...

— Você quer comprar preservativos, é isso? — Caterine interrompeu.

— O quê? — Minha voz saiu como um grito desafinado, fazendo Alex gargalhar. — Não! Oh, Deus! Eu estava falando de ter dinheiro para levar minha namorada ao cinema, comprar-lhe um presente, KitCat. Cristo! — A gargalhada de Alexander se intensificou e Carter suspirou aliviada.

— Se é isso, podemos dar uma mesada para

você. — Caterine tentou resolver.

— Eu prefiro trabalhar para isso.

— Mas, e a escola? — rebateu. — Eu não acho que seja prudente sendo que você está em uma escola tão exigente.

— Eu tenho uma tutora. — Sorri lembrando — Kennedy.

— Mas agora ela é sua namorada, isso pode te distrair — justificou, nervosa.

— Acho que ele pode ajudar no escritório uma vez por semana, baby. — Alex interveio a meu favor. — Mas, se suas notas caírem, você para imediatamente.

— Alexander...

— Desculpe, querida — disse, parecendo culpado. — Devia ter lhe perguntado: Está tudo bem para você, no entanto?

Com um suspiro derrotado Carter olhou para nós por um momento. Seu olhar passou de frustrado para orgulhoso.

— Vocês estão se unindo contra mim. — Ela sorriu e balançou a cabeça. — Tudo bem! Mas se as suas notas caírem, você parará imediatamente, Simon. Entendido? Escola em primeiro lugar — exigiu. — Prometa.

— Eu prometo. Obrigado. — Sorri feliz e

percebi que eles realmente pareciam orgulhosos.

**

.

Na tarde de domingo, resolvemos passear no shopping. Alexander quem deu a ideia, disse que queria levar KitCat para tomar um milk-shake que ela amava. Ela não estava particularmente empolgada com o convite, mas não conseguiu negar a Alexander o seu pedido.

Achei estranho ele querer tirá-la de casa, principalmente para ir a um local tumultuado com pessoas. Algo estava acontecendo ali e eu não tinha ideia do que era. No decorrer da semana, Caterine

parecia distante o tempo todo e naquele domingo, não foi diferente.

Enquanto eu e Alex nos envolvemos em uma conversa totalmente tecnológica com um vendedor da *Apple*, Carter se manteve distante, tanto de corpo quanto de mente. Eu procurei seus olhos inúmeras vezes e tentei incluí-la em nossa conversa sobre qual seria o melhor modelo de notebook para mim.

Ela me dava respostas educadas e sorrisos singelos, mas imediatamente voltava para onde quer que sua mente estivesse. Alex notou o comportamento dela também, mas nada disse. Apenas a olhou com tristeza e depois voltou a me

distrair. Exatamente como pais fazem quando não querem seus filhos envolvidos em nenhuma merda.

Estava louco para voltar para casa, ligar para Kennedy, ler um livro e dormir cedo para que o tempo passasse rápido e a segunda-feira chegasse logo para ver Kenny na escola, mas não queria deixar Carter ainda mais triste do que parecia. Então procurei me envolver no programa. Era novo nessas coisas de sentimentos maternos, mas eu estava tentando e sabia que ela estava ferida por eu estar mais próximo de Alex e Kennedy, tentei me policiar para não fazer isso, mas acho que era algo que vinha naturalmente.

Um pouco mais tarde, notei que Alex a

abraçou e falou algo em seu ouvido a fazendo mudar seu comportamento um pouco mais.

Ela passou a sorrir mais e até mesmo me puxou para uma loja de roupas e me comprou mais algumas peças alegando que agora eu estava namorando e teria sempre que parecer quente para a minha garota.

— Temos que preparar um jantar para Kennedy, conhecê-la formalmente — Carter sugeriu.

Eu achei que deveria correr para longe desta ideia, mas não conseguia dizer não para KitCat, principalmente sabendo que ela estava tentando. E,

bem, ninguém conseguia dizer não para ela. Alexander já havia me alertado sobre esta questão.

Ela sempre nos envolve em torno do seu dedo mindinho, garoto. Acostume-se e ceda. Sempre ceda.

Eu pensei que ele estava exagerando, o cara obviamente era dramático e sistemático, mas era completamente louco pela esposa. A história deles era complexa, e havia lacunas que ainda não conseguia preencher e ninguém me contava por respeito aos sentimentos de Caterine, mas de algo eu sabia.

Nada poderia separar aqueles dois.

— Hum... claro. Posso falar com ela.

— Chamar os pais dela talvez?

— Eu não sei se ela se dá bem com o padrasto, ela sempre evita falar dele ou mesmo da mãe, mas posso conversar com ela.

Eu vi os questionamentos nos olhos de Carter, mas ela não falou mais nada enquanto nossa caça a roupas continuava.

**

Enquanto caminhávamos para o restaurante no último andar do shopping fomos parados por um grito agudo e animado chamando o meu nome.

— Simon! Simon!

Olhamos para trás a tempo de ver Josie correndo em minha direção e se jogando em meus braços. Alexander tinha chamado seu irmão e cunhada para se juntarem a nós no jantar.

— Hey, você — disse puxando-a para abraçá-la.

— Eu ainda sou uma princesa — declarou olhando para mim com olhinhos brilhantes e sorriso tímido.

— Hum... sim?

Joshua bufou alto quando se aproximou e Mary sorriu batendo no ombro do marido como se o estivesse consolando.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, sim, você pode continuar sendo o meu príncipe.

— Oh? Mesmo? — Desde Nova Jérsei ela era apaixonada por mim.

— Temos um problema, Jojo, Simon agora tem uma namorada. — Alexander jogou a notícia orgulhoso em estragar o meu relacionamento platônico com Josie por simples ciúme de que a sobrinha não se jogava mais em seus braços em primeiro lugar.

— O quê? — seu questionamento fora alto e estridente.

— Bem...

PERIGOSAS ACHERON

— Namorando, pequeno Simon? — Josh sorriu orgulhoso para mim.

— Uhum — resmunguei em resposta, olhando para Josie que me olhava vermelha.

— Você não pode. — Foi direta.

— Eu sempre vou ser seu amigo. — Tentei amenizar a sua decepção.

— Todos sempre dizem isso. — A menina cruzou os braços enfurecida para mim e virou o rosto.

A família inteira gargalhou.

— Onde essa menina aprendeu isso? — Mary soltou assustada enquanto Jojo se arrastava

para fora dos meus braços depois de eu tentar lhe dar outro abraço.

— Depois não venha correr atrás de mim, Simon. — Aquilo fez todos nós gargalharmos novamente, deixando a menina ainda mais brava.

— Tudo bem, chega de assistir Glee, Joselie — Joshua comunicou para a filha, ainda pasmo.

Nós jantamos todos juntos. Perguntaram mais sobre Kenny e eu respondi sobre ela com orgulho. Carter ainda parecia distante e vi que Mary sentou-se ao seu lado para conversarem. De repente, Mary também estava triste.

Pensei em enviar uma mensagem para Kennedy, mas pensei que seria melhor esperar até chegar a casa.

Casa.

O pensamento vinha cada vez mais fácil para mim.

Quando saí do banheiro, encontrei Alexander e Mary conversando enquanto pegavam café no bar do restaurante.

— Sei exatamente que dia é hoje, Mary Anne, e não vou coroá-lo como um aniversário. É preciso seguir em frente. — O seu tom de voz era quase bravo, nunca tinha visto Alexander daquele

jeito.

— Eu sei, Alex, mas você não está sendo um pouco duro não reconhecendo a tristeza dela?

— Eu reconheço a tristeza dela, Mary. Sério que você está falando isso para mim? — suspirou, parecendo cansado. — Eu não vou mais celebrar a sua tristeza, Mary, ela tem um filho. Ela precisa entender que eu e seu filho estamos aqui para ela. Eu sempre estarei, mas não vou compactuar com essa tristeza todos os anos e eu tenho o aval do psiquiatra para isso. Eu a afaguei essa manhã, a segurei em meus braços e limpei suas lágrimas. Deixei que ela chorasse, disse o quanto a amava e que sempre estaria do seu lado. — Era realmente

assustador ver Alexander daquela forma. — Sem contar com o fato de que essa tristeza se agravou porque ela acha que Simon não lhe reconhece como mãe, por Deus, faz apenas quatro meses que ele está conosco. Ela precisa dar um tempo para o garoto também.

Psiquiatra?

Filho.

Ele disse que Carter tinha ele e o *filho* para contar.

— Eu sei, Alexander, mas a depressão me preocupa... — Mary argumentou com a voz baixa.

— Me preocupa também, Mary, mas

acredite que não estou ignorando a dor dela, só acho que chorar junto não vai lhe fazer bem algum, por isso resolvi vir ao shopping fazer compras. Mary, estou no shopping fazendo compras. — Mary Anne assentiu como se tivesse entendido o ponto de vista de Alex e o abraçou.

**

Quando chegamos a casa, Carter seguiu para o quarto sem dizer nada, Alexander me deu boa noite e foi atrás dela. Eu procurei juntar as peças do quebra-cabeças sobre todo o conflito velado que havia presenciado naquela noite. Mas então recebi uma mensagem de Kennedy e meus pensamentos mudaram de foco.

PERIGOSAS NACIONAIS

Rapidamente a noite virou madrugada enquanto trocávamos mensagens. Eu fui ao banheiro mais uma vez antes de ir dormir e, quando estava voltando, ouvi barulhos na cozinha e resolvi averiguar.

Ao descer as escadas me deparei com Caterine sentada em frente a janela com uma garrafa de uísque na mão. Iluminada pelas luzes da rua, eu podia ver as lágrimas descendo pelo seu rosto sempre tão sorridente. Desci o restante dos degraus e caminhei até ela.

— KitCat? — minha pergunta saiu praticamente sussurrada. — Algo errado?

PERIGOSAS ACHERON

Ela ficou muda por um longo tempo, pensei em dar minhas costas e voltar para meu quarto, mas algo naquela cena me deixava tão doente e ao mesmo tempo tão curioso que não conseguia sair dali.

— Você nem sabe que dia é hoje. — Ela finalmente soltou. Sua voz era chorosa, mas não embriagada.

— Hum... não, mas sei que há algo errado — respondi me aproximando mais. — Posso? — apontei para o chão ao lado dela pedindo permissão para me sentar. Ela assentiu rapidamente e fungou enquanto limpava o nariz. Sentei ao seu lado e olhei para a rua como ela fazia. Ficamos em

silêncio por um longo tempo até que ela resolveu voltar a falar.

— Você sabia que eu perdi um bebê?

— Eu imaginava — foi a minha resposta.

— Eu fiquei doente por causa disso e hoje é um dia em que lembro dele. Do dia em que o médico me disse que seu pequeno coração não batia mais dentro de mim. — Sua voz tremeu um pouco e ela descansou a garrafa de uísque entre as suas pernas. — É engraçado que eu esteja celebrando o dia da morte do meu filho quando eu sempre achei isso mórbido. Agora eu não só celebro isso como também lembro do dia em que

eu matei o meu outro filho. — Ela soluçou. — E eu sou uma alcoólatra também. Mas estou sóbria.

Um silêncio sepulcral caiu sobre nós enquanto eu digeria a sua revelação. Caterine sofria de alcoolismo, perdeu um filho, fez aborto de outro e tinha me adotado. Meu coração doeu por ela. Era visível que ela sofria com aquilo.

— Não tenha medo, Simon, eu não vou machucar você, mas certamente afastar eu já consigo. — Seu sorriso era de escárnio. Como se ela sentisse nojo de si.

Aquilo foi como um tapa em meu rosto.

— KitCat, é melhor você ir para a

cama, não? Talvez eu deva chamar Alexander? — Tentei conversar. — Você é alcoólatra? Deveria estar com essa garrafa?

— Eu realmente estou tentada, sabe? Faz bem para a dor. — Ela olhou rapidamente para mim e depois volta para a garrafa. — Eu não posso, no entanto, misturaria com o antidepressivo e bem, ligaria o interruptor e provavelmente eu perderia tudo novamente. Mas eu quero, Deus, hoje eu quero tanto. — Chorou desesperada. —Eu quero esquecer que tirei meu próprio filho, quero esquecer que perdi o outro... Eu só quero que isso se apague. E você sabe... — Ela apontou para a garrafa. — Nos faz esquecer rápido.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mas ... hum... você não precisa disso. — Aproximei-me um pouco.

— Oh, garoto. Claro que eu preciso disso. É a única forma de tudo ir.

Eu não me lembrava de nada sobre a minha infância com minha mãe biológica, tudo o que sabia era que eu estava lá enquanto ela se matava aos poucos, por causa de um vício.

Caterine tinha sido nada menos do que espetacular para mim. Ela me dera tudo o que eu precisava e nem mesmo sabia. Tudo que uma mãe deveria ser para um filho, mas que a minha obviamente não foi.

PERIGOSAS ACHERON

Ela queria ser a minha mãe, precisava preencher um vazio e poderia ser com qualquer criança, de qualquer outra forma. Mas, de algum jeito, eu havia sido escolhido, não uma criança, não um bebê, mas um rapaz, quase adulto, que poderia trazer inúmeros problemas para eles.

Então eu pensei: Talvez o destino tivesse me escolhido para estar ali naquele exato momento. Talvez Caterine e Alexander fossem aqueles que me salvariam, mas quem sabe eu tivesse sido escolhido para salvá-los também.

Talvez eu fui escolhido para lhe mostrar o

caminho. Para lhe trazer a felicidade, a salvação que ela tanto precisava. Quando Caterine pegou a garrafa em sua mão novamente e com a outra tentou desenroscar a tampa, coloquei minha mão sobre a sua.

— Não... — Respirei fundo. A palavra queimava em minha boca para sair. Envolvi meu braço livre em volta dos seus pequenos ombros e a apertei contra mim. — Eu estou aqui e você não precisa disso para esquecer, você não precisa esquecer, só precisa saber lembrar e se apoiar na sua família para superar, mãe.

Seus olhos desviaram da garrafa e focaram nos meus.

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que disse? — sua pergunta surgiu como um sussurro desesperado, quase mudo, mas estava lá.

— Eu disse que você não precisa disso, mamãe. Eu estou aqui. — Lembrei das palavras de Alexander mais cedo no restaurante e as repeti. — Papai e eu estamos aqui para você. É tudo o que você precisa para seguir.

As lágrimas de Carter vieram com força. Meus olhos arderam emocionados quando finalmente eu assumi o que há muito era concreto: Alexander e Caterine Hartnett eram meus pais. Em quatro meses eles conseguiram fazer o que nenhuma família havia conseguido.

PERIGOSAS ACHERON

Mas quem poderia me culpar por ceder tão rapidamente? Nunca soube o que era ter um lar com afeto e respeito. Eu finalmente tinha uma família. E eles não me mandariam embora. Eu sabia. Sentia e finalmente confiava naquilo.

Carter me agarrou em seus braços e me segurou com força enquanto soluçava. Sem ter certeza do momento em que tomei aquela decisão, a peguei em meus braços e andei até o sofá sentando-me e a deixando encolhida em meu colo enquanto sussurrava:

— Tudo ficará bem, mamãe.

CAPÍTULO 17

SIMON

As coisas pareceram se encaixar depois que chamei Carter de mãe, a palavra ainda travava um pouco na minha língua sempre que eu ia chamá-la, mas era um processo. Alexander parecia radiante no dia que ouviu eu a chamando de mãe. Assim que ela saiu da sala, ele me abraçou e agradeceu. Acho que ele entendeu que aquilo era uma chance de verdade. Nós tivemos a visita de uma assistente social que não ficou mais do que quinze minutos em nossa casa, ela pediu para conhecer o meu quarto, perguntou meia dúzia de coisas para mim e

foi embora parecendo satisfeita. Nem os Hartnett, digo, meus pais, pareciam preocupados com aquela visita.

Eu tive o meu primeiro B em química. O que resultou em uma promessa de carro se eu mantivesse aquela nota em matemática e física também. Bem, eu tinha uma excelente e empenhada professora particular que podia me fazer chegar ao objetivo, mas as coisas estavam se tornando um pouco carnais demais entre Kennedy e eu.

— Simon, pare — Kenny pediu, rindo. — Concentre-se — ordenou tentando me empurrar para longe, mas seu pescoço era tão, tão... argh! Eu estava ficando louco.

Dois meses de namoro.

Dois longos e torturantes meses de namoro.

Nós éramos só hormônios em ebulição. Estar apaixonado realmente te leva a outro nível de querer. Pois eu dava amassos nas meninas antes. Mas nunca chegou naquele nível como com Kenny. Sua pele macia, suas curvas voluptuosas, os sons que ela fazia sempre que eu atingia um ponto sensível em seu corpo e a forma como nos beijávamos. Caramba! Era completamente diferente.

O problema era que não tínhamos exatamente um local para levar as coisas adiante.

Nós estávamos evitando nossas casas para driblar “a conversa”, fui apenas uma vez na sua casa e sua mãe e seu padrasto estavam lá, na minha casa era impossível, Carter estava sempre em volta. O carro dela ou a escola, estava fora de cogitação levar nosso relacionamento para outro nível em qualquer lugar. Sim, nós estávamos loucos de tesão um pelo outro, mas queríamos que nossa primeira vez fosse especial.

Bem, isso, e o fato de que eu ia ter a minha primeira das primeiras vezes. E eu não havia contado aquilo para Kennedy que, por sinal, não era virgem. Aquilo mudaria em breve, em todo caso. Naquela noite, para ser mais preciso.

— Você sabe que hoje não é um bom dia para monitoria, não é?

— Eu sei, mas precisamos terminar esse trabalho. Coopere. — Empurrou-me para longe novamente e daquela vez eu me afastei e peguei a caneta sobre a mesa com um longo e chateado suspiro.

— Desculpe, eu estou apenas ansioso — justifiquei.

— Você parece preocupado também. — Sua atenção estava totalmente em mim, sua mão brincava com o lápis entre os dedos enquanto aguardava uma resposta. — Simon? O que está

rolando? — perguntou quando eu não disse nada.

— Não é nada! — disse, tentando voltar a me concentrar na aula.

— Qual é o problema, Simon? — interrogou com mais ênfase. Ela realmente lembrava Caterine, era difícil negar algo a ela, assim como era negar para a minha mãe.

— Bem, é que... — Como eu diria aquilo para ela? — Você tem bastante experiência... — Ela sabia do que estávamos falando, e já tinha me contado sobre a sua cota de namorados.

— Isso é um problema para você? — questionou levantando a sobrancelha. — Quando

conversamos você parecia bem com o fato de eu ter tido outros namorados, eu certamente estou bem com fato de você ter distribuídos seus beijos por aí.

Meu rosto ficou vermelho na mesma hora.

Eu realmente não era um cara que me importava com o seu passado, medir o caráter de uma mulher pela quantidade de homens que ela teve em sua cama era machista e algo que sequer eu cogitava, o que me incomodava era que ela tinha experiência e, bem, eu não.

— Não — eu praticamente sussurrei e desviei meus olhos dos seus. — Não é isso.

— Qual é o problema então?

— Hum...

— Simon?

Porra, ela era inteligente. Me decifrava como ninguém conseguia. Lia cada uma das minhas reações. Sabia quando eu estava nervoso e até mesmo quando eu mentia dizendo que havia entendido a matéria e não tinha a menor ideia do que ela estava falando, não adiantava tentar esconder aquilo dela.

— Kenny... eu ... sabe, hum... — Senti minhas bochechas e orelhas esquentarem imediatamente. — Droga! Eu, sabe... nunca... ugh!

Inteligente como ela era, não demorou

muito para entender do que eu estava tentando falar. Sua mão delicada pousou sobre a minha e apertou um pouco.

— Baby, tudo bem que você nunca tenha feito isso antes — disse sorrindo e se aproximando para beijar os meus lábios.

— Mas você tem experiência e eu não, e isso é meio estranho, eu sou o cara aqui.

— Você está sendo machista. Não há problema nisso...

— Não é isso... — suspirei cansado e envergonhado. — É mais como tratar você como merece. Não quem tem mais experiência. Eu só

quero saber como agir com você. E se você não gostar? Eu provavelmente nem vou durar muito tempo e...

— Quer saber? Podemos fingir que é a minha primeira vez. — Revirei meus olhos para ela que continuou. — De qualquer forma, eu queria voltar no tempo e ter minha primeira noite de amor com você, se eu pudesse, certamente voltaria. Sei que seria perfeito. — Sorrindo com delicadeza, se aproximou novamente e me beijou.

**

Então meus pais estavam de partida para Seattle para encontrar um velho casal de amigos.

Bennett e Melissa, eles discutiriam sobre o caso Hoffman, que vinha tirando o sono deles há muito tempo, o cara era difícil e escorregadio, mas meu pai estava colocando todo o seu conhecimento e força naquele caso ao lado de minha mãe, que não era da equipe efetivamente, mas auxiliava no que podia. Era legal vê-los empenhados. Eles diziam que esse era o caso da carreira do meu pai, se ele ganhasse, todos o conheceriam e ele teria o respeito de Nova Iorque e um dia poderia ser indicado a Promotor oficial do Estado, eu torcia para que ele conseguisse.

Sabendo que teria a casa para mim pelo final de semana, eu e Kennedy decidimos que

teríamos a nossa primeira noite juntos.

Estava nervoso a ponto de quase vomitar sem saber muito o que pensar ou fazer, então eu fui a quem poderia me ajudar.

Meu pai.

— Uau! Isso é... hum... estranho? — Ele parecia mais envergonhado do que eu com o fato de eu nunca ter feito sexo na minha vida.

— Talvez para você e eu apenas, Kennedy não vê problema nisso...

— Não é realmente um problema, é só estranho que um rapaz nas suas circunstâncias de vida não tenha... — Olhei mortificado de vergonha

para ele que finalmente foi direto ao assunto: — Então, o que quer saber? — perguntou colocando as mãos em cima da mesa e cruzando seus dedos. — Sente-se.

— O básico eu sei... — Iniciei, tentando relaxar.

— Colocar uma camisinha?

— Positivo.

— Preliminares? — indagou em seguida.

— Superpositivo. — Não consegui esconder o sorriso ao me lembrar de todas as vezes que as coisas pegaram fogo entre Kennedy e eu.

— O que quer saber então? — As mãos de

PERIGOSAS NACIONAIS

Alexander foram para os cabelos e começaram a puxá-los como ele costumava fazer quando estava desconfortável com algo.

— A hora certa.

— Do quê? — Seu cenho franziu como se não tivesse entendido.

— Da conexão...

— Conexão?

— Não me faça dizer a palavra! — Implorei.

— Garoto, se não consegue falar, como irá fazer? — Alex começou a rir, me deixando ainda mais frustrado.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu preciso saber qual o momento certo de finalmente... *Argh!* — tentei dizer, mas não conseguia. Alexander estava roxo de tanto segurar o riso. — Você entendeu! — exclamei.

Então meu pai explodiu em gargalhadas.

— Filho... — Começou após se recuperar, era um sentimento tão estranho que acordava dentro de mim cada vez que ele me chamava daquela forma. — A hora certa você saberá. É mais fácil de agir sabendo que sua namorada não é virgem. Garotas são apaixonadas. Com elas é tudo sobre pele e palavras. Diga as coisas certas, toque os locais corretos, respeite seus limites e tudo será perfeito para vocês.

PERIGOSAS NACIONAIS

Em outras palavras:

Não vou te ajudar com merda nenhuma, Simon.

— Não ajudou, pai. Só para você saber... — resmunguei me levantando.

— Você não precisa de mim, filho. Você apenas saberá.

— Papo de mestre *Jedi* de merda — murmurei, fazendo-o rir.

Quando nossa conversa terminou, Alex pediu para eu alcançar algumas pastas para ele analisar, eu li o nome Hoffman e decidi perguntar sobre.

PERIGOSAS ACHERON

— Esse processo nunca vai chegar ao fim?

— Tem processos que podem demorar anos. Reymond Hoffman é uma raposa velha e esperta, filho, ele trabalha com o mais alto nível de lixo humano que você pode imaginar, e pode pagar os melhores advogados.

— Mas você é um promotor melhor — concluí orgulhosamente.

O cara era realmente bom, ele era procurado por muitas pessoas importantes e ganhou casos lendários, ainda que não fosse o suficiente para lhe tornar rico.

Mas quem precisaria de riqueza tendo

PERIGOSAS NACIONAIS

KitCat e o resto daquela família?

Sorri pensando nos Hartnett.

Eles eram amorosos e simpáticos comigo. Eu gostaria que Jack e o resto da família de Carter fossem tão amorosos quanto, mas além de ele ser cada vez mais distante, era difícil ficar em quaisquer locais que envolvesse Amanda. Ela era o poço da crueldade e eu entendia o porquê mamãe não os procurava mais. De alguma forma, depois da minha chegada, mamãe desistiu de seu pai. As ligações foram ficando cada vez mais raras, as palavras trocadas cada vez mais frias, até que nenhum procurava o outro já há alguns meses.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bem, eu acho que vou arrumar meu quarto. — Entreguei uma das pastas para ele. — Nos vemos antes de vocês partirem.

— Espere — pediu, pegando a carteira. — Aqui está. — Entregou-me três notas de cinquenta dólares.

— Já recebi o pagamento do mês. — Lembrei a ele.

— É um bônus. Compre flores, chocolates e *refrigerante* para vocês. — Ele deu ênfase para o refrigerante, me fazendo sorrir.

— Ainda sobra algum para o baseado — brinquei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não ouse, Simon!

Gargalhei diante da sua alteração de humor. O cara era nervoso.

— Brincadeira.

— De péssimo gosto. Agora vá. Partiremos mais tarde, portanto, você tem a casa até domingo. E lembre-se: Confiamos em você, não estrague tudo...

— E não engravide a sua namorada. — Continuei o sermão que ele tinha passado quando resolvi pedir a ele para levar Kennedy para dormir lá. — Sorri e peguei minha mochila.

**

PERIGOSAS ACHERON

— Entre! — Beijei seus lábios e abri mais a porta para que ela entrasse. Alex e Carter tinham partido há mais ou menos uma hora, mas não antes de receber mais um sermão dos meus pais sobre responsabilidade e confiança. E sobre não engravidar a namorada.

— Eu trouxe frango frito e dois filmes. — Kennedy foi direto para a cozinha para deixar o balde de frango frito que havia trazido da *Blue Ribbon*.

— O que disse à sua mãe? — perguntei fechando a porta.

— Dormindo na casa da Chloe —

respondeu. Óbvio que ela colocaria Chloe para encobrir ela. Chloe James era amiga de Kennedy desde o *júnior high*[8], ela não gostava muito de mim quando nos conhecemos, mas foi se acostumando comigo.

— E sua mãe não desconfiou?

— Ela tem outras coisas para se preocupar no momento. — Pelo seu tom de voz eu podia ver que suas palavras eram carregadas de veneno.

— Com o que ela se preocuparia? — perguntei, tentando entender por que Kennedy era tão arredia com sua mãe e padrasto. Eu sabia que ela havia morado com o pai por um tempo em

Chicago, ele e sua mãe eram separados desde que ela era muito nova, mas voltou para terminar a escola em Nova Iorque. — Sua mãe e seu padrasto parecem normais para mim.

— Baby, minha família não é uma família, há complicações, eu vou conversar sobre isso com você, eu quero dividir tudo isso com você, mas hoje não. Hoje é sobre nós. — Um sorriso largo se abriu quando ela disse *nós*, seus braços circularam a minha cintura e beijou o meu peito.

Acariciei seus cabelos sedosos, negros, muito lisos e beijei a sua testa. Seu tamanho aumentou quando ela ficou na ponta de seus pequenos pés para circular meu pescoço com os

braços e trazer meus lábios para os seus. Sorrindo, nos beijamos por alguns minutos antes de irmos para o meu quarto *tentar* assistir um filme. Quando chegamos, ela sorriu quando viu a caixa de chocolates que eu havia comprado.

— São para mim? — questionou pegando a caixa com o enorme laço cor-de-rosa.

— Sim, sobremesa.

— Obrigada! — Agradeceu com um beijo rápido. — Você está com fome agora? — perguntou tirando os sapatos e se jogando em minha cama — neguei rapidamente e me juntei a ela. — A gente deixa o frango frito para depois.

PERIGOSAS NACIONAIS

Nos aconchegamos na cama e colocamos o primeiro filme para assistirmos.

**

Não duramos meia hora assistindo o filme. Nossas mãos eram as únicas partes conectadas e mesmo assim era possível sentir o que realmente queríamos. Começou com Kennedy acariciando minha mão com o seu polegar, era sutil e muito delicado, mas começou a causar sensações gostosas em mim. De repente eu estava acariciando a sua mão também. Sem tirar os olhos da televisão, nossos dedos brincaram com nossas peles, experimentaram a textura, acariciaram com delicadeza até ficar mais evidente que não

conseguiríamos mais ficar conectados apenas por nossas mãos.

Eu fui o primeiro a me virar para ela. Minha mão subiu para o seu rosto e acariciou sua bochecha, seus olhos fecharam e sua cabeça se inclinou na palma da minha mão. Aproximei-me e beijei delicadamente o canto dos seus lábios e corri minha boca sobre a sua, esfregando suavemente antes de finalmente beijá-la com vontade. Meu coração batia tão rápido que pensei que ele iria cansar e parar em algum momento, Kennedy parecia ter percebido, pois sua mão tocou o meu peito e acariciou o local.

— Está nervoso? — sua pergunta foi

sussurrada.

— Eu só não quero te decepcionar — respondi com sinceridade. Um sorriso singelo se abriu, então ela subiu e sentou-se nas minhas pernas ficando de frente para mim.

— No dia que te vi na escola, você estava saindo do carro dos seus pais. Eu pensei: “Talvez seja o garoto que eu vou tutorear”. Tipo, tanto faz. Mas então você estava em uma jaqueta de couro preta por cima do uniforme. Lembro de você retirar a jaqueta e colocar o blazer do uniforme. Mas seus cabelos continuavam bagunçados e sua postura era toda, não sei... misteriosa. — Ela colocou a mão em meus cabelos e puxou alguns fios levemente para

fazer o seu ponto. — Você passou por mim e eu acho que perdi o fôlego naquele momento. Eu só queria que você fosse meu. Eu fiz tudo e qualquer coisa para me aproximar. Você era tão lindo, tão misterioso e tão intimidador.

Eu ri com a parte do intimidador. Eu não era isso.

— Então nos tornamos amigos e caramba! Você é tão carinhoso e esforçado e luta tanto para deixar seus pais orgulhosos... Simon, você é a pessoa mais linda que eu conheci, eu só queria que você me quisesse também.

Um breve beijo me foi dado, então ela

continuou.

— Você demorou um pouco, mas me quis. Eu fiquei tão feliz, eu estou tão feliz que você me queira do jeito que quero você, que eu mal consigo segurar essa explosão de sentimentos que tenho dentro de mim. Então, não se preocupe. Tenho certeza que vai ser perfeito da forma que for.

Ouvindo aquilo, a puxei para mais perto de mim e beijei seus lábios com força. Minhas mãos passearam pelas laterais do seu pequeno e curvilíneo corpo por cima de suas roupas e apertando cada parte gostosa que ela tinha.

Ergui-me com ela e mudei nossas posições

deixando-a por baixo. Minhas mãos eram trêmulas quando adentraram sua fina blusa e a fizeram suspirar e gemer, sua pele era quente e me fez ainda mais excitado do que eu estava. Tirei sua blusa e passei a explorar o seu peito e pescoço com os meus lábios. Ela era cheirosa, seu perfume era floral e sua pele era tão macia que me fazia querer lambê-la. E foi exatamente o que fiz, logo após, declarei:

— Você é tão linda.

— Eu me sinto linda — confessou. Seus olhos e lábios brilhavam e eu acho que nunca senti algo tão forte.

**

As coisas andaram calmamente. Nossas mãos afoitas, nossas bocas exigentes e nossas peles se tocando e explorando como se tivéssemos todo o tempo do mundo.

Eu não durei muito tempo, mas me certifiquei que ela estivesse satisfeita ao longo da noite. Não saímos da cama durante toda a madrugada também. Às vezes fazendo amor, às vezes fazendo algumas brincadeiras, mas principalmente despindo nossas almas. Na maior parte do tempo... a minha alma.

— Eu tento fazer tudo certo porque não

quero ir embora — confidenciei, me sentindo triste e saudoso de meus pais. Era estranho estar na cama, nu, com a sua garota e sentir saudade dos pais, eu sabia. Mas nas condições da minha vida não era tão anormal assim. Eu estava vulnerável e a avalanche de sentimentos que deveriam ser construídos em anos caiu sobre mim em poucos meses.

— Você não irá. Os seus pais amam você.

— Mas sempre algo acontece. Algo acontece em meus aniversários, na véspera. Ou alguém morre ou alguém desiste de mim e eu sou enviado de volta. Desta vez eu não terei para onde ir. Eu não poderei voltar para o abrigo e eu não quero deixar Carter e Alex, eu realmente...

realmente... — Travei, sem conseguir falar. As palavras queriam sair, mas o medo de que elas me machucassem era tão grande, tão grande, que simplesmente não saíam.

— Você pode dizer, baby. Diga. — Minha garganta se fechou e meus olhos arderam com as lágrimas se formando.

— Eu os amo, Kennedy. Amo meus pais.

Kenny sorriu e me abraçou forte se ajeitando em meus braços na cama.

— Não posso fazer nada errado. Eles me afastariam, decepcionaria minha mãe, Kenny. Ela não pode perder outro filho.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você não está fazendo nada errado. Tudo ficará bem. — Tentou me tranquilizar.

— Meu aniversário é em poucos meses... E se algo mudar até lá?

— Não pense assim, essa família não tem prazo de validade. Nós também não temos. Seus pais te amam, Simon — ela suspirou e levantou sua cabeça de meu peito para me olhar. — E eu também.

O ar trancou em meus pulmões.

— O que disse? — perguntei querendo ter certeza de que a minha mente não estava me pregando uma peça.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu disse que amo você — declarou com todas as letras. Seus olhos brilhavam para mim.

Eu não acho que tenha ouvido aquilo alguma vez em minha vida antes de Caterine, mas ela pensou que eu estava dormindo. Nunca ninguém tinha me dito aquilo olhando para mim, nos meus olhos.

— Kenny... — Comecei tentando puxar o ar que eu parecia ter perdido.

— Está tudo bem. Você me ama também.

Sua confiança era algo que eu definitivamente não conseguia assimilar.

Mas ela estava completamente certa. A

amava.

Eu estava em um sonho bom.

Só não queria acordar em um orfanato novamente.

CAPÍTULO 18

ALEXANDER

Ser pai é algo que você poderia achar difícil. Muito difícil.

Para mim apenas estava sendo um desafio que devia ser alcançado constantemente. Mas difícil? Não. Simon facilitou tudo.

Para a minha esposa, nem tanto.

Caterine estava surtando, mas de uma forma totalmente positiva.

Eu estava com medo de perdê-la novamente. Conforme a data de morte do nosso

bebê se aproximava, ela ia se transformando novamente. No ano anterior tinha sido doloroso, mas com a chegada de Simon, novos gatilhos foram disparados deixando minha esposa cada vez mais insegura.

Carter precisava seguir em frente.

De um jeito ou de outro.

Houve momentos em que poderia ver em seus olhos uma certa decepção por eu não estar lamentando a morte do nosso filho como ela. Ela pensava que eu não sofria, eu só estava sendo forte para sustentar o sofrimento dela. Por outro lado, eu não ficaria mais dando ênfase para um momento

tão sofrido de nossas vidas.

Nós precisávamos deixar ir.

Estava grato por ter a minha mulher de volta e não a perderia novamente, não sem lutar. Por isso, eu estava grato por Simon. Aquele que não veio de mim, mas que era meu.

Eu tinha a minha vida entrando nos eixos e não deixaria a porra da infelicidade tomar conta novamente.

Então Simon a chamou de mãe.

Naquela noite eu pulei assustado da cama ao ouvir seu choro alto. Caminhei até o corredor, mas vi que Simon se aproximava. Analisei cada

palavra dela. Quando ela contou que perdeu um filho, quando contou o seu problema com a bebida e o final.

O final quando Simon a chamou de mamãe.

Meus olhos transbordaram imediatamente enquanto eu assistia Caterine ofegar e deixar escapar o soluço enquanto se agarrava ao garoto e colocava para fora cada pedaço da sua dor, como se finalmente o remédio para todo aquele mal tivesse chegado.

Foi a segunda porra de cena mais linda que presenciei na minha vida.

A primeira? Foi vê-la caminhando

diretamente para mim no altar em Las Vegas. Aquele dia eu nunca esqueceria. Nunca.

Desde então, Caterine assumira uma postura completamente diferente, mais relaxada.

Exceto quando eu contei que Simon estava planejando ter a sua primeira vez com Kennedy.

— Mas ele é muito jovem! — exclamou, tentando argumentar.

— Com quantos anos você perdeu a virgindade mesmo, baby? — Eu sabia que era exatamente a mesma idade que Simon.

— Não vem ao caso — informou emburrada. Era no mínimo engraçado ver Caterine,

uma mulher que sempre prezou pela liberdade, estar preocupada com o fato de um garoto de dezessete anos iniciar a sua vida sexual.

— Você está sendo hipócrita — comentei suavemente.

— Não estou... — Levantei a sobrancelha para a sua tentativa de negativa quando ela suspirou. — Estou preocupada. Eu não estou pronta. Tecnicamente teríamos vários anos para nos preparar para isso se tivéssemos o bebê.

Ela já não se encolhia mais para falar de bebês e o fato de não podermos tê-los. Era um alívio. A palavra gravidez e bebê eram

praticamente como conjurar o demônio até algumas semanas atrás. Por mais que ela estivesse melhor da dor de ter perdido o nosso bebê eu sabia que a lembrança e o fantasma nos assombrariam, mas com Simon finalmente em nossas vidas, tudo havia mudado. Para melhor.

— Nós estamos indo para Seattle, Simon preferiu ficar em casa porque demos a opção para ele, de qualquer maneira ele se encontraria com a namorada, porque é isso que adolescentes fazem — Dei ênfase. —, namoram, dão amassos, *transam*. — Carter revirou seus olhos para a minha explicação, mas não me deixei abater. — É melhor que façam em segurança, em nossa casa, no lar de

Simon, do que em qualquer lugar. Você não acha? — Minha esposa assentiu em concordância, mas realmente não parecia totalmente convencida. — Você prefere que eles vão a algum lugar qualquer ou no banco traseiro do carro dela correndo algum perigo?

— Tudo bem, você está certo. Estou sendo uma idiota. — Rendeu-se finalmente.

— Você está sendo uma mãe, e é realmente fofo — brinquei, beijando seus lábios.

— Simon precisa de um carro, falando nisso...

— Sim, estou pensando em levá-lo em

breve para escolher um — expliquei, seus olhos brilharam e ela parecia empolgada.

— Ele vai amar.

— Espero que sim.

Sendo assim, arrumamos nossas coisas e seguimos para Seattle. Caterine escreveu um bilhete que assim que ela passou pela porta eu o peguei e guardei sabendo que era desnecessário o que ela estava listando para ele.

Já havíamos tido *a conversa*. Carter colocando o dedo só o deixaria mais nervoso. Eu confiava no garoto. Sabia que ele faria tudo certo. Não poderia dizer que está no sangue dos Hartnett,

afinal de contas ele não tinha o nosso sangue, mas estava em seu coração.

Um coração que eu sabia que ele compartilhava conosco agora.

Conosco e com Kennedy, e essa parte, embora eu não tivesse comentado com a minha esposa, me preocupava. Se minhas suspeitas se confirmassem, teríamos um problema.

CAPÍTULO 19

SIMON

O tempo passou rapidamente. Como um turbilhão, eu diria. A escola, minha família e Kennedy tomaram conta de tudo. Eu fui ao orfanato algumas vezes também, ver as crianças e Lori. Ela estava tão feliz em me ver que começou a chorar. Acho que acabei me tornando um símbolo de esperança para ela e as outras crianças mais velhas. Existiam muito mais crianças como eu.

Infelizmente, não existiam muito mais seres humanos como os Hartnett.

Faltava dois meses para o meu aniversário

de dezoito anos e meu pai e eu estávamos caçando um carro bom e barato para mim. Seria o presente de aniversário perfeito, segundo ele.

Eu não acho que ele sabia, mas o meu presente eu havia ganhado muito antes, meses atrás quando eu ganhei um bom quarto e uma jaqueta de couro novinha.

Quando eu ganhei meus pais.

Minha namorada perfeita.

Comecei a realmente existir.

Quando a vida começou a mostrar que poderia ser boa. Eu estava me sentindo tão feliz que chegava a ser difícil respirar.

Essa felicidade poderia estar ligada também ao fato de eu estar fazendo sexo, constantemente.

Kennedy e eu éramos um casal oficial e fazíamos tudo juntos, ela vinha me buscar em casa e após a aula ficávamos em meu quarto, estudando, assistindo filmes e...

Bem, coisas que namorados faziam.

Minha gaveta era sempre muito abastecida de preservativos graças à *fada das camisinhas*.

— Hum... mãe? — Chamei, entrando na cozinha. Observei ela por alguns minutos enquanto estava concentrada em colocar a quantidade de tempero correta no molho da macarronada.

— Sim? — ela finalmente respondeu.

— Você tem algo a ver com o fato de minha gaveta ao lado da cama não conseguir fechar? — Seus lábios tremeram. Estava se segurando para não rir, me deixando vermelho de tanta vergonha. — Mãe!

— Eu não sei do que você está falando — disfarçou, mas seus lábios trêmulos, loucos para se abrirem e gargalhar lhe denunciavam.

— Mãe! Os preservativos! — A olhei abismado.

— Oh!? — Ela continuava tentando não rir.

— Eu não sou um coelho, não sei se você

percebeu. Não preciso de quantidades obscenas de preservativo que impedem a minha gaveta de fechar. — Abri os braços tentando dramaticamente demonstrar a ela que eu era um ser humano e não um roedor procriador.

— Eu não sei de preservativos, garoto. — Continuava mentindo.

— Oh, não? Então você me dá um palpite de quem possa ter enchido minha gaveta de preservativos? O papai eu sei que não foi, ele me viu comprando ontem.

— Eu não sei. Talvez a fada das camisinhas?

— Mãe!

— Primeiro, amo quando você me chama disso. — Seu sorriso era brilhante e me fez amolecer um pouco. Ela amava quando a chamava de mãe. — E segundo: É uma preocupação.

— Preocupação de mães que assistem *16 and Pregnant* na MTV. Mãe, pelo amor de Deus! Tivemos *a conversa*, você teve *a conversa* com Kenny, ainda quero morrer por isso, inclusive, mas não precisa despejar um mar de preservativos na minha gaveta.

— O que está acontecendo? — Meu pai chegou questionando e roubou uma cenoura do

prato sobre a bancada.

— A fada das camisinhas atacou — disse, me retirando.

— Eu quero saber?

Ouvi Caterine sussurrar o motivo da minha briga e logo em seguida a gargalhada de meu pai ecoava pela casa.

Meus pais não eram normais.

Enquanto minha mãe comprava estoques absurdos de preservativos, meu pai inspecionava meu quarto semanalmente para saber se estava limpo e organizado. Para a minha sorte e sua também, eu era um exemplar perfeito de filho.

Obrigado.

Acredito que quando você passa a maior parte da sua vida sem ter muito, você aprende a preservar com facilidade aquilo que lhe é dado, por isso, eu tinha o maior zelo pelas minhas coisas.

Meu telefone apitou com uma notificação de mensagem e eu sabia que era de Kenny.

Kenny Baby: *O que você está fazendo?*

Nada. E você?

Kenny Baby: *Uma nova playlist para você.*

Você vem que horas? Minha mãe está fazendo macarronada para o jantar.

Kenny Baby: *Jantar na janela ou na mesa?*

Provavelmente na janela. Não comemos nela esta semana.

Kenny Baby: *Gosto da sua mãe. ;)*

Sim, ela é maluca como você.

PERIGOSAS NACIONAIS

Kenny Baby: *E você é tenso como seu pai.*

Deve ser coisa do sangue.

Kenny Baby: *Bobo! Chego em duas horas*

Muito tempo.

Kenny Baby: *Amo você.*

Também.

— Garoto? — Meu pai bateu na porta tirando minha atenção do telefone.

— Entre, pai.

— Eu trouxe alguns formulários para a faculdade.

— Oh...

O prazo de inscrição havia expirado e eu me prepararia apenas para o próximo ano. O motivo dado pelos meus pais era que eu havia passado por muito naquele ano e teria mais tempo para me

preparar para a faculdade no próximo. O motivo real era que eu havia chegado em suas vidas e eles não estavam prontos para me deixar partir. Eu entendi.

Eu não estava pronto para ir também.

E quando lhes pedi para ficar mais um ano, eles foram mais do que compreensivos, para não dizer: Aliviados.

— Bem, agora temos que começar a fazer alguns exames de aptidão. Pesquisar algumas carreiras. Se você ainda não sabe o que quer...

— Quem disse? — Interrompi meu pai, pegando os formulários das faculdades.

Flórida, Kansas, L.A, Denver, Washington...

Ele estava me dando opções. Era tocante.

Mas eu não daria opção para se livrarem de mim.

— Quem disse? Bem...

— Pai, eu quero ir para a Escola de Direito. — Alexander arregalou seus olhos e deixou seu queixo cair. — E antes que você e a mamãe pensem que é por causa de vocês, eu quero que saibam que é por isso mesmo — enfatizei, fazendo ele ficar ainda mais perplexo comigo. — Quero fazer Direito para seguir a carreira com vocês, ajudar no

escritório e ter a oportunidade de ser um sócio. Eu amo o que eu faço com a mamãe no escritório e amo debater sobre casos com você. E eu quero continuar, então eu agradeço se você não tentar me convencer do contrário.

Alex ficou sem fala. Seus olhos brilharam com lágrimas, mas ele respirou fundo e olhou para cima.

— Que assim seja, garoto. Eu... eu, bem... vou ver o que sua mãe precisa. E... — Ele olhou em volta procurando algo para focar e se controlar. — Seus livros estão fora de ordem, quando tiver um tempo livre... você sabe... ugh, Direito... Sério?

— Claro, pai. — Sorri e me levantei junto com ele que me deu um abraço forte, batendo em minhas costas e saiu sem olhar para trás.

Eu suspirei e caí de costas na minha cama.

A vida era boa.

Finalmente.

**

A macarronada foi servida no chão, em frente à janela. Minha mãe comprou algumas margaridas para enfeitar o meio e Kenny e eu fomos autorizados a beber uma taça de vinho. Mas recusamos, Kenny porque ia dirigir e eu porque meus pais não iriam beber. Mamãe não arriscava e

nós também não.

Nos sentamos e conversamos sobre a faculdade. Kennedy iria estudar Literatura, embora seu padrasto quisesse que ela fizesse Direito. Ela iria para uma faculdade em outro estado e eu procurava não pensar muito sobre aquilo uma vez que não sabia para onde iria. Eu queria ficar em NY com meus pais, mas tinha que tentar em todas. Abrir caminhos para mim.

— Ele pensa que é meu pai. Tenho certeza que se meu pai estivesse morto, me fariam absorver o sobrenome dele. Basta que minha mãe o fez.

— Qual é o sobrenome que você odeia

tanto, afinal? — Era um milagre que ela estivesse falando da sua família, ela nunca falava nada. Sempre fugia desse assunto. Com o tempo, eu desisti.

— Hoffman.

O único som que eu pude ouvir foi o de nossos garfos caindo em nossos pratos.

— Hum... eu sei que ele não é um cara muito hum... legal, vocês devem ter visto alguns noticiários e...

— Qual é o nome de seu padrasto, Kennedy? — perguntei nervoso. Eu o conhecia por Rey, uma vez que o sobrenome dela era Morgan eu

apenas deduzi o óbvio sem considerar que o fato de a mãe dela ser casada com outro homem. Não pensei nos sobrenomes. Kenny não respondeu, apenas me fitou mortificada. A resposta estava lá.
— Oh, Deus!

— Kennedy... querida. — Minha mãe começou enquanto eu apenas assistia aquilo tudo em um borrão. — Diga que você não sabia...

— Sabia do quê?

— Eu não acho que ela saiba — meu pai disse em um suspiro derrotado. Eu apenas tremia.

O que foi que eu fiz?

Eu sabia o que aquilo significava.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Senhor e senhora Hartnett, eu sei que meu padrasto não é um homem bom, mas acreditem, eu não tenho nada a ver com isso. Eu nem mesmo gosto dele, estou contando os segundos para ir para a faculdade, assim as pessoas podem deixar de ser condescendentes comigo o tempo todo. Por favor, não mudem seu conceito sobre mim.

Então era por isso que todos eram legais com ela? Por pena? Por medo? Era por isso que ela evitava ele como uma doença? Que me mantinha longe de sua casa?

— Você sabia? — perguntei a ela, alterado. — Esse tempo todo?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sabia do que Simon? — Estava visivelmente nervosa. — Que ele está sendo processado? Sim.

— Kennedy, você sabe quem é a promotoria do caso? Você sabe alguma coisa sobre o caso? — meu pai perguntou com calma.

— Não, senhor... eu sempre me mantenho fora de tudo, eu ignoro qualquer coisa que venha dele... — Seus olhos se arregalaram em compreensão. — Não!

Sem esperar por qualquer outra palavra, eu me levantei e corri para fora do apartamento.

— Simon! — Pude ouvir minha mãe.

PERIGOSAS ACHERON

Bem, se ela ainda quisesse ser minha mãe.

Tudo estava arruinado novamente.

CAPÍTULO 20

SIMON

Não é uma lembrança verdadeira.

É como se eu fizesse aquelas reconstituições de crimes que fazem nos noticiários em minha mente. Onde simulam o que aconteceu com, ao que parece, personagens malfeitos do *The Sims*[9]. Mas costumava imaginar como foi quando minha mãe biológica morreu.

Me imaginava ao seu lado, chorando por horas tentando acordá-la desesperadamente.

Às vezes imaginava que peguei o telefone e

disquei 911. O socorro chegou, ela foi salva, ficou limpa e nunca precisei ir para o sistema de adoção.

Às vezes eu tentava imaginar como seria se minha mãe não fosse viciada, se meu pai fosse um corretor de seguros com os dentes excessivamente brancos, camisas bem alinhadas e um carro novo na garagem, minha mãe seria aquelas senhoras de filmes dos anos cinquenta, com vestidos e aventais me esperando na porta de casa quando eu chegasse da escola.

A minha realidade, no entanto, era ser filho adotivo de um casal de seres humanos, malucos, que transbordaram de tanto amor que queriam dividi-lo com alguém. Eu fui o sortudo. Consegui o

bilhete dourado.

Meu pai era um promotor talentoso, capaz de doar a própria vida para ver quem ele ama feliz. Minha mãe era maluquinha, no melhor sentido da palavra. Forte e delicada ao mesmo tempo e conseguia unir as pessoas ao seu redor com apenas uma toalha de mesa e uma grande janela.

A janela. Nosso símbolo de segunda chance na vida.

Finalmente tinha uma família, eu estava bem. Me encaixei.

Eu era amado e estava tão agradecido por poder perceber aquilo e me permitir amá-los tão

rapidamente também.

Mas então eu trouxe a filha do inimigo para dentro de casa.

Oh, meu Deus!

Meus olhos ardiam cada vez mais, a garganta estava fechada e meu peito doía demais.

Como pude me envolver nisso?

Eu não fiz por querer.

Eu juro.

— Eu juro! — Ouvi-me soluçar dentro da cabine telefônica. Eu não sabia por quanto tempo eu havia corrido, só parei quando estava dentro da cabine telefônica de Kennedy, sem saber por que

fui até lá, em primeiro lugar.

Acho que só queria ficar perto dela para chorar por um problema que a envolvia por completo. Era estranho. Mas era isso que eu sentia. Fazia sentido na minha cabeça, de qualquer forma. Sentei no chão apertando as minhas pernas e coloquei os fones de ouvido para ouvir as músicas.

Ela havia mudado a seleção de músicas. Colocou um CD que lembrava nós dois. Inclusive *Poison Heart* dos Ramones, minha música favorita. Olhei para o que ela havia escrito no vidro da cabine e senti o meu coração sangrar um pouco mais.

PERIGOSAS NACIONAIS

Kenny Morgan + aquele que conseguir roubar meu coração.

Só que a segunda parte estava riscada e embaixo do seu nome estava o meu. *Simon H*. Fiquei olhando para a sua letra enquanto buscava lembranças e imagens dela.

Seu cabelo brilhante, negro e cheiroso, o sorriso largo e perfeito, sempre contagiante, e seus lindos olhos cor de violeta. Sempre tão honestos, os olhos que me viram, enxergaram através de mim. Meus soluços ecoaram pela pequena cabine telefônica e minha cabeça parecia que ia explodir.

Eu não havia me aprofundado no caso

PERIGOSAS ACHERON

Hoffman, pois era um caso sigiloso, envolviam grandes nomes de Nova Iorque e desta forma não deveria ser aberto para qualquer um. Ignorava as poucas notícias que apareciam por se tratar de um homem perigoso com conexões ainda mais perigosas, logo o sigilo nos deixava um pouco às cegas, meu pai certamente não teve acesso à parte da investigação onde constava seu histórico, aquela parte certamente era de Bennett, ele deve ter percebido que a esposa e a enteada não estavam envolvidas no processo e quando passaram o caso para a Promotoria de Nova Iorque, já passaram subtraindo as informações irrelevantes.

Talvez aquele tenha sido o motivo para

Kennedy ter ido morar com o seu pai em Chicago por um tempo. Meu pai... Alexander tinha deixado isso passar?

Aparentemente todos nós ficamos cegos. A minha adoção, a escola nova, meu namoro com Kenny, a construção da nossa família... Tudo foi um turbilhão e eu simplesmente não me importei com o mundo lá fora, e agora estava pagando por isso.

Naquele momento, de alguma forma, de algum jeito, eu soube. Eu soube quando ela disse. Só havia um Reymond Hoffman em NY. Ao menos só um que poderia criar aquela reação nos meus pais e somente aquilo poderia arruinar tudo de bom

que eu havia conquistado nos últimos meses.

Então eu lembrei: a tensão de Alex quando ele me deixou no prédio de Kennedy no dia do baile, a forma como ele se sentiu quando fui visitá-la. Ele sabia que aquele era o endereço de Hoffman. Ele soube. Ele temia que algo pudesse acontecer comigo se eu circulasse naquele prédio. Por que ele não me falou? Talvez eu ligasse dois mais dois.

Eu não sabia como agir mais.

O que seria de mim?

O que seria deles?

Carter! Oh, meu Deus!

Minha mãe teria uma recaída?

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu havia estragado tudo novamente. E não tinha ideia de como consertar.

**

Passei a noite e a madrugada inteira andando por Manhattan, imagens dos Hartnett me olhando com decepção estampada em suas faces me assombravam. O medo de que eu desencadeasse uma recaída na depressão de Carter e fazer Alex me odiar fazia com que a vontade de voltar para a casa fosse nula. Então fui para o único lugar que me parecia aceitável naquele momento. Eu ainda tinha dois meses antes de ser expulso de lá também. No momento em que coloquei meus pés no Lar, Lori saltou de sua cadeira e correu em minha direção.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Simon! — exclamou me abraçando. Fechei meus olhos com força e me permiti relaxar um pouco nos braços dela. — Seus pais estão tão preocupados com você, querido. Preciso avisá-los.

— Não conte a eles que estou aqui, por favor — pedi rapidamente, me soltando do seu abraço.

— Mas eles precisam saber — tentou argumentar.

— Não agora, por favor. Me deixe apenas ficar e pensar um pouco. Deixe-me ajudar por aqui, ver os meninos.

— Simon...

PERIGOSAS ACHERON

— Eu preciso pensar no que vou fazer em seguida, Lori, por favor. — Implorei pegando suas mãos, apelando para a sua piedade.

— Não há o que pensar, Simon, você precisa voltar para casa, querido.

— Eu não posso, devo ficar aqui e em seguida...

— Você não pode ficar aqui — afirmou com convicção. — Precisa ir para casa.

— Por favor... eu não tenho para onde ir, Lori, eles não vão me querer. — As lágrimas encheram meus olhos novamente.

— Oh, você ficaria impressionado em saber

o quão errado está.

**

Lori tentou me convencer a voltar para casa. Quando não cedi, ela pediu que eu ao menos voltasse para me despedir, afinal de contas, eles mereciam ao menos isso. Os Hartnett estavam preocupados comigo e que eu não deveria piorar as coisas, além de eles merecerem uma despedida adequada. Não estava particularmente animado para vê-los me dizer adeus. Especialmente quando os amava tanto. Porém, Lori estava certa: Eles mereciam um encerramento.

Abri a porta e imediatamente Carter saltou

do sofá, pegou o telefone e discou freneticamente o teclado, depois de alguns segundos ela falou:

— Ele está em casa. Volte rápido! — Provavelmente estava falando com Alexander, já que eu não o vi.

Fechei a porta atrás de mim e passei a fitar os meus tênis tentando evitar olhar para ela.

— Desculpe ter sumido — disse ainda sem encará-la.

— Simon, temos que conversar, querido. — Sua voz passava a impressão de que ela estava completamente ferida.

Meus ossos congelaram e o ar fugiu dos

meus pulmões por um momento. Olhei para Caterine um tanto desnorteado, ela parecia perdida também, mas, principalmente, parecia com dor física. Droga! A mulher que eu havia me acostumado a chamar de mãe parecia ter envelhecido dez anos.

— Eu posso ir até o quarto primeiro? Preciso fazer algo. — Não sei se ela percebeu que não disse que o quarto era meu, mas doeu quando eu disse aquilo.

— Tudo bem, eu posso primeiro... — Sua voz era tão frágil quanto ela parecia.

Não deixei que Caterine terminasse, apenas

passei rapidamente por ela e subi as escadas em direção ao quarto que até o dia anterior foi meu.

Tranquei a porta atrás de mim e respirei fundo antes de ir até o armário e puxar a mochila velha e rasgada.

Ri da ironia.

Pensei em me livrar dela várias vezes ao longo desses meses, no começo eu apenas mudava de ideia pensando que eles ainda poderiam me devolver, depois eu simplesmente esqueci dela completamente. Dela e da minha jaqueta velha e rasgada.

Coloquei minhas coisas na mochila, apenas

as que levei comigo, e dei uma boa olhada no quarto. Peguei um porta-retratos duplo em que estava na beira da praia de Isla em Jérsei no último feriado entre Alexander e Caterine abraçados comigo e o outro era a foto tirada de Kenny e eu na entrada do nosso primeiro baile, juntos. Eu pensei em pedir permissão para levar comigo, mas, por algum motivo, resolvi que não pediria.

Pela primeira vez eu roubei algo. Enfiei o porta-retratos dentro da mochila com um aperto dolorido no estômago e olhei em volta do quarto pela última vez. Imagens de Alexander e Caterine enfiando a cabeça na porta, pedindo permissão para entrar vieram em minha mente. Eram lindas

memórias que eu carregaria comigo para sempre, junto com todos os outros belos momentos que vivi com eles.

**

Quando desci as escadas, Alexander e Carter estavam me aguardando sentados no sofá, ambos tinham tristeza em seus olhos.

Eu também estava triste.

Sentiria tanta falta deles. Mas entendia, também. Por mais que gostassem de mim eles não poderiam ficar comigo, não quando eu poderia colocar o grande caso de Alexander a perder. Doía, mas eu sabia que não poderia ficar.

Eu sentiria falta de Kenny também, meu coração sangrava só de pensar nela. Eu me despediria em algum momento, mas primeiro eu tinha que colocar a minha cabeça no lugar.

Os olhos de Carter me analisaram rapidamente e logo ela entendeu. Saltando do sofá e parecendo aflita ela se aproximou de mim.

— Simon...

— Eu entendo, é melhor assim. — Assenti, respirando fundo. Tentando ser forte. Alexander me olhava confuso.

— O que é isso, Simon?

— Já disse. É melhor assim.

— Melhor para quem, garoto? — Alex levantou e se aproximou de nós.

— É o melhor para vocês, para *você*. É o seu caso. Eu sei o quanto significa, Alexander. — No momento em que o chamei pelo seu nome, eu pude ver a dor em todo o seu corpo. Seus olhos abriram mais, seus ombros se encolheram e suas mãos se apertaram. — Sei o que é conflito de interesses, sei que você não colocaria esse cara atrás das grades se ele descobrisse que eu estava... porra! Que eu amo a enteada dele. — Minhas lágrimas caíram. — O que eu devo fazer? Eu magoo vocês, faço você perder o caso da sua carreira ou quebro o coração de Kennedy? De

qualquer forma, eu estou morrendo aqui, eu não posso salvar um sem ferir o outro. Não dá — expliquei o que era óbvio.

— E então você vai embora? — As lágrimas de Caterine desciam copiosamente. Aquilo acabava comigo. — Vai embora e ferir ambos?

— Pelo menos não vou prejudicá-los. — Dei de ombros e limpei as lágrimas com as costas das minhas mãos.

— Nós não temos escolha? — Carter perguntou.

— Escolha? Eu estou tentando consertar as

coisas — esclareci para eles. Olhei para Alexander. — Eu não entendo, você sabia, sabia há algum tempo...

— Sim, sabia — confirmou simplesmente.

— Por que não disse nada? Por que não me avisou e exigiu que eu ficasse longe dela?

— Porque você é apaixonado pela garota — sua resposta parecia muito óbvia e plausível para ele. — Eu estava tentando encontrar uma forma de agir sem magoar a todos, garoto.

— Mas e a sua carreira?

— O que tem a minha carreira, filho?

— Eu... — Nunca me perdoaria se ficasse e

prejudicasse eles. — Eu só quero... quero agradecer vocês por tudo. Por cuidarem de mim, me dar alguma perspectiva e, vocês me ajudaram muito. Obrigado pela ajuda, então — terminei.

— E por amar você? Não vai nos agradecer? Por que nós amamos, Simon. Demais.

Fiquei em silêncio sem saber o que dizer a eles. Carter e Alex se abraçaram na minha frente, como se estivessem buscando dar força um ao outro, porém, Caterine se soltou dos braços de Alexander e se virou para mim.

— Quer saber a última parte da nossa história, Simon?

Olhei para ela confuso. Se aproximando, ela limpou suas lágrimas olhando em meus olhos.

— O nome de nosso filho, o que perdemos? O nome que tínhamos escolhido para ele seria Simon também.

Não sabia o que sentir com aquela declaração. Fiquei observando ela enquanto continuava a falar.

— Você não foi escolhido como uma caridade. Pensei que já tivesse entendido isso. Você não foi escolhido para ser nosso bichinho de estimação, Simon, ou tapar um vazio em nossa relação. Você foi enviado pelo destino, pela vida,

para que meu coração se acalmasse e eu realmente entendesse que merecia um filho, não importava como. Seu nome foi apenas o sinal que eu precisava para tomar a decisão. Para conseguir enxergar o que esperava por mim. — Suas mãos pegaram as minhas e apertaram com força. — Você estava perdido e eu também, e nós te amamos, garoto. Naquele momento, nós te amamos.

Ela soluçou e soltou uma mão minha pegando a de Alexander.

— Este homem, ele deixa você entrar em seu escritório, deixa você fazer bagunça, bem, não muita, ele é relaxado e amigável com você, ele o ensinou a dirigir mesmo odiando o trânsito de NY,

levou você para o escritório mesmo que ele odeie que entrem em seu espaço pessoal. Este homem não questionou quando eu me apaixonei por você naquele orfanato, pois sabia tanto quanto eu que você era nosso. E você pensa que é por que você precisa de caridade? Porra, Simon! Você é mais inteligente do que isso.

— Mas... mas... o caso. — Procurei argumentar.

— Eu vou deixá-lo nas mãos de Melissa e Bennett novamente. Eles cuidarão de tudo, já cuidavam antes de qualquer forma. — Alex sorriu tranquilamente.

— Mas é importante para você...

— *Você* é importante para mim, filho. Nós te amamos, garoto! Você é nosso. Um Hartnett.

Nós três nos abraçamos e choramos. Lavamos nossas dores e colamos os cacos de nossos corações.

— Agora, se eu posso usar a minha autoridade como mãe... — Carter secou as lágrimas mais uma vez, fungou e apontou seu dedo para o corredor. — Volte para o seu quarto e largue essa mochila.

— Queime! — Alex completou. — Me prometa que nunca mais vais nos dizer adeus.

— Eu prometo, pai. — Sorri.

Casa.

Eu estava em casa.

— Você sempre foi nosso, Simon. Só demorou um pouco para fazer o caminho para casa. — Mamãe beijou meu rosto e me abraçou mais uma vez.

— E se me chamar de Alexander novamente, ficará de castigo. Não importa quantas camisinhas você tenha na gaveta.

Faltava apenas uma coisa para ficar perfeito, aliás, uma pessoa. E no timing perfeito, uma batida soou na porta. Mamãe abriu revelando

uma Kennedy ansiosa.

— Obrigada por aguardar enquanto falávamos com ele, querida. — Carter agradeceu à minha namorada, mas Kenny parecia só ter olhos para mim.

Caminhei até minha garota e a peguei em meus braços, abraçando-a com força.

— Desculpe, eu não sabia — sussurrou para mim.

— Eu sei, desculpe ter fugido...

— Eu te amo, Simon! Eu amo.

— Eu também, baby.

**

PERIGOSAS NACIONAIS

Não havia lugar melhor para comemorarmos a nossa família do que na janela. Nós pedimos yakissoba porque era o prato favorito dos meus pais. Alguma coisa a ver com a semana que eles foram obrigados a ficar juntos por causa de uma nevasca.

Bem, olhando para onde eu estava, com minha mãe, pai e namorada. Sabendo que teria um futuro cheio de carinho, afeto, amor e cuidado eu só poderia agradecer a tal tempestade de neve. Se não fosse ela, eu não teria existido.

Bem, talvez andasse por aí, mas sem eles?

Sem as minhas janelas?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu seria ninguém.

PERIGOSAS ACHERON

EPÍLOGO

ALEXANDER

Dois anos depois...

Nem tudo dura para sempre.

A vida constantemente nos ensina isso.

E aquele era um dia triste para nós, ainda que forçássemos nossos sorrisos para que nosso filho não percebesse a falta que ele faria. Mas Simon era inteligente.

Simon estava indo para a faculdade.

Mississipi.

A porra do Mississipi.

PERIGOSAS NACIONAIS

Simon fora aceito em duas faculdades e Mississipi era o mais próximo. Ele tentaria transferência no próximo ano de volta para Nova Iorque. Enquanto colocava suas malas no carro, Caterine chorava sem parar. Ela aguentou o quanto pôde, mas naquele dia, vendo o nosso menino se preparando para partir, ela quebrou.

— Já disse que posso ficar, mãe — Simon disse solícito, como sempre, quando fechou o porta-malas. — Posso ficar mais alguns meses.

Ele estava tão mudado, seu porte era cada vez mais imponente, a barba cerrada, o queixo quadrado e o olhar sério o deixavam muito mais velho do que seus vinte anos.

— E eu seria a pior mãe do mundo — Carter afirmou. — Não. Eu vou ficar bem.

Simon a puxou para um abraço e beijou a sua testa. Olhando para mim, por cima da cabeça de sua mãe, ele piscou e sorriu.

Eu estava tentando não me emocionar. Alguém tinha que aguentar a pressão, afinal de contas. Sabia que teria segurar Caterine em meus braços quando ela não aguentasse a despedida.

— Eu te amo, mãe. Obrigado, pai! — Ele chamou esticando o braço para mim, me aproximei e cobri minha esposa e meu filho com os meus braços. — Eu quero agradecer-lhes, por tudo.

Principalmente por terem me salvado. — Pude ouvir o tom embargado em sua voz.

— Aí é que está, filho — disse apertando seus ombros e olhando em seus olhos. — Foi você quem nos salvou. — Nos apertamos um contra o outro novamente, em um abraço de família fazendo Caterine soluçar ainda mais. Quando o soltamos, ele andou de costas até seu carro, mas então parou.

— Mãe? — Chamou. — Eu vou morrer de saudade, e eu vou ligar todos os dias. Prometo.

Ele se virou para abrir a porta e entrar no carro, mas parou. Virou-se novamente e me olhou.

— Pai — Chamou e me aproximei. —, eu

sei que não preciso pedir para você cuidar dela, pois foi o que você sempre fez. — Iniciou. — Mas acho que é meu dever como filho pedir.

— Claro, filho. — Sorri emocionado para aquele jovem rapaz. — Estou orgulhoso de você, Simon.

— Deixe para se orgulhar quando eu finalmente conseguir chegar ao meu objetivo.

— Ser um advogado? Não precisa, filho, já tenho orgulho de você.

— Não, não ser um advogado, ser um homem como você, pai. Esse é o meu objetivo.

Então ele entrou no carro e foi.

No caminho ele ainda passaria pelo apartamento de Kennedy, ela estudava na Universidade de Columbia e morava em seu próprio apartamento, longe de sua mãe e definitivamente longe de Reymond Hoffman. Melissa Dill e Bennett Stanford fizeram um excelente trabalho, não demorou muito tempo depois que me retirei do caso para Reymond ser preso.

Eu tinha certeza que Josh, Mary Anne e Joselie apareceriam para jantar naquela noite, no final de semana tivemos a festa de despedida de Simon, na casa dos meus pais em Jérsei com todos os nossos familiares, inclusive Jack Flynn, ele

estava tentando se reaproximar de nossa família depois de ter se separado de Milly, aparentemente nem ele aguentou Amanda que continuava solteira, amarga e sozinha. Jeremy tinha ido para a faculdade, então estava bem e livre.

A festa de despedida foi cheia de tristeza. Mas também cheia de orgulho. Meus pais, assim como Jack, deram um cheque gordo para Simon poder juntar e comprar seu próprio apartamento quando finalmente conseguisse transferência de volta para Nova Iorque. Caterine e eu demos o Jeep para ele, Josh e Mary deram uma mochila nova, de couro para os estudos, e Jojo, que já havia superado a sua paixão pelo primo, lhe deu um cartão

personalizado cheio de purpurina desejando felicidades na nova vida.

Kennedy deu a ele uma corrente, estilo relicário, mas realmente muito discreta, de um lado era uma foto de Simon e ela e do outro uma foto minha e de Caterine. Foi realmente um belo presente. Kenny foi o primeiro amor de Simon, e realmente eu não sabia se seu relacionamento duraria, mas esperava que sim. E pelo esforço dos dois, acho que as chances eram realmente muito grandes. Ali havia amor, e não amor adolescente. Amor maduro mesmo. Almas que se encontraram. Quaisquer outros pais gostariam que o filho vivesse mais a sua vida antes de se amarrar a alguém,

Caterine e eu, no entanto, só queríamos que Simon fosse feliz e tivesse escolha.

E nosso filho estava feliz. Era nítido.

Enquanto seu carro se distanciava de nós eu sentia Carter se apertar contra o meu corpo, pedindo por um abraço mais forte. Não tivemos tempo suficiente com o nosso filho e ao mesmo tempo tínhamos vivido plenamente e completamente felizes com a sua presença.

**

Descendo as escadas, encontrei Caterine sentada em frente à janela olhando para o movimento na rua. Eu ouvia seus soluços de onde

eu estava, então me aproximei sentando-me atrás dela, deixando-a no meio de minhas pernas, e a puxei para descansar em meu peito.

— Eu tive tão pouco tempo com ele. — Soltou magoada.

— Você terá mais ainda. Não chore, baby. Nós tínhamos que deixá-lo ir, ele precisa crescer, e olhe para mim. — Ela virou o rosto olhando em meus olhos e eu continuei. — Ele sempre voltará para casa. Sempre.

Carter assentiu e se aconchegou em mim, voltando a olhar pela janela.

— E eu preciso falar com você. — Voltei a

falar depois de um tempo. — Tenho uma resposta.

Seus olhos vermelhos e inchados me olharam novamente com expectativa. Ela estava esperando a minha resposta sobre algo que vínhamos conversando há alguns meses, desde que estávamos certos de que Simon se mudaria para o Mississipi.

— Então...? — Instigou para que eu continuasse.

— Então... vamos falar com Lori — finalmente anunciei.

Carter se distanciou e virou de frente para mim e me fitou em expectativa.

— Sim? — indagou tentando ter certeza do que eu dizia.

— Vamos adotar, baby — afirmei com convicção.

Ela gritou e pulou em meus braços.

— Um novo bebê!

— Ou um novo adolescente... — Sorri para ela.

— Não importa — disse levando suas mãos em meu rosto e me olhando apaixonadamente.

— Não importa. — Repeti. — Tem muito amor nessa família. Precisamos dividir.

— Definitivamente — concordou e me

beijou.

Vivo. Sentia a vida em tudo à minha volta quando aquela mulher me tocava.

Há alguns anos eu encontrei uma mulher maluca em um clube noturno. Se não fosse sua dança esquisita, eu nunca teria descoberto o que era viver. Eu a fiz minha, não desisti quando ela queria. A deixei quando precisou. Recebi de volta quando estava pronta e embarquei naquele projeto para expandir o amor que nos cercava. Caterine mudou a minha vida, e eu faria tudo de novo apenas para ter o seu sorriso, suas danças malucas, camisas largas e sentar com ela em frente a uma grande janela.

— Querido?

— Hum?

— Acabei de ouvir o que disse. Obrigada. Principalmente por ser você.

— Amo você, Carter.

— Amo você, Alex.

E a nossa janela continuaria aberta. E se precisássemos, pularíamos ela.

Juntos.

FIM

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

AGRADECIMENTOS

Quando resolvi transformar a fanfic Never Say Goodbye em um original, hoje chamado Sem Dizer Adeus, nunca imaginei que isso me levaria para um mundo totalmente novo.

Meu carinho por Alexander é imenso. Amo ele, apesar deste personagem ser bem utópico, mas não imaginava que os leitores o amariam da mesma forma e pediriam por mais. Uma continuação. Foi quando resolvi fazer uma trilogia desta história.

A trilogia Adeus.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Com a trilogia, mais dois personagens entraram em meu coração. Caterine e Simon. Todos esses personagens, embora tenham saído de mim, me ensinaram muito.

Nesta empreitada eu nunca estive sozinha. Seja da primeira vez que postei esta história, seja agora, reescrevendo cada um dos livros da história de Alex e Carter, transformando em algo mais polido e profissional.

Então, agradeço à minha família, que sempre me apoiou e nunca duvidaram que eu teria êxito nesta caminha. E que sempre dividem comigo os cuidados para com JP, meu filho. Ninguém fugiu de cuidar do nosso pestinha. Seja um banho, um

carinho ou um “passei para deixar a mamãe escrever em paz”. Obrigada mãe, marido e compadre.

Agradeço à Aline Ferreira, minha irmã, que emprestou (roubei, na verdade) a parte obsessiva por organização para construir o Alex.

À querida Lucy Santos que revisou a minha obra com carinho e principalmente respeito.

Um superagradecimento à Lene Gracce e Dani Moreno, minhas editoras queridas que me tratam com carinho, respeito e zelo. Me sinto muito valorizada quanto autora e principalmente como amiga.

PERIGOSAS NACIONAIS

À Julli Wayne, por sempre me ajudar quando peço, por dar seu apoio incondicional e me fazer rir.

Will Nascimento, obrigada pela dedicação e paciência na hora de fazer as capas da trilogia.

À minha amiga do coração Aretha V. Guedes, que correu junto comigo para que eu vencesse o prazo e pudesse lançar essa obra no tempo certo. Obrigada por seu apoio e conselhos, eles foram providenciais para que a história ficasse perfeita. Aproveito para agradecer à Bienal de 2018, que serviu para nos unir e não separar.

E aos meus leitores. Obrigada demais por

PERIGOSAS ACHERON

me acompanharem, seja na época do Orkut, seja no Wattpad ou na Amazon.

Muito obrigada!

Com amor, Carol Moura